

DICCIONARIO

DE

MEDICINA POPULAR

M

MAÇÃA. Fructo do *Pyrus malus*, Linneo, arvore originaria da Europa, cultivada por todo o globo, e de que existem mais de duzentas variedades. Esta arvore dá nos jardins do Rio de Janeiro, mas seus fructos não são tão saberosos como nos paizes frios. A maçã é um fructo mui sadio. Cozida ou assada e misturada com assucar, é um alimento de predilecção e mui proveitosa dos doentes e convalescentes. Nos paizes onde a maçã dá com abundancia, como, por exemplo, na Normandia em França, extrahese deste fructo um succo de que se prepara pela fermentação uma bebida chamada *cidra*.

MACELLA GALLEGA, vulgarmente **MARCELLA.** (*Matricaria chamomilla*, Linneo.) Planta commum na Europa, cultivada no Brasil. Caules muitos de uma só raiz, e um pé d'altura; folhas tripinnadas, flôres brancas com disco amarello, cheiro aromatico, sabor amargo. As flôres de macella são tonicas e estimulantes; empregão-se nas colicas, indigestões, fastio, etc. É um remedio vulgar que se administra em infusão quente. Esta infusão chá prepara-se com quatro a seis flôres de macella e uma chicara d'agua fervendo.

MACHUCADURA. Veja *Concussão*, Vol. I, p. 425.

MACULO. Chama-se *maculo* uma dilatação consideravel do anus, precedida e acompanhada de diarrhéa, mais ou menos abundante. Esta molestia ataca principalmente os negros novos e quando ha falta de asseio; neste caso, desenvolve-se frequentemente no anus uma porção consideravel de bichos, de oito a dez linhas de comprimento, chamados vulgarmente *varejas*. As vezes o anus é dilatado de tal maneira, que se poderia introduzir nelle uma garrafa pequena. As evacuações alvinas são liquidas e mui frequentes: nos casos mais graves, o escorvimento tem lugar quasi de uma maneira continua. A pelle é fria e pallida, o emmagrecimento grande.

As *causas* do maculo são as mesmas que as que produzem a diarrhéa e a dysenteria. A agglomeração de um grande numero de pessoas, e principalmente dos doentes da diarrhéa, n'um espaço mui circumscripto, o uso de aguas de má natureza, as affecções moraes tristes, o escorbuto, favorecem o desenvolvimento do maculo.

Tratamento. O tratamento do maculo é local e geral. O tratamento local tem por fim destruir os bichos que se tem desenvolvido no anus. Os meios mais racionaes são: lavatorios com agua morna misturada com agua de Labarraque na proporção de uma chicara d'agua morna para meia chicara d'agua de Labarraque. Depois destes lavatorios, é preciso polvilhar o intestino recto com pó de calomelanos ou com rapé. Um meio vulgar e empregado com vantagem consiste em introduzir no anus um limão azedo descascado e polvilhado com polvora e com pimenta. É indispensavel que o doente tome cada dia um ou dous banhos de assento d'agua morna.

Depois de destruir os bichos, é preciso dar dous clysteres por dia preparados com infusão de poaya. Meia onça de poaya, que se deixa de infusão por uma hora, em duas chicaras d'agua quente, é a dose que serve para estes dous clysteres. Dá-se tambem pela bocca um vomitorio de 24 grãos de poaya em pó n'uma chicara d'agua morna. Os outros meios

são os mesmos que servem para combater a diarrhéa e a dysenteria. *Veja-se* Vol. II, p. 70.

MADRE DE FORA. *Veja-se* UTERO.

MAGNESIA CALCINADA. É uma substancia branca, pulverulenta, sem sabor nem cheiro. É um purgante brando, na dóse de 2 a 4 citavas desfeitas em meio copo d'agua fria com assucar. Na dóse pequena de 15 a 30 grãos emprega-se para combater as azias do estomago. A magnesia emprega-se tambem nos envenenamentos pelos acidos mine-raes, porque os neutralisa.

MAGNETISMO ANIMAL. Entende-se por magnetismo animal uma reunião de phenomenos nervosos particulares, produzidos pela influencia de um individuo sobre outro. Os principaes destes phenomenos são: a modorra, o somno, a suspensão completa do exercicio dos sentidos, a faculdade de fallar durante este estado, o que na expressão da arte chama-se *somnambulismo artificial*. Contestado por grande numero de sabios como uma miseravel charlataneria, sustentado por outros com uma firme convicção, o magnetismo animal deve ser estudado, pois que no meio dos abusos que o acompanhão, e independentemente do charlatanismo que o explora, existem factos reaes, mui curiosos e mui importantes. Nós proprios temos confirmado por nós alguns destes factos, temo-los visto repetidos por muitos de nossos dignos-collegas; temos examinado muitas obras sobre o magnetismo, cujos autores merecem toda a fé, e pensamos que o que vamos dizer é uma pura verdade. Referimo-nos, além disto, á autoridade do Dr. Rostan de Paris, um dos autores mais esclarecidos e mais veridicos sobre a materia, de cujos escriptos extrahimos o que nos pareceu ser o resultado de uma estricta observação.

Quando se magnetisa alguma pessoa, logo se reconhece que ella experimenta um peso na cabeça e nas palpebras, arripios nos membros, hocojos, ás vezes nauseas; dahi a pouco esta pessoa fecha os olhos e pega no somno. Erro que fique somnam-

bula da primeira vez; mas depois de algumas sessões é de esperar que o somnambulismo se declare, ainda que nem todos os individuos sejam susceptíveis d'elle. De todos os phenomenos magneticos, o que mais facilmente se pôde obter é o seguinte: Se se quer tolher o movimento a um membro, dous ou tres gestos o poem na immobildade mais perfeita; é absolutamente impossivel á pessoa magnetisada mechê-lo de maneira alguma, e é preciso tirar-lhe a paralyisia para que possa servir-se d'elle. Para isto é mister fazer outros gestos. Não se julgue, entretanto que esta immobildade seja resultado dos gestos magneticos, e que o somnambulo, vendo estes gestos, entenda o que se deseja obter d'elle: a vontade unica do magnetisador, a intenção de paralyisar um membro, a lingua ou um sentido, basta para produzi este effeito. A lingua se paralyisa com maior facilidade, e se se faz alguma pergunta, o somnambulo faz esforços extraordinarios para responder, o rosto cora, incha, a dôr se mostra na face; mas nenhuma palavra pôde ser proferida.

Alguns somnambulos assegurão que vêm no interior do seu corpo; mas suas descripções são ou falsas, ou pelo menos erroneas. Quanto ás molestias de que se dizem affectados, não tem senão opiniões chimericas; estas opiniões consistem sempre na exposição fiel de seus preconceitos, das idéas que lhes forão communicadas.

A sua vontade é quasi nenhuma, e é de tal modo submittida á do magnetisador, que não parece ser outra cousa senão seu instrumento; obrão só por elle, e este pôde influir em seus desejos e até em seus pensamentos. Temos visto a prova disto nas paralyisias dos sentidos e dos movimentos, que se produz sempre que se quer. Alguns magnetisadores assegurão até que podião mudar para os seus somnambulos a agua em vinho, leite ou qualquer outro liquido, e que lhes bastava para isto magnetisar, sem dizer palavra, a agua com uma intenção dada: os somnambulos julgavão beber leite, vinho, etc.,

e não bebião outra coisa senão agua. Os somnambulos são affectuosos, reconhecidos; afeição-se a seu magnetizador de uma maneira extraordinaria, não o querem nunca deixar; obedecem-lhe de uma maneira passiva, e até no estado de vigilia.

Um grande numero de somnambulos são completamente insensíveis; pôde-se-lhes beliscar a pelle, introduzir mui profundamente no corpo alfinetes, sem que sintão dôr alguma. Uma das doentes, segundo o relator da commissão designada pela Academia de Medicina de Paris, em 1831, para observar os effeitos magneticos, depois de ter sido magnetizada, foi insensivel a uma das operações mais dolorosas da cirurgia, a extirpação de um seio canceroso.

Tudo o que temos referido até agora pôde ser testemunhado a cada momento por qualquer pessoa; mas existe uma segunda ordem de factos que não tem a mesma certeza. Estes factos são a vista sem o soccorro dos olhos, a vista pelo ventre, ponta dos dedos, testa, nuca, a prophetisação, a adivinhação, determinação da séde, da natureza e do tratamento das molestias por individuos que não estudarão medicina. Estes milagres magneticos foram mal observados e faltão-lhes as provas que ha direito de exigir-se em semelhante materia. Por outra parte, o maior numero de observadores que tem assistido ás experiencias magneticas declarão que tem tido frequentes occasiões de convencer-se dos erros e das fraudes dos magnetizados.

Maneira de produzir os phenomenos magneticos. Para se obterem effeitos magneticos, são indispensaveis certas condições da parte da pessoa activa e da pessoa passiva. O magnetismo é produzido pela força da vontade: é necessario, por conseguinte, que o magnetizador tenha uma vontade firme, um desejo vivo de produzir effeitos, e a convicção intima que produzirá estes effeitos. É preciso que não tenha nada de repugnante, que goze de boa saúde, que esteja no vigor da idade, que seja grave e ao mesmo tempo

affectuoso, que seja superior quanto fôr possível a pessoa magnetisada, ou por sua dignidade, sua idade, suas qualidades intellectuaes, ou por qualquer outra maneira. Da parte do magnetisado, é preciso que se queira submeter, que deseje e que creia. Se é doente, enfraquecido, de uma constituição sensível, affectado de alguma molestia do systema nervoso, achar-se-ha com as condições favoraveis. É claro que é preciso que se queira submeter, pois que, sem esta vontade a superficie do seu corpo fica, por assim dizer, fechada para o agente que se lhe envia. É mister, entretanto, observar-se que, depois de algumas sessões, já não é necessario que o magnetisado *queira* estar adormecido, pega no somno a seu pezar: ha tambem pessoas que adormecem, bem que no momento de se submeterem á experientia não soubessem o que se ia fazer dellas; ha enfim outras nas quaes se produz o mesmo phenomeno, bem que tenham querido resistir aos effeitos magneticos.

Forão descriptos de muitas maneiras os processos de magnetisação. Cada magnetisador tem seu methodo proprio. A uns basta pôr a mão sobre a testa da pessoa que se magnetisa, immediatamente ou em pequena distancia. Outros contentão-se com dizer á pessoa magnetisada: *adormeça, quero que adormeça*, e logo ella pega no somno, sem se poder subtrahir a esta ordem. As vezes basta ter esta vontade sem manifesta-la; mas só gradualmente chega-se a uma influencia tão grande. Nas primeiras sessões, eis-aqui como se deve proceder:

Faz-se sentar a pessoa que se quer magnetisar; o magnetisador senta-se em frente deHa, de maneira que lhe toque com os joelhos e com as pontas dos pés; toma-lhe, com as mãos, o dedo pollegar, que conserva até que se tenha posto em equilibrio com sua temperatura. Põe depois as mãos sobre os hombros, e assim fica por espaço de um minuto; corre-as lentamente, por uma sorte de leve fricção, ao longo dos braços até á extremidade dos dedos. Estes movi-

mentos devem ser repetidos muitas vezes; depois disto applica as mãos por alguns instantes na bocca do estomago e as faz descer aos joelhos e até aos pés; leva depois as mãos á cabeça do individuo que magnetisa, tendo o cuidado de afasta-las quando sobem, e as faz descer ainda ao longo dos braços e mesmo até aos pés. Depois de se ter praticado por muitas vezes estas fricções percebem-se alguns movimentos magneticos. A pessoa magnetisada experimenta arripios nos membros, embaraço na cabeça, peso nas palpebras. No fim de algumas sessões, pega completamente no sono.

O magnetizador, enquanto opera, não deve pensar em outra cousa; sua attenção deve estar concentrada toda inteira no magnetismo; qualquer distracção é contraria ao bom exito da operação. A expressão do rosto ajuda poderosamente a acção magnetica. O olhar, a physionomia grave do magnetizador, concorrem para o mesmo fim.

Explicação do magnetismo. Não ha nada de maravilhoso no magnetismo, diz o Dr. Rostan. É um phenomeno natural, ainda não percebido, ignorado de muitos, e eis tudo. Este medico pensa que todos estes phenomenos pertencem ao systema nervoso e que devem ser attribuidos a uma modificação, a uma extensão deste systema e de suas propriedades. No estado actual da sciencia, tudo faz considerar o cerebro como o órgão que segrega um agente particular que tem a propriedade particular de transmittir o sentimento e a vontade. Mas este agente, chamado fluido nervoso, não pára na pelle; arremessa-se ainda para fóra, com uma certa energia, e fórma assim uma verdadeira atmospherá nervosa. Então tudo parece susceptivel de uma explicação. A atmospherá nervosa activa do magnetizador se mistura com a atmospherá nervosa passiva da pessoa magnetisada, e desta communicação resultão os effeitos magneticos que temos exposto.

Effeitos do magnetismo no tratamento das molestias:
A influencia do cerebro sobre todo o organismo é

inquestionavel; não existe uma molecula do nosso corpo que não seja penetrada por algumas das suas ramificações; não se pôde, por consequente, negar que, modificando-se este órgão como se faz pelo magnetismo, possam sobrevir mudanças notaveis em nossos órgãos. A philanthropia, o desejo de ser util a seus semelhantes, foi causa sem duvida de ser exagerada a potencia do magnetismo. O charlatanismo, paixão tão vil como a outra é louvavel, tem tambem, com outro fim, exagerado esta potencia; mas ella existe, ella é indubitavel. A influencia directa deste novo agente sobre o systema nervoso faz crer que sua acção deve exercer-se efficaçmente nas molestias nervosas. O hysticismo, a hypochondria, podem receber e tem com effeito recebido as influencias mais salutaes do magnetismo. Os espasmos de todas as especies, as convulsões, um grande numero de dôres, os rheumatismos, as gotas serenas, certas paralsias devem experimentar da parte do magnetismo uma modificação qualquer. Tal é a opinião do Dr. Rostan: não duvidamos que as esperanças que este sabio expõe se possam em alguns casos realisar; diremos sómente que as tentativas que fizemos sobre um epileptico, bem que tivessem por resultado os symptomas magneticos, não produzirão vantagem alguma. Novas e multiplicadas experiencias deverião ser feitas com prudencia e discernimento por medicos instruidos, além de se determinar o grão de utilidade a que o magnetismo pôde chegar.

Vista d'olhos sobre a historia do magnetismo. É difficil dizer-se em que época teve o magnetismo seu nascimento. Parece que suas funcões forão conhecidas e exercidas na mais remota antiguidade. O que se conta dos mysterios, das sibyllas, dos milagres, da magia, deve ser attribuido ao magnetismo animal. Pelo menos, os effeitos do magnetismo tem muita analogia com a maior parte dos phenomenos de que fallamos. Mas estes factos forão considerados como fabulas, e pouco a pouco cahirão em esquecimento.

No meio do decimo oitavo seculo, os sabios occupão-se muito das virtudes do iman (*magnes* em latim), e alguns d'elles attribuião-lhe grandes virtudes no tratamento das diversas molestias. Um jesuita, chamado Hell, contando a Antonio Mesmer que se havia curado de um rheumatismo por este meio, e que o tinha empregado tambem com bom exito em outros doentes, inflammou a imaginação deste ultimo. Mesmer resolveu experimentar, e estabeleceu uma casa de saúde; tratou os doentes gratuitamente, enviou por toda a Allemanha anneis e laminas tocadas com iman, e obteve ou julgou obter curas que fez propagar pelos jornaes do seu paiz. No curso de suas experiencias, observou que o iman não era necessario para produzir os effeitos que obtinha; attribuiu-os a um agente distincto do iman, que rege, por assim dizer o universo. A descoberta do magnetismo animal deve datar desta época. Eis-aqui como Mesmer expôz o seu systema em uma Memoria que publicou: « O magnetismo animal é um fluido universalmente derramado, constitue o meio de uma influencia mutua entre os corpos celestes, a terra e os corpos animados. A acção e a virtude do magnetismo animal podem ser communicadas de um a outros corpos animados ou inanimados. O magnetismo animal pôde curar immediatamente as affecções dos nervos e mediatamente as outras molestias; por meio d'elle, o medico conhece o estado de saúde de cada individuo, e julga com certeza da origem, natureza e progressos das molestias mais complicadas, impede o seu augmento e obtém a sua cura, sem nunca expôr o doente a effeitos perigosos, qualquer que seja a sua idade, temperamento e sexo. » Todos os sabios tacharão de charlatanerias as asserções de Mesmer. A Academia de Berlim o declarou illudido. Mesmer não se deu por vencido, respondeu a todas as criticas, fez novas experiencias; deixou depois Vienna e foi para Paris em 1778.

Eis-aqui como Mesmer e seus discipulos operavão o magnetismo. Punhão no meio de uma vasta sala

uma pequena tina tapada. Na tampa havia um certo numero de buracos, donde sabião braços de ferro moveis. Os doentes são collocados em roda desta tina, e cada um pegava n'um destes braços de ferro; uma corda posta em redor do corpo ligava-os uns aos outros; ás vezes formava-se outra cadêa que se communicava á primeira pelas mãos. Um piano era collocado em um canto da sala, e tocavão-se nelle diferentes ARIAS; cantavão-se tambem varias melodias. Todos os que magnetisavão tinhão na mão uma varinha de ferro de dez a doze pollegadas de comprimento, que foi considerada como conductor do magnetismo. O som, segundo o principio de Mesmer, era tambem conductor do magnetismo, e para comunicar o fluido ao piano bastava approximar-lhe a varinha. Os doentes recebem o magnetismo por todos estes meios, pelos braços de ferro que sahião da tina, pela corda que lhes cingia o corpo, pela união das mãos, pelo som do piano e pelas vozes agradaveis do canto. Erão igualmente magnetisados directamente por meio do dedo e da varinha de ferro dirigida ao rosto, acima ou atrás da cabeça e ás partes doentes; obrava-se tambem fixando nelles os olhos; mas erão sobretudo magnetisados pela applicação das mãos e pela pressão dos dedos sobre o ventre.

Eis-aqui o que experimentavão os doentes submettidos á acção deste aparelho. Alguns ficavão tranquilllos, outros tossião, escarravão, sentião um calor local ou universal e tinhão suores frios; outros erão agitados de convulsões. Vião-se doentes buscarem-se exclusivamente, precipitem-se uns sobre os outros, riem-se e fallarem-se com affeição. Nada era mais pasmoso do que este espectáculo: estas agitações, estes accidentes variados, as sympathias que se estabelecião entre todos estes individuos, maravilhavão de uma maneira extraordinaria. « Não é possivel, dizião os commissarios encarregados pelo rei de examinar o magnetismo, deixar de reconhecer nestes effeitos constantes um grande poder que agita os doentes, e cujo deposito parece

ser o magnetizador. » Os mesmos commissarios, que são membros da Academia das Sciencias e da Sociedade Real de Medicina, concluirão todavia que não existe fluido algum particular que mereça o nome de *fluido magnetico*; que todos os effeitos obtidos não são mais que o resultado da imaginação, pois que, segundo as suas experiencias, são obtidos os effeitos magneticos sem magnetismo quando os doentes sabem que são magnetizados, ao passo que não havia estes effeitos quando os doentes são magnetizados sem o saberem; accrescentarão que as crises produzidas nos tratamentos magneticos podião ser perigosas e nunca uteis. Entretanto, o grande botânico Jussieu, tão fino observador, recusou assignar o relatorio de seus collegas; foi mais assiduo do que os outros nas experiencias, e fez um relatorio particular no qual admittia effluvios que sahião do corpo humano e que obravam sobre os outros individuos.

O relatorio dos commissarios foi debatido e sustentado com muito calor de parte a parte, e os magnetizadores continuarão seus trabalhos. No meio destas pesquisas, o marquez de Puységur descobriu o somnambulismo magnetico, phenomeno dos mais curiosos e que já tinha sido observado nas curas de Mesmer. Os processos foram simplificados; a tina e todos os outros apparatus foram desprezados, e o magnetismo foi praticado tal qual o havemos descrito nos paragraphos precedentes.

Em 1831, o Dr. Husson, em nome da Commissão encarregada pela Academia de Medicina de Paris de assistir ás experiencias magneticas do Sr. Foissac, leu o seu relatorio, do qual vamos transcrever algumas conclusões.

1.º Os meios exteriores e visiveis nem sempre são necessarios para operarem os effeitos magneticos, pois que em muitas occasiões a vontade, afixidade dos olhos, foram bastantes para produzirem estes phenomenos, até sem que os magnetizados o soubessem.

2.º O tempo necessario para se transmittir e fazer experimentar a acção magnetica varia desde um minuto até meia hora.

3.º Os efeitos produzidos pelo magnetismo são mui variados : agita a uns, acalma a outros ; as mais das vezes occasiona a acceleração momentanea da circulação, movimentos convulsivos, êntorpecimento mais ou menos profundo, somnolencia, e em um pequeno numero de casos o somnambulismo.

4.º Como entre os efeitos attribuidos ao somnambulismo ha alguns que podem ser simulados, o mesmo somnambulismo póde ás vezes ser simulado e favorecer o dolo do charlatanismo.

5.º Alguns dos doentes magnetizados não experimentarão vantagem alguma, outros sentirão um allivio mais ou menos sensivel, isto é, uma suspensão de dôres habituaes, outro a volta das forças, outro uma demora de muitos mezes no reaparecimento dos accessos de gota coral, outro emfim a cura completa de uma paralyisia grave e antiga.

Pela exposição das precedentes conclusões, vê-se quanto differe a fé magnetica dos commissarios nomeados em 1784 da dos que o forão em 1831. Desde esta ultima época, muitas obras novas se tem publicado acerca deste objecto. Infelizmente muitos destes escriptos são desfigurados por um enthusiasmo ou uma credulidade illimitada. Talvez não esteja mui longe o momento de ser este estado particular do systema nervoso menos regeitado com desdem por uns, e menos inconsideradamente admirado por outros, e de vir emfim, apreciado com rigor, a tomar seu lugares entre os phenomenos naturaes.

MAGREZA. *Veja-se* EMMAGRECIMENTO, Vol. II, pag. 93.

MAL CADUCO. *Veja-se* EPILEPSIA, Vol. II, p. 137.

MAL FEIO. *Veja-se* MORPHÉA.

MAL DE GOTA. *Veja-se* EPILEPSIA, Vol. II, p. 137.

MAL DE LOANDA. *Veja-se* ESCORBUTO.

MAL DE SÃO LAZARÓ. *Veja-se* MORPHÉA.

MAL DE SETE DIAS. Assim se chama uma molestia

que produz sempre a morte nas crianças seis ou sete dias depois do nascimento : é uma quebradura congenial do embigo: Quando a criança nasce com este defeito, o intestino acha-se descoberto depois da queda do cordão umbilical, o que acontece seis ou sete dias depois da nascença: desenvolve-se então uma inflammação nos intestinos, que acaba sempre pela morte. Este termo fatal é precedido ordinariamente por vomitos, febre e convulsões. Esta molestia é extremamente rara, mas o vulgo chama *mal de sete dias* qualquer outra affecção que occasiona a morte neste tempo da vida, e que de nenhum modo procede da quebradura do embigo. *Veja-se* EMBIGO, Vol. II, pag. 86.

MALDITA. Varias molestias são designadas por este nome. Uns chamão *mal dita* uma *erysipela*; outros dão este nome ás *espinhas* no rosto, braço, etc.; outros emfim assim chamão uma erupção na pelle de bolhas cheias d'agua e que não são outra cousa senão o *cobreiro* ou *empigem humida*.

MALEITAS. *Veja-se* FEBRE INTERMITTENTE, Vol. II, pag. 229.

MALINA ou MALIGNA. *Veja-se* FEBRE MALIGNA, Vol. II, pag. 227.

MALVAS. (*Malva.*) Genero de plantas composto de um grande numero de especies, que dão em diversos climas do globo e que são todas notaveis por suas propriedades emollientes, de sorte que podem ser, sem inconveniente, substituidas umas ás outras no seu uso medico. Empregão-se as folhas e as flôres em infusão ou decocção n'agua para a preparação das bebidas, clysteres e banhos emollientes. A infusão de flôres de malvas, adoçada convenientemente, serve com vantagem em bebida nos catarrhos pulmonares e outras molestias do peito. Prepara-se com um pugillo de flôres de malvas e uma chicara d'agua fervendo. Quando as malvas devem ser administradas em clysteres ou banhos, devem ser cozidas em agua até que esta fique ligeiramente unctuosa.

MAMAS. *Veja-se* SEIOS.

MAMÃO. Fructo de *Carica papaya*, Linneo, arvore que dá no Brasil. Este fructo volumoso, com polpa amarella, não tem gosto mui agradável, mas é sadio.

MAMONA ou MAMONO BRANCO. Chama-se vulgarmente mamona a uma arvore denominada por Linneo *Ricinus communis*, originaria da Africa e das Indias Orientaes, mas cultivada no Brasil, e que frequentemente chega á altura de quarenta pés. Suas folhas são vulgarmente empregadas para curar feridas e para a preparação dos banhos emollientes. Estas folhas são grandes, palmadas, com 7 ou 9 lobos agudos e dentados. Das sementes, conhecidas debaixo do nome vulgar de *carrapatos*, extrahese oleo ordinario para luzes e fino para o uso medico, sendo o seu consumo immenso como purgante brando; é conhecido pelo nome de *oleo de ricino*, e se administra na dose de uma onça para as crianças e duas a tres para os adultos, puro ou misturado com agua, assucar e sumo de limão.

MANCHAS DO OLHO. *Veja-se* BELIDA, Vol. I, pag. 197.

MANCHAS NA PELLE. *Veja-se* PELLE.

MANDIBULA. *Veja-se* QUEIXO.

MANDIOCA. (*Iatropa maniot*, Linneo.) É um arbusto originario das regiões quentes da America, e cultivado em diversas partes do Novo Mundo. A raiz é a parte da planta que offerece maior interesse. É grossa, tuberosa, branca interiormente, pesa até trinta libras, e é composta quasi unicamente de amido, ao qual se junta um sumo branco, acre e venenoso. Entretanto, esta raiz serve para a preparação da farinha de mandioca, um dos alimentos mais preciosos para os habitantes do Brasil, e outros paizes da America. Eis-aqui o processo que se emprega na preparação da farinha: *Raspa-se* bem a raiz com uma faca, *ceva-se* (isto é, reduz-se a massa) em uma roda vertical, e depois *espreme-se*, para priva-la do sumo venenoso. A massa

então é exposta á torrefacção, que lhe tira os ultimos vestigios do principio venenoso e dá-lhe aquelle aspecto de farinha granulosa e muito branca com que apparece nas mesas. O sumo ou leite escorrido da raiz da mandioca deixa depositar uma fecula branca, a qual, sendo lavada e enxuta, toma o nome de *tapioca*, alimento mui nutritivo que convém muito aos convalescentes.

MANEIRA DE SOCCORRER UM HOMEM QUE SE AFOGA. *Veja-se* Vol. 1, pag. 22.

MANGA. Fructo da mangueira, arvore que dá no Brasil. Este fructo é grande, pesa de meia a uma libra; contém uma polpa amarella ou branco-amarellada, de sabor e cheiro delicioso e levemente terebenthinado. Este fructo é um pouco quente, mas mui sadio.

MANGERICÃO. (*Ocimum basilicom*, Linneo.) Planta cultivada nas hortas por causa da suavidade do seu cheiro; entra na composição de banhos aromaticos.

MANIA, MANIACO. *Veja-se* LOUCURA.

MANNÁ. O manná é um sumo concreto que corre espontaneamente e por incisão de muitas especies de freixos, e principalmente do *fraxinus ornus*, Linneo, que dão na Italia. O manná é mais ou menos puro. O mais estimado é o que vem em pedaços mais ou menos volumosos, seccos, branco-amarellados, e de um sabor doce agradável; é o que se chama *manná em lagrimas*. Uma segunda especie chamada *manná commum* é mais humido, menos branco, em pedaços mais irregulares e adherentes entre si; enfim, dá-se o nome de *manná gordo* ou ordinario ao que é em massas molles, pegajosas e de côr de mel, misturado com muitas impurezas.

A primeira especie é expectorante e peitoral, mais propria para loocks, marmeladas; a segunda mais laxante e empregada nas bebidas laxantes, ou dissolvida em um copo de leite na dôse de uma onça para as crianças e de duas onças para os adultos; a ter-

ceira é ainda mais laxante, usada para clysteres na mesma dóse.

O manná é recommendado nas affecções catarrhaes do peito, e mais particularmente na tosse. O manná em lagrimas, quando é puro e recente, deve ser considerado como uma substancia alimentaria. Com effeito, os habitantes da Sicilia e Calábria empregão-no em lugar do assucar, sem que d'elle soffrão acção alguma purgativa, e por isso, quando se quer que esta especie do manná produza este ultimo resultado, augmenta-se a dóse até tres e quatro onças.

Foi dado o nome de manná a muitas substancias que tem analogia com o manná dos freixos. Assim, foi chamado *manná alhagi* um sumo branco, concreto, que se tira de um arbusto que fórma pequenas sarças, e que dá nos desertos, na Persia; Arabia e Nubia. Este arbusto foi chamado por Linneo *Hedysarum alhagi*. Muitas pessoas julgão que esta substancia é o manná com que se nutrião os Hebreos no deserto.

MANTEIGA. *Vêja* ALIMENTOS, Vol. I, pag. 71.

MANTEIGA DE ANTIMONIO. Assim se chama uma substancia espressa, branca, semi-transparente, excessivamente caustica, susceptivel de attrahir a humidade do ar, que a torna amarella e a transforma em um liquido oleaginoso. A manteiga de antimonio é um dos causticos mais preciosos e mais usados; emprega-se para cauterisar os carbunculos, as mordeduras de animaes damnados e das cobras venenosas. applica-se por meio de um pincel de fios, mas deve-se primeiro enxugar o sangue.

MANTEIGA DE CACAÓ. *Vêja-se* CACAÓ, Vol. I, pag. 248.

MÃO. É a parte que termina o braço e serve para apanhar os corpos e para o tacto.

As molestias da mão são numerosas: as que podem affectar os dedos são descriptas no Vol. II, pag. 2. Só nos occuparemos aqui daquellas que tomão nesta região do corpo uma fórma particular.

INFLAMMAÇÃO, POSTEMAS. A inflammação da mão

mão merece bastante attenção por causa da pelle dura, de muitos nervos e arterias que entrão na composição desta região. As picadas profundas podem determinar postemas, que muitas vezes sobrevem sem causa conhecida. Os maniluvios d'agua morna, as cataplasmas de linhaça são os remedios mais convenientes neste caso. Se sobrevier um postema, é preciso abri-la mui cedo com histori, afim de impedir que o pus penetre mais profundamente e destrua os tendões e ossos.

FERIDAS. As feridas da mão apresentam pouco perigo quando só affectão a pelle. Sendo profundas e feitas por instrumentos cortantes, podem ser acompanhadas da divisão de alguns tendões. Convém nas primeiras horas applicar continuamente pannos molhados n'agua fria, e depois conduzir-se como fica dito no artigo FERIDAS, Vol. II, pag. 239.

As feridas por armas de fogo e as que são feitas por *pisadura* são quasi sempre acompanhadas de fractura dos ossos, de abertura das juntas, de dilaceração dos tendões. É preciso extrahir as esquirolas e recorrer ás applicações de pannos molhados n'agua fria.

As *picadas* da mão só são perigosas quando são profundas. Os accidentes devem ser combatidos pela applicação contínua de pannos molhados n'agua fria.

HEMORRHAGIA. As feridas da palma da mão podem-se complicar por causa da abertura de uma das arterias que existem neste lugar. Estas feridas lanção então um sangue vermelho vivo, que esguicha com força e que ás vezes custa a estancar. Entretanto, se o instrumento cortante só ferio a arteria superficial, o sangue cessa de correr quando se exerce sobre a ferida uma compressão com fios e atadura. Mas se foi ferida a arteria profunda, a compressão directa é insufficiente; é preciso então não só applicar fios e atadura sobre a ferida, mas tambem comprimir as arterias no lugar onde se toma o pulso. Podem se comprimir com os dedos as duas arterias que se sente bater de cada lado da munhéca e esperar a

chegada do cirurgião, ou applicar sobre a munhéca do lado que corresponde á palma da mão e sobre o trajecto de duas arterias dous chumaços espessos e apertar fortemente com um cadarço enrolado em roda da munhéca. Tem sido empregada vantajosamente com o mesmo intuito duas laminas de cortiça, fixadas no seu lugar por meio de um cadarço: desta maneira a compressão é feita sómente sobre as arterias. Em lugar de laminas de cortiça, podem se applicar dous pedaços de emplasto adhesivo dobrado muitas vezes: estes pegão-se na pelle, não se deslocão tão facilmente e comprimem com maior exactidão. Sendo bastante forte a compressão, o sangue immediatamente cessa de correr da palma da mão.

A compressão feita da maneira que fica dito é ás vezes insufficiente para atalhar a hemorragia; então o cirurgião é obrigado a laquear com linha as arterias na ferida mesma cu no antebraço.

DESLOCAÇÕES DA MÃO SOBRE O ANTEBRAÇO OU DESLOCAÇÕES DA MUNHÉCA (*junta da mão com o antebraço*). A mão póde deslocar-se por diante, por detrás e para os lados. Estas luxações só podem ser o effeito de uma causa violenta que leva a mão ou o antebraço no sentido opposto áquelle do lado do qual se faz a deslocação.

A deslocação da mão *por diante* tem por causa uma quéda sobre a palma da mão ou um esforço violento que virou a mão sobre a face posterior do antebraço.

A deslocação *por detrás* é sempre o effeito de uma violenta flexão da mão: é ordinariamente o resultado de uma quéda sobre as costas da mão.

A deslocação *para dentro* é produzida por um violento esforço que leva a mão para dentro, isto é, do lado do dedo annular.

A deslocação *para fóra* é occasionada por um esforço que leva a mão do lado que corresponde ao dedo pollegar.

As deslocações para dentro e para fóra são muito mais raras do que as para diante ou para trás.

Symptomas. A luxação da munhêca occasiona sempre dôres mui vivas. Quando tem lugar *por diante*, a mão fica estendida sobre o antebraço; os ossos do antebraço formão por detrás uma poeminencia; os dedos ficão encolhidos.

Os signaes da deslocação *por detrás* são: a flexão permanente da mão, a proeminencia dos ossos do antebraço para diante, a tensão dos dedos.

Conhece-se a deslocação *para dentro* pela inclinação permanente da mão do lado interno do braço.

A deslocação *para fóra* é caracterizada pela inclinação da mão do lado externo, isto é, do lado que corresponde ao dèdo pollegar.

Tratamento. É preciso reduzir o mais cedo possível os ossos deslocados.

• Para reduzir a luxação anterior, estando o doente sentado sobre uma cadeira solida, uma pessoa segura-lhe o antebraço, outra agarra-lhe na mão o mais perto possível da junta e puxa directamente para si, até que a mão deslocada chegue ao nível da junta; então dobra esta mão para diante: a redução se operã com facilidade.

Quando, pelo contrario, a deslocação é posterior, a pessoa encarregada da extensão, depois de retirar a mão de detrás dos ossos do antebraço, vira-a para trás.

Na deslocação *para dentro*, a pessoa encarregada da extensão, depois de ter chegado ao nível da junta, leva a mão para fóra.

Na deslocação *para fóra*, a pessoa que puxa pela mão, depois de ter puxado bastantemente, leva a mão ao lado interno do braço.

FRACTURAS DOS OSSOS DA MÃO. A fractura dos ossos da mão é ordinariamente occasionada por pancadas directas. Não é necessario encanar os fragmentos, pois que os ossos vizinhos servem de apoio ao osso quebrado e ha pouca deslocação. Só é preciso approximar os dedos uns dos outros, applicar duas pequenas talas de papelão sobre o lugar correspondente à fractura e envolver a mão com um cadarço. A con-

solidação se faz em vinte ou trinta dias. O que acabamos de dizer refere-se aos ossos que se achão na porção da mão comprehendida entre a munhêca e os dedos. Emquanto á fractura dos dedos veja-se V. II, p. 3.

TUMORES DA MÃO. Varios tumores podem desenvolver-se na mão; fallaremos dos que se observão com mais frequencia: são os *ganglios*. Chama-se *ganglio* um pequeno tumor globuloso, duro, sem dôr nem mudança de côr na pelle, que apparece no trajecto dos tendões. Observão-se sobretudo na face dorsal da mão ou no pé. Este tumor é formado, por um sacco cheio de um liquido albuminoso. O melhor meio curativo consiste em comprimir forte e subitamente o tumor para determinar a ruptura. O liquido que elle contém se derrama debaixo da pelle e pouco a pouco desaparece. Às vezes a compressão é insufficiente para curar os ganglios; é preciso então recorrer á incisão.

Emquanto ás *verrugas* da mão, veja-se VERRUGA.

MARACUJÁ. Fructo de um cipó do genero *passiflora*, muít commum no Brasil. Este fructo, de que existem muitas variedades, contém uma polpa gelatinosa, acidula, com um aroma particular e delicioso. Convém muito aos convalescentes.

MARASMO. Assim se chama um emmagrecimento extremo de todo o corpo, consequencia ordinaria de tísica e de um grande numero de molestias chronicas.

MARAVILHA, BONINA OU BELLAS NOITES. (*Mirabilis jalapa*, Linneo.) Esta planta, commum no Brasil, é uma das que decorão os jardins mais agradavelmente. Suas flôres são ordinariamente vermelhas, ás vezes amarellas, brancas ou matizadas. Sua raiz tem um gosto acre e nauseoso, goza de propriedades purgativas, e por muito tempo suppôz-se na Europa que esta raiz dava a jalapa. Sabe-se hoje que esta ultima substancia provém do *Convolvulus jalapa*. A raiz da maravilha, na dóse de uma a duas oitavas, fervida em um copo d'agua, póde ser administrada como purgante. Sua resina; que gyra no commercio com

o nome de *resina de batata*, pôde ser empregada para o mesmo fim na dóse de vinte grãos.

MARIBONDO. (PICADAS DE). *Vêja-se* PICADA.

MARIRIÇO. (*Sisyrinchium galaxioides*, Gomez.) Planta do Brasil. Caule direito, folhas lineares lanceoladas, flôres amarellas, raiz tuberosa, amarella alaranjada, de gosto adocicado. A raiz é a parte usada. Esta raiz é composta de fecula amylacea e de um principio acre, no qual reside a virtude emetopurgativa e bastante energica. A fecula da raiz que se encontra no commercio é em fórma de farinha branca, de gosto amylaceo; não possui propriedades particulares, serve de vehiculo a uma preparação que se acha nas boticas do Rio de Janeiro e que se chama *purgante de maririço*. A composição deste purgante e a sua dóse varião conforme a botica; ordinariamente entrão nelle assucar, escammonéa, resina de jalapa e resina de batata, substancias sem as quaes a farinha de maririço não produziria effeitos purgativos.

MARISCO. Animal mollusco, facil de reconhecer pela sua concha bivalve curva, oblonga, de cor azul carregada. É mui commum nas beiras do mar, e usa-se, desde a mais remota antiguidade, como alimento. Sua carne, de sabor agradável, é em geral difficil de digerir, sobretudo no verão, estação na qual produz ás vezes accidentes cuja causa ainda não está bem determinada. Pretendem uns que os mariscos são venenosos por causa de pequenas estrellas do mar que encerrão em si, ou porque desovão particularmente na estação quente; outros attribuem seus effeitos deletérios ao cobre que se acha no fundo do mar, a uma disposição especial do estomago daquelles que os comem ou a uma affecção morbosa do mesmo animal. Convém, entretanto, dizer que os accidentes causão maior espanto do que devião, porque não são tão perigosos como se suppõe: consistem n'uma comichão da pelle, erupção de pequenos botões, dôres de cadeiras, calafrios, suffocação, etc. O tratamento

destes accidentes é o seguinte : dar a beber um grão de emetico n'uma chicara d'agua morna; e depois de ter provocado os vomitos , administrar uma chicara de chá de herva cidreira ou de folhas de laranjeira simples ou misturada com 10 gottas de ether sulfu-rico.

MARMELO. O marmelo é o fructo de uma arvore chamada *Pyrus cydonia*, Linneo, originaria da ilha de Creta, e que é cultivada no Brasil. Seu cheiro é forte, mas agradável, seu sabor agri-doce; come-se crú, cozido ou feito em doce. Prepara-se com seu sumo um xarope adstringente, com que se adoção as bebidas que se administrão nas dysenterias chronicas. Os caroços de marmelo contém uma grande quantidade de mucilagem, e a sua decocção, além de ser um bom peitoral, póde ser empregada com vantagem em lavatorios nas inflammações intensas dos olhos. Prepara-se este cozimento com 1 colher de chá de caroços de marmelo e duas chcaras d'agua.

MARROIÓ BRANCO. (*Marrubium vulgare*, Linneo.) Planta da Europa. Caule vellosos, esbranquiçado; folhas ovaes pennugentas; flôres brancas, pequenas; cheiro aromatico. O chá de marroio, que se prepara com um pugillo desta planta e uma chicara d'agua fervendo, é empregado contra a tosse.

MASTRUÇO. (*Senebiera pinnatifida*, De Candolle.) Planta que se acha no Brasil. Folhas pinnatas, foliolos pequenos, incisos, de sabor acre e picante; flôr branca. Toda a planta é antiscorbutica. Usa-se na fórma de chá, que se prepara com meia onça de mastruço e uma chicara d'agua fervendo.

MASTURBAÇÃO. *Veja-se* ONANISMO.

MATE. *Veja-se* CONGONHA, Vol. I, p. 415.

MATERIA. Esta palavra significa em linguagem vulgar a mesma cousa que *pus*.

MÁU GEITO. Significa a mesma cousa que o *torcicollo* e *torcedura*. Máu geito no pescoço significa o *torcicollo*. *Veja-se* TORCICOLLO e TORCEDURA.

MÁU HALITO. *Veja-se* HALITO, Vol. II, p. 350.

MÁU SUCCESSE. *Veja-se* ABORTO, Vol. I, pag. 3.

MAXIXE. (*Cucumis angurria*, Linneo.) Planta cultivada no Brasil. Seu fructo, eriçado de pequenos espinhos, constitue um alimento refrigerante. Come-se em salada, temperado com sal, pimenta, vinagre e azeite. Os clysteres de cozimento de maxixe administram-se com proveito na diarrhéa.

MECHA. Dá-se este nome á reunião de alguns fios, ou a uma tira estreita de panno de linho ou de algodão, que se introduz ás vezes na abertura de uma postema para favorecer o escorrimento do pus e impedir que esta abertura se feche antes da sahida de todo o pus.

MEDICAMENTOS QUE SE DEVEM ACHAR NA BOTICA DOMESTICA. *Vêja-se* Vol. I, pag. 225.

MEIMENDRO NEGRO. (*Hyosciamus niger*, Linneo.) Planta européa, importada para o Brasil; dá em S. Paulo, S. Catharina e Rio Grande do Sul. Caule de 1 a 2 pés, ramoso, avelludado, viscoso; folhas angulosas, profundamente sinuadas nas margens, avelludadas; flôres amarelladas, com estrias rubras, em espiga unilateral; cheiro fetido; sabor adocicado; raiz fusiforme, esbranquiçada; fructo alongado; sementes cinzentas, ovaes, comprimidas.

O meimendro é planta venenosa; suas folhas tem algumas vezes sido tomadas pelas da chicoria e suas raizes pelas da pastinaca. Em pequena dôse, isto é, de 1 a 24 grãos, emprega-se como calmante na epilepsia, alienação mental, colica nervosa, nevralgias, convulsões, etc. Externamente, suas folhas se applicão nos tumores e ulceras. O extracto de meimendro administra-se só na dôse de 1 a 2 grãos. Com cozimento de folhas de meimendro e farinha de linhaça preparão-se cataplasmas calmantes. Para se fazer este cozimento, usa-se de 1 onça de folhas de meimendro para 16 onças d'agua. Para combater o envenenamento que produz o meimendro em grande dôse, *vêja-se* Vol. II, pag. 128.

MEIO DE SE PRESERVAR DE QUEIMADURA, quando o fogo pega nos vestidos. *Vêja-se* QUEIMADURA.

MEIO PRESERVATIVO DE SYPHILIS. *Vêja-se* SYPHILIS.

MEL. Substancia doce, de consistência de xarope, produzida pelas abelhas que a depoem em favos. É preparada por estes insectos com o soccorro dos succos viscosos e assucarados que colhem nas flôres e folhas de certas plantas. O mel emprega-se como alimento e convém muito ás crianças. Faz-se delle um grande uso para adoçar os cozimentos; é emolliente e laxante. Serve para muitos compostos pharmaceuticos, entre os quaes distingue-se o *mel rosado*; que se prepara com a infusão concentrada de rosas vermelhas e mel. O mel rosado é um adstringente empregado nas esquinencias e aphtas da bocca.

MELANCIA. (*Cucurbita citrullus*, Linneo.) Este fructo, cultivado no Brasil, contém uma polpa cheia de succo refrigerante. É mui saudavel durante os calores do verão.

MELANCOLIA. Na linguagem vulgar, é assim designado um estado habitual de tristeza, sem desarranjo da razão. Os medicos tem dado o nome de melancolia a uma variedade de alienação mental, caracterisada por um delirio exclusivo. Nós examinaremos debaixo desta denominação um predominio de temperamento, uma disposição morbosa e uma molestia declarada.

Uma sensibilidade e uma imaginação mui viva, a faculdade de entregar-se por muito tempo ás mesmas impressões e a inclinação á tristeza e ao recolhimento, constituem a predisposição ou a base fundamental da melancolia. Está affecção é mais commum nos periodos da existencia em que as impressões tem maior intensidade e perseverança, como na mocidade e virilidade. É mui rara na infancia; entretanto, observão-se exemplos della nesta idade, occasionados particularmente pelo ciume. A exaltação da sensibilidade e a perturbação das sensações, na época da puberdade, são frequentemente acompanhadas de accessos de uma melancolia passageira. Ella é temivel para as mulheres mui dadas ao namoro ou loureiras, quando chega a idade critica, termo perigoso deste amor, que tão grande parte tem na sua existencia. O onanismo, os excessos venereos, o

abuso das bebidas estimulantes, cansando o systema venereo, predispoem igualmente á melancolia. Dирemos o mesmo da vida sedentaria, desoccupada, solitaria, do celibato, que concentão a sensibilidade e favorecem as reflexões sobre si mesmo. A predisposição á melancolia das profissões que fatigão muito o moral, como as bellas artes, as lettras, as sciencias, foi ha muito tempo assignalada. Grande numero de homens que se tem illustrado nesta carreira tem sido melancolicos.

As causas da melancolia são todas moraes; taes são os pezares domesticos, os revezes da fortuna, o amor mal correspondido, o susto, a colera, o amor proprio offendido, o ciume, emfim todas as emoções, paixões, occupações mentaes da humanidade. De mais, se a causa que produz a melancolia não fosse conhecida, seria ordinariamente descoberta pelo delirio dos doentes, que versa sobre o mesmo objecto que o tem produzido. Considerados juntos, os melancolicos descobrem as preoccupações que mais atropellão as sociedades e as disposições moraes predominantes na natureza humana. Zimmermann disse que os homens são loucos por orgulho, as moças por amor, as mulheres por ciume. Indiquemos agora os caracteres dos tres grãos de melancolia.

Os individuos mui sensiveis offerecem, como já dissemos, os caracteres da disposição melancolica. Semelhantes a uma lyra cujas cordas estão mui entesadas, e que o mais leve toque faz vibrar fortemente, os individuos predispostos á melancolia quasi nunca sentem uma impressão circumscripta em justos limites. Um nada os affecta; desgosto e prazer, tudo é exagerado; paixão promptamente da tristeza á alegria, do desprezo ao enthusiasmo. Reservados, delicados, suspeitosos sobre qualquer procedimento, seu trato é difficil e julgão ver uma desatenção, uma offensa em uma olhada, em um gesto, em uma palavra, em uma omissão que a qualquer outro passaria inapercebida. São circumspectos, desconfiados, promptos a

interpretações desfavoráveis. Para viver sempre bem com elles, é preciso usar de atenções continuas, não se servir de palavras que tenham dous sentidos nem de maneiras equivocadas. Admittem poucas pessoas á sua intimidade, e são de ordinario amigos da solidão e misanthropos. Existem entretanto intervallos nos quaes são expansivos, buscão a sociedade e mostram nella uma alegria viva e espirituosa, fallando da humanidade com calorosa affeição, para recahirem logo nos seus gostos solitarios e na sua misanthropia. Na discussão passam subitamente da brandura á colera; seu amor-proprio é sujeito a muitas variações: são alternativamente os mais humildes e os mais orgulhosos dos homens. Taes são os caracteres da disposição melancolica, que pôde durar toda a vida sem passar disto.

Na melancolia do segundo gráo, aos phenomenos precedentes ajunta-se uma idéa fixa que opprime todas as faculdades. Esta paixão exclusiva, ordinariamente triste, ás vezes alegre, torna-se a mola real da existencia moral; tudo parte della e tudo a ella volta. Entretanto, não ha ainda delirio, e frequentemente o individuo que sente a tyrannia da idéa que o domina faz esforços para livrar-se della; se não é bem succedido, opprimido pela preocupação que lhe ataca o cerebro, esquece-se dos seus deveres e dos seus costumes, busca a solidão ou isola-se mentalmente no meio da sociedade; é distraído, pensativo, concentrado em si mesmo e estranho a tudo o que o rodeia. Se a sua linguagem não o atraiçoa ainda, é facil adivinhar que uma paixão qualquer tem-se apoderado delle. No emtanto o somno foge, o appetite se perde, o corpo definha.

O terceiro gráo da melancolia consiste no desenvolvimento excessivo da idéa fixa; é caracterisado pelo delirio. Neste estado, o melancolico se identifica com sua infeliz preocupação; longe de reconhecer que a exaggera, que se engana, pelo contrario accusa de desvario e de tolice a todos que não pensão e não sentem como elle. Não podemos descrever nem

indicar as espécies infinitas dos delirios dos melancolicos: são tão variadas como os objectos a que a intelligencia e o sentimento podem applicar-se com força e perseverança. Supponhamos que o melancolico é realmente o que julga ser (abandonado por uma mulher, atraindo por um amigo, opprimido por um revez da fortuna, ou então general, imperador, etc.), o delirio versará sobre esta idéa, e a maior parte de suas acções serão consequentes com esta illusoria posição.

Tratamento da melancolia. A sensibilidade normal só se desenvolve gradualmente, e se os homens se observassem e se quizessem, poderião frequentemente prevenir ou corrigir esta disposição morbida. Mas uns por ignorancia, por distracção, outros por descuido ou mesmo de proposito, não se dão ao trabalho de conter a sensibilidade em seus justos limites. É verdade que existem organizações refractarias a todos os rêcursos da hygiene e da educação; mas o maior numero é susceptivel de modificações. Quando, por conseguinte, o homem reflectido repara, ou quando algum amigo judicioso lhe faz observar que tem por habito o ser mui apprehensivel, que se inquieta ou se regozija mais do que convém, que se fixa obstinadamente sobre as mesmas impressões, então, dizemos, a pessoa prevenida e sisuda deve abrir os olhos sobre os males, que lhe póde preparar esta sensibilidade excessiva. Indagar-se-ha ao principio se a causa determinantê desta sensibilidade anormal, da qual é preciso desconfiar, é physica ou moral. No primeiro caso, os remedios da alma serão apenas secundarios, o corpo reclama os primeiros cuidados. Principiar-se-ha por afastalo das influencias excitantes. Assim, regimen brando, leite, caldo com feculas, vegetaes, frutas, carnes brancas, cozidas e assadas com preferencia aos molhos, extrema sobriedade das especiarias, dos licôres, do café; eis o que convém. O vinho com bastante agua, ou puro em pequena quantidade, não será contrario ás pessoas que a elle estão habituadas. As ex-

citações mui frequentes do apparelho genital ser-lhes-hão muito e muito nocivas. Porém o meio de mais certa efficacia para abrandar a sensibilidade é o exercicio quotidiano levado até á fadiga: fóra de casa, o passeio, a carreira, a caça, a equitação, as occupações campestres, o nadar, a navegação, a sege, diversos jogos; dentro de casa, o bilhar, a dansa, a esgrima. Assegura-se que Tronchin, medico de Voltaire, fez maravilhas no seculo ultimo, aconselhando ás senhoras de boa companhia, atormentadas de espasmos e de uma sensibilidade excessiva, que esfregassem ellas mesmas seus salões. A prisão do ventre é mui commum aos temperamentos melancolicos; remedeia-se com clysteres, bebidas laxantes e alimentos vegetaes.

Quando a sensibilidade fôr desmedidamente desenvolvida por causas moraes (e estes casos são os mais ordinarios), deve-se, sobretudo, cuidar no regimen moral. Não temos precisão de recomendar a distracção das paixões tristes. E quem haverá que se não queira ver desembaraçado dellas! Mas diremos aos que se apaixonão por tudo quanto emprehendem: prevêde de longe até onde vós póde conduzir este esforço excessivo do systema nervoso; sem duvida elle será ordinariamente favoravel á empreza que prosequis ardentemente nas artes, letras, sciencias, em todas as carreiras abertas á ambição; mas uma vez chegado ao alvo a que frequentemente não podereis chegar, ficar-vos-ha uma sensibilidade tão incommoda, que invejareis mais de uma vez a sorte de individuos mais obscuros e menos ricos do que vós, que, impassiveis ou indifferentes ás contrariedades communs da existencia, não conhecem penas senão as da dura necessidade, e entregão-se aos prazeres com inteira effusão da alma. Longe de nós, assignalando os males que resultão mui frequentemente do emprego forçado das faculdades mentaes, a intenção de desaprovar de uma maneira absoluta o louvavel desejo de instruir-se, a nobre ambição de distinguir-se honrosamente. Sómente, pois que tra-

tamos da medicina preservativa e curativa, devemos prevenir que a gloria e a riqueza adquirem-se muitas vezes á custa da felicidade. Procuremos, por conseguinte, evitar excitações mui prolongadas e mui fortes do systema nervoso, saibamos dirigir e conter o sentimento e a imaginação, regular com moderação as occupações intellectuaes, afastar e combater, como temos dito, as causas physicas que exaltão a sensibilidade, e então nada será mais raro do que a melancolia.

Mas se a disposição melancolica não foi prevenida, se uma causa se tem offerecido, se as forças do sentimento se tem concentrado sobre um só objecto e a molestia se tem declarado, que se deve fazer então? Desde este momento, procurar-se-ha distrahir o melancolico de suas preoccupações. É preciso não deixalo só, desoccupado, nem entregue ás meditações que lhe perturbão a cabeça; devem leva-lo quantas vezes fór possivel aos exercicios, ás recreações de todo o genero. A mudança de lugar, as viagens, são excellentes meios. Quando a idéa fixa é conhecida, a palavra sisuda, tranquillã e affectuosa de um amigo, de uma pessoa estimada, pôde obter bons resultados. Mas é necessario ter circumspecção e discernimento e não dar mostras de contrariar, de atormentar estes doentes. Depois disto, como entrar nos pormenores desta medicina moral? É evidente que a linguagem deve variar conforme a especie de idéa dominante. Não se deve fallar ao nostalgico que tem saudades da sua terra, á amante enganada, abandonada, á mãe que perdeu seu filho, da mesma fórma que ao monomano que acredita um sonho de sua perturbada imaginação, com o qual se havia de ha muito nutrido sua ambição, e que se julga favorecido de alguma das glorias, grandezas ou riquezas que fascinão a especie humana. Finalmente, quer a melancolia seja triste, quer alegre, convém sempre a distracção. Entre as distracções que temos indicado não temos mencionado a musica, que entretanto é mui recomendada contra a melancolia. Mas todos os generos

de musica não convém igualmente. O modo que exprime as paixões oppressivas agradaria aos melancolicos tristes, mas poderia aggravar o seu estado. É preciso submettê-los ao rhythmo precipitado, ás marchas bellicosas, ás quadrilhas, ás valsas.

O tratamento da melancolia do segundo gráo reclama, além disto, os mesmos cuidados que o da disposição melancolica, da qual só se distingue porque se tem de combater uma preocupação teimosa que não existe no primeiro estado. A melancolia confirmada, delirante, do terceiro gráo, necessita tambem dos mesmos meios, e além disto de uma vigilancia maior; entre os remedios mais proveitosos entrão os purgantes energicos.

MELÃO. Todos conhecem este fructo de um cheiro delicioso, e cuja polpa constitue um alimento refrigerante; cultiva-se no Rio de Janeiro. Acalma a irritação das entranhas, facilita as ourinas, e ás vezes torna-se um brando laxante. Come-se com assucar, ou com sal e pimenta; ha pessoas que preferem o melão sem tempero algum: é um alimento mui sadio.

MEMBRANA. *Veja-se* Vol. I, pag. 401.

MENDUBY. (*Arachis hypogea*, Linneo.) Planta que dá no Brasil. Suas sementes comem-se torradas ou cozidas; tem gosto de avelã; são muito oleaginosas e de digestão difficil. Segundo a opinião popular, gozão de propriedades aphrodisiacas.

MENINA DO OLHO, ou PUPILLA. Abertura que a membrana *iris* apresenta no meio, e pela qual passão os raios luminosos para chegarem ao centro nervoso do olho. A pupilla é redonda no homem; no boi é transversalmente oblonga; no gato é elliptica e se aproxima da linha vertical.

MENINGITE. *Veja-se* FEBRE CEREBRAL, Vol. II, pag. 224.

MENINOS (EDUCAÇÃO DOS). A fraqueza dos meninos, os perigos que os rodeião, os cuidados constantes e prolongados que reclamão, e as esperanças que estão ligadas a elles, todas estas circumstancias jus-

tificação o interesse que inspirão. Consagremos, por conseguinte, algumas paginas deste Diccionario ás considerações hygienicas que respeitão a esta idade da vida.

A alimentação que a natureza destina á criança que acaba de nascer é o leite de sua mãe; mas é ás vezes impossivel a ella o preencher este dever. Se é affectada de alguma molestia chronica, tal como a tísica, os dertos, as escrophulas, o rachitismo; se é de uma saúde fraca, se não tem bastante leite, é evidente que se ha de recorrer a uma ama. Mas tudo quanto respeita a esta questão foi já tratado nos artigos AMAMENTAÇÃO e DESMAMAÇÃO; deixemos que o leitor os consulte neste lugar, e passemos a outro objecto.

A maneira por que as crianças são hoje vestidas é muito mais conforme ás regras de uma sã hygiene. Limitemo-nos a dizer que os vestidos da primeira idade devem ser assaz quentes para preservarem das intemperies do ar, e bastante largos para não constringerem em nada a circulação e até permittirem os movimentos mais extensos. A cabeça só deve estar coberta quando é despida de cabellos, e ainda assim é preciso que os objectos com que fór coberta não occasionem mui grande calor, o qual póde favorecer a producção de congestões cerebraes.

O uso de pregar os vestidos com alfinetes póde ter tristes resultados. Factos ha de crianças que tem tido convulsões por lhes haver penetrado na pelle um alfinete pregado no vestido, e que quanto mais as apertavão para assim as fazer calar, tanto mais se augmentavão os accidentes.

A cama merece igualmente que fixemos nossa attenção. Nunca deve ser mui quente nem mui molle. A lã, o cabello, a palha, são as materias que merecem preferencia para a sua composição. É preciso tambem ter cuidado em que o berço não receba luz nem pela cabeça nem pelos lados; sem esta precaução, os olhos, buscando-a continuamente, podem

tomar uma direcção viciosa; por isso, esconder-se-ha a janella ou qualquer outro fóco de luz á vista da criança, por meio de cortinas no berço. .

Que espaço de tempo deve a criança dormir? Nos primeiros dias de sua existencia, sua vida é um longo somno, interrompido sómente pela necessidade de mamar. Deve-se deixa-la dormir quanto desejar; para o diante, nove ou dez horas de somno lhe serão sufficientes. Nunca se deve provocar o somno embalando o recém-nascido. A agitação do berço, além de excitar os vomitos e perturbar a digestão como o movimento do navio, retarda a circulação e só dispõe ao somno provocando uma ligeira congestão do cerebro. Um tal repouso é ficticio e morbido; longe de reparar as forças, tende á apoplexia, sobretudo na criança, cuja cabeça é proporcionalmente mais volumosa, e de cujo lado se dirige naturalmente a energia vital. No adulto mesmo produz entorpecimento e vertigens.

Nos primeiros dias, a criança está continuamente deitada de costas, mas bem depressa começa a mover os membrosinhos. Este exercicio fortifica e desenvolve os seus órgãos. Pouco tempo depois, a criança roja, por assim dizer, sobre o chão, onde está em liberdade, depois engatinha, finalmente endireita-se e anda. Nunca se deve bustar adiantar a época que a natureza tem fixado para que a criança ande só: os meios mecanicos de que se faz uso para se conseguir este fim são todos mais ou menos perigosos. Quando a criança chega á época da adolescencia, gosta de correr, saltar, trepar; é um instincto natural que não se deve embaraçar, tendo-se entretanto o cuidado de afasta-la de tudo quanto lhe puder ser nocivo. Nada lhe é mais util do que o exercicio dos órgãos de locomoção, para desenvolver-lhe o vigor de todo o corpo. Os antigos, que entendião melhor do que nós da educação physica, tinham muita sorte de gymnastica; além do nadar, da equitação, esgrima, dansa, erão tambem exercitados pelos meninos o salto, o pugilato, a gestação de pesos, a luta, etc. ;

de maneira que aquelle que se exercitava assim em tudo ficava perfeitamente desenvolvido. Nem por isso se deve crer que approvamos o cuidado exclusivo das forças corporaes, e que não desejamos formar senão atletas e dansarinos; só queremos dizer que uma educação physica bem entendida augmenta a energia moral pela saúde que produz. Todos os cuidados devem, por conseguinte, tender a entreter na infancia uma especie de equilibrio entre estas duas vidas, se se pôde dizer assim. A vantagem que os pais achão em ter pequenos prodigios não pôde compensar os inconvenientes inseparaveis do desenvolvimento prematuro das faculdades mentaes; este desenvolvimento só poderia ter lugar com detrimento das outras funcções, e é bem raro que a criança que offerece um predominio consideravel e prematuro do cerebro tenha uma longa vida. Isto basta para provar quanto é importante que se consagrem os primeiros annos ao desenvolvimento physico.

Apenas o homem entra na carreira da vida, logo é susceptivel de experimentar paixões. A colera, o ciume, o medo, agitação-no antes que elle possa exprimir por palavras estas paixões. É preciso obstar os seus progressos para evitar os grandes perigos que as acompanhão. É mui importante á boa educação das crianças, que selhes não deixe tomar um imperio mui poderoso. Evitar-se-ha que ellas se fação ciosas, distribuindo com equidade os elogios e as exprobrações, os castigos e as recompensas. Um sentimento de justiça anima a tenra idade; a injustiça a irrita até ao ultimo ponto: tem-se visto jovens corações, ulcerados por uma preferencia iniqua, conservarem della por toda a sua vida uma impressão dolorosa contra os autores de seus dias, impressão que as forças da razão não pudérão destruir. Muitas crianças emmagrecem por causa desta paixão. É muito necessario tambem que se privem as crianças de tudo o que lhes possa causar medo, pois que são innumeros os males que delle podem resultar; é preciso então não as-

susta-las nunca voluntariamente, acostuma-las com prudencia aos objectos do seu pavor e prohibir severamente todas essas historias que, pelas suas imagens terriveis de ladrões ou de espectros, são proprias para produzirem susto. Os pais devem exercer uma vigilancia mui attenta sobre as pessoas a quem confião seus filhos. Muitas vezes tem-se visto estes jovens entes serem victimas de perniciosos costumes communicados por criados corrompidos. (*Veja-se ONANISMO.*)

MENSTRUACÃO. É o nome que se dá ao escorrimento natural sanguineo que se faz pelos órgãos genitales da mulher. Este phenomeno é tambem chamado *assistencia*, *fluxo catamenial*, *regras*, *lua*, *incommodo mensal*, *embaraço*, *o acostumado*, etc. As regras principião na época da puberdade, renovão-se todos os mezes durante todo o tempo da fecundidade, salvo na época da prenhez, e em geral na da amamentação, e cessão com a faculdade de conceber. Todas as mulheres, de qualquer raça da espécie humana, são sujeitas ao fluxo menstrual. Antigos viajantes tinhão, é verdade, pretendido que as que habitão perto do polo arctico e as indigenas do Brasil estavão livres delle; porém observações mais recentes e mais exactas tem provado o contrario. Bem que a menstruação pareça ser um resultado necessario da organização, existem entretanto alguns factos de mulheres que não tem sido menstruadas, sem que isto lhes tenha causado incommodo algum; mas estes exemplos são rarissimos.

A idade em que este fluxo principia a apparecer varia conforme os climas. Em nosso clima intertropical, esse phenomeno se mostra, em geral, dos dez aos quatorze ou quinze annos; nos paizes temperados da Europa, um ou dous annos mais tarde, e é tanto mais tardio quanto mais os individuos se approximão do polo. Em summa, não ha cousa mais difficil do que estabelecerem-se calculos, ainda approximados, a este respeito; pois que mil causas diversas, entre as quaes é preciso considerar em primeiro lugar um

regimen mui substancial, uma educação dirigida com pouca reserva e máos exemplos, contribuem para desenvolverem prematuramente na moça o instincto reproductor, a cuja existencia está ligada por laços mui estreitos a apparição do fluxo menstrual.

A primeira erupção dos menstruõs annuncia-se pelos symptomas seguintes: os peitos, que tem tomado um desenvolvimento rapido, inchão; a moça experimenta um sentimento de peso, de calor no baixo-ventre, um leve prurido nas partes genitales, dôres vagas nas cadeiras e coxas; sobrevém um escorrimento de fluido Branco, que dura ás vezes muitos mezes, mas que ordinariamente é logo seguido do fluxo de sangue, cuja apparição faz cessar os phenomenos que acabão de ser descriptos. Esta excreção sanguinea, ordinariamente pouco abundante, dura dous, tres ou quatro dias; cessa para tornar a apparecer depois de um tempo mais ou menos longo, e, depois de alguns intervallos irregulares, toma a periodicidade regular. Nesta época da puberdade, o exterior dos orgãos genitales principia a cobrir-se de cabello; fazem-se tambem mudanças notaveis no moral da moça; torna-se pensativa, mais reservada, córa e suspira facilmente. Os phenomenos precursores da menstruação não se mostrão regularmente em todas as moças: ha umas em que elles são apenas sensiveis; outras, pelo contrario, em que são mais visiveis e vem acompanhados de dôres de cabeça e de alguns outros symptomas que, quando tem um certo gráo de intensidade, constituem um verdadeiro estado morboso, do qual fallaremos ao depois neste mesmo artigo.

A duração do escorrimento sanguineo de cada periodo menstrual é geralmente invariavel n'uma mulher de boa saúde; mas varia de uma a outra. É ordinariamente de quatro a cinco dias, ou, para melhor dizer, varia de tres a oito. Raras vezes está áquem ou além destes dous limites, e a quantidade de sangue que as mulheres perdem é avaliada de tres a oito onças. No maior numero de mulheres, cada

época é precedida ou seguida de um escurrimto branco que não se deve confundir com as flôres brancas.

Tem-se tido, em diversas épocas, idéas differentes sobre a natureza e a qualidade do sangue menstrual. Nos tempos antigos, sobretudo, foi considerado este sangue como dotado de propriedades deleterias. Hoje está bem demonstrado que não differe em nada daquelle que é fornecido por qualquer outro phenomeno hemorrhagico; e se algumas mulheres exhalão nesta época um cheiro desagradavel, a causa provém da falta de asseio. Mas o povo ainda não está enganado a este respeito. Em alguns paizes, ha pessoas que negão dar entrada nos lugares onde se acha o vinho em deposito á mulher que tem suas regras, por a considerarem susceptivel de tornar azedo este liquido.

Os nomes de *menstruos* e de *lua* dados a esta excreção annuncião que ella se reproduz mensalmente. É preciso entretanto convir que nada é absolutamente regular neste caso, assim como em muitos outros da physiologia humana, na qual uma infinidade de circumstancias vem imprimir modificações á marcha natural de nossas funcções. Ha mulheres cujos menstruos apparecem regularmente todos os 29 ou todos os 28 dias; ha outras que os tem periodicamente todos os 24 dias, ou são sujeitas a elles duas vezes por mez; e em algumas, emfim, só se observão todas as seis semanas, de dous em dous mezes, e até em maiores intervallos. O dia do apparecimento das regras não é o mesmo para todas as mulheres; em todos os dias do mez podem apparecer.

Logo que a menstruação está estabelecida, continúa regularmente, sem outra interrupção mais que a do tempo da prenhez e da amamentação, até á idade de quarenta e cinco a cincuenta annos. Este termo entretanto não é fixo. A menstruação termina ás vezes mais cedo. Assim, não é raro ver-se a menstruação acabar aos quarenta ou trinta e seis annos,

e ainda antes. De outra parte, a menstruação se prolonga ás vezes muito além do termo ordinario, até á idade de sessenta e até de setenta e tantos annos, e então a faculdade de gerar é tambem conservada. Regra geral: quanto mais cedo principião os menstros, tanto mais cedo cessão.

A cessação das regras é ordinariamente annunciada, muito tempo antes, por notaveis desarranjos. Mui raramente a menstruação cessa de repente, mas ha uma diminuição progressiva na qualidade de sangue evacuado. Uma anxiedade geral, entorpecimentos nos membros inferiores, dôres nas cadeiras, calor no rosto, são tambem phenomenos que se observão em um grande numero de mulheres. Em algumas, esta época é acompanhada de symptomas graves: molestias que até então estavão latentes se manifestão de uma maneira subita; outras, que existião estacionarias, tomão uma marcha rapida. São estes casos, cujo numero tem sido muito exagerado, que inspirão tantos sustos ás mulheres, e que fizerão dar a esta época o nome de *idade critica*. Passado este tempo, as forças dos outros órgãos augmentão á custa das do utero, que não tem mais vida particular; a época dos perigos deixa de existir; as mulheres adquirem um fundo de vida inexaurivel, não são mais sujeitas ás affecções particulares do seu sexo.

Necessarios a todas as épocas da vida, os cuidados hygienicos são com mais razão indicados á mulher cuja economia, já naturalmente sensivel, se acha violentamente abalada pelas crises menstruaes. Os cuidados que reclama a época de sua primeira apparição são em grande parte confiados á ternura maternal: é ella quem deve dirigir a moça pubere nas veredas novas que deve percorrer e premuni-la contra os perigos. Nesta época da vida, a leitura dos romances é extremamente perigosa. A moça que lê romances aos onze annos terá ataques de nervos aos vinte, disse Tissot. Um exercicio moderado é de grande utilidade, assim como uma alimentação sã sem muitos temperos, a residencia em um lugar bem

arejado, e vestidos que permittão o livre exercicio de todos os membros e o desenvolvimento completo de todos os órgãos. Estes cuidados mui simples bastão ordinariamente quando tudo se passa na ordem natural; mas nem sempre acontece assim: em muitas moças a menstruação é mui difficullosa de estabelecer-se e regularisar-se. Dôres de cabeça, vertigens, são frequentemente os unicos phenomenos que se manifestão nas primeiras épocas. Neste caso, é preciso pôr activamente em uso todos os meios proprios para determinar o fluxo de sangue nas partes destinadas pela natureza a lhe darem sahida; taes são: banhos de assento quentes, escaldapés, fricções com tintura de alecrim sobre as coxas, sinapismos nos pés, e a applicação de duas a tres bichas sobre a parte superior das coxas, reiterada todos os mezes e alguns dias antes da época presumida dos menstruos.

Um estado porém mais penoso e mais grave é o que apresenta uma moça *oppilada*. Esta affecção, cuja causa determinante é, como precedentemente, a falta ou irregularidade dos menstruos, pôde ter por predisposição um temperamento lymphatico, um amor contrariado, o ciume, etc; ella reclama sobretudo o emprego de diversos recursos hygienicos. Por conseguinte, logo que, na época ordinaria da puberdade, se perceba em uma moça lymphatica e fraca um estado de indolencia, é preciso excitar nella brandas emoções, sentimentos ternos. Convém que cultive a pintura, a musica; é necessario obriga-la, não obstante sua aversão pronunciada, a ir ao passeio, á dansa, ás reuniões, aos bailes, ao theatro, e a fazer outros exercicios que, sendo perigosos á moça dotada de uma imaginação ardente, são, pelo contrario, outros tantos meios para despertar na oppilada a sensibilidade extincta. É bom que habite um quarto secco, elevado, exposto ao sol; que tome banhos frios, e sobretudo de mar; que se nutra com alimentos tonicos e até estimulantes, como carneiro, yacca, caça, vinho generoso.

Se emfim taes meios não fôrem sufficientes, poder-se-ha simultaneamente recorrer ás substancias medicamentosas apropriadas: ás infusões e decocções amargas, aromaticas, de quina, de genciana, de herva cidreira, de cannella, ás preparações ferreas. No caso em que a affecção proceda de amor contrariado, claro fica que o mais prompto e o mais efficaz de todos os remedios é o casamento com o objecto desejado.

O tempo dos menstros não reclama cuidado especial algum. Digamos entretanto que as impressões da almã, que na mulher, em todo o tempo, produzem grandes effeitos, exercem então uma influencia muito mais pronunciada. A ellas seguramente, depois do frio e da humidade, devem ser attribuidas as suppressões subitas do fluxo periodico. Um accesso de colera, um susto, uma noticia desagradavel, bastão para determinar este resultado. Por conseguinte, quantos cuidados e atenções exige o estado da mulher da parte de todos que a rodeião, e mais particularmente do homem que a natureza lhe deu por defensor!

A época da cessação dos menstros é vulgarmente considerada no mundo como uma idade mui perigosa para as mulheres. Este medo, como já dissemos, é muito exagerado. Sabios que quizerão estabelecer as leis da mortalidade nas differentes idades da vida não achárão nada no quadro dos obitos que annunciasse os estragos do tempo critico. Não se julgue entretanto que o estado da mulher não necessite nesta época de uma attenção especial. É preciso remover tudo quanto possa produzir uma congestão sanguinea, exaltar a sensibilidade e excitar os órgãos genitales. Um regimen alimentario brando, pouco substancial, convém em taes casos; um exercicio moderado e em ar livre é tambem util. A sangria é ás vezes indicada nas mulheres sanguineas. Mas que se póde pensar de certos medicamentos cujo uso é considerado como absolutamente indispensavel? Frequentemente o medico é obrigado a permitti-los

para acalmar a imaginação de muitas senhoras que, sem isto, se julgariam votadas á sorte mais terrível. Deste numero são os purgantes. No maior numero dos casos são inuteis; mas, a serem indicados pela prisão habitual do ventre, será preciso recorrer-se ao maná, óleo de ricino, cremor de tartaro, e a outros purgantes brandos, e não a essas pilulas drásticas em cuja composição entra o aloes, e que podem produzir perdas sanguineas perigosas.

FALTA DE MENSTRUÇÃO. A falta, a cessação, a supressão, e até a suspensão dos menstros, tem recebido, na linguagem medica, o nome de *amenorrhéa*. A principal causa que predispõe a ella é o temperamento lymphatico e escrophuloso, e tambem uma causa debilitante qualquer por muito tempo soffrida, tal como a habitação em lugares baixos, humidos, sombrios, pantanosos, alimentos pouco reparadores ou insufficientes, a falta de exercicio, trabalhos excessivos: ver-se-ha que a moça submettida á sua influencia ficará debil e passará a época da puberdade sem receber os attributos de seu sexo. Na mulher já menstruada e submettida ás mesmas circumstancias, o fluxo catamenial diminue gradualmente, e enfim desaparece. O celibato é com razão considerado como uma das causas da affecção que nos occupa. O utero tem ás vezes necessidade da excitação venerea para sahir do torpor em que se acha; mas de todas as predisposições á amenorrhéa, a mais activa é a existencia de uma molestia chronica, qualquer que seja a sua natureza e séde. Em todos estes casos, entretanto, a amenorrhéa será sempre lenta em produzir-se; mas sobrevém instantaneamente debaixo da influencia de um frio subito e vivo durante o fluxo periodico, e então chama-se *supressão*; os movimentos violentos da alma obrão da mesma maneira; uma dôr viva, o susto e o accesso da colera, estão no mesmo caso. Um estado plethorico e a irritabilidade extrema oppoem-se igualmente ao estabelecimento dos menstros.

Os symptomas da amenorrhéa consistem unica-

mente na diminuição gradual do fluxo menstrual ou na sua supressão subita. Ordinariamente as doentes empallidecem e experimentão de tempos a tempos perturbações leves, ora de uma função, ora de outra. A's vezes, na época em que os menstros deverião correr, manifesta-se calor e dôr no baixo-ventre e nas cadeiras. Póde-se ás vezes tomar a amenorrhéa por um estado de prenhez. A distincção é frequentemente mui difficil, o que depende da obscuridade dos signaes da prenhez ao principio; nestes casos duvidosos, é necessario obrar com prudencia e esperar algum tempo antes de se decidir ao emprego dos meios energicos.

O fluxo dos menstros é uma função tão importante, que não póde experimentar demora prolongada na moça nem suspender-se na mulher já regrada, sem determinar com o tempo uma affecção mais ou menos grave. Quando a amenorrhéa sobrevém em uma pessoa fraca ou de constituição estragada, o principal tratamento consiste em fortificar a doente por uma alimentação reparadora, medicamentos tonicos, banhos aromaticos, fricções com tintura de alfazema, e constrangê-la a entregar-se ao exercicio, á equitação, e á dansa principalmente. Quando a amenorrhéa depende da existencia de alguma outra molestia, o unico meio de fazê-la cessar é destruir a molestia que a produz. Uma sangria no braço ou no pé provoca ás vezes os menstros, quando a mulher experimenta em gráo subido calor na pelle e dôres de cabeça, que são symptomas da congestão sanguinea geral. Os banhos mornos do corpo todo, e os sinapismos nos pés obrão com efficacia quando a falta da menstruação está ligada ao estado de irritabilidade extrema ou ás dôres vivas do utero. Emquanto aos medicamentos chamados emmenagogos, taes como a arruda, a sabina, a artemisa, o café, o aloes, o açafraão, o absinthio, são certamente uteis em alguns casos, mas é preciso empregá-los com circumspecção.

MENTAGRE. *Vêja-se* BARBA, Vol. I, pag. 188.

MERCURIO ou **AZOUQUE**. Este metal é liquido na temperatura ordinaria, brilhante, de côr branca levemente azulada; pesa treze vezes e meia mais do que a agua. Seus usos são importantes e variados. Serve para a confecção dos barometros e thermometros: emprega-se para dourar e pratear os metaes; unido ao estanho, forma a estanhadura dos espelhos; emfim, ministra á arte de curar um grande numero de compostos energicos. O mercurio combina-se facilmente com o ouro; daqui vem o preeceito para os doentes que fazem fricções com ungento mercurial de tirarem os aneis dos dedos para evitarem o estrago que nelles faz o mercurio.

Nada está tão bem provado como a efficacia do mercurio no maior numero das molestias venereas. As pessoas estranhas á arte de curar tem geralmente uma grande repugnancia contra este remedio. Não negamos que se tenha abusado do mercurio, que os empiricos e os ignorantes possuão ainda abusar d'elle; mas sempre a opinião dos mais sabios medicos é que o mercurio, empregado por mãos habéis, deve merecer toda a confiança, e que é o mais precioso e o mais seguro meio contra a syphilis. Assim, os charlatães, que assegurão em seus annuncios que as preparações que vendem não contém mercurio, tem o cuidado de juntar a seu *arrobe* pretendido vegetal, ao seu *vinho de salsaparrilha*, ás suas pilulas, etc., uma certa quantidade de sublimado (deutochlorureto de mercurio) que constitue toda a virtude do remedio. O unico accidente que se pôde attribuir ao uso que se faz do mercurio nas molestias é a salivacão; mas, além de não ser este estado de gravidade real, não ha medico que não saiba prevenilo ou fazê-lo parar em seu principio. Emquanto aos terrores espalhados no vulgo sobre a pretendida penetração do mercurio em todos os tecidos da economia, e principalmente nos nervos e ossos, sendo causa de dôres, caries, paralyrias, e até da loucura... nunca tratamento algum mercurial, dirigido por um medico instruido, pôde ter este resultado; até

não está ainda bem provado que fossem observados semelhantes accidentes nos casos em que se houvesse realmente abusado do mercurio. Novas discussões scientificas tem exposto á luz tudo quanto de falso e de exagerado existia na opinião publica relativamente aos pretendidos estragos do mercurio. Os tremores paralyticos que podem ser attribuidos á acção deleteria do mercurio só sobrevêm nas profissões que necessitam de uma exposição contínua e prolongada ás emanações mercuriaes; descrevemo-las no artigo PROFISSÕES. A suspensão do trabalho e o uso dos banhos mornos ou de vapor são os melhores remedios que se conhecem contra este genero de molestia. •*Veja-se* tambem SALIVAÇÃO.

As preparações mercuriaes que se usão em medicina são : unguento napolitano (mistura de banha e de mercurio metallico em partes iguaes), unguento cinzento (mistura de 1 parte de mercurio com 7 partes de banha), sublimado, calomelanos, oxydo rubro de mercurio ou pós de Joannes, sulfureto rubro de mercurio (cinabrio ou vermelhão), e iodureto de mercurio.

METRITE ou INFLAMMAÇÃO DO UTERO. *Veja-se* UTERO.

METRORRHAGIA ou HEMORRHAGIA DO UTERO. •
Veja-se Vol. II, pag. 356.

MEXILHÃO. *Veja-se* MARISCO, Vol. III, pag. 21.

MEZINHA. *Veja-se* CLYSTER, Vol. I, pag. 370.

MIASMAS. Tomando a palavra em toda a sua acceção, consideramos debaixo deste titulo todas as *emanações nocivas*, dissolvidas no ar, que atacão o corpo humano. Nada ha mais obscuro do que a natureza intima dos miasmas; conhecemos muitas causas que lhes dão nascimento, podemos apreciar grande numero de seus effeitos perniciosos, e apenas sabemos o que elles são. Submittendo-os á investigação dos nossos sentidos, não temos senão o olfacto para nos advertir da sua presença; não nos é dado toca-los nem vê-los. A chimica mais engenhosa esbarra na subtilidade das doses e das combinações

miasmaticas; de ordinario não descobre nada no ar insalubre ou mortifero que delles esteja infectado, e quando consegue assignalar nelle uma proporção insolita ou a presença accidental de algum principio gazoso, não nos revela senão uma mui pequena parte do problema.

Deixemos, por conseguinte, sua composição intima e occupemo-nos de suas causas, de seus effeitos e de seus meios preservativos. Os miasmas fazem parte desse systema geral de emanações que desempenha tão grande papel na natureza. Cada ente os recebe e os transmite reciprocamente. Nesta troca continua de elementos, operão-se as misturas, as separações, as combinações mais variadas. Em certos casos nascem miasmas, especies de venenos volateis, invisiveis, impalpaveis, cujas fontes são felizmente conhecidas, e que podemos evifar ou esgotar.

As condições que favorecem os desenvolvimentos miasmaticos estão bem determinadas. Os pantanos se offerecem em primeiro lugar. Ninguem ignora quanto são communs, sobre o globo, as molestias, e especialmente as febres intermittentes benignas ou perniciosas que provém delles. Estes effluvios pantanosos, aos quaes a decomposição de materias vegetaes e animaes parece communicar a insalubridade, são sobretudo temiveis nos paizes quentes, pois que a actividade da putrefacção está na razão directa do calor. Assim, os pantanos immensos do norte da Europa, da Polonia, minha patria, em particular, tem pouca influencia sobre a saúde, e parece que não tem nenhuma sobre a duração da vida, entretanto que a Africa occidental é o paiz mais insalubre do mundo. Depois das inundações consideraveis, desenvolvem-se tambem effluvios dos terrenos que acabão de ser submergidos. Estes effluvios constituem um grande fóco de infecção; são elles que tornão insalubres as margens dos rios, ribeiros e regatos sujeitos a trasbordar, os paizes em que o terreno, por causa de sua natureza e de sua incli-

nação, não pôde nem absorver as aguas da chuva nem permittir o seu escoamento. Estes miasmas causão na America a insalubridade de Cayenna, das margens do Mississipi, do Orenôco, etc.; na *Africa*, de toda a porção de suas margens occidentaes que fica entre o rio de Senegal e a Cafrária, de Madagascar, do baixo Egypto depois da retirada do Nilo, etc.; na *Europa*, da vizinhança de Roma e de Mantua, da Sardenha, de alguns pontos da Corsega, etc.; e na *Asia*, das planicies de Bengala, dos arredores do Euphrates, do Ganges, etc., etc.

Devem ser assemelhados aos pantanos salgados os porões dos navios, e aos de agua doce os canaes mal entretidos nos quaes o lodo demora-se durante uma parte do anno; os arrozaes, emfim, as ruas e as estradas convertidas em uma lama preta e infecta pelas aguas da chuva e as das casas, pelo rodar das seges, pelo transito dos homens e dos animaes.

Pareceria bem provado, tanto por experiencias directas como por factos observados sobre as margens da Italia e da Provença, que a mistura das aguas do mar e da agua doce determina uma infecção muito mais consideravel que quando estas mesmas aguas se estagnão isoladamente.

Ha muitas industrias que diffundem no ar principios maleficos; taes são as explorações das minas, as fabricas em que os obreiros trabalham com materias animaes. Em toda a parte em que se achão o homem, animaes, vegetaes, existem necessariamente miasmas. A respiração, as excreções de uns, a decomposição de outros, corrompem continuamente o ar. As latrinas, os desaguadeiros, os canos, as cloacas, os matadouros, os cemiterios, desenvolvem, sem cessar, miasmas cuja diffusão em uma massa de ar os torna felizmente pouco nocivos, e que seriam deletorios pela abundancia ou pela concentração. Mas, entre os focos de infecção, um dos mais perigosos para o homem é o mesmo homem vivo ou morto. Em uma memoria publicada sobre a origem da peste, o Dr. Lagasquie provou que esta horrivel

molestia que cobre de luto todos os annos o Levante provém, no Egypto, da incrível negligencia das sepulturas humanas. Quando outr'ora a policia das inhumações era mal feita na Europa, observáram-se numerosas epidemias que provinham da putrefacção dos cadáveres. As epidemias de escarlatina e de febres graves, que de vez em quando apparecem tão mortíferas no Rio de Janeiro, não tem outra causa senão a falta de asseio nas ruas e as inhumações dentro da cidade.

A influencia dos miasmas do homem sobre o homem é muito mais nociva durante o estado da molestia do que durante a saúde. Em todos os casos, deve-se evitar a sua concentração nos lugares circumscriptos, como tem sido demonstrado nos hospitaes, prisões, quarteis, navios.

Os focos de infecção que acabamos de assignalar de uma maneira geral tem diversos grãos de actividade conforme as diversas circumstancias. Os miasmas desenvolvem-se em muito menor quantidade por um tempo frio e secco e durante o dia. A humidade quente favorece a sua formação e parece augmentar suas propriedades nocivas. Quer sejam mais abundantes, quer o corpo esteja mais mal disposto, é constante que as emanações miasmaticas são mais temiveis de noite do que de dia. Finalmente, a influencia da luz e da obscuridade sobre as emanações está bem conhecida. Sabe-se, por exemplo, que as flôres odoríferas, que se não devem accumular no quarto de dormir, desenvolvem muito mais aroma depois de ter o sol desaparecido do horizonte. A alteração profunda que o ar recebe das flôres foi demonstrada pelas experiencias de Marigués. Este habil physiologista confirmou com effeito que, no fim de seis horas, o ar fechado em um recipiente de vidro, debaixo do qual se tenha posto uma rosa, fica viciado a ponto de apagar duas vezes seguidas uma vela accesa.

Podéramos, na verdade, ter grandes motivos para nos assustarmos da infecção da atmosphera pela grande quantidade de miasmas que ella recebe a todos os

instantes, se não soubessemos que a Providencia tem previsto tudo para a conservação dos entes a quem gratificou com a vida. Assim, esse gaz acido carbonico não respiravel que exhalamos de nossos pulmões, que desenvolvemos das nossas luzes; esses vapores maleficos que sahem das materias animaes e vegetaes em decomposição, em fermentação; tudo isso, em virtude das leis geraes, cessa de existir no estado miasmatico para entrar em novas combinações favoraveis á vida. Os principios de vida e de morte se tocam e se confundem na natureza. Repetimos, por consequente, que o ar sempre alterado volta continuamente á sua pureza primitiva. As arvores e as plantas trabalham mui activamente para esta depuração salutar; para se desenvolverem ou entreterem, as plantas decompõem as emanações malignas, os ventos as dispersão, os mineraes tambem apoderão-se dellas e as submettem a novas combinações, e por estas continuas transformações o equilibrio dos elementos nunca é perturbado de uma maneira duravel. Entretanto existem miasmas que parecem resistir obstinadamente ás acções dissolventes e depurantes da chimica e physica geral; taes são os miasmas da febre amarella, da peste, da cholera-morbo.

O corpo humano, mergulhado em uma atmosphera miasmatica, é accessivel á infecção por todos os pontos, mas sobretudo por via da respiração. Com tudo isso, a acção dos miasmas é inconstante como todas as causas de molestia; sem a predisposição do corpo, são todas impotentes. Os individuos naturalmente fracos e medrosos, os que são debilitados por privações, pezares ou fadigas, resistem menos a esta acção.

Regras sanitarias relativas ás emanações. Pôr o corpo nas condições mais favoraveis para que possa resistir-lhes, occupar-se em purificar ou esgotar a sua fonte, taes são os meios preservativos contra os miasmas. Claro fica que é preciso afastar-se dos focos de infecção todas as vezes que fôr possivel.

Convém evitar a residencia , ainda a menor , perto de pantanos pestiferos ou de qualquer outro fóco de emanações perigosas ; nunca expôr-se ao embate do vento destes fócos ; preferir , quando se está no mar , vogar antes ao largo do que approximar-se das costas , sobretudo se se sabe que ellas são insalubres : é necessario emfim escolher bem sua ancoragem .

Em virtude do mesmo principio , é preciso não estabelecer hospitaes , quarteis , prisões , etc. , nem levantar acampamentos na vizinhança dos fócos ; cumpre abandonar , como foi necessario fazer com um hospital na Jamaica , os estabelecimentos em taes lugares construidos , e até destrui-los , partido que , segundo o que refere Humboldt , o governo esteve muitas vezes para tomar a respeito de Vera-Cruz .

Quando é necessario absolutamente viver perto dos fócos , é preciso pôr o organismo na melhor situação de resistencia . O primeiro ponto consiste em evitar os excessos de qualquer especie que sejam , pois que todo o excesso é debilitante e todo o debilitante diminue a potencia de reacção contra os miasmas . Assim nada de vigalias , de fadigas physicas ou moraes , de abusos venereos , de intemperança nos alimentos e nas bebidas . Regimen são , vegetal e animal , proporcionado á necessidade e ás forças digestivas . Mudar o menos possivel seus costumes , e corrigir sómente os que são máos . As emanações pantanosas são sobretudo nocivas de manhã quando o sol se levanta , e de tarde depois do seu occaso ; é preciso neste tempo evitar o expôr-se ao ar exterior , e convém ter as janellas fechadas durante a noite .

O poder do homem sobre os miasmas , para prevenir o seu desenvolvimento , é immenso , e se quizesse dar-se cuidadosamente ao trabalho , quasi todos os fócos de infecção serião destruidos . O esgoto dos pantanos e de todas as especies d'aguas dormentes preservaria de muitas especies de febres que affligem uma infinidade de regiões da terra . Convém que os canaes que levão os liquidos alterados , mórmente

os grandes desaguadeiros, estejam em declive e bem unidos; nunca se devem consentir depositos de imundicias nas vias publicas; as ruas devem ser bem calçadas, os cadaveres de toda a especie enterados; é necessario manter o asseio dos navios, desembaraça-los da lama fetida que faz no seu porão um pantano; preferir antes, para limpar o interior destes navios, raspar as taboas do que lava-las; fazer ventilações com as mangueiras; emfim, recorrer ao uso das substancias desinfectantes de que fallámos no artigo DESINFECÇÃO.

As industrias insalubres devem ser removidas para longe das habitações, e os homens dados a ella terão grande cuidado de proteger a sua saúde arejando os lugares em que trabalhão, entretendo um restricto asseio e empregando outros meios de desinfecção. Os cemiterios mais bem situados são os que se achão apartados das casas; seu terreno deve ser enxuto, um pouco inclinado e accessivel aos ventos. Serão espaçosos, de sorte que cinco ou seis annos e mais decorrão sem ser preciso mexer-se nas covas, cuja profundidade conveniente deve ser de cinco a seis pés. Fallando das latrinas, cada casa conserva um fóco de infecção obrigado, cujos inconvenientes podem entretanto ser diminuidos tendo-se todo o cuidado no asseio, empregando-se os fossos inodoros, ou collocando-se os barris o mais longe possivel dos quartos habitados.

Quando não se póde impedir a formação dos miasmas, é preciso ao menos favorecer a sua diffusão. Isto se consegue procedendo-se nas cidades ao alargamento das ruas, ou abrindo-se os quarteirões mal arejados; não se permittindo que se edifiquem casas de muitos andares; multiplicando-se nos hospitaes, quarteis, prisões, etc., as portas e as janellas, procurando que se correspondão, deixando abertas, quando o tempo o permittite, as portinholas e as escotilhas dos navios; abatendo certos matos ou morros que concentão os miasmas em um valle ou impedem a chegada dos ventos que devem dispersa-

los, etc., etc. Esta ultima indicação deveria ser applicada ao morro do Castello da cidade do Rio de Janeiro, que impede o sopro dos ventos dominantes, e com cujo desmoronamento a saúde publica da côrte lucraria muito.

Póde-se operar a diffusão dos miasmas agitando-se com largas superficies o ar dos lugares circumscriptos. Isto se faz em alguns hospitaes removendo-se com portas a atmospherã das salas. Este meio póde bastar para renovar o ar de um quarto de mediocre extensão. O mesmo effeito póde-se obter removendo-se violentamente o ar pela deflagração da polvora, e por isso aconselha-se que se dispare uma pistola nas partes dos navios onde, como o porão e a coberta, o ar não circula.

Obtem-se tambem de uma maneira mais certa a diffusão dos miasmas, estabelecendo-se, por meio do calor, entre a atmospherã viciada e o ar externo, uma corrente que deite uma no outro. Muitos meios podem preencher esta indicação.

Os primeiros e os mais simples são as chaminés. Sendo o fogo acceso no fogão e estando as portas abertas, o ar de um quarto é promptamente renovado. Os fogareiros conseguem o mesmo fim, mas com menos efficacia.

Duhamel adaptou ao intervallo situado entre a cozinha dos officiaes e a da tripulação, nos navios, intervallo em que o ar é sempre quente, tubos que, mergulhados no porão e na coberta, recebem o ar viciado que se acha nelles constantemente. Um processo semelhante foi inventado por Sutton, em Inglaterra, mas era mais efficaz, porque os tubos respiratorios são adaptados ao mesmo fôco de cozinha. Eis-aqui a explicação da acção destes apparelhos. O ar contido no tubo, sendo rarefeito pelo calor, attrahe o ar viciado do porão, o qual, á proporção que vai subindo e sahindo pelo canudo, é logo substituído pelo ar exterior, que chega ao porão por sua abertura natural.

O unico estabelecimento de um fôco de combus-

tão sobre uma das aberturas de um lugar circumscripto basta ordinariamente para renovar a sua atmospherá. Emprega-se ás vezes um fogo de lenha. Usão-se também fornhalhas, que por isso são chamadas ventiladores ou purificadores. Consistem em fogareiros ordinarios, armados ou não de um tubo, os quaes, sendo abertos pelo fundo, forção a corrente do ar a atravessar o seu fóco; e este fóco é um simples tubo guarnecido de uma grade de ferro no meio e cuja parte superior se enche de carvões accesos. Em 1780, para se purificarem os carneiros de uma igreja de Malta, propozeraõ uma fornhalha de tijolo quadrada e construída sobre uma grade de ferro com a dimensão da abertura do carneiro, afim de que o ar não pudesse passar senão através da fornhalha. Demais, estas diversas fornhalhas não podem ser uteis senão para os lugares que tenham pelo menos duas aberturas, o que apresentam constantemente os canos e as cloacas. É preciso que o ar exterior penetre pela abertura livre, varra o ar viciado e saia pela abertura em que se acha o fogo. Não se deve empregar este meio para os carneiros das igrejas, os quaes geralmente são só abertos de um lado, senão depois de tê-los furado em outro lugar. A escolha da abertura que deve receber a fornhalha não é indifferente. Deve-se preferir aquella em que se suppõe que se terá uma sahida mais rapida, e que esteja situada de tal maneira que as emanações que passarem por ella incommodem o menos possível a vizinhança.

A salubridade das salas dos theatros se obtem por meio de um processo analogo. Uma chaminé de tamanho sufficiente é collocada por cima do telhado no lugar correspondente ao lustre e communica-se com a sala por sua abertura inferior. O lustre e o calor da sala fazem o resto. Ao mesmo tempo um systema de tubos está organizado para conduzir á sala o ar exterior, e dirigido de maneira que não venha tocar immediatamente os espectadores. Seria muito para desejar que se procedesse com iguaes

cautelas á purificação dos hospitaes, das prisões e de todos os lugares onde uma quantidade de homens são ou doentes devem viver ou restabelecer-se em um espaço circumscripto.

Vê-se que a questão dos miasmas é uma das que mais interessão a saúde publica e privada; quanto ás outras circumstancias que mais ou menos directamente versão sobre este assumpto, acha-las-ha o leitor nos artigos ASPHYXIA, CONTAGIO, DESINFECCÃO, PANTANOS.

MILHO. Fructo do *Zea mais*, Linneo, planta que dá por todo o Brasil. Apresenta-se debaixo da fórna de espigas de tamanho e comprimento variaveis, cobertas de grande numero de escamas. Estas espigas são solitarias, compoem-se de um sabugo mui espesso e de fructos propriamente ditos, globulosos, deprimidos em certas partes, lisos, luzidios, de côr amarella, branca ou rôxa, conforme as variedades. Estes grãos contêm uma substancia branca ou amarellada, farinacea e mui nutriente.

O milho é um dos vegetaes mais preciosos; constitue a base do sustento dos habitantes das provincias centraes do Brasil, ora em grão depois de despido da casca e fervido até ficar molle debaixo do nome de *cangica*, ora em pirão depois de reduzido em farinha chamada *subd*, pela socagem ou moagem. O *cuscuz* é outra preparação do milho grosseiramente socado e cozido dentro de um panno á moda da Africa. Preparão-se outras muitas iguarias, temperando a farinha de milho com leite, ovos, assucar, etc. Na Europa faz-se do milho um pão saboroso e umas papas mui gostosas conhecidas com o nome de *polenta*.

Os homens alimentados com o milho são, segundo muitos observadores, mais fortes e sustentão melhor as fadigas do que os que se nutrem com centeio, trigo, cevada; as amas tem mais leite e as crianças crescem melhor. Muitos doentes, cujo estomago recusa alimentos mais faceis de digerir, dão-se muito bem com o milho, e existem casos de pessoas magras e em estado desesperado que recobrarão as forças

e a gordura pelo uso de farinha da milho cozida n'agua e temperada com manteiga. O milho é aconselhado na tísica com vantagem: faz-se um cozimento com agua e adoça-se com assucar; o doente bebe por dia duas a tres chicharas deste cozimento.

MILHOMENS ou JARRIHNA. (*Aristolochia trilobata* e outras especies, Willdenow.) Planta trepadeira do Brasil. Folhas trilobadas, raiz de grossura variavel desde a de uma penna até á de um dedo pollegar. roxa escura e rugosa por fóra, composta interiormente de duas partes: externa, molle, de côr amarella avermelhada sendo fresca, e interna mais dura, lenhosa e amarella; cheiro forte, desagradavel, sabor amargoalconforado. A infusão de raiz de milhomens, que se prepara com meia onça desta raiz e 16 onças d'agua fervendo, pôde ser empregada com vantagem em lavatorios contra as feridas antigas.

MILIARIA. Molestia assim chamada por causa da semelhança das vesiculas ou botões que a constituem com grãos de milho. Com effeito, a miliaria é caracterisada pela erupção de vesiculas mui pequenas derramadas em numero variavel sobre a superficie do corpo, acompanhadas ou não de febre; existem ás vezes suores abundantes. A pelle é vermelha em roda das vesiculas. A epiderme, levantada pela serosidade leitosa, apresenta como uma multidão de pequenas perolas. Estas vesiculas não tardão em seccar, e são seguidas de uma escamação farinacea. Observão-se ás vezes muitas erupções successivas, e a molestia pôde assim durar oito, dez e quinze dias.

A miliaria não é molestia grave. O seu tratamento consiste na dieta e no uso de bebidas diluentes, que são: cozimento de cevada, de grama, chá de borragem. No periodo da deseccação, convém administrar algum brando purgante e tomar um banho d'agua morna do corpo todo.

MIOLOS. *Vêja-se* CEREBRO.

MISTURA. Em pharmacia chama-se *mistura* a reunião de medicamentos mui activos e que se

tomão por gottas com assucar, ou n'um copo d'agua, ou em alguma outra bebida. Dá-se tambem o nome de *mistura* a medicamentos compostos que não são outra cousa mais que *poções*.

MODORRA. *Vêja-se* SOMNOLENCIA.

MOLA. Massa de estructura variada que se desenvolve no utero, em lugar do feto, e é expulsada mais ou menos tarde depois da sua formação. As molas são ordinariamente o resultado de uma concepção cujo desenvolvimento não foi regular, e por isso são frequentemente formadas de massas de carne em que se encontram ossos, dentes, cabellos, que annunciação que são o producto da destruição de um feto.

As molas podem existir no utero desde onze a quatorze mezes; entretanto, o maior numero dellas é expulsado do terceiro ao sexto mez.

É mui difficil verificar a presença de uma mola no utero, sobretudo nos dous primeiros mezes: seus symptomas são os de uma prenhez dolorosa; a mulher experimenta um peso no baixo-ventre, de vez em quando sobrevem pequenas perdas de sangue aguado: estes signaes de certo são mui vagos. Mais tarde o ventre é mais proeminente; o utero, cada vez mais pesado, parece cahir do lado de que a mulher se inclina. Não se sente movimento de feto; em vão se procurarião as pancadas do seu coração.

A expulsão da mola é ás vezes penosa, lenta e precedida, como no aborto, de hemorragias repetidas; outras vezes é, pelo contrario, facil e rapida. Esta expulsão torna-se perigosa se sobrevem uma grande perda de sangue. O tratamento desta hemorragia e outros cuidados que reclama a mulher depois da expulsão da mola são os mesmos que vão indicados nos artigos ABORTO, Vol. I, p. 3, HEMORRHAGIA DO UTERO, Vol. II, p. 356, e PARTO.

A mulher não deve desesperar de ter mais tarde boa prenhez e de parir no termo exigido pela natureza: os exemplos disto são mui numerosos.

Existe ainda uma outra degeneração do embryão

chamada *mola hydatica* ou vesicular; tem a séde nos envoltorios do feto e parece ser a causa de sua morte, e não o seu effeito, como succede na mola precedente. Suas causas não são conhecidas.

A mola hydatica é constituida pela dilatação dos grãos da placenta; estes grãos se reúnem em fórma de cacho, e no mesmo tempo a cavidade central do ovo humano diminue e desaparece. Tudo o que se refere a esta especie de mola differe pouco do que temos dito da precedente.

As molas hydaticas são ordinariamente expulsas por pedaços e em muitas vezes.

MOLESTIAS DOS OLHOS. *Veja-se* OLHO.

MOLESTIAS DA PELLE. *Veja-se* EMPÍGEM, SYPHILIS, MORPHÉA, etc. Os medicos chamão *empígem* ou *dartro* o que vulgarmente chama-se *molestia da pelle*.

MOLESTIAS DAS VIAS URINARIAS. *Veja-se* OURINA.

MORANGO. Fructo do morangueiro (*Fragaria vesca*, Linneo), planta cultivada em algumas hortas do Rio de Janeiro. É um dos fructos mais suaves que existem. Sua fórma e sua côr differem conforme as variedades; é vermelho ou branco, redondo ou oblongo. Seu tamanho varia tambem conforme a qualidade do terreno e a exposição; infelizmente parece que perde em perfume o que ganha em volume. Este fructo é refrigerante e diuretico. O aroma do morango combina-se agradavelmente com assucar; algumas pessoas ajuntão-lhe vinho tinto, vinho branco ou leite.

MORDECHIM. *Veja-se* CHOLERA-MORBO, V. I, p. 347.

MORDEDURAS DE ANIMAES VENENOSOS. 1.º

MORDEDURAS DE ANIMAES DAMNADOS. *Veja-se* HYDROPHOBIA, Vol. II, p. 386.

2.º MORDEDURAS DAS COBRAS. *Veja-se* Vol. I, p. 386.

MORMO. Na arte veterinaria, chama-se *mormo* um escorrimento, pelas ventas de um animal, de materia ao principio esbranquiçada e fluida, e depois verde e espessa. Durante muito tempo, o mormo era molestia julgada só propria ao cavallo, ou, para melhor

dizer, aos solípedes, isto é, aos animaes cujo pé tem um só casco; mas uma experiencia tristemente adquirida nestes ultimos annos não deixa duvida nenhuma sobre a faculdade que tem o mormo de se transmittir dos animaes ao homem. Entretanto, não ha exemplos de que possa esta molestia desenvolver-se espontaneamente no homem.

Chama-se *mormo* uma molestia grave, caracterizada por febre, inflammação particular das fossas nasaes, escorrimento pelas ventas de uma materia purulenta, erupção dos botões na pelle e na membrana mucosa das vias aereas, emfim pela formação de postemas mais ou menos abundantes e de escaras gangrenosas.

Quasi todos os doentes observados até hoje erão homens encarregados de tratar de cavallos mormosos, ou que habitavão n'uma estrebaria onde havia cavallos affectados desta molestia. Em alguns casos, a transmissão teve lugar porque a materia virulenta que sahia das ventas do cavallo foi posta em contacto com uma esfoladura ou um córte que existia nas mãos da pessoa infectada; havia então *inoculação* verdadeira. Mas em alguns outros casos, não podendo ser constatada nenhuma destas circumstancias, a molestia foi communicada por uma pura *infecção* determinada por relações frequentes e prolongadas com os cavallos mormosos. Emfim, um caso bem doloroso veio provar que o mormo é igualmente transmissivel do homem ao homem: um joven estudante em medicina, que curava n'um hospital de Paris um arrieiro affectado de mormo, succumbio desta terrivel molestia.

Symptomas. Quando a communicação teve lugar por *inoculação*, durante dous a oito dias não sobrevem accidente nenhum: no fim deste tempo, o ponto que servio de inserção fica vermelho e inchado. Deste ponto parte uma corda vermelha, dura, produzida pelos vasos lymphaticos inflammados; depois sobrevem phenomenos especiaes do mormo.

Quando o mormo foi contrahido *por infecção*, a invasão é caracterizada por calafrios, cansaço geral e febre.

Os primeiros phenomenos que se seguem são dôres nos membros, ás vezes nas costas e no pescoço. Apalpando-se os lugares dolorosos, encontrão-se durezas que se convertem logo em postemas, a pelle que as cobre toma uma côr rôxa e ás vezes se gangrena. Desde o principio o pulso é frequente, e o doente apresenta uma depressão de forças, um estado de torpor acompanhado de vertigens, o que aproxima esta molestia de outras affecções graves taes como febre typhoide ou peste. Em uma época mais ou menos remota da invasão do mormo, apparece um escurrimto purulento e fetido pelas ventas, e mostrão-se na pelle botões duros, vermelhos, que suppurão mui tarde. A voz torna-se fraca e rouca, a respiração embaraçada, as forças vão diminuindo cada vez mais, sobrevem delirios; nodoas gangrenosas se mostrão em differentes partes do corpo; a diarrhéa, que existia já desde alguns dias, vai augmentando, e o doente succumbe no meio de uma prostração extrema.

A marcha do mormo é *aguda*, isto é, a molestia se termina ao fim de um espaço de tempo que varia entre oito e trinta dias. Tem-se citado alguns casos em que a molestia tem seguido uma marcha *chronica*, isto é, que durou muitos mezes. Todos os casos de mormo agudos, observados no homem, acabárão pela morte, com excepção de dous unicos factos sobre cuja natureza existem ainda duvidas e que sarárão.

Tratamento. O que cumpre fazer para combater o mormo? Tudo deve ser permittido contra uma molestia que até hoje tem triumphado de todos os meios que se tem empregado contra ella. Aconselhão-se seringatorios no interior do nariz com mistura de uma parte de creosota e oito partes d'agua, ou com agua de Labarraque. Internamente administrar a poção seguinte :

Cozimento de quina	8 onças.
Ether sulfurico	30 gottas.
Acetato de ammoniaco	1 oitava.
Xarope de gomma	1 onça.

Misture. O doente tomará quatro colheres de sopa desta poção, de duas em duas horas.

É preciso duas ou tres vezes por dia espalhar no quarto do doente uma pouca d'agua de Labarraque.

A attenção deve ser sobretudo dirigida para os meios de evitar o contagio e de prevenir os seus effeitos. Todas as pessoas obrigadas a appproximar-se dos cavallo mormosos devem observar o maior asseio, não dormir nas estribarias, evitar o contacto das materias que sahem das ventas ou das postemas, lavar as mãos com agua de Labarraque depois de cada contacto; e se por acaso esta materia cahir n'uma ferida, n'uma arranhadura, iustantaneamente lavar a parte com muita agua e cauterisar com um pincel de panno de algodão molhado em oleo de vitriolo. Seria para desejar que a policia vigiasse sobre os estabelecimentos que contém muitos cavallo ou bestas, e mandasse immediatamente matar os animaes mormosos.

MORPHEA. A *morphéa*, mal de São Lazaro, mal feio ou *elephantiase dos Gregos*, é uma molestia cutanea caracterisada, no seu maior gráo de desenvolvimento, por pequenos tumores ou *tuberculos* que se mostram principalmente no rosto e nas orelhas, e ao depois na bocca, nos membros, etc., susceptiveis de persistirem mui longo tempo em um estado de dureza, ou de terminarem pela ulceração, e ás vezes pela resolução. O desenvolvimento dos tuberculos é precedido de nodos que nos homens brancos são roxas ou avermelhadas, e nos negros mais escuras do que a pelle. Quando, depois, a molestia faz progressos, os tuberculos inflamão-se, tornão-se molles e ulcerão-se. O pus destas ulcerações sécca promptamente e se transforma em crostas adherentes roxas ou pretas. Debaixo destas crostas formão-se ás vezes boas cicatrizes, mas esta terminação é rarissima.

Causas. Esta molestia, pouco commum nos climas temperados, é, pelo contrario, mui frequente nos paizes quentes, na Africa, nas Indias, nas Antilhas e no Brasil. O calor e a humidade parece que favorecem o seu desenvolvimento, e observa-se principalmente nas regiões pantanosas, onde estas duas condições se achão reunidas. A morphéa encontra-se n'um paiz mui frio, que é a Noruega; mas o resto da Europa está quasi inteiramente livre desta molestia, com excepção de alguns pontos do littoral do mar Mediterraneo, taes como a Provença em França e o Piemonte, onde ainda hoje se encontrão alguns casos isolados. O desalinho, a falta de cuidado, a miseria, as causas de insalubridade que obrão especialmente sobre a pelle, tem tambem muita influencia sobre a producção desta molestia. Uma alimentação má, e sobretudo o uso de peixes corruptos, salgados, de carne de porco salgada ou fumada, pôde-se tornar, segundo o juizo de muitos medicos, a causa da morphéa.

Em todos os tempos tem existido o terror quanto ao character contagioso da molestia. As leis antigas recommendavão as precauções mais severas, e o costume que existe em muitos paizes de apartar os morpheticos prova quanto é grande o medo da communicação da morphéa. Entretanto, apesar da opinião vulgar, não está de maneira alguma demonstrado que a morphéa se possa transmittir por contagio; muitos factos tendem a provar, pelo contrario, que as communicações mais approximadas e mais frequentes, taes como aquellas, por exemplo, que podem existir entre um marido e uma mulher, não bastão para determinar a transmissão da molestia.

Symptomas da morphéa. Primeiro periodo. A molestia se declara de uma maneira quasi insensivel: apparecem no rosto ou outras partes do corpo simples nodoas roxas ou vermelhas mais pretas que o resto da pelle ou avermelhadas no negro. Os medicos pouco praticos desta molestia se enganão frequentemente julgando serem estas nodoas syphiliticas ou

simples empigens. Mas se é ás vezes impossivel annunciar a existencia da morphéa pela apparição de certas nodoas, não se pôde duvidar das que tem uma *depressão* no centro. Com effeito, quando se mostra este caracter, pôde-se quasi com certeza reccar a declaração da molestia. Estas manchas resistem a todos os tratamentos que se podem dirigir contra ellas, e são frequentemente affectadas de insensibilidade e de entorpecimento.

Segundo periodo. Logo a molestia se pronuncia por signaes menos equívocos: o rosto toma uma côr roxa ou azulada; frequentemente o tecido cellullar da testa e do rôsto principia a ficar espesso, a pelle se levanta e adquire uma côr de cobre. O nariz fica mais grosso e muda de côr, as orelhas tornão-se mais espessas, as palpebrás inchão, os olhos ficão humidos. A insensibilidade das partes intumecidas torna-se mais manifesta. Os cabellos que existem sobre as manchas mudão de côr, e depois cahem. Os beiços augmentão de volume; o halito torna-se fetido, a voz rouca. Ao mesmo tempo os doentes adquirem um caracter sombrio; tem vergonha e horror de si mesmos, perdem a actividade e forças. Ás vezes a molestia para neste grão, e pôde assim persistir estacionaria por muitos annos.

Terceiro periodo. Aqui a fôrma tuberculosa apparece de uma maneira mui distincta. Especialmente no rosto, elevações arredondadas, molles, lividas, vem dar á molestia um caracter particular. Estes tuberculos, cujo volume varia desde as dimensões de uma ervilha até a de uma noz e mais, são de duas especies: uns *superficiaes*, redondos com uma depressão central; outros *subcutaneos* e formados pelo engurgitamento do tecido cellullar. As mãos dos doentes tem um caracter particular; são em geral gordas, molles e rugosas; ás vezes toda a pelle tem um aspecto luzidio, como se estivesse embebida de azeite.

Quarto periodo. Os symptomas adquirem ainda maior intensidade. Os tuberculos ficão molles, abrem-se, cobrem-se depois de crostas pretas, ou

dão lugar a um escorrimento abundante. As úlceras são de côr vermelha escura com margens duras. Os dedos se curvãõ, as unhas cahem. Os doentes nesta época cahem n'um abatimento e n'um desespero profundo; perdem as forças e emmagrecem.

Tratamento. Muitos medicamentos tem sido ensaiados contra a morphéa. Tem-se recorrido ás sangrias, aos purgantes, aos sudoríficos, ás preparaçõs antimoniaes, mercuriaes, arsenicaes, quasi sem vantagem. A sciencia espera ainda novas luzes sobre esta molestia. Os doentes devem mudar frequentemente de roupa, entregar-se a brandos exercicios, lavar a miudo as úlceras com decocção de malvas ou de linhaça e ter o maior asseio. Seu regimen será brando, composto principalmente de leite e vegetaes; a abstinencia das carnes salgadas, das especarias e de todos os estimulantes, é de absoluta necessidade. A emigração para outras regiões é o mais poderoso meio de melhorar desta molestia, produzida por influencias locaes. O uso do leite de uma ama sãa pôde neutralisar n'uma criança uma disposição hereditaria.

Citãõ-se curas obtidas com o hydrochlorato de ouro empregado em fricções na lingua. Eis-aquí a receita deste medicamento:

Hydrochlorato de ouro	1 grão.
Pós de lirie florentino	11 grãos.

Misture exactamente e divida em 12 papeis. O doente esfrega a lingua com o dedo molhado na saliva e coberto de um papel destes pós, uma vez por dia. Estas fricções devem ser continuadas ao menos por dous mezes.

As preparaçõs de iodo tem-se mostrado uteis contra a morphéa. As receitas deste medicamento são as seguintes:

Tintura de iodo	1 onça.
-----------------	---------

O doente toma 10 gottas desta tintura, misturadas n'uma chicara d'agua fria com assucar, duas vezes por dia. Augmenta-se progressivamente todos os dias

a quantidade das gottas de tintura de iodo até 20 gottas.

Ao mesmo tempo que se usa internamente desta preparação, fazem-se duas vezes por dia fricções nos tuberculos morpheticos com a pomada seguinte:

Iodo	1/2 oitava.
Banha	1 1/2 onça.

Misture.

A mesma pomada se emprega para curar as ulceras morpheticas.

Depois de dous mezes de uso de iodo, o doente ha de recorrer ao iodureto de ferro, segundo a seguinte receita:

Iodureto de ferro	1 oitava.
Extracto de genciana	1 oitava.

Faça 24 pilulas, para tomar duas por dia, uma de manhã, outra de noite.

O tratamento hydropathico, que consiste no uso d'agua fria, interna e externamente, tem tambem produzido curas da morphéa. (*Veja-se* HYDROPATHIA, Vol. II, p. 386.)

O uso do *guano* que foi aconselhado não parece que tenha sido bem succedido. (*Veja-se* GUANO, Vol. II, p. 344.)

Alguns lavradores preconisão o inhame como um poderoso meio contra a morphéa. Esta batata pôde ser tomada como alimento em farinha, ou cozida, e pôde ser dada em banhos.

O assacú foi tambem empregado com alguma vantagem. (*Veja-se* Vol. I, p. 459.)

Dos erros que existem a respeito desta molestia, devemos indicar como o mais perigoso o emprego da mordedura da cobra cascavel para curar a morphéa. Um factó desgraçado que prova a inefficacia deste meio acha-se relatado no Vol. I, p. 379.

MORPHINA. É uma base organica que existe no opio. Sendo obtida pelos processos chimicos, apresenta-se debaixo da fôrma de agulhas prismaticas. Combina-se com os acidos e forma saes que se empregão em medicina e que gozão de propriedades

do opio, porém muito mais energicas. Os saes que se empregão com mais frequencia são acetato e hydrochlorato de morphiua. Administrão-se para provocar o somno e acalmar as dôres na dôse de 1/4 a 1/2 grão.

MORTE. O naturalista Plinio, considerando a incerteza dos signaes da morte, disse que a condição do homem era tal, que até se não podia fiar da morte. Com effeito, a morte é *real* ou *apparente*. A primeira annuncia que a resistencia da força vital ás leis destructivas tem cessado, e que o corpo obedece ao imperio das reacções chimicas: é então *cadaver*. A morte apparente não é, pelo contrario, senão um simulacro da morte, que provém da suspensão momentanea da vida externa, sem que a vida interna tenha cessado; na morte real, a vida externa e interna tem parado. Existe um grande numero de factos authenticos que provão que erros sobre a morte tem sido commettidos. A asphyxia, a apoplexia, a syncope, a catalepsia e muitas outras molestias, podem suspender a vida externa sem destruir a vida interna. Eis-aqui o que refere o *National*, jornal publicado em Paris (18 de dezembro de 1833): «Um acontecimento horroroso acaba de ter lugar em Cognac. Uma moça, mergulhada em um somno lethargico, foi enterrada como morta. Os ultimos deveres acabavão apenas de lhe ser feitos, quando gritos pungentes se fizerão ouvir; procedeu-se immediatamente á exhumação, e um medico praticou uma sangria. Mas, apesar de todos os soccorros, morreu nove horas depois de ter sido transportada para sua casa. • No artigo *Inhumação* referimos outros factos semelhantes que poderão ser consultados pelos nossos leitores. Nesse mesmo artigo achão-se tambem expostos os signaes que distinguem a morte apparente da real, os quaes servirão para impedir estes funestos enganos.

MOSCA DE BICHARIA. *Veja-se* BICHEIRO, Vol. I, pag. 209.

MOSCA VAREJEIRA. *Veja-se BICHEIRO, Vol. I' pag. 209.*

MOSCADA ou NOZ MOSCADA. Amendoa do fructo *Myristica moschata*, Thunberg, arvore das Molucas, cultivada no Pará. Esta amendoa é oval, dura, unctuosa, de côr cinzenta avermelhada, com veios cinzentos; cheiro suave e forte, sabor quente. É envolvida por uma especie de capsula, chamada *arillo da noz moscada* ou *macis*, que se divide em tiras chatas, ramosas, cartilagineas, frageis, muito vermelhas quando está fresca, mas fazendo-se amarellas com o tempo; é a substancia mais aromatica de todo o fructo. A noz moscada é um estimulante poderoso; emprega-se principalmente na arte culinaria; facilita as digestões.

MOSQUITO. Todos conhecem estes insectos importunos, que se achão sobretudo em abundancia nos lugares aquaticos. Avidos de sangue humano, perseguem-nos em toda parte, furão-nos a pelle, que muitas vezes nem os vestidos podem preservar, e depoem na picada um licôr venenoso, que é causa da dôr e da inchação que se manifesta. Não ha outro meio de se preservar de seus ataques senão cercar a cama com um mosquiteiro, especie de sacco feito de cassa. Sem esta precaução, é impossivel descansar quieto de noite, e até de dia. Para preservar os soldados nos quartéis, aconselha-se que se fechem as portas e janellas um pouco antes de se pôr o sol, deixando uma abertura á qual estes insectos se dirigem todos para sahirem, por um effeito do instincto que os leva á luz.

Convém afastar as habitações das aguas estagnadas; nestes lugares os mosquitos achão-se em maior numero, porque suas larvas vivem n'agua. Pelo mesmo motivo, é preciso evitar ter deposito d'aguas em casa.

A agua fria simples ou misturada com uma pouca de aguardente ou com vinagre é o melhor remedio para prevenir a inflamação das picadas dos mosquitos; é preciso tambem abster-se de se coçar.

MOSTARDA. (*Sinapis nigra*, Linneo.) A mostarda que serve nas mesas é a semente moída com vinagre, e ás vezes com vinho. Muitos fazem entrar outros ingredientes na fabricação da mostarda, taes como rábão, pimenta, assucar, etc. Esta substancia, tomada em pequena quantidade, estimula o estomago e augmenta as forças digestivas; mas o abuso deste condimento póde produzir irritações intensas.

Reduzida a pó, esta semente constitue o que se chama farinha de mostarda, medicamento de uso quotidiano e de uma efficacia incontestavel. Os banhos de pés a que se ajunta farinha de mostarda obrão como derivativos contra as dôres de cabeça, congestões cerebraes, inflammações dos olhos, do ouvido, da garganta, etc. Com farinha de mostarda e agua quente fazem-se cataplasmas que se chamão *sinapismos*, e que se applicão sobre as pernas, principalmente nas molestias da cabeça.

MOVITO. *Veja-se* ABORTO, Vol. I, pag. 3.

MUCILAGEM. É agua carregada de certa quantidade de gomma, ou de um principio mucilaginoso que tem muita analogia com esta, e que existe em um grande numero de substancias vegetaes, taes como as raizes e folhas de malvas, sementes de linhaça, de marmelo, etc. Estas preparações são viscosas.

MUDEZ. Neme pelo qual se designa o estado de uma pessoa muda ou que se acha na impotencia de proferir uma palavra. A mudez se distingue em *accidental* e de *nascença*. A primeira é symptoma passageiro de alguma molestia e principalmente de affecção cerebral aguda. A mudez de nascença reconhece por causas o idiotismo, a privação ou a má disposição da lingua e a surdez. A mudez que apparece durante alguma molestia persiste, cura-se e se reproduz com esta molestia, sem reclamar emprego de algum meio particular. A mudez que depende do idiotismo e do vicio da conformação da lingua está quasi além dos recursos da arte; emquanto á que provém da surdez, *veja-se* SURDEZ.

MULA ou BUBÃO. O bubão é um tumor mais ou menos consideravel, formado pelo engurgitamento das glandulas da virilha e produzido pelo virus venereo.

Dividem-se os bubões em *inflammatorios* e *indolentes*.

A apparição de um bubão inflammatorio é ordinariamente precedida de uma dôr na virilha, que frequentemente é attribuida ás marchas forçadas. Entretanto, quando se põe a mão neste lugar, percebe-se que uma ou muitas glandulas estão inchadas e são sensiveis á pressão. Pouco a pouco o tumor torna-se mais consideravel, duro, adherente; incommoda muito quando o doente anda; sua superficie torna-se vermelha; apparecem dôres latjantes cada vez mais fortes; enfim, um fóco de suppuração se estabelece com maior ou menor promptidão.

Os bubões indolentes se desenvolvem com lentidão, quasi sem dôr; não apresentam nenhuma mudança de côr da pelle, suppurão raras vezes e sempre com difficuldade.

Os bubões syphiliticos podem terminar pela resolução, pela suppuração, pelo engurgitamento e pela gangrena. A resolução é a mais favoravel; e é falso, como julgavão nossos antepassados, que a sahida do pus tire á causa syphilitica uma grande porção de sua força. Todos os esforços da arte devem, por consequente, tender a obter a resolução, pois que a suppuração prolonga o tratamento, enfraquece os doentes e deixa signaes indeleveis.

As differenças que entre si apresentam os bubões syphiliticos annunciam bastantemente que devem existir grandes variedades no seu tratamento. Se um bubão começa com grande sensibilidade, é preciso applicar cataplasmas de linhaça, usar de banhos geraes, de bebidas diluentes, como a decocção de sementes de linhaça, de arroz, de cevada, e guardar repouso absoluto. Acontece frequentemente que, depois de um certo tempo deste tratamento, o tumor diminue e desaparece enfim inteiramente. Mas se, pelo

contrario, não foi possível vencer a força da inflamação, o bubão acaba por suppuração, o que se conhece pela elevação do seu apice e pela fluctuação que apresenta. Nesta circumstancia, quando a collecção purulenta se tem feito com grande rapidez, ella mesma por si abre sahida, e a cura se opéra sem deixar de ordinario uma cicatriz muito apparente. Quando o trabalho inflammatorio fôr menos prompto, pôde-se abreviar a duração do tratamento local, evacuando o fóco por meio do instrumento. A cicatriz será linear e pouco visivel. Se neste caso se esperasse a abertura espontanea do abscesso, a pelle se tornaria mui delgada, a abertura mui grande e a cicatriz seria disforme. applica-se ás vezes um pedaço de potassa caustica para abrir o tumor; este meio convém todas as vezes que o pus se tem reunido com lentidão, quasi sem irritação inflammatoria, como em alguns tumores escrophulosos, ou tambem quando o fóco é vasto, a pelle violacea, despegada, e sobretudo se existir um engurgitamento não doloroso á roda do abscesso.

A ulcera que resulta da abertura de um bubão deve ser curada com fios untados de ceroto simples; e se houver ainda grande inflammação, applicar-se-hão por cima destes fios cataplasmas de farinha de linhaça. Se carnes esponjosas se oppoem á cura, é preciso toca-las levemente com pedra infernal, ou polvilhar com alumen calcinado e fazer curativos com agua de Labarraque. Os curativos com unguento mercurial são tambem um bom excitante nesta circumstancia.

Durante este tratamento local, é indispensavel empregar internamente, e *logo ao principio*, medicamentos antisiphiliticos (veja-se o *Tratamento geral* no artigo SYPHILIS), sem os quaes a cura não pôde ser solida. Se existem trajectos fistulosos, é preciso cauterisa-los com pedra infernal ou fazer injecções com agua de Labarraque. Cortem-se com tesouras todas as sinuosidades e as margens da ulcera, se estiverem despegadas. Acontece ás vezes, bem que

raramente, que a inflamação do bubão é tão violenta, que acaba por gangrena. As cataplasmas emollientes são os unicos remedios que se devem empregar, e tem quasi sempre bom exito, ainda nos casos mais graves.

O bubão syphilitico indolente, quer se tenha mostrado tal desde a sua apparição, quer não tenha tomado este character senão depois da inflamação mais ou menos viva, deve ser atacado por todos os meios capazes de produzir a sua resolução. O primeiro de todos e o mais efficaz é o tratamento mercurial interno. Empregar-se-hão, ao mesmo tempo, alguns purgantes para provocar uma revulsão sobre o canal intestinal e fricções mercuriaes sobre o tumor, na dóse de uma oitava de unguento napolitano por dia. Vesicatorios applicados repetidas vezes sobre o tumor tem produzido frequentemente a sua resolução ou determinado a suppuração.

Os engurgitamentos da virilha que não dependem do virus syphilitico achão-se descriptos no artigo *INGUA*, Vol. II, pag. 446.

MUNHECA (DESLOCAÇÃO DA). *Veja-se *MÃO*, Vol. III, pag. 18.

MURRO. Veja-se *CONTUSÃO*, Vol. I, pag. 425.

MUSCULO. Veja-se *ANATOMIA*, Vol. I, pag. 100.

MUSGO DA CORSEGA. (*Fucus hilminthocorton*, Linneo.) Planta marinha que dá nas costas do Mediterraneo e da ilha da Corsega. Reunião de filamentos numerosos, curtos, entrelaçados uns com os outros, de uma textura flexivel, de côr vermelha escura, sabor amargo e salgado e cheiro nauseante. Desde o mais remoto tempo se emprega o musgo da Corsega como vermifugo, e merece esta preferencia sobretudo para crianças affectadas de lombrigas. Infundem-se duas a quatro oitavas em uma chicara d'agua quente, coa-se depois, adoça-se com assucar e dá-se a beber. Os boticarios preparão com o musgo da Corsega um xarope que se administra na dóse de uma a duas onças, e uma geléa da qual se dá uma colher de sopa, e mais.

MUSGO ou **LICHEN ISLANDICO**. (*Lichen islandicus*, Linneo.) Este musgo, que dá nas regiões septentrionaes da Europa, e principalmente na Islandia, contém uma fecula abundante e um principio amargo. Emprega-se frequentemente em medicina debaixo da fórma de decocção e de geléa; mas suas preparaçõs apresentam differenças essenciaes, conforme contém maior ou menor porção de parte amarga. Uma decocção de musgo não lavado dá esta parte amarga e constitue uma bebida tonica. O cozimento de musgo que se usa nas molestias do peito se prepara da maneira seguinte: macera-se uma onça de musgo em um quartilho d'agua, por espaço de doze horas, depois cõa-se e deita-se fóra o liquido. Ferve-se então o musgo com dous quartilhos d'agua, até ficar em metade; cõa-se de novo e adoça-se. Misturado com leite e tomado em tres ou quatro vezes por dia, este cozimento é mui vantajoso ás pessoas que tem a expectoração abundante. A geléa de musgo se toma ás colheres de chá nas mesmas circumstancias. A famosa *massa de Regnault*, que os annuncios dos jornaes politicos tem feito tão popular, bem que não tenha superioridade alguma sobre as outras massas peitoraes de nossas boticas, tem por base principal o musgo islandico.

MUSICA. Talvez que o leitor veja com admiração, no meio da triste nomenclatura dos males da humanidade, lançada, como por erro, uma palavra que desperta as sensaçõs mais puras e mais deliciosas; porém, traçando a historia das molestias, devemos tambem fazer a dos meios que podem preveni-las ou combatê-las; e um dos agentes mais poderosos sobre o systema nervoso, um dos de que o medico deve mais esperar ou temer, não poderia passar em silencio.

Chama-se *modo* o tom em que a peça da musica é composta. Os antigos tinham quatro modos principaes. Cada um delles podia inspirar paixões differentes: o modo *phrygiô* excitava a coragem e o furor; o *lydio*, a tristeza, as queixas, os pezares; o *eolio*, a

ternura e o amor; o *dorio*, a piedade e o respeito para com os deoses.

Hoje não temos rigorosamente senão tons maiores e menores; mas podem ser modificados de muitas maneiras. Roger, que compôz um tratado dos effeitos da musica sobre o corpo humano, conta vinte e quatro modos differentes. O primeiro tom, entre os que se chamão maiores, é cheio de magestade e proprio para inspirar a piedade, o amor de Deos. O segundo, quando é temperado, convém á ternura e á compaixão; quando é mais animado, excita a alegria. O terceiro e o quarto gerão melancolia, enternecem e fazem derramar lagrimas. O quinto desperta a alma e a excita ás emprezas difficeis; é notavel por sua nobreza e dignidade. O sexto e o duodecimo respirão o ardor dos combates e inflam-mão a coragem. Os modos menores se referem mais particularmente á tristeza.

A musica pôde acalmar o medo, o pezar, a inquietação e o aborrecimento. Uma branda harmonia distrahe o espirito e o livra das idéas sombrias, cuja continuação pôde alterar o organismo, provoca um somno reparador e suspende as dôres phisicas não menos que as moraes.

Bem longe de inspirar a castidade, como o julgavão os antigos, a musica (pelo menos a musica moderna) é um estímulo poderoso para o amor; inspira idéas voluptuosas, excita os desejos dos sentidos, e poucas senhoras resistirão ás seducções de um bello cantor. A maior parte dellas tem uma inclinação irresistivel para esta arte deleitavel. A musica excita a imaginação, dá movimento ao espirito, cria, multiplica e desenvolve as idéas. Os pintores, os poetas, os litteratos, podem obter della uteis soccorros. Augmenta tambem as forças musculares. O soldado supporta por mais tempo a fadiga e executa mais facilmente as marchas forçadas, quando é conduzido ao som de instrumentos. Uma moça debil, que não pôde andar meia hõra sem experimentar o maior cansaço, passa toda a noite a dansar.

As pessoas mui sensiveis devem evitar uma musica mui dramatica, mui fecunda em emoções, e o deixar-se enlevar por brandas melodias; tal era a musica predilecta de Napoleão, pois que ella só o distrahia nos momentos de suas reflexões, sem occupa-lo fortemente. O que acabamos de dizer de quem ouve a musica é ainda mais applicavel a quem a executa: as emoções do artista são muito mais fortes se chega a fazer partilha-las; então uma verdadeira febre se apodera d'elle, e nesta excitação elle acha um poder sobrenatural; mas como paga caro o artista estes triumphos de um momento! Pallido, anhelante, coberto de suor, cahe sem sentidos extenuado pelos esforços que tem feito; e se estas emoções se renovão frequentemente, esgota sua vida e morre antes do tempo: tal é a historia da maior artista do nosso seculo, M.^{me} Malibran, que succumbio na idade de 28 annos, morta por dez annos de triumphos. Sem duvida uma tal sorte não espera a maior parte das pessoas que exercem a musica; são dados a poucos artistas estes triumphos que matão; mas, como medico, diremos que as moças fracas e nervosas devem moderar seu gosto para esta arte, evitar esta excitação artificial que occasionão os applausos e esforçar-se por produzir os mesmos effeitos por meios que convém melhor á reserva do seu sexo: encantar pela pureza, pela bella simplicidade de sua execução, sem desejarem excitar o enthusiasmo, que só é proprio para animar suas paixões e alterar sua saúde.

A musica póde, em algumas circumstancias, tornar-se um bom meio curativo. Produzirá os melhores resultados nas molestias nervosas. Uma harmonia branda e suave exerce uma acção calmante que será preciosa nas convulsões hystericas, nos ataques epilepticos, na hypochondria, melancolia, alienação mental; doentes se tem visto, ha muito tempo privados do somno, adormecerem aos sons de uma musica cujo rhythmo é sempre o mesmo, e que parece aninar a imaginação fatigada.

MYOPIA. Assim se chama o estado das pessoas que tem a vista curta e que só vêem os objectos de perto. Este vicio reconhece ordinariamente por causa a mui grande convexidade do olho. Às vezes é adquirido. Assim nas crianças pôde ser o resultado do máo costume de olhar de mui perto: observa-se tambem nas pessoas que tem quasi continuamente os olhos fixados sobre objectos muito miudos, como relojoeiros, abridores, etc. A myopia é em geral incuravel; entretanto, acontece ás vezes que, occasionando os progressos da idade um achatamento dos olhos pela diminuição da densidade ou da quantidade dos humores destes orgãos, a vista recobra seu alcance ordinario. Ella se restabelece ainda quando a myopia é o effeito do máo costume. Neste caso é preciso que o myope se exercite a olhar de uma distancia que deve ser cada vez mais consideravel. A habitação da roça em um paiz descoberto, viagens de mar, são mui proprias para conseguirem este fim. Às crianças que tem contrabido este costume, é necessario mostrarem-se-lhes em uma distancia conveniente objectos capazes de excitar a sua curiosidade e impedir-lhes que approximem muito dos olhos as cousas que querem ver. Quando a affecção depende de vicio de conformação, é preciso limitar-se ao uso dos oculos concavos, como um palliativo. Se a grande sensibilidade dos olhos impede o uso de vidros brancos, convém recorrer aos vidros de côr azul ou verde; é prudente principiar pelos numeros mais baixos. É preciso, emfim, ter a cautela de pôr os oculos sempre em uma mesma distancia dos olhos. *Vêja-se Oculos.*

MYRRHA. Gomma-resina produzida por um arbusto da Arabia chamado por Nees *Balsamodendron myrrha*. É em lagrimas ou grãos irregulares, frageis, semi-transparentes, de côr amarella avermelhada, cheiro aromatico pouco agradável, sabor amargo. A myrrha é um medicamento excitante e tonico. Emprega-se nos catarrhos pulmonares chronicos, em pó, na dôse de 10 grãos até 1 oitava por dia.

N

NABO. (*Brassicinapus*, Linneo.) Planta cultivada no Brasil. Existem muitas variedades de nabo, o qual constitue um alimento sãõ . agradável e de uma digestão facil, bem que um pouco ventoso. Preparão-se com este legume varias iguarias, quer com a carne, quer empregando-se o nabo só com a gordura.

NADAR. *Alguns preceitos sobre a natação.*

O corpo humano n'um estado ordinario de saúde , com o peito cheio de ar , é mais leve que a agua. Esta verdade , se fosse mais geralmente conhecida , impediria muita gente de se afogar.

O corpo humano , com o peito cheio de ar , boia naturalmente com a metade da cabeça fóra d'agua , pouco mais ou menos , e não tem mais disposições para ir ao fundo do que um pedaço de pão. Por consequente , a unica cousa que o homem deve fazer para viver e respirar consiste em ser senhor de si , para fazer com que essa parte que fica assim fóra d'agua seja o rosto.

Afoga-se a gente pelas causas seguintes:

1.º Por julgar que um movimento continuo é necessario para impedir que o corpo vá ao fundo , o que a obriga geralmente a estender-se como para nadar , posição em que o rosto fica voltado para baixo , e na qual é preciso ter a cabeça inteira fóra d'agua para respirar. Mas , como não póde ficar nesta posição sem um movimento continuo , o individuo não tarda em ficar esfalsado , ainda que seja bom nadador ; e quando não o é , inuteis esforços farão apenas algumas boas respirações. O corpo , que , por um esforço , se levantou um momento acima do nivel natural , afunda-se de uma quantidade igual quando cessa esse esforço ; o nadador inexperimentado , julgando então que vai ao fundo , perde o tino e

torna-se mais facilmente victima de sua infeliz sorte.

2.º Pelo receio de ser afogado pela agua que entra pelos ouvidos, como aconteceria se entrasse pelo nariz e pela bocca. Cansa uma pessoa suas forças em vão para impedir aquella entrada, e entretanto a agua não pôde penetrar mais longe do que até á membrana tympano, e por conseguinte não pôde fazer mal nenhum. Todas as pessoas que costumão mergulhar deixão sem perigo encher-se d'agua os ouvidos.

3.º Porque quem não sabe nadar e se acha em perigo de se afogar esforça-se geralmente por ter as mãos ácima da superficie d'agua, imaginando que ficaria como amarrado se suas mãos estivessem embaixo; mas esta tentativa é mui nociva, porque toda a parte do corpo que se acha fóra d'agua, juntamente com o rosto, que tambem deve estar fóra, exige, para ser assim sustida, um esforço que já então não se pôde fazer.

4.º Por se não reflectir que, quando o corpo humano boia no mar n'uma posição perpendicular, tendo só uma pequena parte ácima da superficie, toda a onda que passa cobre a cabeça por um momento, e só por intervallos a deixa livre. O habil nadador escolhe este momento para respirar.

5.º Por se não sentir a importancia de ter-se o peito cheio de ar tanto quanto fôr possível: entretanto, isto produz pouco mais ou menos o effeito de uma bexiga de vacca cheia de ar e amarrada ao pescoço, e sem outro esforço basta para se ter quasi toda a cabeça fóra d'agua. Logo que o peito está vasio e que o rosto se acha debaixo d'agua não se pôde respirar; o corpo fica então mais pesado que a agua e vai ao fundo.

Os soccorros que se devem dar aos afogados são descriptos no Vol. I, pag. 20; e a maneira de soccorrer um homem que se afoga é indicada no Vol. I, pag. 22.

Emquanto aos effeitos salutaes que produz o exercicio de nadar, veja-se o Vol. II, pag. 209.

NARCOTICOS. °Dá-se o nome de narcoticos a todos os medicamentos que tem a propriedade de adormecer. Todos tem um cheiro viroso e produzem, em maior ou menor dóse, um envenenamento chamado narcotismo. Administrados de uma maneira conveniente, podem ser de grande utilidade no tratamento das molestias nervosas, dos reumatismos e de quasi todas as affecções acompanhadas de dóres intensas. A esta classe de medicamentos pertencem o opio, belladona, herua moura, meimendro, cicuta, figueira do inferno, tabaco, tridacio, trombeteira. (*Vejaõ-se estas palavras.*)

NARIZ. O nariz é um orgão pyramidal situado no meio do rosto, furado inferiormente de duas aberturas chamadas *ventas*, que dão entrada a dous conductos, as *fossas nasaes*, que communicão com a garganta. As funcções das fossas nasaes consistem em fazer supplemento ás vias respiratorias e constituir o orgão do olfacto. O nariz é composto de ossos, cartilagens, musculos e pelle.

MOLESTIAS DO NARIZ. 1.° *Vicios de conformação.* O nariz póde apresentar muitos vicios de conformação que exigem varios tratamentos. Assim, as aberturas do nariz podem ser tapadas, ou pelo menos fortemente estreitadas; esta lesão é ordinariamente consequencia de um accidente, tal como uma queimadura, o effeito de uma ulcera syphilitica ou outra, etc. Se as *ventas* estão tapadas, é preciso abri-las com um instrumento cortante, e em todos os casos dilata-las por meio de esponjas preparadas.

2.° A *falta do nariz* é um phenomeno mui raro, salvo se esta perda tem sido produzida por uma ferida ou uma molestia; e quando tem lugar, é preciso limitar-se a fazer uso de um nariz postiço, ou recorrer a uma operação chamada *rhinoplastia*, que consiste em fazer um nariz com a pelle das partes vizinhas.

3.° Frequentemente o nariz é *desviado*: não fallamos dessa ligeira inclinação á direita que é attribuida ao costume de assoar-se com a mão direita,

mas desses narizes tortos, que constituem a verdadeira disformidade. Imaginou-se um apparelho particular, feito de tiras de panno de linho, que tem por fim reconduzir o nariz á sua direcção natural. Mas este apparelho, para ser efficaz, deve ter uma acção constante e por muito tempo continuada.

4.º *Feridas do nariz.* As feridas do nariz feitas com instrumentos cortantes podem apresentar algumas variedades: ás vezes consistem em uma simples divisão das partes molles; outras vezes uma porção mais ou menos consideravel do nariz é separada quasi em totalidade; emfim, o nariz ou uma das suas partes é inteiramente separada.

O primeiro destes casos é o menos grave. O tratamento consiste em reunir as margens da ferida com tiras de emplasto adhesivo ou de encerado inglez.

Quando uma porção do nariz foi separada quasi em totalidade, e quando não fica adherente ás partes vizinhas senão por uma simples pellicula ou uma tira mais ou menos estreita, é preciso ainda reuni-la por meio de costura feita com uma agulha e fio de linho. Esta pratica é quasi sempre seguida da reunião e cicatrisação das partes separadas.

O mesmo tratamento deve ser tambem seguido quando uma parte do nariz ficou inteiramente separada. Existem muitos factos authenticos que provão que narizes inteiramente separados por instrumentos cortantes, tendo sido applicados de novo no seu lugar, se cicatrisarão e se reunirão perfectamente com as partes vizinhas. Tal é, por exemplo, a historia referida por Garangeot, de um nariz mordido, lançado n'agua e restituído depois com feliz exito. Por conseguinte, a primeira coisa que se deve fazer, quando uma parte do nariz foi completamente separada, é tornar a pô-la no seu lugar. Se a porção separada está suja, coberta de lama, como acontece frequentemente, é preciso lava-la n'agua morna; se está fria, convém pô-la por alguns minutos em vinho quente. É difficil dizer em

que época não se póde esperar que a reunião se faça; em um caso teve lugar cinco horas e meia depois do accidente. O aspecto murchado, livido, as dentadas e o máo estado da porção separada, não devem fazer desesperar do bom exito, pois que em todo o caso, quando mesmo a tentativa deva ser inutil, não póde resultar disto nenhum inconveniente.

5.º *Fracturas do nariz.* Estas fracturas são produzidas por causas directas, taes como as pancadas, as quedas sobre o rosto, etc. Conhecem-se pela contusão mais ou menos consideravel das partes molles e pela mobilidade dos ossos, que é facil produzir imprimindo-se a estes ossos alguns movimentos lateraes. Ordinariamente os fragmentos ficão no seu lugar; mas quando a pancada foi violenta, estão mais ou menos enterrados do lado das fossas nasaes.

Quando a fractura dos ossos do nariz não é acompanhada de deslocação, basta applicar por alguns dias pannos molhados n'agua fria para prevenir a inflammação. Mas se os ossos estão enterrados, é preciso restitui-los a seu lugar, introduzindo nas fossas nasaes uma sonda de prata ou uma pinça, com que são puxados para fóra, entretanto que os dedos da outra mão os segurão e restabelecem na sua posição natural. Ordinariamente depois da redução, os fragmentos ficão em seu lugar; mas se o abalo foi tão violento que seja preciso segura-los, é facil fazer isto introduzindo nas ventas tampões de fios.

As fracturas dos ossos do nariz se consolidão em pouco tempo.

Quando a fractura do nariz foi produzida por uma causa violenta, existe muitas vezes *commoção cerebral*. É preciso neste caso sangrar o doente e proceder como fica dito no Vol. I, pag. 410.

6.º *Queimaduras do nariz.* As queimaduras do nariz exigem todos os cuidados. Muitas disformidades podem resultar de uma cicatrização viciosa. Assim, tem-se observado ficar a ponta do nariz unida com o beijo ou a face, ou o orificio das ventas ficar

estreitado e até obliterado inteiramente. Cumpre, por conseguinte, prestar toda a atenção durante a cicatrisação. Conforme os casos, é preciso introduzir mechas de fios ou uma sonda nas ventas; é necessário pôr um pano de linho entre o nariz e o beijo ou o rosto, e por meio de ataduras convém levar o nariz para uma direcção opposta áquella para onde o puxa a cicatrisação viciosa.

7.º *Ulceras do nariz.* Varias ulcers ou chagas podem se desenvolver no nariz. Estas ulcers são *venereas, cancerosas, dartrosas, escrophulosas e morpeticas*. Exigem o tratamento proprio a cada uma das molestias de que são symptoma.

8.º *Tumores do nariz.* Tumores de diversa natureza podem se manifestar no nariz. Ha uns que são de pequeno volume e de natureza benigna; estes não exigem cuidado nenhum. Lobinhos ou kystos, que se desenvolvem ás vezes, necessitam a extirpação.

Tumores cancerosos não reclamão aqui uma descripção particular. É preciso recorrer á extracção com bistori.

Tumores elephantiacos. O nariz de certos individuos se transforma ás vezes n'uma massa de cor vermelha violacea ou cinzenta. Esta alteração, que não parece ser senão um desenvolvimento exagerado dos tegumentos naturaes do nariz, póde adquirir uma extensão tal, que resulte disso um tumor analogo, emquanto á natureza, aos tumores elephantiacos do escroto. Chegão estes tumores a ter o peso de muitas libras. Não causão dôr nenhuma; ordinariamente não experimentão transformação de má natureza, e como não é possivel cura-los sem operação, os doentes não se occupão destes tumores senão n'uma época mui adiantada do seu desenvolvimento. É preciso extirpa-los com o bistori.

9.º *Rhinoplastia.* Assim se chama a arte de fazer um nariz inteiro ou em parte com uma porção de pelle tirada na vizinhança ou n'uma região mais remota. As causas que produzem a destruição do nariz e que obrigão a recorrer á rhinoplastia são:

feridas, queimaduras, úlceras, gangrena, etc. Existem tres methodos de fazer um nariz.

I. Os antigos, taes como Celso, Galeno, etc., conhecião a arte de restaurar os narizes em que um accidente qualquer havia produzido uma perda de substancia. Seu methodo consistia em dissecar de cada lado do nariz um pedaço quadrado da pelle que depois approximavão da linha mediana. Este methodo foi seguido e modificado pelos modernos, mas não é applicavel a todos os casos, e não sendo consideravel o espaço que se póde cobrir com os pedaços lateraes, segue-se disto que o methodo de Celso não póde ser empregado senão nos casos em que a perda de substancia é pequena.

II. Muitos cirurgiões italianos da idade media descreverão um processo inteiramente novo.

O methodo italiano consiste em cortar no braço um pedaço de pelle semelhante á forma do nariz que se quer reconstruir, mas que deve tambem ser adherente por sua base; então, depois de ter cortado as margens do nariz destruido, o doente encolhe fortemente o braço de maneira que possa tocar o rosto, e une-se a porção cortada applicando-se a ponta entre os dous olhos e os lados sobre as margens das ventas. Os pontos de costura e as ataduras mantem as partes nesta posição penosa. Depois que a reunião teve lugar, o cirurgião corta a base do pedaço da pelle, dando-lhe a fórma da ponta e das azas do nariz, separa-o do braço, que fica livre, e reune o resto do nariz artificial ao orificio das ventas. Durante algum tempo, é preciso introduzir nas ventas uma sonda de prata, afim de se lhes dar uma fórma approximada da fórma normal. Este methodo está hoje completamente abandonado.

III. Sendo a mutilação do nariz um supplicio muito frequentemente usado na India, a destreza e a humanidade dos homens que se occupão da arte de curar vierão em socorro das desgraçadas victimas a barbaridade. A rhinoplastia é praticada denste paiz desde tempo immemorial. O processo

empregado pelos brahmanes é o mais simples e o melhor. Desenha-se sobre a testa o modelo de um nariz cuja base toque nos cabellos e cujo apice se confunda com a raiz do nariz mutilado. Este molde é cortado e dissecado com cuidado; então, virando-o sobre o rosto e torcendo o pedunculo, o cirurgião applica-o, por meio de uma costura, no lugar do orgão destruido. Depois de effectuada a reunião, corta-se o pedunculo torcido, afim de se dar ao nariz assim reconstruido uma fórma mais regular. Este methodo foi quasi geralmente adoptado pelos cirurgiões modernos que julgão dever praticar a rhinoplastia.

Que devemos pensar da rhinoplastia? Com excepção de certas mutilações *parciaes* que podem ser restauradas facilmente e sem perigo, por meio de um pedaço de pelle cortado na vizinhança, não convém praticar a rhinoplastia. Esta operação não é isenta de perigo; ás vezes tem occasionado a morte. Os narizes postiços de prata, de folha de Flandres ou de papelão pintado, podem ser fabricados com tanta habilidade, que imitem perfeitamente o orgão verdadeiro. Para tornar a applicação mais exacta e a illusão mais perfeita, podem-se adaptar com oculos: ou, para esconder a inserção inferior, o individuo, se é homem, deixará crescer os bigodes. Desta maneira a illusão será a mais completa possível.

10.º *Chagas, ulceras ou feridas no interior do nariz.* Nas fossas nasaes existem ulceras como em todas as outras partes do corpo. Sem fallar das que são symptoma de mormo (*Veja-se Vol. III, pag. 55*), existem ulceras que dependem de vicio escrophuloso, darto, escorbuto, canceroso e venereo. Ha algumas que succedem a um polypo tratado pela excisão ou cauterisação; emfim, existe uma ulcera que é acompanhada de um cheiro fetido e caracteristico, e que se chama *ozena*: fallamos della no artigo OZENA.

As ulceras que dependem da syphilis, das escrophulas, do escorbuto, tem caracteres communs a todas as ulceras, em qualquer parte que se encon-

trão. (*Veja-se o artigo CHAGA, Vol. I, pag. 333.*) Ordinariamente distinguem-se menos pelos caracteres proprios do que pela constituição geral do doente. O tratamento consiste em medicamentos internos, apropriados á natureza de cada uma das molestias de que estas ulceras são o symptoma, e de algumas applicações locaes, taes como ceroto sulfureo, unguento mercurial, etc., conforme os casos.

As ulceras que se desenvolvem sem causa geral, e que se mostram ordinariamente perto do orificio das ventas, devem ser principalmente tratadas por meio de asseio. Aos banhos com cozimento de linhaça ou de malvas é preciso ajuntar curativos com ceroto simples ou ceroto de Saturno.

As ulceras que resultão da extracção dos polypos serão pela cauterisação com pedra infernal.

11.º *Polypos das fossas nasaes.* Os polypos são tumores de diversas naturezas, que se desenvolvem nas cavidades cobertas por uma membrana mucosa. Existem frequentemente nas fossas nasaes.

Não ha cousa mais obscura do que a *causa* desta affecção. Sobrevém ás vezes em consequencia de defluxos repetidos, de pancadas, de quedas, etc.

Os symptomas offerecem differenças conforme o volume do polypo, e póde-se a este respeito assignalar muitos periodos. Nos primeiros tempos, incommodão pouco os doentes, tornando sómente a falla fanhosa; mais volumosos, occasionão dôres na parte superior do nariz, embaração a respiração e são nocivos ao olfacto; enfim, quando são mui grossos e quando encham as fossas nasaes, dão lugar a graves desordens.

As operações propostas contra os polypos são numerosas: a *extirpação*, a *cauterisação*, a *excisão*, estão hoje abandonadas. A *avulsão* goza, pelo contrario, de uma reputação merecida; consiste em arrancar a massa polyposa agarrando-a com uma pinça e rompendo-lhe o pedunculo por meio de diversos movimentos de torsão e de tracção. A *ligadura* é empregada para os tumores situados pouco profundamente:

existe um grande numero de instrumentos mais ou menos complicados para praticar esta pequena operação.

12.º *Corpos estranhos* de diversa natureza podem ser introduzidos casualmente nas fossas nasaes; o que acontece sobretudo ás crianças que mettem no nariz feijões, caroços de frutas, etc. O que se deve fazer neste caso é indicado no Vol. I, pag. 464.

13.º *Hemorrhagia pelo nariz.* *Veja-se* Vol. II, pag. 354.

14.º *Defluxo.* *Veja-se* Vol. II, pag. 4.

15.º *Bichos no nariz.* *Veja-se* BICHEIRO, Vol. I, pag. 209.

16.º *Quédas sobre o nariz.* As quédas sobre o nariz podem produzir uma *hemorrhagia*, uma *contusão* ou uma *ferida*. A primeira cousa que se deve fazer é applicar pannos molhados n'agua fria. Se o sangue corre com força, é preciso tapar as ventas introduzindo dentro pannos molhados n'agua fria. Se ha ferida, depois de tê-la banhado com agua fria por algum tempo, é preciso reunir as margens com tiras de emplasto adhesivo ou com encerado inglez. Ás vezes estas quédas produzem *fractura* dos ossos; o que se deve fazer neste ultimo caso é indicado mais acima, Vol. III, pag. 77.

NASCIDA. Dá-se este nome vulgarmente á *postema* e ao *fruncho*.

NASCIMENTOS SERODIOS e TEMPORÕES. *Veja-se* PRENHEZ.

NAUSEA. Desejo de lançar. Este sentimento penoso precede os vomitos. (*Veja-se* VOMITOS.) Emquanto ás nauseas que sobreveem durante as viagens de mar, *veja-se* ENJÓO, Vol. II, pag. 103.

NAVEGAÇÃO. A navegação é uma das artes que mais honrao o genio audaz e inventor do homem; ella nos faz obter as ricas e uteis producções de toda a terra, accelera os progressos das artes e das sciencias, é o alimento do commercio, fonte da prosperidade dos povos, do poder e da gloria dos estados;

mas os grandes males quasi sempre vem após os grandes bens, como vamos ver.

Um seculo atrás, uma longa viagem occasionava em geral a morte de grande parte de uma tripulação. Quem não leu com assombro as relações das viagens de Christovão Colombo e dos aventureiros hespanhóes, do almirante Anson, de Vancouver, etc. ? Todas as antigas navegações estão cheias de paineis de miseria e de horror. A revolução franceza de 1792 offerece este genero de morte de uma maneira terrivel. Os infelizes padres deportados para Cayena e amontoados no porão dos navios morrião aos trinta ou quarenta por dia, e só com tão grande mortandade pudérão alguns d'entre elles chegar ao lugar do seu destino. O commercio dos negros apresenta tambem tristes exemplos de mortalidade durante a viagem. Digamos entretanto que hoje a hygiene naval tem feito grandes progressos; as molestias que outr'ora fazião grandes estragos nos marinheiros são agora mais raras, e sobretudo muito menos temiveis.

As causas de insalubridade nos navios são assaz numerosas. O homem no mar está effectivamente exposto ás intemperies e ás vicissitudes atmosphericas: além disto, a falta da circulação e da renovação do ar no porão, as emanações que exhalão as differentes materias que constituem as provisões maritimas, a alteração da agua que se accumula no fundo do porão, a fermentação das substancias animaes e vegetaes que compoem os viveres da tripulação, as exhalações de tantas pessoas reunidas em um tão pequeno espaço; tudo isto, viciando continuamente o ar do interior dos navios, produz os mais nocivos effeitos sobre a economia. Uma das causas das molestias que reinão a bordo dos navios é tambem a humidade, não só a de que está impregnada a atmospheria maritima, senão a que existe sobretudo no interior das embarcações. Muítas circumstancias a produzem e entretém. Uma das menores não é a presença de sães deliquescenções na agua do mar. A razão disto é facil de entender. Tudo o que tem sido mo-

lhado por esta agua não secca senão depondo na superficie dos corpos uma camada de sães , que , tendo uma grande affinidade para com a agua , a absorvem na atmosphaera , e ficão assim constantemente sob a fórma liquida. O unico meio de desembaraçar-se desta camada salina é o emprego da agua doce , e concebe-se que muitas circumstancias podem oppôr-se ao uso deste meio.

O que se deve fazer para subtrahir-se á acção destas causas de molestias é assaz simples na apparencia. Sua execução entretanto é muito mais difficil. Recommendar que se renove frequente e completamente o ar em todas as partes do navio , que se não deixe alterar a agua do fundo do porão , que se conservem , tanto quanto fôr possível , todas as partes da embarcação em um estado de seccura , e que se modifiquem as qualidades nocivas do ar quando existão , eis os preceitos judiciosos e de uma incontestavel utilidade. Infelizmente , ao pô-los em pratica , innumeraveis obstaculos se encontrão. É para preveni-los mais ou menos completamente que se applicão os engenheiros encarregados da construcção dos navios e os capitães que os commandão. Não podemos entrar nas descripções technicas sobre os meios que empregar ; digamos sómente que todos os dias a questão faz novos progressos , e que a grande melhora que em sua saúde tem adquirido as tripulações mostra sufficientemente que os esforços não tem ficado estereis.

Accrescentemos alguns conselhos mais geraes e mais facilmente applicaveis. Deve-se sempre evitar a grande reunião de pessoas em um pequeno espaço. Faz-se chegar o ar ás partes baixas do navio não sómente abrindo-se os conductores exteriores , mas ainda por meio de ventiladores de differentes generos. As fumigações guytonianas empregão-se no caso em que o ar é viciado por miasmas desenvolvidos dos individuos doentes. (*Veja-se* DESINFECÇÃO E MIASMAS.) O gaz acido carbónico entra em grande proporção nos miasmas que occupão o fundo do

porão. É o resultado da respiração, e acha-se em tanto maior quantidade quanto maior é o numero das pessoas que ficão nesta parte do navio. É mais pesado do que o ar, circula difficilmente e occupa sempre a parte mais baixa da atmosphera. É a presença deste gaz que se deve attribuir a pouca claridade que derramão as luzes nestes lugares profundos. Se se acha em grande quantidade, pôde produzir a asphyxia. (*Veja-se esta palavra.*) Forma promptamente sobre a agua de cal uma crosta branca que é o indicio certo de sua presença no ar ambiente. Este phenomeno deu a idéa de se embarcar uma certa quantidade de cal, que se faria dissolver em vasos de largas superficies, para absorver, tanto quanto fosse possível, este gaz contido no porão. A precaução de pintar esta parte do navio com cal é, por conseguinte, mui necessaria, e seria para desejar que pudesse ser repetida com poucos intervallos. A renovação do ar pelas mangueiras ou pelas fornalhas ventiladoras é indispensavel para expulsar completamente este gaz nocivo, que é a causa mais commum da morte que se observa tão frequentemente entre os negros que se transportão da costa d'Africa.

É essencial que as pessoas que habitão o navio estejam o menos possível fechadas no seu interior, e respirem pelo contrario o ar livre. Raspando a secco as partes baixas do navio e lavando as que são exteriores, entretêm-se o asseio tão necessario para a salubridade. O costume de derramar torrentes d'agua de mar no interior dos navios é mui pernicioso, pois que favorece a humidade; este meio, por conseguinte, nunca deve ser usado.

A falta de occupação, a isolação, a vida uniforme e tranquilla que se passa no mar, occasionão a tristeza de que nascem a hypochondria e a melancolia. Todos os navegantes reconhecem a necessidade do exercicio e das distracções; e por isso os marinheiros experimentados estão continuamente em movimento, por*mais pequeno que seja o espaço em que podem passear. Todos os cirurgiões

de marinha tem observado que é raro ver-se nas listas dos doentes os homens que mais se afadigão; e o melhor meio de conservar a saúde da tripulação durante o ancoradouro consiste em emprega-la continuamente em trabalhos activos. Os exercicios e os jogos proprios para entreterem a alegria e para prevenirem, por conseguinte, as paixões tristes que abatem a coragem devem ser considerados como uma necessidade da vida maritima.

É inutil insistir sobre as vantagens do asseio de pelle e dos vestidos, sobre a utilidade de sua secura, e, por conseguinte, de sua mudança quando estão molhados; nunca deitar-se com roupa humida, trazer camisas lavadas em agua doce, usar de uma alimentação sã e abundante que não se componha unicamente de carne salgada, evitar os excessos das bebidas alcoolicas, não exigir senão um trabalho moderado, modificar a alimentação e os vestidos conforme os differentes climas, são precauções que a hygiene indica em todas as posições da vida; ellas são applicaveis aos marinheiros ainda mais do que a qualquer outra pessoa.

A maior parte das pessoas apenas entrão em um navio experimentão, pelo effeito do balanço, uma molestia chamada *enjôo*. Nós a descrevêmos em um artigo especial. Outro incommodo que parece habitual no mar é a prisão de ventre, o qual procede da vida sedentaria e da alimentação excitante. Combate-se pela agua do mar, que constitue o melhor dos laxantes, e que se toma pela bocca ou em clyster. O escorbuto é uma molestia que nasce igualmente depois de uma longa residencia no mar, sobretudo quando faltão alimentos frescos e quando se usa mais de carnes salgadas do que de vegetaes; desenvolve-se em todas as latitudes, mas principalmente nos mares frios. (*Veja-se* ESCORBUTO.) Passando-se de um paiz frio para um quente, ha raramente molestias a bordo dos navios, muitas até achão a cura nesta mudança de clima; passando-se,

pelo contrario, de um lugar quente para um lugar frio, ellas se desenvolvem mais frequentemente.

NECROSE. Estado de um osso ou de uma porção do osso privado de vida. A necrose pôde ter lugar sem que as partes molles vizinhas se gangrenem. A necrose é para os ossos o que a gangrena é para as partes molles. A porção do osso affectado de necrose torna-se um corpo estranho analogo á escara gangrenosa, e cuja separação, que se faz necessaria, obtem-se pelos esforços da natureza ou pelos soccorros da arte.

NEPHRITE. *Veja-se* INFLAMMAÇÃO DOS RINS, no artigo RIM.

NERVOS. Orgãos conductores do sentimento e do movimento. Os nervos são cordões esbranquiçados, cylindricos, que partem do cerebro ou da medulla contida na columna vertebral, e se dividem em ramos para se distribuirem ás differentes partes do corpo, onde acabão perdendo-se nos orgãos por uns raminhos tão finos, que se ignora o seu modo de terminação. Estes filamentos nervosos, os mais volumosos dos quaes são da grossura de uma penna de escrever, são da mesma natureza que o cerebro. Segundo alguns physiologistas, circula nelles um fluido invisivel, principio do sentimento e do movimento, e cuja natureza não é conhecida; chamão-lhe fluido nervoso.

NERVOS (MOLESTIAS DOS). As molestias dos nervos tem muitos caracteres que lhes são communs e que as distinguem das outras especies de molestias. O primeiro, e o mais notavel, é a ausencia de uma lesão material apreciavel aos sentidos, donde procede a mobilidade das affecções nervosas, seu desaparecimento subito em muitos casos, sem deixarem vestigios de sua existencia, a conservação da saúde geral apezar dos soffrimentos mais vivos e dos sustos mais exaggerados, os erros e preconceitos relativos ao tratamento, que fazem frequentemente attribuir a um remedio insignificante resultados que são devidos ao acaso ou a uma imaginação abalada. A classe das

affecções nervosas é justamente aquella em que os charlatães achão uma mina rica para explorarem; nella sobretudo os homeopathas vão buscar exemplos de suas curas maravilhosas. Entre os individuos atacados de molestias nervosas, se encontrão os que são chamados, talvez sem razão, doentes *imaginarios*, *scismaticos*, pois que, por serem puramente moraes, nem por isso deixão de existir os seus soffrimentos. A esta classe pertencem tambem os incommodos chamados *ataques de nervos*. (Veja-se Vol. I, pag. 166.) É emfim nestes casos que um medico habil e probo, que reconhece o que ha de falso e de exagerado e o que ha de real e de verdadeiramente morboso nos phenomenos que se apresentam, póde fazer serviços mais importantes ao doente.

Eis tudo o que podemos dizer das affecções nervosas em geral; para as outras particularidades, recorra o leitor a cada um dos artigos especiaes em que estas molestias vão descriptas; taes são: ASTHMA, ATAQUE DE NERVOS, CAIMBRA, COLICA, CONVULSÕES, ENXAQUECA, GOTA CORAL, HYSTERISMO, HYPOCHONDRIA, MELANCOLIA, NEURALGIA, etc.

NEVOA DO OLHO. *Veja-se* BELIDA, Vol. I, pag. 197.

NEURALGIA. Nome de um certo numero de molestias cujo principal symptoma é uma dôr viva, contínua ou intermittente, que segue o tracto de um nervo e de suas ramificações, sem vermelhidão, calor nem inchação. A neuralgia toma nomes differentes conforme o cordão nervoso que affecta; apresenta tambem, em differentes lugares, alguns symptomas particulares; mas as causas e o tratamento de differentes neuralgias são os mesmos.

Causas. São frequentemente obscuras, e muitas neuralgias sobrem sem que se saiba a que causa devem ser attribuidas. A maior parte das pessoas affectadas dellas são magras e mui sensiveis. Sobrem ás vezes debaixo da influencia de uma correnteza de ar que vem tocar uma parte circumscripta, e sobretudo quando o resto do corpo está quente;

pelo effeito dos vestidos molhados, de uma chuva abundante, pelo contacto de um terreno humido sobre o qual a pessoa foi obrigada a dormir, etc. A nevralgia é ás vezes a consequencia de uma picada sobre o nervo ou de sua picada, como acontece ás vezes depois da sangria no braço.

Symptomas. Eis-aqui os symptomas communs a todas as nevralgias: uma dôr mui forte se manifesta subitamente em alguma parte do corpo; parece ao doente que agulhas mui quentes atravessão-lhe o lugar affectado; ás vezes a dôr é a acompanhada de entorpecimento, outras vezes de picadas. O character particular desta dôr é que desde o ponto em que principia se propaga segundo o trajecto do nervo, sem se manifestar nas outras partes. Quando a dôr é lancinante, as picadas são extremamente rapidas. Raras vezes a dôr é acompanhada de vermelhidão, de tumefacção e de augmento de temperatura da pelle; e quando por acaso alguns destes phenomenos existem, são sempre pouco evidentes. A dôr desaparece ordinariamente de repente; torna a voltar depois de intervallos mais ou menos longos, irregulares no maior numero dos casos, mas ás vezes periodicos. Frequentemente tambem a nevralgia deixa de se reproduzir.

Nevralgia facial. É aquella que tem sua séde no nervo facial; é conhecida mais geralmente pelo nome de *tico doloroso*. Divide-se em *frontal*, *sub-orbitaria* e *maxillar*. A primeira (*nevralgia frontal*) é a nevralgia do nervo *orbito frontal*. Nesta molestia a dôr principia emcima do olho, donde se propaga á testa, á palpebra superior, e ás vezes a todo o lado do rosto. Durante o accesso, a palpebra está ordinariamente fechada e o olho doloroso, as arterias vizinhas batem com força, e ás vezes algumas lagrimas correm pelo rosto. Esta nevralgia é uma das mais frequentes. A segunda (*nevralgia sub-orbitaria*) occupa o nervo sub-maxillar. A dôr principia debaixo do olho, propaga-se á palpebra inferior, ao nariz, beijo inferior, e ás vezes aos dentes e ao paladar. Basta

às vezes o mais leve movimento de mastigação para despertar a dôr. Emfim, na *neuralgia maxillar (tipo doloroso)* a dôr se faz sentir no beijo inferior, donde se communica aos alveolos, aos dentes, ás fontes, ás partes lateraes da lingua. Estende-se ás vezes por toda a face. Em alguns casos é mui difficil distinguir esta neuralgia de uma dôr violenta de dentes.

Neuralgia do ouvido. É uma dôr que se manifesta subitamente no ouvido. Não é acompanhada nem de inchação nem de purgação do ouvido. É ás vezes acompanhada de zunido de ouvidos e de uma surdez momentanea.

Neuralgia sciatica. Esta acha-se descripta no artigo separado SCIATICA.

Outras neuralgias são: *neuralgia intercostal*, que affecta o nervo que passa entre as costellas; *neuralgia escrotal*, *neuralgia lombar* (das cadeiras), *neuralgia da planta dos pés*, *neuralgia dos membros*, etc.

Tratamento das neuralgias. É preciso friccionar o lugar doloroso com um dos linimentos seguintes:

1.º Balsamo tranquillo	4 onça.
Laudano de Sydenham	1 onça.

Misture.

2.º Oleo camphorado	4 onça.
Essencia de terebenthina	1 onça.

Misture.

Se a dôr não passar, convém applicar no mesmo lugar um sinapismo, e deixa-lo cinco, dez minutos, um quarto de hora e mais, até que o doente sinta bastante ardor. Se o sinapismo não curar, convém applicar um caustico, se a neuralgia existe na coxa ou n'alguma outra parte do corpo que não se acha descoberta.

Se estes meios externos não produzem o effeito desejado, é preciso recorrer ao tratamento interno, que é o seguinte:

Pilulas de Meglin.

Extracto de meimendro negro	12 grãos.
Extracto de valeriana	12 grãos.
Oxydo de zinco	12 grãos.

Faça 12 pilulas.

O doente toma de uma até tres pillulas por dia.

Pós ferreos.

Sub-carbonato de ferro	1/2 onça.
Cannella.	1 oitava.

Misture e divida em 12 papeis, para tomar um papel de manhã e um de tarde, em meia chicara d'agua fria com assucar.

NEVROSE. Dá-se na medicina este nome a molestias do systema nervoso, e que não se manifestão por nenhuma lesão material apreciavel. *Veja-se* o artigo NERVOS (MOLESTIAS DOS).

NITRATO ACIDO DE MERCURIO. Dissolução de proto-nitrato de mercurio crystallizado em 8 partes de acido nitrico. Liquido transparente, sem côr, ficando verde pela acção da luz, inodoro. Caus-tico violento empregado para cauterisar as mordeduras das cobras venenosas, dos cães damnados, as ulceras cancerosas, etc. applica-se na parte doente por meio de um pincel feito com fios.

NITRO, SAL DE NITRO, SALITRE ou NITRATO DE POTASSA. Este sal se forma naturalmente na superficie das paredes humidas e do chão, nos lugares habitados pelo homem e animaes. Acha-se, por consequente, nos entulhos das casas velhas. Obtem-se pela evaporação das lixivias destas substancias. Encontra-se tambem na superficie da terra, sobretudo na Hespanha e India. No Brasil, perto do rio de S. Francisco, nas provincias de Minas Geraes e da Bahia, achão-se lagôas d'agua nitrosa donde se extrahê o salitre. As fontes naturaes de nitro não são sufficientes para o enorme consumo que se faz deste sal, e por isso estabelecêrão-se em França e na Allemanha nitreiras artificiaes. Dispoem-se para este fim, debaixo de alpendres baixos e humidos, terras calcareas

misturadas com substancias vegetaes e animaes. O salitre é branco, de sabor fresco, picante, ligeiramente amargo. Misturado com enxofre e carvão constitue a polvora. Em medicina emprega-se como diuretico, na dóse de 18 grãos até uma oitava, dissolvido em algum cozimento apropriado.

NODOAS DA PELLE. *Veja-se PELLE.*

NOSTALGIA. Melancolia produzida pela ausencia do paiz natal e pelo desejo irresistivel e incessante de voltar a elle.

Affecção mui frequente entre os pretos recém-chegados da costa d'Africa: a nostalgia se apodera tanto mais facilmente dos homens recém-sahidos do seio de sua familia, quanto mais differente é do mundo que deixárão o mundo em que se achão postos, e quanto mais submettidos estão a occupaões e deveres e a um trato que fazem grande contraste com a independencia e a brandura de sua vida anterior. Quanto mais penosa é a situação dos pretos arrancados a seu paiz natal, tanto mais tendem a se desenvolver as saudades patrias, e tanto mais eminente é a nostalgia. Observão-se differenças mui sensiveis entre o numero dos nostalgicos fornecidos por diversas fazendas. Em umas, os senhores brandos, benevolos, acostumão-nos gradualmente ás fadigas e á sujeição de sua nova posição; em outras, pelo contrario, um rigor inflexivel faz nascer, por uma comparação impossivel de impedir, as saudades das relações mais brandas e o odio da escravidão.

Os primeiros phenomenos que indicão a invasão da nostalgia consistem na reserva insolita que manifesta o doente, no aborrecimento e na preguiça para as occupaões a que se entregára antes com toda a actividade, em um estado habitual de tristeza que se torna cada dia mais pronunciado. Com o tempo, a cabeça fica-lhe quente e dolorosa, seus olhos são murchos e encovados, as feições do rosto são abaixadas, seus movimentos são lentos e como involuntarios, a digestão é difficil, o appetite se perde, o corpo emmagrece e enfraquece cada vez mais.

Quando a nostalgia apparece durante alguma molestia, torna-se uma complicação mui grave. Não sómente augmenta a intensidade dos symptomas e a febre, mas tambem oppõe-se á appareção assim como aos progressos da convalescença, e perpetua um estado de fraqueza que prestes acaba de uma maneira funesta. Em todos os casos, quer a nostalgia venha complicar alguma molestia, quer appareça só, sua marcha abandonada a si é sempre a mesma. Os nostalgicos, gradualmente enfraquecidos, tendo a pelle quente, o pulso pequeno e frequente, a respiração difficil, a digestão impossivel, succumbem em um estado de marasmo completo.

A nostalgia não é uma molestia que se cure com muitas receitas da pharmacia; é preciso oppôr-lhe uma medicina mais simples e mais elevada.

Primeiro que tudo, pôde-se preveni-la, ou pelo menos diminuir a sua violencia entre os escravos, tratando-os com brandura, moderando os castigos, dando-lhes a permissão de se divertirem. Quando os primeiros symptomas desta affecção apparecem, pôde-se, em muitas circumstancias, cura-la. Convém esmerar-se ainda mais em brandura, cuidados e attentões em favor do nostalgico. Longe de deixar de chamar sua attentão para a causa de seus pezares, é util até fallar-lhe delles, mas fazer isto com benevolencia, entrando nas suas idéas, fazendo elogios do paiz que deixou. Esta conversação não deixará de interessa-lo, poderá enfraquecer e até destruir um sentimento que, deprimido ou combatido, teria adquirido uma força irresistivel.

No caso de febre e de dôr forte de cabeça, banhos mornos do corpo acompanhados de affusões frias sobre a cabeça, ventosas sarjadas na nuca, constituirão os meios que podem ser utilmente associados aos de que acabamos de fallar.

Se, apesar de todos estes cuidados, a nostalgia faz progressos e a debilidade augmenta com rapidez, é indispensavel que se permitta ao doente que ha de voltar á sua terra. É notavel, além disso,

(tanto o espirito humano é estranho e inexplicavel na sua acção intima), que nostalgicos tenham sido curados pela simples convicção de poderem ir, sempre que queirão, ver sua patria; e por isso, quando esta medida tão feliz, tão prompta em seus resultados, é impraticavel, nem por isso se deve deixar de a ensaiar e de fazer crer ao doente que ha meios seguros de lhe fazer obter o que tão ardentemente deseja. Uma melhora sensivel no seu estado será a consequencia certa deste innocente engano, que afinal lhe trará a saúde. Durante o bloqueio de Moguncia, em 1814, o Dr. Percy annunciou nos hospitaes que o general em chefe, sabendo que muitos militares desejavão voltar ás suas casas, facilitavahes licença, e para isto havia obtido do inimigo que os cercava uma livre passagem para todos os doentes e convalescentes. Esta esperanza reanimou a coragem de um grande numero de nostalgicos e contribuiu a arrancar muitas victimas a uma morte quasi certa.

NOZ DE GALHA. Dá-se este nome a uma excrescencia redonda que se forma sobre as folhas de uma especie de carvalho, pela picada de um insecto chamado *diplolepis gallæ tinctoriæ*. É a femea do insecto que fura a folha, e logo se desenvolve uma excrescencia onde põe os ovos. Estes ovos, com tal protecção, desabrochão, passão por todas as suas metamorphoses, até que, tendo-se tornado insectos perfeitos, furão sua prisão e sahem. A noz de galha mais estimada vem da Asia. Colhe-se antes da sahida do insecto; mais tarde, a noz de galha branquêa, perde sua qualidade adstringente e é furada de um pequeno buraso. A galha é um poderoso adstringente; emprega-se nas tinturarias para as côres pretas em particular, entra na composição da tinta de escrever; e em medicina sua decocção, que se prepara com meia onça de galha e uma libra d'agua, serve em gargarejos nas salivacões mercuriaes, e em injecções nas flôres brancas.

NOZ MOSCADA. *Vêja-se* MOSCADA.

NOZ VOMICA. Semente de *sthychnos nux vomica*, Linneo, arvore da India. É redonda, chata, umbilicada em uma das faces, de largura de seis a oito linhas, de consistencia como cornea, denegrida ou acinzentada, coberta com um pello curtissimo no exterior, ordinariamente branca, e ás vezes negra no interior, inodora; sabor extremamente amargo.

Veneno violento. Seu primeiro effeito é um aperto nas fontes e na nuca; os queixos ficão um pouco rijos, apparece difficuldade de fallar e respirar, uma pequena vertigem, percepção de uma multidão de corpos luminosos, ligeiros estremecimentos nos membros, erecção do membro viril. Se a dóse é exagerada, sobrevém rigeza tetanica, convulsões, e a morte precedida por um instante de insensibilidade completa. A dóse de 30 grãos pôde produzir estes resultados funestos. Em quantidade pequena, a noz vomica é util nas paralyrias, gota serena, incontinencia das ourinas, etc. Mas todas as preparações deste medicamento exigem a maior circumspecção em seu emprego. Administra-se nestas molestias na dóse de 4 a 15 grãos, divididos em muitas doses, por 24 horas, em pós ou pilulas.

NYCTALOPIA. A nyctalopia é a faculdade de ver durante a noite, entretanto que a privação da vista existe durante o dia. As causas desta molestia são obscuras; os pezares, as vigílias, o abuso dos licôres alcoolicos, uma longa residencia em um lugar escuro, a tem muitas vezes produzido. Para remediar este estado, é preciso acostumar pouco a pouco os olhos a uma luz progressivamente mais intensa, e fazer uso de oculos com vidros azues ou verdes.

①

OBESIDADE. Quando a gordura se acha no corpo do homem em proporção do volume e da estatura,

constitue um estado de perfeita saúde, em outros termos, é a nutrição elevada ao auge de perfeição. Além de certos limites, a gordura degenera em *corpulencia*, *obesidade*, palavras que designão em um gráo mais ou menos pronunciado o desenvolvimento consideravel do volume do corpo, por uma accumulção extraordinaria de gordura no tecido cellular subcutaneo. Passemos successivamente em revista as diversas circumstancias que podem exercer alguma influencia na producção deste estado.

Nem todas as constituições são igualmente dispostas á gordura: as pessoas de alta estatura, delgadas, trigueiras, seccas e cabelludas, são menos sujeitas a ella. As constituições humidas, pelo contrario, os temperamentos sanguineos, lymphaticos, os individuos com cabellos louros ou castanhos, de pequena estatura, tem ordinariamente muita gordura. Segundo estas considerações, é evidente que os homens em geral são menos dispostos a ella do que as mulheres.

Emquanto ás idades, a infancia molle e humida, que come e dorme muito, que vegeta, por assim dizer, sem se embarçar do presente e ainda menos do futuro, é naturalmente gorda; mas esta superabundancia se dissipa na adolescencia, para occorrer ás necessidades do crescimento. A mocidade, pelo ardor de suas paixões e excesso dos deleites a que se entrega, a idade viril, agitada de inquietações e devorada de ambição, são os tempos menos proprios para o desenvolvimento da gordura, que só sobrevém na época mais adiantada da vida, quando esta sorte de effervescencia dá lugar á necessidade de desfructar a fortuna ganhada, em um brando repouso do corpo e do espirito. Mas chega um tempo, emfim, em que a falta de nutrição dos orgãos não sómente não permite mais engordar, mas d ixa desaparecer insensivelmente a gordura adquirida.

Entre os alimentos, o leite, as substancias farinaceas, taes como o pão, as batatas, e sobretudo um regimen exclusivamente animal, fazem engordar;

não se deve objectar , sobre este ultimo ponto , que os animaes carnivoros são menos gordos do que os outros: o exercicio a que se entregão constantemente para conseguirem sua presa, a grande fome que são ás vezes forçados a supportar , explicão esta excepção da regra geral. Sabe-se mui bem quanto as papas de farinha de trigo e a aletria na Italia , o arroz no Egypto e na China , entretém o corpo em um estado de obesidade. Entre as bebidas , a cerveja favorece o desenvolvimento da gordura. As emanações animaes que se exhalão das carnes podem tambem , por si só , exercer uma grande influencia , como se vê com os carniceros e cozinheiros , ainda quando se não nutrem abundantemente.

Observa-se geralmente que o ar dos valles e das planicies regadas é mais favoravel á gordura do que o ar vivo e secco das altas montanhas. Os individuos que fazem muito exercicio e que se entregão com excesso aos prazeres venereos são raramente gordos. O abuso dos banhos mornos , as evacuações sanguineas , o somno prolongado , o costume de dormir depois das comidas ou os passeios em sege a esta mesma hora , um estado de reclusão , a vida monastica , tudo isto pôde produzir uma obesidade excessiva.

As affecções moraes contribuem poderosamente para o estado de gordura ou de magreza do corpo. Um homem irascivel , invejoso , tristonho , inquieto , de ordinario é mirrado. Commummente , está a bondade natural em relação com a gordura , assim como as amofinações do espirito e a malicia estão em relação com a magreza. Bem que justas em geral , estas observações soffrem entretanto numerosas excepções ; assim , a marquezia de Brinvilliers , essa envenenadora infame , era extraordinariamente gorda , no emtanto que muitos homens de genio tem tido muita corpulencia. Emfim , os grandes trabalhos emmagrecem tanto quanto engorda a ociosidade. Mas acabemos dizendo que , independentemente de todas estas circumstancias , certas pessoas

trazem, ao nascer, maior ou menor disposição para a obesidade, a qual só espera, para desenvolver-se, um concurso de circumstancias favoraveis.

Quaes são os usos da gordura na economia vivente? Além de poder servir, em caso de necessidade, de alimento por sua volta e sua absorpção na torrente da circulação, tem outras muitas utilidades. Diminue a fragilidade dos ossos, envolve as extremidades nervosas, e impede desta maneira as impressões mui vivas, tanto physicas como moraes. Mas tambem a accumulção excessiva da gordura nos órgãos pôde constranger e perturbar as suas funcções. As circumstancias favoraveis á saúde se achão, por conseguinte, em seu justo meio emquanto ao que toca á gordura. Indicámos na palavra EMMAGRECIMENTO os meios de combater a magreza; quanto ao tratamento que deve ser opposto á obesidade, vejamos qual é o que pôde ser razoavelmente empregado.

Quando a tendencia á obesidade se pronuncia, é preciso diminuir a quantidade habitual de alimentos; escolhê-los entre os menos nutrientes, isto é, entre os vegetaes: convém fazer frequentes exercicios e leva-los até á fadiga, crear-se occupações activas, tanto do corpo como do espirito, e evitar o somno prolongado. O uso do café, dos licôres espirituosos, das especiarias, das carnes salgadas, das bebidas acidas, do vinagre puro, as vigalias prolongadas, os prazeres venereos, como tambem os jejuns, são outros tantos meios applicaveis contra o estado que nos occupa. De tempos a tempos, tomar-se-ha um brando laxante. O bicarbonato de soda tem sido tambem aconselhado: este sal constitue a base das pastilhas de Vichy; pôde ser usado debaixo desta fórma, na dóse de 4 a 12 pastilhas por dia, ou puro, tomado dissolydo em agua, na dóse de 12 a 36 grãos por dia. É mui essencial o combater promptamente a tendencia á obesidade, porque para o diante, tendo ella chegado ao grão extremo, é mui difficil empregar-se o meio mais

eficaz, que é o exercício. Entretanto, mesmo neste caso, é ainda preciso que a elle se recorra, e deve-se persistir com constancia nesta tentativa.

OBSTRUCCÃO DO BAGO. *Veja-se* Vol. I, p. 176.

OBSTRUCCÃO DO FIGADO. *Veja-se* Vol. II, pag. 259.

OCULOS. Designão-se debaixo do nome de *oculos* os diversos instrumentos destinados para remediar as imperfeições da vista ou augmentar o seu alcance. Comprehendem-se debaixo desta denominação os *oculos ordinarios*, de que nos vamos occupar principalmente, e os instrumentos mais ou menos complicados, chamados *oculos de longa mira* ou *de ver ao longe*, *oculos de punho*, *telescopios*, etc.

Os *oculos ordinarios* são vidros circulares encaixados em fórmãs variadas, e estes vidros são mais ou menos *convexos*, ou mais ou menos *concavos*, conforme a vista é mais ou menos *longa* (*presbyopia*), ou pelo contrario mais ou menos *curta* (*myopia*).

Quando a vista principia a diminuir, os *oculos* com vidros *convexos* são muito uteis. Muitas pessoas conservão por este meio durante dez, quinze e vinte annos, sua vista no mesmo grão de alcance. Mas, para se obter este effeito, é preciso saber bem o momento em que se deve principiar a usar de *oculos*, e escolher os instrumentos de maneira que nada deixem que desejar. Este momento não é exactamente indicado pela idade, como julgão certas pessoas, mas sim pelos *symptomas* seguintes:

1.º O ponto de vista principia a alongar-se, e a pessoa afasta machinalmente os pequenos objectos para os ver melhor.

2.º Se quer lêr de noite, põe o livro perto da luz ou atrás della.

3.º Os olhos se fatigão pelo menor trabalho: é preciso suspendê-lo para lhes dar algum descanso.

Quando estes signaes se manifestão, não se deve esperar mais; convém servir-se de *oculos*. Um vão amor proprio, sobretudo nas mulheres, faz ás vezes hesitar; a vista porém vai-se perdendo cada vez

mais. Neste caso os vidros convexos são mais uteis que nocivos.

A vantagem dos vidros *convexos* depende da augmentação do angulo dos raios visuaes : os objectos parecem então maiores, mais approximados, e sobretudo menos luminosos do que no estado ordinario.

Os vidros *concavos*, de que se servem os myopes, produzem phenomenos inteiramente oppostos. Os corpos vistos por meio destes vidros parecem *pequenos e brilhantes*; sua circumferencia é mais clara, melhor marcada do que no estado natural. Mas sabe-se que quanto mais pequeno e afastado está um objecto, tanto mais cansa a vista, porque obriga o olho a fazer maiores esforços para vê-lo distinctamente. Se a isto se accrescentar o brilho da luz produzida pela concavidade do vidro, ver-se-ha quão perniciosos são para a vista estes instrumentos, que na realidade não produzem effeito senão excitando fortemente a parte nervosa do olho; e por isso, não se deve usar de oculos com vidros concavos sem uma absoluta necessidade. Os myopes decididos a empregar o soccorro dos oculos devem escolher os vidros que permitem ler facilmente e sem fadiga na distancia de quinze pollegadas. Estes oculos podem ás vezes curar a myopia, se, depois de emprega-los por algum tempo, tem o myope a precaução de muda-los todos os mezes, passando gradualmente para numeros cada vez menos fortes, até chegar a vidros quasi chatos. Citão-se casos de cura de myopia obtidos por este meio.

Oculos com vidros de côr. Empregão-se estes oculos para diminuir sobre o olho a impressão mui viva da luz, e por conseguinte para conservar a vista; os vidros azues são os que devem ser preferidos. Sem contestar a utilidade destes oculos, deve-se observar que apresentarão algum inconveniente. Com effeito, não podendo permanecer constantemente diante dos olhos, umas vezes os objectos se apresentam esclarecidos naturalmente, outras vezes n'uma especie de escuridão, alternativa que é mui nociva á sensibilidade

do órgão. E por isso, o uso dos oculos com vidros de côr deve ser mui limitado. Só convém quando o olho é exposto á acção continua de uma luz viva, como, por exemplo, quando alguém é obrigado a atravessar um lugar em que o sol bate sobre aridos rochedos ou sobre arêa brilhante.

ESCOLHA DE BONS OCULOS. Este ponto é mui importante. Algumas pessoas, seduzidas pelo preço pouco elevado destes instrumentos, não reflectem que commettent um valor inestimavel, pois que pagão com a perda do órgão mais precioso. Se se considerar a difficuldade de fazer bons vidros, os minuciosos processos, os talentos, a longa experiencia que sua fabricação exige dos artitas que se consagrão a este genero de industria, julgar-se-ha facilmente quanto são funestos á vista os vidros communs, defeituosos pela natureza, pelo feitio e pelos aros.

Já dissemos que para os myopes convém os vidros concavos, para os presbytas os convexos, e para as pessoas que não tem a vista nem curta, nem longa, e só querem preservar momentaneamente os olhos da influencia nociva de uma luz mui brilhante, convém os vidros chatos coloridos. Mas, qualquer que seja a fórma e a côr de um vidro, deve reunir estas tres qualidades: ser *polido, puro e igual* em toda sua substancia: é preciso que a sua transparencia não seja perturbada nem por manchas, nem por sinuosidades ou alguma mistura heterogenea; é necessario que seja mui macio ao tacto, e que seu brilho augmente quando é limpado com um lenço depois de ter sido coberto com o vapor do halito. A reunião de todas estas vantagens é indispensavel se se quer obter uma refração perfeita dos raios luminosos; de outro modo, não atravessando a luz igualmente o vidro, resultarão disso refrações parciaes cujo effeito será nocivo. A *desigualdade dos focos* é tambem um defeito grande nos oculos. É mui raro encontrar pessoas cujos olhos tenham ambos o mesmo alcance. O foco de cada vidro deve ser, por conseguinte, proporcionado á força ou fraqueza do olho que lhe corresponde.

Mas, não obstante isto, todas as pessoas que se servem de vidros concavos ou convexos os tem quasi sempre do mesmo numero, e cansão por consequente os olhos.

A *irregularidade das curvaturas* deve ser evitada com cuidado. É indispensavel que os apices de duas curvaturas de um vidro tenham o mesmo eixo: é uma condição esta a que faltão frequentemente os artifices pouco attentos ou pouco habéis, e esta disposição produz um resultado desfavoravel, porque, não se fazendo de uma maneira conveniente a refração dos raios, sua reunião dá sobre a retina imagens irregulares; o olho, continuadamente forçado, acaba por estragar-se.

Qualquer pessoa que deseja achar vidros proprios para a sua vista deve examinar por si mesma a *pureza*, a *transparencia*, o *brilho*, as *curvaturas* convexas ou concavas; assegurar-se bem, apresentando-os alternativamente a cada olho, do foco que convém a um e outro; experimenta-los por algum tempo sobre livros ou outros objectos antes de compralos. Não é raro encontrar vidros que parecem bons ao principio, e cujo uso mais continuado demonstra o contrario.

Os aros exigem tambem certas precauções. Sendo muito fracos ou muito moveis, seu movimento continuo ha de desarranjar a cada momento o eixo da visão. Se os vidros ficarem mui perto dos olhos, a vista será incommodada; além disto, a transpiração ha de manchar o seu brilho, e não será possivel então distinguir bem os objectos. Se, pelo contrario, ficarem mui afastados, não servirão para o fim que se deseja.

É, por consequente, importante que os aros tenham a *elasticidade*, a *solidez* e o *comprimento* necessarios para que os vidros fiquem n'uma distancia conveniente dos olhos e não se desarranjem pelos movimentos da cabeça.

ODONTALGICO. Esta palavra que deriva de *odos*, dente, e *algos* dôr, serve para designar uns elixires empregados contra as dôres de dentes. Estes elixires,

que seria mais proprio chamar anti-odontalgicos, são compostos d'alcool, no qual se deixa macerar raiz de pyrethro, páo de guaiaco, noz moscada, etc. Existe um grande numero destas preparações; eis-aqui a receita de um elixir que tem gozado de certa reputação:

Páo de guaiaco raspado	1 onça.
Noz moscada	2 oitavas.
Raiz de pyrethro	2 oitavas.
Cravos da India	1 oitava.
Alcool em 26°	6 onças.

Macere por oito dias, cõe espremendo e ajunte:

Oleo essencial de alecrim	20 gottas.
Oleo essencial de bergamota	8 gottas;

e filtre.

Prepara-se um elixir muito mais simples, que é o de *Ancelot*, com a raiz de pyrethro, 1 onça, que se faz macerar em oito onças de alcoolato de alecrim.

Estas diversas preparações, que são pouco efficazes contra as dôres de dentes, empregão-se com vantagem, misturadas com agua, para lavar a bocca; fortificação as gengivas.

A *agua de Botot*, que goza igualmente de alguma reputação, e que se emprega para os mesmos usos, se compõe de

Sementes de aniz	1 onça.
Cravos da India	2 oitavas.
Cannella	2 oitavas.
Oleo essencial de hortelã	36 grãos.
Aguardente	32 onças.

Macere por seis dias, cõe e ajunte:

Tintura de ambar gris	36 grãos.
-----------------------	-----------

Deitar algumas gottas n'um copo d'agua para lavar a bocca.

OLEO DE AMENDOAS DOCES. É liquido, de côr esverdinhada; o cheiro e o sabor parecem-se um pouco com o de amendoas doces. Em alta dôse é laxante, emolliente em dôse pequena. Empregã-se internamente nos envenenamentos por substancias

acres, nos pleurizes, catarrhos pulmonares, irritações das vias urinarias, e externamente em fricções como emolliente.

OLEO D'ANTA. Emprega-se com vantagem em fricções contra as dôres rheumaticas.

OLEO DE BICUIBA. *Veja-se* Vol. I, pag. 214.

OLEO DE COPAHIBA. *Veja-se* Vol. I, pag. 438.

OLEO DE CROTON-TIGLIUM. *Veja-se* Vol. I, pag. 480.

OLEOS ESSENCIAES. *Veja-se* ESSENCIA.

OLEO DE FIGADO DE BACALHÃO. É amarelado ou escuro. É aconselhado internamente na dóse de uma colher de sopa tres vezes por dia na tísica, no rachitismo, rheumatismo articular, nas escrophulas; externamente emprega-se em fricções nos mesmos casos.

OLEO DE RICINO. Oleo extrahido das sementes da arvore chamada mamono (*Ricinus communis*, Linneo). Este oleo é de côr branca ou amarellada, espesso, viscoso, de sabor desagradavel; é um dos mais usados purgantes, bem que sua acção seja mui inconstante. Goza tambem de propriedades vermifugas. Administra-se na dóse de 1 até 3 onças, n'uma chicara d'agua fria com assucar e um pouco de sumo de limão.

OLEO DE VITRIOLO. *Veja-se* Vol. I, pag. 16.

OLFACTO. Um vapor ligeiro e subtil levanta-se continuamente da superfície dos corpos e se espalha pela atmosphaera. É invisivel, impalpavel, imponderavel, e escapa a todos os nossos meios de exploração: entretanto, um aparelho particular, disposto com uma arte infinita pelas mãos do Creador, recolhe estas impressões fugitivas e leva sua impressão ao cerebro. O sentido do olfacto é o que põe a maior parte dos animaes em relação com estas moleculas delgadas. Muitos d'entre elles tem certamente maior fineza do que o homem no olfacto: sentem a maiores distancias, não sómente são advertidos de mui longe da presença dos corpos, como tambem reconhecem os seus vestigios longo tempo depois de sua passagem.

Nos animaes das classes inferiores ao homem, o olfacto é o orgão principal do instincto; seus olhos e seus ouvidos não podem considerar os objectos debaixo de todos os pontos de vista. Na escolha de seus alimentos, os animaes são muito mais seguramente do que o homem esclarecidos pelo olfacto. Os rebanhos que pastão nos prados não comem aservas nocivas. No homem, pelo contrario, as sensações que dão os cheiros augmentão pouco suas idéas; frequentemente o olfacto não lhe descobre os venenos, e até lhe faz achar nestes venenos cheiros agradaveis. A natureza quiz privar o homem destas luzes totalmente instinctivas, afim de o levar a desenvolver completamente a potencia de observação, que é o character de sua intelligencia.

Um dos principaes usos do olfacto no homem é fazer reconhecer as qualidades do ar que deve servir á respiração. Segundo as impressões que este sentido experimenta, o apparelho respiratorio se dispõe a receber ou a repellir a substancia que lhe é enviada. Assim, se o ar que é respirado tem um cheiro desagradavel, a inspiração parece fazer-se com violencia, e o peito se aperta com força.

O olfacto é uma fonte dos prazeres abundantes. Além disto, é o sentido não só dos appetites violentos, como tambem das sensações brandas e delicadas.

A especie de encanto que fazem exprimentar os cheiros suaves exercem a mais forte influencia sobre o espirito. Quando os primeiros raios do sol tocão a terra, o ar, carregado das emanações das flôres, faz experimentar mui agradaveis sensações. No seio desta atmospherã cheirosa, as idéas são mais risonhas, e ás vezes uma melancolia deliciosa se apodera de nossa alma.

O olfacto é como todos os outros actos que dependem do exercicio da sensibilidade; parece que esta faculdade se consome e se exhaure por uma serie de sensações mui vivas e mui prolongadas. Sensações fracas não são quasi percebidas quando succedem a outras muito mais fortes, e a mesma sensação se enfra-

quece pela duração, bem que os corpos exteriores que a causão não tenham mudado. Assim, as pessoas continuamente expostas ás emanações mais infectas, como aos cheiros mais suaves, acabão por lhes serem inteiramente insensíveis. Sabe-se que o celebre cardinal Richelieu fizera um tal abuso dos perfumes debaixo de todas as fórmulas, que não sentia mais sua acção, e que a atmosphera em que vivia habitualmente era tão cheirosa, que incommodava todas as pessoas que entravão nos seus salões.

As lesões do olfacto se referem á abolição completa, á simples diminuição, á exaltação e á perversão da faculdade olfactiva. A falta do olfacto observa-se em diversas circumstancias. Ás vezes, bem que mui raramente, mostra-se desde a nascença; e tem-se notado alguns individuos que apresentavão esta singular disposição, sem que existisse vicio algum de conformação nos seus órgãos olfactivos. Porém as mais das vezes a falta do olfacto sobrevem em consequencia de algumas molestias que tem alterado a estrutura da membrana nasal, que obstruem as cavidades olfactivas, ou emfim é o resultado de affecções cerebraes. Assim, tem ás vezes sido produzida por defluxos frequentes, por uma ulcera no interior do nariz, ou pela presença de um polypo. A falta do olfacto observa-se muito mais frequentemente durante o curso de affecções agudas, com as quaes desaparece: taes são o defluxo e as molestias do cerebro. O que acabamos de dizer da falta de olfacto é tambem applicavel á simples diminuição ou ao enfraquecimento deste sentido, que é muito mais commum.

A exaltação do olfacto observa-se, ás vezes, particularmente nas pessoas nervosas e nas molestias em que existe uma excitação cerebral mui pronunciada. O menor cheiro affecta desagradavelmente estas pessoas. Em alguns casos, ellas não são affectadas e importunadas senão por um só cheiro, que descobrem com uma sensibilidade infinita e em distancias mui grandes. Emfim, a perversão ou a depravação do

olfacto, que consiste em perceber cheiros agradáveis ou desagradáveis que não existem, em buscar cheiros ordinariamente repugnantes, encontra-se quasi exclusivamente nas pessoas hypochondriacas, hystericas, e ás vezes nas mulheres gravidas: é um phenomeno puramente nervoso.

OLHO. Orgão da vista, de fôrma espherica, contido em duas cavidades osseas, chamadas *orbitas*.

Procedendo-se ao exame do olho de diante para trás, isto é, das partes que se apresentam em primeiro lugar ás que são situadas mais profundamente, encontra-se:

A *cornea*, membrana lisa, perfeitamente transparente, convexa na sua face externa, concava na face interna, que occupa a quinta parte anterior do globo ocular, entretanto que a sclerotica occupa os quatro quintos posteriores. É semelhante a um vidro de relógio embutido no seu aro.

A *sclerotica*, membrana opaca que dá ao olho sua consistencia e sua fôrma, e é de côr branca azulada. É aberta anteriormente para a cornea transparente: por detrás, quasi no centro, existe outra abertura muito mais pequena, destinada á passagem do nervo optico. A face interna da sclerotica é unida com a *choroïde*, outra membrana mui vascular, coberta de uma massa preta chamada *pigmento*.

O *iris*, membrana situada entre a cornea e o humor crystallino, formando desta maneira as duas camaras do olho. É de côr vária, e, conforme esta côr, chamão-se olhos azues, gázeos, pretos, etc. O iris é furado por uma abertura redonda no homem, que se chama *menina do olho* ou *pupilla*.

O *humor aqueo*, limpido e transparente, semelhante á agua com uma pouca de gomma em dissolução, que enche as duas camaras do olho, isto é, todo o intervallo desde a cornea até ao crystallino.

O *crystallino*, corpo transparente, de fôrma lenticular, situado na direcção da pupilla, na reunião de dous terços posteriores com um terço anterior

do olho. Quando o *crystallino* se torna opaco, forma a molestia chamada *cataracta*.

O *corpo vitreo*, comparavel a uma geléa, de uma transparencia perfeita, e que occupa o espaço comprehendido entre o *crystallino* e a retina.

A *retina*, membrana formada pela expansão do nervo optico. Esta membrana recebe a impressão da luz; é o órgão immediato da visão. Acha-se por detrás do corpo vitreo e communica com o cerebro por intermedio do nervo optico.

MOLESTIAS DOS OLHOS. Artigos especiaes são consagrados neste Diccionario a um certo numero de molestias dos olhos, taes são BELIDA, CATARACTA, GOTA SERENA, CEGUEIRA: vamos occupar-nos aqui de algumas outras.

1.º *Belida e Nevoa do olho. Veja-se Vol. I, pag. 197.*

2.º *Cataracta. Veja-se Vol. I, pag. 301.*

3.º *Contusão.* As contusões tem difficilmente acção sobre o olho, visto que elle se acha abrigado por paredes osseas; mas quando não tem sido sufficientemente protegido, a commoção da retina ou um derramamento no olho compromettem a visão e determinão uma cegueira, uma opacidade do corpo vitreo, e até a diminuição ulterior do olho. Para prevenir estes resultados, é preciso applicar bichas perto do olho, e até sangrar o doente, se a pancada produziu a mais leve cegueira. Emquanto ás contusões superficiaes do olho ou de sua vizinhança, determinão mui facilmente a inchação e a infiltração das palpebras; o sangue se derrama debaixo da pelle, que passa pelos differentes grãos de coloração propria ás *ecchymoses*, denegrida, azulada, amarellada. Em certos limites, nenhum destes *symptomas* offerece gravidade alguma; simples applicações de pannos molhados n'agua fria bastão quasi sempre para todo tratamento, e raras vezes é preciso applicar bichas.

4.º *Corpos estranhos no olho. Veja-se Vol. I, pag. 464.*

5.º *Feridas da cornea.* Estas feridas são um dos accidentes mais frequentes que acontecem no olho. Quando são isentas de contusões e de qualquer outra com-

plicação, sárão promptamente sem deixar belidas, e aspíçadas feitas na cornea são ainda menos graves do que os córtex; os differentes methodos de operação da cataracta pela cornea são a prova disto. Ha casos em que pontas de agulha ou tesoura penetrárão na cornea, e os accidentes forão prevenidos pelas simples applicações de pannos molhados n'agua fria.

Nas feridas largas da cornea, o humor aqueo é sempre evacuado; mas esta emissão é sem perigo, porque este humor se reproduz em pouco tempo. O perigo destas feridas depende, por consequente, de outras circumstancias: umas vezes o crystallino foi tocado, e forma-se então uma cataracta; outras, o corpo vitreo sahio, e este não se reproduz; emfim, a ferida da cornea não se cicatriza immediatamente, uma suppuração tem lugar, a qual determina uma belida; e se esta belida se acha na direcção da pupilla, a vista fica mais ou menos impedida. Póde tambem sobrevir uma inflammação profunda do olho, que occasiona a perda deste orgão.

O tratamento das feridas do olho consiste, nos primeiros dias, em bichas, sangrias e applicações de pannos molhados n'agua fria. *Veja-se Vol. II, pag. 246.*

6.º *Gota serena. Veja-se Vol. II, pag. 340.*

7.º *Inflammação do olho. Veja-se OPTHALMIA.*

8.º *Pterygio ou Unha do olho.* Dá-se este nome a uma excrescencia de côr vermelha pallida, ordinariamente desenvolvida no angulo do olho, donde se estende sobre a cornea, e póde ás vezes impedir a visão. Sobrevem frequentemente depois das inflammações repetidas do olho; mas póde tambem apparecer sem causa conhecida. Seu desenvolvimento é mui lento; não é doloroso; com uma pinça ou com os dedos póde ser levantado em fôrma de prega na superficie do olho. Em vão se tentaria curar desta molestia pelo emprego dos collyrios; desde ha muito tem a experiencia provado a sua inefficacia. Só existem dous meios de curá-lo: o primeiro consiste em destruir o pterygio pela cauterisação com a pedra in-

fernal; o segundo, em corta-lo com uma tesoura ou bisturi. A ablação é mais segura do que a cauterisação; pratica-se levantando com a pinça toda a excrescencia, e cortando-a com a tesoura o mais perto possível do olho. Depois da operação, algumas loções com agua fria terminão a cura em cinco ou seis dias.

9.º *Queimadura.* Um movimento automatico das palpebras preserva, n'um grande numero de circumstancias, o olho de muitos accidentes occasionados por corpos em ignição. Entretanto, porções de cal virgem podem ás vezes cahir no olho nos obreiros que empregão esta substancia. Não ha nada melhor neste caso do que lavar o olho com azeite doce. Em diferentes especies de queimaduras pela agua fervendo ou ferro quente, o tratamento consiste em applicações contínuas de pannos molhados n'agua fria; é preciso ás vezes applicar bichas na fonte do lado do olho inflammado.

10.º *Olho postiço ou artificial.* Assim se chama uma especie de meio-globo em esmalte, vidro ou qualquer outra substancia, cuja superficie convexa offerece a imagem de um olho natural. Os antigos se servião de uma simples chapa metallica coberta de uma pelle fina, que applicavão por diante da orbita. Sobre esta chapa pintavão a imagem do olho, a qual, longe de esconder, punha em evidencia a disformidade. Os olhos postiços fabricados hoje de esmalte estão aperfeiçoados ao ponto de imitarem perfeitamente a cornea, a camara interior, a fórmula variada do iris, a abertura pupillar, a sclerotica e os vasos da conjunctiva, de sorte que é frequentemente difficil, para não dizer impossivel, distinguir o olho postiço do natural.

Ha uma condição especial para a applicação de um olho postiço, e vem a ser que o órgão que se quer substituir apresenta um resto de sua existencia, um côto movel na orbita. Se o olho natural foi inteiramente extirpado, o vacuo será com o tempo entupido por carnes esponjosas, e o olho postiço expulso para fóra.

Todas as manhãs introduz-se o olho de esmalte debaixo das palpebras, e tira-se todas as noites, para deixar descansar a orbita e lava-la com agua fria.

OLHO DE POLVO. Vulgarmente assim se chamão bexigas mui graves, que, em vezde se encherem bem de materia purulenta, ficão chatas logo depois do seu desenvolvimento. *Veja-se* BEXIGAS, Vol. I, pag. 205.

ONANISMO ou **MASTURBAÇÃO.** Vamos tratar de um objecto melindroso e grave, digno da mais vigilante sollicitude dos pais de familia e de todas as pessoas que desejão a saúde e a moralidade da mocidade.

Os perigos deste vicio e de todos os abusos venereos forão já mui antigamente reconhecidos. «Segundo minha opinião, diz o Dr. Reveillé-Parise, a peste, a guerra, as bexigas, nem outro grande numero de males semelhantes, tem resultados mais desastrosos para a humanidade do que o funesto costume da masturbação: é o elemento destruidor das sociedades civilisadas, e é tanto mais activo, que obra continuamente e vai solapando pouco a pouco as populações.» O onanismo reina com maior furor nas épocas da vida em que o corpo se forma, e a constituição, arruinada em seus alicerces, não chega áquelle estado de força a que devia chegar. O temperamento que teria sido forte fica fraco, e só o enfraquecimento da constituição abre a porta a um grande numero de molestias. Não é raro verem-se pessoas raciocinar falsamente sobre as consequencias do onanismo. A maior parte dos adolescentes, dizem, e grande quantidade de moços cahem nesta sorte de excessos, e veja-se entretanto se ha tantas victimas quantos são os culpados? Primeiramente, pelo unico facto de que a acção perigosa do onanismo é lenta, secreta, é evidente que muitas vezes não se póde saber se foi ella que produzio os accidentes que sobrevém. Em segundo lugar, todos os masturbadores não recebem uma punição proxima de sua culpa; ás vezes não

soffrem damnos deste vicio senão muitos annos depois de curados delle. E além disto o onanismo, assim como as outras causas de molestia, não tem uma acção igual e constante. Poupa ou ataca fracamente a este, mata aquelle, prepara enfermidades a est'outro. Em uma batalha alcanção as balas todos os combatentes? Não de certo, mas nem por isso deixão todos de ter corrido perigos. Saiba-se pois que, de todas as influencias que ameação a existencia humana, não é nenhuma mais perigosa do que esta.

Os symptomas do onanismo são os seguintes: O corpo definha, as carnes tornão-se molles, a tez murcha, a cara conserva-se habitualmente pallida, um circulo livido orla a palpebra inferior, os olhos perdem sua expressão. Entretanto, as digestões são ainda boas, frequentemente até o appetite é augmentado; mas acabão por desarranjar-se, a appetencia dos alimentos diminue, torna-se caprichosa, o trabalho digestivo é lento e difficultoso. Esgotadas de uma parte, mal reparadas de outra, as forças não se podem soster; o exercicio, tão natural e tão salutar á idade juvenil, já não é tão facil e tão attractivo; existe preguiça, o movimento determina facilmente palpitações. O character muda, é desigual, irritavel, triste, timido, vergonhoso, pusillanime; as faculdades intellectuaes, sobretudo a attenção, a memoria, a imaginação, soffrem consideravelmente. Este estado de degradação, que se observa em grãos mui variaveis nos individuos entregues á masturbação, conduz a um grande numero de affecções nervosas, taes como o idiotismo, a hypochondria, o hysterismo, a melancolia, etc. Eis-aqui, finalmente, o catalogo das molestias que se tem observado como resultado de excessos onaniacos ou venereos: apoplexia, epilepsia, affecções da medulla espinhal, carie vertebral, paralysisia, a perda ou enfraquecimento do ouvidio e da vista, as alporcas, a tísica, a asthma, o rachitismo, a impotencia viril, a incontinnencia de urinas, as polluções, o hydrocele,

o variocele, as flôres brancas, o cancro do utero, etc. Mas antes de chegar a estes terriveis resultados, quanto é triste o enfraquecimento produzido pela masturbação! quanto é deploravel ver-se tão grande numero de moços ou de moças parecerem-se como esqueletos ambulantes, incapazes de sustentar com fructo um trabalho physico ou intellectual!

Causas do onanismo. Entra na ordem da natureza que espontaneamente sejam despertadas sensações particulares nos órgãos que tem por fim concorrer para a reproducção da especie; mas os desejos que resultão destas sensações se dirigem primeiramente do lado do sexo opposto, e as pessoas que os querem satisfazer em si mesmas só o fazem por aberração ou por depravação.

Ha causas organicas, innatas, que podem despertar prematuramente o sentido genital. Em outros individuos, a predisposição ao onanismo provém de uma educação mui sensual. Mas de todas estas causas, as de que é preciso desconfiar mais é o ensino, a provocação e o exemplo. Esta calamidade tende a se propagar sobretudo nos lugares em que a mocidade se acha reunida em grande numero, como nos collegios, seminarios, etc. Nas casas particulares, os moços achão tambem provocações da parte dos camaradas, dos amigos, dos criados, etc. A experiencia mostra que, entre estes ultimos, as criadas são as mais perigosas.

Tratamento do onanismo. As medidas precautorias do onanismo se resumem nestes tres pontos principaes: 1.º, prolongar o somno dos órgãos genitales, privando-os das causas de sua excitação especial; 2.º, ter toda a vigilancia em que a criança não descubra em si mesma este vicio; 3.º, impedir que lhe seja ensinado.

As partes genitales são ás vezes a séde de uma irritação; a comichão que esta irritação occasiona attrahe as mãos a estas partes, produzem-se sensações desconhecidas, e a masturbação é accidentalmente descoberta. Vê-se por isto quanto é essencial

que se afaste destas partes, tanto em um como em outro sexo, tudo quanto nellas possa produzir comichão. Frequentemente tambem acontece serem toques fortuitos e não motivados por comichão alguma que ensinão ás crianças que existe nellas um fóco de prazeres. Dai, por conseguinte, ás crianças, mesmo desde a sua primeira idade, costumes pudicos, vedai-lhes que toquem as partes genitales, fazendo com que tenham vergonha disso. Não consintais, por exemplo, que os rapazes se habituem a trazer as mãos dentro das calças. Evitai sobretudo o deixar os meninos sózinhos; esta necessidade de observar, tão viva na sua idade, elles em si mesmos a dirigem quando não achão distracções externas, e desta sorte fazem ás vezes perigosas observações, sobretudo na cama, onde a falta de occupação póde tornar-se fatal. Obrigai, por conseguinte, as crianças a levantarem-se logo que acordem, e cuidai em que a hora do deitar preceda pouco a do somno. É necessario tambem que se saiba que muitos meninos são conduzidos á masturbação pelos esforços que fazem para resistirem á necessidade de urinar. As pressões que para este fim exercem sobre o membro viril acabão por despertar as sensações que buscão e que chegão a reproduzir. Não é menos importante a privação de tudo o que póde excitar seus sentidos e sua imaginação, taes como os bailes, espectaculos, leituras de livros immoraes, estampas, conversações licenciosas. Juntai a estas precauções o exercicio do corpo, alternado com os trabalhos do espirito, e tereis posto as crianças nas condições mais favoraveis para escaparem á perniciosa descoberta do onanismo.

Emquanto ao ensino de que este vicio é susceptivel nos collegios e outros lugares onde se reúnem os moços, deve reinar sempre a maior vigilancia. Se um alumno se torna suspeito, deve ser o objecto de uma vigilancia especial. Se se julga que provoca os outros ou exige delles vergonhosos serviços, deve ser immediatamente expulso do collegio; é uma ovelha gafeirenta posta em contacto com o rebanho.

Como se ha de reconhecer a existencia deste vicio, pois que esta noção é indispensavel para se proceder á reforma do masturbador? Primeiramente, a presença dos symptomas especiaes do onanismo, cujo painel abreviado foi acima apresentado, fará presumir exuberantemente a existencia deste pessimo costume. Não existem depois senão dous meios de convicção, a surpresa em flagrante delicto e a confissão do culpado. Seria bom que se pudesse reconhecer o onanismo antes que seus effeitos apparecessem; mas raras vezes tem-se esta felicidade. Existe nas crianças uma especie de instincto que as faz occultar cuidadosamente suas manobras, comquanto não penetrem ainda que o que fazem é cousa illicita e vergonhosa. A arte com que illudem a vigilancia e enganão as pessoas que as interrogão é incrível; é necessario desconfiar muito disto. A frequentação, a companhia de uma criança deve produzir suspeitas, pois que a masturbação se communica. Tende as vistas sobre aquelle que busca a solidão, que fica longo tempo sózinho sem poder dar motivos satisfactorios ácerca desta isolacão. Nós nos dirigimos aqui ás pessoas cujo dever é vigiar sobre os costumes e a saúde da mocidade. applicai toda a vigilancia, sobretudo poucos instantes depois de se elles deitarem e pouco antes de se erguerem da cama; é este principalmente o tempo em que o masturbador póde ser colhido em flagrante. Nunca suas mãos estão fóra da cama, e geralmente gosta de esconder a cabeça debaixo da coberta. Apenas está deitado, parece dormir profundamente; esta circumstancia, da qual desconfia sempre o homem perspicaz, é uma das que mais contribuem para a segurança dos pais. A affectação que o moço culpado mostra neste falso somno, a exaggeração notavel com que finge dormir, podem servir para denuncia-lo. Quando se a elle chega, acha-lo-hão frequentemente vermelho e lavado em suor; ao mesmo tempo a respiração está mais precipitada, o calor da pellé mais forte, o pulso mais frequente do que no estado habitual. Se neste

tempo o moço fôr subitamente descoberto, achar-se-hão suas mãos, se não teve tempo de mudá-las de lugar, sobre os órgãos de que abusa ou em suas vizinhanças.

Uma confissão dispensaria estas investigações, estas provas sempre desagradáveis e mui frequentemente infructuosas; mas como obter-se esta confissão? como se lhe propôr a questão? Primeiramente, é certo que todas as apparencias proprias para despertarem a suspeita de onanismo podem existir em outras molestias chronicas, que não reconhecem este vicio por causa. Portanto, deve-se temer, questionando, que isto offenda o pudor e vá ensinar cousas que erão ignoradas. Com os rapazes tanta reserva é raras vezes necessaria, mas com uma moça deve-se ter toda a decencia e circumspecção. A linguagem necessaria é mui difficil, a clara affronta, offende, a enigmatica ou cheia de rodeios, de circumlocuções, poderá não ser comprehendida, ou obter sómente falsas conclusões das respostas. Independentemente de que a significação poderá não ser intelligivel, accresce mais que nem sempre é conveniente fazer soar as palavras masturbação, onanismo, toques ás partes secretas, etc. Mas raramente tambem a decencia permite empregar uma linguagem descriptiva. Se bastasse uma simples pergunta para se obter uma resposta sincera, bem; mas a esta confissão preside uma vergonha que a torna difficil. Quando se tem presumpções mui fortes, é melhor dar conselhos como se se tivesse a certeza de um facto do qual se não exige a confidencia. Outras vezes, é necessario perguntar atrevidamente ao joven culpado em que idade principiou a entregar-se á masturbação. Procedendo-se desta sorte, poupa-se o desgosto e a humiliação de uma confissão que se acha assim tacitamente feita, logo que não fôrem repellidos os conselhos, que são a consequencia evidente da presumpção da culpabilidade. Existe ainda um meio de tentativa com que alguns medicos obtiverão bom exito a respeito das mulheres. As apparencias na

senhora, dizia o medico, denota um abuso de alguém dos órgãos da geração. A senhora está certa de que, durante o somno, não leva a mão a esse lugar? Póde ser, respondia a culpada, contente ao principio por poder innocentemente arrogar ao somno praticas luxuriosas, que ao depois confessava não lhe serem estranhas durante a vigilia.

Sendo reconhecida a existencia do onanismo, póde-se proceder energicamente á reforma deste desastroso costume. Mas não basta uma vigilancia das mais rigorosas, importa ainda que se faça concorrer aos mesmos fins a vontade dos masturbadores. Tem-se para isto as distracções e o medo, e definitivamente meios coercitivos ou prohibitivos. Pelas distracções, pela gymnastica sobretudo, depois pelas recreações honestas e pelos trabalhos de espirito, afasta-se a attenção de manobras que o attractivo dos prazeres e a força do costume tem tornado tyrannicos. Pelo medo, liga-se a vontade, que não ousa mais assistir a praticas cujas consequencias terriveis são conhecidas; e na verdade estes sustos são bem legitimos quando se conhece o triste cortejo do onanismo. Mas, entretanto que tudo tem que temer os masturbadores que affincadamente perseverão em tão triste vicio, tranquillisem-se aquelles que tem a coragem de vencer seus máos costumes; a experiencia prova que o restabelecimento das forças physicas e moraes, quando o mal não é levado muito além, tem lugar com uma grande promptidão.

Quando as distracções e o medo nada podem contra a masturbação, não resta mais do que uma aturada vigilancia, ajudada, em caso de necessidade, de meios coercitivos. Por consequente, sendo de dever prevenir toda a occasião que possa dar largas a um joven individuo para se entregar a tão detestavel vicio, cumpre que elle se deite, durma e se levante sempre debaixo de vossas vistas; e se isto não bastar, fazei-o dormir em vossa cama. Esta medida é quasi a unica que tem poder de arrancar certos individuos ao onanismo. Nos collegios não devem haver quartos

particulares; vastos dormitórios em que a inspecção possa ser facilmente executada, eis o que convém. É preciso que uma luz fraca seja entretida durante a noite, e que os mestres, em horas diversas, fação silenciosas inspecções.

Os meios abertamente prohibitivos, cujo emprego suppõe a insufficiencia de todos os outros, e ao mesmo tempo a imminencia de grandes perigos para a saúde ou para a vida, estes meios, dizemos, não são de uma applicação nem segura nem facil, pois que então trava-se uma briga teimosa entre o masturbador e seu vigilante. Principia-se por exigir que os braços sejam postos fóra da cama, e observão-se depois os movimentos do corpo; porquanto o onanismo, principalmente nas moças, consegue seus fins pelos attritos de toda a especie. Foi proposto o uso de camisas mais compridas do que o corpo, fechadas além dos pés; a camisola de força, cujas extremidades excedem as mãos e os pés, finalisa com uma corrêa e permite fixar os membros como se deseja. Emfim, nas lojas dos fabricantes de fundas achão-se cintas contra o onanismo, cujo uso, sem ser uma garantia segura contra o vicio que se deseja destruir, não é entretanto destituído de efficacia.

Emquanto aos meios de reparar as desordens ocasionadas pelo onanismo, vão indicados nos artigos AMOR e POLLUÇÕES.

ONANISMO CONJUGAL. Esta pratica, infelizmente mui commum, é um attentado commettido no leito conjugal. Mas a experiencia prova que o fim da procreação é frequentemente alcançado, apezar da má vontade e dos esforços criminosos do marido. Quem sabe se as crianças fracas ou monstruosas não são o fructo destes actos incompletos e anormaes, nos quaes a natureza, mais ou menos frustrada, não pôde formar entes perfeitos? Esta consideração terá talvez alguma força para desviar os onaniacos do seu culpavel intuito.

Não é difficil conceber o gráo de perturbação que semelhante pratica deve exercer sobre o systema

genital da mulher, provocando desejos que não são satisfeitos. O utero fica estimulado; mas, não sendo o orgasmo aplacado pela crise natural, persiste a excitação nervosa. Acontece então o que teria lugar se, apresentando alguém alimentos a um homem esfo-meado, os tornasse a tirar, depois de ter violentado desta maneira o seu appetite. A sensibilidade do utero e todo o aparelho da reproducção ficão con-strangidos. É a esta causa, mui frequentemente repetida, que se devem attribuir essas molestias nervosas que principião pelo systema genital da mulher. Acontece mais: as relações moraes entre os esposos experimentão mudanças desagradaveis; esse amor, baseado em uma estima reciproca, diminue pouco a pouco, pela repetição do acto que profana o leito nupcial: dahi vem certas friezas que, augmen-tando pouco a pouco, determinão esses rompimentos escandalosos, cujo verdadeiro motivo o publico ignora quasi sempre. Veremos mais abaixo que a sciência póde conciliar neste ponto os legitimos sustos dos pais de familia com as leis da moral, e que o onanismo conjugal póde então ficar inutil.

Concluiremos este artigo com a seguinte questão: *Se os esposos podem limitar o numero de seus filhos por meios que não sejam desaprovados pela moral?* Tratando do onanismo conjugal, demonstrámos os perigos que resultão destas culpaveis manobras, e censurámos, em nome da saúde do corpo e da alma, esta violação das leis da natureza. Agora vamos perguntar á sciencia medica se é possível combinar os interesses da familia com os da moral e da religião; se o esposo indigente póde preencher os seus deveres conjugaes, sem ter a triste perspectiva de dar nascimento a creaturas que venhão participar de seu infortunio.

Ha muitos homens virtuosos que abração o estado de casado com as vistas mais puras e mais honestas; mas ficão logo tristes quando a população interior do seu lar domestico, pela irresistivel lei da reproducção, ultrapassa os limites de sua subsistencia. Esta inquietação chega quasi ao grão de

desespero, se os seus recursos pecuniarios são escasos, se não vêm nada de seguro no futuro, se a sua actividade é vencida pelos obstaculos da fortuna. É preciso ser medico, é preciso ter sondado muitas feridas vivas e frequentado muitas casas pobres, para comprehender quão pungente é semelhante posição! Poderião sustentar um ou dous meninos; mas seis, oito, dez, isso excede os meios de um pai pouco abastado. No estado actual das cousas, n'uma época em que é tão difficil chegar a uma fortuna mediocre, um pai de familia assume uma grave responsabilidade quando cede com muito descuido á sollicitação dos órgãos genitales. A sciencia fará um verdadeiro serviço se, determinando os periodos proprios para a fecundação na especie humana, chegar a restringir a frequencia das torpezas conjugaes. Mas isso exige alguns desenvolvimentos.

Em todos os animaes, a faculdade da reproducção é marcada por periodos cujos intervallos são maiores ou menores. A natureza observa esta lei com tal rigor, que o maior numero das femeas dos mammiferos não supportão o macho sem ser nestes periodos. As indagações de medicos modernos tem provado que nesta quadra de amores apparece nos ovarios das femeas certo numero de ovulos, que, depois de adquirirem certo desenvolvimento, são expellidos para fóra dos ovarios e penetrão na cavidade do utero, onde devem ser fecundados. A mesma cousa acontece á mulher na época da menstruação: no fim dos menstruos é que o ovulo passa do ovario á cavidade do utero. Em qualquer outra época, o ovulo acha-se fechado n'uma vesicula, que forma uma barreira solida e impermeavel, através da qual o esperma não póde penetrar de maneira nenhuma. Todos os observadores considerão unanimemente a concepção muito mais facil na época que se segue ao periodo menstrual. Hippocrates aconselhava ás mulheres estereis que dessem grande attenção a estes momentos. Boerhaave e Haller exprimem-se da

mesma maneira. Todos sabem o que diz a historia a respeito de Henrique II, que consultou o seu medico sobre os meios de combater a esterilidade da rainha. O celebre Dr. Fournel limitou-se a aconselhar ao rei que seguisse exactamente os preceitos de Hippocrates. Este conselho produziu bons effeitos, e depois de onze annos de tentativas inuteis e de impaciencia, Catharina de Medicis ficou gravida, e satisfez desta maneira os desejos da França.

Por conseguinte o homem sisudo e perspicaz que quer ter uma familia conforme a seus recursos pecuniarios, e não quer procrear entes condemnados á miseria e a todas as calamidades que ella traz consigo, deve compenetrar-se bem das verdades precedentes. Os dous esposos, não sendo mais obrigados a viver n'uma continencia absoluta, ou a augmentar sua familia a cada prova de amor, hão de ficar perfectamente tranquillos. Se taes noções se diffundirem entre o povo, o pobre não se verá mais na dura necessidade de sacrificar os unicos prazeres de que póde gozar na terra.

Conclusões. Do que acabamos de dizer fica estabelecido: 1.º, que a mulher tem, como as femeas dos animaes, épocas determinadas para a reproducção; 2.º, que existem épocas em que a concepção é impossivel; 3.º, que a reunião dos sexos, praticada seis a sete dias depois da menstruação, offerece probabilidades para a nullidade do resultado; 4.º, que estas probabilidades augmentão, afastando-se do tempo dos menstros o momento da reunião; 5.º, que o esposo que deseja restringir o numero de seus filhos deve abster-se dos prazeres conjugaes durante um periodo de cada mez, que varia entre dez a quinze dias, e que comprehende um ou dous dias antes da erupção dos menstros, os dias durante os quaes corre o fluxo, e emfim os que se seguem immediatamente a esta época. Devemos accrescentar que, podendo a copula accelerar ás vezes a ruptura e sahida do ovulo, quando é praticada nos momentos proximos a esta funcção, é prudente abster-se della

logo que a esposa sinta os primeiros symptomas das regras.

OPHTHALMIA. É o nome que se dá á inflammação do olho. A ophthalmia é uma das molestias mais frequentes que affligem a especie humana. Às vezes não dura senão duas, tres ou quatro semanas; outras vezes persiste mezes, annos inteiros, e até toda a vida. O nome de *ophthalmia* applica-se a todas as inflammações do olho e das palpebras que se manifestão exteriormente por qualquer vermelhidão. Ha varias especies de ophthalmia.

1.º **OPHTHALMIA SIMPLES OU AGUDA.** As *causas* da ophthalmia simples são extremamente numerosas. A introducção de um corpo estranho debaixo das palpebras, as pestanas quando estão viradas, as pancadas, as feridas do olho ou das partes vizinhas, a impressão prolongada de um vento frio e humido, a reverberação de uma luz solar mui intensa sobre a arêa, dão frequentemente lugar a esta inflammação. Um exercicio mui continuo do órgão da vista é tambem uma causa frequente de sua inflammação. Esta causa comprehende as vigílias, as leituras prolongadas, sobretudo com a luz viva de candieiros, uma exposição frequente á acção da fumaça, ao calor e á luz ministrada por grandes fócios, ás correntes de ar sobrecarregadas de póos mui finos. Entre as causas internas da ophthalmia, citaremos o abuso dos licôres alcoolicos e dos alimentos excitantes. Esta inflammação acompanha quasi sempre os sarampos, a escarlatina, as bexigas. Acontece emfim com a ophthalmia como com as outras molestias, e vem a ser que ella se declara frequentemente sem causa apreciavel.

Symptomas. Na *ophthalmia aguda leve*, os olhos ficam vermelhos; existem picadas e uma comichão dolorosa; parece ao doente que tem grãos de arêa no olho que o irritão continuamente. Os movimentos das palpebras e do bugalho do olho augmentão a dôr; uma luz viva produz o mesmo effeito. As lagrimas correm com maior abundancia do que de costume,

e as palpebras amanhecem pegadas por uma remela abundante. A estes symptomas junta-se ás vezes um pouco de acceleração no pulso, augmento de calor da pelle, peso de cabeça, e ás vezes calafrios irregulares. Este symptomas augmentão commumente de intensidade durante dous ou tres dias, e depois desaparecem gradualmente. Entretanto, em alguns casos, depois de se acalmarem, ficão no mesmo estado, sobretudo quando a molestia não foi tratada, ou quando os remedios erão intempestivos.

A *ophthalmia aguda viva* é caracterizada pelos mesmos symptomas que a precedente, mas levados a um grão muito mais alto. Neste caso, a vermelhidão e a dôr vão augmentando, as palpebras tornão-se inchadas e virão-se para fóra. Ás vezes corre dos olhos um liquido limpido, mui abundante e acre; outras vezes estes orgãos ficão seccos, e então a anxiedade é das mais vivas. A impressão da menor luz exaspera a dôr, e a visão é perturbada. Todos estes accidentes se complicão com uma febre intensa, dôr de cabeça intoleravel e insomnia rebelde. A inflammção pôde estender-se a todo o globo do olho; então as dôres tornão-se excessivas, picadas profundas se fazem sentir no interior do orgão, que augmenta de volume, enche-se de pus, rompe-se e deixa sahir todos os humores que contém. Mas felizmente este ultimo caso é rarissimo.

A duraçção da ophthalmia varia conforme a intensidade dos symptomas. Termo medio, dura de dez a quinze dias; mas prolonga-se ás vezes durante dous mezes, sem perder seu character agudo. Acaba pela cura ou pela passagem ao estado chronico; causa ás vezes nodoas chamadas *belidas*; enfim, pôde estender-se a todo o bugalho do olho, produzir a sua desorganisação e occasionar a perda da vista.

Tratamento. Na ophthalmia aguda benigna, dever-se-ha recorrer aos lavatorios mornos com decoçção de linhaça, raiz de althéa, folhas de alface ou com leite morno, e trazer constantemente applicado sobre o olho um panno molhado n'um destes liqui-

dos. O doente tomará escaldapés com farinha de mostarda; deve diminuir seus alimentos e usar de bebidas diluentes, como agua de cevada, de arroz, etc. Se a inflammacão fôr occasionada por uma pancada, em vez de lavar os olhos com decocção de althéa, é preciso fazer applicações contínuas de pannos embebidos d'agua fria. Mas antes de tudo é preciso certificar-se que não se introduzio nenhum corpo estranho entre o olho e as palpebras. Com este tratamento, a ophthalmia percorre ordinariamente seu primeiro periodo no espaço de quatro ou cinco dias. Sua terminacão é annunciada por symptomas não equívocos: o doente não se queixa mais deste sentimento de ardor que experimentava no principio da molestia; sente-se alliviado, abre os olhos com facilidade e supporta uma luz moderada. Nesta época, comquanto a alva do olho esteja ainda vermelha e pareça sempre inflammada, não ha tal, porque a ophthalmia já não está no seu primeiro periodo. Ao estado inflammatorio succedeu a fraqueza dos vasos que cobrem o olho; é preciso então, tres ou quatro vezes por dia, introduzir entre as palpebras algumas gottas do collyrio seguinte:

Agua de rosas	6 onças.
Laudano de Sydenham	2 oitavas.
Aguardente alcanforada	1 oitava.

Misture. Molha-se um panno ou uma esponja neste liquido e espreme-se dentro do olho, tres ou quatro vezes por dia; e logo depois lava-se o olho com agua fria.

A este tratamento é preciso ajuntar um ou dous purgantes.

Quando a ophthalmia é mui intensa, é necessario praticar uma sangria no braço, cuja abundancia será conforme á idade e ás forças do doente. Depois da sangria convém applicar 10 a 15 bichas atrás da orelha, do lado correspondente ao olho inflammado. O doente continuará a banhar os olhos com as decocções mornas de sementes de linhaça ou de

marmelo, ou de folhas de alface, com as cabeças de dormideiras.

Depois das bichas é preciso administrar o tartaro estibiado, conforme a receita seguinte:

Tartaro estibiado	4 grãos.
Agua fria	6 onças.

Misture. O doente bebe duas colheres *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Se, apesar deste tratamento, a inflammação persiste, convém applicar um caustico na nuca.

Entre os remedios externos, o unguento napolitano emprega-se com maior vantagem na ophthalmia intensa. Duas ou tres vezes por dia o doente untará as palpebras com meia oitava deste unguento.

Á proporção que a molestia vai diminuindo de intensidade, aos lavatorios emollientes cumpre ajuntar algum remedio adstringente. Eis-aqui a receita de um collyrio que convém neste caso:

Cozimento de alface	16 onças.
Sulfato de zinco	4 grãos.

Misture. O doente lava o olho com este collyrio, tres ou quatro vezes por dia.

Ha outros medicamentos mais, que convém na ophthalmia intensa; porém estes exigem rigorosamente a assistencia do medico.

2.º OPTHALMIA PURULENTA DOS ADULTOS. Assim se chama a inflammação dos olhos cujo character especial é um escorrimento, d'entre as palpebras, de um fluido mucoso purulento. É uma das molestias mais graves do olho. Ás vezes reina epidemicamente no Rio de Janeiro, principalmente nas casas que tem grande numero de pretos. No principio do anno de 1846, atacou no Rio de Janeiro a muita gente, e foi communicada pelos pretos recém-chegados da costa d'Africa. Esta ophthalmia é contagiosa e communica-se ou pelo contacto do fluido purulento sobre o olho são, ou pelo ar viciado pelos miasmas que sahem dos olhos affectados. O calor, a reunião de muita gente n'um pequeno espaço e a falta de asseio favorecem o contagio.

Symptomas. A ophthalmia purulenta ataca ordinariamente ambos os olhos, bem que haja muitas vezes um intervallo de alguns dias entre a invasão da molestia n'um e n'outro olho. Quando se desenvolve com rapidez moderada, a ordem dos symptomas é a seguinte: de tarde sobrem uma comichão no olho, depois de repente se manifesta uma sensação mui incommoda de arêa entre o olho e as palpebras. Estas são pegadas entre si e parecem mais cheias; sua superficie interna está mui inflammada. Vinte e quatro horas depois, já é consideravel o escorrimento do pus, que é claro ao principio, e depois torna-se opaco, amarello e miu abundante. Às vezes corre misturado com sangue.

A molestia pôde não ir mais longe e limitar-se ás palpebras; então a secreção purulenta diminue pouco a pouco, e o doente sára. Mas ordinariamente a inflammção passa ao olho: a membrana externa chamada *conjunctiva* incha rapidamente, e forma um tumor em roda da cornea; o escorrimento puriforme é então mui abundante; sua quantidade pôde chegar a algumas onças por dia. Nos casos felizes, a cornea fica intacta e o doente sára conservando a vista. Nas circumstancias mais graves, a inflammção se estende até á cornea, formão-se ulceras nesta membrana, e depois belidas, e a vista é diminuida, senão abolida. Às vezes, emfim, a inflammção se propaga ainda mais profundamente, o olho se vasa e a vista fica perdida completamente e para sempre.

Tratamento. Nem sangrias nem bichas produzem bom effeito nesta inflammção. O melhor remedio consiste em espremer dentro do olho, duas vezes por dia, um panno molhado em uma mistura d'agua morna com aguardente alcanforada na proporção de quatro colheres *de sopa* d'agua morna e uma colher *de chá* d'aguardente alcanforada; e immediatamente depois banhar o olho com agua morna para diminuir o ardor que produz a aguardente alcanforada. Pelo dia adiante, é preciso lavar olho, de quarto em quarto de hora, e mais frequente-

mente se fôr preciso, com agua morna ou com cozimento morno de linhaça, para não deixar demorar-se o pus entre as papebras. Estes lavatorios devem ser feitos por meio de uma esponja finissima. Se ao cabo de 24 horas não houver melhora, é necessario tocar levemente a face interna das palpebras com pedra infernal, o que só pôde ser feito por um cirurgião. Fazem-se tambem unturas em roda do olho com unguento napolitano, duas vezes por dia. O doente deve tomar, no mesmo tempo, de duas em duas horas, uma chicara da bebida seguinte, para provocar evacuações por cima e por baixo:

Agua	24 onças.
Tartaro emetico	3 grãos.

Misture.

Esta bebida deve ser repetida por dous ou tres dias, conforme a gravidade da molestia.

A dieta será rigorosa. O doente só tomará caldos de gallinha.

Recommendamos sobretudo muito cuidado em lavar os olhos e tirar a materia purulenta.

3.º OPTHALMIA GONORRHOICA OU BLENNORRHAGICA. Assim se chama uma inflamação mui grave dos olhos que acomette os individuos affectados de gonorrhéa ou esquentamento. Esta molestia resulta ordinariamente de uma inoculação directa por meio dos dedos levados ao olho, quando estão sujos pela materia que sahe da uretra. Em alguns casos, entretanto, a ophthalmia apparece sem este contacto. Esta molestia exige um tratamento energico, porque, sendo desprezada, pôde destruir o olho em sete ou oito dias. O escorrimento de uma mucosidade espessa, amarellada, mais ou menos copiosa, forma o character principal desta inflamação; os olhos são vermelhos, dolorosos, como na ophthalmia aguda simples.

Tratamento. Se o doente é vigoroso, é preciso praticar uma sangria do braço, e depois applicar dez a doze bichas atrás das orelhas. Se o doente é fraco, convém limitar-se ás bichas. Depois disso, é preciso

administrar internamente o balsamo de copaiba e os pós de cubebas, da mesma maneira por que se trata um esquentamento. (*Veja-se* Vol. II, pag. 181.) Ao mesmo tempo empregão-se lavatorios nos olhos com cozimento morno de linhaça e com a mistura d'aguardente alcanforada e d'agua morna, absolutamente da mesma maneira que fica dito tratando-se da ophthalmia purulenta, no paragrapho precedente, pag. 126. Às vezes é preciso recorrer ás fricções em roda do olho com o unguento napolitano e á cauterisação da face interna da palpebras com pedra infernal.

4.º OPTHALMIA PURULENTA DOS RECEM-NASCIDOS. As crianças recém-nascidas são ás vezes affectadas da ophthalmia purulenta; a molestia é caracterisada por uma inchação consideravel das palpebras e por um escorrimento abundante de materia purulenta. Acommette as crianças desde a idade de alguns dias até á de muitos mezes. Reina ás vezes epidemicamente, isto é, accomette grande numero de crianças ao mesmo tempo. Suas causas são incertas; parece que depende da influencia particular da atmospherá. É uma molestia mui grave, pôde occasionar a perda do olho, e por isso exige um tratamento mui cuidadoso.

Tratamento. A aguardente alcanforada é o remedio que tem provado melhor na ophthalmia purulenta das crianças recém-nascidas. Eis-aqui a maneira de se servir della. Misturão-se quatro colheres *de sopa* d'agua morna com uma colher *de chá* d'aguardente alcanforada, molha-se um panno ou uma esponja nesta mistura e espreme-se dentro do olho da criança. Esta operação se repete tres vezes por dia, e immediatamente logo depois lava-se o olho com agua morna ou com cozimento de linhaça. Os lavatorios com cozimento morno de linhaça devem ser depois feitos continuamente, para que o olho se conserve limpo. É ás vezes difficil abrir as palpebras por causa de sua grande inchação, e é impossivel introduzir entre ellas o cozimento de linhaça: neste caso,

para lavar a face interna das palpebras, é preciso empregar uma pequena seringa de borracha, cujo canudo se introduz entre as palpebras perto do angulo do olho, e por meio do qual se fazem oito ou dez vezes por dia seringatorios que lavão exactamente a face interna das palpebras e conjuntamente o globo do olho.

Nos casos mais graves que ameação a perda do olho, é preciso obrar muito mais energicamente: é preciso cauterisar com pedra infernal. Afastão-se as palpebras com os dedos, vira-se para fóra a palpebra inferior, e toca-se levemente a sua face interna até produzir uma camada branca, indicio de uma cauterisação sufficiente. Lava-se logo depois o olho com agua morna. Repete-se a cauterisação de dous em dous ou de tres em tres dias, se a molestia não é grave; no caso contrario, deve-se cauterisar todos os dias, até que a inflammação vá diminuindo. Este tratamento tem curado muitas ophthalmias purulentas.

5.º OPTHALMIAS CHRONICAS. Com este nome se designão ophthalmias cuja marcha é lenta, cuja duração é longa, que tem pouca intensidade e que dependem ou de profissão do doente ou de causas internas, taes como as que são consequencia de bexigas, de sarampos, de virus syphilitico, de escrophulas, de impigens, etc.

Symptomas. Não differem dos do estado agudo se não por sua menor intensidade; consistem tambem em vermelhidão, calor e dôr. Muitas vezes a membrana que cobre a face interna da palpebra inferior fica inchada e de uma côr mais ou menos viva. A's vezes a margem da palpebra é ulcerada, desigual e privada de pestanas; uma remela mais ou menos abundante pega as palpebras todas as manhãs.

A marcha da ophthalmia chronica é lenta, e sua duração sempre longa; persiste ás vezes muitos annos, e termina pela cura ou pela formação de belidas.

Tratamento. Quando a ophthalmia chronica é

entretida pela profissão do doente, deve este antes de tudo renunciar a ella; senão, todos os meios que fôrem tentados contra a ophthalmia ficarão sem effeito. Diremos o mesmo quando é produzida pela presença das pestanas viradas; é preciso principiar por destruir esta causa, o que se consegue por uma operação particular. Se se suspeita que a molestia depende do virus syphilitico mal curado, ou da constituição escrophulosa do doente, convém primeiro combater estas complicações por tratamentos internos e especiaes. (*Veja-se SYPHILIS, ESCROPHULAS.*) As applicações locaes que convém na ophthalmia chronica são adstringentes; taes são a agua de rosas, a agua fria misturada com algumas gottas d'agua da Colonia, o laudano liquido, a solução ligeira de pedra infernal, e muitas outras preparações que é inutil indicar, pois que não podem ser applicadas senão por um medico, que é a unica pessoa que pôde julgar da sua conveniencia. Ao mesmo tempo que se empregão todos estes meios locaes, é quasi sempre util ajudar o seu effeito com purgantes leves, mas repetidos, e com um caustico no braço ou na nuca.

Quando a ophthalmia é entretida pela má constituição, é preciso recorrer-se a uma medicação interna fortificante. A alimentação será substancial, isto é, composta principalmente de carnes. O doente fará um uso moderado do vinho, fará um ligeiro exercicio todos os dias, tomará banhos frios, e sobretudo os do mar. Dirigir-se-hão sobre os olhos fumigações aromaticas espirituosas, taes como a agua de Colonia, balsamo de Fioraventi. O meio de se fazerem estas fumigações consiste em pôr algumas gottas de um dos dous licôres indicados na palma de uma das mãos, esfrega-la contra a outra e approximar depois a mão aos olhos. As pessoas sujeitas á ophthalmia chronica devem evitar as vigalias e os trabalhos assiduos que exigem o exercicio dos olhos; devem fugir da luz forte e do ardor do sol; convém que tomem frequentemente banhos dos pés, que

entretenhão o ventre livre e tragão oculos levemente coloridos.

OPIATO ou OPIATA. A palavra *opiato* é geralmente empregada como synonymo de *electuario*; entretanto, deve-se dar sómente o nome de opiatos aos electuarios que contém opio.

OPIO. Sumo concreto extrahido das cabeças de dormideiras. É solido, de côr roxa escura, cheiro nauseabundo e gosto mui amargo. O opio constitue um dos medicamentos mais preciosos. Convém todas as vezes que os doentes soffrem vivas dôres e que são sujeitos á insomnia. Administra-se na dôse de 1 grão por dia, até 2, 4, 8 grãos e muito mais, progressivamente. Dado de uma só vez em dôse grande, produz accidentes graves e até a morte. (*Veja-se ENVENENAMENTO PELO OPIO*, Vol. II, pag. 124.)

OPODELDOCH. *Veja-se* BALSAMO OPODELDOCH, Vol. I, pag. 177.

OPPILAÇÃO. Esta molestia consiste em uma alteração de sangue, e é caracterisada pelos symptomas seguintes: A pallidez da pelle é extrema, e as membranas mucosas, como, por exemplo, aquellas que cobrem a face interna das palpebras e os beiços, são lividas ou brancas, em vez de serem vermelhas. No rosto a pelle toma uma côr analoga á da cera amarella; os pretos ficão fulos. A physionomia torna-se triste, os olhos languidos, as carnes flaccidas. A estes caracteres se junta uma ligeira inchação do rosto ou das pernas, uma fraqueza que permite apenas que o doente fique em pé, palpitações pelo menor exercicio e uma esfalção contínua. Existe fastio, e alguns doentes desejão comer cousas improprias para a digestão, como terra, carvão, sal, etc.

A alimentação insufficiente, o uso exclusivo das substancias farinaceas, como de mandioca, feijão, etc., fadigas excessivas do corpo, a exposição á humidade, a residencia em lugares baixos, humidos, mal arejados e privados do sol, são as causas mais poderosas da oppilação. Esta molestia reina quasi exclusivamente nos paizes intertropicaes.

No tratamento da oppilação, a primeira indicação consiste em remover as causas que a produzirão. O doente deve ser subtraído á humidade, andar calçado, dormir em lugar assoalhado e secco. O seu regimen deve ser tonico, composto principalmente de caldos, carnes assadas e uma pequena quantidade de vinho; evitar-se-hão as substancias farinaceas, e deve-se comer poucos vegetaes. É necessaria toda a cautela em evitar a satisfação de um appetite depravado. Os outros meios são: fricções sobre o corpo com a tintura de alfazema, um exercicio moderado e a exposição ao sol. Quanto aos remedios, devem ser buscados na classe dos amargos, como as decocções de gengiana, de quassia, de luparo, e nas preparações ferreas.

RECEITUARIO CONTRA A OPPILAÇÃO.

Pós tonicos.

Sub-carbonato de ferro	1 oitava.
Calumba	1 oitava.
Rhuibarbo	1 oitava.
Gengibre.	1 oitava.

Reduza tudo a pó, misture e divida em 12 papeis. O doente toma um papel, tres vezes por dia, em meia chicara d'agua fria com assucar.

Por cima do papel, de manhã, beba uma chicara de cozimento de gengiana, de quassia ou de luparo.

Depois de ter usado por quinze dias deste tratamento, ha de recorrer á seguinte preparação de ferro:

Tintura de Marte tartarisada, 1 onça.

Bebe-se uma colher de *chá* desta tintura, tres vezes por dia, em meia chicara d'agua fria com assucar.

OPPILAÇÃO DAS MOÇAS. Esta molestia tem em medicina o nome de *chlorose*. É caracterizada por uma coloração pallida ou esverdinhada da pelle, acompanhada de um estado de languidez geral, e ligada ás mais das vezes á retenção dos menstros ou á sua insufficiencia.

Causas. Esta molestia acommete principalmente as moças, na época da puberdade, quando a men-

struação tarda a apparecer, ou quando apparece com difficuldade. As viúvas e ás vezes as mulheres casadas igualmente não são della isentas. As causas que predispoem á oppilação são: uma constituição fraca originaria ou adquirida, a vida sedentaria, a habitação nas grandes cidades, o somno mui prolongado ou as vigílias immoderadas, a influencia da humidade, alimentos pouco nutrientes ou indigestos, o abuso dos banhos quentes, as affecções moraes tristes, o aborrecimento, o amor contrariado ou infeliz, a privação dos prazeres physicos do amor n'uma moça mui ardente ou n'uma mulher que já os provou, o ananismo, a suppressão accidental dos menstruos ou sua excreção mui abundante, certas molestias que tem produzido um estado de fraqueza profunda, etc.

Symptomas. Os symptomas da oppilação das moças consistem na pallidez extrema, coloração amarella ou esverdinhada e rosto e palpebras inchados, beiços e olhos desmaiados, carnes molles, inchação dos pés e diminuição do appetite. A estes symptomas se ajuntão ás vezes nauseas e vomitos, difficuldade de respiração e as palpitações que augmenta o menor exercicio, principalmente quando as doentes sobem uma escada, a frequencia e fraqueza do pulso, um sentimento continuo de fadiga e uma grande repugnancia ao movimento. As doentes são tristes, melancolicas, procurão a solidão, suspirão e chorão involuntariamente e sem motivo. Ao mesmo tempo os menstruos experimentão um desarranjo, se existem; senão, sua primeira apparição é retardada: no primeiro caso, as épocas ficão mais afastadas, o sangue vai diminuindo de quantidade, torna-se cada vez mais desmaiado, até que cessa completamente. Emfim, se a molestia se agrava, apparece uma dôr fixa na cabeça, o ventre fica duro e doloroso, o pulso frequente; sobrevém a diarrhéa, e a doente chega a um estado extremo de marasmo.

A oppilação das moças é sempre uma molestia de longa duração; sára ordinariamente, sobretudo po-

dendo-se a doente subtrahir ás causas que a produzirão. Mas se a oppilação é antiga e complicada com alguma molestia chronica, sua cura torna-se então mui difficil.

Tratamento. O tratamento da oppilação das moças é sobretudo hygienico, e consiste em banhos quentes aromaticos, banhos frios do mar ou do rio, habitação no campo n'um lugar elevado e secco, comidas sãas e nutrientes compostas principalmente de carnes assadas, uso de vinho, muito exercicio, equitação, dança, etc. As fricções sobre as cadeiras e as coxas com baeta secca ou embebida d'agua de Cõlônia são mui uteis. Os escalda-pés com cinza e os sinapismos applicados de vez em quando nas coxas e pernas empregão-se com vantagem para provocar o fluxo menstrual.

Ao mesmo tempo a doente deve beber todos os dias uma chicara de bebida amarga, tal como infusão de luparo, losna, rhuibarbo ou casca de quina.

Entre os outros medicamentos as preparações ferreas são as mais vantajosas. Recommendamos sobretudo as *pillulas ferreas de Vallet*, de que as doentes tomão 4 a 10 por dia.

OPPILAÇÃO DO VENTRE DAS CRIANÇAS. *Vêja-se* INCHAÇÃO DO VENTRE, Vol. II, pag. 438.

OPPRESSÃO DO PEITO. Estado em que uma pessoa experimenta sentimento de um peso sobre o peito e difficuldade de respiração. A oppressão é um dos symptomas que acompanhão quasi todas as molestias dos pulmões e do coração; adquire uma intensidade extrema na asthma. Manifestão-se tambem nas pessoas nervosas oppressões leves e passageiras, que cedem facilmente á exposição ao ar e a algum remedio antispasmodico, como, *verbi gratia*, chá de herva cidreira ou folhas de lorangeira. Quando são habituaes e sómente nervosas, cedem a uma vida activa, á habitação no campo e ao exercicio ao ar livre.

ORCHITE. Assim se chama na medicina a inflamação do testiculo. *Vêja-se* Vol. II, pag. 171.

ORELHA. Assim se chama uma especie de concha cartilaginosa que se acha em roda da entrada do conducto auditivo.

Era moda, ha cincoenta annos, furar as orelhas de dous ambos para suspender-lhes pequenas argolas de ouro; julgava-se assim prevenir algumas molestias, e principalmente a ophthalmia da infancia. Hoje este costume ridiculo, e que tem alguma cousa de selvagem, só é seguido pelas moças condemnadas a ajuntarem a seus attractivos naturaes o maior numero de ornatos possivel. Esta leve operação é raramente praticada por um cirurgião; mulheres ou ourives são ordinariamente os que praticão esta operação por meio de uma agulha com retroz encebado, a qual atravessa o lobulo da orelha, deixando ficar o retroz por alguns dias, para depois se fechar no furo feito uma pequena argola de ouro. Muitas vezes desenvolve-se uma ligeira inflammação e suppuração; poucos dias depois, estes pequenos accidentes se dissipão. Póde ser combatida esta inflammação, no caso de se tornar activa, por lavatorios com decoção de linhaça, ou por pequenas cataplasmas de miolo de pão.

FERIDAS DA ORELHA. *Veja-se* Vol. II, pag. 246.

QUEIMADURAS DA ORELHA. O tratamento é o mesmo que está indicado no artigo geral **QUEIMADURA**; só o cirurgião deve dirigir a cicatrização com o maior cuidado para impedir que a orelha se una com a pelle do craneo, ou que a abertura da concha e do conducto auditivo fique tapada. Previnem-se estes accidentes por meio de fios interpostos entre as partes que devem ficar separadas. *Veja-se* **OUVIDO**.

ORTHOPEdia. Esta palavra designa a arte de tornar os meninos direitos. Muitas tentativas feitas em diversas épocas para remediar, por apparatus mecanicos ou por exercicios particulares, as deformidades occasionadas pelo rachitismo, attestão que, se a palavra *orthopedia* é moderna, a cousa é realmente assaz antiga.

A *orthopedia* tem por fim conservar as fórm

naturaes dos ossos, e restabelece-las quando estão em um estado anormal. Comprehende, por consequente, duas partes: uma pertence á hygiene (orthopedia como meio preventivo), outra á therapeutica (orthopedia como meio curativo).

Da Orthopedia como meio preventivo. Para conservar a integridade das fórmãs do corpo, é preciso evitar as causas capazes de alterar-lhe a conformação e submittê-lo ás influencias mais favoraveis a seu desenvolvimento regular.

Os ossos tenros e flexiveis da criança cedem com o tempo á compressão que é exercida sobre elles, donde vem a necessidade de livrar a primeira idade dessas ligas estreitas que os conselhos dos medicos e a eloquencia de Rosseau não tem podido proscrever em toda a parte, e que são mais proprias a deformar a estrutura do corpo do que a assegurar sua solidez, como algumas pessoas julgão. Os inconvenientes não serião menores se a cabeça do recém-nascido fosse apertada fortemente. Evitar-se-ha, por um motivo semelhante, a pressão constante das mesmas partes quando se traz a criança no braço, devendo-se muda-la frequentemente de lado, sustentando sempre a parte posterior do tronco.

A criança, estando quasi todo o dia deitada nos primeiros mezes de sua existencia, está pouco sujeita a deformar-se pelo unico effeito das attitudes. Não acontece assim quando principia a sentar-se, e sobretudo a pôr-se de pé e a andar. Importa então que se não carreguem as partes inferiores do corpo com o peso das partes superiores, senão quando as primeiras estão bastante solidas para não se curvarem ao peso desta carga. É mui reprehensivel a impaciencia dos pais que fazem andar por força crianças mui fracas ainda para poderem pôr-se de pé. Muitas curvaturas dos membros inferiores e da columna vertebral não tem outra origem. As anda-deiras e os carrinhos de que se servem algumas pessoas augmentão tambem a desordem pela má direcção que dão ás espadoas. A posição sentada,

bem que menos nociva, pois que não exige tantos esforços, só deve ser permittida quando a criança pôde sustentar o tronco bem direito.

À medida que os movimentos da infancia se multiplicão, é preciso esmerar-se em cuidados para prevenir uma situação viciosa. A cama será bastante dura, para que se não abaixe de mais pelo peso do corpo; o travesseiro será pouco grosso, a criança deitar-se-ha, tanto quanto fôr possível, ora á direita, ora á esquerda, ou de costas, afim de que as inflexões das juntas não tenham constantemente lugar no mesmo sentido. Cumpre, sobretudo, durante o dia, prevenir e corrigir as attitudes viciosas que possa contrahir. Deve-se acostuma-la logo a ter a cabeça alta, a levar as espadoas e os cotovellos para trás, apresentando o peito para diante e endireitando a parte superior do tronco. Vigiar-se-ha que, quando estiver de pé, todo o corpo repouse igualmente sobre ambos os pés, e que estes tenham uma direcção e uma situação convenientes. Quando se sentar, as duas nadegas devem firmar-se igualmente sobre a cadeira. As cadeiras de que se fizer uso serão baixas, para que os pés da criança descancem no chão. Preferir-se-hão as que tem espaldar, pelo menos quando fôr preciso prolongar-se esta attitude por algum tempo. Empregar-se-hão cadeiras de braços para as crianças fracas ou convalescentes.

Deve-se acompanhar as crianças nas suas occupações, e até nos seus jogos, afim de evitar que certas inflexões se lhes tornem habituaes. O corpo deverá desviar-se o menos possível da linha perpendicular nas differentes posições exigidas pela escripta, desenho, execução de diversos instrumentos, costura e outros trabalhos de agulha. As mesas serão de uma altura proporcionada á das cadeiras e á da estatura das crianças, e os pequenos objectos serão bastantemente aproximados de seus olhos, para que possam facilmente distingui-los sem se inclinarem muito para diante. Esta precaução será ainda mais neces-

saria se a criança tiver a vista curta ou o costume de olhar de perto. Demais, não se devem permittir os trabalhos deste genero senão com frequentes intervallos de repouso ou de exercicio activo.

Um dos meios mais seguros de prevenir os effeitos de uma posição má, consiste em variar o mais possivel os movimentos da criança, e não lhe impôr a dupla violencia de uma posição incommoda e de uma longa immobildade. Todos sabem, por experiencia propria, que, depois de se estar longo tempo de pé ou sentado, sente-se allivio andando e a criança, cansada de estar em uma posição uniforme, inclina o corpo de lado para conservar a apparencia da attitude direita que se exige della. O exercicio contribue poderosamente para prevenir as deformações, dando maior resistencia aos ossos, maior energia aos musculos. O regimen de muitos collegios tem precisão de ser modificado a este respeito. A introduccão dos exercicios gymnasticos nestes estabelecimentos prova já um progresso; mas esta creação não dará todos os fructos, se não se tiver o cuidado de fazer succeder frequentemente o movimento á inacção, se as horas de estudo não fôrem menos prolongadas, se uma vigilancia activa não fôr exercida a todos os instantes sobre a postura habitual dos alumnos.

É necessario fazer uma escolha entre os diversos exercicios. Os mais convenientes são aquelles que dão lugar a movimentos variados; taes são o salto, a dansa, a carreira, a esgrima, a luta, a equitação, o nadar, os jogos do volante, a acção de trepar e de suspender-se pelos membros superiores, etc. Os exercicios que poem as partes em uma posição forçada, ou que são acompanhados de uma inclinação permanente de um só lado, poderião ter graves inconvenientes; taes são os esforços para trazer maiores ou menores pesos, os que fazem as meninas que costumão carregar nos braços, e quasi sempre de um só lado, suas irmãs mais moças, etc.

A largura dos vestidos na idade juvenil é uma

condição essencial para a regularidade das fôrmas. Um vestido mui apertado, além do incommodo que occasiona no exercicio de muitas funcções, pôde com o tempo deslocar certos ossos, inclina-los viciosamente, oppôr-se ao seu desenvolvimento e tornar-se a origem de outras desordens, fazendo tomar á criança posturas viciosas, para subtrahir-se a uma pressão incommoda.

Apresenta-se aqui uma questão, e vem a ser: se é necessario buscar em certas peças do vestuario um sustentaculo que contribua para endireitar o corpo? Não ha inconveniente em assim obrar nos membros. Os calçados levados até á perna, taes como as botinas, são geralmente empregados para este fim; dão, com effeito, firmeza ás articulações dos ossos do pé e da perna, e servem para prevenir a inclinação destes ossos para o lado. Mas a questão é mais complexa no tronco. A mobilidade do peito, a molleza dos órgãos, sua sensibilidade, tornão qual-quer constricção penosa e até perigosa nesta região. Assim, tem-se renunciado hoje ao corpo de barbatana, especie de couraça, no qual foi por longo tempo encerrado o tronco das moças, apezar da grande opposição de muitos medicos. O espartilho, que lhe foi substituído, é um vestido ligeiro destinado a soste os seios e o ventre; mas é inutil, e até pôde ser perigoso, quando é empregado antes que estas partes tenham chegado a todo o seu crescimento. Em todos os casos, o espartilho deve ser pouco apertado, as barbatanas postas adiante e atrás terão só a resistencia sufficiente para sostê-lo em posição; deve-se torna-lo mais supportavel guarneecendo-o de substancias elasticas que se accomodem ás variações continuas dos órgãos; emfim, é necessario que se molde exactamente sobre a fôrma do tronco, afim de comprimir de uma maneira igual todos os pontos.

Da Orthopedia como meio curativo. A arte é muito mais frequentemente chamada a remediar deformidades existentes do que a prevenir as desordens

deste genero antes que se manifestem. Um grande numero de vicios de conformação reconhecem, com effeito, por causa a negligencia das precauções necessarias no desenvolvimento regular das fórmas. Mas existe, além disto, um certo numero de deformidades de nascença que podem ser corrigidas pela arte, comquanto seja ella impotente para preveni-las. O dominio da orthopedia, considerada como um ramo da arte de curar, encerra ainda as diversas deformações que succedem depois das diversas molestias, e principalmente depois do rachitismo. Emquanto estas affecções são dolorosas, é preciso limitar-se a dar ás partes uma situação conveniente sem exercer nenhum esforço. Mas quando toda a irritação tem cessado, a deformidade é combatida com vantagem pelos meios orthopedicos. O repouso, os apparatus, os exercicios musculares, taes são os principaes meios que a orthopedia emprega alternativamente para restabelecer a harmonia desarranjada das fórmas exteriores. O mecanismo dos apparatus é frequentemente complicado; sua descripção, para ser comprehendida, deveria ser acompanhada de desenhos explicativos, o plano desta obra dispensa-nos de reproduzi-la; contentamo-nos com dizer que os apparatus existem. O medico, a cujas luzes recorrer o doente, explicará o resto. (*Veja-se CORCOVA, Vol. I, pag. 445.*)

OSSO. Chamão-se *ossos* as partes solidas e duras do corpo humano e dos animaes superiores, cuja reunião constitue o *esqueleto*. O corpo humano, na idade adulta, contém 206 ossos, sem contar os 32 dentes. Os ossos são formados de um tecido fibroso particular, dentro do qual acha-se depositada a materia calcarea.

As principaes molestias dos ossos achão-se descritas nos artigos CARIE, FRACTURA e NECROSE.

DÔRES NOS OSSOS ou DÔRES OSTEOCAPAS. *Veja SYPHILIS. OSTRA. Veja-se Vol. I, p. 63.*

OTITE. Assim se chama em medicina a inflamação do ouvido. *Veja-se OUVIDO.*

OURINA. A ourina é um fluido separado do sangue arterial pelos rins e conduzido pelos vasos chamados uretéros á bexiga, donde é lançado para fora pelo canal da uretra. Este licor, fornecido pelo homem adulto no estado de saúde, é transparente, de côr amarella, de cheiro aromatico. Eis-aqui sua composição, que resulta da analyse de 1,000 partes de ourina: agua, 933; uréa, 30,10; acido lactico livre, 17,14; lactato de ammoniaco, 17,14; extracto soluvel em alcool, 17,14; materias extractivas soluveis sómente em agua, 17,14; acido urico, 1; mucosidade vesical, 0,32; chlorureto de sodio, 4,45; hydrochlorato de ammoniaco, 1,50; sulfato de potassa, 3,71; sulphato de soda, 3,16; phosphato de soda 2,94; bi-phosphato de ammoniaco, 1,65; phosphato de cal, 1; phosphato de magnesia, 1; silicio, 0,03. Resfriada espontaneamente, a ourina deixa precipitar, no espaço de algumas horas, um sedimento amarellado que se pega ás paredes do vaso, e que é quasi unicamente formado pelo acido urico. Muitas substancias introduzidas na economia são segregadas pelas ourinas, o que acontece aos espargos, que dão ás ourinas um cheiro mui fetido. A terebenthina mesmo, simplesmente respirada, communica-lhes, pelo contrario, um cheiro agradável de violetas. Os principios odoriferos do zimbro, do alho, do almiscar, passam igualmente do estomago ás vias urinarias. O páo campeche tingem a ourina de vermelho, o anil de azul, o rhuibarbo de amarello, a noz de galha e muitas substancias que contém tannino dão-lhe a côr azul. Os autores citão a desesperação de um scismatico que julgava que vertia sangue com as ourinas: comia com excesso beterrabas vermelhas; derão-lhe brancas, e ourinava como todos os outros homens. É bom conhecer estes phenomenos para não se assustar sem razão. O bicarbonato de soda e outros alcalis se mostram facilmente nas ourinas, e por isso estas substancias e as aguas mineraes que as contém, como, por exemplo, as de Vichy, são verdadeiramente efficazes para

combater as arêas e os calculos formados pelo acido urico. Os acidos vegetaes tornão as ourinas fortemente acidas; taes são os acidos citrico, tartarico, oxalico, etc. Chegados á bexiga, estes acidos obrão segundo suas affinidades particulares; assim o acido, oxalico apodera-se da cal que se acha nas ourinas e forma um oxalato de cal insolúvel. As pessoas que fizerem uso frequente de azedas, em que se acha o acido oxalico, serão expostas a soffrer de arêas desta especie.

A excreção das ourinas é indispensavel para a conservação da saúde; quando são retidas por mui longo tempo, podem produzir accidentes serios. É, por consequente, essencial que se obedeça á natureza quando nos ordena que ourinemos. Para favorecer sua excreção, convém dar um ligeiro passeio: este exercicio impede a formação das arêas; aconselha-se tambem que se evacue completamente a bexiga, fazendo-se os esforços precisos para isto.

Podendo a composição da urina ser modificada por diversos estados da economia, concebe-se que ella póde ás vezes fornecer signaes importantes no estado das molestias. Mas se, em muitos casos, obtem-se do exame das ourinas dados uteis, acontece que, em muitos outros, os signaes que apresenta são tão inconstantes e tão contradictorios, que muitos medicos os desprezão. Só charlatães sem pudor é que não temem afirmar que basta-lhes só a inspecção das ourinas para distinguirem todas as molestias. Os signaes que dá este exame são como os que são fornecidos pelo rosto, pulso e lingua. Sós, tem raramente um valor positivo; reunidos a outros, esclarecem o medico e são dignos de toda a sua attenção.

MOLESTIAS DAS VIAS URINARIAS. Muitas e variadas são as molestias das vias urinarias; um grande numero dellas são descriptas em artigos separados, que poderão ser vistos pelo leitor nas palavras ARÊAS, CATARRHO VESICAL, DIABETES, INCONTINENCIA DA OURINA, RETENÇÃO DA OURINA, ARDOR AO OURINAR, PEDRA, ESTREITAMENTO

DO CANAL DA URETRA: aqui só vamos fallar das *ourinas leitosas e sanguineas*.

OURINAS DOCES. *Vêja-se* DIABETES, Vol. II, p. 42.

OURINAS LEITOSAS. Assim se chamão ourinas que são branco-amarelladas, espessas, opacas, turvas, e tem a apparencia de leite mais ou menos aguado. São raras na Europa e observão-se principalmente nas regiões tropicaes; tem-se notado no Rio de Janeiro. Verdadeiramente fallando, não constituem uma grande molestia, e em geral são compatíveis com uma boa saúde. Às vezes os doentes vertem no mesmo dia duas especies de ourinas: as primeiras parecem sanguinolentas, as segundas são pallidas e, abandonadas ao repouso, separão-se em duas partes, das quaes a parte inferior parece sanguinolenta, entretanto que a superior é turva, de côr branca leitosa ou completamente opaca.

Esta affecção melhora pela passagem para climas temperados: sua cura é difficil; entretanto pôde sarar sem mudança de clima. O melhor tratamento consiste na administração de preparações de ratanhia, conforme a receita seguinte:

Casca de raiz de ratanhia 2 oitavas.

Agua fervendo 8 onças.

Infunda por meia hora, cõe e adoce com assucar. O doente bebe este chá de ratanhia de manhã, e outra dôse igual de tarde.

A tintura de cantharidas emprega-se com vantagem; mas este remedio é tão energico, que só pôde ser administrado debaixo da direcção do medico assistente.

OURINAS SANGUINEAS. As ourinas sanguineas podem ser provocadas por diferentes causas: um esforço violento, uma longa marcha, a equitação prolongada, um esquentamento intenso, pancadas sobre o ventre, uma quêda de um lugar alto e a presença da pedra na bexiga podem occasiona-las; emfim, em alguns individuos, a hemorragia das vias urinaes se opera com maior facilidade sem alteração da saúde: ha pessoas que são expostas a

ella, como outras ao fluxo de sangue pelo nariz. Nas mulheres, esta hemorragia sobrevém em lugar dos menstruos; nos homens, as ourinas sanguineas substituem ás vezes as hemorrhoidas, tem a mesma periodicidade na sua apparição e exercem sobre a saúde a mesma influencia.

Symptomas. A côr vermelha da ourina não basta para provar a presença do sangue neste liquido. São mui communs os doentes que se enganão a este respeito e se obstinão em crer que vertem sangue, bem que não tenham evacuado senão uma ourina pouco abundante, avermelhada, saturada de materias animaes ou de sães que deve conter. Quando o sangue está em grande proporção com as ourinas, perturba a sua transparencia, e depois forma no fundo do vaso um deposito de materia colorante, que tinge de vermelho o papel ou o panno posto em contacto com ella. Quando o sangue é inteiramente puro, coalha-se e nada na ourina. Em outras circumstancias, sahe do canal debaixo da forma de grumos já coalhados, solidos, estreitos e longos, que alguns doentes tem tomado por vermes.

Tratamento. Quando as ourinas sanguineas são o resultado de uma pancada ou de uma quêda, é preciso fazê-las parar pela sangria do braço, bichas sobre o baixo-ventre, applicações de pannos molhados em agua fria sobre a mesma parte, dieta, posição horizontal e bebidas acidas frias. Quando dependem da suppressão subita dos menstruos ou das hemorrhoidas, é mister provocar ou substituir estas evacuações pelas bichas applicadas no anus. As que nos velhos são habituaes devem ser respeitadas; se, entretanto, calor, dôr e outros symptomas de excitação se manifestarem, será necessario combatê-los pelos meios antiphlogisticos indicados. Nas hemorrhagias chronicas, qualquer que seja a circumstancia em que ellas se declarem, é preciso limitar-se ao repouso, ao regimen brando, composto principalmente de carnes brancas, leite, vegetaes, banhos mornos, clysteres e bebidas de linhaça. São ainda

recommendados neste caso os purgantes brandos, e as decocções de quina e de ratanhia. Quando o sangue se coalha na bexiga, acontece ás vezes que os grumos, obstruindo a passagem, determinão assim a retenção das urinas. É urgente então recorrer ao medico, que, com o auxilio da sonda e das injeções d'agua morna, desembaraçará a bexiga do sangue e combaterá os accidentes.

Receituario contra as urinas sanguineas que não dependem de quedas nem de qualquer outra violencia externa.

1.º *Pilulas adstringentes.*

Extracto de ratanhia	36 grãos.
Tannino	36 grãos.

Faça 12 pilulas, para tomar 1 pilula tres vezes por dia.

2.º *Pós adstringentes.*

Alumen	1/2 onça.
Assucar	2 oitavas.
Gomma arabia	2 oitavas.

Reduza tudo a pó, misture e divida em 24 papeis. O doente toma 3 papeis por dia: um papel de manhã, outro ao meio dia e o terceiro á noite, em meia chicara d'agua fria.

3.º

Cremor de tartaro	1 onça.
Divida em 4 papeis.	

Toma-se um papel de manhã, n'uma chicara d'agua fria com assucar.

O doente que ourina sangue usará primeiro da receita n.º 1, depois da receita n.º 2, e emfim da receita do cremor de tartaro.

OURO. O ouro é um metal conhecido desde a mais remota antiguidade; é o mais precioso de todos os metaes, e aquelle cujo valor commercial é mais elevado. É amarello, brilhante, mui malleavel e mui ductil. Certos metaes são mais raros que o ouro, a platina, por exemplo, e no emtanto estão longe de

igualar o seu preço. O ouro é pouco duro e se deixa riscar com facilidade; derrete-se difficilmente ao fogo; é 19 vezes mais pesado que a agua.

O ouro acha-se na natureza ligado com cobre, prata, platina, chumbo ou sulfureto de ferro, etc. Encontra-se tambem, debaixo da fórma de pós, misturado com a arêa de certos rios ou nos terrenos de alluvião. As minas mais ricas de ouro achão-se na America, Africa e Asia; as da Europa são pouco abundantes.

Reduzido a pó impalpavel, o ouro metallico emprega-se em medicina nas molestias syphiliticas, na dóse de $\frac{1}{4}$ de grão a 4 grãos em pós ou pilulas.

As duas seguintes composições de ouro empregão-se tambem nas molestias syphiliticas rebeldes ao mercurio.

CHLORURETO DE OURO. *Veja-se* Vol. II, pag. 380.

CHLORURETO DE OURO E SODIO. Sal de côr de laranja, crystallisado em longos prismas de quatro faces. Tem as mesmas propriedades que o precedente, e emprega-se nas molestias syphiliticas, na mesma dóse e com muita precaução.

OUROPIMENTO. Sulfureto amarello de arsenico. É solido, brilhante, de uma bella côr amarella. Empregado na pintura. É venenoso. Para combater os accidentes que póde produzir, *veja-se* ENVENENAMENTO PELO ARSENICO, Vol. II, pag. 115.

OUVIDO. Comprehendemos debaixo do nome de *ouvido* o sentido de audição, de que abaixo trataremos, e as seguintes partes deste orgão: o conducto auditivo, a caixa do tympano, e o labyrintho onde se acha o nervo que recebe a impressão dos sons. Vamos primeiramente tratar das molestias destas differentes partes, tendo já indicado algumas affecções da *orelha* na pag. 135 do 3.º volume.

CORPOS ESTRANHOS NO OUVIDO. Alguns insectos ou corpos inertes podem introduzir-se no conducto auditivo; para o tratamento, *veja-se* Vol. I, pag. 465.

DÔR DE OUVIDO. Designa-se por este nome uma dôr viva dentro da orelha, sem que a observação possa

descobrir vestígios de uma alteração bem determinada. A dôr se manifesta subitamente, e logo chega ao seu mais alto gráo de intensidade, sem passar por gráos successivos, como acontece com a dôr que existe na inflammação do ouvido. Depois de durar por algum tempo, cessa rapidamente, ou muda de lugar para se fazer sentir em outra qualquer parte da cabeça. Se a dôr é forte, existem zunidos de ouvidos e surdez momentanea.

Esta molestia não tem nada de constante nem na sua marcha, nem na sua duração; póde atacar muitas vezes a mesma pessoa. É importante não confundi-la com a inflammação, visto que o tratamento desta é differente. Para isso, é preciso examinar com attenção o canal auditivo afim de ver se elle apresenta ou não vermelhidão ou escorrimento, signaes de inflammação; cumpre lembrar-se que na inflammação existe ordinariamente febre e que a dôr marcha gradual e progressivamente, entretanto que a dôr nervosa, pelo contrario, não é acompanhada de febre, é subita na sua apparição e desaparece de repente.

Tratamento. Acalma-se ás vezes a dôr introduzindo no conducto auditivo um pouco de algodão molhado em laudano de Sydenham ou em balsamo tranquillo, ou mettendo dentro do mesmo conducto um pedacinho de alcanfor envolto em algodão. Um escaldapés com fariuha de mostarda é tambem util. Applicações de pannos quentes na cabeça são ás vezes bem succedidas. Se a dôr persiste, é preciso applicar algumas bichas atrás da orelha.

INFLAMMAÇÃO DO OUVIDO ou **OTITE**. Por este nome designa-se a inflammação da membrana mucosa que cobre o conducto auditivo, e as partes mais profundas do ouvido. Chama-se *externa* quando affecta só o conducto auditivo, e *interna* se occupa as partes mais profundas, isto é, a caixa do tympano e o labyrintho. Como todas as inflammações, a otite se apresenta de baixo da fôrma *aguda* e *chronica*.

Causas da inflammação aguda do ouvido. A inflam-

mação do ouvido é occasionada por contusões, pela presença dos corpos estranhos, pela acção de um ar frio e humido; pôde tambem sobrevir espontaneamente sem causa conhecida.

Symptomas da inflammação aguda do ouvido. Differem conforme a inflammação é externa ou interna. A primeira começa ordinariamente por uma especie de anxiedade no conducto auditivo, seguida logo de uma dôr mais ou menos viva, de zunidos e de diminuição da audição. A membrana que cobre o conducto fica vermelha e inchada. Dous ou tres dias mais tarde, e até muito mais cedo, corre do conducto auditivo uma materia aguada que mais tarde se torna amarella, purulenta e fetida; durante quinze ou vinte dias augmenta de espessura, e depois desaparece.

A inflammação interna principia por uma dôr mui grande no interior do ouvido; esta dôr augmenta pelo ruido e pela mastigação. Seguem-se logo zunidos, uma dôr de cabeça tão forte que o doente julga ter uma postema dentro da cabeça; e se a inflammação é intensa, ha perda de somno e surdez completa. Ao mesmo tempo o pulso é forte e frequente, os olhos sensiveis a uma luz viva, e existe ás vezes um prurido incommodo dentro da garganta. Estes symptomas, mais intensos do que os da inflammação externa, não serião sufficientes para caracterisar a interna, se não se lhes ajuntasse a ausencia de inflammação no conducto auditivo examinado com a luz, e a duração mais longa da dôr até ao escorrimento purulento. Com effeito, na inflammação externa o escorrimento purulento não se faz esperar mais de tres ou quatro dias, e ás vezes succede algumas horas depois da invasão da dôr; na inflammação interna, pelo contrario, a dôr se prolonga durante mais de uma semana sem que se faça o escorrimento, depois de repente a membrana do tympano se rasga e deixa sahir uma materia mui abundante, que não foi precedida por nenhum escorrimento seroso. Ás vezes o pus corre pela garganta.

Tratamento da inflammação aguda do ouvido. O

tratamento da inflammação externa é o mesmo que o da interna, salvo que o tratamento desta ultima deve ser muito mais energico. Convém principiar pela applicação de dez a doze bichas atrás da orelha, ou de ventosas sarjadas na nuca. Se a dôr não diminue, é preciso fazer uma sangria de braço. Depois disso, fazem-se seringatorios dentro do ouvido com cozimento de linhaça e de dormideiras, e toma-se um purgante de 2 onças de sal d'Epsom ou 2 onças de oleo de ricino. Os escalda-pés com farinha de mostarda são tambem uteis; o doente deve tomar dous ou tres por dia. Se não ha febre, o doente pôde comer alguma cousa; mas se o pulso é forte e frequente, convém tomar só caldos de gallinha e usar de bebidas diluentes, taes como cozimento de cevada, de linhaça ou limonada de limão ou de tamarindos. É preciso repetir as bichas e a sangria, se a dôr continuar.

INFLAMMAÇÃO CHRONICA DO OUVIDO. É muito mais frequente do que a inflammação aguda, á qual succede ás vezes; pôde ser considerada como a origem mais ordinaria da surdez accidental. Só differe da aguda pela menor intensidade dos symptomas e pela sua duração muito mais prolongada.

Causas da inflammação chronica do ouvido. São as mesmas que as da inflammação aguda. Pôde ser occasionada tambem pelo vicio escrophuloso, dartooso, syphilitico e pela presença de um corpo estranho.

A distincção desta especie de inflammação em interna e externa é muito menos importante do que no caso precedente.

Symptomas da inflammação chronica do ouvido. Consistem n'uma inchação do conducto auditivo, accompanhada de um escorrimento de materia mucosa, cuja côr, cheiro, quantidade e consistencia varião muito. Em alguns casos, existe dôr de cabeça contínua, ao principio surda, depois viva, latejante e atroz.

A duração da inflammação chronica é indeterminada.

Tratamento. O tratamento compõe-se da applica-

ção repetida de bichas ou de ventosas sarjadas atrás da orelha, de caustico na nuca e nos braços, de seringatorios de cozimento de raiz de althéa, de alguns leves purgantes administrados de vez em quando, do uso de alguma bebida amarga, *verbi gratia*, chá de luparo, das precauções contra o frio da cabeça, das orelhas e dos pés. Quando esta inflamação depende do vicio dartroso, o que acontece ás vezes, convém administrar interiormente as preparações de enxofre e outros medicamentos indicados no artigo EMPIGEM, Vol. II, pag. 95. Se com o escorrimento pelo ouvido existem glandulas debaixo do queixo, deve-se recorrer ao tratamento interno das escrophulas. (Vol. II, pag. 166.) Se a molestia depende da presença de corpo estranho, é preciso extrahi-lo.

Depois de se ter empregado por alguns dias seringatorios de cozimento de althéa, é preciso usar dos seguintes:

Agua fria	8 onças.
Pedra-hume	1 oitava.

Dissolva. Fazem-se dous seringatorios por dia.

PURGAÇÃO PELO OUVIDO. *Veja-se* INFLAMMAÇÃO DO OUVIDO, Vol. III, pag. 447.

Para as outras molestias do ouvido, *veja-se* SURDEZ.

OUVIDO (SENTIDO). Depois dos olhos, o sentido que mais favorece nossas relações com os nossos semelhantes, e que nos dá prazeres mais brandos, é o sentido da audição. Por este sentido é que a voz opéra seus prodigios; por elle é que os homens communicão uns aos outros seus desejos, necessidades, pezares, prazeres, e todas as suas sensações; por elle é que a eloquencia exerce o seu dominio; por elle é que a poesia nos enleva e que a musica nos encanta.

Quando se imprime, por um meio qualquer, um movimento oscillatorio a um corpo, este movimento determina na orelha uma impressão a que se dá o nome de som. O som é, por consequente, o excitante natural do ouvido, como a luz é o da vista.

Na maior parte dos animaes, um apparelho mui complicado é destinado a recolher os sons, e provavelmente a modifica-los e a transmitti-los ao cerebro. Este apparelho se compõe da orelha externa, da media e da interna. A primeira comprehende a *concha da orelha* e o *conducto auditivo*, o qual é separado da orelha media por uma especie de septo membranoso chamado *tympano*. A orelha media comprehende a *caixa do tympano*, os *ossinhos* que estão nesta caixa e o conducto que communica com a garganta. A orelha interna, emfim, se compõe de diferentes cavidades, chamadas, por causa de sua fórma, *caracol*, *canaes semi-circulares*, e *vestibulo*; estas cavidades que se chamão *labyrintho* contém o nervo acustico, destinado a receber os sons transmittidos pelo apparelho cujas partes principaes acabamos de enumerar.

Os sons mui intensos produzem ao principio uma sensação penosa, uma verdadeira dôr, que pôde determinar a inflammação das diversas partes do ouvido e outros accidentes. Quando o som mui forte é muito tempo prolongado, acaba cedo ou tarde por enfraquecer o ouvido, diminuir a sensibilidade deste sentido, e isto por esta lei geral que todo o orgão, sendo muito excitado, deve enfraquecer-se. As pessoas que por seu estado estão expostas a ruidos violentos conservão raras vezes o ouvido. Os militares, os artilheiros, ensurdecem frequentemente. Não é raro que o ruído extremo rompa a membrana do tympano: são principalmente os militares que tem a faculdade de fazer sahir a fumaça do charuto pelo conducto auditivo; este accidente não tem consequencias graves por si, se não é acompanhado de desordens do nervo acustico.

O regimen da vida influe muito sobre o ouvido, assim como sobre o olho. A plethora, isto é, a abundancia do sangue, foi apontada como a causa da maior parte das affecções do ouvido. Os zunidos e os ruidos de todas as especies podem ser resultado de um regimen mui reparador. O regimen contrario

poderia enfraquecer o ouvido, se a abstinencia fosse levada mui longe. Mas o que produz estes accidentes de uma maneira muito mais prompta é sem contradicção o excesso das bebidas alcoolicas. Não somente estas bebidas dão lugar aos phenomenos momentaneos da plethora e da congestão cerebral, senão que por seu uso prolongado poem os órgãos dos sentidos em tal estado de entorpecimento, que não ha cousa mais frequente do que a audição dura produzida por este vicio. A suppressão de uma secreção habitual, de uma hemorragia, produz ás vezes inflammação das diversas partes do ouvido, escorrimto e outras molestias cuja consequencia póde ser uma surdez mais ou menos completa. Um exercicio activo occasiona zunidos dos ouvidos; mas de ordinario este effeito é passageiro como a causa que o determina. Um exercicio do ouvido lhe procura uma rara perfeição; desenvolve este sentido nas pessoas que parecião privadas-delle. O estudo da musica lhe dá uma precisão e uma delicadeza maravilhosas.

Ha pessoas que são incommodadas por certos sons, certos ruidos, particularmente os que são elevados e agudos. Aconselha-se a estas pessoas que ponhão algodão nos conductos auditivos.

OVARIO. Os ovarios são duas glandulas situadas no interior do ventre da mulher, de cada lado do utero; são de fórma ovoide, achatadas lateralmente, de cõr rosea desmaiada, do volume de um pequeno ovo de pomba. Forão chamados testiculos da mulher, e algumas analogias de funcções justificão esta denominação. Assim, o testiculo é o órgão que no homem ministra a materia fecundante no acto da geração; o ovario ministra na mulher o pequeno ovo, o qual, sendo fecundado, deve constituir o novo ente. Na época da puberdade, apparecem nos ovarios pequenos saquinhos transparentes que contêm um liquido no meio do qual náda o pequeno ovo. Todos os mezes, e de uma maneira regular, um destes saquinhos se rompe, deixa sahir o ovo que chega ao utero,

donde provavelmente é expulso pelas vias genitales. Esta especie de postura de ovos tem lugar todos os mezes, tanto nas virgens como nas mulheres casadas. Estas observações que forão feitas pelos medicos modernos, explicão a razão por que a fecundação se faz tão facilmente na época dos menstros; porque então o esperma obra sobre o ovo, que já tem des-cido ao utero.

OVO. Os ovos de gallinha são um dos melhores alimentos de que se póde usar; convém principalmente ás pessoas delicadas ou enfraquecidas. Comem-se cozidos e preparados de diversas maneiras: *molles e quentes*, são de uma digestão facil; *em fritada e estrellados*, não provão tão bem; *cozidos duros*, são ás vezes indigestos. As *claras* de ovo *cruas* constituem um bom remedio contra a diarrhéa e dysenteria; administrão-se em bebida misturadas com cozimento de linhaça ou arroz e assucar; dão-se tambem em clyster. As *claras* de ovo misturadas com agua constituem o melhor contraveneno do sublimado e de outras preparações mercuriaes, como cinabrio, vermelhão e turbith mineral. As *gemas* misturadas com assucar e agua quente, e aromatisadas com uma pouca d'agua de flôr de laranja, formão o que se chama *gemada*, uma sorte de emulsão mui agradável e mui util nos defluxos e irritações do peito.

OZAGRE ou CROSTA LACTEA. É uma affecção cutanea, propria das crianças de peito. Occupa a pelle da cabeça ou do rosto, e é caracterisada por pequenas vesiculas mui conchegadas, que se terminão pela resorpção do fluido que contém, ou por exco-rições superficiaes, acompanhadas de uma exhalacão serosa, á qual succede o estado escamoso da pelle ou novas erupções.

O tratamento destas erupções, que são considera-das ás vezes como salutaes, se limita aos cuidados de asseio e ao leite de uma boa ama. É preciso dar frequentemente á criança banhos geraes d'agua morna simples, lavar a parte affectada com decocção de se-mentes de linhaça ou de raiz de althéa, e cobrir as

excoriações com um panno fino e untado de ceroto, para preserva-las do contacto do ar. Se as excoriações fôrem vermelhas e inflammadas, antes de empregar-se o ceroto, devem-se applicar por alguns dias cataplasmas de farinha de linhaça.

OZENA. Assim se chama uma ulcera fetida do interior do nariz. Suas causas são pouco conhecidas. Pôde-se encontrar nas pessoas de boa constituição, mas observa-se principalmente nos individuos escrophulosos que tem o nariz achatado. Principia na infancia ou na adolescencia. O cheiro é o primeiro phenomeno que se observa; existe ás vezes privação do olfacto; não ha dôr nem escorrimento de materia, e o exame das fossas nasaes não faz descobrir nada de anormal; mas o cheiro é dos mais fortes, e foi comparado ao de um percevejo. A ozena é ordinariamente mui rebelde. O tratamento que se emprega consiste em seringatorios com agua de Labarraque ou com dissolução de chlorureto de cal; em pós de carvão, de calomelanos ou de chlorureto de cal secco, introduzidos dentro do nariz; na cauterisação das fossas nasaes com pedra infernal, e em purgantes repetidos de vez em quando.

P

PAIXÕES. Entende-se por paixão todo o sentimento violento, toda a affecção excessiva, toda a preocupação viva e teimosa do espirito. As paixões forão divididas em duas categorias: em agradaveis, alegres, excitantes, e em tristes, dolorosas, depressivas. A maneira de obrar e o resultado da acção das paixões de uma e outra categoria são mui differentes. As paixões misturadas de prazer são frequentemente salutaes; são um indicio de saúde e

contribuem para mantê-la. Entretanto, o seu excesso é temível; com effeito, desenvolvem muito a sensibilidade, e os individuos mui sensiveis não são, como se sabe, os mais felizes. Quanto ás paixões tristes, são sempre nocivas. Independentemente das molestias nervosas, a melancolia, a hypochondria, o hysterismo, de que são a fonte ordinaria, alterão profundamente a nutrição, conduzem ao marasmo, e está provado que tem tambem uma parte mui consideravel na producção das lesões organicas, taes como o cancro, a tísica, as aneurismas. Na classe das paixões alegres contão-se o zelo, a actividade, a esperança, a alegria, a admiração, o transporte, o entusiasmo, o amor feliz, etc. Observamos no sequito das paixões tristes o abatimento, o desespero, o desgosto, a inquietação, o pezar, a dôr, o medo, o horror, a vergonha, etc. O melhor juiz das paixões, quanto á sua natureza alegre ou triste, é a consciencia. Toda a paixão que tende ao bem é acompanhada de satisfação, e se encontra tropeços, revezes, contrariedades, sobraão-lhe força e coragem para reagir. As paixões más, pelo contrario, as que tendem essencialmente á ruina dos costumes e da saúde, o ciume, o odio, a ira, a vingança, o orgulho, a cubica, a avareza, o jogo, a embriaguez, etc., estas só podem produzir prazeres fugitivos; o pezar, a vergonha, os remorsos, e frequentemente as molestias, as seguem de perto.

Todos os observadores tem reconhecido que, quanto mais as paixões engrandecem o movimento social e favorecem o progresso das sciencias, das letras, das artes, do commercio, da industria, tanto mais perigosas são ás sociedades, e ainda mais aos individuos que as experimentão. Animando a existencia, diminuem a sua duração, semelhantes nisto ao sopro rapido que atêa e consome a materia ignea. Deixando de parte o brilho que podem dar á civilisação, e que ás vezes é ennegrecido por horriveis manchas, considerando só a sua acção sobre o homem que dominão, as paixões tomadas em

massa fazem mais mal do que bem. Importa, por conseguinte, a cada um, para seu bem-estar pessoal, fugir á sua tyrannia, fazendo-se senhor de si e fortificando sufficientemente sua razão afim de que ella possa sempre conter o sentimento que tendesse á exageração. Sem querer despir a alma da liberdade moral que constitue a sua mais bella prerogativa, é ás vezes util ajuda-la obrando directamente sobre o corpo. Deveríamos dar aqui preceitos para moderar a sensibilidade quasi sempre exaltada nas paixões; mas este objecto foi tratado nos artigos IMAGINAÇÃO, HYPOCONDRIA, HYSTERISMO, MELANCOLIA, onde o leitor os póde achar, sem nos ser preciso repetilos aqui.

Depois destas considerações geraes, examinemos com alguma particularidade cada uma das paixões principaes.

Orgulho, altivez, vaidade. Estas affecções, das quaes a primeira consiste em ter uma alta opinião de suas qualidades; a segunda em olhar para os outros como inferiores a si, ao menos em não querer parecer inferior a ninguem, em ser de um accesso difficil; e a terceira em pôr todo o seu merecimento em cousas pela maior parte futeis, taes como os empregos, o nascimento, os titulos, as condecorações, os enfeites; estas affecções, dizemos, não são mais que modificações do amor-proprio.

O amor-proprio exerce um imperio poderoso sobre a economia inteira. Suas feridas occasionão a ira, o furor, a inveja, paixões que produzem os mais funestos resultados, quer minando lentamente o organismo, quer fazendo nascer molestias mui graves. O amor-proprio é susceptivel de augmentar e de diminuir. O exercicio deve desenvolvê-lo e a inacção enfraquecê-lo. Faz-se um máo serviço a uma pessoa quando se busca arraigar nella este sentimento. Nascem daqui, mais cedo ou mais tarde, pezares agudos, e por conseguinte máos effeitos para a saúde. O menor inconveniente que disto póde resultar é o tornar-se uma pessoa insupportavel ás

outras. Os elogios merecidos ou não, os bons successos em todos os generos, desenvolvem o amor-proprio. É tanto mais imperdoavel quanto menos justificado é por qualidades verdadeiras, donde devem resultar necessariamente desgostos mais numerosos. É, por conseguinte, exacto o dizer-se que não ha cousa mais perigosa do que os aduladores.

Reprehender os defeitos com moderação é, sem contradicção, o melhor meio de criar os homens; o elogio não deve ser dado senão com parcimonia. É raro que seja preciso desenvolver o amor-proprio; só se lhe deve imprimir uma boa direcção. Prodigalizando os elogios ao que é bello e bom, faz-se brotar no coração humano o entusiasmo para as virtudes e os talentos; derramando o desprezo e a reprobacção sobre as acções vergonhosas, inspira-se repugnancia aos vicios e aos crimes.

Ambição das honras, do poder, da fortuna. O homem a quem a ambição devora torna-se pallido, seu olhar é ancioso, seus cabellos cahem ou encanecem, o riso não assoma em seus labios senão junto das pessoas de quem espera alguma cousa; seu appetite se perde, não pensa senão no objecto dos seus desejos; é submisso, humilde e servil para com os grandes; activo e soberbo para com seus inferiores; sua vida é um longo tormento; um desejo satisfeito faz nascer outro desejo. Sua alma não é capaz das paixões generosas de amor da patria e da liberdade; se finge amar a gloria, é só com o fito de chegar ás honras. Esta paixão, levada ao gráo extremo, produz molestias chronicas do estomago e do figado, occasiona a melancolia e muitas affecções cerebraes. Nada é mais commum nos estabelecimentos de doudos do que os individuos em quem a ambição desmedida transtornou a razão; estes desgraçados se julgão principes, reis, imperadores, e não ha cousa capaz de os desenganar.

O desejo insaciavel das riquezas produz a avareza e o amor do jogo, paixões mais detestaveis e mais vis ainda do que a ambição. Se o coração de um am-

bicioso é inacessível ás paixões generosas, o de um avarento ou de um jogador só é capaz de baixeza. Estas paixões vergonhosas exercem sobre a saúde effeitos mui funestos.

Amor da liberdade, da patria; amizade, philanthropia, bondade, benevolencia, justiça, piedade, gratidão. Estes movimentos deliciosos da alma devem ser cultivados com cuidado; são o encanto, o ornato, a honra e o sustentaculo da sociedade. Estas paixões não são menos uteis ás pessoas a quem animão; contribuem poderosamente para manter a saúde. O homem a quem movem sente-se agradavelmente agitado, experimenta um bem-estar ineffavel, um sentimento de força e de poder; seu appetite é bom, sua digestão facil. Como é interessante a maravilhosa providencia da natureza em ter ligado a satisfação, a saúde e a felicidade á pratica das virtudes uteis!

Amor. Se ha algum assumpto exhausto, repisado mil vezes pelos moralistas, poetas, pintores, theologos, é o amor. Não existe peça de theatro, historia, painel, conversação particular, de que o amor não seja o objecto ou o accessorio. Dominador universal dos ent's que respirão, sempre o mesmo e sempre novo, principiou com o mundo, e só com elle acabará. Ha de inspirar a nossos netos o interesse que inspirou a nossos pais; seu reinado não póde findar senão com as gerações.

Já consagrámos um artigo do primeiro volume deste dictionario a esta materia, mas vamos ainda acrescentar algumas outras considerações uteis.

O amor é a mais branda e a mais violenta das paixões, é a fonte da mais viva alegria e dos males mais pungentes.

Attributo feliz da mocidade, o amor nasce com a puberdade. Uma inclinação invencivel attrahe os dous sexos um para o outro; desejos ao principio vagos, indeterminados, uma branda languidez, apoderão-se de seus sentidos, e logo, pelo effeito do acaso, de um instincto particular ou de uma educação prematura, ergue-se o véo da natureza.

Tal seria ao menos a marcha mais natural desta paixão, se as conveniencias sociaes não viessem frequentemente pôr-lhe péas. É raro que o amor tenha um exito tão favoravel: esta moça, victima de uma obediencia passiva, é obrigada a unir-se a um ente que aborrece e a renunciar ao doce objecto do seu amor; est'outra adora sem esperanza um amante que a detesta ou que a vê com indifferença. Dahi nascem duas differenças importantes no amor relativamente aos effeitos que produz: o amor feliz e o amor infeliz.

O amor feliz, ou sómente o que espera sê-lo, derrama em todo o corpo um sentimento de bem-estar. O rosto anda animado, a bocca risonha. Os pensamentos são ricos, variados, a linguagem é eloquente, persuasiva. Entretanto, se o amor é violento, bem que feliz e compartilhado, a desordem apodera-se de todos os órgãos; uma idéa só occupa a alma, nada pôde distrahir um amante que guarda um silencio profundo; elle se esquece do universo, não cuida da sua fortuna, e só se occupa em sentir.

Mas o amor infeliz tem sempre máos resultados. Uma tristeza habitual mostra-se sobre o rosto, um pensamento exclusivo domina o espirito; foge o somno, perde-se o appetite. Uma magreza geral se apodera do desgraçado, cuja existencia pouco a pouco consumida acaba emfim com sua dôr.

O amor não offerece o mesmo character nem o mesmo gráo de violencia em todos os individuos e em todas as circumstancias. Brando, terno e feliz, é o mimo mais precioso que o céo tem feito aos homens; entretém a saúde, embelleza a existencia. Violento, pôde causar subitamente a morte ou produzir molestias mui graves. Ainda que o amor seja a paixão mais forte de todas, raras vezes faz progressos rapidos, e poucas pessoas são arrebatadas subitamente por um amor desesperado. Convém pois que, antes de nos entregarmos a esta paixão, consideremos bem a probabilidade de conseguirmos o objecto amado, e quando não podemos ter esta espe-

rança, devemos fugir á sua sociedade, applicar-nos aos negocios, estudos, distracções, ou dirigir nossos sentimentos para outra pessoa.

Amor paterno e materno, piedade filial. Para conservar a especie, era necessario que a natureza puzesse no coração dos pais e das mãis um sentimento de affecto bem vivo para com seus filhos. Com effeito, que seria de um ente tão fraco como o recém-nascido se fosse abandonado a si mesmo, entretanto que são necessarios tantos cuidados para subtrahi-lo ás causas infinitas da destruição que ameação sua fragil existencia? Este amor, mais vivamente impresso no coração da mulher do que no do homem, produz effeitos mui differentes. Fonte de um prazer puro e continuo quando é satisfeito, é uma causa de saúde como todas as paixões brandas e felizes. Quando algum perigo vem ameaçar a criança, o medo, a dôr, a colera, apoderão-se da alma da mãe e produzem em seu organismo as modificações mais funestas.

Uma terna amizade, uma branda gratidão, nos ligão aos autores de nossos dias; mais estes sentimentos estão longe de igualar em vivacidade a afeição materna.

Ira, odio. A ira é o movimento da alma mais vehemente e mais impetuoso. É a paixão mais funesta que pôde dominar o homem. A vingança, o assassinio, o veneno, o incendio, a guerra, são suas consequencias: a injuria, a offensa, a calumnia, acompanhão-na muitas vezes. Por certo, se ha uma paixão que mais necessite ser domada, é a ira; é tão funesta a quem domina como áquelles contra quem é dirigida. Dá nascimento a todas as molestias; um dos seus effeitos mais communs é a ictericia, e produz ás vezes a morte; as pessoas que são mui sujeitas a ella tem raramente uma longa carreira.

O homem que reflecte sobre si mesmo, em socego e na solidão, acaba quasi sempre por moderar e até por domar inteiramente os movimentos violentos da ira. Uma boa educação imprimida pelos pais á irritabilidade de uma criança pôde subtrahi-la aos

funestos effeitos da ira. Na idade adulta, o regimen alimentar exerce uma influencia salutar. Evitar-se-hão os alimentos mui succulentos e as bebidas excitantes. Nos individuos sanguineos, as sangrias são indicadas; os nervosos empregaráo principalmente as preparações de opio.

O odio é, por assim dizer, uma ira chronica. Não produz resultados tão promptamente funestos como a colera; mas a pessoa que tem esta paixão experimenta todos os effeitos da dôr moral.

Medo, susto, horror, terror, etc. O desejo da conservação está tão fortemente impresso na alma, que, logo que se tem a consciencia de algum perigo, experimenta-se um sentimento particular chamado *medo*. Este sentimento tem differentes grãos; varia desde o simples movimento de surpresa, de timidez, até ao terror, e nestes diversos grãos determina no organismo effeitos differentes. O homem é mais ou menos susceptivel das impressões do medo. Sobre a criança, sobre a mulher, sobre as pessoas delicadas, enfraquecidas, esta affecção exerce um poder extraordinario. O estado de molestia, um regimen debilitante, o uso frequente dos banhos mornos, das evacuações sanguineas, o somno prolongado, o luxo, a molleza, os prazeres de todo o genero, e sobretudo os prazeres do amor, a inacção, a ignorancia, a superstição, são fontes de fraqueza e de cobardia.

Um grande numero de molestias pôde ser o resultado destas paixões. Os desmaios, as palpitações, as convulsões, a gota coral, a apoplexia, a catalepsia, os espasmos de toda especie tem sido produzidos por ellas.

Dissemos que a maneira de viver tornava os homens mais ou menos susceptiveis de medo. Concebe-se então que, modificando-se este regimen de uma certa maneira, pôde-se diminuir e até destruir esta disposição. O exercicio, os trabalhos penosos, o costume de affrontar a dôr, os perigos de toda especie, e sobretudo a educação bem dirigida, tornão insensivel ao medo. Importa sobretudo que na pri-

meira infancia se não faça nascer esta disposição. Não ha cousa mais capaz de desenvolvê-la do que os contos pavorosos com que se entretêm o espirito ainda debil das crianças. Os contos de ladrões e de almas do outro mundo deixão no espirito uma impressão indelevel. Quando a criança tiver algum terror panico, é preciso esforçar-se por vencê-lo, mas não com exhortações nem admoestações; será preciso fingir em sua presença que se expõe a este pretendido perigo, sem dar mostras de lhe querer com isto dar uma lição.

Poderíamos accrescentar aqui a descripção dos effeitos produzidos por outras paixões; mas como todas ellas offerecem com as que temos descripto muitos pontos de semelhança, julgamos que não é preciso dar maior extensão a este artigo.

PALLIDAS CORES. Assim se designa, á franceza, uma molestia, propria das mulheres jovens, que é caracterizada pela pallidez do rosto e languidez de todas as funcções. Chama-se propriamente *chlorose* ou *oppilação das moças*. Veja-se esta ultima palavra, Vol. III, pag. 132.

PALPEBRAS. Assim se chamão dous véos moveis destinados a amparar o bugalho dos olhos. Vamos occupar-nos de diversas molestias das palpebras.

1.º *Contusão.* As contusões ou machucaduras das palpebras são facilmente seguidas de inchação e de côr preta da pelle (*ecchymose*), por causa da laxidão do tecido cellular das palpebras. A inchação pôde augmentar de tal maneira que o olho fique coberto inteiramente. Os sôcos levados sobre o olho são as mais frequentes de todas as contusões immediatas; mas a inchação e a *ecchymose* das palpebras sobrevivem tambem depois de pancadas dirigidas sobre a cabeça sem tocar o olho.

A contusão da palpebra é ordinariamente um accidente sem gravidade; a côr preta ou esverdinhada da pelle é um incommodo que dura oito a quinze dias, e não necessita das bichas, que muitas pessoas costumão applicar neste caso. Todo o tratamento se

compõe de lavatorios com agua fria e de applicação contínua nas palpebras de pannos molhados n'agua fria. Mas se a palpebra ficar vermelha e mui dolorosa, será preciso então applicar cataplasmas de farinha de linhaça. Ás vezes é necessario abrir com lanceta a postema que se forma nas palpebras depois de pancadas violentas. Se a inflammação das palpebras fór intensa, e sobretudo se se communicar ao olho, neste caso será necessario applicar algumas bichas; mas isso só se faz alguns dias depois da contusão.

2.º *Feridas.* As feridas tem effeitos differentes conforme são transversaes ou perpendiculares á direcção das palpebras, e conforme dividem uma parte ou a totalidade de sua espessura. As divisões transversaes são acompanhadas de pouca separação, mesmo quando occupão toda a espessura da palpebra; reúnem-se facilmente por meio de pontos falsos feitos com tiras de emplasto adhesivo. As divisões verticaes, pelo contrario, são sempre seguidas de uma grande separação de seus labios, sobretudo quando occupão toda a espessura da margem da palpebra. Os pontos falsos são sufficientes para reunir os labios da ferida vertical, que não divide inteiramente a margem da palpebra; mas quando esta margem é inteiramente separada, é preciso coser os labios da ferida com um linha.

3.º *Terçol.* Veja-se o artigo TERÇOL.

4.º *Tumores.* Varios tumores se desenvolvem nas palpebras; os mais frequentes são os *lobinhos*, que adquirem um volume desde o tamanho de um grão de milho até o de um ovo de pomba. Estes lobinhos rolão debaixo da pelle pela pressão do dedo, não são dolorosos e só constituem um pequeno defeito apenas apparente. Estes pequenos tumores desapparecem frequentemente sem tratamento algum, e ás vezes durante o curso de alguma molestia aguda. Entretanto, ha meios de fazer desapparecer os lobinhos das palpebras. As fricções com a pomada de hydriodato de potassa tem ás vezes sido seguidas de bom resultado; mas a operação é o meio curativo mais seguro. Con-

siste esta operação em uma pequena incisão que se faz na palpebra, e por meio da qual se tira o lobinho.

5.º *Inchação das palpebras.* As palpebras são muito sujeitas á inchação. Muitas são as causas disto; a mais frequente é a acção do frio. Certas affecções da cabeça, certas feridas do rosto, produzem a inchação das palpebras. Ha pessoas cujas palpebras estão habitualmente infiltradas e inchão pela menor occasião. Os lavatorios com agua rosada ou com o cozimento de casca da raiz de ratanhia constituem um remedio de que se póde usar em todos os casos.

6.º *Ectropio.* Nome de uma molestia que consiste em estarem viradas para fóra uma ou ambas as palpebras. É muito mais frequente na palpebra inferior do que na superior. Basta a mais simples inspecção para se conhecer esta molestia que occasiona uma deformidade desagradavel, oppõe-se a que o olho seja bastante protegido; a palpebra virada fica muito vermelha, e as lagrimas correm continuamente.

O ectropio resulta umas vezes de uma inchação da membrana que cobre a face interna das palpebras, outras vezes depende da cicatriz da pelle vizinha em consequencia de queimaduras, postemas, feridas, etc. A pelle, encurtada pela cicatriz, attrahe necessariamente a margem da palpebra, afasta-a do olho, e finalmente a vira.

Entregue a si, o ectropio se termina ordinariamente com o tempo pela perda da vista, em consequencia das inflammações repetidas do olho descoberto; sendo tratado convenientemente, não offerece nada de grave. Se a molestia é recente e se depende da inchação da membrana interna da palpebra, obtem-se facilmente a cura cauterisando esta membrana com pedra infernal. Mas em muitos casos a cauterisação não é sufficiente; o meio mais expedito consiste na excisão com tesoura da porção exuberante da membrana. Esta operação produz ordinariamente a cura do ectropio por um triplice effeito: a diminuição da massa morbosa, um escorrimento salutar

de sangue, e uma cicatriz que tende a attrahir a palpebra para dentro. Em alguns casos em que o ectropio é produzido por uma cicatriz mui grande, é necessario recorrer á restauração da palpebra, operação que consiste em tirar um pedaço da pelle da fonte, da testa ou de alguma outra parte vizinha, formar com este pedaço uma nova palpebra, e curar desta maneira o ectropio.

7.º *Entropio*. Molestia inteiramente contraria ao ectropio; consiste em que a margem da palpebra está virada para dentro. O effeito inevitavel desta molestia é que as pestanas, estando viradas para dentro, irritão o olho e produzem uma inflammação que impede a vista. Nos velhos o entropio é frequente, é a consequencia de maior extensão e de flaccidez da pelle das palpebras. O tratamento é facil e seguido quasi sempre de cura certa. Consiste em cortar com a tesoura transversalmente uma porção da pelle que sobeja. A cicatriz que se forma depois desta excisão attrahe a palpebra para fóra e o entropio desaparece.

8.º *Ulceração da margem da palpebras*. Em algumas partes do Brasil esta molestia chama-se vulgarmente *sapiroca*. Suas causas não são conhecidas. O contacto de substancias acres, toques com mãos sujas podem determina-la; mas ordinariamente depende do vicio dartroso. Manifestão-se pequenas feridas na margem das palpebras, e produzem uma comichão incommoda; esta margem incha e deixa sahir uma materia viscosa; ás vezes cahem as pestanas. O tratamento consiste em esfregar uma vez por dia a margem da palpebra com unguento napolitano. Depois de se fazer isto por dous dias, é preciso usar do collyrio seguinte:

Agua commum	2 onças.
Pedra lipes	2 grãos.

Misture. Molha-se um panno neste liquido e passa-se por cima da margem da palpebra, uma ou duas vezes por dia. Como esta applicação arde um pouco,

é preciso immediatamente banhar o olho com agua morna.

Se este tratamento continuado por alguns dias não produz a cura, é preciso tocar levemente a margem da palpebra com pedra infernal, o que só pôde ser feito por um cirurgião.

PALPITAÇÕES. Movimentos energicos e desordenados do coração. As palpitações são ás vezes symptomas de uma molestia de coração, mas podem existir e até offerer grande intensidade, sem que o órgão central da circulação esteja em nada alterado. Estas duas ordens de palpitações são ás vezes mui difficeis de distinguir uma da outra, e só o medico, por uma longa e severa observação, pôde deslindar um ponto de pratica tão melindroso. Occupar-nos-hemos aqui sómente das palpitações nervosas, isto é, das que não estão ligadas com lesões de coração.

Os temperamentos nervosos e sanguineos predispoem muito para estas palpitações, mas as causas que as occasionão ordinariamente são: os movimentos rapidos do corpo, um tropeço, uma carreira, a acção de subir, os gritos, os esforços musculares de toda especie, certas posições do corpo; sobretudo o deitar-se horizontal, a distensão do estomago por certa quantidade de alimentos, o abuso dos licôres espirituosos, do café, as paixões vivas da alma, taes como a colera, a alegria, o susto, etc., as vigalias prolongadas, os trabalhos excessivos do espirito, o abuso dos prazeres venereos, e emfim, as perdas consideraveis de sangue. A imaginação exaltada é tambem uma causa de palpitações nos individuos moços, apprehensiveis, cuja alma é facilmente accessivel ás emoções.

O *tratamento* das palpitações varia conforme as causas que as hão produzido. No maior numero dos casos, a molestia cessa logo que a causa que a provoca tem cedido.

Nos individuos sanguineos, as palpitações cedem quasi sempre a uma sangria do braço ou a uma applicação de bichas no peito. Nas pessoas enfraque-

cidas por hemorragias abundantes, os medicamentos tonicos, as preparações ferreas, os decoctos amargos e um bom regimen formão a base do tratamento. Em todas as outras circumstancias, é preciso recorrer aos medicamentos antispasmodicos, á digitalis e aos banhos mornos.

Eis-aqui a receita que serve nas palpitações de todas as especies :

Pilulas contra as palpitações.

Extracto de digitalis 12 grãos.

Extracto de meimendro 6 grãos.

Faça 12 pilulas.

O doente toma tres pilulas por dia, uma de manhã, outra ao meio dia, e outra á noite.

PANARICIO. Chama-se panaricio a inflammação aguda do dedo. Differe do *unheiro* porque neste a inflammação é mais superficial que no panaricio. Suas causas mais ordinarias são as contusões, as excoriações, as picadas com agulhas, sovelas, etc.; a introdução de fragmentos de páo na espessura do dedo, etc. O dedo inflammado incha, torna-se vermelho, e é a séde de dôres latejantes mui intensas, que podem estender-se a todo o comprimento do braço até ao sovaco. Se não se faz parar os progressos do mal, as desordens mais graves podem ser a sua consequencia; taes são abscessos profundos, immobildade e até a perda do dedo, carie dos ossos, febre, accidentes nervosos. O remedio mais prompto, mais seguro e mais efficaç, porém a que os doentes repugnão mais, consiste em uma incisão larga e profunda que produz um escorrimento de sangue salutar ou dá sahida ao pus, se já está formado, desincha as partes, faz cessar as dôres e pára subitamente os progressos da inflammação. Os banhos com decocção de folhas de malvas, as cataplasmas de farinha de linhaça ou de miolo de páo e leite, tem resultados muito menos seguros, mas são sempre uteis auxiliares; deve-se pelo menos emprega-los, até que se possa recorrer aos conselhos do cirurgião.

PANCADA. *Veja-se* CONTUSÃO, Vol. I, pag. 425.

PANNOS. Assim se chamão nodoas superficiaes, de fórmãs differentes, espalhadas irregularmente pela pelle, deixando intervallos de cõr natural, e acabando pela exfoliação da pelle. Estas nodoas são ordinariamente avermelhadas, mas podem tambem ser de cõr cinzenta, amarellada ou outra. Em geral os pannos varião de cõr conforme se observão nos homens brancos ou pretos, e conforme os lugares que são affectados. Os pannos não são sensivelmente proeminentes na superficie da pelle; só são levemente rugosos pelo effeito da seccura da pelle, que não transpira neste lugar, e em consequencia da descamação epidérmica que se faz na sua superficie.

As causas de pannos são: o sol, o uso das bebidas espirituosas, das carnes de porco, das comidas mui salgadas e mui apimentadas, as contrariedades e outras paixões vivas.

Os pannos constituem uma affecção de pouca importancia e raramente acompanhada de algum incommodo interno. Às vezes, quando muito, podem ser acompanhados de uma comichão desagradavel. Mas estas manchas são mui sujeitas a voltar, e ha pessoas que são acommettidas dellas habitualmente com a volta do calor.

Tratamento. O regimen sobrio, o uso de fructos, de vegetaes e de limonadas de limão, de laranja, de tamarindos, os banhos mornos ou frios, constituem a base do tratamento. São uteis as fricções com a pommada seguinte:

Banha	1 onça.
Subcarbonato de potassa	24 grãos.
Flôr de enxofre	1 oitava.

Faça uma pommada.

Muitas pessoas dão o nome de pannos a manchas que são resultado do descoramento da pelle, cuja séde existe debaixo da epiderme na camada onde reside a materia colorante da pelle. Não ha remedio contra estas modificações no colorido da pelle;

estas manchas podem desaparecer como apparecem. Ignora-se a sua causa. São mui communs no Rio de Janeiro, e principalmente nos pretos.

PANTANO. Dá-se o nome de *pantanos* a terrenos cobertos de aguas estagnadas, no meio das quaes vegetão e vivem grande numero de plantas e de animaes aquaticos, cujos restos se macerão e apodrecem nestas aguas.

Os effeitos nocivos dos pantanos forão reconhecidos desde a mais remota antiguidade: certos povos consideravão-os como a bocca do inferno. Os individuos obrigados a viver cercados dos miasmas dos pantanos são ordinariamente de pequena estatura, tem a tez livida, o ventre volumoso, as pernas inchadas, os braços magros, o rosto enrugado, e apresentam desde os primeiros annos o aspecto da velhice e os signaes todos da tristeza e do soffrimento. Um estado habitual de delexo, de apathia e de frio egoismo forma o seu character. A vida é curta nos paizes pantanosos; a população se mantém apenas nelles, ou diminue. O habitante dos lugares pantanosos não está unicamente condemnado a passar a vida em um estado habitual de soffrimento doentio; experimenta além disto, em certas épocas, affecções agudas mais ou menos graves, e principalmente febres intermittentes.

A experiencia tem demonstrado que as emanações miasmaticas seguem, na sua dilatação e sua condensação, as variações diurnas do calor atmospherico. Resulta disto que sua acção, pouco marcada no meio do dia, torna-se mui temível á tarde, durante a noite e até de manhã. O estado agitado da atmosphera que espalha os miasmas, e sua serenidade que lhes permite accumular-se nos mesmos pontos, modificão tambem singularmente esta mesma acção; mas a condição que a tem de alguma sorte debaixo da sua dependencia é o calor, sem o qual não haveria fermentação putrida nas aguas lodosas. E por isso, os pantanos exercem principalmente sua funesta influencia nos paizes quentes.

O unico meio verdadeiramente efficaz contra os miasmas paludosos consiste em deseccar os pantanos donde elles sahem, ou pelo menos em dirigir suas aguas de modo que se previna a estagnação. Obrando assim, não sómente se conserva a saúde dos homens, mas dão-se á agricultura terrenos de summo valor. Os Gregos dizião daquelles a quem vião fazer uma fortuna brilhante e rapida: *Aterrão pantanos.*

Quando uma pessoa é obrigada a viver perto dos pantanos, deve ao menos recorrer aos meios susceptiveis de tornar o corpo menos sensivel á sua acção. Estes meios são: o uso de uma alimentação composta principalmente de carne, vinho, bebidas espirituosas, uma habitação arejada; o exercicio feito durante as horas em que as emanações estão mais rarefeitas; a precaução de conservar-se fechado nas circumstancias oppostas; os cuidados rigorosos do asseio e outros meios hygienicos. Uma observação constante tem demonstrado que as affecções morbosas, communs ás regiões insalubres, reinão com menor furor entre os habitantes indigenas do que entre os homens novamente chegados a esses paizes. Este phenomeno depende do costume que tem tomado os órgãos das pessoas acclimadas, por assim dizer insensiveis á acção dos miasmas pantanosos. Por consequente, o estrangeiro que vai residir nesses terrenos deleterios deve ainda com maior severidade observar as precauções sanitarias que temos indicado, e sobretudo é necessario que evite os excessos venereos, e até que fuja destes prazeres emquanto não fica acclimado.

Tudo o que temos dito dos pantanos é igualmente applicavel aos canos e cloacas das grandes cidades, que por falta de asseio e de boa policia, tornão-se pantanos ficticios. (*Veja-se MIASMAS*)

PÃO PEREIRA, *veja-se PEREIRA.*

PÃO. *Veja-se ALIMENTOS*, Vol. I, pag. 64.

PAPEIRA, PAPO ou BÓCIO. Na parte anterior e inferior do pescoço acha-se uma glandula que se chama thyroide. Esta glandula, no estado normal, não faz proeminencia alguma; mas, quando augmenta de

volume, torna-se mui visivel, constitue um estado morboso, e toma o nome de *papeira*, *papo* ou *bócio*. Esta affecção é propria de certas localidades. Observa-se principalmente nos valles profundos das montanhas, nos lugares baixos, humidos, mal arejados; e tal é a influencia que exerce esta condição, que o papo foi assignalado nos climas mais oppostos, sempre que esta influencia existia. Alguns medicos attribuem a producção da papeira ás aguas calcareas, selenitosas, ou ao uso das que provém da fundição da neve; mas outros medicos observão, com razão, que esta molestia se desenvolve igualmente nos paizes em que não existe nenhuma destas circumstancias.

O tumor que forma a papeira é ao principio igual e redondo; não causa dôr alguma, nem apresenta mudança de côr na pelle. Este tumor faz progressos irregulares; pôde tomar tal desenvolvimento, que penda sobre o peito; mas este caso é mui raro.

A primeira cousa que o doente deve fazer quando se quer curar desta molestia é mudar de habitação e transportar-se para um lugar elevado, secco, bem arejado: esta simples mudança tem sido sufficiente em muitos casos para produzir a resolução da papeira incipiente. Feito isto, recorrer-se-ha aos medicamentos. Existe um grande numero de praticas mais ou menos ridiculas, que gozão para com o vulgo de uma alta reputação; em primeira linha se achão os relicarios, as figas, um pedaço de panno vermelho pendurado ao pescoço, etc. Concebe-se que não nos podemos occupar aqui com este genero de tratamento. A esponja calcinada gozou com muito mais razão de uma grande fama. Sua acção se explica depois que a analyse chimica descobrio nella a presença do iodo. A experiencia tem agora demonstrado as propriedades poderosas deste ultimo medicamento contra a papeira. Administra-se debaixo da fórmula de tintura de iodo na dôse de 4, 10 a 20 gottas progressivamente, tres vezes por dia, em meio copo d'agua com assucar. Fazem-se tambem fricções sobre o tumor com a pomada de hydriodato de potassa. Contão-se muitos

casos de cura por este methodo; mas ha certas especies de papeiras que resistem ao tratamento ainda o mais bem dirigido, e foi proposta contra ellas a extirpação do tumor. Esta operação é mui difficil e mui grave, por causa do grande numero de arterias, veias e nervos que cercão ou penetrão o tumor: entretanto, tem sido em alguns casos corôada de bom exito.

PAPOULA. (*Papaver rhæas*, Linneo.) Planta cultivada nos jardins do Brasil. Caule piloso, flôres vermelhas, de cheiro um pouco nauseante, folhas pinnatifidas; o fructo é uma capsula ovoide, glabra, com muitas sementes brancas. As flôres e fructos empregão-se em medicina. Faz-se com elles um chá que é emolliente e leve narcotico. Este chá se prepara com uma chicara d'agua fervendo e uma oitava de flôres ou fructos de papoula.

PARALYSIA. Entende-se por paralyisia a perda total ou pelo menos a diminuição notavel do movimento ou do sentimento, ou de ambos. Segundo a sua extensão, a paralyisia toma nomes differentes. Quando occupa todo o corpo, chama-se *paralyisia geral*; *hemiplegia*, se occupa só a metade lateral do corpo; *paraplegia*, se ataca a metade inferior do corpo. Existem ainda muitas variedades de séde da paralyisia que não tem nome especial: taes são a paralyisia do rosto, das palpebras, da lingua, de um braço, de uma mão, de um dedo, da bexiga, etc.

As *causas* que podem produzir a paralyisia são extremamente numerosas. Entretanto, no maior numero dos casos, a paralyisia é occasionada por lesões cerebraes, e entre estas a mais commum é a apoplexia; e por isso para muitas pessoas a palavra *paralyisia* é synonymo de apoplexia. A paralyisia que occupa a metade lateral do corpo depende quasi sempre de uma molestia do cerebro, e principalmente da sua inflammação. A paralyisia que sobrevem subitamente, sem molestia antecedente, deve ser attribuida em geral á apoplexia, e reclama o emprego instantaneo de uma sangria abundante. A inflammação da me-

dulla espinhal, que é o resultado de quedas, de pancadas sobre a cabeça ou sobre a columna vertebral, é acompanhada de paralyisia. Mas esta inflammação pôde desenvolver-se sem causa conhecida e ser tambem seguida de paralyisia.

Mas nem sempre a paralyisia depende da alteração apreciavel do cerebro ou da medulla espinhal. Algumas substancias tem a propriedade de determina-la: taes são as preparações de chumbo, o opio, a belladona. As paixões tristes e prolongadas, as evacuações sanguineas excessivas, os excessos venereos, o onanismo, o abuso das bebidas alcoholicas, produzem tambem um enfraquecimento notavel dos movimentos voluntarios.

A paralyisia acomette poucas vezes a infancia e o sexo feminino; parece que respeita os individuos que tem uma vida activa, que não cansão o seu espirito com trabalhos immoderados, e que vivem sobriamente, e ataca com preferencia as pessoas que se achão nas condições oppostas.

A paralyisia é sempre uma molestia grave e de uma cura mais ou menos difficil; offerece esperanças mais ou menos favoraveis, conforme a extensão e a natureza das partes que occupa, a molestia a que succede e a sua antiguidade. Existem entretanto muitos casos de cura.

Tratamento. O tratamento da paralyisia varia conforme a causa que a produz. Se é um symptoma de alguma molestia do cerebro, o tratamento deve ser dirigido contra esta ultima affecção. (*Veja-se APOPLEXIA, CONGESTÃO CEREBRAL, FEBRE CEREBRAL.*) Vamos occupar aqui só do tratamento da paralyisia independente de lesão organica, quer esta lesão não tenha nunca existido, quer tenha sido curada pelos meios convenientes.

Este tratamento se compõe de fricções nas partes paralyisadas com um dos linimentos seguintes:

1.° *Linimento ammoniacal.*

Ammoniaco liquido	2 oitavas.
Oleo de amendoas doces	2 onças.

Misture.

2.° *Linimento ammoniacal camphorado.*

Oleo de amendoas doces	14 oitavas.
Camphora	2 oitavas.
Ammoniaco liquido.	2 oitavas.

Misture.

3.° *Linimento de cantharidas camphorado.*

Tintura de cantharidas	1/2 onça.
Oleo de amendoas doces	4 onças.
Sabão amygdalino	1 onça.
Camphora	1/2 oitava.

Misture.

4.° *Linimento terebenthinado e alcanforado.*

Essencia de terebenthina	2 onças.
Oleo camphorado	2 onças.

Misture.

Os sinapismos, os causticos, os banhos sulfureos, empregão-se tambem com vantagem contra a paralyisia. Eis aqui a receita dos banhos sulfureos:

Sulfureto de potassa secco	4 onças.
Agua commum	32 onças.

Dissolva-se e lance-se em uma banheira de páo que tenha a necessaria quantidade d'agua quente para um banho geral. Toma-se um banho por dia, por espaço de quinze dias a fio.

Os choques com a machina electrica ou com a pilha voltaica são vantajosos contra a paralyisia. Emfim, a noz vomica, a strychnina, a brucina são igualmente empregadas com proveito, interna e externamente; mas estes medicamentos são de tal maneira energicos, que só podem ser administrados debaixo da inspecção de um medico.

PARALYSIA DA BEXIGA. *Veja-se* RETENÇÃO DA OURINA.

PARAPHIMOSIS. Assim se chama o aperto excessivo ou a estrangulação da glande pela abertura mui estreita do prepucio, quando esta pelle, depois de ter sido puxada para trás da glande, não pôde mais voltar para diante afim de cobrir a extremidade do membro viril. Este accidente é quasi sempre o resultado de uma gonorrhéa mui violenta, mas pôde tambem sobrevir sem esta causa. O seu tratamento é indicado no artigo *SYPHILIS*.

PAREAS, SECUNDINAS ou ULTIMAS. Durante o tempo em que permanece no seio materno, está o feto contido em um sacco composto de tres membranas, e prende-se pelo cordão umbilical a um corpo molle, esponjoso, chato, circular, chamado *placenta*. Este corpo só existe durante a prenhez, e, adherindo por uma de suas superficies ao utero, estabelece desta maneira a communicação entre a mãe e a criança. Quando no parto a criança é expulsada, ficão no utero as membranas e a placenta; á reunião destes dous órgãos é que se dá o nome de *pareas, secundinas* ou *ultimas*. Estes restos do *peso* com que a mulher andava carregada durante a gravidez são expulsados depois da criança.

O mecanismo da expulsão comprehende dous tempos: 1.º, a separação da placenta; 2.º, sua sahida. A separação é o effeito das contracções uterinas, porque o utero não pôde diminuir de volume sem destruir as adherencias de sua face interna com a face externa da placenta. Uma vez separada, a placenta entra no orificio uterino; o utero, irritado por sua presença, aperta-se cada vez mais e acaba por deita-la completamente para fóra.

O tempo que decorre entre o parto e a sahida das secundinas varia muito. Ás vezes ellas sahem logo depois da criança, outras vezes depois de um quarto de hora ou de muitas horas. Em geral, quanto mais vigorosa é a mulher e quanto maior tempo durou o parto, tanto mais proximo é o instante da sahida das secundinas. Será pelo contrario tanto mais afastado, quanto mais fraca fôr a mulher,

ou quanto menos obstaculos tiver a criança experimentado na sahida.

Quasi sempre a sahida das pareas pôde ser abandonada aos unicos esforços da natureza; entretanto, é incontestavel que se opera com maior facilidade quando é ajudada a tempo. Reconhece-se que a placenta está separada, e que o utero tende a rejeita-la, pela formação de um tumor duro, mais ou menos globuloso, que pôde comparar-se ao volume da cabeça de uma criança, e que se sente applicando a mão sobre o ventre. Se este signal não existisse, a pessoa que assiste á mulher parturiente poderia provoca-lo por algumas fricções feitas sobre o ventre com a mão; então, agarrando com a mão direita, e o mais perto possivel do nascedouro, o cordão umbilical previamente envolvido em um panno, puxa-se por elle parallelamente ao eixo do corpo. Emquanto assim se puxa com a mão direita, dous dedos da mão esquerda introduzidos no interior das partes genitales apoião sobre o cordão, puxão-no para trás, e fazem descer a placenta em uma direcção conveniente. Nunca se deve puxar com tanta força que se possa arrebenatar o cordão umbilical, e por isso, se houver resistencia, é melhor esperar, e principiar de novo um quarto de hora depois; comtudo, se este accidente sobreviesse, não teria outro inconveniente senão o de tornar a extracção mais difficil por não haver onde pegar.

Chegada ao nascedouro, deve-se enrolar a placenta quatro ou cinco vezes sobre si mesma. Sem este movimento de rotação, as membranas poderião separar-se e ficar nos orgãos da mulher, entretanto que a torsão torna a extracção mais facil e mais segura. Depois da sahida das pareas, examinar-se-ha se a placenta está inteira; se tem rasgadura, é o indicio de que uma porção ficou no utero: neste caso, é preciso chamar uma parteira para extrahi-la. Se sobrevier uma hemorrhagia, convulsões ou syncope, será necessario apressar a extracção do resto das secundinas. Com effeito, a placenta não é então

mais que um corpo estranho que irrita o utero e torna-se uma causa permanente de dôres e de perdas de sangue.

Deve-se sempre tentar todos os meios para se conseguir a sahida das pareas depois do parto, porque, se ficarem no utero, poderãõ corromper-se e causar accidentes graves. Entretanto melhor é abandonar a mulher ao risco incerto das molestias, do que fazer-lhe correr o perigo mais certo das violencias exercidas sobre o utero. Se não fôr possivel extrahir as pareas, será preciso limitar-se a fazer injecções no utero com decoçção de linhaça e ao emprego de banhos mornos. Neste caso, tem-se visto a placenta sahir naturalmente ao cabo de alguns dias, ou somente depois de muitas semanas, e até tres ou quatro mezes. Estava então em estado de putrefacção ou desecçada.

Depois de um movito, nem sempre a extracção das pareas se faz sem difficuldade. Quando a mulher aborta nos tres primeiros mezes, frequentemente o ovo sahe todo inteiro; em época mais remota, a placenta pôde ficar dentro, e como se ha de então extrahir? A fragilidade do cordão impede que se puxe por elle, os órgãos genitales são tão pouco dilatados, que é impossivel introduzir a mão sem lhes fazer violencia e sem occasionar muita dôr. É preciso, por consequinte, esperar. Se sobrevém uma hemorrhagia, pôde ser pouco abundante, ou então assaz consideravel para pôr a mulher em perigo. No primeiro caso, deve a gente limitar-se a excitar vivamente as contracções uterinas; no segundo, introduz-se no interior dos órgãos uma massa de fios molhados em agua com vinagre. O sangue, parado por esta especie de dique, coalha-se; immediatamente a sua presença irrita o utero, que, contrahindo-se com força, expulsa tudo quanto continha.

No caso de parto de mais de uma criança, a extracção das pareas só se deve fazer depois da sahida da ultima, porque as placentas, cujo numero é igual ao das crianças, adherem quasi sempre entre si,

e a extracção de uma não poderia fazer-se sem rasgar a outra, donde resultaria uma hemorragia grave. Entretanto, se sua disposição é tal que uma dellas se despegue e se apresente ao nascedouro, é preciso extrahi-la depois de haver certeza de que não está unida ás outras.

PAREBA ou **PAREVA**. Na provincia de Minas assim chamão a uma borbulha que nasce na perna, e que de ordinario é resultado de sarna ou constitue um simples fruncho.

PARIETARIA. (*Parietaria officinalis*, Linneo.) Esta planta cresce nas paredes velhas, e se reconhece por seus ramos avermelhados, levemente velosos, cheios de um succo salgado; folhas ovaes, agudas, luzidias na face superior, pubescentes na inferior; flôres pequenas, verdes: é diuretica, por causa do nitro que contém. Emprega-se em cozimento, que se prepara com um pugillo de folhas e um quartilho d'agua. Usa-se della principalmente nas molestias das vias urinarias. A parietaria é uma planta da Europa, mas está introduzida no Brasil; não é entretanto mui commum neste paiz; temos porém outra planta chamada vulgarmente parietaria (*Acalypha pilosa*, Cavanilles), que tem a mesma apparencia e goza das mesmas propriedades que a parietaria oriunda da Europa.

PARTIDO (Osso). *Veja-se* FRACTURA, Vol. II, p. 280.

PARTO. De 20,517 partos que houve no Hospicio da Maternidade de Paris, por espaço de quinze annos, 20, 183 se effectuárão naturalmente e sem intervenção alguma da arte. Os calculos do Dr. Dugès de Montpellier dão um parto artificial sobre oitenta e dous. Como serião mais reservadas as parteiras nos soccorros que querem prestar por força á mulher parturiente, se este simples resultado arithmetico pudesse ser gravado no seu espirito! Não pretendemos dizer que se deva completamente abandonar a si a parturiente, não contestamos a utilidade e a necessidade da presença do parteiro, ainda no parto mais natural; mas consideramos seu ministerio

mais como um ministerio de observação e de preservação do que como um ministerio de acção. Salvo alguns cuidados mui simples que o parteiro deve ministrar, seu papel limita-se a ser um espectador, cuja presença inspira confiança e coragem e afasta toda a idéa do medo para o futuro. Isto vai tornar-se mais claro pelas particularidades em que vamos entrar.

O parto se opera ordinariamente no fim do nono mez; mas é impossivel fixar esta época com uma precisão rigorosa, não só porque as mulheres são sujeitas a enganar-se em seus calculos sobre a época da fecundação ou da suppressão dos menstros, como tambem por causa das irregularidades desta mesma suppressão. É bom saber com effeito que muitas mulheres apresentam uma vez, pelo menos, depois da impregnação, todos os phenomenos da menstruação. Entretanto, a possibilidade dos nascimentos, passados nove mezes, não póde ser controvertida, e a lei reconhece como legitima a criança nascida dez mezes depois da morte do marido.

Phenomenos geraes do parto. Quando o termo da prenhez se approxima, oito, dez e ás vezes quinze dias antes do parto, o utero se abaixa, os movimentos da criança se sentem um pouco mais baixo que de costume, a mulher sente-se mais ligeira, e ao mesmo tempo as partes da geração principião a humedecer-se. Ás vezes a estes symptomas se ajuntão um sentimento de peso na parte inferior do ventre e frequentes desejos de urinar. Emfim, chega o termo da prenhez, o trabalho do parto se declara, a mulher experimenta na porção inferior do ventre dôres curtas, brandas, distantes umas das outras. As partes da geração tornão-se mais humidas e deixão escorrer uma pouca de serosidade. As dôres tornão-se cada vez mais agudas, mais amiudadas, mais demoradas, e deixão uma impressão que ás vezes enche todo o intervallo que as separa, affectão mais a sensibilidade, e as mulheres supportão-nas com muita impaciencia; cada dôr annuncia-se por uma especie de fremito interior,

às vezes por um calafrio assaz marcado, e em geral proporcionado á dôr que tem de seguir. Durante estas dôres, o pulso torna-se frequente, o calor do corpo augmenta, o rosto se anima, a mulher tem sêde, e existe uma agitação geral e grande. Às vezes sobrevém enjôse e até vomitos; a serosidade escorre em maior abundancia e se tinge de sangue. No fim de um certo tempo, as membranas se rompem e as aguas vem molhar a roupa. O corpo da criança segue a impulsão communicada ao liquido; a cabeça (porque supponmos que é ella que primeiro se apresenta, como ordinariamente acontece) aponta na abertura das partes genitales, que se abrem enquanto dura a dôr, para tornarem a fechar-se um pouco quando esta se suspende. Os esforços são extremos e acompanhados de um tremor convulsivo. Emfim, uma dôr ultima, mais energica e mais prolongada, expulsa a cabeça para fóra das partes, depois os hombros e o resto do corpo. Está o parto terminado. A esta agitação excessiva, a estes esforços immoderados, a estas dôres intoleraveis, succede instantaneamente um socego delicioso cheio de prazer, que só é interrompido pela felicidade que sente a mulher em saber que chegou a ser mãe. Depois que este estado tem durado por algum tempo, succedem novos esforços que acompanhão a expulsão das pareas.

A duração destes phenomenos varia de algumas horas a muitos dias. Acontece até que um principio de trabalho se estabelece e pára depois. Isto tem lugar principalmente nos casos em que um accidente, uma quêda, uma emoção viva, sacodem o utero e provocão dôres. Só a *duração* é que pôde fazer distinguir o verdadeiro trabalho daquelle que deve ficar incompleto. Este ultimo diminue pouco a pouco e desaparece em algumas horas, entretanto que o trabalho que deve produzir o parto augmenta e se pronuncia mais com os progressos do tempo. Um estado de congestão sanguinea no utero é frequentemente a causa destas dôres, que se acalmão pelo repouso e pela sangria. Ha mulheres que julgão estar para parir,

dispoem-se para o parto , fazem esforços para expulsar a criança , e não parem senão cinco a seis semanas depois. As dores falsas provém tambem de colicas intestinaes ; neste caso , sua reaparição é irregular , o lugar variavel , a direcção indeterminada , e existem borborinhos , nauseas , diarrhéa , etc. As colicas devem ser tratadas pelos clysteres de decoção de linhaça , pelas bebidas antispasmodicas , taes como chá de folhas de lorangeira ou da India. As cataplasmas de farinha de linhaça applicadas no ventre são tambem uteis.

O parto propriamente dito dura de uma a doze horas. Depois da ruptura das membranas , póde correr de meia hora até tres horas sem que este estado seja morboso.

Durante perto de quinze dias que seguem a parturição , os órgãos genitales deixão correr um liquido chamado pelos medicos *lochios* , vulgarmente *parto*. Este liquido é constituido ao principio pelo sangue puro , que no espaço de uma hora póde formar na camisa uma nodoa da largura da mão ; mais abundante , constituiria uma hemorragia. No terceiro dia , torna-se seroso , e se suprime ás vezes quasi inteiramente debaixo da influencia da febre de leite ; ás vezes , pelo contrario , sua quantidade augmenta pela mesma causa. Ao quinto ou sexto dia , a materia do escorrimento torna-se fetida , amarellada , e emfim toma pouco a pouco um aspecto sero-mucoso. Este estado dura ás vezes até á volta da menstruação , isto é , de quinze dias até seis semanas depois do parto. Nas mulheres que dão de mamar , esta primeira menstruação falta mui frequentemente , assim como as seguintes , durante todo o tempo da amamentação ; nestas mulheres tambem os lóchios são sempre menos abundantes.

A *secreção do leite* se opera tambem mais facilmente nas mulheres que amamentão do que naquellas que se dispensão desta funcção. Os symptomas febris apparecem no principio do terceiro dia , são assignalados pelo calor , sêde , dôr de cabeça , pulso fre-

quente, durão vinte e quatro horas, e emfim desaparecem.

Cuidados que se devem prestar á mãe. Logo que apparecem os primeiros signaes do parto, é preciso que a mulher observe um regimen moderado e se conserve em repouso. Abster-se-ha de vinho e de toda a bebida excitante, que, sob pretexto de augmentar as forças, determinaria frequentemente a febre e impediria os progressos do trabalho. A prisão do ventre é um incommodo assaz ordinario das mulheres gravidas; assim, acontece muitas vezes que, no momento do parto, o intestino está cheio de materias fecaes endurecidas. A presença destas materias contrange a progressão da cabeça da criança, e sua expulsão no ultimo momento é dolorosa; por esta razão é preciso administrar um clyster d'agua morna simples no principio do parto. Neste tempo tambem é preciso preparar a cama. A que mais facilmente se tem á mão e ao mesmo tempo é mais vantajosa é uma cama simples estreita ou uma marquezta posta no meio da sala ou apoiada na parede por uma das cabeceiras, com os dous lados livres, afim de se poder circular em roda della. Esta cama deve ter um colchão um pouco duro, no meio do qual se põe um travesseiro em que se apoião os quadris; ou então, para que esta parte possa desenvolver-se mais, dobra-se o colchão e assentão-se os quadris sobre a sua margem. É preciso sempre impedir que as nadegas se enterrem na espessura dos colchões, o que poderia obstar á sahida da criança. Às vezes adapta-se a esta cama uma travessa de páo para suster o esforço dos pés da mulher; mas sempre a cama deve ser disposta de tal maneira, que a mulher ache um ponto de apoio solido para as mãos, cabeça e pés. Esta cama deve ser sufficientemente guarnecida de lençoes para receberem o sangue e os outros liquidos que sahem do utero. Duas pessoas postas aos lados assistirão a mulher, segurando com as mãos os joelhos e as pernas dobradas durante a dór, e offerecendo á mulher os hombros ou os braços para ella firmar

as mãos, se desejar. A mulher póde ser tambem posta atravessada na cama, tendo a cabeça e os hombros sustidos por almofadas e as nadegas apoiadas sobre a beira da cama, os pés postos sobre cadeiras, ou, melhor ainda, sobre os joelhos de duas pessoas sentadas de cada lado.

É preciso tambem preparar um berço ou ao menos uma almofada para receber a criança, liuha, tesoura, um pedaço de panno de linho e as roupas de recém-nascido.

O medico ou a parteira, uma criada e duas pessoas sinceramente affeiçãoadas á mulher, bastão ordinariamente para assisti-la durante o parto. Um maior numero póde ser nocivo por augmentar o calor ou viciar o ar do quarto, por seus movimentos, seus discursos que fatigão, ou pela expressão de sua physionomia que annuncia a tristeza e a inquietação. Toda a pessoa que não fôr do agrado da mulher, e cuja presença possa ser para ella um objecto de constrangimento, e as que não se acharem com forças bastantes para conservarem o rosto tranquillo ao aspecto dos soffrimentos que a mulher padece ou dos riscos que póde correr, não devem ser admitidas junto della.

Se as dôres fôrem fortes e frequentes, a mulher poderá ficar na cama ou sentada. Se fôrem fracas e raras, será vantajoso que dê alguns passeios pelo quarto; fricções sobre o ventre augmentarão as dôres incipientes. Quando as dôres progredem lentamente, se a mulher já é de certeza e tem as partes firmes e apertadas, sobretudo no primeiro parto, um banho morno, as injeccões e os clysteres de decocção de sementes de linhaça serão muito uteis. Se existe febre, calor da pelle, dôres intensas de cabeça e oppressão do peito, poder-se-ha recorrer á sangria. Logo que o parto se aproxima, a mulher deve deitar-se. Então póde-se-lhe permittir o estar na attitude que lhe convier, muda-la á sua vontade. Com effeito, cada qual sabe, por experiencia, quanto é penoso estar-se immovel quando se soffre e que

sorte de allivio se experimenta mudando-se de lugar. Quando mesmo isto se reduza á esperança, incessantemente frustrada, de se achar uma posição em que se soffra menos, nem por isso se deve negar á mulher este leve allivio. Mas, uma vez que as dôres estão bem declaradas, é preciso que a mulher se ponha sobre sua cama, e que durante a dôr esteja deitada de costas, com os hombros e a cabeça sufficientemente elevados por almofadinhas, as coxas encolhidas sobre o tronco, as pernas sobre as coxas e os joelhos um pouco afastados. A elevação dos hombros tem por objecto a commodidade da mulher, e serve de facilitar a respiração; a disposição dos membros inferiores põe os musculos em relaxação e facilita o parto. Neste periodo, como em todos os outros, é preciso tranquillisar, consolar a mulher, e poupar-lhe todo o medo e toda a inquietação quanto fôr possível.

Quando a cabeça apparece no nascedouro, uma mão prudente deve então segurar brandamente, durante a dôr, a pelle que está por baixo das partes genitales e que a cabeça da criança empurra com força, pois que tem-se visto ás vezes, n'um primeiro parto sobretudo, esta parte rasgar-se, por falta desta simples precaução. Quando a primeira parte da criança tem atravessado a abertura, deixa-se um momento de repouso, depois ajuda-se por algumas tracções a sahida do resto: corta-se então o cordão, e separão-se assim completamente os dous individuos.

Se o trabalho foi longo, as pareas podem ser logo extrahidas; basta para isto fazer ligeiras tracções sobre o cordão e friccionar o ventre com a mão, afim de provocar as contracções uterinas; pelo contrario, se o trabalho foi rapido e facil, esperar-se-ha que as dôres e contracções uterinas tornem a apparecer por si, para se proceder a esta extracção.

Dar-se-hão á parturiente as bebidas que desejar, e com preferencia agua com assucar e com uma pouca d'agua de flôr de laranja. Se a duração do trabalho

fôr curta, não se deve dar alimentos; mas, se se prolongar, a mulher sustentará suas forças com caldos de carne.

Depois do parto, convém examinar se a mulher perde demasiado sangue. Neste caso seria preciso recorrer aos meios indicados na pag. 359 do segundo volume, para fazer parar a hemorragia. Se tudo se passa em ordem, é necessario lavar os órgãos genitales com agua morna, fazer a mulher mudar de roupa, e apertar-lhe levemente os quadris com uma cinta apropriada, para o que pôde servir uma toalha dobrada ao comprido.

Quanto ao regimen, se a mulher não dá de mamar á criança, deve no primeiro dia contentar-se com caldos de gallinha e cozimento de arroz ou de cevada. No dia seguinte, pôde-se-lhe permittir algum mingão ou sopas ligeiras; mas a febre de leite fará suspender o emprego de todo o alimento enquanto ella durar. Quando os accidentes febris tiverem desaparecido, os alimentos serão augmentados gradualmente todos os dias, de maneira que ao sexto ou setimo dia a mulher esteja quasi entregue a seu regimen habitual. As mulheres que crião não necessitam de observar uma dieta tão severa. Nos primeiros dias que se seguem ao parto, é preciso evitar a acção do frio, mas nunca se deve sobrecarregar as mulheres de cobertores, nem fechar com cuidado as portas e as janellas; pelo contrario, convém renovar o ar duas vezes ao menos por dia. Desta maneira evita-se o máo cheiro e a acção dos miasmas, ao mesmo tempo que, moderando-se a temperatura, previnem-se os suores excessivos e as perdas de sangue abundantes. Aconselha-se ordinariamente ás mulheres que fiquem na cama oito a nove dias. Esta demora é muitas vezes util; mas quando o parto é feliz, a constituição da mulher boa, pôde sahir da cama ao quarto dia, e andar ao sexto ou ao setimo dia. Nunca se deve imitar as mulheres que se levantão no dia seguinte do seu parto; molestias graves podem ser o resultado de semelhante imprudencia.

Cuidados que exige a criança recém-nascida. O primeiro cuidado e o mais importante é a *ligadura do cordão umbilical*. Mas, antes de enunciar a maneira de proceder a esta operação, é bom dizer alguma coisa das circumstancias que devem apressa-la ou retardala.

1.º Se a criança nasce pallida e de apparencia fraca, se solta apenas alguns leves gritos, se a sua respiração é interrompida, a circulação fraca ou nulla, este estado chama-se *asphyxia* ou *syncope*; é preciso então ligar o cordão logo depois ou antes da sua secção. É necessario chamar a criança á vida e suste suas forças: para este fim, deve-se fazer-lhe fricções com baeta quente sobre as costas, peito, braços e pernas; metê-la em um banho quente, e depois de banhada embrulha-la em pannos quentes e seccos; approximar-lhe ás ventas a rolha humida de um frasco d'agua de Colonia, de ether, de ammoniaco, ou um panno embebido de vinagre; irritar-lhe as fossas nasaes com a ramá de uma penna, e pelo mesmo meio desembaraçar-lhe a bocca e a garganta das mucosidades que possão existir; e finalmente soprar-lhe ar nos pulmões. Para este fim servirá qualquer canudo, o de uma penna, por exemplo, tendo-se precaução de apertar a bocca da criança em roda do canudo e de tapar-lhe as ventas. É preciso sobretudo não desanimar de prompto; tem ás vezes sido chamadas á vida, depois de uma hora e mais de cuidados não interrompidos, crianças que ao principio se havião julgado como perdidas inteiramente.

2.º Se o parto durou por muito tempo, se sobretudo a criança veio pelos pés, ou se foi tirada pelos esforços da arte, póde existir então um *estado apoplectico* caracterizado pela vermelhidão geral da pelle, rosto inchado e roxo, rijeza dos membros e até convulções; deve-se, neste caso, deixar correr, pela secção do cordão, uma ou duas colheres *de chd* de sangue.

Quando não existe nenhum destes estados morbidos, deve-se fazer a ligadura immediatamente de-

pois do nascimento, mas sem se apressar muito nem temer deixar correr algumas gottas de sangue. applica-se a ligadura na distancia de uma ou duas pollegadas do ventre, por meio de dous ou tres fios de linha reunidos. Antes de pôr a ligadura tem-se o cuidado de examinar se não existe quebradura umbilical que se prolongue na espessura do cordão, o que se deve sobretudo temer quando este é mui grosso. Por falta desta precaução, tem acontecido ser ligada uma porção de intestino e resultar d'ahi a morte das crianças. Existindo semelhante quebradura, será preciso reduzi-la e mantê-la assim, applicando o dedo sobre a abertura umbilical emquanto se fizer a ligadura.

Logo depois de feita a ligadura, é o cordão envolvido em um pedaço de panno fino de linho, e mantido sobre o lado esquerdo do ventre por meio de uma toalha. Nos dias seguintes, depois da sua cahida, lava-se com agua morna a pequena ulceração que deixa, e cobre-se-a com um panno secco ou untado levemente de azeite doce ou de ceroto.

Lavatorios com agua morna tirão o sangue que suja o recém-nascido; mas se a materia gordurosa que cobre ás vezes a pelle é mui abundante, convém juntar sabão á agua. Os lavatorios frios ou os banhos de igual temperatura são formalmente contraindicados. Os banhos mornos serão continuados durante a infancia, e sobretudo durante a dentição; mas o seu abuso deve ser evitado, pois que predispõe ao rachitismo.

Os vestidos da criança não devem nos occupar muito; sabe-se hoje que é necessario evitar as compressões, as circumvoluções das ataduras que se julgavão necessarias para lhes darem uma boa conformação, e que produzião um effeito inteiramente contrario. Este vestido deve ser mediocrementemente apertado para não constranger nem a respiração nem a circulação, e permittir alguns movimentos dos membros; deve ser tambem facilmente permeavel para a ourina.

Deita-se ordinariamente a criança de lado para lhe facilitar a sahida das mucosidades que a bocca possa conter. Algumas horas depois do nascimento, póde-se-lhe dar algumas colheres d'agua com assucar ou com mel, que provoquem as evacuações alvinas. Se estas evacuações tardarem a apparecer, convém administrar um clyster d'agua morna simples. Se a prisão do ventre persistir, deve-se sempre examinar se existe alguma imperforação do anus; é preciso fazer o mesmo ácerca do canal da uretra, quando a urina não molha os pannos desde os primeiros dias. Pelo que toca á alimentação, *veja-se* AMAMENTAÇÃO. Quanto aos accidentes que podem sobrevir durante o parto, *veja-se* CONVULSÕES DAS PARTURIENTES, HEMORRHAGIA, RASGADURA DO PERINEO.

PARTO HYDATICO. *Veja-se* MOLA, Vol. III, p. 54.

PARTO ou LOCHIOS. Debaixo do nome de *parto* designa-se vulgarmente um escorrimento que se faz pelas partes genitales da mulher que acaba de parir; os medicos dão-lhe o nome de *lochios*. Este escorrimento principia immediatamente depois da sahida das pareas, fica suspenso durante a febre de leite; mas torna depois a apparecer, e persiste quinze dias, tres semanas ou um mez. Consiste ao principio em sangue vermelho; logo depois muda para uma materia espessa ou mucosa e exhala um cheiro forte, desagradavel, e torna-se mais tarde em agua avermelhada; emfim, passados alguns dias, o *parto* fica pouco abundante, perde seu cheiro caracteristico e não é mais que um simples escorrimento seroso que cessa pouco a pouco.

Sendo os lochios uma função natural, sua supressão deve ser considerada como um accidente grave. Assim, quando uma affecção moral, viva e triste, a impressão do ar frio sobre os membros inferiores, suspende a evacuação, deve esta ser provocada com semicupios d'agua quente e com sinapismos applicados nas coxas e nas pernas. Em muitas molestias que atacão a mulher recém-parida, existe tambem a supressão dos lochios; mas ordinariamente esta

suppressão não é causa da molestia, mas sim symptoma della. Mas neste caso tambem uma das primeiras indicações do tratamento consiste em provocar os lochios. Aos banhos e sinapismos que forão mencionados é preciso accrescentar a applicação das bichas nas coxas. É necessario entretanto saber que as febres mais leves, as que passão por si, tem por effeito a diminuição do escorrimento. Na febre de leite, sobretudo, a suspensão dos lochios não deve ser considerada como uma molestia.

PASSA. *Veja-se UVA.*

PASTILHAS. As pastilhas são compostas de assucar e de um oleo volatil ou de uma agua odorifera. As pastilhas de *hortelã pimenta* offerecem um exemplo usual desta composição; favorecem a digestão, e são ás vezes empregadas para corrigir o máo halito. Ha tambem pastilhas em que entrão substancias medicamentosas, como, por exemplo, as pastilhas vomitivas, purgativas, antidartrosas, etc.

PATULÉA. *Veja-se POLKA.*

PÁU PEREIRA. *Veja-se PEREIRA.*

PÉ (MOLESTIAS DO). As molestias do pé são numerosas e bastante graves; vamos indica-las succintamente.

Para as *torceduras, unha encravada, bichos dos pés, cravos boubaticos, calos dos pés, tumor branco, contusão, vejam-se* estas palavras na sua ordem alphabetica.

1.º MOEDURA DO PÉ. É uma lesão grave que reclama ás vezes a amputação do pé. Quando esta operação não é indicada, a molestia entra na ordem da contusão simples. Em todos os casos, o primeiro tratamento consiste na applicação de pannos molhados n'agua fria, continuada por muitos dias.

2.º DESLOCAÇÕES OU LUXAÇÕES DO PÉ. As deslocações do pé sobre a perna são de quatro especies: o pé póde ser levado *para dentro, para fóra, para diante, ou para trás.*

Causas. A deslocação *para dentro* é a mais frequente de todas: as causas que a produzem ordinariamente são uma torcedura violenta, na qual o pé foi virado

para dentro, ou uma quédá de um lugar alto sobre a margem externa do pé. A deslocação que se faz *para fóra* tem as mesmas causas, mas que obrão em sentido opposto. A deslocação *para trás* é mui rara; só difficilmente pôde acontecer pelo effeito de uma causa que se limite a virar forte e subitamente o pé; tem lugar nas quédas de um lugar alto sobre a planta do pé que apoia em toda a sua extensão sobre um plano inclinado para diante. Emfim, a deslocação do pé *para diante*, extremamente rara, é sempre produzida pela extensão violenta do pé pelo effeito de uma quédá do corpo para trás, estando o pé retido por um obstaculo insuperavel.

Symptomas das deslocações do pé. Na deslocação *para dentro*, a face dorsal do pé está virada para dentro, a face plantaria para fóra, a margem interna do pé fica embaixo, a margem externa emcima.

Na deslocação *para fóra*, o pé é virado para fóra; sua face superior está da parte de fóra, sua face plantaria da parte de dentro, a margem externa embaixo, a margem interna emcima.

Na deslocação *para trás*, a parte anterior do pé é mais curta do que costuma ser; existe por diante uma elevação formada pela extremidade inferior do osso da perna, e esta elevação é separada da face superior do pé por uma especie de ruga transversal da pelle; o pé não pôde executar o menor movimento.

Emfim, quando existe a deslocação *para diante*, o pé é fixado n'uma extensão forçada; o calcanhar é mais curto, a parte anterior do pé mais comprida; existe por diante um tumor duro, redondo e volumoso.

As deslocações do pé podem ser completas ou incompletas. As primeiras constituem molestias mui graves. Nos casos mais felizes, as deslocações completas, depois de reduzidas, deixão por algum tempo uma rijeza na junta do pé, e ás vezes a impossibilidade de mover o pé. Em alguns casos, estas deslocações são seguidas de inflammação, postemas,

carie dos ossos, e podem exigir a amputação do membro. As deslocações incompletas, pelo contrario, differem pouco das torceduras um tanto fortes, e sarão com facilidade e promptidão, sem deixar vestigio algum na junta.

Tratamento das deslocações do pé. Para reduzir as deslocações do pé, o doente deve deitar-se de costas; então uma pessoa vigorosa segura-lhe na perna; outra tambem vigorosa e intelligente pega-lhe no pé e puxa-o, primeiramente na direcção que lhe foi dada pela deslocação; quando sente que por seus esforços estão safos os ossos, põe o pé no seu lugar, puxando-o na direcção contraria áquella em que foi feita a deslocação, isto é, para fóra quando a deslocação era para dentro, para dentro quando a deslocação era para fóra, de detrás para diante e em flexão quando era para trás, e em flexão e para trás quando era para diante. Esta pessoa é ajudada nisto por um cirurgião, o qual, posto do lado externo do membro e tendo segurado com uma mão a perna e com outra o pé, puxa estas partes uma contra outra em sentido inverso.

Feita a redução, é preciso que o doente por muitos dias conserve o pé no repouso mais completo; e convém prevenir a inflammação com a applicação contínua de pannos molhados n'agua fria e com bichas.

3.º **FRACTURAS DO PÉ.** As fracturas do pé são ordinariamente mui graves e produzidas por causas directas mui violentas, como a cahida sobre o pé de corpos duros e pesados, como pedras, madeiros, etc. Quédas de um lugar elevado sobre o calcanhar produzem a fractura desta parte do pé. Não podemos dizer o que se deve fazer neste caso; o tratamento varia conforme as complicações: só se devem applicar no pé pannos molhados n'agua fria antes da chegada do cirurgião.

4.º **PÉ TORTO.** (*Pied bot*, em francez.) Assim se chama uma deviação permanente do pé, na qual estando o pé virado para baixo, para cima, para

dentro ou para fóra, obriga o doente a andar sobre as pontas dos dedos, sobre o calcanhar, sobre a margem interna ou sobre a margem externa do pé. A estas diferentes especies de deviações correspondem nomes particulares :

1.º *Pé equino* (pé de cavallo). Está o pé n'uma extensão forçada, o calcanhar mais ou menos elevado acima do chão. O peito do pé está arqueado ; os dedos, fortemente extendidos, recebem o peso do corpo : em alguns casos, os dedos são fortemente curvados do lado da sola do pé, o doente anda sobre a face superior delles. A dureza e a resistencia dos musculos da barriga da perna indicão que estes musculos participão desta deformação.

2.º *Pé varo* (do latim *varus*). Está o pé virado para dentro e disposto de tal sorte que sua face plantaria fica voltada do lado do malleolo interno da perna opposta, a margem externa apoia sobre o chão, a margem interna se dirige para o ar ; a perna está magra e fraca. Quando a deviação é mui intensa, os doentes andão em parte sobre a face superior do pé.

3.º *Pé valgo* (do latim *valgus*). Esta deformidade é o inverso da precedente, isto é, consiste em que o pé está virado para fóra. Sua face superior olha para o malleolo interno da perna opposta, a face plantaria está voltada para fóra, o calcanhar desviado para o mesmo lado, o pé apoia no chão com a metade anterior de sua margem interna, isto é, o doente anda sobre o dedo grande e sobre uma parte do primeiro osso do metatarso.

4.º *Pé talo* (do latim *talus*, calcanhar). É o inverso do pé equino ; aqui os dedos se dirigem para cima, o peito do pé está virado para a cannella da perna, a face plantaria olha para diante, e só o calcanhar apoia no chão.

Raras vezes estas diferentes lesões existem isoladas ; assim, o pé equino é quasi sempre complicado do varo e do valgo. Emquanto ao gráo de frequencia, o varo e o pé equino são os mais communs ; o talo é extremamente raro.

Causas. O pé torto é de nascença ou accidental; o varo e o valgo são as mais das vezes de nascença; o pé equino de ordinario é adquirido, e a sua causa póde depender de contracção muscular, ou de uma lesão de algum ramo nervoso ou da medulla espinhal mesma. Reductivel ao principio, a deformidade torna-se permanente com o tempo, por causa do desenvolvimento dos ossos na situação viciosa que occupão.

O pé torto de nascença tem-se attribuido a quatro causas differentes: 1.º, alteração do embryão no seio materno; 2.º, compressão mecanica dos membros do feto no utero; 3.º, retracção primitiva dos musculos; 4.º, suspensão do desenvolvimento do feto.

Tratamento dos pés tortos. Para endireitar as partes desviadas, é preciso alongar os tendões ou os musculos que as obrigão a esta posição viciosa. Por muito tempo este tratamento foi só confiado ás machinas, e forão inventados varios botins com differentes molas, em que os pés dos doentes estavam submettidos a uma verdadeira tortura. Hoje curão-se os pés tortos cortando o tendão d'Achilles e applicando uma simples machina orthopedica. Alguns outros tendões e musculos devem ser cortados conforme a variedade do pé torto; ás vezes é preciso dividir inteiramente ou só em parte a aponevrose plantaria que se acha contrahida.

O effeito immediato da operação é mui pouca cousa; a pequena ferida fica fechada em 24 ou 48 horas. O aparelho que se applica depois tem por fim manter o pé em sentido opposto á desviação. Esta questão é uma daquellas em que a cirurgia moderna tem conseguido os mais felizes resultados.

5.º PÉ CHATO. Entende-se por pé chato uma posição viciosa particular do pé, que dá a este membro uma fórma mui achatada, e que torna o andar mui custoso e mui doloroso. Existem duas especies de pé chato; uma especie é de nascença, outra accidental. O pé chato de nascença não é outra cousa mais que o pé torto para dentro (*varo*), pouco pronuncia-

do. O segundo consiste na relaxação dos ligamentos dos pequenos ossos que entram na composição do pé.

Os caracteres principaes desta enfermidade são : a fôrma chata do pé, o desapparecimento da abobada plantaria e de uma parte da convexidade da face plantaria. Uma dôr bastante intensa existe na planta, nas differentes juntas do pé, depois de ter a pessoa andado ou estado de pé por muito tempo; esta dôr parece que depende da extensão que experimentão os ligamentos em consequencia da mobilidade anormal dos ossos.

O *tratamento* comprehende dous meios : 1.º, botins mecanicos, que tem por fim levantar o calcanhar e curvar a planta do pé. Os sapatos com saltos altos allivião os doentes no andar. Estes sapatos são ainda mais efficazes se a pessoa tem a precaução de ligar circularmente o pé com um cadarço. Este cadarço tem por intuito dar um apoio aos ossos e prevenir a extensão dolorosa dos ligamentos.

2.º O segundo meio de tratamento do pé chato consiste na divisão com bistori de alguns tendões do pé.

PECEGUEIRO. (*Persica vulgaris*, Miller.) Arvore de tamanho medio, originaria da Persia, cultivada no Rio de Janeiro. A cultura deu duas principaes variedades desta arvore: uma que tem fructos com polpa dura e pegada ao caroço, e outra variedade com polpa molle que se despega facilmente do caroço. O pecego é um fructo saboroso e mui sadio; contém um succo adocicado, levemente acidulo, que refrigera, acalma a sêde, e produz um effeito algum tanto laxativo. É um erro crer que o pecego é quente. Sendo preparados com assucar e vinho, os pecegos se digerem com maior facilidade.

As folhas do pecegueiro são amargas e contém, assim como as flôres e as amendoas do fructo, uma certa porção do acido prussico, o que faz que o seu uso em forte dôse é mui perigoso. Um autor falla de uma criança de dezoito mezes que morreu no meio de convulsões e de vomitos, por ter bebido um chá

mui forte, feito com flôres de pecegueiro, que lhe deu sua mãe como vermifugo. Em dôse menos forte, estas partes do pecegueiro produzem um abatimento extraordinario. Se sobrevierem accidentes, convirá dar a cheirar agua de Labarraque, e dar a beber de cinco em cinco minutos uma colher de sopa da mistura seguinte: alcali volatil cinco gottas, agua meia chicara. Na falta d'alcali volatil dão-se a beber dez gottas d'ether em meia chicara d'agua fria com assucar.

Nas boticas se prepara o xarope de flôres de pecegueiro, que se administra ás crianças na dôse de duas a quatro colheres de chá, como brando laxante. Mas este medicamento raras vezes se emprega.

PEDILUVIO. *Veja-se* BANHO DE PÉS, Vol. I, pag. 187.

PEDRA ou CALCULO. De todos os liquidos animaes, a ourina é aquelle em que mais frequentemente se formão as concreções chamadas pedras ou calculos urinaes. Este genero de affecção ataca principalmente as crianças e os velhos; nenhum sexo está isento della, e se na bexiga das mulheres a pedra se acha mais raramente do que na dos homens, provém isso de ser o canal da uretra das mulheres mais largo, mais curto, mais extensivel, e por conseguinte deixa facilmente sahir as pequenas pedras, que poderião tornar-se nucleo de calculos volumosos.

As causas que presidem á formação dos calculos, na bexiga, são as mesmas a que as arêas devem sua origem. (*Veja-se* o artigo AREIAS, V. I, pag. 137.) O clima não deixa de ter acção sobre este genero de molestias. Tem-se observado que são mui raras nos paizes quentes, e principalmente nos climas intertropicaes. Os paizes mui frios parece que gozão da mesma vantagem: as pedras são pouco communs na Suecia e na Russia. Observão-se, pelo contrario, mui frequentemente nos climas frios e humidos; na Hollanda e em Inglaterra, por exemplo. As paralyrias da bexiga, os estreitamentos do canal da uretra, tornão-se causas de pedras, oppondo-se ao livre escorrimento das ourinas. Emfim, existem causas que não podem ser determinadas rigorosamente.

Symptomas. A presença de uma pedra no interior da bexiga annuncia-se ordinariamente pelos symptomas seguintes: o doente experimenta dôres no baixo-ventre, entre as coxas, no anus, que se propagaão ás cadeiras e á extremidade do membro viril; estas dôres acalmão-se ordinariamente pelo repouso e augmentão pelo exercicio, pelos abalos occasionados pelo cavallo ou pela sege; alguns individuos, as crianças sobretudo, parecem experimentar allivio puxando-se-lhes o membro viril. Existem frequentes desejos de urinar, e o doente vê-se obrigado a urinar muito a miudo. Quando a ourina corre, acontece ás vezes que este liquido é subitamente interrompido, e torna a apparecer um momento depois; o doente é obrigado ás vezes a tomar posições mais ou menos extraordinarias para poder urinar. Todos estes symptomas adquirem o maior valor se o seu apparecimento é precedido de dôres nas cadeiras, ou se os doentes tem deitado precedentemente areias; mas são insufficientes para dar a certeza da existencia de uma pedra na bexiga. Além de que faltão ás vezes inteiramente, muitas molestias da bexiga podem produzir effeitos analogos. Os signaes positivos não podem ser confirmados senão por um cirurgião: resultão da introducção de uma sonda metallica na bexiga e do choque da pedra contra ella.

Entregues a si, as pedras da bexiga augmentão continuamente de volume; os accidentes que determinão adquirem todos os dias maior intensidade, a bexiga se altera, todas as funcções soffrem, a saude e até a vida ficão gravemente compromettidas. Por conseguinte, logo que um doente crê estar affectado da pedra, deve cuidar em desembaraçar-se della o mais promptamente possível.

O *tratamento* da pedra é inteiramente cirurgico. Ha dous meios que se empregão para extrahir da bexiga este corpo estranho. Um delles, que se chama *lithotomia*, ou antes *cystotomia*, é conhecido desde a mais remota antiguidade: consiste em cortar as partes molles e a bexiga, para abrir uma via bas-

tante larga por onde se possa extrahir a pedra inteira. A outra operação, que é moderna, chama-se *lithotricia*, e consiste em quebrar a pedra com instrumentos introduzidos pelo canal da uretra, afim de que os pedaços possam ser evacuados com as ourinas pelas vias naturaes.

Existe um ponto melindroso sobre o qual queremos esclarecer os doentes, e vem a ser, se a *lithotricia* é preferivel á *cystotomia*. Esta questão agita-se entre os cirurgiões e põe os doentes na maior perplexidade. Mas não se pôde dizer que uma destas operações deve ser geralmente adoptada com exclusão da outra. Ambas, convenientemente empregadas, podem fazer grandes serviços; assim, por exemplo, logo que a presença de uma pedra de mediocre volume está reconhecida, é necessario recorrer á *lithotricia*. Se a acção dos instrumentos empregados para esta operação occasiona vivas dôres, se é difficil agarrar a pedra, se ella escapole ao instrumento, e se as tentativas são seguidas dos symptomas inflammatorios intensos, é certo que, insistindo-se por muito tempo, se comprometterião inutilmente os dias do doente; deve-se, por consequencia, recorrer á *cystotomia*. O esbroamento da pedra não pôde praticar-se nas crianças de menos de sete a oito annos de idade, nem tão pouco nas pessoas que tem uma pedra mui volumosa, nem nas que são affectadas de catarrho vesical; e então a *cystotomia* é até hoje o meio curativo mais seguro e mais geralmente empregado.

Quanto aos pretendidos *lithontripticos* ou remedios internos, considerados como proprios para dissolverem a pedra na bexiga, não existe realmente nenhum. Mas pôde-se, por um regimen e bebidas apropriadas, prevenir a disposição aos calculos, e corrigir, até certo ponto, as qualidades da ourina e do sangue que favorecem a formação da pedra: indicámos isto no artigo AREIAS. O doente, ainda que a pedra provoque poucos accidentes, deve fazer uso de alimentos brandos, evitar os exercicios violentos, como o do cavallo e o das seges mal suspensas; se

as dôres se tornão vivas , clysteres de decocção de linhaça, com 15 a 20 gottas de laudano, e banhos mornos produzem algum allivio.

PEDRA DOS DENTES. *Veja-se* DENTES, Vol. II, pag. 14.

PEDRA NO FIGADO. *Veja-se* CALCULOS BILIARES, Vol. II, pag. 261.

PEDRADA. *Veja-se* CONTUSÃO, Vol. I, pag. 425.

PEDRA-HUME ou ALUMEN. Este sal, no estado de crystallisação, é transparente, sem cõr, de um sabor styptico; goza de virtudes adstringentes; existe na natureza e pôde ser producto da arte. Emprega-se internamente, na dôse de 6 grãos a duas oitavas, nas diarrhéas chronicas, hemorragias; e externamente em gargarejos nas esquinencias, na dôse de uma a duas oitavas dissolvidas em um quartilho d'agua. A *pedra-hume calcinada*, isto é, privada de sua agua de crystallisação por meio do fogo, é de cõr branca, possui propriedades causticas, e usa-se para polvilhar as picadas das sanguesugas quando sangrão demasiadamente, ou cauterisar as carnosidades que se desenvolvem nas feridas.

PEDRA INFERNAL ou NITRATO DE PRATA. Este caustico merece menos do que muitos outros mais energicos a denominação com que é conhecido. Sua acção é instantanea, mas está longe de occasionar a dôr que o seu nome parece fazer temer. A pedra infernal se emprega para cauterisar as carnosidades das feridas, as ulceras rebeldes, as aphtas da bocca, as belidas dos olhos. As hemorragias que resultão ás vezes das picadas das sanguesugas, e que resistem á compressão e aos outros meios, cedem quasi instantaneamente á applicação prolongada deste caustico na picada. Alguns doentes tem de costume cauterisar os cancos venereos, chamados vulgarmente cavallos, com pedra infernal: este methodo faz realmente desaparecer ás vezes as pequenas ulceras, mas não é sufficiente para curar radicalmente da syphilis; entretanto que a cauterisação,

ajudada pelo tratamento antisiphilitico interno, produz melhores effeitos.

PEITO. Em *medicina* assim se chama uma cavidade circumscripta posteriormente pelas vertebraes, lateralmente pelas costellas e omoplatas, anteriormente pelo sternon; tem por limites em cima os ossos claviculares e embaixo o musculo diaphragma. Esta cavidade contém os orgãos principaes da respiração e da circulação, isto é, os pulmões e o coração. Mas *vulgarmente* dá-se o nome de peito não só a esta cavidade do corpo, mas ainda ás suas paredes.

PEITO ABERTO. Algumas pessoas assim chamão a molestia descripta no artigo ESCARROS DE SANGUE, Vol. II, pag. 155. Para as outras pessoas, o peito aberto designa dôres rheumaticas e superficiaes do peito, que se curão com fricções de aguardente alcanforada, com a applicação de sinapismos no lugar doloroso.

PEITO CERRADO. *Vejase* SUFFOCAÇÃO.

PEITO (CONTUSÃO DO). As pancadas e outras lesões semelhantes das paredes do peito tem em resultado commum uma dôr mui viva, quando mesmo o abalo se não propagou até aos pulmões e quando não existe nenhuma fractura dos ossos: esta dôr augmenta durante a respiração e dura ás vezes quinze a vinte dias, mas ordinariamente desaparece depois do septimo dia. Para acalma-la, é preciso friccionar o peito com aguardente alcanforada e aperta-lo fortemente com uma toalha em roda do corpo.

A acção das bengalas, pedras e outros corpos contundentes que tocão as paredes do peito, quando mesmo não produzem feridas nem fracturem as costellas, podem determinar a contusão dos orgãos situados na cavidade do peito. Não se póde saber no primeiro momento qual será a consequencia destas lesões. Se o doente escarra sangue, é preciso praticar uma sangria do braço. Em todos os casos, é preciso applicar no peito pannos molhados n'agua fria.

PEITO (DÔR DE). A dôr de peito existe em varias molestias. Encontra-se sempre na *pleurodynia*, moles-

tia chamada vulgarmente *pleuriz bastardo* ou *falso*. É uma affecção rheumatismal dos musculos do peito; a dôr neste caso occupa todo o peito, ou um só lado inteiro, ou um pequeno espaço; ás vezes é fixa, ordinariamente muda de lugar; incommoda a respiração, augmenta com a tosse, e sobretudo pela compressão e pelos movimentos do braço, o que a distingue da dôr de pleuriz. Não existe febre, calor nem fastio. O tratamento desta dôr é o seguinte: applicar no lugar doloroso um synapismo, e esfregar depois com aguardente alcanforada ou com o linimento seguinte:

Essencia de terebenthina	1 onça.
Oleo camphorado	1 onça.

Misture.

A esta categoria pertencem as dôres de peito chamadas *nervosas*, que reclamão o mesmo tratamento que as dôres rheumaticas.

A dôr de peito existe tambem no *pleuriz*. É uma pontada mui aguda que não muda de lugar; é acompanhada de tosse, febre, fastio, abatimento geral. O tratamento acha-se indicado no artigo PLEURIZ; consiste em bichas, sangrias, etc.

Na *pneumonia* ou inflammação do pulmão, a dôr é acompanhada de escarros sanguineos e de febre. O tratamento se compõe de sangrias, bichas e vomitorios. *Veja-se* Inflammação dos pulmões, no artigo PULMÕES.

A dôr de peito sobrevem ás vezes na molestia chamada *hemoptyse* ou *escarros de sangue*. *Veja-se* Vol. II, pag. 155.

A dôr de peito existe tambem na *tisica*, mas não sempre. *Veja-se* TISICA.

A dôr de peito acompanha tambem ás vezes o catarrho pulmonar agudo. *Veja-se* Vol. I, pag. 308.

As dôres de peito existem emfim no incommodo chamado *constipação*, e tratão-se da maneira que fica exposta no Vol. I, pag. 416.

PEITO (FERIDAS DO). *Veja-se* Vol. II, pag. 246.

PEITO (MOLESTIA DO). Debaixo do nome de molestia do peito, designa-se vulgarmente a *tisica*

(*Veja-se esta palavra*). As outras molestias do peito vão descriptas nos artigos: CATARRHO PULMONAR, PLEURIZ, INFLAMMAÇÃO DOS PULMÕES e ESCARROS DE SANGUE.

PEITOS. *Veja-se* SEIOS.

PEIXES. Os peixes formão uma classe especial de animaes vertebrados e oviparos, que respirão o fluido gazoso analogo ao ar atmospherico que a agua tem em suspensão. A respiração destes animaes se faz por meio das *gueltras*, que consistem na reunião de um grande numero de folhas separadas e cobertas de innumeraveis vasos sanguineos, que lhes dão uma côr vermelha. A agua entra-lhes pela bocca, passa por entre as folhas da gueltra, e sahe por umas aberturas externas chamadas *ouvidos*. As *barbatanas* dos peixes, compostas de raios mais ou menos numerosos, representam os membros anteriores e posteriores dos mammiferos; servem-lhes para executarem muitos movimentos extremamente rapidos, e a *bestiga aerea*, que estes animaes encerrão, permite-lhes subir ou descer á vontade, á proporção que a dilatação ou comprimem, e consequentemente que diminuem ou augmentão seu peso especifico.

Os peixes põem ovas; é um facto bem conhecido. Todos sabem com effeito que o maior numero das femeas depoem seus ovos em certas localidades que escolhem, e que os machos vem regar estes ovos com um licôr fecundante, mui procurado em certas mesas, e que se apresenta como uma substancia branca e assaz consistente. Mas um facto que muitas pessoas ignorão é que muitos peixes, as arraias, por exemplo, se reúnem machos e femeas, em uma verdadeira copula, de tal maneira que as ovas não são abandonadas ao acaso de um encontro fortuito, e não sahem do utero da femea senão depois de certo desenvolvimento.

Em quasi todos os peixes, os tegumentos são cobertos de *escamas* mais ou menos numerosas, mais ou menos espessas. As escamas de algumas especies são até empregadas nas artes; as de muitos peixes pequenos d'agua doce, geralmente

chamados *peixes brancos*, servem, por exemplo, quando são separadas da pelle, por meio de uma longa maceração, para fornecerem a camada nacurada com que se cobrem as perolas falsas. Alguns peixes, em pequeno numero é verdade, tem a pelle inteiramente nua.

A classe dos peixes ministra ao homem muitos alimentos preciosos. Todos conhecem, mais ou menos, o peixe cuja carne é indigesta, como a enguia, a cavalla, o bacalhão, e aquelles cuja carne é digerida com facilidade, como badejete, garoupa, enxova, corocoroca, peixe-rei, linguado pequeno, bijupirá, roballo, tainha, paraty, pescadinha, bagre, cabrinha, lermelho, espada, sardinha, pargo, arraia, viola, carapicú, lula, polvo, canhanha, etc. A carne dos peixes *faccis de digerir* convém aos estomagos debeis e aos convalescentes, com preferencia a qualquer outra alimentação, salvo se um caso particular exige uma alimentação substancial. A carne dos peixes *indigestos* não póde, em geral, ser supportada senão por estomagos vigorosos a que nada incommoda, e que podem impunemente excitar as forças digestivas de seus órgãos recorrendo ao sal, á pimenta e ao vinagre. Os peixes com *molho branco* são ordinariamente mais refractarios á acção do estomago; os peixes fritos ou assados são muito menos pesados, sobretudo quando se comem quentes. As ovas destes animaes são geralmente indigestas, e sua qualidade malefica sobe de ponto na época de sua maturidade.

Nem todos os peixes são proprios para alimento do homem; ha até alguns cuja carne contém um veneno activo, e importa tanto mais que fixemos sobre elles a attenção de nossos leitores, por isso que estas especies venenosas não se encontrão nos climas temperados, mas sim nos mares intertropicaes. Está bem provado, no Brasil, por exemplo, que o peixe *cachorro*, o *charéo*, e certos *caranguejos do mangue*, são nocivos em certas occasiões. Entre os peixes que a pesca subministra para a subsistencia do homem

nos paizes intertropicaes, os que occupão a primeira ordem por seu tamanho, seu numero e pelo sabor de sua carne, mudão ás vezes suas propriedades alimentarias em qualidades evidentemente venenosas, em consequencia de uma alteração morbosa, accidental, mais ou menos profunda, que sua textura tem experimentado. Ha mais de dous seculos que se faz menção das particularidades toxiferas de alguns destes animaes; eis-aqui os nomes de alguns destes peixes:

1.º O peixe ouriço (*diodon orbicularis*). Seu corpo é redondo, oval, e todo ericado de espinhos fortes e agudos. Chega a nove ou dez pollegadas de comprimento. Quando incha, forma um globo.

2.º O peixe roda ordinario, ou peixe rolim (*diodon mola*, Bloch). É um grande peixe que chega a pesar trezentas libras; é largo atrás: sua fórmula, que o faz parecer-se com a cabeça cortada de outro peixe, sua pelle prateada, seus olhos grandes e brilhantes, o tornão mui notavel.

3.º *Tetraodon ocellatus*, Bloch. Este peixe é espesso, redondo e tem espinhas no peito e no ventre; tem o dorso liso e de um verde escuro, a barbatana dorsal cercada de uma nodoa negra bordada de amarello. É originario da China e Japão. A sua venda é prohibida naquelles paizes. Chama-se *Kai-po-y* na China, *Furube* no Japão, *Hérisson croissant* nos autores francezes.

4.º O balista velho (*balistes vetula*).

5.º O peixe porco unicornes, ou acaramoio do Brasil (*balistes monoceros*, Linneo). Tem o corpo comprimido e escabroso, o dorso e o ventre aguçados, de côr denegrida, sem barbatanas ventraes; a barbatana dorsal tem um aguilhão comprido e dentado.

6.º *Clupea thrissa*, Bloch, *cailleu tassart* em francez. O ultimo raio alongado da barbatana dorsal é a marca caracteristica deste peixe. O tronco é delgado, o ventre forma um arco e é feito em fórmula de serra; as barbatanas são azuladas, os flancos prateados; chega só a dez ou doze pollegadas de comprimento.

7.º O congro (*murana conger*, Linneo). É uma enguia do mar, que tem o corpo cylindrico e dous pequenos barbilhos no queixo superior; a barbatana dorsal principia perto da cabeça e tem a borda negra.

O envenenamento, consequencia da ingestão da carne dos peixes toxiferos, é caracterizado pelos phenomenos seguintes: Manifestão-se dôres de estomago e de entranhas, ao principio fracas e intermitentes, depois progressivamente mais violentas, e emfim contínuas e atrozes. Sobrevém logo nauseas seguidas de vomitos repetidos, e depois vertigens, desmaios, colicas e evacuações alvinas abundantes. Declara-se uma ardencia no corpo, e mais particularmente na palma das mãos e na planta dos pés. É frequentemente seguida esta ardencia de uma erupção de largas empolas. O pulso é ordinariamente forte e frequente ao principio, mas torna-se logo mui fraco. Uma prostração completa substitue os symptomas de irritação abdominal. Em alguns casos, o doente experimenta difficuldade de ourinar. Quando a morte tem lugar, é quasi sempre no meio de violentas convulsões; se os accidentes não tem este exito fatal, o restabelecimento é lento, e muitas vezes subsistem ainda por muito tempo dôres nas diversas articulações.

O tratamento dos accidentes produzidos pela ingestão dos peixes venenosos é o mesmo que o do envenenamento pelos mariscos; acha-se indicado no Vol. III, pag. 24.

Certos peixes são dotados de propriedades electricas: taes são a *tremelga* ou *torpedo*, a *enguia electrica* ou *poraqué* e alguns outros. Digamos algumas palavras ácerca delles.

A propriedade electrica da *tremelga* é conhecida ha seculos. É ainda hoje, como antes, um objecto de terror e de espanto para o vulgo. A *tremelga* (*raia torpedo*) acha-se quasi em todos os mares; exteriormente não differe muito das outras arraias. Tem a cabeça quasi circular, a pelle branda, escura por cima

e branca por baixo, a cauda curta; as barbatanas dorsaes situadas perto da origem da cauda, a bocca pequena, e, como todas as outras especies de arraias, tem de cada lado cinco largas aberturas. O peso do seu corpo chega até vinte e oito libras. Quem toca este peixe sente subitamente um abalo nos braços, cotovellos, e até nos hombros, manifestando-se tambem uma tontura na cabeça: o abalo é violento ao principio; porém vai gradualmente diminuindo até desaparecer de todo. Por meio desta faculdade, a tremelga entorpece a presa que quer agarrar, e paralysa os esforços dos animaes que a atacão.

Redi foi o primeiro que procurou adquirir, sobre os phenomenos curiosos da tremelga, conhecimentos mais exactos do que os dos sabios que o tinham precedido. Eis-aquí o que observou em um destes peixes que acabava de ser pescado. Apenas o tocou e apertou com a mão, sentio nesta parte uma picada que se propagou até ao braço e hombro; esta picada foi seguida de um tremor desagradavel e de uma dôr aguda no cotovello, de sorte que foi quasi immediatamente obrigado a abandonar a presa. A mesma impressão se repetia a cada novo contacto; mas a dôr e o tremor diminuião gradualmente á medida que a morte do animal se approximava, morte que sobreveio decisivamente no fim de tres horas, e que occasionou a abolição das faculdades entorpecentes que se tinham manifestado emquanto lhe durou a vida.

Mas não é sómente, como se pôde crer segundo esta narração de Redi, quando a tremelga está mui enfraquecida e a ponto de expirar que não faz mais sentir commoção electrica; acontece muitas vezes que não dá signal algum de sua potencia invisivel, bem que goze de toda a plenitude de suas forças. Este factó foi observado pelo conde de Lacépède e pelo Dr. Hippolyto Cloquet. Réaumur refere tambem que tocou impunemente tremelgas que estavam ainda no mar, e que estas não lhe fizerão sentir sua virtude entorpecente senão depois de fatigadas pelos seus

toques reiterados. Finalmente, segundo este excellentè observador, a sensação produzida pela tremelga assemelha-se á dôr que se experimenta quando se tem dado fortemente com o cotovello contra algum corpo duro.

O mesmo sabio dá a relação de uma experiencia propria para offerecer uma idéa do gráo de força a que mais frequentemente chega a electricidade que podem desenvolver os órgãos do peixe de que fallamos. Pôz uma tremelga e uma adem em um vaso que continha agua do mar, e que foi coberto com um panno, afim de que a adem não pudesse fugir, mas que tivesse a facilidade de respirar livremente; ao cabo de algumas horas achou-a morta, e, por assim dizer, fulminada por seu inimigo.

Depois de Réaumur, a sciencia da electricidade recentemente creada occupou todos os espiritos; os sabios buscárão estender o seu dominio: o Dr. Bancroft suspeitou que a virtude da tremelga dependia da mesma causa que os phenomenos electricos, e Walsh demonstrou esta identidade por numerosas experiencias; emfim, o celebre Galvani chegou a descobrir uma faisca no momento do choque.

A *enguia electrica*, chamada tambem *poraquê do Pará* (*gymnotus electricus*), goza igualmente das mesmas propriedades que a tremelga. Este peixe tem o corpo alongado, a cabeça e a cauda mui obtusas, pelle preta, mucilaginosa e sem escamas perceptíveis; em uma palavra, parece-se com uma enguia de cinco a seis pés de comprimento. Habita os rios que correm nas partes orientaes da America Meridional. Depende da vontade do animal o dar commoções mais ou menos fortes; muitas vezes até é preciso tê-lo, por assim dizer, progressivamente animado. De ordinario, as primeiras commoções são fracas, e tornão-se cada vez mais vivas á proporção que o peixe vai ficando mais irritado.

Quando o poraquê tem dado muitos choques semelhantes, parece esfalfado e tem precisão de um repouso mais ou menos prolongado antes de poder

causar novas commoções. Segundo Humboldt, os homens que querem apanhar estes peixes aproveitam-se desta circumstancia. Fazem entrar cavallos nas aguas em que os poraqués habitão; estes infelizes quadrupedes recebem as primeiras descargas, e os pescadores apoderão-se depois dos aggressores, ou por meio deredes ou do arpão. Faiscas inteiramente semelhantes ás que se devem aos instrumentos electricos, acompanhão as commoções produzidas pelo poraqué.

No Nilo e nos outros grandes rios da Africa, achão-se tambem peixes dotados das mesmas propriedades, taes são *omalapterurus electricus* de Lacépède e o *bagre electrico* (*silurus electricus*, Linneo); os Arabes os chamão *raasch*, isto é, raio, por causa das commoções que fazem sentir.

PELLE. A pelle é uma especie de membrana densa, resistente e espessa, que cobre o corpo inteiro e se continúa com as membranas mucosas pelas diversas aberturas naturaes. É formada de tres camadas distinctas: epiderme, corpo mucoso e derme. No corpo mucoso é que se acha o *pigmento*, substancia colorante da pelle, pouco evidente no homem branco, preta no negro, vermelha na raça americana, etc.

As affecções da pelle são mui numerosas. O que se designa mais particularmente debaixo do nome vulgar de *molestia da pelle* acha-se descripto no artigo EMPIGEM, Vol. II, pag. 95. Para as outras molestias da pelle, veção-se os artigos MORPHÉA, SYPHILIS, LEPRO, TINHA, MENTAGRE (no artigo BARBA, Vol. I, pag. 188), COBREIRO, SARNA, ERYSIPELA, SARDAS, ESCORBUTO, OZAGRE, SARAMOS, ESCARLATINA, MILIARIA, etc. Vamos só dizer aqui algumas palavras das *manchas da pelle*.

MANCHAS OU NODOAS DA PELLE. Varias manchas podem existir na pelle. Cada uma das molestias da pelle que acabo de indicar principia por manchas de caracter differente, e cuja descripção se acha nos artigos que tratão destas molestias.

Existem ás vezes certos *descoramentos* ou *perdas da côr da pelle* em varios lugares do corpo. Esta affecção observa-se frequentemente no Rio de Janeiro nos pretos, raras vezes nos brancos; consiste em nodoas mais ou menos extensas e muito mais desmaiadas do que as partes vizinhas, e depende da modificação do *pigmento* da pelle. Esta alteração da côr da pelle declara-se sem causa conhecida: parece que depende da influencia do clima; póde desaparecer por si, e não ha medicamentos internos nem externos que possam ter influencia sobre a sua cura. Suppõe-se que a mudança do clima póde ser favoravel. Mas estas manchas não alterão a saude geral, só são desagradaveis á vista.

Nodoas hepaticas. Estas nodoas se distinguem pela coloração fusca, amarellada, donde lhe vem o nome de nodoas hepaticas. Nesta variedade apparecem na superficie da pelle, e particularmente no peito e pescoço, nodoas de fôrma e extensão diversas, mais ou menos numerosas, approximadas umas das outras, mas ordinariamente separadas em muitos pontos por intervallos em que a pelle conserva sua côr natural. As nodoas hepaticas não são sensivelmente salientes na superficie da pelle, são só um pouco rugosas pelo effeito da seccura da pelle que não transpira neste lugar, e em consequencia da descamação da epiderme que se faz na superficie destas nodoas. Estas nodoas são ás vezes passageiras; ha mulheres que só são dellas affectadas nas épocas proximas da menstruação.

As nodoas hepaticas constituem uma affecção de pouca importancia. Desapparecem com bebidas refrigerantes, taes como limonada de limão, de laranja, de tamarindos, regimen composto principalmente de vegetaes e banhos sulfureos. Estes banhos se preparão com 2 onças de sulfureto de potassa e quantidade sufficiente d'agua morna para um banho geral. Os lavatorios com o *leite virginal* são uteis. Eis-aquí a receita desta preparação pharmaceutica:

Água de rosas	20 onças
Tintura de benjoim	1 onça.

Misture.

Mas, apesar de todos os remedios, as nodoas hepaticas tornão a apparecer em algumas pessoas com muita facilidade, sobretudo com a volta dos calores.

As differentes manchas da pelle são muitas vezes confundidas debaixo do nome vulgar de *pannos*.

PELLE DE LIXA. Assim se chamão *vulgarmente* hexigas mui graves que consistem na erupção de botões tão numerosos, que em muitos lugares se confundem uns com outros. *Vêja-se* BEXIGAS, Vol. I, pag. 203.

PEPINO. (*Cucumis sativus*, Linneo.) Planta cultivada nas hortas do Brasil; dá um fructo de fôrma longa, um pouco curvado em arco, de côr branca, verde ou amarella, conforme as variedades e ás vezes o grão de maturidade. Este fructo é mui aquoso e de uma digestão bastante difficil, e por isso costumão tempera-lo com sal, pimenta, vinagre e azeite. Cozido com carne, constitue um alimento salubre.

Nas boticas prepara-se com pepinos e banha de porco uma pomada que se emprega no curativo das feridas; goza de propriedades emollientes.

O pepino pequeno verde (*cornichon* em francez), do tamanho de um dedo, é uma variedade do precedente; emprega-se como tempero. Conserva-se no vinagre. Devemos dizer aqui que o emprego dos vasos de cobre para fazer estas conservas não é sem perigo. Alguns fabricantes preparão-nas em vasos de barro; mas para avivar a côr do pepino, deitão no vinagre uma moeda de cobre. O perigo é o mesmo, porque n'um e n'outro caso ha reacção do vinagre sobre o cobre e formação de verdete; este se precipita sobre o fructo e lhe dá a côr artificial que, por ignorancia, alguns consumidores procurão de preferencia. Os vasos de barro esmaltados com lithargirio (oxydo de chumbo) podem tambem offerecer

algum perigo, porque o vinagre se combina facilmente com o chumbo.

Quando os pepinos são preparados frios e conservados ao abrigo da luz, não perdem sua cor natural.

É preciso evitar que as crianças fação abuso deste tempero; poderia resultar disso uma indigestão grave.

PERDA DE FALLA. *Veja-se* Voz.

PERDA DE SANGUE. *Veja-se* HEMORRHAGIA, Vol. II, pag. 352.

PERDA DE SANGUE, depois da applicação de bichas. *Veja-se* Vol. II, pag. 363.

PERDA DE SANGUE depois da extracção de dente. *Veja-se* Vol. II, pag. 24.

PERDA DE SANGUE pelo nariz. *Veja-se* Vol. II, pag. 354.

PERDA DE SANGUE pelo utero. *Veja-se* Vol. II, pag. 356.

PERDA DE SANGUE em consequencia de alguma ferida. *Veja-se* HEMORRHAGIAS TRAUMATICAS, Vol. II, pag. 361.

PEREIRA (pa'ó). (*Vallezia*, Ruiz e Pavão.) A casca de páo pereira, chamada tambem *canudo amargoso*, *páo pente*, e *pinguaciba* pelos Indios, usa-se no Brasil contra as febres intermitentes. Esta casca é amarella, de sabor mui amargo. Nos hospitaes do Rio de Janeiro esta casca é administrada frequentemente, não só com proveito dos enfermos, mas ainda com grande economia destes estabelecimentos. Nós mesmos temos empregado o páo pereira com vantagem em febres que haviam resistido ao sulfato de quinina. Administra-se em decocção que se prepara com meia onça de casca e meio quartilho d'agua. Esta dóse é para um dia e se toma por chicaras, durante o intervallo da febre.

PERFUME. *Veja-se* CHEIROS, Vol. I, pag. 338.

PERIPAROBA, no Rio de Janeiro, CAAPEBA, em Minas. (*Piper umbellatum*, Linneo.) Planta do Brasil, de 4 a 5 pés de altura; folhas grandes, quasi redondas

de mais de um pé de diametro. Raiz de differente grossura, desde a de uma penna de escrever até uma pollegada de diametro e mais; cheiro mui aromatico quando é fresca, sabor quente. Com a raiz de periparoba faz-se um chá que é estomachico e sudorifico; prepara-se este chá deixando de infusão uma oitava de raiz de periparoba n'uma chicara d'agua fervendo.

PERNA. A perna é a porção do membro inferior comprehendida entre o joelho e o pé. Dous ossos entrão na sua composição: a tibia e o peroneo. A tibia, mais forte, mais volumosa, está situada por dentro; o peroneo, osso mui delgado, está por fóra. Embaixo, a perna apresenta duas proeminencias: uma para dentro, formada pela extremidade inferior da tibia, chama-se *malleolo interno*; outra para fóra, formada pela extremidade do peroneo, chama-se *malleolo externo*. Estas proeminencias osseas são designadas vulgarmente pelo nome de *tornozelo*.

As molestias da perna são bastante numerosas; mas a maior parte dellas são communs ás outras partes do corpo e não exigem uma descripção neste lugar: são postemas, feridas, chagas, ery-ipelas, varizes, etc. etc., cuja historia se acha indicada em artigos especiaes. Notaremos sómente que as feridas, para serem promptamente curadas, exigem o repouso mais absoluto. As deslocações da perna sobre a coxa vão descriptas no artigo JOELHO; resta só fallar aqui das fracturas.

FRACTURAS DA PERNA. As fracturas da perna differem notavelmente segundo occupão ambos os ossos, ou um só.

FRACTURA DE AMBOS OS OSSOS DA PERNA, isto é da tibia e do peroneo. A fractura simultanea de ambos os ossos da perna é muito mais frequente que sua fractura isolada. Póde occupar todos os pontos do comprimento do membro; mas sua séde mais ordinaria é o ponto de reunião do terço inferior da perna. Ás vezes quebrão-se os ossos na mesma altura; frequentemente em alturas differentes.

Causas. As causas da fractura de ambos os ossos da perna são: a passagem de uma roda de sege sobre a perna, a queda de um corpo pesado sobre o mesmo membro, a queda da pessoa de um lugar alto sobre a planta do pé, etc.

Symptomas. A mudança de direcção no eixo da perna basta ás vezes para se distinguir a fractura dos dous ossos. Mas pôde-se facilmente obter uma prova mais completa fazendo movimentos em sentido inverso com a parte superior e inferior do membro; sente-se então o ruído particular, chamado crepitação, e uma mobilidade que só acompanha as fracturas completas da perna.

Tratamento. Para reduzir a fractura é preciso deitar o doente n'uma cama solida; então uma pessoa passa-lhe ambas as mãos em roda da coxa para levanta-la e pô-la n'uma situação quasi vertical, entretanto que outra pessoa, segurando o pé com uma mão e o calcanhar com a outra, põe a perna na direitura natural, virando o pé um pouco para dentro e fazendo tracções graduadas na direcção da perna. Feito isto, é preciso collocar debaixo da perna um numero sufficiente de travesseiros, para que a perna conserve a posição horizontal e a coxa fique encolhida. O cirurgião applica então um aparelho conveniente.

A consolidação exige 40 a 50 dias de repouso.

FRACTURA DA TIBIA. Bem que mais forte do que o peroneo, a tibia entretanto é mais frequentemente fracturada do que este ultimo osso; isto depende de sua posição superficial e de suas funcções que a expõem a ser mais comprimida entre o chão e o peso do corpo. A tibia é ordinariamente fracturada por violencias directas; ás vezes por uma queda de um lugar elevado sobre a planta dos pés. Nas fracturas isoladas da tibia, o peroneo serve de tala, e a deslocação é pouco consideravel; só ás vezes existe uma ligeira proeminencia para diante. Emquanto ao tempo necessario para a consolidação e ao tratamento, tudo é o mesmo que no caso precedente.

FRATURA DO PERONEO. Além das causas directas, taes como uma pancada violenta sobre a parte externa da perna, a passagem de um corpo pesado, a fractura do peroneo acontece sobretudo quando o pé fica fortemente virado para fóra ou para dentro.

Symptomas. Os symptomas que acompanhão a fractura do peroneo na sua porção superior são mui obscuros, porque, sendo esta parte do osso coberta por musculos mui espessos, é difficil sentir a crepitação; e depois, servindo a tibia de tala ao osso quebrado, ha pouca deslocação e nenhuma deformação. A dôr, a inchação e a difficuldade de andar são os unicos symptomas que se notão, e estes signaes, juntos ao conhecimento da força presumida da pancada, estabelecem antes uma probabilidade do que uma certeza. E por isso muitas destas fracturas são desconhecidas; mas ainda então, e entregues a si, serão muito bem, porque a dôr não permite andar aos doentes senão quando a consolidação está bastante adiantada.

Não acontece o mesmo com as fracturas da porção inferior do peroneo; aqui os symptomos são mais evidentes e mais graves. Póde-se embaixo, por meio de manobras apropriadas, verificar a mobilidade e a crepitação dos fragmentos, e existe uma pequena deviação do pé para fóra. O doente sente uma forte dôr e anda com muita difficuldade.

Antes da chegada do cirurgião, é preciso que o doente se deite com a perna encolhida e encostada na cama sobre o lado externo. O aparelho que se applica é mui simples, e 30 a 40 dias são sufficientes para se obter uma cura solida e isenta de accidentes e de disformidade.

PERNAS TORTAS. *Veja-se* RACHITISMO.

PERONEO. Um dos dous ossos que entrão na composição da perna. É comprido, delgado e situado na parte externa e um pouco posterior da perna. Para as *fracturas* do peroneo *veja-se* PERNA.

PERPETUA. (*Gomphrena globosa*, Linceo.) Planta que se acha no Brasil. Tem caule de 2 pés de alto,

folhas ovaes, agudas, flôr composta de escamas seccas, de côr vermelha purpurea ou branca rosea. O chá de flôr de perpetua emprega-se como emolliente e expectorante nos defluxos; prepara-se infundindo 1 oitava ou um pugillo de flôr de perpetua n'uma chicara d'agua fervendo.

PERSEVEJO DA CAMA. É um insecto de côr rôxa, arredondado e chato, sem azas, de cheiro extremamente desagradavel. Sua mordedura é bastante dolorosa; é acompanhada de comichão mui viva, de rubefacção, e ás vezes de largas empolas. As partes em que a pelle é mais fina, taes como o pescoço, o rosto, etc., são particularmente atacadas por estes animaes incommodos, que não sahem de seus retiros senão de noite; logo que o dia apparece, escondem-se nas rachas do leito, debaixo do papel das paredes do quarto, nas dobras das cortinas da cama, etc. O inverno faz perecer um grande numero delles nos paizes frios; mas os ovos se conservão, e, desenvolvendo-se com a volta dos calores, perpetuão esta detestavel raça. As camas de ferro nem sempre constituem um preservativo sufficiente. Um autor francez refere a historia de um quartel cujos quartos erão infectados por persevejos; não se podia saber onde se refugiavão estes insectos, porque as camas erão de ferro, mas de ferro vasado. Lembrárão-se os soldados de quebrar um dos tubos que servião para a construcção destas camas, e achárão-no cheio de persevejos; aquentárão fortemente todas as partes que compunhão as camas, e os quartos forão desembaraçados destes hospedes incommodos.

Os meios que são empregados com maior proveito para matar os persevejos são: lavatorios com a mistura d'agua raz e aguardente de canna, ou com aguardente alcanforada; aconselha-se tambem agua fervendo tendo em dissolução sabão ordinário, e melhor ainda sabão preto; mas a aguardente fortemente alcanforada é preferivel quando se quer poupar as madeiras e os estofos de um quarto.

O meio palliativo consiste em pôr na cabeceira da

cama um cesto de vimes enlaçados em que os persevejos se escondão; sacode-se o cesto de manhã e de tarde.

PESADELO. O pesadelo não comprehende os sonhos penosos de toda a especie; designa-se mais particularmente por esta palavra um estado em que a pessoa adormecida, julgando-se na imminencia de um grande perigo, se sente privada do uso de seus movimentos e de sua voz, quer para fugir ou repellir o ataque, quer para chamar soccorro. Estas sensações illusorias são mui variadas: taes são uma quêda em um abysmo, a vizinhança de um incendio, o ameaço de assassinio, etc. Às vezes o homem julga ver no seu sonho um monstro, um peso opprimindo-lhe o peito e tolhendo-lhe a respiração. Logo que se pôde fazer algum movimento, o sonho desaparece, e ás vezes, ao despertar-se, existem palpitações e uma fadiga geral.

As crianças, as mulheres e os velhos são mais sujeitos ao pesadelo do que os adultos e os homens. Uma grande sensibilidade predispõe para este incommodo. As historias com que se amedrontão as crianças, os terrores religiosos, os pezares profundos e os excessos na comida são causas frequentes do pesadelo. Muitas vezes é elle produzido pela plenitude do estomago, e, quando se repete frequentemente, pôde depender da asthma ou de alguma molestia do coração.

Os meios para fazer cessar esta affecção dimanão naturalmente do conhecimento das causas. Banir os medos, dissipar os terrores, procurar distrahir-se, usar de banhos, de passeios, observar sobriedade, diminuir ou supprimir totalmente a comida da noite, deitar-se sobre o lado direito e com a cabeça elevada, manter a liberdade do ventre por clysteres ou alguns brandos purgantes, taes são os meios mais convenientes. Se o pesadelo depende de alguma molestia, é preciso recorrer ao medico. Todas as vezes que se puder, é preciso despertar a pessoa quando a perturbação da respiração, a anxiedade do rosto, o suor

do corpo, annunciarem que o pesadelo se declara ou existe.

PESCOÇO. Porção do corpo comprehendida entre a cabeça e o peito.

MOLESTIAS DO PESCOÇO. *Feridas.* A presença de numerosos nervos e vasos sanguíneos torna estas feridas mui graves. (*Veja-se FERIDAS DO PESCOÇO*, Vol. II, pag. 247.) A complicação mais perigosa é a hemorragia. A primeira cousa que se deve fazer neste caso grave, antes da chegada do cirurgião, é vedar momentaneamente o sangue applicando o dedo pollegar na ferida mesma, ou melhor ainda debaixo della.

PAPEIRA. *Veja-se* Vol. III, pag. 170.

TORCICOLLO. *Veja-se* esta palavra.

Um dos symptomas mais frequentes das escrophulas é o engurgitamento permanente das glandulas do pescoço; estas glandulas ficão molles com o tempo e se abrem. (*Veja-se ESCROPHULAS*, Vol. II, pag. 166.

Não se devem confundir as escrophulas com as pequenas inchações das glandulas situadas debaixo do queixo, e que são conhecidas pelo nome de *cachumbas*. (*Veja-se* Vol. I, pag. 249.)

PESSARIO. Instrumento que se introduz na vagina para manter o utero na sua situação natural, nos casos de prolapso ou de relaxação deste órgão. Os pessarios são ordinariamente feitos de um tecido de linho, seda ou lã, coberto de muitas camadas de oleo seccante; fazem-se tambem de marfim amollecido pelos acidos, de esponja e borracha. Sua fórma é mui variada: existem pessarios circulares e deprimidos, furados no centro por uma abertura para deixar passar o sangue da menstruação; outros são ovaes, esphericos, cylindricos ou feitos segundo a fórma da vagina.

Muitas mulheres não podem soffrer a presença do pessario no interior da vagina; entretanto este instrumento é mui vantajoso no prolapso do utero. Só é preciso escolher bem a fórma que melhor

convém, e as mulheres que são submettidas ao uso do pessario devem ter grandes cuidados de asseio, fazer frequentes seringatorios com agua morna na cavidade vaginal, e de quinze em quinze dias tirar o pessario para limpá-lo ou mudá-lo se estiver estragado.

PESTANAS. São pequenos cabellos compridos e rijos que se achão na margem das palpebras. Tem por serventia impedir a entrada no olho de insectos e argueiros que voão no ar, e de diminuir a intensidade de uma luz mui viva.

As pestanas podem ser viradas para dentro e irritar os olhos; esta molestia chama-se *entropio*. (Veja-se o artigo PALPEBRA, V. III, pag 165.)

As pestanas podem cabir por causa de pequenas feridas que se desenvolvem na margem das palpebras. Tratámos disto no artigo PALPEBRA, Vol. III, pag....

PESTE. Dava-se outr'ora o nome de peste a todas as molestias epidemicas que fazião grandes estragos; mas hoje applica-se este nome exclusivamente a uma febre grave do Egypto e de outras partes do Oriente, caracterisada, entre outros symptomas, por bubões, gangrenas, e mui frequentemente dotada de contagio. Não existe molestia que tenha derramado pelo globo tantos desastres e espanto como a peste do Oriente. Muitas vezes tem assolado todo o antigo mundo; no sexto, nono e decimo-quarto seculo, a peste devastou todos os paizes conhecidos, cobrio o globo de funeraes; nunca a especie humana experimentou tão grande calamidade; e estão ainda vivas em França, decorrido mais de um seculo, as tristes lembranças de sua ultima apparição em Marselha. Mas esta terrivel molestia existe sempre, e das regiões do Levante que afflige parcialmente todos os annos não cessa de ameaçar o mundo inteiro.

Symptomas. A invasão da peste é ás vezes subita, outras vezes é precedida de alguns symptomas precursores, taes como nauseas, vertigens, dôres nas pernas. Caracterisa-se logo pelos symptomas seguin-

tes: dôr no ventre, vomitos biliosos, verdes, negros, e ás vezes sanguinolentos, diarrhéa da mesma natureza e mui fetida, perda de appetite, sêde excessiva, lingua secca, *suores e halito fetidos*, pulso frequente, urinoas ás vezes sanguinolentas, agitação extrema, delirio, convulsões, escurecimento da vista; enfim, nodoas negras ou vermelhas por todo o corpo, bubões nas virilhas, nos sovacos, no pescoço ou no rosto, que passam frequentemente ao estado de gangrena. Não se observão sempre todos estes symptomas reunidos no mesmo doente; conforme as estações, os temperamentos e as idades, a peste apresenta variedades prodigiosas, mas o seu fundo é commum.

O *prognostico* da peste é mui grave. Commummente seus progressos são rapidos; o maior perigo é desde o primeiro até ao terceiro e quinto dia; chegada ao setimo, as probabilidades da cura augmentão.

Causa da peste. A antiguidade não nos deixou descripção alguma que prove que a peste do Oriente houvesse existido antes do meiado do sexto seculo; a epidemia de que se falla debaixo do nome vago de *peste* em cem lugares diversos dos escriptos profanos e sagrados, é de uma natureza differente. A peste tem tomado e conservado os caracteres de uma molestia contagiosa; mas o elemento transmissivel desaparece com o tempo, e a peste se extinguiria para sempre se não existisse um lugar onde seu principio se renovasse: este lugar é hoje, como d'antes, o Egypto, e não ha outro algum paiz. O apparecimento da peste do Oriente no mundo coincidio com a cessação dos embalsamentos no Egypto; foi occasionada, como é aiada, por uma incrível negligencia das sepulturas; nenhuma outra mudança das condições phisicas do paiz e da hygiene geral dos habitantes pôde explicar a geração da peste. A putrefacção animal, e particularmente a dos cadaveres humanos, pôde produzir em todos os paizes epidemias que tem analogia com a peste; se esta causa é impotente para produzir a verdadeira peste,

isto é, a do Egypto, procede isso de ser o Egypto differente de todos os paizes conhecidos. Lá ómente pôde-se ver um longo e largo valle inundado todos os annos pelo rio Nilo, penetrado de todos os raios abrasadores do sol, cheio de materias animaes que apodrecem em covas sepulchraes mal fechadas ou ao ar livre. Tal é a opinião dos medicos enviados em 1828 pelo governo francez ao Egypto para observarem a peste. Estes sabios pensão que as causas desta molestiasão determinadas e destructivéis. Seria preciso apoderar-se das materias putrefactas, e, por um systema bem organizado de sepulturas, impedir que os mortos elaborem para os vivos um veneno dos mais subteis.

O *tratamento* da peste é extremamente variado; não pôde ser dirigido senão por um facultativo: é inutil, por consequinte, indica-lo em uma obra desta natureza. Além disto, sendo nenhuma as communições do Brasil com o Levante, podemos esperar que a Providencia continuará a preservar-nos desta calamidade, e que nunca seremos obrigados a recorrer aos meios aconselhados para combatê-la. Digamos, finalmente, para explicar a breve descripção que damos sobre a peste, que na composição deste curto artigo temos tido antes por fim satisfazer a curiosidade scientifica do que os interesses mais caros da saúde, aos quaes se dirige especialmente este dictionario. Quanto aos meios preservativos da peste, o leitor pôde ver o que fica dito no artigo CONTAGIO.

PEZ NEGRO. *Veja-se* ALCATRÃO.

PHARYNGE. Sacco musculo-membranoso que constitue a porção inferior da garganta e se continúa com o esophago, canal que leva os alimentos ao estomago. *Corpos estranhos*, taes como espinhas de peixe, ossos pequenos, alfinetes, podem parar no pharynge; o que se deve fazer neste caso acha-se indicado no Vol. I, pag. 460.

PHIMOSIS. Molestia do membro viril, em que a glande se acha coberta pelo prepucio sem se poder descobrir facilmente. O phimosis pôde ser de nas-

cença, e então não constitue molestia; mas tambem pôde ser occasionado por blennorrhagia e por cavallos; é então acompanhado de dôres mui fortes. Os accidentes que este estado produz e o seu tratamento são indicados no artigo SYPHILIS.

PHLEGMÃO. Assim se chama a inflammação do tecido cellular. O phlegmão pôde-se desenvolver em todas as partes que contém uma certa quantidade deste tecido; pôde-se declarar no interior do nosso corpo; mas ordinariamente é um *tumor* que se manifesta debaixo da pelle.

As *causas* mais communs do phlegmão são pancadas, quedas, picadas, corpos estranhos introduzidos no interior dos órgãos, etc.

O phlegmão principia por dôres mais ou menos vivas que augmentão pelo movimento e pela compressão. Logo se levanta um tumor redondo, circumscripto, duro, vermelho. O doente sente ao principio dôres latejantes, e depois uma especie de peso; forma-se a suppuração, o tumor fica fluctuante, e constitue o que se chama *abscesso* ou *postema*; a pelle torna-se mui pallida, apresenta um ponto esbranquiçado, que se abre e deixa sahir uma quantidade mais ou menos consideravel de pus.

O *tratamento* se compõe de cataplasmas de farinha de linhaça, que devem ser continuamente applicadas sobre o tumor. Quando a suppuração está formada, é preciso abrir a postema com um histori.

PHOSPHORO. Corpo simples, extrahido dos ossos dos animaes. É solido, ordinariamente debaixo da fórma de pedaços cylindricos da grossura de uma penna de escrever, meio transparente, flexivel, branco amarellado; derrama no ar vapores esbranquiçados de um cheiro d'alho. É luminoso na escuridão, se está em contacto com o ar. Sendo aquecido, arde mui facilmente com uma chamma mui viva. Simplesmente esfregado, pôde pegar fogo, e por isso o phosphoro é mui perigoso para manejar, e não se deve pegar nelle senão com os dedos molhados, ou melhor ainda com uma pinça. Queima e desorganisa as

partes com que é posto em contacto ; mas, sendo dissolvido em ether ou azeite doce, foi aconselhado internamente em dóse mui pequena na impotencia viril ; mas hoje é pouco empregado , por causa do perigo que faz correr aos doentes.

Chamão-se ainda vulgarmente *phosphoros* uns páozinhos para accender fogo. Eis-aqui como se fazem. Cobrem-se as pontas dos páozinhos com enxofre, e depois com uma massa feita de chlorato de potassa , resina e phosphoro em pó. Quando a massa está secca, cobre-se com um verniz gommoso, para preservar o phosphoro da acção do ar. Esta operação deve ser feita em presença d'agua , é extremamente perigosa ; entretanto uma caixinha de *phosphoros* se vende apenas por 20 reis , no Rio de Janeiro.

Tendo tomado uma grande extensão o uso de *phosphoros* para accender fogo , tem-se notado um certo numero de accidentes que resultão ou de sua fabricação ou do seu emprego ; devemos por conseguinte fallar delles.

Na fabricação dos phosphoros, o maior perigo resulta da explosão da mistura do phosphoro com o chlorato de potassa, quer esta mistura se faça estando o phosphoro derretido, quer seja estendido sobre uma taboa de marmore para molhar os páozinhos. A primeira operação se fazia outr'ora n'um balão de vidro. Depois de misturar o phosphoro com chlorato de potassa e agua, o balão era posto no fogo ou em areia quente para derreter a massa: muitas vezes acontecia então que o balão fazia explosão, e o phosphoro inflammado era lançado sobre o fabricante ; produzia desta maneira queimaduras e incendios. Hoje, para evitar estes inconvenientes, derrete-se o phosphoro com agua gommosa n'um balão de cobre, e ajunta-se depois o chlorato de potassa em massa quando o phosphoro ainda liquido está resfriado.

Taboas de marmore sobre que estava estendida a massa phosphorica que acabamos de indicar para

molhar as pontas dos paozinhos forão frequentemente quebradas pela explosão desta massa ; bastava para isto que uma pouca de massa secca fosse esfregada com força, para que toda a materia se inflammasse : o marmore então estalava, e os pedaços lançados com força ferião os obreiros. Para impedir estes accidentes, molhão-se os paozinhos em pequenas tigelinhas de cobre , pouco profundas , e que se lavão logo depois.

Depois de molhados os paozinhos , são levados á estufa para seccarem. Existe tambem nesta operação risco de incendio, quer por causa dos paozinhos que podem cahir no chão , quer pela fornalha empregada para aquecer a estufa. E por isso exige-se que o pavimento esteja coberto de areia para impedir que os paozinhos se inflammem , que o fogo que aquece a estufa esteja convenientemente isolado, que as estufas sejam de ferro coado , para evitar tanto quanto fôr possível o risco de incendio.

Os phosphoros, depois de sua fabricação, apresentam ainda numerosos riscos de incendio. Aquelles que são postos em caixas de papelão occasionão o maior numero de accidentes. Quando são postos em caixinhas de páo bem fechadas , expõem a menor perigo , porque , se pelo choque os phosphoros se inflammão , a massa arde , mas os paozinhos não pegão fogo, por estarem privados de ar que entretenha a combustão. Quando se levão phosphoros em viagem, é melhor tê-los n'uma caixinha metallica.

Os phosphoros apresentam tambem certos perigos para as pessoas que se servem delles ; ás vezes inflammão-se com força, e a materia inflammada póde cahir sobre as mãos , vestidos, rosto ; queimaduras graves podem ser ás vezes o resultado destas projecções do phosphoro inflammado. Citão-se até exemplos de pessoas em quem o phosphoro ha sido lançado sobre o olho, resultando d'ahi a perda deste orgão. O phosphoro, quando arde, adere á pelle, e por isso as suas queimaduras são ordinariamente profundas. Se a queimadura acontece sobre as mãos, rosto ou alguma

outra parte da pelle, o melhor remedio consiste em applicar algodão. Se o phosphoro cahio no olho, é preciso immediatamente lavar o olho com agua fria e applicar depois um panno molhado n'agua fria. Para evitar estes inconvenientes, é preciso servir-se de phosphoros que contenhão mui pequena porção de massa e que se inflammem sem detonação; os phosphoros que não fazem ruido inflammando-se não produzem estas projecções. Póde-se obter facilmente este resultado diminuindo a proporção do chlorato de potassa que entra na composição da massa. Existem tambem mechas que se inflammão por fricção e que não contém phosphoro, causa dos accidentes que acabamos de indicar; estas mechas são preparadas com o sulfureto de antimonio e chlorato de potassa.

O phosphoro não occasiona sómente incendios e queimaduras na fabricação das mechas; determina tambem, por sua acção chimica, molestias que só ha pouco tempo fixarão a attenção dos medicos. São sobretudo os obreiros que experimentão os effeitos da acção deleteria dos vapores phosphoricos. Estes vapores resultão da combustão lenta do phosphoro no ar livre, e parece que são formados pelo acido hyposphorico. Este acido, introduzido nas vias respiratorias, tem occasionado bronchites chronicas, palpitações, molestias dos pulmões. Os vapores do phosphoro misturados com a saliva pela passagem do ar na bocca durante a respiração são introduzidos no estomago pela deglutição constante e involuntaria da saliva; são depois absorvidos e levados á circulação geral, onde modificão a nutrição. Attribute-se a esta causa a tez doentia dos obreiros expostos a estes vapores. O acido hyposphorico occasiona tambem a carie dos dentes e o amollecimento das gengivas.

A ventilação das fabricas é um dos melhores meios que se devem empregar para prevenir estes accidentes. É tambem importante não empregar sempre os mesmos obreiros para as operações mais insalubres da fabricação dos phosphoros.

PHRENESI. *Veja-se* FEBRE CEREBRAL.

PHTISICA. *Veja-se* TISICA.

PIAÇO Algumas pessoas assim chamão, do verbo *piar*, o ruído que se ouve no peito ou no larynge das pessoas affectadas de catarrho pulmonar ou de defluxo. Depende da passagem do ar através das mucosidades que se achão nos canaes respiratorios. Desapparece este ruído depois da expectoração destas mucosidades.

PICADA. O perigo desta sorte de ferida está na razão da natureza e da grossura do instrumento vulnerante, das partes que tem offendido e da profundidade em que tem penetrado. Os instrumentos que produzem picadas são mui numerosos, taes são os alfinetes, as agulhas, os espinhos, as lascas, os ferrões de certos insectos, os dentes de certos animaes, os pregos, os estyletes, as frechas, as baionetas, os buris, as sovelas, etc.

As picadas são acompanhadas ás vezes de accidentes mui graves. Dependem elles de penetrar o instrumento profundamente e chegar ao meio dos tecidos envolvidos de fortes membranas, chamadas *aponevroses*, as quaes, oppondo-se á inchação das partes, determinão as mais vivas dôres. Assim, as picadas são perigosas quando atacão as partes cuja estructura é qual acaba de ser indicada, como, por exemplo, os tegumentos do craneo, os dedos, a palma das mãos, a planta dos pés. Nestes casos, a inflammção se termina frequentemente por abscessos profundos. Mas, sempre que a picada não tem penetrado em partes aponevroticas, não se deve recear muito o accidente de que fallamos, e as feridas curão-se em geral mui facilmente e sem dôr. Aténão é raro que se obtenha uma cura rapida e isenta de accidentes em consequencia de certos golpes de espada, que tenham atravessado todas as partes de um membro volumoso, como a coxa, por exemplo.

O *tratamento* das picadas é o seguinte: Quando são pouco profundas, alguns lavatorios com agua fria e applicação sobre a ferida de um pedaço

de encerado inglez ou de emplasto adhesivo bastão para operar a cura rapida. Mas quando as picadas são seguidas de dôr forte e de inflammação, o que acontece sobretudo nas partes cingidas de aponevroses, é preciso recorrer ao ministerio de um cirurgião, o qual é obrigado ás vezes a dividir por incisões convenientes as partes que se oppoem á inchação dos tecidos feridos; cobre-se depois a parte com cataplasmas de linhaça, e o doente, uma ou duas vezes por dia, e por espaço de um quarto de hora, banhará a parte affectada com agua morna.

Quando a picada é feita por uma abelha ou vespa, o ferrão fica quasi sempre na parte, e a primeira indicação consiste em extrahi-lo; feito isto, comprime-se a ferida e applicão-se pannos embebidos em agua fria; e se este meio não fôr sufficiente para prevenir a inflammação, é preciso substitui-lo, como em todos os outros casos, por cataplasmas de farinha de linhaça ou de miolo de pão, por banhos mornos, por fomentações com balsamo tranquillo. É rarissimo que uma só picada dê lugar á febre; mas, quando são multiplicadas, ella se declara: neste caso, é preciso recorrer á dieta absoluta e ás limonadas refrigerantes, taes como limonadas de tamarindos, de limão ou de laranja.

O que temos dito da abelha applica-se igualmente ás picadas do zangão, do besouro, da tarantula, da aranha, do mosquito, do borraxudo, do maribondo, da formiga ruiva, da centopéa, do escorpião, da lacraia; estas picadas reclamão um tratamento pouco mais ou menos semelhante. O veneno da lacraia e do maribondo é um pouco mais intenso do que o dos outros insectos; a prudencia exige neste caso que se cauterise a picada com uma gotta de alcali volatil; se este caustico não se achar de prompto, será preciso limitar-se a comprimir a parte em todos os sentidos para fazer sahir o sangue e a lava-la com agua fria.

PICÃO DA PRAIA. (*Acanthospermum*, Schrank.)
Planta rasteira do Brasil. Dá nos lugares areno-

sos. Caule herbaceo, folhas miudas, ovaes, um pouco dentadas, aromaticas e amargas; flôr amarellada; sementes pequenas, oblongas, de fôrma elliptica, de tres a quatro linhas de comprimento, cobertas de pellos curvados. O chá do picão da praia emprega-se como tonico e antifebril; prepara-se com uma oitava ou um pugillo desta planta e uma chicara d'agua fervendo: esta dôse é para um dia.

PILULA. Preparação pharmaceutica formada de pós misturados com algum xarope, mel, gomma, etc., á qual se dá a fôrma globular e o peso de 1 a 6 grãos. Além de 6 grãos, estes medicamentos tomão o nome de *bolo*.

Em geral, os medicamentos que se dão debaixo da fôrma pilular são compostos de substancias activas e tem um gosto desagradavel; desta maneira o medico deseja tornar sua administração mais facil. As pilulas são mui numerosas, é impossivel apresentar suas receitas nesta obra; indicarei só a composição das pilulas de que muitas pessoas tem abusado nestes ultimos annos no Rio de Janeiro, e que são: *pilulas vegetaes universaes americanas*. Eis-aqui a receita destas pilulas *chamadas vegetaes*:

Calomelanos	12 onças.
Resina de guaiaco	12 onças.
Rhuibarbo	12 onças.
Jalapa	16 onças.
Oleo de croton tiglium	1/2 onça.

Xarope de coloquintidas quantidade sufficiente para fazer massa.

Com uma oitava e meia desta massa fazem-se 36 pilulas.

Segundo esta receita, que me foi communicada por um boticario do Rio de Janeiro que prepara uma grande quantidade destas pilulas, bem se vê que a denominação de *vegetaes* é muito impropria, porque os calomelanos, ou, por outro nome, protochlorureto de mercurio, são uma substancia mineral, capaz de produzir uma salivação mui incommoda.

Além disto, estas pilulas contém o oleo de croton tiglium, substancia purgativa, bem que vegetal, mas extremamente energica, que, não sendo bem dividida entre todas as pilulas, póde produzir accidentes graves, visto que uma só gotta deste oleo occasiona frequentes evacuações alvinas.

PIMENTA. *Veja-se* PIMENTÃO.

PIMENTA PRETA, OU PIMENTA DO REINO OU DA INDIA. (*Piper nigrum*, Linneo.) Esta planta trepadeira é originaria da India; mas hoje se cultiva em outros paizes intertropicaes por causa dos seus fructos, de que se faz um uso immenso em todas as partes do mundo civilisado; é sobretudo nas ilhas de Malaca, Borneo, Java, Sumatra e na India ingleza que se fazem as grandes culturas da pimenta. O vegetal tem-se naturalisado no Brasil desde a conquista de Cayena; na Bahia, Maranhão e Pará fizeram-se em grande suas plantações, e não exigem senão trabalho para darem avultados lucros. Considerando-se que a India foi o theatro de guerras crueis para a conquista da pimenta, e que a Europa despense cerca de quarenta milhões de francos por anno para se prover della, póde-se julgar da importancia deste fructo.

Este arbusto carece de apoio para trepar. Suas bagas globulosas passam do verde ao vermelho, e depois ao preto quando maduras. Mil pés de pimenteira, que principião a dar fructo aos tres annos e que continuão a dá-los até 11 ou 12 annos, duas colheitas por anno, produzem de 500 até 1,000 libras de sementes. Um pé póde dar até 15 libras e adquirir 6 pollegadas de espessura. Colhem-se logo que chegão á maturidade, que exige pelo menos 4 a 5 mezes para ter lugar; estendem-se sobre esteiras para fazê-las seccar, e anda-se por cima dellas para separa-las das espigas; tornão-se então pretas e mais ou menos rugosas. São aromaticas, picantes, quentes e de um sabor bem conhecido. A *pimenta branca* é a preta despida de sua casca exterior, por meio de uma maceração na agua.

Todos conhecem o uso culinario que se faz da pimenta da India, tempero de muitas comidas; seu sabor quente e aromatico faz que a empreguem para augmentar o dos alimentos, sobretudo dos que são de natureza viscosa, gelatinosa, e para torna-los mais digeriveis; fortifica o estomago, favorece a digestão, dá força a toda a economia, quando empregada em quantidade moderada.

PIMENTÃO. (*Capsicum annuum*, Linneo.) Esta planta, originaria das duas Indias, é cultivada por toda a terra. Seus fructos são capsulas conicas, luzidias, amarellas ou vermelhas, contendo em dous ou cinco dissepimentos sementes reniformes, chatas, amarelladas; tem um sabor mui acre e quente. É usado nas nossas mesas em conservas em vinagre.

Existem no Brasil muitas especies de PIMENTA, pertencentes ao genero *Capsicum*. As mais usadas são: *pimenta comari*, *pimenta de cheiro*, *pimenta malaqueta*, *pimenta campainha*, etc. Todos estes fructos tem as mesmas propriedades, e é um erro dizer-se que umas são frescas e outras quentes; todas são excitantes, isto é, quentes.

O uso moderado da pimenta facilita a digestão, convém sobretudo aos individuos molles, lymphaticos, ás pessoas gordas, ás pessoas cujo estomago é lento e preguiçoso; é util nos tempos humidos. Mas quando é empregada em excesso, quando com ella se faz saturar, por assim dizer, os alimentos, como muitas pessoas costumão praticar, a pimenta, excitando mui fortemente o estomago e todas as funcções do organismo, acaba por arruina-los e torna-se debilitante. O abuso deste tempero é, além disto, causa frequente das empigens e das outras molestias da pelle, porque as sympathias desta membrana com o estomago estão bem provadas, e este não pôde ser irritado sem que a pelle participe de seu estado morboso. As pessoas que são sujeitas ás affecções da pelle deverião abster-se de comidas mui apimentadas.

PINHÃO DE PURGA.-Fructo do *Iatropa curcas*,

Linneo, arbusto que dá no Brasil. Este arbusto tem folhas grandes, cordiformes, com cinco lóbulos cheios de um succo leitoso; suas flôres são verde-amarelladas, de cheiro agradável. O fructo é uma capsula quasi globosa, do tamanho de uma noz; contém dentro de uma casca coriacea, denegrida, tres sementes do tamanho e da fórma de uma azeitona, compostas de uma casca dura, de côr roxa escura, e de uma amendoa branca, oleaginosa, de sabor adocicado ao principio, e depois um pouco acre. São estas amendoas que são dotadas da virtude purgativa, na dôse de 1 a 3 amendoas. O *oleo* destas amendoas é purgante na dôse de 15 a 24 gottas.

PINTAS. Nas molestias chamadas *eruptivas* apparecem na pelle pequenas nodoas vermelhas, do tamanho de picadas de pulgas ou maiores; chamão-se *pintas*. As molestias em que apparecem são: sarampos, escarlatina, bexigas, cataporas, roseola, etc. As pintas dos *sarampos* parecem-se com picadas de pulgas; as da *escarlatina* consistem em manchas largas, um pouco elevadas acima do nivel da pelle; as das *bexigas* são pequenos botões que se convertem tres ou quatro dias depois em grossas bostellas cheias de pus; as das *cataporas* são manchas que logo no primeiro dia se transformão em botões cheios de materia transparente; as da *roseola* são nodoas vermelhas redondas, muito maiores que as dos sarampos. Em algumas molestias acompanhadas de febre, apparecem ás vezes na pelle nodoas vermelhas irregulares, que são sem consequencia; durão pouco tempo e desaparecem por si.

No *escorbuto* se manifestão nodoas de algumas linhas de diametro; são acompanhadas de outros symptomas desta molestia. (*Veja-se tambem o artigo PELLE*. Vol. III, pag. 207.)

PIOLHO. Os piolhos são insectos de uma fecundidade prodigiosa. A observação tem demonstrado que um só piolho é capaz de pôr cincoenta lendeas em seis dias; outros seis dias bastão para que estas lendeas desabrochem, e dezoito dias depois os recém-

nascidos já estão habilitados também para pôrem lendeas. É facil, segundo estes dados, imaginar-se a espantosa multiplicação destes insectos. Póde-se dizer geralmente que o asseio é o melhor preservativo contra os piolhos; o asseio também é o melhor meio que se póde empregar quando se quer expulsa-los, bem que então seja ás vezes preciso recorrer a outros remedios.

Os medicos tem observado tres especies de piolhos no homem: o *pioelho da cabeça*, o *pioelho do corpo* e o *pioelho do pubis*.

Os *pioelhos da cabeça* se transmitem de um a outro individuo; raros nos adultos, são muito mais communs nas crianças. Póde-se constantemente destrui-los penteando-se frequentemente as pessoas que são affectadas delles, ou rapando os cabellos. Obtem-se mais rapidamente o mesmo fim lavando a cabeça com sabão e agua, e polvilhando depois os cabellos com sementes d'aipo ou de salsa hortense, ou com noz de galha pulverisada. Recommendão-se também as fricções com uma pequena quantidade de unguento mercurial.

Os *pioelhos do corpo* são brancos com os olhos pretos. Esta especie habita principalmente sobre o tronco e os membros. Foi dado o nome de *phthiriasis* ao desenvolvimento de um grande numero de piolhos desta especie. Esta molestia é sempre o resultado de depositos successivos e multiplicados de lendeas, por um ou muitos destes insectos contrahidos accidentalmente. Reconhece ordinariamente por causa a falta de asseio; existem entretanto factos que provão que a *phthiriasis* tem-se mostrado em pessoas mui limpas; mas estes factos são mui raros, e ainda alguns autores não acreditão nelles. Quanto á geração espontanea destes insectos, a opinião admittida por Aristoteles é hoje quasi geralmente rejeitada. O desenvolvimento dos piolhos do corpo foi também apresentado como uma molestia grave. Alguns modernos tem repetido, segundo antigas tradições, que Herodoto, Scylla, Ennio, Filippe II, rei de Hespanha, morrêrão de

phthiriasse. O exame dos órgãos internos destes homens illustres teria provavelmente conduzido a uma outra conclusão. Entretanto, poderia ser que um grande numero de piolhos, em uma criança ou em um velho já affectado de outra molestia, occasionasse comichões insupportaveis e insomnia, accidentes que augmentarião a gravidade da molestia.

A phthiriasse exige quasi o mesmo tratamento que a sarna; os banhos sulfureos, as pomadas com enxofre, o exacto asseio do corpo e uma alimentação composta de carnes.

Os *piolhos do pubis* são conhecidos pelo nome vulgar de *piolhos ladros*. Escondem-se entre os cabellos que cercão os órgãos sexuaes, e propagação-se até aos sovacos e ás sobranceilhas. Se amores impuros ou uma estrella infeliz houver introduzido semelhantes parasitas nas regiões que temos assignalado, o meio mais commodo e mais expedito para despedi-los será uma fricção com pequena quantidade de unguento mercurial cinzento; é preciso pratica-la de noite, e na manhã seguinte tomar um banho para fazer desaparecer os seus vestigios.

PISADELLA, PISADURA. *Veja-se* CONTUSÃO, Vol. I, pag. 425.

PISADO (SANGUE). Assim se chama vulgarmente o sangue que se derrama debaixo da pelle, em consequencia de pisaduras, pancadas ou outras contusões, e forma nodoas denegridas, esverdinhas e depois amarellas; em medicina chama-se *ecchymose*. Estas nodoas desapparecem pouco a pouco, e nunca exigem a applicação de bichas. *Veja-se* Vol. II, pag. 72.

PLEURIZ. Chama-se pleuriz a inflammção da *pleura*, isto é, da membrana que envolve os pulmões. Os caracteres desta molestia são os seguintes: dor pungente em um dos lados do peito, difficuldade de respirar, tosse secca e acompanhada só de escarros mucosos brancos e quasi sem côr. Com estes symptomas existe quasi constantemente perda do appetite, calor da pelle, rubor do rosto, o pulso forte

e frequente, e ás vezes impossibilidade de o doente deitar-se do lado doloroso. Esta molestia chama-se tambem *pleuriz branco*, por causa dos escarros brancos, para distingui-lo da inflamação do pulmão ou pneumonia. Nesta ultima molestia existem tambem dôr de peito, febre, difficuldade de respiração; *mas os escarros são sanguineos*. Comtudo, esta distincção não é de grande importancia, porque o tratamento do pleuriz e da pneumonia é o mesmo.

Quando a inflamação da pleura é pouco intensa, só existe dôr de lado, mas não ha febre: dá-se-lhe então o nome de *pontada*.

As causas mais poderosas do pleuriz são: as suppressões rapidas da transpiração, a impressão de um ar frio sobre a pelle quando o corpo está suando, e a ingestão de um liquido mui frio ou nevado em identicas circumstancias. Estas causas produzem os tres quartos dos pleurizes que se observão. Vem depois as pancadas, as quédas, as feridas do peito, os calafrios das febres intermittentes. Emfim, o pleuriz acompanha frequentemente as molestias eruptivas, taes como as bexigas, os sarampos, a escarlatina.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer n'um pleuriz um pouco intenso e acompanhado de febre é praticar uma sangria do braço. Se a dôr, a oppressão e a febre continuarem, será preciso repetir a sangria, um dia depois ou no mesmo dia. Se depois das duas sangrias a dôr não cessar, será necessario applicar 10 a 12 bichas ou duas ventosas sarjadas no lugar doloroso. Se a molestia não é mui intensa e só constitue o que se chama simples pontada, as bichas e as ventosas sarjadas são sufficientes, e não é necessario recorrer ás sangrias. No mesmo dia em que se fazem as emissões sanguineas, é preciso dar a beber a poção seguinte:

Agua	5 onças.
Tartaro emetico	2 grãos.
Xarope diacodio	1 onça.

Misture, e administre duas colheres de sopa de 2 em 2 horas.

Esta poção deve ser repetida no segundo e terceiro dia. As primeiras colheres hão de provocar vomitos, mas nem por isso se deve cessar no primeiro dia o uso do remedio. Se entretanto os vomitos continuarem no segundo dia, convém parar com o remedio, e limitar-se ás bebidas emollientes que vamos indicar. Estas bebidas são: cozimento de raiz de althéa, chá de flôr de malvas, chá de flôres peitoraes, chá de violas, tudo adoçado com assucar ou xarope de gomma. O doente beberá meia chicara de um destes cozimentos morno, tres a quatro vezes por dia. Para estancar a sêde, poderá beber agua fria ou um destes cozimentos frio. A dieta será absoluta; apenas se podem permittir alguns caldos nos primeiros dias da molestia. Se depois de cinco ou seis dias deste tratamento a tosse continuar, será preciso applicar um caustico no peito.

Taes são as regras que se podem indicar em obra desta natureza.

PLEURIZ BASTARDO ou **FALSO**. *Veja-se* PLEURODYNIA.

PLEURODYNIA ou **PLEURIZ FALSO**. Dôr que existe nos musculos do peito; é de natureza rheumatismal, mas ás vezes tem sido tomada por um pleuriz verdadeiro. Esta dôr muda frequentemente de lugar, augmenta pela compressão, respiração e pela tosse, e sobretudo pelo movimento do corpo; porém é mais superficial do que no pleuriz e não é acompanhada de febre. Cede ordinariamente á applicação de um sinapismo e ás fricções com balsamo opodeldoch ou aguardente alcanforada. *Veja-se* DÔR DE PEITO, no artigo PEITO. Vol. III, pag. 199.

PNEUMONIA. É o nome que os medicos dão á inflamação do pulmão. É caracterizada pela dôr de peito, febre e escarros sanguinolentos. *Veja-se* PULMÕES.

POAYA ou **IPECACUANHA**. (*Cephaelis ipecacuanha*, Richard.) Esta planta dá nos matos do Brasil e do Perú: é um pequeno arbusto rasteiro ou um pouco elevado acima da superficie da terra; sua

raiz constitue um dos mais preciosos medicamentos. Este arbusto tem as folhas ovaes, lanceoladas, verdes, as flôres brancas, o fructo ovado, denegrido. As raizes, taes como se achão no commercio, tem 1 a 4 pollegadas de comprimento, torcidas, da grossura de uma pequena penna de escrever, com muitos anneis irregulares, epiderme cinzenta denegrida; cheiro fraco, mas desagradavel; sabor amargo e nauseante. São formadas de uma parte cortical, cuja fractura é esbranquiçada ou cinzenta e resinosa, e de uma parte mediana, fibrosa, amarellada, menos sapida. Esta especie chama-se cinzenta; é a melhor de todas, e forma os tres quartos da ipecacuanha do commercio: as outras especies (roxa e branca), fornecidas pelas outras arvores da mesma familia, são menos estimadas.

A introdução da poaya na Europa data do anno de 1672. Nesta época, um medico francez, chamado Legras, levou da America uma certa quantidade della, que depositou em uma botica, onde foi vendida com o nome de *mina de ouro*. Mas o medicamento, tendo sido administrado em casos em que não convinha, perdeu logo sua reputação. Quatorze annos depois, isto é em 1686, um negociante levou a Paris 140 libras de poaya. Helvetius, celebre medico, fez experiencias com esta raiz, confirmou sua grande efficacia em muitas molestias, e em recompensa dos seus trabalhos recebeu de Luiz XIV empregos, honras e riquezas. O uso da ipecacuanha espalhou-se logo por toda a Europa. O véo que cobria sua origem e a avidéz do lucro nos mercadores occasionarão numerosas falsificações. Cada paiz da America julgou possuir esta preciosa planta, e o nome de ipecacuanha foi applicado a muitas raizes que não offerecem com a poaya do Brasil outras connexões senão de excitar os vomitos em virtude do principio acre que contém. Dahi vem esse grande numero de ipecacuanhas falsas que se achão no commercio.

A raiz de poaya administra-se principalmente em

pó, para provocar os vomitos, na dôse de quinze a trinta grãos para os adultos, de seis a dez para as crianças em uma pouca d'agua morna. Dá-se tambem em infusão, que se prepara com duas oitavas de poaya e um copo d'agua quente. Esta raiz entra em muitas preparações; as principaes são: o xarope de ipecacuanha, que se administra principalmente nos catarrhos pulmonares das crianças, na dôse de uma a duas colheres de sopa, e as pastilhas, de que se tomão duas a quatro por dia como expectorante.

POÇÃO. Medicamento liquido que o doente toma de uma ou de muitas vezes, e com intervallos mais ou menos approximados. As poções são mui variadas, resultão da mistura de decocções, infusões, xaropes, pós, extractos, etc.

Poção antispasmodica. Veja-se Vol. I, pag. 418.

Poção calmante. Veja-se Vol. I, pag. 418.

PODAGRA. Dá-se este nome á *gota* quando occupa as juntas do pé. *Veja se GOTA, Vol. II, pag. 328.*

PODRIDÃO DO HOSPITAL. Gangrena que sobrevém nas feridas, e que se manifesta sobretudo nos hospitaes cujo ar é viciado por um grande numero de doentes; mas pôde tambem desenvolver-se nas casas particulares, nos doentes que são affectados de qualquer ferida e que não se tratão com muito asseio, ou que são enfraquecidos pelas fadigas, más comidas, pezares, etc.

Symptomas. A podridão do hospital declara-se ordinariamente de uma maneira subita. Uma ferida occasionada por uma faca ou algum outro instrumento cortante, ou por qualquer outra causa, e que fazia grandes progressos para a cicatrização, apresenta de repente um pequeno buraco, coberto de uma materia espessa, roxa e que se estende pouco a pouco em largura e destroe as partes vizinhas. As vezes parece que a ferida está coberta de sangue coalhado, e só depois de se ter feito esforços inuteis para tirar este sangue é que se conhece que é molle e que faz parte da ferida; esta materia derrama um cheiro fetido.

A podridão do hospital, como já disse, póde-se declarar em qualquer ferida; observei esta molestia algumas vezes nas feridas contusas que resultão do castigo de açoutes.

A podridão do hospital é contagiosa, e observão os medicos que, desenvolvendo-se esta molestia n'um doente n'uma enfermaria de hospital onde haja muitos doentes affectados de feridas, logo depois manifesta-se em outras feridas; e por isso a primeira cousa que se deve fazer no tratamento desta molestia consiste em tornar sadio o lugar em que apparece, abrir muitas vezes as portas e janellas para renovar o ar, espalhar agua de Labarraque no quarto, ter muito cuidado no asseio das feridas. A dispersão dos doentes pelo hospital é ainda uma medida indispensavel.

Tratamento da podridão do hospital. Logo que esta especie de gangrena se manifestar, é preciso cauterisar a ferida com oleo de vitriolo. Para este fim, molha-se um pincel feito de fios ou de panno de algodão em oleo de vitriolo e passa-se vagarosamente sobre toda a superficie da ferida, sem exceptuar um só ponto. A mais leve omissão a este respeito seria seguida da continuação do mal. Se depois da quéda da escara a gangrena tornar a apparecer, é preciso repetir a applicação do oleo de vitriolo. Este caustico é sufficiente; mas ás vezes a molestia é tão profunda, que é necessario recorrer á cauterisação com ferro quente.

Depois da cauterisação, applicão-se na ferida continuamente pannos molhados n'agua fria misturada com um pouco de vinagre, e polvilha-se a ferida, uma vez por dia, com os pós seguintes :

Camphora em pó	2 oitavas.
Carvão de páo em pó	2 oitavas.
Casca de quina em pó	2 oitavas.

Misture.

Depois de quatro ou cinco dias deste curativo, se a ferida ficar vermelha e perder o character gangrenoso, é preciso simplesmente applicar cataplasmas

de linhaça ou pauno de algodão untado de ceroto simples; a ferida então não tarda em cicatrizar-se.

POLKA. Com este nome designarão vulgarmente uma febre rheumatica que grassou epidemicamente no Rio de Janeiro no anno de 1846; esta molestia atacou no mesmo anno muitas pessoas em varios pontos do Brasil; na cidade da Bahia a chamárão *patuléa*. Os syntomas desta molestia consistião em febre, dôres nas juntas, dôr de cabeça, fastio e cansaço geral. Muitos dias e até muitas semanas depois do desapparecimento da febre, os doentes sentião fraqueza extrema e dôres nas diversas juntas do corpo; muitos por longo tempo não podião servir-se das mãos.

O *tratamento* que melhor aproveitou no Rio de Janeiro se compunha de tartaro estibiado administrado internamente, sinapismos nas juntas dolorosas, e fricções compostas de misturas de partes iguaes de oleo camphorado, essencia de terebenthina e balsamo tranquillo.

POLLUÇÕES. Chama-se *pollução* a emissão involuntaria do semen durante o somno. As polluções podem-se manifestar, ou como crises naturaes e salutaes por meio das quaes a natureza se desembaraça de um humor superfluo, ou então como um estado morboso cujas consequencias podem ser mais ou menos inquietantes. As primeiras sobrevém nos homens jovens, vigorosos, continentes, que tem desejos venereos imperiosos que não podem satisfazer; as segundas, pelo contrario, observão-se nos individuos fracos, irritaveis, debilitados, ou entregues anteriormente aos furores da masturbação ou aos excessos venereos. O costume, além disto, exerce uma influencia poderosa na producção das polluções, e basta frequentemente para perpetua-las e transformar as polluções da primeira classe nas que são morbosas.

Muitas pessoas tomão pelo humor espermatico a sahida habitual ou contínua pelo canal da uretra de um liquido viscoso, sem côr, transparente, e que ás

vezes tem a côr branca amarellada, coagula-se e deixa nodos na roupa. Este liquido é inteiramente diverso do semen; procede de uma glandula chamada *prostata*, que está situada perto da bexiga, e é destinado para humedecer o interior do canal da uretra. Se os individuos em quem apparece, em consequencia dos accessos venereos, são debeis, tristes, magros, devem menos attribuir o seu estado a um escorrimento, quasi sem influencia no organismo, do que ao exercicio immoderado dos órgãos genitales, que tem produzido ao mesmo tempo os symptomas geraes de que se affligem e a secreção exagerada da glandula que os inquieta. Esta distincção é de grande importancia, pois que os individuos affectados de escorrimentos mucosos semelhantes ao semen são assaz numerosos, e que quasi todos compartem o erro sobre a natureza do liquido, affligem-se profundamente, cahem em uma especie de desesperação, e tem, antes de tudo, a mais urgente necessidade de ser tranquillizados.

O appetite venereo, quando existe em um certo gráo, manifesta-se frequentemente durante o somno; os amores, as graças e a belleza apparecem em sonhos: movimentos nervosos, analogos aos que tem lugar no decurso do dia, se declaram durante a noite, e a ejaculação é produzida. As polluições deste genero são raramente habituaes; não se reproduzem, pelo contrario, senão em certos intervallos, esómente quando o organismo tem reparado as perdas que as ultimas occasionarão.

Mas nos individuos enfraquecidos, tornando-se os órgãos cada vez mais irritaveis, e exercendo o costume uma influencia cada vez mais forte, chega gradualmente uma época em que as polluições tem lugar quasi sem erecção, e sem que o sonho tenha durado muito tempo. Depois de se terem reproduzido em intervallos assaz remotos, renovão-se emfim quasi todas as noites, ou muitas vezes cada noite, ou mesmo logo que o individuo principia a gozar de um somno profundo.

O deitar-se de costas, uma cama molle e quente, o trabalho prolongado do gabinete, o abuso de alimentos estimulantes e de especiarias, a frequentação dos bailes, dos espectaculos, taes são as causas principaes que mais frequentemente determinão e entretêm as polluções nocturnas. Um temperamento nervoso, uma imaginação viva, o costume de reproduzir e de afagar as idéas voluptuosas, a masturbação e o abuso do coito, ajuntão-se quasi sempre a estas causas e contribuem poderosamente para assegurar seus effeitos desastrosos.

As polluções que sobrevém aos individuos vigorosos e atormentados por um excesso de energia genital de que não podem usar convenientemente, são sem resultado funesto. Não acontece assim com as polluções que se repetem nos individuos fatigados ou enfraquecidos pelo abuso dos órgãos genitae. Estes doentes são tristes, melancolicos, gostão da solidão, emmagrecem, e chegão pouco a pouco a um gráo extremo de fraqueza.

O tratamento das polluções deve variar conforme as circumstancias em que se manifestão. Se sobrevém em individuos fortes, dotados de energia dos órgãos sexuaes, convém, em certos casos, regularisar a acção genital e dar-lhe pelo casamento uma direcção normal. Quando este meio não se pôde empregar, é preciso oppôr-lhes um regimen refrigerante, isto é, composto principalmente de vegetaes, bebidas acidas, leite de amendoas doces ao deitar-se, passeios a pé levados até á fadiga, e trabalhos manuaes, ou occupações serias de espirito. Importa sobretudo afastar todos os objectos, todas as idéas lascivas susceptíveis de excitar os órgãos genitae. Banhos frios, o exercicio de nadar, lavatorios frios frequentemente repetidos sobre os órgãos da geração e as partes superiores e internas das coxas, são, nestes casos, de uma grande utilidade. A abstinencia, da comida de noite, uma cama dura e fresca, cobertas leves, ter muita attenção em se deitar sempre de um dos lados e não de costas, o cuidado

de entreter o ventre livre por meio de alguns laxantes e de clysteres d'agua fria, taes são as regras hygienicas que convém ás pessoas affectadas destas polluções.

Quando as polluções são resultado da masturbação ou dos excessos do coito; quando se renovão com grande facilidade, uma ou muitas vezes no espaço da noite, e se operão quasi sem erecção; quando, enfim, os doentes estão fracos, irritados, pallidos, tristes e mais ou menos esfalfados, é preciso então recorrer a um regimen tonico. As carnes assadas, os caldos e sopas com sagú, tapioca, araruta, o vinho tinto, e principalmente o de Bordéas, convém muito; mas devem-se evitar as comidas com especiarías, a caça, o presunto, as carnes salgadas e fumadas, que excitão e enfraquecem o systema nervoso. Bebidas amargas, taes como as decoções de genciana, de quassia, as aguas ferreas, os decoctos de quina, são mui uteis. Ao mesmo tempo é preciso deixar os costumes viciosos e remediar o excesso de sensibilidade dos orgãos genitales. As applicações frias nestas partes, por meio de esponjas ou de pannos embebidos d'agua fria ou d'agua com vinagre, gelo contido em uma bexiga de porco e posto entre as coxas, os clysteres d'agua fria, produzem neste caso alguns bons effectos. É preciso tambem insistir nos banhos do rio ou do mar acompanhados do exercicio do nadar. O exercicio a pé produzirá uma parte das mesmas vantagens. Os doentes devem afastar por todos os meios as idéas voluptuosas, e evitarão por algum tempo a presença de mulheres.

Existe uma especie de connexão entre a porção posterior do cerebro e os orgãos da geração, e casos tem havido de polluções nocturnas inveteradas, que forão dissipadas fazendo-se applicar na nuca de noite, antes de se deitar, uma bexiga de porco com uma certa quantidade de gelo que se deixava até de todo derreter.

Entre os meios internos, tem sido louvado, com razão, o gelo em pó, na dóse de duas a tres colheres

de sopa duas a tres vezes por dia , e as fricções no baixo-ventre com oleo essencial de terebenthina. Os outros medicamentos aconselhados contra as polluções , e dos quaes se póde lançar mão successivamente para ajudar o tratamento hygienico, são : a agua de cal, na dóse de 4 a 8 colheres de sopa, duas vezes por dia, misturada com igual quantidade de leite ; a mistura adstringente seguinte :

Terebenthina de Veneza	1/2 onça,
Balsamo de copaíba	1/2 onça,
Oleo de succino	1/2 onça,

que se usa na dóse de uma colher de chá, duas a tres vezes por dia, com um pouco de assucar ; as pilulas seguintes :

Terebenthina de Veneza	1 onça,
Balsamo de copaíba	1 onça,
Magnesia calcinada	quantidade sufficiente.

Faça 192 pilulas , cuja dóse é de oito , tres vezes por dia ; limonada sulfurica, tres copos por dia ; vinho de quina tres calices por dia ; os pós seguintes :

Limalha de ferro pulverisada	1 onça.
Quina pulverisada	2 onças.

Misture e divida em 24 papeis, dos quaes se tomão dous por dia, em uma pouca d'agua ; o tannino em pilulas segundo a formula seguinte :

Tannino	2 oitavas.
Conserva de rosas	1 oitava.

Faça 48 pilulas, das quaes se toma uma, quatro vezes por dia , em intervallos iguaes. Emfim, nos casos rebeldes, tem-se applicado com vantagem um caustico sobre a face interna e superior das coxas.

POLVILHO, AMIDO ou GOMMA. Assim se chama o polme de muitas substancias farinaceas. Obtem-se principalmente da mandioca , do centeio , trigo, cevada, batatas, etc., e serve para clysteres emollientes, que se empregão com grande vantagem nas diarrhéas e dysenterias. Estes clysteres preparão-se diluindo duas colheres *de chá* de polvilho em meio quartilho d'agua quente. Em lugar d'agua , póde-se

empregar a decocção de linhaça, na qual se deixa dissolver o polvilho; e então o clyster é ainda mais emolliente.

POLYGALA AMARGA. (*Polygala amara*, Linneo.) Planta da Europa. Sua raiz emprega-se em medicina como tonico, em cozimento que se prepara com meia onça de raiz de polygala e uma libra d'agua. Esta raiz, tal como se acha no commercio, é do comprimento de uma pollegada, de linha e meia de diametro, com fibras ramificadas, nodosas, enroscadas; cheiro um pouco aromatico, sabor um tanto acre e muito amargo.

POLYPO. Em historia natural, chamão-se *polypos* os mais simples de todos os entes do reino animal, que não tem por visceras senão um canal alimentar cujo orificio unico lhes serve de bocca e ao mesmo tempo de anus, e que tem o corpo guarnecido de chupadores, de braços ou pés; taes são as esponjas e coraes. Em medicina, os *polypos* são tumores de consistencia e de fórmulas variadas, que se desenvolvem no interior de uma cavidade, principalmente dentro do nariz e no utero, e tendem continuamente a crescer se não são extirpados. Segundo Palluci, a origem deste nome provém das excrescencias polyposas que tem a faculdade de se reproduzirem depois de cortadas, da mesma fórmula que os *polypos* do mar recuperão de novo as partes perdidas. As causas dos *polypos* não são conhecidas. A obscuridade mais profunda envolve os primeiros momentos da sua formação; um pequeno incommodo, alguns escorrimentos mucosos, ás vezes sanguineos se manifestão apenas; mas logo os tumores adquirem um volume mais consideravel, e annuncião-se por symptomas que raras vezes enganão a um cirurgião instruido. Quando elles tem sua séde no interior do nariz, o que é mais commum, o doente tem o nariz entupido, respira difficilmente pela venta do lado affectado, e experimenta nesta parte a sensação de um corpo molle de que busca desembaraçar-se assoando-se; logo a venta se acha completamente obstruida. Quando os *polypos* nas-

cem na região posterior das fossas nasaes, pendem na garganta e podem ás vezes ser vistos por detrás da câmpainha. Os polypos do utero dão lugar a hemorragias frequentes. O tratamento dos polypos é exclusivamente cirurgico: diversas operações tem sido propostas; porém as mais empregadas hoje são a extirpação, a excisão e a ligadura. Quando a operação destroe a raiz do tumor, a molestia é curada radicalmente; mas quando não pôde ser isto conseguido pelo operador, o polypo torna a nascer, e é mister uma nova operação.

POMADA. Assim se chama um medicamento externo composto de um corpo gordo e de substancias medicamentosas ou aromaticas.

Pomada de saturno. *Veja-se* CEROTO DE SATURNO, Vol. I, pag. 328.

Pomada alvissima. É uma mistura de 1/2 oitava de cera branca, 1/2 oitava de espermacete e 1 onça de oleo de amendoas doces, empregada no curativo das feridas e dos causticos.

PONTADA. *Veja-se* PLEURIZ, Vol. III, pag. 232.

PONTOS. Para reunir as margens das feridas extensas, feitas com facas ou outros instrumentos cortantes, é preciso ás vezes cosêl-as com agulha e fios de linho: estes fios chamão-se *pontos*. Emprega-se principalmente a costura nas feridas do ventre, porque as margens destas feridas afastão-se facilmente uma da outra e deixão sahir para fóra os intestinos. Quando as feridas não são extensas, ou quando as suas margens não tendem a afastar-se uma da outra, bastão para a sua reunião os *pontos falsos*. Consistem estes pontos em tiras de emplasto adhesivo que se applicão transversalmente sobre a ferida para reunir as margens della. A applicação da costura ou dos pontos falsos favorece a cicatrização das feridas e abrevia singularmente a cura.

PO'S. São medicamentos reduzidos por meios mecanicos a uma grande tenuidade. A composição dos pós é extremamente variada.

Pós dentifricios ou *Pós para os dentes.* *As receitas*

indicadas no Vol. II, pag. 16, convém accrescentar os pós de greda preparada, sem mistura alguma, que convém muito para limpar quotidianamente os dentes. São mui macios para poderem estragar os dentes, e não tem acção chimica alguma sobre o esmalte.

POSTEMA ou **ABSCESSO**. Assim se chama uma collecção de pus em qualquer parte do corpo. A postema nunca constitue uma molestia primitiva; mas é constantemente o effeito ou a terminação de uma inflammacção mais ou menos intensa.

Symptomas. Os phenomenos que annuncião, nas partes inflammadas, a formação e a accumulacção do pus não são sempre sensiveis e faceis de conhecer. Em todos os casos em que a inflammacção é mui intensa, os seus progressos rapidos e a dôr latejante, isto é, acompanhada de pancadas analogas ás do pulso; em todos estes casos, digo, deve-se temer que lhe succeda uma suppuração mais ou menos abundante. Esta terminação é annunciada pela diminuição da dôr local, pela sensacção de um peso, pela continuacção na parte affectada de pulsações isochronas ás pancadas do pulso. A tumefacção augmenta e se circumscreve na parte central do tumor. Este ponto torna-se mais vermelho, mais elevado do que o resto do tumor, faz-se molle, e a fluctuacção do pus torna-se sensivel. Este liquido se reúne logo em um só lugar; a pelle se adelgaça cada vez mais no centro do tumor, branquêa, rompe-se emfim, e deixa sahir a materia contida na postema.

Os symptomas da postema não são tão evidentes quando ella é situada profundamente. A tumefacção neste caso é pouco consideravel, não existe rubor da pelle; mas as dôres são profundas, continuas, vivas e pungentes; a parte é pesada, o doente experimenta calafrios nas costas e cadeiras.

A inflammacção que dá lugar a uma postema é susceptivel de muitos grãos de intensidade. Manifesta-se ás vezes sem rubor e calor da pelle, e até sem dôr bem marcada: as crianças criadas na

miseria e pouco asseio, os individuos lymphaticos e escrophulosos, offerecem numerosos exemplos disto. Estes tumores, que se observão particularmente no pescoço, não fazem experimentar outra sensação penosa senão algum peso; augmentão mais ou menos rapidamente, ficão estacionarios durante certo tempo, tornão-se levemente dolorosos, avermelhão-se um pouco, amollecem, permanecem ainda por muito tempo neste estado de suppuração; emfim inflammão-se, abrem-se e deixão escorrer um pus seroso. Tem-se dado o nome de *abscessos frios* ás collecções purulentas que succedem a estas inflammações chronicas; por opposição, as de que fallei antecedentemente, e que resultão da inflammação aguda, forão denominadas *abscessos agudos*.

Tratamento. Quando a postema é superficial e pouco extensa, algumas pessoas abandonão a sua abertura aos progressos inevitaveis da inflammação, e se limitão a applicar cataplasmas de linhaça sobre o tumor, para apressar a formação da suppuração. É bom mudar as cataplasmas duas a tres vezes por dia, para impedir que se azedem. Ha casos em que se póde esperar sem inconveniente a abertura espontanea da postema. Deste numero são as pequenas postemas do rosto e do pescoço, e certas postemas dos seios, visto que o signal que succede á abertura espontanea é menos visivel e menos disforme do que o que resulta da abertura feita com a lanceta. Mas, em alguns casos, a abertura é mal situada para o livre escorrimento do pus; em outros, a pelle mui despegada e privada dos vasos que a nutrem se destróe em grande extensão: resultão disto, além das difficuldades e da demora do tratamento, cicatrizes mui visiveis. Por todas estas razões, é melhor confiar a um cirurgião a abertura de todas as postemas um pouco grandes. Este preceito deve-se principalmente applicar ás postemas profundamente situadas, que não se abririão senão depois de terem feito grandes estragos e tomado grande extensão. Retidos pelo medo do instrumento

e preocupados da idéa de que a pelle fica branca quando a postema está madura, os doentes não deixão de oppôr-se ao convite que se lhes faz para se lhes abrir o tumor. Saibão que, no maior numero de casos, é vantajoso abrir-se cedo uma postema, e que deve abrir-se muito antes de parecer madura ao vulgo. Saibão sobretudo, que ha casos em que só a incisão feita quasi no principio do mal é capaz de prevenir as mais consequencias que podem ter lugar se se abandona a postema a si.

Depois da abertura da postema, é preciso continuar ainda com as cataplasmas de linhaça até á cessação da inflamação, e quando esta tiver inteiramente cedido, substituir ás cataplasmas o curativo simples com fios untados de ceroto de spermacete.

O tratamento dos *abscessos frios* offerece maiores difficuldades do que o dos abscessos agudos. A marcha da molestia é tão lenta, que muitas vezes é preciso activar a suppuração, applicando sobre o tumor emplastos feitos com unguento da mãe, digestivo animado ou diachylão composto. Depois da abertura espontanea ou artificial do abscesso, é necessario continuar com as mesmas applicações irritantes. O regimen do doente affectado de abscessos frios deve ser fortificante, isto é, composto de caldos substanciaes, carnes assadas, vinho, etc.

POSTEMA PERTO DO ANUS. *Vveja-se ANUS*, Vol. I, pag. 122.

POSTEMA NO FIGADO. *Vveja-se FIGADO*, Vol. II, pag. 258.

POSTEMA NA GARGANTA. *Vveja-se ESQUINENCIA*, Vol. II, pag. 187.

POTASSA. É a combinação do oxygeneo com o potassio. Distinguem-se tres especies de potassa.

A *potassa do commercio*, formada em grande parte de subcarbonato de potassa. Para obtê-la, é preciso queimar a lenha de diversos vegetaes; as cinzas que disto resultão tratão-se pela agua, e as dissoluções são filtradas e evaporadas até seccarem: este residuo é ainda calcinado n'uma fôrnalha, e o que fica é a

potassa do commercio, que não é o oxydo de potassio puro, mas uma mistura de potassa verdadeira, de carbonato e de sulfato de potassa, de chlorureto de potassio, de silice, de alumina, etc. A potassa do commercio emprega-se para a fabricação do sabão molle, do vidro, da pedra hume, etc.

A *potassa preparada com a cal* é a precedente, de que foi separado o acido carbonico por meio da cal. Este producto é conhecido nas boticas debaixo do nome de *pedra de cauterio*; é mui caustico.

A *potassa preparada com alcool* é a mais pura de todas. É o oxydo de potassio puro desembaraçado de todas as substancias estranhas. É solido, branco, mui caustico, absorve mui avidamente a humidade do ar, e é mui soluvel n'agua. Queima os tecidos organicos com que é posto em contacto, donde vem o seu emprego para formar as fontes e abrir algumas postemas.

POTRA. Inchação do escroto produzida pelos ataques repetidos de erysipela ou pela quebradura. *Veja-se* ÉLEPHANTIASE, Vol. II, pag. 73, e QUEBRADURA.

PRATA. Este metal, conhecido de toda antiguidade, acha-se na natureza, quer no estado nativo, quer combinado com diversas outras substancias, como enxofre, sulfureto de chumbo, etc.; encontra-se em muitos paizes, mas sobretudo no Mexico e no Perú.

A prata é solida, branca, mui brilhante; pesa dez vezes e meio tanto como a agua. Todos conhecem seus usos nas artes e na economia domestica.

A combinação do acido nitrico com a prata forma o nitrato de prata, vulgarmente *pedra infernal*; esta substancia é frequentemente empregada em medicina como caustico; serve para o uso externo. Introduzida no estomago, inflamma-o e pôde até fura-lo.

Em caso de envenenamento pela pedra infernal, seria preciso dar a beber ao doente um copo d'agua fria tendo em dissolução uma colher grande de sal de cozinha.

PRATA INGLEZA. No Rio de Janeiro dá-se este nome a um metal branco, mui usado hoje nas artes, e que é formado por uma liga de cobre, zinco e nikel. Na Allemanha chama-se *nova prata* (Neusilber), porque imita completamente a prata, sobretudo aquella que é ligada com notavel porção de cobre. Em França chama-se *melchior*.

Os medicos e os chimicos tem-se occupado dos inconvenientes que póde apresentar este metal applicado aos instrumentos de mesa, e tem constatado que é menos alteravel que o cobre, e menos alteravel que a prata ligada com o cobre na proporção de tres partes de prata para uma parte de cobre. A *prata ingleza* tem até uma vantagem sobre a prata de qualidade inferior, e vem a ser que se conhece logo sua alteração quando se deixão nella alimentos que podem ataca-la; as partes estragadas do metal ennegrecem immediatamente, o que deve pôr em cautela e impedir o uso de comidas que forão expostas a este contacto.

Para se empregar a *prata ingleza* nos instrumentos de mesa, é preciso cobri-la, por meio do galvanismo, de uma camada mui fina de prata; assim preparada, a *prata ingleza* póde rivalisar com a prata verdadeira; só é preciso ter o cuidado de fazer substituir a camada de prata quando tem desaparecido com o tempo, o que acontece raras vezes, porque talheres assim preparados podem durar mais de dez annos sem alteração notavel. A *prata ingleza* póde igualmente dourar-se, e debaixo deste aspecto rivalisa de uma maneira completa, e com pouco custo, com a prata dourada.

PRECONCEITOS OU ERROS POPULARES RELATIVOS A' MEDICINA. A medicina é uma das sciencias mais inficionadas de erros. Estes erros procedem das illusões dos sentidos, da falta de attenção nas observações, da inhabilidade nas experiencias, das explicações prematuras ou forçadas, das hypotheses e das falsas tradições aceitas com demasiada confiança. E entretanto tem estes mesmos erros uma

influencia quotidiana e inevitavel sobre o bem-estar e sobre a vida dos homens. É, por conseguinte, mui importante o combatê-los. Seremos felizes se, indicando os principaes, pudermos dar uma melhor direcção aos animos illudidos ou prevenidos, e trazer ao menos alguns delles á razão e á verdade!

Uma grande desgraça para os medicos é o serem julgados por pessoas que não são medicos. Ha certos individuos que, avaliando em nada a medicina, dão unicamente á natureza os bons successos da arte, isto é, tem a injustiça de attribuir ao acaso o que é muitas vezes o fructo das mais profundas combinações.

É tambem mui commum o ouvir-se vituperar o medico que tem a desgraça de perder o seu doente, como se a medicina fosse a arte de prolongar a vida eternamente, como se o medico não pagasse elle mesmo, e ás vezes prematuramente victima de seu zelo, o ultimo tributo á natureza. Sem duvida não nos convém fazer a nossa apologia, mas deve entretanto ser-nos permittido fazer observar que não se aprecião sufficientemente as penas dos medicos, seus trabalhos, seus desgostos, seus estudos continuos, e, em uma palavra, sua vida inteira passada no meio da dôr e consagrada ao allivio da humanidade.

Mas qual é a origem dos erros, e principalmente dos erros populares, a respeito da medicina? Não ha outra senão a ignorancia e a presumpção de julgar das cousas de que se não tem idéa ou sobre as quaes só se tem idéas mal determinadas. De outra parte, um erro acreditado basta para produzir novos erros, e assim elles se propagão e formão um encadeamento tanto mais difficil de romper quanto mais antigo. Se se desejarem provas, ver-nos-hemos embaraçados na escolha.

No que diz respeito á educação physica das crianças, não se pôde recusar a J. J. Rousseau o merecimento de ter feito muitas reformas uteise e apreciaveis; deve-se sobretudo á sua eloquencia a destruição do

barbaro costume de comprimir os membros da criança e de impedir os seus movimentos. Mas, derribando alguns, consagrou outros que não são menos perniciosos. Assim, o uso de banho frio em que elle quer que se mergulhe o menino recém-nascido, a obrigação que impõe a todas as mãis, sem excepção, de darem de mamar a seus filhos, são erros mui graves.

Se passarmos á hygiene, acharemos suas differentes partes cheias de erros. Assim, muitas pessoas, para purificarem o ar dos quartos dos doentes, costumão queimar alfazema ou reduzir o vinagre a vapor; um facultativo terá mil difficuldades para fazer acreditar que estes productos da combustão não fazem mais que envolver os miasmas deleterios em vez de os destruir, e que é preciso substituir-lhes as aspersões com agua de Labarraque ou as fumigações Guytonianas, que deixamos descriptas no artigo DE-INFECCÃO.

Todos os dias vemos pessoas que, sob o pretexto de favorecerem a transpiração, deixão ficar os doentes no meio de um ar infecto, amontoão sobre elles cobertores de grande peso, prohibem-lhes que mudem de roupa, e fechão hermeticamente as janelas e as cortinas da cama; processo este que só por si bastaria para produzir molestias nas pessoas que gozão da melhor saúde.

Ha individuos que em cada revolução lunar, em cada mudança de estação, tomão um purgante, com a intenção de prevenirem as molestias, e fazem isto quando as digestões são melhores, quando nem a perda do appetite, nem o amargor da bocca, nem o estado da lingua, offerecem a menor indicação. Provocando assim uma perturbação no tubo intestinal, irritando sua superficie interna, obtem-se a evacuação de uma grande abundancia de materias; o individuo se felicita de ter expulsado do seu corpo tantas substancias que julga impuras, e o charlatão que, debaixo do nome de *pilulas para purificarem o sangue*, lhe vende por alto preço uma pequena dose

de uma substancia purgativa, se regozija com sua credulidade. Alguns, entre estes ultimos, mais impudentes e mais perigosos, administração, debaixo do nome de purgante suave de cautela, certas substancias resinosas; estas irritão mais vivamente, vem sangue com mucosidades; o impostor triumphá, então diz que isto são hemorrhoidas, e que o seu remedio é verdadeiramente divino, nenhuma molestia póde lhe resistir, cura tudo. Feliz o doente mui confiado quando purgações desta especie, mui repetidas, não acabão por ulcerar o interior do tubo digestivo e produzir suppurações mortaes!

Quantos absurdos não tem sido accumulados para darem uma côr de verosimilhança á interpretação dos sonhos! Quem acreditaria que em um seculo tão esclarecido, qual o em que vivemos, se havia de ver ainda tão grande numero de pessoas que querem absolutamente conhecer o seu futuro, e que escutão com um respeito religioso as graves prophcias de um *curioso* habil na arte de enganar ou de lisongear as paixões! Não queremos perder o tempo com a refutação destas futilidades, que as pessoas de juizo aprecião no seu justo valor.

É possível, por meio de um certo regimen, prolongar-se a vida humana muito além dos limites ordinarios? Bacon, este genio transcendente, julgava assim; mas enganou-se, pois que baseou unicamente sua opinião sobre factos isolados e que sahem da regra commum. Ninguém conte-ta que, evitando-se de mui cedo todos os excessos, adquiere-se a probabilidade de chegar a uma idade mais ou menos adiantada, e é sem duvida permittido a um octogenario, que observa uma vida regrada, esperar viver mais alguns annos; porém não ha, de certo, regimen algum que tenha a singular propriedade de conduzir a uma longevidade insolita.

Os que ignorão a medicina fazem singulares reflexões sobre as causas e os effectos das molestias. Primeiro que tudo, gostão muito que se lhes dêm esclarecimentos a este respeito, sejam elles quaes

fôrem, ainda mesmo incompreensíveis. Infeliz do medico que não quer ou não pôde explicar o que é de uma difficil intelligencia, ou que é com effeito inexplicavel. É considerado como um ignorante, ou ao menos como um homem mediocre. Se, sendo chamado para um doente que está com febre, parece hesitar sobre o genero de affecção que existe, não se toma o seu silencio pelo da prudencia ou discrição, accusa-se antes o seu embaraço; o doente, pelo contrario, muito mais expedito, antes de responder ás questões calculadas do medico, apressa-se em dar uma solução que julga perfeita, dizendo-lhe, por exemplo, que tem *sangue quente, inflammado, revoltado*, que seu estomago está *cheio de corolas* ou *de pituita*, que tem os *nervos irritados*, que todo o seu mal é *hemorrhoidal*. E que faz elle procedendo assim? Emitte um juizo em lugar de limitar-se a exprimir uma sensação. Supponhamos que o medico tem a fraqueza de ser accessivel a semelhantes decisões, o tratamento da molestia sente-se disto inevitavelmente.

Quantos raciocinios falsos não forão feitos e não se fazem ainda todos os dias para conservar a existencia do *leite derramado*! Ouçamos as mulheres a este respeito: se são affectadas de dôres rheumaticas, de empigens, de molestias nervosas, etc., são outros tantos casos de leite derramado; até algumas ha que assegurarão terem sido curadas de postemas leitosas na cabeça.

O mesmo acontece com as *sarnas recolhidas*: ha muitos doentes que accusão as sarnas como causa de todos os males que padecem. Entretanto, está hoje bem provado que a sarna resulta da presença de um bichinho debaixo da pelle, extremamente pequeno; que para curar da sarna basta extinguir este bichinho com fricções apropriadas, e que não resulta disso incommodo algum.

A cirurgia não está mais isenta que a medicina de erros e de preconceitos mais ou menos arraigados, e tambem difficeis de destruir. Se, por acaso, uma

pessoa se corta, os officiosos assistentes tratão de cobrir a ferida, com um panno embebido d'agua salgada; curativo que reune justamente as condições contrarias ao fim que se deseja, porque excita uma inflamação, provoca uma suppuração inutil, e retarda assim a cicatrisação. Outros possuem, para a cura prompta das feridas, um balsamo soberano, cuja receita, transmittida por graves personagens ou antigos medicos de consideravel reputação, conserva-se preciosamente em sua familia, de tempo immemorial.

Julgão vulgarmente que os afogados perdem a vida porque uma grande quantidade d'agua, tendo-lhes penetrado no pulmão, os suffocou; entretanto não entra nas vias aereas nem uma gotta d'agua; a contracção de sua abertura, chamada *gôto*, se oppõe a isto, no momento em que a pessoa se afoga, e só muitas horas depois, quando o cadaver está completamente inanimado, é que esta abertura permite que a agua se introduza por ella. Neste erro, em apparencia indifferente, está baseada a pratica perigosa de pendurar o afogado pelos pés, para lhe fazer lançar a agua que tenha engulido. Neste estado, o sangue se dirige para o lado do cerebro, de maneira que, se o afogado não está completamente morto pelo effeito da submersão, morre apoplectico.

Os mesmos erros não durão sempre; mas a experiencia prova que um é substituido por outro, como se estivesse na natureza do homem o afastar-se sempre da verdade para buscar chimeras. Assim, o tempo e os progressos das luzes acabárão com os anneis constellados, com os caracteres magicos, com a panacéa universal, com o pé do alce para a cura da gota coral, com a pedra de aguia para facilitar o parto, com as figas, com as benzeduras e com um grande numero de formulas absurdas que se achão nos antigos formularios. Mas todos estes meios justamente abandonados tem cedido seus lugares a outros que não são mais razoaveis; taes são os segredos de toda a especie contra as mordeduras

de cobras venenosas ou de animaes damnados, contra a gota, as escrophulas e outras molestias; tal é ainda a homeopathia, esta nova doutrina medica que pretende curar todas as molestias chronicas.

No curso desta obra temos já citado outros muitos erros populares relativos á medicina; poderiamos, não obstante, augmentar com outros muitos este capitulo; mas é preciso que nos limitemos. Talvez mesmo tenhamos dado já muita extensão a este artigo, não quanto ao numero das paginas, mas quanto ao effeito que produzirá. Um artigo de poucas linhas é sempre longo se é inutil, e tal é precisamente o nosso receio, porque o erro illude com tanta destreza os mais bem dirigidos ataques, que parece estar destinado a reinar ainda longo tempo sobre o nosso globo.

PREGO (CABEÇA DE). *Veja-se FRUNCHO, Vol. II, pag. 293.*

PREGO. (*Entrada do prego no pé ou em qualquer outra parte do corpo.*) Depois de tirar este corpo estranho, é preciso lavar a ferida com agua fria e applicar por cinco a seis horas pannos molhados n'agua fria. Depois disto, applicão-se na ferida cataplasmas de linhaça. Não é necessario escaldar a pequena picada como muitas pessoas costumão fazer, com azeite doce quente, nem applicar copaíba.

PRENHEZ ou GRAVIDEZ. Em geral, uma mulher só fica grávida no espaço da vida que decorre da primeira apparição dos menstros até á sua cessação natural. Ha entretanto exemplos de moças que ficarão grávidas antes de menstruadas, de mulheres que conceberão depois da cessação deste fluxo, e emfim de outras que forão mãis sem nunca terem tido menstros.

A época mais favoravel para a concepção é o tempo que segue immediatamente os menstros. Assim, algumas mulheres podem predizer, com uma sorte de certeza, a época do seu parto, fazendo datar sua prenhez do fim de sua ultima menstruação.

Signaes da prenhez. Alguns signaes, mas de um valor pouco seguro, fazem suspeitar o começo da gravidez. Logo que a mulher tem concebido, experimenta um sentimento vago de frio, uma especie de estremecimento universal não ordinario, ligeiros espasmos, e uma sensação de prazer que se prolonga algum tempo. A este estado succede logo a languidez, ás vezes uma invencivel modorra; a mulher cahe em ligeiro abatimento que de alguma fórma a de-leita. Os outros signaes são: um maior sentimento de voluptuosidade experimentado pelos dous sexos durante o coito, a retenção do semen que não é expulsado depois deste acto, uma sensação de dôr, como uma colica na região do embigo, um certo movimento vermicular no mesmo lugar. Alguns autores dão como phenomeno da concepção o augmento de volume de todo o corpo, e aconselham que se meça com uma fita o pescoço de uma recém-casada um dia antes e um dia depois do seu casamento. Muitas mulheres, alguns dias depois da concepção, são sujeitas a uma salivação mais ou menos abundante, a dôres de dentes; a maior parte são atormentadas por nauseas e vomitos ás vezes continuos, por dôres de estomago; algumas experimentão fastio, uma repugnancia aos alimentos succulentos e um desejo mui pronunciado de comer cousas não usadas como alimento; outras são incommodadas por uma sêde viva e por uma sensação de calor na garganta. Em algumas pessoas, a prenhez annuncia-se, pelo contrario, pela necessidade ou pelo desejo de ingerir no estomago uma grande quantidade de alimentos. Ha algumas mulheres que experimentão horror aos liquidos; outras que, depois da concepção, são sujeitas a palpitações mui grandes; outras que desmaião ao menor movimento; manifestão-se fluxos de sangue pelo nariz, escarros de sangue, tosse, difficuldade de respiração, soluços, bocejos. Em algumas mulheres, a frescura do rosto diminua, e apparecem olheiras.

As mulheres, depois da concepção, tornão-se ás

vezes tristes, caprichosas, inactivas, buscão o repouso, e aborrecem as occupações de que antes mais gostavão. O seu character muda, tomão aversão a certas pessoas que antes amavão, e até ás vezes não podem soffrer seus proprios maridos; queixão-se de vertigens, de vista escura, de zunido nos ouvidos. Em geral, a menor contrariedade as irrita; tornão-se ás vezes suspeitosas, ciosas, e até crueis.

Estes phenomenos durão mais ou menos tempo; de ordinario, acalmão-se e cessão no fim do terceiro mez. Chegadas a esta época, as mulheres, pela maior parte, não se queixão de incommodo algum, e este estado de tranquillidade persiste por certo tempo, até que novos accidentes venhão perturba-lo.

Um signal mais certo da concepção que os precedentes consiste na mudança que experimentão os peitos. Umaz vezes, desde os primeiros dias que seguem a impregnação, outras sómente um ou dous mezes depois, uma turgescencia, ao principio leve, se manifesta; os peitos ficão doloridos ou ao menos sensiveis; tornão-se mais volumosos e mais duros; o bico do peito toma uma côr mais escura e torna-se mais grosso e mais sahido; quasi sempre pôde-se tirar d'elle, espremendo-o, algumas gottas de um leite aguado; este leite corre tambem ás vezes espontaneamente em pequena quantidade e molha a camisa da mulher. Estas mudanças, finalmente, são tanto mais pronunciadas quanto mais a prenhez se aproxima do seu termo ordinario.

Emfim, um dos signaes mais certos da concepção é a suppressão dos menstrosos.

Os phenomenos que acabamos de expôr não se encontrão em todas as mulheres nem em todas as prenhezes, e, podendo mesmo ser occasionados por uma infinidade de causas differentes, devem ser considerados como mui equivocos e de nenhum modo proprios para caracterisarem a gravidez. Com effeito, ha mulheres que não experimentão incommodo algum, ignorão absolutamente que estão gravidas, e não principião a suspeitar o seu estado se-

não na época em que devião voltar os menstros. Quantas vezes se tem mallogrado as esperanças ou os sustos ocasionados por estes diversos signaes! As affecções nervosas, as suppressões do fluxo menstrual, tão ordinarias ao sexo feminino, dão frequentemente lugar a uma serie de incommodos semelhantes aos que se manifestão quando a mulher está gravida. A falta da evacuação menstrual não é um signal certo de prenhez, assim como sua presença nem sempre é uma prova negativa. A cessação dos menstros não deve ser um signal certo de prenhez, pois que existem affecções que suspendem esta evacuação; pelo contrario, muitas mulheres são menstruadas durante os primeiros mezes da prenhez.

Mas, bem que estes signaes sejam incertos, nem por isso devem ser desprezados; elles fazem nascer a presumpção. A suppressão dos menstros, quando tem lugar sem causa apreciavel em uma mulher que goza de boa saúde, e sem ser seguida de symptoma algum morboso, deve ser considerada como um signal quasi certo de prenhez.

Desde o fim do terceiro mez, o exame feito por um facultativo pôde remover todas as duvidas. O vulgo pensa que basta ao medico tomar o pulso e ver a lingua para reconhecer a prenhez; é um erro, pois que sómente apalpando o ventre, ou introduzindo o dedo para verificar o estado do collo uterino, pôde elle adquirir alguma certeza.

Do quarto ao quinto mez, o desenvolvimento do ventre e os movimentos da criança, que se tornão cada vez mais perceptíveis, constituem o melhor signal da prenhez. A época ordinaria de serem estes movimentos sensíveis é aos quatro mezes e meio. Não é raro, entretanto, verem-se mulheres que principião a sentir mexer-se a criança desde os tres mezes e meio. Citão-se até algumas que sentirão estes movimentos no fim do terceiro mez. Outras, pelo contrario, não experimentarão esta sensação senão no fim de cinco mezes, e até depois. Assegurão alguns autores haver mulheres que tem parido crianças

mui fortes, bem que estas não tenham feito sentir movimento algum durante todo o curso da prenhez. O Dr. Desormeaux diz ter assistido a uma senhora em quem os movimentos da criança principiãrão no termo ordinario, e continuãrão com um grão de força admiravel por espaço de quasi tres mezes. Cessãrão depois completamente por um mez. Esta senhora, entretanto, deu á luz uma criança que gozava de boa saúde. A causa destas variações parece que depende da maior ou menor vivacidade da criança, assim como da maior ou menor sensibilidade da mulher. O estado de saúde influe tambem sobre estes movimentos. Assim, quando a mulher experimenta dôres de cabeça, calor no rosto, pulso forte ou frequente, symptomas que annuncião uma grande abundancia de sangue, estes movimentos são obscuros, e até parão completamente. Neste caso, a sangria os reanima. Uma emoção viva torna-os tambem mui pronunciados.

Os movimentos da criança são ao principio mui brandos; tornão-se depois mais fortes, bem que com muitas irregularidades nesta progressão. A mão, applicada sobre a região da superficie ventral que corresponde ao utero, percebe a sensação de um corpo mais ou menos volumoso, que vem tocar e levanta ás vezes mui visivelmente as paredes ventraes e os vestidos. A criança não se mexe sempre, mas podem empregar-se diversos meios para excita-la a fazer movimentos. Esfria-se a mão quer mergulhando-a em agua, quer pondo-a sobre um corpo frio, e applica-se ao depois sobre o ventre. A impressão do frio assim occasionada, produz frequentemente o seu resultado. Póde-se ainda obter o mesmo fim batendo levemente na superficie do ventre com a mão. Quando o utero contém uma grande quantidade d'agua, póde-se por este meio distinguir facilmente a agitação do liquido e os movimentos da criança, que vem tocar a mão, e adquire-se assim um signal certo da gravidez.

Taes são os caracteres da prenhez; vamos agora

acrescentar algumas observações próprias para fazerem apreciar a época a que ella tem chegado. Se os phenomenos que a caracterisão se desenvolvessem de uma maneira constante e regular, a cousa seria facil; bastaria attender ao tempo da cessação dos menstros, e depois ao tempo em que os movimentos da criança principiãrão a ser perceptíveis; mas temos visto que não ha nada de fixo a este respeito. Estes são, entretanto, os dous pontos sobre os quaes se basêa o seu juizo. É mister nesta occasião observar que não se deve contar o principio da prenhez da época precisa em que os menstros deverião ter apparecido, mas sim busca-la quinze dias antes. Com effeito, tem-se observado em todos os tempos que a concepção tem lugar mais frequentemente nos dias que seguem o fim da época menstrual.

O desenvolvimento gradual e ordinariamente regular do utero ministra ainda signaes das épocas da prenhez. Nos tres primeiros mezes, o augmento de volume do utero não é bem perceptivel. Nos dous primeiros mezes, o ventre da mulher muda tão pouco, que até parece que se torna mais chato. No decurso do quarto mez, o utero se levanta e se faz sentir emcima do pente. No decorrer do quinto, o utero se aproxima cada vez mais do embigo, e todo o órgão levanta-se na cavidade abdominal, e ás vezes até com bastante promptidão para espantar a mulher e assusta-la por um augmento tão rapido do ventre, que parece em poucos dias dobrar de volume. Aos seis mezes, o apice do utero está ao nivel do embigo. Aos sete, occupa a parte inferior da região epigástrica (bocca do estomago). Aos oito, tem adquirido sua maior elevação. Pelo fim do nono mez, abaixa-se, e a razão disto é que, ficando a vagina mais larga na sua parte superior, pôde a cabeça da criança descer á cavidade do pelvis. Neste momento muitas mulheres sentem-se alliviadas, mais livres nos seus movimentos, porque com effeito o ventre está então muito menos distendido.

Este desenvolvimento enorme do utero não pôde

operar-se sem que os órgãos vizinhos sejam mais ou menos comprimidos e constringidos em suas funções. Demais, na primeira prenhez, a pelle do ventre e das coxas, sendo distendida e repuxada pela primeira vez, experimenta geralmente rasgões que deixão mais tarde vestígios indelevelis do estado de prenhez. Nos primeiros mezes, nos quaes o utero carregado do producto da concepção pesa sobre a bexiga e sobre o recto, as necessidades de urinar são frequentes e as evacuações alvinas são raras e difficeis. Em uma época mais adiantada, as digestões tornão-se mais lentas e mais difficeis; emfim, nos ultimos mezes, a respiração é difficullosa e o menor exercicio produz grande cansaço.

Emquanto ao desenvolvimento do producto da concepção, veja-se o artigo FETO, Vol. II, pag. 252.

O peso da criança a termo é de 6 libras pouco mais ou menos; é susceptivel de grandes variações desde 3, 4, até 11 ou 12 libras. O comprimento medido do vertice da cabeça até aos calcanhares varia desde 16 até 22 pollegadas, termo medio 18.

Nas outras idades da vida intra-uterina, a estatura parece susceptivel de variações muito maiores; mas a dissidencia dos observadores a este respeito procede provavelmente da difficuldade de se fixar o termo da prenhez na época do aborto e a época exacta da morte do feto. Na exposição seguinte apresentamos o termo medio das observações que offerecem entre si maior approximação.

As duas semanas, comprimento do tronco, linha e meia; ao primeiro mez, 6 linhas; aos dous mezes, 18 linhas; aos tres mezes, 3 pollegadas, contando do vertice da cabeça aos calcanhares; aos quatro, 5 pollegadas; aos cinco, 7 pollegadas; aos seis, 9 pollegadas e meia; aos sete, 1 pé; aos oito, 15 pollegadas; aos nove emfim, 18 pollegadas.

Termo da prenhez. O intervallo que separa o momento da concepção do do parto é ordinariamente de duzentos e setenta dias, pouco mais ou menos. Entretanto, de ha muito, diversos factos tem mostrado

que nem sempre é tão certo o tempo da prenhez, que o parto pôde ter lugar muito depois do nono mez, e muito antes, e que em summa existem nascimentos serodios e nascimentos temporãos.

Os *nascimentos serodios* forão objecto de discussões mui calorosas no seculo passado. Os sabios que os negarão fundavão-se na opiuião de Aristoteles, que disse que o tempo da gestação dos animaes é limitado a um espaço fixo. Mas esta asserção é falsa. Willer demonstrou que a sahida dos pintos de casca varia entre dezoito e vinte e cinco dias. Tessier, membro da Academia das Sciencias de Paris, provou que nas vaccas a differença entre a mais curta gestação e a mais longa era de oitenta e um dias, isto é, mais de uma quarta parte da duração media, que é de duzentos e oitenta dias. Nas eguas esta differença é de noventa e sete dias, tambem mais de uma quarta parte da duração media, que é de trezentos e cincoenta e tres dias. Nas burras, ovelhas e outras femeas de animaes, achou igualmente o mesmo sabio grandes irregularidades no termo da gestação.

Assim, longe de ser fixo, o termo da gestação dos animaes é pelo contrario mui variavel. *Veja-se* o artigo GESTAÇÃO, Vol. II, pag. 320.

Ora, como os costumes e a constituição da mulher a tornão muito mais apprehensivel do que qualquer irracional, é muito de presumir que deve estar tambem sujeita ás mesmas irregularidades. Mas eis-aquí uma prova directa, referida pelo Dr. Désormeaux :

Uma senhora, que havia tido tres filhos, cahio em alienação mental. O seu medico, tendo exaurido todos os recursos da arte, pensou que uma nova prenhez restabeleceria as faculdades intellectuaes. O marido assentou em um registo o dia de cada união sexual, que era só uma vez por tres mezes, afim de não destruir a concepção ainda imperfeita. Ora, esta senhora, vigiada por suas criadas, dotada além disto de principios de religião e de moral extremamente severos, não pario senão depois de nove mezes e meio.

Ventilada novamente em Londres, em 1826, perante a camara dos Lords, em uma causa celebre, foi esta questão resolvida de uma maneira affirmativa; sómente nos limites que se devem admittir não concordarão os medicos.

Mas, ácerca destes limites, convém saber que, de quatrocentas e cinco observações colhidas na Maternidade de Paris, já havia Mauriceau deduzido que o termo da prenhez varia entre seis a onze mezes e oito dias.

Deve-se, por conseguinte, concluir que os nascimentos tardios são inquestionaveis.

Os *nascimentos temporãos* são tambem admittidos. Entendemos por nascimento *temporão* o que tem lugar naturalmente, segundo a marcha dos nascimentos ordinarios, longo tempo antes de duzentos e setenta dias, e no qual se apresenta uma criança dotada de todos os caracteres de maturidade e podendo conservar a vida.

Se os fructos amadurecem mais cedo em certos annos do que em outros; se a apparição das flôres, se a vegetação inteira póde ser adiantada; se em differentes classes de animaes observão-se variedades analogas, porque não será a duração da gestação susceptivel igualmente de ser abreviada na especie humana? Não ha cousa razoavel que se possa objectar contra a possibilidade dos nascimentos temporãos.

Ninguem ignora que um feto está ás vezes mais desenvolvido, mais forte aos seis mezes do que outro que tem sete ou mais; que uma criança a termo é ás vezes menos volumosa do que outra no seu setimo ou oitavo mez, e que a este respeito o desenvolvimento da criança offerece variedades quasi infinitas; por conseguinte, não poderia a razão desconhecer a possibilidade dos nascimentos temporãos, ainda quando não viesse um grande numero de factos pôr a sua existencia fóra de duvida.

Molestias que podem acompanhar a prenhez. A prenhez não é uma molestia; de ordinario, corre os seus pe-

riodos sem perturbação, ou ao menos não determina na organização da mulher senão leves mudanças que não alterão sensivelmente a saúde; mas ás vezes as mulheres gravidas são expostas a incommodos cuja intensidade pôde ser bastante grande.

A indisposição mais frequente é, sem contra-dicção, a *plethora* (repleção ou superabundancia de sangue). Dôr de cabeça, disposição para o somno, calor no rosto, respiração difficil, abatimento, ourinas vermelhas, pulso forte e frequente, taes são os signaes *communis* deste estado. Os movimentos da criança no ventre materno tornão-se fracos, e ás vezes se suspendem inteiramente. A mulher sente picadas em diversas partes do corpo, apparecem manchas pela pelle; existe sêde, perda de appetite, vertigens, dôres no ventre, palpitações do coração.

A sangria convém particularmente neste estado. Bem que muitas vezes necessaria para a mãe e para a criança, esta operação não deve comtudo ser empregada de uma maneira geral e em todas as pre-nhezés, como foi moda durante certo tempo. É inutil a muitas mulheres gravidas, e seria nociva ás que são fracas; e por isso não se deve recorrer a ella senão quando os *symptomas* tem muita duração ou intensidade, ou quando ameação determinar hemorrhagia uterina. Exceptuando estes casos, a dieta, as bebidas refrigerantes, taes como a limonada, a laranja, o regimen composto de vegetaes e o repouso, serão sufficientes.

Varizes. As mulheres gravidas são frequentemente affectadas de varizes que não sómente occupão as pernas, mas que estendem-se ás vezes até á região superior das coxas e até ás partes da geração. De ordinario, é só um lado affectado, ou pelo menos mais do que o outro. Estas varizes cessão depois do parto, mas persistem quando se renovão em muitas pre-nhezés successivas. O repouso por longo tempo, e tão frequente quanto fôr possível, em uma situação horizontal, compressão uniforme por meio de uma atadura applicada circularmente ou de meias de

brim, são os unicos meios que a arte pôde oppôr a este incommodo, que é mais desagradavel á vista do que perigoso.

Inchação. A difficuldade que experimenta em certa época da prenhez, a circulação do sangue e da lymphá nos vasos que reconduzem estes fluidos das partes inferiores, deve ser considerada como a causa da infiltração que occupa os membros inferiores. Mas como esta difficuldade é quasi a mesma em quasi todas as mulheres, e entretanto só um pequeno numero dellas é affectado da inchação, é preciso admittir o concurso de alguma outra causa, tal como a constituição particular da mulher, a conformação da bacia que facilita os effeitos da compressão exercida pelo utero sobre os vasos sanguineos e lymphaticos. Esta inchação é levada ás vezes a um gráo extremo, estende-se até á parte inferior do ventre, dá aos membros inferiores um volume monstruoso. Raras vezes affecta todo o corpo. Quando é pouco desenvolvida, desapparece durante o repouso da noite; quando mais volumosa, apenas diminue então. Depois do parto, deixa espontaneamente de existir. Quando a inchação chega a um ponto tal que impede a livre execução dos movimentos ou difficulta a respiração, torna-se indispensavel o soccorro da medicina. A sangria é o melhor meio a pôr em uso; é sobretudo indicada quando existem vertigens e dôres de cabeça. Brandos purgantes convém tambem. Estes meios devem ser ajudados pelo repouso em posição horizontal. Entretanto se houver ameaço de suffocação, será melhor, pelo contrario, que a mulher fique mais tempo sentada do que deitada. Póde-se diminuir esta inchação, mas não se deve esperar o seu desapparecimento completo antes do parto.

Salivação, nauseas, vomitos. Temos visto que estes tres symptomas, que são tres grãos progressivos da mesma affecção, são phenomenos mui ordinarios da prenhez. Ás vezes tornão-se mui incommodos e constituem uma verdadeira molestia. Cessão, de ordinario, depois do terceiro ou quarto mez da pre-

nhez. Em alguns casos, os vomitos cessão nesta época; mas tornão a apparecer nos ultimos mezes, o que se attribue então á pressão que o utero, elevando-se, exerce sobre o estomago. Ordinariamente os vomitos tem lugar de manhã, e então as doentes lanção só um fluido viscoso. Outras vezes, apparecem indifferente-mente a qualquer hora do dia, e sobretudo depois da comida. Em muitas occasiões, os alimentos são expellidos; ha mulheres que lanção toda a especie de substancias liquidas ou solidas ingeridas no estomago, e conservão apenas de longe em longe algumas colheres d'agua com assucar, de caldo ou de café. Às vezes os alimentos ficão no estomago, e as doentes só lanção mucosidades transparentes; outras vezes, os alimentos acalmão e fazem cessar os vomitos.

A salivação é muito incommoda ás mulheres. O vomito lhes é extremamente penoso, mas é mui raro que tenha consequencias perigosas, apezar da grande fraqueza que ás vezes produz. Autores ha que citão exemplos de vomitos acompanhados de dôres atrozes no estomago e de espasmos geraes violentos, que não obstárão a que a prenhez chegasse felizmente ao seu termo.

Algumas bebidas um pouco aromaticas, taes como as infu-ões de folhas de lorangeira, de herva cidreira, de hortelã, de chá da India, de macella gallega, de cannella, etc., ás vezes magnesia calcinada na dóse de 10 a 15 grãos duas a tres vezes por dia, 6 grãos de rhuibarbo em pó, 1 grão de opio, ou 10 a 20 gottas de laudano em algumas colheres d'agua, eis os medicamentos que se devem empregar nestas prenhezos um pouco penosas. Se os incommodos são mais rebeldes, administra-se o opio na dóse de dous, tres e mais grãos; ether sulfurico na dóse de 10 a 20 gottas com uma pouca d'agua e assucar; a agua de Seltz pôde ser tambem empregada com vantagem. A applicação sobre a bocca do estomago de uma cataplasma de farinha de linhaça borrifada com laudano tem produzido tambem bons effeitos.

É necessario dizer aqui algumas palavras ácerca

desses *appetites extravagantes*, desses *gostos exquisitos*, a que algumas mulheres grávidas são sujeitas. No entender do vulgo, é preciso fazer tudo para satisfação desses *antojos*, sob pena de ver a criança nascer com signaes. A experiencia prova todos os dias a falsidade desta consequencia. Regra geral : devemos satisfazer os desejos de uma mulher grávida todas as vezes que estes desejos não tiverem nada de immoral ou de nocivo. Um appetite voraz será refreado, engadado por comidas mais frequentes, por alimentos pouco temperados ; o fastio será combatido por bebidas um pouco estimulantes, por alimentos sapidos. Mas o carvão, a cal, o vinagre puro, os licôres fortes, para as mulheres que não estão a elles acostumadas, serão recusados ou dados em mui pequena dóse. Não se lhes pôde contentar os desejos extravagantes que por ventura tenham, sem expô-las a funestos inconvenientes para a saúde.

A *prisão do ventre* é mui usual nas mulheres grávidas, sobretudo no fim da prenhez. Quando é mui prolongada, entretém o fastio, torna difficil a digestão, occasiona a agitação e a insomnia. A pressão habitual das materias fecaes irrita a extremidade do intestino, impede a circulação do sangue e desenvolve as hemorrhoidas. É preciso combater a prisão do ventre por todos os meios, menos pelos purgantes drasticos (aloes, gomme-gutta, jalapa, coloquintidas, escamonéa, purgante de Leroy, ou pilulas chamadas vegetaes americanas), que só offerecem um soccorro momentaneo, e cujo uso pôde produzir graves accidentes. Os clysteres com decocção de linhaça, com agua morna e duas onças de azeite doce ou de oleo de ricino ; ás vezes um brando laxante, tal como manná, cremor de tartaro, decocção de polpa de tamarindos, magnesia calcinada, eis os meios que não são perigosos e que preenchem perfeita-mente a indicação.

Os outros accidentes que podem sobrevir durante a prenhez vão descriptos nos artigos ABORTO, CONVULSÕES, HEMORRHAGIA, PARTO.

Regras que devem observar as mulheres gravidas.

Quando uma mulher grávida goza de boa saúde, o melhor é não mudar em nada a sua maneira ordinaria de viver, abstenho-se sómente de sahir, ainda levemente, dos limites da moderação e da prudencia. Assim, evitar os excessos de toda a natureza, abster-se das vigílias e das emoções vivas, é o que convém. Em summa, não se deve usar de cautela ou medicação alguma intempestiva. Um espartilho póde ser útil ás mulheres grávidas que tem as paredes ventraes mui molles, mas convém que só sustente o ventre e os seios sem comprimi-los. O exercicio, proporcionado ás forças e á agilidade da mulher, entretem a sua saúde e facilita o parto. O mais conveniente de todos é o passeio a pé, mas nunca levado até á fadiga. A carreira e a dança não causão grandes inconvenientes, havendo a mesma precaução, e não se dando o louco amor-proprio de querer mostrar uma agilidade ridicula quando a prenhez está um pouco adiantada. Um carro commodo não tem inconvenientes em época alguma; os balanços, em um caminho máo, de uma sege mal suspensa e os exercicios da equitação são perigosos a todas, principalmente nos primeiros mezes e se existe predisposição para o aborto. O repouso absoluto sobre um sofá é ás vezes indispensavel ás mulheres que já tiverão abortos. Enfim, as relações conjugaes, que é necessario evitar tambem cuidadosamente nesta ultima circumstancia, não tem os mesmos inconvenientes em qualquer outra, comtanto que o seu uso seja moderado. Os banhos mornos são uteis como meio de asseio. Ao maior numero das mulheres o seu uso é indifferente; o seu abuso é nocivo ás que são fracas e predispostas ás hemorragias uterinas; pelo contrario, as mulheres que tem carnes duras, as grávidas pela primeira vez, podem usar de banhos mornos assiduamente, e sobretudo nos dous ultimos mezes da prenhez. Quanto aos banhos frios, a mulher que está a elles acostumada póde continuar, mas com algumas cautelas; assim, quando os tomar no mar,

não deve expôr o ventre ás ondas, para que o choque não produza algum accidente.

A exaltação da sensibilidade, que tem lugar nas mulheres gravidas, faz-lhes as percepções mais vivas, as paixões mais energicas e seus effeitos mais temiveis. Não são raros os casos de molestias graves, de convulões, de hemorragias, de abortos produzidos pela vista de um objecto medouho, por um susto ás vezes bem pequeno, um accesso de colera, um movimento de alegria ou uma dôr um pouco viva. A mulher gravida merece, por conseguinte, toda a attenção da parte das pessoas que a rodeião.

PRESAS. *Vêja-se* DENTES, Vol. II, pag. 11.

PRESBYOPIA. Disposição viciosa da vista, commum nos velhos, que consiste em tornar confusos os objectos pouco afastados, entretanto que elles são vistos distinctamente em maior distancia. É o contrario da *myopia*. Os individuos que se achão neste estado chamão-se *présbytas*.

A impossibilidade de distinguir os objectos de perto procede ás vezes, nas pessoas moças, do máo costume de olharem para as cousas de longe. Mas a causa mais commum desta affecção é, sem contradicção, a diminuição dos humores do olho, do que resulta o achatamento deste orgão, e que é occasionada pelos progressos da idade.

Os *présbytas* tem ordinariamente na postura alguma cousa que os faz reconhecer mui facilmente; voltão a cabeça para trás, entretanto que os *myopes* a inclinão para diante. Concebe-se que esta accção de dirigir a cabeça para trás provém da necessidade de deixar uma distancia sufficiente entre os olhos e os objectos, afim de que estes sejam distinctamente vistos. Com tudo isso, esta distancia varia conforme os grãos da affecção; alguns *présbytas* vêm mui bem a um pé de distancia, entretanto que outros não vêm senão a tres pés, e até mais. Não vêm senão a uma luz mui clara, e não podem ler senão letra grande; a pequena, mesmo distante, não é as mais das vezes distinguivel para elles.

A medicina não possui meio algum de curar a presbyopia, mas a physica pôde remediar seus inconvenientes. É preciso, como na myopia, recorrer a oculos, com a differença de serem convexos em vez de concavos, para que possam preencher o officio dos humores do olho. No emprego dos oculos não se deve passar mui rapidamente de um numero menor a um numero maior, porque então mui breve se não acharião oculos bastantemente convexos.

PRIAPISMO. Ereção involuntaria, excessiva, perseverante, dolorosa, muitas vezes acompanhada de calor geral, de agitação, de frequencia do pulso, mas sem desejos venereos pronunciados.

Os homens adultos, vigorosos, irritaveis, são mais do que os individuos mui moços ou idosos, fracos e apathicos, dispostos ao priapismo. Este estado é mais frequente nas regiões em que a temperatura é elevada do que nos paizes frios. As empigens e outras affecções cutaneas, especialmente quando atacam as partes genitae, dispoem ao priapismo. A leitura de livrosoticos, as sociedades de mulheres que excitão fortemente os sentidos sem satisfazê-los, uma imaginação ardente e occupada de idéas lascivas, os sonhos durante os quaes se reproduzem imagens do mesmo genero, taes são as causas mais frequentes desta excitação genital. Pôde acompanhar o esquentamento ou depender da inflammação da bexiga.

Mas, entre estas causas, a que mais ordinariamente se encontra consiste na ingestão das cantharidas. Introduzidas nas bebidas ou em pastilhas, as preparações destes insectos gozão de uma reputação tão universal, que é a seu uso que se referem a maior parte das observações do priapismo consignadas nos autores. É quasi sempre para dissipar os medos exaggerados de impotencia que se tem recorrido a este meio perigoso. Tal é o caso desse negociante sexagenario de que falla Ab Heers, e que já havemos citado no artigo APHRODISIACOS, o qual, para dar prova de vigor a uma mulher, engulio cantha-

ridas; pouco tempo depois experimentou uma comichão dolorosa no membro, um delirio erotico, emfim, ourinas sanguineas, e não escapou á morte senão em virtude de um tratamento energico.

A invasão do priapismo tem lugar, no maior numero dos casos, de uma maneira graduada, durante a noite, e se annuncia ao principio por uma erecção dolorosa, que o despertar, a sahida da cama ou alguns lavatorios frios, não tardão em fazer cessar. Algum tempo depois, esta erecção torna-se mais duravel, mais insupportavel, mais difficil de ser vencida. Quando é provocada pelo uso das cantharidas, principia ordinariamente com violencia, e adquire em poucas horas o mais alto gráo de intensidade. O doente tem uma agitação violenta, a cabeça dolorosa, o pulso accelerado, a pelle quente, a bocca secca, sêde extrema. Experimenta frequentes desejos de urinar, mas não pôde satisfazê-los senão com difficuldade; o liquido, durante os maiores esforços, é expulsado gotta a gotta, vermelho, espesso, turvo, ás vezes sanguineo. Em alguns casos, a retenção das ourinas é completa, ou só sahe um sangue vermelho e puro do canal da uretra. A excitação genital pôde produzir a inflammação aguda das partes affectadas, a gangrena do membro viril, e até a morte do individuo.

Combate-se o priapismo com um regimen lacteo e exclusivamente vegetal, com as bebidas acidas, frias, com o soro de leite, a orchata, com os banhos mornos e prolongados e clysteres emollientes. Uma sangria do braço é as vezes necessaria, ou ao menos uma applicação de bichas no anus. Convém insistir muito sobre as bebidas e toma-las em grandes doses. No priapismo que é resultado de esquentamento, 4 a 6 grãos de alcanfor administrados em clyster produzem allivio.

PRISÃO OU DUREZA DO VENTRE. A funcção da defecação apresenta, conforme os individuos, variedades mui notaveis e mais ou menos compatíveis com uma boa saúde. As pessoas adultas mais bem

regradas vão naturalmente á banca uma vez por dia, e de preferencia de manhã; outras demorão-se dous, tres, quatro, oito dias e mais. Entretanto, quando a dureza do ventre tem chegado a este ultimo termo, deve ser considerada como uma indisposição habitual, cujo progresso póde ser indicio ou tornar-se causa de serias molestias.

Geralmente fallando, o costume de reprimir as evacuações alvinas é vicioso e sujeito a muitos inconvenientes. O melhor é satisfazer-se esta necessidade de dous em dous dias, senão quotidianamente.

A dureza do ventre, quando se prolonga, produz um sentimento de infartação e de peso no ventre, arrotos fetidos, vertigens, dôres de cabeça, insomnia; colicas surdas apparecem de longe em longe; o appetite diminue, a sêde torna-se mais ardente, sobe grande calor ao rosto, a intelligencia é menos facil e muitas vezes o character irascivel. Voltaire, que variava muito suas observações, disse mui jocosamente: « Quando tiverdes uma graça que pedir, informai-vos se Sua Excellencia foi á banca. » Quando a dureza do ventre é habitual, dá lugar a outros effeitos, e principalmente occasiona hemorrhoidas, hemorrhagias uterinas, flôres brancas, catarrho da bexiga e ourinas sanguineas.

As causas da dureza do ventre são mui variadas. Assim, a vida sedentaria, as occupações intellectuaes, os pezares, a colera, o terror e outras affecções moraes, a idade madura e a velhice, um regimen mui excitante ou mui exiguo, os vinhos generosos, os medicamentos narcoticos, e principalmente o opio, as substancias adstringentes, como, por exemplo, o vinagre, o decoro social que obriga a resistir por longo tempo á necessidade de obrar, produzem ou augmentão a dureza do ventre. É mui commum nas molestias nervosas, taes como a alienação mental, a melancolia, a hypocondria, o hysterismo, etc., e igualmente na prenhez.

A primeira idéa que se apresenta naturalmente

para combater a dureza do ventre é tomar um purgante. Entretanto, além de que este meio não produz sempre o seu effeito, a enfermidade torna a apparecer logo depois, a não continuar o remedio. Neste ultimo caso, acontece com o tempo que os purgantes não obrão senão com pouca energia. Deve-se, por conseguinte, recorrer a outros meios para com segurança se combater a dureza do ventre.

Temos assignalado as causas principaes deste incommodo: removê-las, quando se puder, é, por conseguinte, a primeira necessidade. A uma vida mui sedentaria, ás applicações mui fortes do espirito, ás paixões, ao regimen estimulante, substitue-se o exercicio, as distracções, a moderação dos sentimentos, alimentos brandos, leves, humidos, laxantes, as verduras, as fructas doces, as ameixas passadas, o leite, as carnes brancas ou as de animaes novos, os caldos de frango, de vitella e de hervas. Usar-se-ha moderadamente do vinho, café puro, bebidas alcoolicas, largamente pelo contrario das bebidas aquosas, levemente aciduladas. Os banhos frios produzem tambem bom resultado. Além disto, estas regras não são absolutas; a diversidade dos temperamentos e dos costumes podem causar notaveis modificações: assim, por exemplo, não é raro ver-se alimentos succulentos, temperados, e bebidas estimulantes corrigirem perfeitamente a dureza do ventre em individuos molles e lymphaticos; a cerveja, o café com leite, a acção de fumar, produzem em outras pessoas um effeito poderoso.

Antes que a simples modificação do regimen provoque a lubricidade do ventre, o que acontece quasi sempre nas durezas recentes, mais raramente porém quando são antigas, é bom que se tome um clyster todas as manhãs ou de dous em dous dias. Principiar-se-ha com agua morna, ou, melhor ainda, durante a estação dos calores, com agua fria. E' desagradavel sem duvida o contrahir-se assim um habito incommodo; mas deve-se advertir que a cura póde ser obtida por este uso temporario, e que com

a dureza do ventre a saúde não anda perfeita, e é preciso que se lance mão de remedios. As vezes os clysteres simples não bastão; é necessario fazê-los laxantes, accrescentando-lhes mel de abelha, assucar mascavo, azeite doce, oleo de amendoas doces, de ricino, etc., ou tomar uma poção laxante feita com manná, polpa de cannafistula, de tamarindos. Nos casos mais rebeldes, convém usar das pilulas seguintes :

Aloes 24 grãos.

Gomma gutta 24 grãos.

Faça 12 pilulas. Toma-se de uma a tres pilulas por dia. Emfim, a assistencia de um medico é indispensavel quando a dureza do ventre depende de alguma molestia do intestino, ou quando as materias accumuladas e endurecidas só podem ser extrahidas por meios mecanicos.

PROFISSÕES. Designa-se por este nome o genero de occupação a que se entregão os individuos que compoem a sociedade. O exame das profissões pertence á medicina, por causa da sua influencia sobre a saúde dos homens que as exercem.

Influencia physica das profissões. As occupações habituaes influem de uma maneira evidente sobre o physico do homem. Assim, as profissões que exigem um exercicio muscular quasi geral desenvolvem todo o individuo e lhe dão proporções athleticas. Vemos os pretos de ganho, os agricultores, e nos antigos os atletas, tornarem-se grandes, vigorosos, fortemente membrudos; terem o peito quadrado, espadoas largas, e todo o edificio corporal participar do desenvolvimento dos musculos.

Se as profissões são exercidas só por uma região do corpo, é esta região que mais se desenvolve. Os braços do padeiro, do marceneiro, do serralleiro, etc., tomão maior augmento do que as outras partes; as pernas do dansarino, do tecelão, etc., crescem igualmente de uma maneira mais sensivel; as costas dos homens que carregão pesos adquirem maior amplitude; em uma palavra, toda a parte do

corpo que mais exercicio tem maior força alcança, o que faz, em algumas occasiões, preferir-se mais uma a outra profissão, conforme a organização da parte exercida, e até obriga, em alguns estados de molestia, a applicar-se a tal ou tal occupação, para produzir o crescimento de uma parte imperfeitamente desenvolvida.

Mas as profissões não exercem sempre uma influencia salutar sobre o homem: se d'entre ellas muitas tem esta vantagem, um grande numero tambem são nocivas por algumas circumstancias ligadas á sua pratica. Primeiro que tudo, o abuso das mais salubres póde ás vezes ter inconvenientes graves. Quantas molestias se não vê nascerem do excesso do trabalho; homens levados por uma inclinação invencivel ao estudo perdem nelle pouco a pouco a saúde; outros, forçados pelas necessidades da vida a uma occupação penosa, dia e noite, contrahem fadigas e molestias de toda a especie.

Mas, se penetrarmos nos detalhes das profissões, veremos que são susceptiveis de serem nocivas por certas condições, além do excesso e do abuso do trabalho.

1.º Umã prejudicão pelo grão de força que exigem; assim, os obreiros que transportão grandes pesos são sujitos ás quebraduras, feridas, torceduras, fracturas, etc.

2.º Ha profissões que são prejudiciaes por causa de certos accidentes que são inseparaveis dellas. Assim, os fabricantes de polvora, os fogueteiros, estão sujeitos a detonações que os mutilão, quando os não matão. As profissões em que se empregão instrumentos mecanicos apresentam desastres numerosos, como dedos ou membros arrancados. Todos os obreiros que fazem uso de instrumentos cortantes estão expostos a cortarem-se os dedos.

3.º As substancias empregadas nas diversas profissões não são unia das menores causas do mal que fazem aos que as exercem; a maior parte dos metaes, á excepção do ouro, platina, prata e ferro, que

prejudicção ainda pelas ligas que podem-se achar nelles, são deleterios para o obreiro que os manipula, desde o mineiro que os extrahê do seio da terra até ao que lhes dá a ultima mão. A extracção e a preparação das outras substancias mineraes, salinas, terrosas, etc., não são menos susceptiveis de prejudicarem a saúde, assim como os gazes que se desenvolvem dellas, dos quaes muitos são mortiferos.

4.º As profissões podem tornar-se origens de molestias pelo lugar em que são exercidas. Todas as que se praticão nos subterraneos, nos lugares escavados, profundos, são as mais nocivas, já pelos gazes deleterios que se achão nelles, já pelos desabamentos que podem acontecer. Todas as que se fazem á flôr da terra são insalubres, se se praticão em lugares frios, humidos, e sobretudo se nelles o ar não é frequentemente renovado. As profissões ao ar livre ou em lugares abertos são as mais salubres.

5.º A reunião de um grande numero de individuos, necessaria em algumas profissões, torna-se para os obreiros uma causa de molestias; os miasmas que sahem de tantos corpos reunidos, o fedor que resulta do desalinho da maior parte delles, a estreiteza do local relativamente ao numero dos trabalhadores, todas estas causas não podem deixar de viciar o ar e de torna-lo nocivo para os que o respirão.

Influencia das profissões sobre o moral. Quanto mais debaixo da dependencia do espirito estão as profissões, tanto maior influencia exercem sobre o moral. As meditações do philosopho, as nobres concepções do orador, os pensamentos do artista, o estro do poeta, são verdadeiros trabalhos, nos quaes a mais sublime parte do homem está immersa em fadiga profunda. A continuidade do exercicio cerebral faz desenvolver idéas novas, produz concepções felizes, faz nascer producções de que o homem não era susceptivel no principio. Entretanto, os trabalhos excessivos do espirito, concentrando no cerebro todas as forças, são nocivas aos outros orgãos.

Póde-se, por consequente, concluir que ha, por

assim dizer, uma proporção inversa entre o desenvolvimento do corpo e o do espirito; um prejudica ao outro, e toda a profissão que exigir o trabalho exclusivo de um dos dous será necessariamente seguida da degradação do outro. Seria para desejar que se encontrassem occupações mixtas que reunissem felizmente o trabalho destas duas partes do homem, de maneira que cada uma não tomasse senão um grão conveniente de exercicio e não fosse nociva á outra, o que só tem lugar em algumas mui raras condições da vida.

Um dos effeitos mais evidentes da influencia moral das profissões é o socego que espargem sobre as diversas classes da sociedade; a occupação, desviando os individuos do vago do pensamento e do ocio, produz uma especie de felicidade não conhecida aos que não trabalham. O obreiro, principiando diariamente os seus trabalhos usuaes, vê correrem as horas sem inquietação e sem cuidado: semelhante a uma machina montada, executa a cada gyro do sol, ao mesmo tempo e da mesma maneira, as mesmas acções, que continuará até ser chamado a dormir um somno eterno.

Depois destas considerações geraes, examinemos as *profissões em particular*.

Profissões que exercem principalmente o espirito. A esta classe pertencem os litteratos, os poetas, os administradores, os estadistas, os theologos, os mathematicos, os professores, os medicos, os pintores, os musicos, os actores, emfim todas as pessoas que se occupão do estudo das sciencias ou das letras.

A multidão que vive do trabalho corporal julga que o estudo não cansa; é um erro: o pensar é, como já dissemos, um verdadeiro trabalho que não fadiga menos que o do agricultor ou do obreiro, e não tem as vantagens que possuem estes ultimos. O trabalho do corpo dá saúde, força, alegria, um somno brando, um bom appetite, entretanto que os effeitos da vida estudiosa e sedentaria levada ao excesso são molestias que envenenão e abrevião a vida, tirão o

somno, fazem perder o appetite e trazem o homem em uma anxiedade continua. A digestão é uma das funcções mais perturbadas pelas meditações do espirito. «Um máo estomago, dizia Amatos Lusitano, acompanha os litteratos como a sombra segue o corpo.» Mas de todas as desordens dos órgãos digestivos, a mais ordinaria é a prisão do ventre, e em todo o tempo que ella dura as idéas não tem a mesma lucidez, o trabalho é antes summamente difficil. Escutemos Lord Byron: «Posso beber facilmente vinho, mas elle não me alegra; torna-me feroz, suspeito e até altercador. O laudano tem um effeito semelhante, e não posso toma-lo em certa quantidade sem arreponder-me. O que mais me anima, que parece um absurdo, sendo todavia uma verdade, é uma dóse de saes purgantes, bem entendido quando produz o seu effeito. Infelizmente não se póde tomar isto como vinho de Champanha!» Seneca pretendia que do ventre bem regrado dependia a liberdade do homem. Napoleão confessa que sua prisão habitual do ventre era o tormento de sua vida. O mesmo aconteceu com o actor Talma, que afinal pereceu victima deste incommodo.

O systema nervoso é vivamente affectado pelos trabalhos do espirito. A desconfiança, o medo, a tristeza, o descorçoamento, rodeião o homem votado ao estudo; a hypochondria, a melancolia, são muitas vezes a consequencia das applicações forçadas de espirito. Poderião citar-se muitos exemplos de molestias nervosas entre os primeiros jurisconsultos, esculptores, pintores, professores de musica, etc. O celebre Kotzebue deixou descripto elle mesmo uma parte de seus soffrimentos nervosos. Grétry e Bernardin de Saint-Pierre fallarão igualmente de seus nervos nas obras que nos legarão. Aristoteles assegura que todos os grandes homens do seu tempo erão melancolicos ou hypochondriacos. O famoso Spinello, depois de pintar a quéda dos anjos, julgava constantemente ver Lucifer exprobrar-lhe a figura disforme, debaixo da qual seu pincel o havia repre-

sentado. Pascal, cuja alma era tão forte e tão elevada, pensava estar sempre á borda de um precipicio. Gaspar Barleos aconselhava ao seu amigo Huyghens que abandonasse as letras e os versos se queria conservar a saúde, e elle mesmo, esfaldado por estudos excessivos, fugia do fogo para não derreter o seu corpo, que suppunha ser de manteiga; precipitou-se emfim em um poço para subtrahir-se a seus terrores continuos. Jurieu, atormentado de colicas, attribuia-as aos combates que se davão sem cessar sete cavalleiros que tinha fechados no ventre.

Muitos litteratos, se não apresentam caracteres de molestias nervosas, ficão excessivamente sensiveis. Para estas almas irritaveis, os accidentes da vida commum são insupportaveis tormentos. Taes forão Alfieri, Rousseau, Mozart, Byron. Qual será a vida do litterato, se a esta causa de dôr se juntar a indifferença ou a inveja de seus contemporaneos? Christovão Colombo, Galileo, Copernico, Bacon, Vico, e outros muitos, forão celebres victimas do esquecimento ou do odio. A susceptibilidade dos litteratos para a critica tornou-se proverbial, e uma mulher illustre chamou a gloria o luto brilhante da felicidade.

A insomnia ou o somno inquieto, a agitação, um sentimento de peso na cabeça, succedem igualmente ás applicações forçadas do espirito. Pedras se formão na bexiga. Sydenham, Leibnitz, Barthez, pagarão este doloroso tributo ao amor das letras. Ás vezes catarrhos da bexiga, incontinencias, são o resultado das retenções da urina, ás quaes estão expostos os litteratos quando por distracção, preguiça ou decencia, combatem uma necessidade imperiosa, quer no gabinete, quer nos templos ou na tribuna.

Os litteratos estão habitualmente sentados e curvados: esta posição embaraça a circulação nas visceras do baixo-ventre e predispõe ás hemorrhoidas. As vigílias são causa ainda mais activa das molestias quando não dão ao somno o tempo necessario para reparar as forças. As leituras prolongadas á vacil-

lante luz das velas fatigão a vista e expoem-na a perder-se ou a enfraquecer-se.

Deve-se tambem contar entre as causas das molestias dos litteratos a renunciação á sociedade. Muitos a renunciação para se entregarem com maior liberdade a seus estudos; bem de pressa o gosto fortifica esta determinação, e insensivelmente são conduzidos a essa misanthropia, a esse espirito melancolico, a esse aborrecimento de tudo, que se pôde considerar como o maior de todos os males.

Na classe numerosa dos sabios, dos litteratos, dos artistas, encontrão-se homens aos quaes uma feliz necessidade obriga a entregarem-se a exercicios do corpo e a abandonarem-se a distracções salutaes. Os curas, e sobretudo os medicos, gozão desta vantagem e achão-na nas visitas que necessita o cuidado dos doentes. Outras profissões, e sobretudo as dos empregados publicos, exigem ás vezes viagens que modificão de uma maneira proveitosa a influencia de uma vida sedentaria e occupada.

Indiquemos agora as regras proprias para se prevenir os inconvenientes de que temos fallado.

Todas as molestias dos litteratos procedem da grande excitação do cerebro, donde vem o preceito mui natural de diminuir o trabalho. Os homens de gabinete deverião impôr-se a lei de consagrarem todos os dias uma ou duas horas, pelo menos, ao exercicio. Mas seria fazer ainda pouco se, mesmo durante estes momentos de exercicio, o espirito se não achasse inteiramente livre. Este costume, que é favoravel ás grandes descobertas, cujo segredo, como diz Newton, está em pensar nellas sempre, é um dos mais funestos para a saúde. O passcio a pé tem preciosas vantagens; quão preferivel não é porém o exercicio a cavallo! Galeno, enfermo até á idade de trinta e tantos annos, nos refere elle mesmo que devcu ao exercicio o restabelecimento de sua saúde. Socrates corria com seus filhos fazendo cavallo de um bastão. Mallebranche procurava os divertimentos das crianças; queria recreações que

não deixassem vestigio algum na sua alma. Os exercicios que poem em acção todo o corpo devem ser preferidos: taes são o bilhar, o nadar, o jogo da bola, etc. Estes jogos, com effeito, são mais proveitosos para a saúde do que os de cartas, usados nos salões. Estes tem todos os inconvenientes da vida sedentaria, e não podem substituir o movimento e o exercicio. Na falta das distracções de que fallamos, não ha cousa mais efficaz do que a conversação entretida com alguns amigos, que modere o espirito.

O regimen occupa um lugar importante na hygiene dos homens de gabinete. Uma sobriedade severa deve ser a compensação do excesso de outro genero qualquer. Illustres exemplos tem provado suas vantagens. Augusto, senhor do mundo, se limitava a uma pequena quantidade de alimentos. Catão dizia de Cesar, que soube derribar a republica por causa de sua sobriedade. Alguns medicos tem querido indicar minuciosamente a natureza e a quantidade de alimentos; isto é querer tentar uma cousa impossivel. Comer o que se digere bem, abster-se do que faz mal, eis a unica regra. As comidas mais convenientes são as que, como dizia Platão, são agradaveis para aquelle instante e para o dia seguinte. Recommendaremos tambem sobriedade emquanto ao que respeita ás bebidas. Um pouco de vinho é util; só é condemnavel o seu abuso. Isto tambem se deve entender a respeito do chá e do café.

Recommendamos aos homens de gabinete que mudem frequentemente de posição e que renovem o ar dos quartos em que trabalham. Estas duas causas obrão de uma maneira nociva sobre os phenomenos da circulação e respiração.

Os que cultivão as sciencias e as bellas-artes tem por costume darem poucas horas ao somno; isto é de um grande damno: não ha condição que reclame mais imperiosamente o somno do que a de que fallamos, porquanto é o repouso do cerebro, órgão exclusivamente exercido nestes trabalhos.

Logo que um litterato estiver verdadeiramente

doente, o primeiro conselho que se lhe deve dar é de cessar absolutamente todos os seus estudos: por mais violento que lhe pareça este meio, elle é indispensavel. Deve esquecer que existem sciencias e livros; a porta do seu gabinete deve ser-lhe fechada, e é necessario que se entregue unicamente ao repouso, á alegria, aos prazeres do campo.

Para prevenirem as pedras na bexiga, que temos dito serem assaz frequentes nos litteratos, convém que fação uso d'agua em grande quantidade, da cerveja com agua, e das aguas mineraes em que entra o bicarbonato de soda, como as de Vichy, naturaes ou artificiaes.

Os banhos frios são mui vantajosos para os litteratos, augmentão a força do organismo enfraquecido; mas não se deve esperar que a debilidade se torne extrema, porque então farião os banhos maior mal do que bem.

Existe ainda uma serie de recommendações que se poderião fazer aos litteratos; mas, as que acabamos de indicar bastaráo para provar quantas cautelas devem os homens desta profissão tomar para conservar a saúde na sua integridade. Temos medo que os conselhos da prudencia sejam desprezados. Apesar dos exemplos que lhes dão a sua idade, as suas enfermidades, o medico e a sabedoria, continuão a fatigar seu organismo pela excitação cerebral, e não parão sem que tenham chegado ao termo de sua existencia. Escutemos um dos mais ferteis espiritos do nosso seculo: « Prohibão lá ao bicho de seda que fie quando fia os ultimos restos de sua existencia; apesar da vossa prohibição, desenrola de suas entranhas o precioso tecido, e não pára senão fechado na sua mortalha (Goethe). » Eis o painel do litterato.

Se os litteratos repartissem o seu tempo entre os estudos e o descanso, se tivessem o cuidado de ligar as distracções da vida civil aos trabalhos litterarios, poderião percorrer sua carreira com menos enfermidades e chegar a uma idade mui prolongada. Assim se tem visto, em diversas épocas e em climas inteira-

mente diferentes, homens que chegarão até á velhice sem molestias graves, apezar do grande ardor com que se applicavão ao estudo. Thucydides, Platão, Juvenal, Young, Rollin, Anacreonte, Newton, Buffon, Fleury, Franklin, Voltaire, Crébillon e muitos outros, vivêrão de oitenta a noventa annos; Sophocles, Zenon, Simonides, Saadi, Vida, Hans-Ploan, Saint-Evremont, de noventa a cem; Herodiano, Fontenelle, Gorgias (de Sicilia), de cem a cento e sete; emfim, o maior dos philosophos e dos medicos da antiguidade, Hippocrates, levou sua carreira até cento e nove annos.

Profissões que exigem um violento exercicio muscular. De todos os obreiros, os que fazem mais exercicio gozão de melhor saúde, sobretudo se trabalhão ao ar livre. Estes obreiros só devem temer o entregarem-se a trabalhos mui penosos e continuados; então cahem em grande fraqueza e morrem prematuramente. Devem interromper de vez em quando o seu trabalho, deixar em repouso os membros exercidos e dormir largamente. Sua alimentação deve ser abundante e mui nutriente, composta, pela maior parte, de carnes; uma quantidade moderada de vinho lhes é mui vantajosa.

Profissões sedentarias. As profissões sedentarias, sem contradicção as mais multiplicadas da sociedade, expõem os que as exercem a todos os inconvenientes que procedem da falta de exercicio muscular e da respiração de um ar insalubre. Em geral, os obreiros que se dão pouco ao exercicio tem um appetite fraco, sua digestão é difficil, o ar que respirão é viciado pelas emanções do grande numero de pessoas reunidas no mesmo lugar, e é por isto mui insalubre. Estes obreiros tem raramente uma boa constituição, estão expostos á tísica, ás escrophulas, ao escorbuto, e as mulheres ás flôres brancas. Podem alliviar seus males tendo um exercicio activo fóra da cidade, interrompendo frequentemente o seu trabalho, usando de alimentos nutrientes. Devem renovar o ar de sua loja ou fabrica. Os banhos frios e mornos

lhes convém muito. Se, apesar destas precauções hygienicas, alguma das molestias que temos mencionado se pronunciar cada vez mais, será preciso mudar de officio; neste caso, como em todos os outros, não se pôde obter vantagem completa senão cortando-se a causa do mal.

Profissões que exigem posturas curvadas e incommodas. Estas profissões são geralmente consideradas como causa frequente das molestias. O costume de estar em pé expõe os compositores á fadiga, aos tremores, á inchação dos pés, ás varizes e ás ulceras das pernas.

A attilude curvada parece favorecer as molestias do peito e os engurgitamentos do figado e do baço: ha, com effeito, constrangimento da circulação destes órgãos, e por conseguinte congestão sanguinea. E por isso os individuos que exercem profissões que necessitam esta posição offerecem casos numerosos de affecções dos órgãos digestivos, e são sujeitos a dôres de cabeça e a vertigens. A tísica é tambem nelles mais commum, assim como as deformações da columna vertebral. As profissões em que se conserva uma postura curvada são numerosas; as principaes são as de escrivães, alfaiates, sapateiros, mineiros, gravadores, lavadeiras, etc.

As profissões em que os olhos estão expostos á acção continua da luz, ou aquellas em que estes órgãos se applicação sobre objectos miudos, tornão-se muitas vezes causa das molestias da vista. Os ourives, os relojoeiros, os ferreiros, estão expostos ás cataractas; os sabios que fazem pesquisas microscopicas são frequentemente affectados de myopia; o mesmo acontece com os compositores de typographia.

Profissões que obrigão os individuos a respirarem as moleculas suspensas no ar. As emanções no meio das quaes os homens trabalham podem ser mineraes, vegetaes e animaes, o que faz variar seu modo de acção sobre a economia.

As emanções mineraes são de duas especies: os vapores acidos e os vapores metallicos. Podem ser

considerados como verdadeiros venenos que penetram na economia pelas vias respiratorias. Os vapores acidos são fornecidos quasi exclusivamente pelos acidos fortes, taes como agua forte, acido hydrochlorico, e mais raramente acido sulfurico (oleo de vitriolo). Os vapores metallicos que podem viciar o ar nas manufacturas são os de chumbo, de cobre, de mercurio, de antimonio e de arsenico. Os fabricantes que estão expostos a elles são principalmente os douradores e os ourives.

A arte de dourar emprega dous processos mui differentes : um, mais antigo e menos usado hoje, consiste em pôr sobre as peças que se devem dourar folhas mui delgadas do metal; outro, muito mais empregado, consiste na applicação de uma mistura de mercurio e de ouro, da qual se faz depois sahir o mercurio volatilizando-o por uma temperatura elevada. Vê-se logo toda a differença da insalubridade destes dous processos : o primeiro, que se emprega sobretudo para o páo, não offerece perigo; o segundo, pelo contrario, é uma das occupações mais funestas para a saúde dos operarios que se achão submettidos a uma atmospheria saturada de vapores mercuriaes.

A molestia principal a que estão expostos estes operarios é o *tremor dos douradores* ou o *tremor mercurial*. Consiste em uma agitação, em uma vacillação dos membros, e especialmente dos braços, que os impede de trabalhar. Este tremor sobrevém de uma maneira gradual: ao principio, os braços ficão menos seguros, vacillão, e pouco a pouco se fazem tremulos; as outras partes do corpo, e principalmente as pernas e os musculos do rosto, apresentão logo os mesmos phenomenos. Então os doentes não podem executar movimento algum regular, tornão-se impossibilitados de andar, de mastigar os alimentos, ou de executar trabalho algum com as mãos. Não podem levar liquido algum, nem mesmo alimento solido, á bocca; exemplos tem havido destes infelizes que forão obrigados a apanhar os alimentos com a

bocca como os animaes quadrupedes, ou a serem nutridos como as crianças.

Os operarios douradores estão ainda expostos a outros perigos, em uma operação que consiste em tirar a camada de oxydo que cobre o metal que se deve dourar, lavando-o com um acido mais ou menos concentrado; ha neste caso producção de vapores causticos. Este effeito é sobretudo notavel quando se emprega agua forte (acido nitrico), que os operarios preferem por causa de sua mais prompta acção. Estes vapores obrão da maneira mais nociva sobre as vias respiratorias, causão tosse, e ás vezes escarros de sangue.

Estas duas origens de molestias podem ser facilmente evitadas por uma ventilação um pouco activa, que desvanece rapidamente os vapores mercuriaes ou acidos á medida que se formão. Para obter este effeito, um sabio chimico francez, Darcet, inventou as fornalhas ventilantes (*fourneaux d'appel*), que tem por effeito estabelecer uma correnteza de ar rapida na chaminé, e por conseguinte renovar incessantemente o ar da officina, levando o que está viciado pelos vapores nocivos. Por um aperfeiçoamento mui simples, Darcet colhe os vapores metallicos que se desenvolvem, de sorte que não ha perda alguma para o fabricante. Esta descoberta é uma das applicações mais uteis das sciencias phisicas á industria. A maior parte dos fabricantes a adoptárão nas suas officinas, e desde então as molertias de seus operarios, e sobretudo o tremor mercurial, tem consideravelmente diminuido. Nos casos raros em que elle apparecer, bastará a cessação momentanea do trabalho, o uso dos banhos repetidos e de bebidas antispasmodicas como a infusão de folhas de laranja, para cura-lo. Entretanto, quando o mal é antigo ou já houve muitas repetições, resiste ás vezes. Nestes casos, os doentes farão bem em mudar de profissão; mas, repetimos, o estabelecimento das fornalhas ventilantes e o muito cuidado no asseio, sobretudo para as mãos e o rosto, a attenção de

mudar de roupa depois do trabalho e de evitar os excessos de bebidas e as irregularidades de conducta: todas estas cautelas reunidas previnem seguramente esta desagradavel molestia.

Os douradores não são os unicos operarios expostos a estes vapores: os chapeleiros, os que azougam espelhos, os fabricantes de barometros, etc., podem tambem experimentar os seus nocivos effeitos. Nos mineiros que extrahem o mercurio, e que por conseguinte o respirão perpetuamente, produz este metal molestias graves e enfraquece-lhes a constituição a ponto que sua vida é muito abreviada. Os mineiros chegam a um fim prematuro com colicas, paralsias e ulceras nas gengivas.

Julgamos o facto seguinte mui proprio para dar a conhecer a influencia dos vapores mercuriaes.

Tendo naufragado um navio hespanhol na entrada do estreito de Gibraltar, cento e trinta toneis de mercurio metallico forão transportados pelo vaso de guerra ingez *Triumpho*. O metal estava em barris, os quaes, sendo mal apertados, se abrirão logo. O mercurio inundou o porão do navio. No espaço de tres semanas, duzentos homens da tripulação forão affectados de salivação, de ulceras na bocca e na lingua, de paralsias e desarranjo de intestinos; foi preciso desapparellhar o navio, evacuar o seu lastro, e tirar minuciosamente todas as partes visiveis do mercurio. Acabada esta operação, nem por isso o saneamento foi completo, pois que os homens que reembarcavão o lastro experimentarão os mesmos symptomas que os marinheiros tinham sentido. Os gatos que ião no navio soffrêrão convulsões, os ratos sahirão de seus buracos, saltarão, fizerão cabriolas, e morrêrão com verdadeiros accessos de gota coral. Os carneiros, os porcos que se achavão a bordo, experimentarão tambem effeitos deleterios.

Temos já mencionado a acção perigosa dos vapores do acido nitrico; vamos ainda transcrever um caso referido pelo Dr. Bell. Um garrafão que continha este acido, succedendo cahir-lhe emcima um

corpo pesado, quebrou-se, e o liquido se derramou espalhando vapores espessos. Um obreiro, chamado Carnot, recebe o acido nitrico em uma caldeira de ferro. No mesmo instante é o acido decomposto, desenvolve-se uma enorme quantidade de gaz acido nitroso, e o vaso se fura em pouco tempo. Carnot transporta-o para o pateo; é logo affectado de uma tosse violenta, com dôres vivas no peito. Um medico é chamado; achou o rosto descorado, a respiração mui difficil, uma tosse secca e frequente. Apesar do emprego dos meios mais apropriados, o desgraçado succumbe ao cabo de quarenta e oito horas, victima das mais horrorosas dôres.

O chumbo produz, por suas emanções, accidentes assaz frequentes. Os fabricantes de alvaiade, os pintores de edificios e de carros, os mercadores de tintas, os envernizadores de louça, os fundidores de typos, os impressores, são as pessoas mais expostas aos perigosos effeitos destas emanções. Os individuos que dormem em quartos de ha pouco pintados se achão tambem no mesmo caso. A invasão dos accidentes é quasi sempre gradual. Os doentes experimentão primeiramente, durante alguns dias, dôres obscuras e passageiras que augmentão lentamente; as suas evacuações alvinas tornão-se cada vez mais raras, e as materias que expulsão são duras. Mas emfim as dôres abdominaes tomão um character de agudeza, que obriga os doentes a suspenderem os seus trabalhos. Então existe a prisão do ventre; o appetite desaparece, sobrevém nauseas e vomitos, o rosto fica pallido, os membros são atormentados de caimbras dolorosas, e declara-se uma paralysis mais ou menos completa. O tratamento curativo desta molestia, que se chama *colica de chumbo* ou *dos pintores*, se compõe de purgantes e de emeticos administrados repetidas vezes. *Vejase* Vol. I, pag. 400.

Os meios proprios para preservar os obreiros da colica de chumbo são de uma applicação assaz difficil. Os unicos meios praticaveis consistem em

officinas vastas, bem arejadas, com fornalhas ventilatorias; em não consentir que os operarios comão nas officinas; em obriga-los a que lavem as mãos e o rosto todas as vezes que deixão o seu trabalho; em aconselhar-lhes que usem de banhos e de passeios ao campo; em exigir que tenham vestidos particulares para trabalhar, e que os deixem antes de sahirem da officina; em curar de que estes vestidos sejam de tempos a tempos bem lavados e limpos; e se, apezar destas precauções, algum operario apresentar signaes precursores de colica de chumbo, será preciso fazer-lhe suspender seus trabalhos até o restabelecimento da saúde. Se emfim este individuo fôr affectado muitas vezes desta molestia, deverá renunciar a uma profissão que lhe ha de occasionar horrorosas enfermidades. Dous ou tres copos d'agua acidulada com algumas gottas de acido sulfurico, que o obreiro tome por dia, é tambem um preservativo que se tem mostrado util contra estes accidentes.

Os obreiros que trabalham o *cobre* são ás vezes affectados de uma molestia que tem muita analogia com a que acaba de ser descripta. Ataca especialmente os caldeireiros, os serralheiros, os que cravão pedras em cobre. Seus symptomas são em parte os mesmos, com a differença só de ser acompanhada de diarrhéa em lugar de prisão de ventre. Trata-se por meio dos vomitorios e do opio.

Mas entre os vapores metallicos, os mais terriveis são os do arsenico. Poucos operarios, felizmente, estão expostos a elles. São sobretudo temiveis para fabricantes de azul-ultramarino. Os fundidores e os tintureiros são delles muito menos affectados.

Até agora temos examinado a acção dos vapores mineraes sobre a economia; elles obrão chimicamente; os pós que não obrão senão por seu contacto não tem influencia nociva. Quasi todos os pós vegetaes são deste numero: taes são os que respirão os padeiros, os moleiros, as pessoas que residem em armazens de café, os fiandeiros; diremos o mesmo dos

colchoeiros e dos canteiros. Até hoje se fazia uma classe separada dos operarios das manufacturas do tabaco. Esta planta, com effeito, goza de propriedades deleterias, e alguns medicos pensavão que seus pós devião produzir accidentes graves. O sabio Dr. Parent-Duchatelet provou que esta profissão não offerece perigo algum para a saúde. O Dr. Pointe fez a mesma observação. Assim, cabe por terra o grande preconceito que fazia considerar esta profissão como uma das mais insalubres.

O Dr. Parent-Duchatelet estudou tambem a influencia das emanações animaes sobre a saúde. Provou que a putrefacção não torna estas emanações insalubres, e se os outros observadores disserão o contrario, foi por terem confundido o que é incommodo com o que é insalubre. Outros medicos chegarão ao mesmo resultado e estabelecerão a mesma saúde dos surradores, dos curtidores, dos fabricantes de colla forte, etc. Quem não sabe que muitos carnicheiros são bem gordos, de um temperamento sanguineo? Isto é a consequencia da absorpção das moleculas animaes que servem á nutrição. Os medicos podem frequentemente tirar partido das observações feitas nos carnicheiros para obterem a cura de seus doentes. O Dr. Mojon refere o caso seguinte: « O filho primogenito de um principe italiano, em consequencia do abuso do onanismo, ficou reduzido a um estado completo de marasmo; o pulso era fraco, a magreza extrema, os movimentos difficeis, a voz mui sumida, e o estomago tão debil, que não podia supportar a presença dos alimentos mais leves; os parentes temião a morte de um momento para outro. O Dr. Mojon teve a feliz idéa de fazer esfolar todos os dias um animal em presença do doente, e de embrulha-lo na pelle ainda quente. Ao cabo de algum tempo, o doente principiou a recobrar suas forças, a magreza desapareceu, e a cura completa não tardou muito. »

É uma opinião geralmente admittida que a profissão de carnicheiro é a que offerece o menor numero

de tísicos. Alguns medicos fizeram minuciosas investigações a este respeito, e convencêrão-se da verdade desta asserção. Em consequencia desta observação, o Dr. Spilsbury foi conduzido a emprehender as experiencias curiosas que passamos a referir.

O Dr. Spilsbury assevera ter obtido melhoras notaveis nos doentes affectados de tísica pulmonar, recommendando-lhes que esfregassem todos os dias, por espaço de meia hora, o peito e as costas com toucinho. Os effectos que pretende ter produzido com este tratamento são a augmentação rapida das forças do doente, a diminuição da febre, das dôres de peito e da difficuldade de respirar. Estes effectos erão já evidentes ao cabo de quinze ou vinte dias. De quatro casos mui pronunciados de tísica, dous doentes, que estavão affectados della havia nove mezes, forão completamente curados. Um terceiro caso ficou ainda duvidoso. Um quarto doente, e que datava de dous annos, apresentou uma melhora mui notavel. No terceiro caso, a doente foi pesada aos 15 de outubro; tinha oitenta e tres libras. Principiou então o uso das fricções lardaceas, e foi pesada de novo aos 10 de novembro; havia ganho sete libras. Um outro medico imitou o exemplo do Dr. Spilsbury, empregando igualmente as unturas de toucinho em um caso desesperado que datava de dezanove mezes. A tosse e a expectoração desapparecêrão quasi, a facilidade de respirar e as forças voltárão. (*Gazette des Hopitaux de Paris.*)

Os mineiros estão expostos á acção de vapores nocivos. Estes vapores tem, na lingua franceza, os nomes technicos de *feu brison*, *ballon* e *moffette*. O *feu brison* sahe sibilando dos subterraneos, e apparece nas minas sob a fórma de téas de aranha: se este vapor se acha em contacto com o facho dos operarios, inflamma-se com violenta explosão. O *ballon* assemelha-se a uma especie de esphera suspensa no ar; só a fuga mais prompta pôde subtrahir os trabalhadores á sua acção terrivel: se o balão vem a rebentar antes que tenham podido afastar-se suffi-

cientemente, são de repente asphyxiados, ás vezes sem recurso. O *moffette* é um vapor espesso que se exhála quando se abrem covas profundas das minas ricas em metal, e principalmente das que estão ha muito tempo fechadas. Este vapor mata instantaneamente os infelizes que o respirão. Os mineiros são avisados da sua presença quando a luz de seus fachos empallidece. É mister que seja bem ligeiro para não occasionar senão tosse e uma comichão na pelle.

Aconselha-se aos mineiros, para prevenirem estes accidentes, que não desçam á mina senão depois que um delles, coberto de pannos molhados e munido de uma longa haste no fim da qual se ache um facho inflammado, tenha a ella descido, e por este meio inflammado o vapor; depois que a combustão tiver lugar, todo o perigo se acabará. Para se preservar dos accidentes do *moffette*, deve-se dirigir de longe uma luz e movê-la em todos os sentidos; se ella ficar accesa, o ar é respiravel. Forão imaginados muitos meios para pôrem os mineiros ao abrigo destes gazes, como seião o ventilador de Hales ou de Duhamel, o candieiro de Davy; mas basta indicar estas engenhosas e uteis invenções: sua descripção não pertence ao nosso objecto.

Taes são os principaes inconvenientes a que os homens podem ser expostos por causa de suas profissões. Resta ainda muito que fazer para se poder apreciar em seu justo valor cada uma destas influencias. Hoje, a impulsão está dada; esperemos que produza bons resultados.

PROGNOSTICO. Juizo que forma o medico sobre as mudanças que devem sobrevir durante o curso de uma molestia, sua duração e sua terminação.

PROLAPSO DO RECTO. *Veja-se ANUS, Vol. I, pag. 120.*

PROLAPSO DO UTERO. *Veja-se UTERO.*

PRUIDO OU PRURIDO. É uma affecção da pelle caracterizada por botões pouco salientes, quasi da mesma côr que a pelle, que produzem uma comichão mui viva e ás vezes intoleravel. Seu tratamento

consiste em banhos d'agua quente, lavatorios com agua e sabão, e no uso de bebidas refrigerantes e um pouco laxantes, taes como cozimento de tamarindos ou de cannafistula.

PRUSSICO (ACIDO). *Veja-se* Vol. I, pag. 14.

PTERYGIO. *Veja-se* OLHO, Vol. III, pag. 109.

PTYALISMO. *Veja-se* SALIVAÇÃO.

PUBERDADE. As differentes idades da vida do homem apresentam uma serie de phenomenos que formão o seu caracter especial e distinctivo. De todos estes phenomenos, nenhuns ha mais extraordinarios do que os que se manifestão na idade da adolescencia, e cuja reunião constitue a puberdade.

Entre os phenomenos que precedem e acompanhão a puberdade, ha uns que são geraes, communs a ambos os sexos, e outros que são particulares, proprios a cada um delles.

Phenomenos geraes. A puberdade annuncia-se por uma especie de entorpecimento nas virilhas, lassidões, uma indisposição geral, dôres de cabeça passageiras e mais ou menos fortes; uma sensação agradável, uma comichão, até então desconhecida, se manifestão nas partes que caracterisão o sexo. Desde então os órgãos genitales devem ser considerados como um fóco donde irradiações continuas levão a todas as partes do corpo uma especie de excitação propria desta idade.

Os ossos adquirem novo grão de força e crescem em comprimento; os musculos que os cobrem principião a fazer proeminencias mais salientes, e sua textura torna-se mais firme. A transpiração cutanea exhala um cheiro notavel, que se faz principalmente sentir nos individuos robustos, e cujos órgãos annuncião uma inclinação decidida para os prazeres do amor.

Phenomenos proprios do homem. O homem é advertido de sua entrada na puberdade pelos signaes que acabamos de expôr : junta-se-lhes uma tez mais escura da pelle, a apparição de cabellos em sua superficie; a barba se cobre de um pello que ao de-

pois é substituído por cabellos mais grossos, cujo crescimento faz perder ao rosto o ar infantil que até então confundia os dous sexos. Uma expressão varonil e séria se diffunde nas feições do pubere e annuncia sua força futura. O peito alarga-se de uma maneira quadrada que se acha em harmonia com as fôrmas masculinas do resto do corpo. Os testiculos dobrão de volume. Observa-se em alguns individuos que os testiculos não descem ao escroto senão na época da puberdade. Quando um dos testiculos desce ao escroto na época ordinaria, isto é, durante a vida da criança no seio materno, vê-se o segundo vir reunir-se a elle no momento da puberdade; entretanto esta mudança de lugar não é constante. Um e até ambos os testiculos podem ficar toda a vida na cavidade do ventre sem prejudicarem o exercicio da faculdade geradora.

Mil sensações diversas occupão a imaginação do joven pubere e vem confundir-se em um sentimento poderoso pelo qual a natureza o chama á grande obra da reproducção; até este tempo tem elle vivido para si só, agora vai ampliar sua existencia entrando no inteiro gozo de seus direitos para procrear seu semelhante; sente-se arrastado por uma força desconhecida, mas irresistivel, a um sexo que se lhe representa, sem cessar, debaixo das côres mais encantadoras, e do qual não ousa approximar-se. Este embaraço do primeiro amor, esta timidez, cede emfim á impetuosidade de uma paixão que os obstaculos exaltão. O joven adolescente ama, e ama com toda a violencia da sua idade. Bem depressa sabe fazer partilhar a agitação que o transporta, assim como os tormentos deliciosos, mas frequentemente terriveis, pelos quaes o amor assignala o seu dominio. Quando este sentimento é unido a boas disposições, contribue para realçar a dignidade do homem, estendendo suas faculdades moraes. Essa coragem irresistivel, essas inclinações continuas a tudo quanto é bello, grande, honesto, esses sentimentos generosos, essa amizade

desinteressada e sincera, todas essas bellas qualidades a quem devem sua energia senão ao amor?

Phenomenos proprios da mulher. Os signaes da puberdade na mulher são precedidos de um trabalho mais ou menos penoso no utero; existem dôres de cadeiras e de cabeça, lassidões, calafrios; os olhos ficam amortecidos e com olheiras, as faces descordadas, o appetite se perde, e observa-se uma languidez particular nas faculdades intellectuaes, assim como uma indifferença mais ou menos consideravel para os exercicios do corpo. Ao mesmo tempo as fórmas exteriores principião a perder a semelhança que tinhão com as do sexo masculino nos primeiros annos da vida; os quadris tornão-se mais largos, e desta mudança provém que a mulher se balancêa quando anda, e principalmente quando corre, o que fez dizer a Rousseau que as mulheres não são feitas para a carreira, e que quando fogem parece que desejão ser apanhadas. Se se circumscrevesse então o homem e a mulher em uma área elliptica, as espadoas do primeiro sahirião da linha que contivesse o resto do seu corpo, entretanto que as espadoas da mulher serião contidas nas linhas que suas cadeiras excedem sensivelmente. As mamas augmentão de volume e soffrem com difficuldade, em algumas moças, a compressão dos colletes, ou mesmo, para melhor dizer, não podem supportar esta parte do vestido, que é iutil e nociva. Todas as partes inferiores experimentão mudanças e concorrem para formar a reunião graciosa da moça. A pelle conserva a sua alvura, frequentemente adquire uma nova, e não se cobre de cabellos senão no *monte de Venus* e nos sovacos; a actividade do systema piloso se concentra nos cabellos da cabeça, cujo crescimento consideravel constitue para a mulher um dos seus mais bellos adereços. Seus olhos, cheios de inquietação e de melancolia, e ás vezes brilhantes de desejos que busca esconder, se levantão com certo recato; sua voz, ao principio rouca, torna-se sonora e persuasiva; os prantos e os risos que, na infancia, hão sós perturbado a tranquillidade

de suas feições, dão lugar ás paixões de outra natureza.

Os menstros não tardão a apparecer. Esta erupção se faz ás vezes de uma maneira tão subita e tão facil, que algumas moças, ao despertar, achão-se molhadas de sangue, e levantão-se com susto para pedirem á sua mãe a explicação deste phenomeno, cuja natureza e causa lhes são inteiramente desconhecidas; outras vezes, o primeiro escorrimento dos menstros não tem lugar senão depois de longas dôres que perturbão todas as funcções e causão uma verdadeira molestia.

Época da puberdade. Muitas circumstancias influem para a apparição mais ou menos serodia da puberdade. Dos *sexos*, o feminino a torna mais temporã, e sabe-se, a este respeito, que em toda a parte as moças são nubeis dous ou tres annos antes dos moços; dos *climas*, os paizes quentes, as zonas intertropicaes, accelerão-na; os paizes frios, as regiões polares retardão-na. Nos primeiros, as moças são nubeis desde a idade dos onze aos doze annos, os homens são puberes aos treze; nos segundos, não o são, conforme o sexo, senão aos quinze ou dezoito annos, e ainda mais tarde. Nas regiões temperadas, como em França, as moças entrão na puberdade dos doze aos quatorze annos, e os homens dos quatorze aos dezaseis.

Sabe-se tambem que no mesmo clima as localidades quentes e as frias exercem sobre a época da puberdade uma dupla influencia opposta. Os habitos uniformes e brandos da vida campestre, os costumes innocentes e simples dos habitantes da roça, retardão mais ou menos a puberdade. Sabe-se, por opposição, quanto, nas grandes cidades, a vida dissoluta, os máos costumes e os máos exemplos, a cultura das bellas-artes, e tudo quanto póde inflamar a imaginação, apressão a chegada desta época. Nos primeiros exemplos, é o desenvolvimento natural dos órgãos da reproducção que obra sobre a imaginação; nos segundos, pelo contrario, é esta

faculdade que desperta prematuramente os sentidos. Todos sabem quanto esta precocidade, que resulta frequentemente de costumes viciosos e de prazeres antecipados, é perniciosa ao vigor do corpo e à duração da vida. Citão-se, pelo contrario, entre os povos, os Germanos, tão celebres por sua força e suas intrepidas acções, que erão castos na sua mocidade, e não se casavão senão depois de vinte e cinco annos; e entre os individuos existe um grande numero de homens que devêrão á sua continencia prolongada o gozar até uma idade avançada de todas as suas faculdades vîris. Tudo, da parte das instituições, dos costumes e da educação, deve, por consequente, tender a prevenir a precocidade da puberdade.

Puberdade considerada como meio curativo. Quando a revolução da puberdade não é perturbada na sua marcha, que se tem feito segundo as leis da natureza, dissipa frequentemente as molestias da infancia rebeldes a todos os outros meios medicos. A gota coral cessa frequentemente nesta época. O mesmo diremos das convulsões e das outras molestias nervosas. A incontidencia das ourinas, que provém da fraqueza dos orgãos genito-uritarios, se cura pela nova força que adquirem estas partes. As alporcas, a tinha, os differentes escorrimentos mucosos e diversas erupções cutaneas, cedem á influencia do systema sanguineo que domina então na economia e dá a todos os orgãos maior firmeza; em uma palavra, todas as molestias que dependem de uma fraqueza geral ou parcial se curão ordinariamente de uma maneira espontanea nesta época, na qual todas as partes tem uma organização mais adiantada, mais perfeita, e preenchem suas funcções com maior energia.

Puberdade considerada como origem de molestias.

Se a puberdade se mostra bemfazeja destruindo as molestias da infancia, assignala tambem sua existencia por uma nova ordem de affecções não menos graves. Da acção energica do systema sanguineo e dos

orgãos pulmonares nascem as hemorragias do nariz e dos pulmões. As febres, as inflammações são frequentes; nesta época tambem se desenvolve a tísica. Emfim, nesta mesma idade, instruidos pelo acaso ou por máos exemplos, muitos moços se entregão a costumes funestos que estragão a saúde e murchão a alma. (*Veja-se ONANISMO.*) Nas mulheres, esta época da vida é frequentemente marcada, como temos já dito, por difficuldades no estabelecimento dos menstrosos.

Regras sanitarias relativas d puberdade. Favorecer o crescimento dos puberes de um e de outro sexo, ajudar o desenvolvimento de suas forças, dar uma sabia direcção a suas paixões, impedi-los de accelear imprudentemente o momento em que devem obedecer ás impulsões do amor, taes são as indicações geraes que devem preencher as pessoas que vigião sobre esta idade.

Ter-se-ha cuidado que o peito dos puberes não seja comprimido por vestidos estreitos. A mais escrupulosa attenção deve ser sobretudo observada a este respeito no vestuario das moças. A despeito das declamações de Rousseau e dos medicos, vêm-se ainda moças torturarem-se por espartilhos apertados com uma coragem que só a casquilharia póde soffrer. Esta compressão não póde ser exercida sem perigo sobre visceras que gozão então de muita actividade; constrange a respiração, predispõe ás molestias dos pulmões, oppõe-se ao desenvolvimento dos seios. Os antigos, os Gregos sobretudo, entendião melhor que nós a arte de vestir-se. « Sabe-se, diz Rousseau, que a commodidade dos vestidos que não constrangião o corpo contribuia muito para deixar desenvolver-se nos dous sexos estas bellas proporções que admiramos nas suas estatuas, e que servem ainda de modelo á arte, quando a natureza desfigurada tem entre nós deixado de ministra-las; deste grande numero de ligaduras que comprimem nossos membros, não tinhão elles uma só. »

Os banhos de mar ou de rio são mui salutaes

durante a puberdade, augmentão a força dos órgãos. Mas quanto são convenientes os banhos frios, tanto são contrarios os banhos quentes repetidos e tomados além das indicações que necessitão o seu emprego; estes tornão as partes molles, predispoem as moças ás flôres brancas e a todas as molestias de languidez.

Os exercicios são mui salutaes nesta época da vida. Os antigos, penetrados desta verdade, fazião da gymnastica a base da educação nacional. As moças mesmo não erão excluidas dos exercicios. Imitemos semelhantes exemplos, e não deixemos que fiquem em uma inacção mui ordinaria em nosso tempo, e á qual devem ser attribuidas a maior parte das molestias nervosas. Occupados os puberes em exercicio mais ou menos violentos, faz-se diversão ás suas inclinações, e impede-se que se entreguem ás idéas voluptuosas, cujos effeitos podem ser assaz funestos.

O passeio, a carreira, o nadar, a esgrima offerecem uma variedade de exercicios agradaveis que augmentão a energia dos musculos e ajudão o crescimento. A equitação é tambem mui salutar; é propria, nas moças, para tornar a erupção dos menstruos mais facil. A dansa gozou sempre de um grande credito entre os povos antigos, e hoje ainda o conserva entre os modernos; concorre para o desenvolvimento das fórmas, das graças e da saúde.

Depois de fazer exercicio, o pubere sente a necessidade de um repouso conforme á fadiga que experimentou, e durante o qual possa, por uma alimentação repetida, sustentar e adquirir novas forças; mas deve-se ainda attender que este repouso não seja absoluto. « Espiritos ha, diz Montaigne, que, se não estão occupados de certo objecto, lanção-se desregradamente no vasto campo das imaginações; não ha loucura que não produzão nesta occasião. » Esta observação é sobretudo applicavel aos adolescentes. Aos exercicios do corpo devem succeder os do espirito.

Os puberes evitarão as vigílias prolongadas, devem destinar ao somno ao menos sete ou oito horas ; mas não se lhes deve consentir que fiquem na cama senão para dormir, para que não tenham a occasião de pôr em pratica a disposição erotica á qual esta idade é tão sujeita.

Para o complemento deste artigo *veja-se* as palavras AMOR, IDADE, MENSTRUACÃO, ONANISMO.

PULGA. Insecto de côr roxa escura, oval, comprimido transversalmente, coberto de uma pelle dura. Estes insectos tem os sexos separados ; as femeas poem pequenos ovos, brancos, brilhantes e viscosos, de que sahem pequenas larvas sem pés, compridas, semelhantes a bichinhos, mui vivas, enroladas, ao principio brancas, e depois avermelhadas. Depois de ficarem uma duzia de dias debaixo desta fôrma, estas larvas se fechão n'um pequeno casulo lustroso, onde ficão nymphas e donde sahem em estado perfeito ao cabo do mesmo espaço de tempo.

A pulga se nutre com o sangue do homem, do cão e do gato. Para se livrar destes insectos convém não viver familiarmente com estes animaes, é preciso varrer frequentemente os quartos, entreter a cama com muito asseio, mudar frequentemente de roupa, e regar os quartos tres ou quatro vezes por dia com agua misturada com um pouco de vinagre. A vizinhança dos pombaes dá muitas pulgas, porque suas larvas se escondem nos ninhos das pombas, e fixão-se no pescoço dos filhotes.

Matão-se as pulgas nos cães esfregando-lhes o pello com pommada feita com 1/2 onça de banha e 1 oitava de sublimado corrosivo. Os lavatorios com agua fria ou quente não são sufficientes, porque as pulgas resistem a uma submersão prolongada.

PULMÃO. Algumas pessoas dão este nome a uma postema, um leicenco ou algum outro tumor.

PULMÕES ou **BOFES.** Os pulmões, órgãos da respiração, são dous corpos cellulosos, contidos na cavidade do peito, e da fôrma de um cone. Cada

pulmão é coberto por uma membrana chamada *pleura*, e separado do pulmão do lado opposto pelo coração. O tecido do pulmão tem uma apparencia esponjosa; comprimindo-o com a mão ouve-se um ruído particular, resultado da presença do ar no seu interior. A estrutura do pulmão é bastante complicada; encontram-se nelle canaes aereos, arterias, veias, vasos lymphaticos, nervos, etc. Os canaes aereos são os bronchios, continuação da traca-arteria; dividem-se no pulmão em um infinito numero de ramificações. Os pulmões são atravessados por toda a massa do sangue, que, sahindo das cavidades esquerdas do coração, vai para as cavidades direitas, depois de vivificado pelo acto da respiração.

MOLESTIAS DOS PULMÕES. Orgão da respiração, o pulmão está sempre em relação com o ar exterior; está exposto, por consequente, a sentir todas as influencias das modificações atmosphericas. A importancia do papel que representa a respiração nos phenomenos da vida deve fazer presumir quanto devem ser sérias as molestias deste aparelho. Em artigos especiaes temos já fallado do CATARRHO PULMONAR AGUDO E CHRONICO, do PLEURIZ; fallaremos mais abaixo da TISICA, resta-nos tratar de uma molestia que tambem é mui commum, a INFLAMMAÇÃO DO PULMÃO.

A INFLAMMAÇÃO DO PULMÃO, chamada pelos medicos *pneumonia*, tem ainda o nome de *fluxão do peito*. Sendo uma das affecções mais graves a que o homem está sujeito, é tambem uma das que são hoje mais bem conhecidas. Rara nos paizes quentes e baixos, torna-se mui commum nas regiões frias e nos paizes montanhosos. As intemperies do ar, as vicissitudes do calor e do frio, os ventos fortes, a suppressão da transpiração, a produzem frequentemente. Póde ser tambem o resultado de pancadas e de quedas sobre o peito, e de feridas que penetram nesta cavidade. Seus symptomas mais salientes são: a expectoração de escarros de côr vermelha ou amarella carregada, mui pegajosos e formando uma camada adherente ao fundo do

vaso; dôr profunda e obtusa de um dos lados do peito, respiração difficil, tosse frequente, uma febre forte e fraqueza geral.

A pneumonia differê do pleuriz pelos escarros; na pneumonia os escarros são avermelhados, e no pleuriz brancos; em ambas as molestias existe pontada, febre e oppressão do peito. O tratamento de ambas as molestias é quasi o mesmo.

Quando é mui grave, esta affecção percorre seus periodos com bastante rapidez; no maior numero das vezes podem ser suspendidos os seus progressos, mas a cura completa se faz ordinariamente esperar longo tempo. A convalescença não principia antes de quinze ou vinte dias, pôde exceder muito este termo.

Tratamento da inflammação dos pulmões. A sangria de braço é o meio mais poderoso e mais efficaz que se pôde oppôr á inflammação dos bofes; todos os medicos, desde os tempos mais remotos, tem sido de accordo sobre este ponto. Sua efficacia está tão bem estabelecida, que muitas vezes tem sido um dos argumentos para provar a certeza da medicina. Mas, para que produza bons effeitos, é preciso que seja bem abundante, e repetida tanto quanto durar a difficuldade da respiração, e sôr mais forte e frequente o pulso. Nas crianças, que é muitas vezes difficil sangrar no braço, não ha outro recurso senão applicar bichas no peito, mas estas devem ser em grande numero para produzirem bom effeito. As bichas e as ventosas sarjadas convém igualmente quando a pneumonia é pouco intensa, quer tenha sido enfraquecida pelas sangrias do braço, quer fosse primitivamente ligeira. Depois da sangria é preciso administrar a poção seguinte:

Agua	5 onças.
Tartaro stibiado	3 grãos.
Xarope de gomma	1 onça.

Misture. As pessoas adultas dão-se a beber duas colheres de sopa desta poção, de duas em duas horas; ás crianças menores de 7 annos, dá-se uma colher

de chá de 2 em 2 horas; ás crianças maiores de 7 annos, dão-se duas colheres *de chá*, de duas em duas horas. As primeiras colheres desta poção provocão geralmente vomitos; mas continuando as doses já não apparece este phenomeno; se entretanto os vomitos continuarem, será preciso parar com o remedio. Se a poção é tolerada pelo doente, convém continuar o seu uso por dous, tres e mais dias até o desapparecimento completo dos escarros sanguineos. Quando os escarros ficarem brancos, é preciso cessar o uso da poção.

Bebidas emollientes e frias, taes como a decocção de raiz de althea, de arroz, de cevada, adoçadas com assucar, mel de abelha ou xarope de gomma, a dieta severa e o silencio absoluto, concorrem muito para a cura desta molestia. Quando já não ha calor forte da pelle nem frequencia do pulso, é o momento favoravel de se applicar um caustico sobre o lado doente. Duas onças de maaná dissolvido em leite, nesta época, são tambem mui vantajosas. Tal é o tratamento simples da inflammação do pulmão, que todas as pessoas podem pôr em pratica na falta do medico.

Quando a inflammação dos pulmões é produzida por violencias externas, insiste-se tambem nas sangrias e nas bichas, mas não se deve applicar caustico, nem poção com tartaro estibiado.

PULSO (JUNTA). Reunião da mão com o antebraço. **DESLOCAÇÃO DO PULSO,** veja-se MÃO, Vol. III, pag. 48.

TORCEDURA DO PULSO, veja-se TORCEDURA.

PULSO. É o nome que se dá ao movimento das arterias produzido pelo affluxo do sangue, trazido a estes vasos pelas contracções do coração. Propriamente fallando, todas as arterias batem ou tem um pulso; mas como de ordinario não se explorão senão as pancadas da arteria da porção inferior do braço, entendem-se sempre estas pancadas quando se falla do pulso.

Nos primeiros dias do nascimento o pulso é mui frequente, e bate cento e vinte a cento e quarenta

vezes por minuto. Pouco a pouco perde parte de sua frequencia, e já no segundo anno dá só cem pulsações, pouco mais ou menos. Até ahi fica pequeno e fraco, mas na época da puberdade adquire desenvolvimento e força, perde ainda alguma coisa de sua frequencia, e não bate senão oitenta ou noventa vezes por minuto. Nos adultos é grande, forte, e dá só sessenta e cinco, setenta ou oitenta pulsações. Nos homens altos é mais lento do que nos de pequena estatura. Torna-se raro no velho, desce a cincoenta ou sessenta pulsações, e bem que tenha perdido parte de sua força, offerece comtudo uma especie de dureza occasionada pelo augmento de densidade das paredes arteriaes, e mesmo por uma sorte de ossificação. Nas mulheres, o pulso experimenta modificações analogas pelos progressos da idade; entretanto guarda, em geral, os caracteres que o distinguem durante a mocidade do homem. Os climas modificão-no ainda de uma maneira notavel. Assim, é frequente nos habitantes dos paizes quentes, raro nos dos paizes frios, e, segundo refere Blumenbach, dá, nos Groenlandezes, só quarenta pulsações por minuto. Varia tambem nas differentes épocas do dia. Em geral sua frequencia augmenta desde manhã até a tarde, diminue de noite durante o somno, e volta de manhã ao grão em que se achava no dia precedente. Depois do jantar é muito mais frequente, assim como depois da ingestão do café, do chá, do pouche, vinho e de outras bebidas alcoolicas. A marcha rapida, a carreira, todos os exercicios do corpo, a tosse, os espirros, tem effeitos semelhantes. Mas as mais promptas perturbações lhe são communicadas pelas impressões moraes, e este phenomeno constitue um dos symptomas mais caracteristicos e mais certos da existencia destas impressões. Entre tantos factos, nos quaes o exame do pulso tem servido para reconhecer a paixão, citaremos como exemplos dous casos notaveis dos quaes um é de Erasistrato e outro de Galeno.

Erasistrato, cujas descobertas em anatomia derão

tanta fama á antiga escola de Alexandria, foi chamado á côrte de Seleuco Nicanor, para salvar de um estado quasi desesperado Anthioco, herdeiro presumptivo da corôa. Achou este joven principe mergulhado em uma melancolia profunda; mas entretanto que sua tristeza, sua languidez, seu abatimento espantava a todos os olhos e davão receios sobre seus dias, a causa que o conduzia ao sepulcro era ignorada por todas as pessoas, o que tornava os cuidados infructiferos, senão prejudiciaes. A timidez, a discrição de Anthioco, devião tambem pôr uma pécha na sciencia e na sagacidade de Erasistrato, quando um dia, por acaso, a bella Stratonice appareceu no momento em que o illustre medico explorava o pulso. As pulsações mudárão de repente, tornárão-se mais frequentes, e a respiração igualmente; a physionomia do principe se animou... Anthioco pôde ser salvo, a paixão que o consome acaba de ser descoberta. Mas como annunciar ao rei Seleuco que seu filho, sua esperança, fina-se de amor por Stratonice, a mulher de seu pai? É inutil referir as versões da historia, que não concordão com nossos costumes; digamos sómente que a paixão do principe cessou de ser timida e infeliz, e que recobrou a saúde, depois de ter sido julgado perdido sem recurso.

Galeno, que por seu engenho occupa um lugar elevado na medicina, tendo alguns motivos para suspeitar, em uma nobre senhora romana que definhava de languidez, um amor violento, mas occulto, por um actor chamado Pilades, resolveu-se a nomea-lo e fallar d'elle na occasião que examinava o pulso. Sua experiencia obteve o resultado esperado, e a confissão desta senhora confirmou o juizo de que seu pulso tinha já dado a iniciativa.

A exploração do pulso é tão usual, que para o vulgo é, para assim dizer, o typo especial da visita do medico. Até as pessoas estranhas á arte de curar julgão que este exame é sufficiente para reconhecer-se a molestia, qualquer que ella seja, e pensão, por

exemplo, que basta tomar o pulso para se dizer se uma senhora está ou não grávida. Isto é um erro. Durante a prenhez, o pulso é um pouco mais frequente do que no estado normal, mas não é tão característico que habilite o medico para estabelecer sua opinião sobre sua unica exploração.

É entretanto indubitavel que o estado de molestia imprime ao pulso mudanças notaveis, as quaes, juntas a outros symptomas, servem para se descobrir a natureza da molestia. O pulso se supprime na *syncope*, na *asphyxia* e em todos os casos de morte apparente; accelera-se e augmenta de força no principio de um grande numero de molestias.

O pulso é *frequente* quando as pulsações são em maior numero do que devem ser em um tempo dado; *febril* quando bate noventa vezes por minuto (no adulto); é *precipitado* quando é mui frequente; *forte* quando resiste á pressão e bate fortemente contra o dedo que o toca.

Repetimos, o pulso é uma das guias mais preciosas para o medico. Se é preciso fazer ou reiterar uma sangria, applicar bichas ou administrar medicamentos tonicos, manter ou cessar a dieta, o exame do pulso o decidirá a tomar um partido. Mas não é aqui lugar proprio para entrar em considerações que são exclusivamente da alçada do medico; basta termos dado uma exposição summaria de algumas variações do pulso, já no estado de saúde, e já no de molestia; as pessoas estranhas á arte de curar não são aptas senão para reconhecerem a existencia ou ausencia do pulso e a acceleração de suas pancadas. O enfraquecimento do pulso é sempre máo signal, e ainda peor a sua falta, salvo nos casos em que esta falta fôr só momentanea, como na *syncope*, por exemplo. A elevação e a frequencia do pulso não indicão febre senão quando estes caracteres são permanentes, quando se apresentam além das circumstancias proprias a acclerarem o pulso, e sobretudo quando são acompanhados de calor acre da pelle. Na occasião da descripção de cada molestia em particular

serão indicados os caracteres do pulso. Apontamos sobretudo ao leitor as palavras ASPHYXIA, FEBRE, DESMAIO e HEMORRHAGIA; e como é útil, em certas occasiões, saber-se tomar o pulso, antes de acabarmos este artigo indicaremos a maneira de se fazer esta exploração.

Maneira de explorar o pulso. Colloca-se o braço da pessoa que se quer examinar horizontalmente sobre a cama, sobre uma mesa, sobre o joelho ou de qualquer outra maneira, comtanto que esteja em repouso e convenientemente sustido; applica-se um ou mais dedos sobre a face palmar do punho, na distancia da largura de um dedo da proeminencia da palma da mão que serve de base ao dedo pollegar. Neste lugar a arteria radial acha-se superficialmente e está apoiada contra o osso, de sorte que suas pulsações são faceis de sentir. Assim disposto tudo, toma-se com a outra mão o relógio, e observa-se quantas pulsações ha no espaço de um minuto. Para maior commodidade, explora-se o pulso esquerdo com a mão direita e o pulso direito com a mão esquerda.

PUNHALADA. *Veja-se* FERIDAS, Vol. II, pag. 234.

PURGAÇÃO. *Veja* ESQUENTAMENTO, FLÔRES BRANCAS, PURGAÇÃO PELO OUVIDO. *Veja-se* INFLAMMAÇÃO DO OUVIDO, Vol. II, pag. 447.

PURGANTES. É o nome geral dos medicamentos que produzem evacuações alvinas. Esta classe de remedios contém, pela maior parte, substancias vegetaes, e entre as mineraes apenas alguns saes e as aguas salinas; não ha substancia alguma animal empregada como purgante. Os purgantes são mui numerosos; forão divididos, segundo a energia de sua acção, em tres classes: *laxantes, catharticos e drasticos.*

Os *laxantes* ou *minorativos* são os que exercem sobre a economia uma acção pouco intensa e que purgão brandamente; entre os purgantes desta classe contão-se o mel, a cannafistula, o manná, o oleo de amendoas doces, os tamarindos, as ameixas passadas, o oleo de ricino. Os purgantes para o uso das

crianças devem ser principalmente escolhidos nesta classe.

Os *catharticos*, designados mais particularmente debaixo do nome de *purgantes*, contém as substancias seguintes: sulfato de soda ou sal de Glauber, sulfato de magnesia ou sal d'Epsom, cremor de tartaro, magnesia calcinada, senne, rhuibarbo; estes purgantes, sós ou combinados entre si, formão os purgantes usuaes, os quaes se empregão no maior numero dos casos.

Os *drasticos* são aquelles que, debaixo de um pequeno volume, apresentam uma acção energica e determinão sobre o tubo intestinal uma verdadeira irritação; ás vezes esta irritação persiste ainda depois do effeito purgativo. Os *drasticos* convém nos casos particulares em que é preciso obrar com promptidão e energia, e determinar sobre o canal digestivo uma revulsão capaz de desviar uma molestia fixada sobre algum orgão importante, como, por exemplo, na apoplexia, na inflammação do cerebro. Os *drasticos* mais usados são: os calomelanos, a escammonéa, a jalapa, a resina de jalapa, a gomma-gutta, as coliquintidas, o aloes, o oleo de croton tiglium. Este ultimo é extremamente violento; seu emprego exige a maior prudencia, pois que em minima dóse, como na de uma gotta, diluida em uma chicara d'agua, determina dejecções alvinas abundantes. Entre os *drasticos* contão-se ainda as seguintes substancias indigenas do Brasil: a raiz da abobora do mato, a raiz de maravilha, a fruta de cabaço amargoso e a de anda-açu.

Os purgantes obrão determinando uma verdadeira irritação, mas momentanea e limitada em seus effeitos. Esta irritação augmenta a secreção mucosa, o escorrimento da bilis e dos outros succos que são elaborados pelos orgãos do ventre; produz emfim a contracção dos intestinos, e apressa deste modo a sahida das evacuações alvinas. Quando um medicamento desta natureza é ingerido, a pessoa experimenta ancias, fastio, nauseas, borborinhos no

ventre, colicas; depois manifesta-se a necessidade de defecação. Se a irritação purgativa é mui viva ou dura mui longo tempo, produz então o que se chama a superpurgação, e ás vezes até accidentes inflammatorios mais ou menos graves; existe então dôr no ventre, mais ou menos consideravel, febre, calor extremo, inchação do ventre, dejeccões sanguineas, etc.

No dia em que se toma um purgante, o doente deve observar uma abstinencia completa de alimentos solidos, e depois de ingerido o purgante, logo que a primeira evacuação tiver lugar, é necessario que beba em abundancia liquidos diluentes, taes como caldo de frango, chá da India, decocção de arroz, etc., já para acalmar o que a acção do purgante poderia ter de mui forte, já para dar maior fluidez aos succos ventraes e facilitar a sua evacuação; emfim, depois da cessação do seu effeito, convém não voltar aos alimentos senão gradualmente.

Um purgante produz evacuações que varião em numero, quantidade e qualidade ou natureza. O numero raras vezes excede de quatro a doze no estado ordinario; a quantidade é mui variavel e depende muito da molestia, e sobretudo da abundancia dos liquidos bebidos; a natureza varia conforme a época das evacuações: as primeiras são fecaes e compostas dos residuos da digestão; mais tarde são mucosas ou serosas; seguem-se as dejeccões biliares, e emfim as que se chamão aquosas e que resultão das bebidas ingeridas. Os antigos medicos acreditavão em purgantes especiaes e na possibilidade de expulsar tal ou tal humor com tal ou tal substancia; assim tinhão cholagogos, hydragogos, phlegmagogos, panchimagogos, porque pensavão que uns tinhão a propriedade de expulsar a bilis, outros a serosidade, estes a pituita, e os ultimos emfim todos os humores reunidos. O tempo tem acabado com todas estas hypotheses. Os liquidos serosos das evacuações são o resultado da exhalção intes-

tinal; a mucosidade provém das pequenas glandulas que se achão na superficie dos intestinos; a bilis, da secreção mais abundante do figado, etc. Todas estas excreções podem produzir modificações favoraveis ao restabelecimento da saúde; mas de nenhum modo é sua existencia considerada como causa da molestia pelos medicos de nossos dias. Não ha dous seculos que se prodigalisavão os purgantes, porque a theoria humoral que reinava então, e que dava por causa das molestias a presença de tal ou tal humor, obrigava a purgar emquanto estas molestias não cessavão. Os medicos desse tempo estavam longe da opinião que existe hoje: *não ha cousa mais nociva do que o abuso dos purgantes.*

As molestias em que se dão purgantes são mui numerosas, e pôde-se até dizer que talvez não existe uma em que não tenham sido administrados com vantagem. Os catharticos e os drasticos não convém em geral no momento da invasão de uma molestia e no seu periodo de força. Os laxantes são os unicos de que se deve então fazer uso. É preciso para purgar, que os symptomas de irritação estejam acalmados; assim, a febre, a seccura da lingua, a sêde, a diarrhéa, a dysenteria, uma grande agitação, as dôres do ventre, são outras tantas contra-indicações da medicação purgativa. Quando, pelo contrario, a lingua está humida, coberta de uma camada amarella, quando não ha sêde nem dôr na barriga, e quando este estado é acompanhado de fastio, os purgantes são então evidentemente indicados.

O publico é mui incliuado a empregar os purgantes, na crença de que todas as molestias são causadas pelos humores; todas as vezes que houver evacuações, confiará na cura: não tem feito progressos na sciencia medica, e conservou a este respeito as idéas dos medicos do XVI° seculo. É mui frequente achar-se pessoas que se purgão *por cautela*, como dizem, e para não cahirem doentes, o que produz muitas vezes um resultado contrario. Mal nasce uma criança, logo se dão purgantes para evacuar o *ferrado*, o qual sahe

muito bem por si mesmo, ou com uma pouca d'agua com assucar, ou melhor ainda com o primeiro leite da mã; se tem colicas, dão-se tambem purgantes, que as augmentão. Quando vai crescendo, não poupão mais que d'antes a pobre criança, em vez de lhe regularem a alimentação, que é quasi sempre mui forte, e que é uma das origens mais frequentes das suas molestias. Os adultos, mas sobretudo os velhos, não querem tambem passar sem os seus purgantes, e perturbão frequentemente um bom estado de saúde com sua administração intempestiva.

É sobretudo o abuso dos purgantes fortes ou drasticos que é seguido de graves accidentes; tem-se visto inflammações dos intestinos, convulsões, caimbras, fluxos de sangue, etc., resultarem do seu emprego; os purgantes resinosos, taes como a gommagutta, a escammonéa, a resina de jalapa, são particularmente os que tem causado estes graves accidentes, porque, sendo insolueis, dividem-se desigualmente no intestino e operão de alguma sorte a sua vesicacão no lugar em que podem accumular-se em dóse mui forte. É preciso, por conseguinte, abster-se o mais possivel dos purgantes drasticos, e só emprega-los nas circumstancias em que sua intervenção é indispensavel, como, por exemplo, na apoplexia, hydropisia e alguns outros casos raros. Os purgantes mesmo brandos, mui repetidos, produzem a febre, um calor morboso, lassidões, fraqueza, inappetencia, etc.

Os purgantes, e particularmente os mais energicos, os *drasticos*, são para os charlatães uma rica mina que elles não cessão de explorar. A maior parte de suas receitas são compostas de azebre, escammonéa, oleo de croton tiglium. A promptidão de seus effeitos, os resultados apparentes que maravillhão o vulgo, concorrem poderosamente para entreter a voga de todos estes *preciosos segredos*. Esteja entretanto a sociedade acautelada contra estes remedios activos que excitão de ordinario superpurgações perigosas. Por um doente que acha nelles a cura (e tê-la-hia com

meios mais brandos), quantos não achão sua perda em vez de salvação!

O *purgante Leroy*, de que devemos dizer aqui algumas palavras, tem tambem por base substancias drásticas. Esta droga comprehende duas receitas differentes: uma, dita *purgante de quatro grãos*, se compõe de uma dissolução em aguardente e em doses perniciosas destas tres substancias acres, escammonéa, raiz de turbith e jalapa, á qual dissolução se ajunta um xarope feito com senne; outra receita, dita *vomi-purgante*, não é outra cousa mais que uma forte decocção de senne e uma dissolução de emetico em agua e vinho branco. Os avisos das pessoas esclarecidas, os conselhos dos mais sabios medicos não podem impedir o povo de recorrer a estas preparações incendiarias, e o *purgante Leroy* não cessa ainda de fazer victimas.

PUS. Liquido morboso, formado em consequencia de um trabalho inflammatorio; vulgarmente dão-lhe o nome de *materia*. Este producto varia conforme a natureza do orgão inflammado e o grão da inflamação. O pus do tecido cellular é um liquido opaco, de côr branca amarellada, de cheiro particular, mais pesado que a agua. As vezes o pus é aguado, quasi transparente; outras vezes é sanguinolento. Quando o pus está formado em alguma parte, é preciso tratar de sua evacuação, porque sua presença no interior do corpo é mui nociva. *Vêja se POSTERA*, Vol. III, pag. 244.

PUSTULA MALIGNA. *Vêja-se CARBUNCULO*, Vol. I, pag. 277.

PUXOS. Vontade contínua, dolorosa e quasi inutil de ir á banca, acompanhada de calor no anus; observa-se na *dysenteria*. *Vêja-se* Vol. II, pag. 67.

PYLORO. Assim se chama o orificio inferior do estomago, pelo qual os alimentos passam para o intestino duodeno.

Q

QUASSIA. (*Quassia amara*, Linneo.) Arvore que dá na Jamaica e nas Guyanas, cultivada no Brasil nas provincias da Bahia e do Pará. O lenho e a raiz empregão-se em medicina debaixo da fôrma de infusão n'agua ou em vinho, como remedio tonico. A raiz é da grossura do braço, cylindrica, coberta com uma casca delgada, acinzentada e rachada; o lenho vem para o commercio em pedaços grossos, de côr branca amarellada, leve, difficil de pulverisar, inodoro, de sabor intensamente amargo puro.

O chá de quassia prepara-se deixando de infusão n'uma chicara d'agua fervendo meia oitava de quassia. Esta dôse bebe-se n'um dia. O vinho de quassia prepara-se macerando por cinco ou seis dias uma onça de quassia em 24 onças de vinho de Madeira, e coando o liquido. O vinho de quassia administra-se na dôse de duas a seis colheres de sopa por dia.

O chá e o vinho de quassia empregão-se nas escrophulas, flôres brancas, oppilação, inappetencia e em todos os casos em que é necessario fortificar a constituição por um remedio tonico.

QUEBRADO DAS COSTAS. *Vêja-se* CORCOVA, Vol. I, pag. 445 e RACHITISMO.

QUEBRADURA, ROTURA ou HERNIA. Entende-se commummente por *hernia*, *quebradura* ou *rotura*, um tumor produzido pela sahida de uma porção do intestino. As hernias varião conforme o lugar que occupão; umas se formão no embigo, outras se mostrão nas virilhas, escrotos, outras emfim occupão algum outro ponto do ventre.

As *causas* das hernias são numerosas. Umas obrão diminuindo a resistencia das paredes abdominaes; taes são a prenhez, a gordura excessiva, as *hydropisias*, que as distendem excessivamente: tal é sobre-

tudo a cessação rapida destes diversos estados, que deixa as paredes abdominaes mui relaxadas e suas aberturas mais extensas. Outras causas augmentão o esforço das visceras contra as paredes da cavidade abdominal: taes são todas as profissões que exigem grandes esforços, como o canto, a tosse, a equitação, os esforços violentos do parto, os da defecação nas pessoas que soffrem de prisão de ventre, a força necessaria para a expulsão das ourinas nos individuos affectados de estreitamento da uretra, as quédas de um lugar elevado. A acção das causas que acabamos de indicar pôde ser lenta ou graduada, quasi insensível. No principio, manifesta-se um sentimento de fraqueza em um ponto do ventre; logo observa-se uma inchação que augmenta com qualquer esforço dos musculos respiratorios. Às vezes a apparição da quebradura é subita, instantanea; por exemplo, em uma quéda: o doente experimenta então dôr em um lugar determinado do ventre.

Os caracteres pelos quaes se pôde reconhecer a presença de uma quebradura são numerosos. Deve-se suspeitar a existencia desta molestia quando se percebe um tumor mais ou menos volumoso no embigo ou na virilha; este tumor é molle, coberto de tegumentos sãos, de uma côr natural, e não é sensível á simples applicação da mão; se se comprime levemente quando o doente tosse, sente-se distinctamente que tem tendencia a augmentar. A posição recta ou o andar produzem o mesmo effeito, entretanto que a posição horizontal diminue o seu volume.

Uma quebradura abandonada a si expõe a consequencias perigosas. Os doentes experimentão nauseas, vomitos, indigestões, colicas, prisões de ventre; todas as funcções que exigem um certo emprego de forças são penosas, o tumor incommoda o andar; a quebradura, enfim, assim deixada é exposta a ser estrangulada, accidente mui grave e que pôde comprometter a vida do doente.

As indicações necessarias das quebraduras são: reduzir as partes sahidas e mantê-las assim reduzi-

das. Logo que um individuo affectado de quebradura sente que ella torna a apparecer, deve deitar-se, evitar de fallar, e, por meio de almofadas, manter o peito inclinado sobre o ventre, a bacia levantada e as pernas encolhidas. O doente assim disposto deve tentar a redução da quebradura. Para este fim tomará, com uma das mãos, o tumor pelo seu fundo e o dirigirá em differentes sentidos, comprimindo-o, afim de repartir igualmente os gazes e as materias que encerra, e, emquanto com a outra mão sustém seu pediculo para impedir que as partes se apresentem todas de uma vez á abertura, o comprimirá brandamente para obriga-lo a entrar no ventre. Quando estas tentativas são regularmente feitas, consegue-se a redução do tumor. A mão do doente deve estar ainda applicada exactamente sobre o ponto occupado da quebradura, até que a funda esteja posta. Esta preenche cabalmente o fim para que é applicada, quando nem a tosse nem algum outro exercicio um pouco forte fazem reaparecer o tumor. No artigo *funda* temos já tratado das condições que ella deve apresentar; diremos aqui sómente que, salvo se o doente é sujeito a longos e frequentes accessos de tosse, a funda deve ser tirada durante a noite, porque na posição horizontal as partes tendem mais a entrar do que a sahir. Esta pratica, que torna a pressão intermittente, allivia a pelle e impede que se inflamme pelo effeito de uma compressão contínua. Se, entretanto, este accidente sobrevier, será preciso applicar, debaixo da almofadinha da funda, um pedaço de panno fino.

Em alguns casos, o uso por muito tempo continuado das fundas basta para operar a cura radical da molestia; mas estes exemplos são mui raros e não se encontram senão em pessoas muito moças. Nos adultos e velhos, as fundas não devem em geral ser consideradas senão como meios auxiliares e palliativos. Sua insufficiencia foi sempre reconhecida, e muitos cirurgiões tem buscado outros meios para obterem a cura radical das hernias; mas as diversas

operações que tem imaginado forão julgadas inúteis ou perigosas. Não ha outros remedios para curar de quebradura. A applicação de funda por um ou dous annos nos doentes que tem menos de 12 annos é geralmente seguida de cura radical; de 12 até 20 annos, ha tambem esperança de curar com a funda, mas os doentes devem trazê-la por mais de dous annos; de 20 a 25 annos, a probabilidade de cura diminue, mas ainda existe; são mui raros os casos de cura nas pessoas maiores de 25 annos. Os banhos frios ajudão a cura. Quanto a varios emplastos que são annunciados nos jornaes, não tem curado a ninguem; o mesmo se deve dizer da applicação da *pelle de peixe-boi*: se este remedio tem produzido algumas melhoras ou curas momentaneas, devem ser attribuidas ao repouso a que os doentes forão submettidos por muito tempo, e não á *pelle do peixe-boi*.

A quebradura que não é reduzida pôde tornar-se a séde de uma estrangulação, estado em que as partes sahidas são apertadas pela circumferencia da abertura que lhes deu passagem, como se fossem apertadas por barbante que as comprimissem estreitamente. Este estado grave chama-se *hernia estrangulada*. As consequencias de uma semelhaute constricção são: a impossibilidade de fazer-se entrar a quebradura, a interrupção da passagem das materias fecaes; emfim, um tal obstaculo á circulação, que as partes podem gangrenar-se. Logo que uma quebradura experimenta os effectos da constricção, torna-se a séde de dôres que augmentão pela menor pressão, fazem-se sentir desejos de lançar, depois se declarão vomitos de materias biliosas e fecaes. Um suor frio se derrama por todo o corpo, as extremidades tornão-se geladas, o ventre se intumece, o tumor acaba por exhalar um cheiro infecto; chega então a gangrena, e o doente corre o maior perigo.

Logo que o individuo sentir dôr em uma quebradura sahida de repente, deve immediatamente deitar-se, na posição indicada, para favorecer a entrada do tumor, e reclamar os soccorros de um

cirurgião habil. Antes da sua chegada, tome clysteres d'agua morna para evacuar as materias, e faça algumas tentativas para obter a reduçãõ; mas vendo que são infructuosas, é necessario não continuar. Os maiores inconvenientes resultarião de manobras mui prolongadas. Que se fará, por consequinte, antes da chegada do cirurgião? Cobrir o tumor com cataplasmas de linhaça, metter-se em um banho quente por espaço de mais de uma hora; depois disto, tentar de novo a reduçãõ do tumor. Se estes novos ensaios fõrem ainda infructiferos e o tumor estiver vermelho e duro, é preciso applicar sobre sua circumferencia vinte a trinta bichas. Quando o cirurgião chegar e aconselhar a operação, o doente deve conservar-se passivo, submetter-se com resignaçãõ, porquanto da promptidãõ de sua decisãõ depende a conservaçãõ de sua vida.

QUEBRADURA DO EMBIGO. *Veja-se* EMBIGO, Vol. II, pag. 85.

QUEBRADURA DOS OSSOS. *Veja-se* FRACTURAS, Vol. II, pag. 280.

QUEBRANTOS. *Veja-se* FIGA, Vol. II, pag. 256.

QUEDA. As quédas são um dos accidentes mais ordinarios da vida. No maior numero dos casos, são sem importancia e não merecem de maneira alguma que se lhes dê attenção; outras vezes, pelo contrario, dão lugar a lesões tão graves, que a existencia fica mais ou menos proximamente ameaçada.

Os resultados ordinarios das quédas são contusões ou esfoladuras, o que se observa quando a quéda foi dada de uma pequena altura sobre uma superficie mui igual, o chão, por exemplo. Quando um individuo cahe de um lugar mais elevado sobre corpos duros, sobre um terreno calçado, não é raro que a quéda seja acompanhada de ferida contusa das partes molles, e até de fracturas ou de luxações. Emfim, quando a quéda é dada de um lugar muito elevado, a morte póde segui-la instantaneamente, o que acontece ordinariamente quando ella tem lugar do segundo ou terceiro andar de uma casa, ou

do alto de um edificio. Existem comtudo casos excepcionaes em que uma quéda pouco consideravel, da altura do individuo, sobre um plano pouco resistente, traz consigo accidentes mui graves, entretanto que, dada de um lugar extremamente alto, não produz senão desordens mui fracas em comparação ao que poderia ter acontecido. O celebre cirurgião barão Dupuytren contava nas suas lições a historia de um official caiador que, trabalhando da parte de fóra de uma casa, no setimo andar, do lado de um páteo muito estreito, estava collocado, como costumão fazer estes obreiros, na extremidade de uma prancha apoiada pelo meio á janella, e tendo na extremidade interna um individuo que fazia contrapeso. Largando este a prancha, seu camarada, que estava da parte de fóra, foi precipitado com violencia no páteo. Cahio primeiro na janella do andar debaixo, mas do lado opposto, quebrou os vidros, foi lançado á janella opposta do andar inferior, e descreveu assim uma quéda em ziguezague até abaixo. Pensavão todos acha-lo morto; mas elle não tinha senão uma pequena ferida no dedo minimo de uma das mãos, occasionada por um pedaço de vidro, e uma fractura do osso da palma da mão, correspondente a este pequeno dedo. Pô-le ir a pé até ao hospital, e não tardou muito a ficar bom.

Ha alguns annos, fui eu chamado a uma casa da rua da Assembléa desta côrte, para ver um crioulinho de dous annos que cahira do primeiro andar sobre o páteo calçado de pedras; não tinha senão leves contusões nos membros. Quando ainda estudante em França, vi uma mulher que, desesperada de se ver abandonada por seu amante, lançou-se do segundo andar abaixo, e, apesar desta quéda de mui alto, não apresentou nem fracturas, nem luxações, nem algum outro accidente grave; curou-se em pouco tempo de suas contusões. Devo observar a este respeito que as quédas de grandes alturas são sempre menos graves nas mulheres do que nos homens; as saias enchendo-se de ar enfunão-se e servem de

guarda-quédas, ou agarrão-se no camiuho a algum corpo, e em ambos os casos diminuem muito a violencia do baque.

As quédas são muito mais graves quando a pessoa é deitada por terra por um corpo movido com grande celeridade; uma parte desta celeridade se communica á pessoa com uma força que pôde ás vezes determinar a fractura dos ossos do craneo, e outros accidentes graves. O que acabamos de dizer é applicavel ás quédas e aos saltos das seges em movimento; estas quédas são ás vezes mui perigosas, como se pôde julgar pelo triste exemplo da morte do Duque de Orléans, filho primogenito do Rei Luiz Philippe. Aos 13 de Julho de 1842, sahio o Duque em uma sege para ir de Paris a Neuilly; no camiuho, os cavallos tomárão o freio nos dentes e deitárão a correr a toda brida. O Duque, para evitar provavelmente algum perigo, saltou no chão; no mesmo instante o levantárão; deitava sangue pelo nariz, ouvidos e olhos, e quatro horas depois, apezar de todos os soccorros da arte, cessou de existir. Praticou-se a autopsia no cadaver, e achou-se o craneo fracturado em grande extensão.

Por este infeliz caso se vê que, se acontecer a alguém achar-se em circumstancia semelhante, melhor é ficar na sege e expôr-se a algumas contusões, no caso de vir ella a virar, do que correr o risco de choque violento produzido pelo salto.

Duas cousas mui differentes devem ser consideradas em uma quéda: as desordens materiaes e visiveis, taes como as feridas, as fracturas, as luxações, as contusões; e uma commoção que disso resulta á economia inteira, e sobretudo ao cerebro. Frequentemente a morte não reconhece outra causa senão esta commoção. Provém ella igualmente das quédas em que a cabeça é a primeira a soffrer o baque; no maior numero de casos, é consequencia das que tem lugar sobre os pés, os joelhos ou o assento. A pessoa perde então os sentidos. Este caso é muito mais grave, e por isso é preciso estabelecer grande differença entre

as quédas com perda dos sentidos e as que não são acompanhadas deste symptoma.

Se a commoção é muito forte, ha incontinente perda dos sentidos e do movimento; a respiração é constrangida, o pulso fica fraco, as extremidades frias, e este estado póde durar algumas horas, e até alguns dias. Então o pulso se levanta de novo, o calor reaparece e o doente torna a recobrar os sentidos. Ao principio está em um estado de estupor mui grande, não entende senão difficilmente as perguntas que se lhe fazem; no fim de um tempo mais ou menos longo, este estado desaparece, e resta unicamente uma dôr de cabeça assaz intensa. Quando a commoção é mui ligeira, o doente perde apenas os sentidos um instante; depois levanta-se como se nada lhe tivesse acontecido; ás vezes só tem uma ligeira vertigem, um leve esquecimento. Estes symptomas, tão leves na apparencia, são entretanto de grande valor. Muitas vezes a commoção é seguida de inflammação do cerebro, molestia mui grave, e por isso é preciso não desprezar os meios de prevenir esta inflammação.

Tratamento das quédas. Os cuidados que se devem dar depois de uma quéda consistem em pôr a pessoa em repouso sobre uma cadeira ou sobre uma cama, e fazer-lhe respirar vinagre ou agua de Colonia, em lhe dar a beber uma pouca de cerveja preta, um pouco de vinho, ou simplesmente agua com assucar; deve-se tambem desembaraça-la de tudo quanto possa constranger a circulação, como espartilho, ligas, gravata, etc. Quando o pulso está fraco, a pelle fria, e existe perda completa dos sentidos, recorrer-se-ha a alguns excitantes para reanimar a acção do coração; far-se-hão fricções sobre o corpo com baeta, cobrir-se-ha o doente com cobertores de lã, pôr-se-hão sinapismos quentes sobre os membros; dar-se-lhe-hão a beber, em mui pequena quantidade, liquidos excitantes, como vinho quente com assucar, chá da India, aguardente com agua, que substituem perfeitamente todos esses vulnera-

rios, para os quaes cada qual tem seu segredo. Logo que o pulso adquire força, deixão-se de lado todos estes excitantes, e pratica-se uma sangria do braço; é um meio que raras vezes se deve escusar. Entretanto, em individuos mui fracos, bastará a applicação de algumas bichas atrás das orelhas. É indispensavel que os doentes observem uma dieta mui severa, e que recorram frequentemente a pediluvios sinapisados. É vantajoso tambem, se ha dôr de cabeça, que se mantenhão na testa pannos embebidos em agua fria e vinagre, os quaes se mudem logo que fiquem quentes. Se, apesar destes meios, se desenvolvem os symptomas de inflammação cerebral, será preciso recorrer-se a tratamento mais energico para fazer parar os progressos desta terrivel affecção.

Os symptomas da inflammação cerebral são os seguintes: dôr de cabeça, diminuição da intelligencia, modorra, dureza do ouvido, perda da vista, da falla; o doente expede involuntariamente as urinas, enfim fica paralyzado. O tratamento desta molestia se compõe de sangrias do braço abundantes e repetidas, applicação de bichas atrás das orelhas e pannos molhados em agua fria, ou melhor ainda gelo sobre a cabeça, vesicatorios nas barrigas das pernas; e no fim da molestia, purgantes administrados pela bocca ou em clysteres.

Nas quédas com simples contusões, o repouso e chumaços embebidos em agua fria e renovados frequentemente sobre o lugar contuso são os meios que se devem empregar quando não existe complicação alguma.

Quanto a alguns outros accidentes que podem ser o resultado das quédas, e que estão ao alcance das pessoas estranhas á arte de curar, achará o leitor nos artigos *esfoladuras*, *ferida*, *contusão* e *fractura*.

Todas as vezes que uma quéda fôr dada de uma altura consideravel, será conveniente que se recorra á sangria. Este preceito soffre algumas excepções

sem duvida alguma , mas applica-se á generalidade dos casos. É melhor fazer uma sangria inutil do que expôr-se a arrepender-se de assim não ter obrado, quando apparecem os symptomas graves que talvez fossem prevenidos pelo emprego deste meio. É preciso tambem lembrar-se que a sangria nunca deve ser praticada quando o corpo está frio, o pulso fraco, ou quando o doente está sem sentidos: feita nestas circumstancias, poderia occasionar a morte; mas deve-se recorrer a ella quando o corpo estiver quente e o pulso elevado. Geralmente fallando, a sangria não deve ser praticada senão algumas horas depois da quéda, e quando o estupor, que é o resultado da commoção, se tiver dissipado de todo. O repouso na cama será simplesmente indicado depois de quéda um pouco grave; nos casos mais ligeiros, os doentes buscarão sómente socegar.

Dissemos que as quédas são, em geral, tanto mais graves quanto mais duros os corpos sobre que se dão. Os corpos molles e elasticos podem entretanto occasionar accidentes terriveis. Um individuo se precipita no rio de cima de uma ponte, bate na superficie da agua com o plano anterior do corpo: este offerencia uma contusão mui grave; a morte sobreveio em poucas horas, porque o figado se havia rasgado. Um homem salta sobre um montão de colchões para sahir de uma casa incendiada, morre de repente; a commoção foi tão forte, que a morte foi instantanea. Os resultados das quédas sobre corpos molles são ordinariamente contusões; entretanto fracturas, e mesmo graves, podem ser produzidas por semelhantes quédas. Quanto ao tratamento, não offerece particularidade alguma.

Nas crianças as quédas são frequentes, mas felizmente pouco graves; sua pouca elevação, a molleza de seus ossos e de seus movimentos impedem que o choque seja mui forte, e, sendo os ossos mais elasticos do que na idade adulta, as fracturas e as luxações são por isso mais raras; mais se curvão do que se deslocão ou quebrão. Entretanto, esta molleza dos

ossos, sobretudo dos do craneo e do peito, permite que os orgãos que elles devem proteger sejam mais facilmente offendidos, e por isso é importante vigiar com activa attenção as crianças que derão uma quéda sobre a cabeça, afim de se prevenirem os accidentes que poderião manifestar-se no cerebro, em consequencia da commoção; assim, a perda do appetite, a cessação dos brincos, um estado de tristeza, uma dôr ou mesmo peso na cabeça, que se reconhece pelo abandono com que a criança a deixa cahir sobre um ou outro hombro, são outros tantos signaes, cada um dos quaes deve despertar a sollicitude dos pais, e obriga-los a recorrer a algum medico que possa impedir o desenvolvimento de alguma molestia grave. Chumaços molhados em agua fria misturada com vinagre e applicados frequentemente na cabeça, depois da quéda sobre esta parte do corpo, são ainda o que ha de mais vantajoso, sobretudo durante as primeiras vinte e quatro horas depois do accidente.

QUÉDA DO CABELLO. *Veja-se* CALVICIE, Vol. I, pag. 240.

QUÉDA DO RECTO. *Veja-se* ANUS, Vol. I, pag. 120.

QUÉDA DO UTERO. *Veja-se* UTERO.

QUEIJO. *Veja-se* ALIMENTOS, Vol. I, pag. 71.

QUEIMADURA. Lesão mais ou menos grave produzida sobre o corpo pela acção do calor concentrado. Existem seis grãos de queimaduras: simples rubefacção da pelle, rubefacção desta membrana, com empolas, desorganisação de uma parte da pelle, escarificação completa da pelle, combustão dos tecidos até aos ossos, e emfim, carbonisação de todo o membro.

Symptomas, marcha e duração. Na queimadura do primeiro grão, uma vermelhidão viva se manifesta, uma ligeira inchação e dôr a acompanha. Estes symptomas se dissipão em algumas horas ou em dous a tres dias.

A queimadura do segundo grão offerece sympto-

mas um pouco mais graves. A dór é viva, o calor ardente e a inchação consideravel; mas o que caracteriza este gráo é a presença das empolas mais ou menos grossas, cheias de serosidade. Se se abrem, o epiderme se abaixa, sécca, cahe no fim de alguns dias, e deixa ver um novo epiderme. Quando são arrancados no momento do accidente, o contacto do ar sobre a superficie nua da pelle occasiona dôres mui vivas; forma-se uma suppuração ligeira durante alguns dias, mas a ferida nem por isso se deixa de curar sem deixar cicatriz.

Quando a queimadura destróe uma parte da espessura da pelle, em uma palavra, quando é do *terceiro gráo*, este estado é annuciado pela presença de escaras pardas, amarellas ou roxas, que se separam do terceiro ao quarto dia. Depois da sua quéda, succede uma ferida superficial que se cura rapidamente deixando uma cicatriz analoga á que se observa em consequencia dos causticos cuja suppuração foi entretida por longo tempo.

Na queimadura do *quarto gráo*, a pelle é dura, insensivel, amarella ou parda. Ao oitavo ou nono dia, as escaras principião a soltar-se, e forma-se uma suppuração mais ou menos abundante. A quéda das escaras tem ordinariamente lugar do decimo quinto até ao vigesimo dia; fica uma ferida cuja duração depende de sua extensão.

A queimadura do *quinto gráo* não differe da que acabamos de descrever senão em interessar um maior numero de tecidos, em serem os accidentes inflammatorios mais graves, e emfim em serem as feridas que succedem á quéda das escaras mais profundas. Porém é ao principio impossivel distinguir-se este do gráo precedente.

Quanto á queimadura do *sexto gráo*, a carbonisação completa da parte a caracteriza sufficientemente, sem que seja preciso buscar outros signaes. Digamos, finalmente, que estes diversos grãos de queimadura são frequentemente reunidos na mesma parte.

Tratamento. O melhor meio de que se póde lançar

mão nas queimaduras superficiaes é a agua fria. Mas para que seja util, é preciso ter o cuidado de não deixar a agua aquecer-se, e continuar em seu uso por um pouco de tempo. A melhor maneira de emprega-la consiste indubitavelmente em mergulhar a parte queimada no liquido frio; mas como todas as regiões do corpo não permitem este modo de emprego, então recorre-se a pannos de linho ou algodão molhados constantemente em agua fria. Para preencher a mesma indicação, foi aconselhada a agua com sal, vinagre, vinho, polpa de batatas, etc. mas a agua fria simples é melhor. Depois do uso feito da agua fria por um quarto de hora, é preciso abrir com uma agulha as empolas, se existirem, na sua parte inferior, para que saia toda a serosidade. Evitar-se-ha de arrancar ou de cortar os pedaços do epiderme que protegem algumas papillas nervosas da pelle, e servem, por consequente, para diminuir a dôr. Isto feito, deve-se applicar sobre a queimadura um pouco de algodão, que, como por encanto, diminue a dôr e tem a vantagem de poder servir em todos os grãos de queimaduras. Emprega-se o algodão cardado, disposto em camadas mui delgadas, que se sobrepoem umas ás outras, e mantem-se por meio de um chumaço e de uma atadura brandamente apertada. Deixa-se assim o apparelho até á cura completa. Se, entretanto, a suppuração fôr abundante, tirar-se-hão as camadas de algodão que estiverem sujas, e substituir-se-hão por outras, deixando-se porém as adherentes á ferida.

Em lugar de algodão, cujo emprego aconselhamos com preferencia, alguns medicos se servem de pannos finos untados de ceroto simples ou de ceroto opiaceo. Repete-se o curativo todos os dias; mas quando a suppuração é excessiva, fazem-se dous e tres curativos por dia.

Nas queimaduras pequenas e superficiaes, o tratamento deve limitar-se á parte queimada; mas quando o fogo tem obrado em grande extensão, é preciso nos primeiros momentos administrar tres

colheres d'agua com assucar e 20 a 40 gottas de laudano, prescrever uma dieta severa e o uso da decocção de arroz, de cevada ou de alguma outra bebida emolliente. Estabelecida a suppuração, é preciso sustentar o doente com caldos e outros alimentos substanciaes. Durante a formação da cicatriz, convém oppôr-se á grande tendencia que tem as partes a se reunirem; sem isto, depois da cura, as partes queimadas ficarião disformes e a liberdade de seus movimentos compromettida. É necessario cauterisar com pedra infernal as carnosidades mui salientes: deve-se impedir que os doentes tenham dobrados no sentido da flexão *os membros queimados*; é preciso introduzir mechas nas aberturas naturaes que a cicatriz tenderia a estreitar; emfim, deve-se separar, por meio de tiras, os orgãos que, taes como os dedos, poderião contrahir entre si adherencias viciosas.

Quando um membro ou uma porção d'elle está completamente ou quasi completamente queimada, o unico meio de salvação para o doente é a amputação da parte.

Do pouco que acabamos de dizer sobre o tratamento da queimadura, póde-se concluir que ella não constitue uma molestia simples em sua natureza, constante em sua marcha e seus effeitos, que possa ser curada por um remedio simples e invariavel. É já muito o dizer-se que não existe unguento nem agua alguma contra as queimaduras. Em todos os tempos, entretanto, estes accidentes tem sido o objecto das tentativas mais ridiculas da ignorancia e do charlatanismo. Muitas pessoas possuem um remedio soberano contra as queimaduras; e uma cousa bem notavel, bem propria para inspirar uma cega confiança ao povo, é a fé absoluta, a intima convicção de que são dotados os possuidores dessas drogas infalliveis. Seja-nos pois permittido citar, a este respeito, uma anecdota que o Dr. Dupuytren contou em suas lições.

Foi levada á Santa Casa da Misericordia de Paris

uma moça por causa de uma queimadura horrorosa que se estendia quasi dos pés até á cabeça. Era facil conhecer que , se esta desgraçada doente resistisse aos primeiros accidentes , não poderia supportar a inflammação e a suppuração, que não se farião esperar. Foi considerada como incuravel. Entretanto , uma senhora respeitavel por sua idade e suas maneiras, tinha acompanhado esta doente, e sollicitava com instancia ser admittida a trata-la. Tinha recebido, dizia ella, por herança, um segredo transmitido ha quatrocentos annos, de geração em geração , e com o soccorro do qual milhares de pessoas tinham sido curadas. Em vão fez-se-lhe observar o estado desesperado da doente, em vão aconselhou-se-lhe, em abono de seu remedio, que esperasse uma occasião mais favoravel; insistio com tanta tenacidade, que o doutor, depois de se haver assegurado de que o remedio nada continha que fosse nocivo , permitto-lhe fazer uso delle. Nada poderia igualar o zelo e a dedicação que ella empregou em untar, muitas vezes por dia, a doente com o seu unguento. Logo uma inflammação viva se desenvolveu ; regozijou-se della , como de um effeito salutar do seu remedio. Circulos inflammatorios circumscreverão as partes queimadas, e ella annunciou que o mal não tardaria a ceder. Vastos pedaços de pelle e de musculos se despegavão todos os dias, e ella não se desenganava. Emfim, só a morte, que teve lugar no decimo quinto dia do accidente, pareceu pôr em duvida o seu espirito ácerca da efficacia do seu segredo hereditario.

Repetimos : não ha meio applicavel a todos os casos de queimaduras. Só o medico é quem deve dirigir o emprego de tal ou tal medicação, segundo os phenomenos da molestia. As pessoas estranhas á medicina devem limitar-se á administração dos primeiros soccorros, e os pormenores em que temos aqui entrado as habilitão para isto.

Antes de acabar este artigo, achamos do nosso dever clamar contra uma pratica recommendada por algumas pessoas, queremos fallar da exposição da

parte queimada a um calor tão vivo, que o doente apenas o pôde supportar, já mergulhando a parte em agua mui quente, já, o que é considerado como mais efficaz, approximando-a, tanto quanto é possível, de um foco ardente. Este modo de proceder, que nas queimaduras ligeiras é inutil e doloroso, pôde offerecer verdadeiros perigos quando se trata de uma queimadura extensa. Exalta a dôr já excessiva e excita a inflamação, á qual as partes são dispostas. Destruir um erro tão prejudicial nos pareceu um dos objectos do livro que publicamos. Deixem nossos leitores esta medicação aos homeopathas, cujo systema é, como se sabe, curar as molestias com os mesmos meios que a produzem, e sigão a marcha conforme á razão e á observação pratica.

Meio de se preservar da queimadura quando o fogo pega nos vestidos. Este meio é mui simples. Logo que uma pessoa reparar que pegou fogo nos seus vestidos, é preciso que corra para a cama, e se cubra com cobertores, o mais completamente que fôr possível, ou que se deite entre dous colchões.

Não serve de nada correr para fóra da casa; antes, pelo contrario, desta maneira a pessoa augmenta o incendio e expõe-se á morte: é tambem de pouca utilidade chamar soccorro.

Uma mulher de um chimico se salvou em França por um meio analogo. Seu marido tinha posto perto do fogo, e sem preveni-la, um garrafão cheio de alcool em que deixou de maceração uma substancia. Por inadvertencia, o garrafão se quebrou, o alcool inflammou-se, o fogo pegou nos vestidos desta senhora. Não havia cama neste quarto, mas existia uma mesa coberta de um grande tapete. Immediatamente esta senhora puxou pelo tapete, embrulhou-se nelle e reboleou-se no chão. Desta maneira apagou o fogo e escapou á queimadura.

QUEIMADURA PELO SOL. Tem este nome uma sorte de inflamação superficial que dá á pelle uma côr vermelha erysipelatosa, e que reconhece por causa a acção ardente e prolongada de um sol

mui forte sobre as partes descobertas. De ordinario, a queimadura pelo sol se observa no rosto e no pescoço; póde ser tambem nas mãos, nos braços, nas costas, etc., se estas diversas regiões do corpo fôrem tocadas a nú, por um espaço de tempo mais ou menos longo, pela acção directa dos raios solares. As pessoas que tem a pelle fina e delicada, e que são pouco habituadas a estarem expostas por longo tempo ao sol, são mais dispostas a ella do que as outras. Vê-se sempre, em consequencia das paradas que se fazem nos dias quentes do anno, os guardas nacionaes experimentarem a queimadura pelo sol, entretanto que é isto pouco commum nos militares de profissão.

Uma vermelhidão viva, com a pelle turgida, sentimento de calor e de comichão, sensibilidade ao tocar, ás vezes dôr de cabeça, e até movimento febril, taes são os symptomas habituaes da queimadura pelo sol. Um banho morno, mais frio do que quente, lavatorios frios sobre a parte inflamada, unccões com leite, azeite doce, ceroto simples, moderão a dôr que o doente experimenta. É raro que esta leve molestia se prolongue além de dous ou tres dias. Tem-se, entretanto, visto ás vezes uma erysipela verdadeira, e até uma inflamação do cerebro, desenvolver-se na occasião de uma queimadura pelo sol; mas felizmente estes accidentes são raros. Se entretanto elles sobrevierem, será preciso recorrer á sangria.

QUEIXO ou **MANDIBULA**. Designa-se debaixo do nome de queixos ou de mandibulas as duas arcadas osseas onde estão implantados os dentes, e que constituem a maior parte da porção ossea do rosto. Ha dous queixos que se distinguem, por causa da sua situação, em queixo *superior* e *inferior*. Vamos occupar-nos aqui das *deslocações* e das *fracturas* dos queixos.

DE-LOCAÇÃO ou **LUXAÇÃO DO QUEIXO INFERIOR**. O osso maxillar inferior póde sahir de sua cavidade articular de um lado ou de ambos os lados.

Causas. A deslocação do osso maxillar inferior póde ser produzida por tudo o que é susceptível de abaixar mui fortemente o queixo. Ordinariamente tem lugar durante os bocejos ou vomitos violentos, ou é occasionada por quedas e pancadas sobre o queixo.

Symptomas. Conhece-se a deslocação pelos caracteres seguintes: quando tem lugar de ambos os lados, o que acontece mais frequentemente, a bocca fica aberta, não póde ser fechada nem por vontade do doente, nem por uma pressão qualquer; os dentes inferiores estão mais para diante do que os superiores, ha escorrimento continuo da saliva; o doente não póde engulir, falla com difficuldade, e sente grande dôr adiante da orelha. Quando a deslocação existe só de um lado, a dôr existe só do lado deslocado; o queixo é virado do lado opposto á deslocação, a bocca fica menos largamente aberta.

Tratamento. Durante um certo tempo, esta molestia era tratada *por um sóco*, que se dava debaixo do queixo; o meio que hoje se emprega é mais simples e mais racional.

O doente se assenta em uma cadeira baixa e solida, e encosta-se contra o peito de uma pessoa que lhe segura a cabeça com ambas as mãos. O cirurgião, collocado diante do doente e tendo os dous dedos pollegares envoltos em um panno de algodão, leva-os tão longe quanto fôr possível entre os dentes e os apoia sobre os ultimos queixaes inferiores; pegando então pelo queixo com os outros dedos levados debaixo da barba, carrega fortemente com os dedos pollegares, afim de abaixar directamente o queixo, e, continuando a comprimir, puxa o queixo para trás, e ao mesmo tempo com os dedos cruzados debaixo da barba levanta um pouco esta parte; então os ossos tornão a entrar no seu lugar, e tão subitamente, que os dedos pollegares do cirurgião ficão fortemente apertados; é preciso tira-los para fóra para não embaraçar a reduccão. Cessão no mesmo instante as dôres e a disformidade, e fica restabelecida a liber-

dade dos movimentos. Entretanto, é preciso durante um mez evitar qualquer abaixamento um pouco forte do queixo, porque a deslocação do queixo, produzida que seja uma vez, pôde tornar a voltar com muita facilidade.

2.º FRACTURA DO QUEIXO INFERIOR. O queixo inferior pôde quebrar-se em muitos pontos. A mais frequente destas fracturas é a que acontece no meio do osso, perto da barba; pôde tambem ter lugar sobre os lados.

As causas destas fracturas são as pancadas e as quedas sobre o queixo inferior, ou a acção das balas lançadas por polvora.

Symptomas. Não existe deslocação mui sensível nas fracturas do queixo inferior; mas este accidente conhece-se mui facilmente pela mobilidade dos fragmentos do osso e pela crepitação que se ouve.

Tratamento. Ha muitos meios de se tratarem as fracturas do queixo inferior. Podem-se fixar os dentes dos dous fragmentos com linha, e podem-se manter as partes exactamente approximadas por meio de ataduras.

Durante todo o tempo da consolidação, o doente deve evitar o fallar e fazer movimentos de mastigação; deve-se nutrir só com caldos, sopas ou outros alimentos liquidos. Trinta dias são sufficientes para a consolidação completa.

3.º FRACTURAS DO QUEIXO SUPERIOR. Os ossos cuja reunião forma o queixo superior são ás vezes quebrados pela acção dos corpos contundentes, como pedras, bengalas, balas de espingarda, couce de algum animal, etc. Conhece-se este genero de accidentes pela mobilidade da totalidade ou só de uma parte da arcada dentaria superior, pela crepitação dos fragmentos e pela dôr.

Tratão-se estas fracturas pondo-se no seu lugar os fragmentos com os dedos, e fixando-os aos dentes vizinhos por meio de fios de linha. Os doentes devem observar o silencio mais absoluto e usar só de comidas liquidas; frequentemente é

difficil obter-se a cura sem que fique alguma disformidade.

QUENTE. Dá-se este nome a alimentos geralmente excitantes, que estimulam fortemente a economia, accelerão a circulação, e podem irritar o estomago se são ingeridos em mui grande quantidade. Pertencem á classe dos alimentos quentes todas as substancias fortemente aromaticas, as carnes salgadas, fumadas, apimentadas ou fortemente temperadas; os pepinos pequenos e outros fructos preparados com vinagre, pimenta, alho, mostarda; o peixe salgado ou fumado, etc. Por opposição, os alimentos frescos são as hortaliças, quasi todas as fructas, ovos escalfados, leite, etc. Devemos usar com moderação dos alimentos quentes.

QUIGOMBO. Fructo de *Hibiscus esculentus*, Linneo, planta originaria da Africa, cultivada no Brasil. Este fructo contém muita mucilagem, e sendo cozido constitue um alimento mui salubre.

QUINA. A quina é a casca de muitas arvores do genero *Cinchona*, que dão no Perú. Seu nome *quina*, na lingua dos indigenas da America central, quer dizer *casca*. Em 1638, havendo a condessa d'El-Cinchon, mulher do vice-rei que residia em Lima, sido accommettida de sezões rebeldes a todos os medicamentos empregados, um Hespanhol, governador de Loxa, e a quem dizem que um Indio tinha ensinado as propriedades febrifugas da quina, propôz o uso desta substancia: a condessa a empregou e sarou promptamente. Este bom exito firmou a reputação da quina, que foi levada á Hespanha e empregada debaixo do nome de *pós da condessa*. Os jesuitas fizeram apreciar todas as suas vantagens e vendêrão-a debaixo do nome de *pós dos jesuitas*. Não tardou em ser conhecida na Italia e no resto do mundo. Os bons effeitos visiveis da quina não impedirão que muitos medicos a desapreciassem e prohibissem seu uso. Mas sua utilidade tornou-se tão evidente, que triumphou de todos os obstaculos, a ponto de ser considerada ha muito tempo como um

dos recursos mais importantes da materia medica.

As quinas se colhem desde o mez de setembro até ao de novembro por homens chamados *casca-rihos*, que vão aos lugares em que crescem as arvores e provão se a casca está boa, tirando uma porção della; se se faz vermelha ao ar, está madura; colhe-se então, fazendo-se incisões sobre os ramos e troncos e despegando-a com as costas de facas: poem-se as cascas ao sol; quanto mais delgadas são, tanto mais se enroscão pela acção do calor, e quanto mais grossas, tanto mais chatas ficão. São reunidas depois e divididas segundo o seu aspecto exterior, côr, sabor, etc., rejeitão-se as que são de côr denegrida, mui leves, ou que provém de ramos mortos; fazem-se dellas surrões de 100 a 150 libras e mandão-se para a Europa.

O commercio conta hoje até vinte e cinco especies de quina; entre as quaes é preciso distinguir as quinas cinzenta, branca, amarella e vermelha. A *quina cinzenta*, que é da grossura de uma penna de escrever ou de um dedo, tem por fóra um epiderme cinzento, é dividida por fendas transversaes, de côr roxa ferruginosa por dentro, de sabor adstringente e amargo, cheiro um pouco aromatico. A *quina branca* é mais pallida por dentro do que a quina cinzenta, e mais cinzenta por fóra. Tem um sabor amargo e não adstringente. A *quina amarella* é larga, diversamente enroscada, de côr amarella tirando a roxo, de sabor amargo e mui adstringente, quasi sem cheiro. A *quina vermelha* é uma casca espessa, mais ou menos vermelha, amarga, mui adstringente, coberta de um epiderme espesso e rugoso, marcada de fendas irregulares.

A quina é um tonico, e como tal emprega-se com muita vantagem para reanimar a vida dos órgãos, dar ás funcções força e vigor; é igualmente anti-putrida, e associa-se frequentemente a outros tonicos para combater certos estados de atonia. Mas, de todas as propriedades da quina, a mais evidente e mais preciosa é a febrifuga.

Entretanto, a quina não convém contra todos os estados febris. Nas febres continuas, nas que são symptomaticas das inflammações das visceras, o emprego da quina seria perigoso. É particularmente contra as febres que apresentam phenomenos de *intermittencia*, contra as *sezões* ou *maleitas*, que a quina goza de propriedades heroicas. Ha comtudo febres continuas que são acompanhadas de debilidade geral, nas quaes esta casca deve ser empregada.

As diarrhéas chronicas, os catarrhos pulmonares antigos, as flôres brancas, curão-se mui bem pelo uso deste medicamento.

A quina emprega-se como tonico nas convalescências longas e difficeis, nas quaes as vias digestivas tem necessidade de certa excitação para recobrem suas funcções, e quando o corpo apresenta uma notavel pallidez e está disposto á infiltração. O mais frequentemente então as preparações de quina se dão, muitas vezes por dia, e até na hora das comidas. Administra-se tambem na oppilação.

A cirurgia não faz deste remedio, interna ou externamente, um uso menos vantajoso do que a medicina. Externamente, usa d'elle sobretudoo contra a gangrena. Polvilhão-se tambem com pós de quina as ulceras escorbuticas e as feridas chronicas.

Um medicamento tão justamente gabado merecia da parte dos medicos chimicos um exame attencioso, e por isso muitas celebridades da sciencia tentárão, em épocas differentes, a analyse desta preciosa casca; emfim, em 1820, Pelletier e Caventou, chimicos francezes, chegarão a isolar da quina uma substancia chamada *quinina* (*Veja-se o artigo seguinte*), e, conjunctamente com outros medicos sabios, demonstrárão que nesta substancia é que residem todas as propriedades febrifugas da quina. Esta descoberta é uma das mais importantes da medicina. A quinina, representando em dóse mui pequena as grandes porções da quina, é muito mais commoda para tomar; e desta maneira os doentes não são forçados a engulir uma grande quantidade de casca inerte

que se accumulava nas entranhas, e era causa de dureza de ventre quando era administrada em grande dóse, como acontecia nas febres intermitentes, e principalmente nas perniciosas. A alguns doentes mesmo, ás crianças sobretudo, não era possível fazer-lhes ingerir uma grande porção de pós de quina, fórma debaixo da qual este medicamento era ordinariamente empregado.

A *quinina* não veio entretanto substituir inteiramente a quina: suas propriedades são principalmente *febrifugas*, e como tal emprega-se de preferencia nas sezões; mas como *tonico*, continúa a casca da quina a ser administrada sob as differentes fórmas que passamos a indicar.

Pós de quina. Empregão-se com particularidade externamente para curar as ulceras chronicas. Internamente se usão como estomachicos, contra o fastio, na dóse de seis a vinte e quatro grãos, sós ou misturados com igual quantidade de rhuibarbo em pó. Esta dóse toma-se na primeira colher de sopa no momento de jantar, e repete-se por cinco ou oito dias.

Em decoção. A dóse é de meia a uma onça de casca para um quartilho d'agua. Emprega-se em bebida nos casos de fastio, de escrophulas, etc., e em lavatorios, banhos, etc.

Vinho de quina. É a infusão da casca no vinho. Este vinho administra-se como tonico, antiscorbuto, digestivo, etc., na dóse de uma a duas onças por dia; ás vezes toma-se alguns momentos antes do jantar.

Xarope de quina. Prepara-se com agua ou com vinho; este ultimo é mais usado, e dá-se principalmente ás crianças, como estomachico, antiscrophuloso, fortificante, na dóse de uma a duas onças por dia, continuada por um a dous mezes.

Tintura de quina. É uma infusão de quina em alcool. Emprega-se em fricções sobre a pelle.

Preparão-se tambem pastilhas, pilulas, etc., com

quina ou com extracto de quina, que ás vezes os medicos receitão como tonicos.

A quina entra em um grande numero de formulas febrifugas, tonicas, antisepticas, antiscorbuticas, estomachicas, adstringentes, etc., sob a fórma secca, conservas, pilulas, tinturas, elixires, que nos seria impossivel enumerar. Em pós, entra na composiçãõ das opiatas e dos pós dentificios, nas preparaçoẽs para os embalsamamentos, etc.

O Brasil possui muitas especies de quina que por suas propriedades se approximão muito das quinas do Perú. O Sr. Augusto de St.-Hilaire as descreveu debaixo do nome de *Cinchona ferruginea*, *Cinchona Vellozii* e *Cinchona remijeana*. Dão na provincia de Minas Geraes, onde os habitantes as designão sob o nome de *quina da serra*, *quina de remijo*. Existe ainda no Brasil uma pequena arvore vulgarmente chamada *quina do campo* ou *Strychnos pseudo-quina* (St.-Hilaire); tem um epiderme espesso, de côr amarella cinzenta, ás vezes côr de rosa, e pôde tirar-se facilmente em pedaços ou em laminas; a casca propriamente dita é mui delgada, quebradiça, inodora, amarellada, ás vezes denegrida; o alborno, que é branco, fica rosaceo quando o despegão em laminas delgadas. Esta casca é de um sabor forte, picante; dá-se em pós na dóse de meia a uma oitava, ou em infusão.

Os Drs. Segalas e Courtier dizem tê-la empregado em França, a pedido do Sr. St.-Hilaire, e assegurão terem curado por seu meio febres que tinham resistido á quina. Analysada, em 1823, por Vauquelin em Paris, a *quina do campo* ministrou a este celebre chimico uma materia amarga mui abundante, e que parece possuir a virtude febrifuga; mas não contém quinina, o que prova que este principio não é o unico antifebril. Segundo o Sr. St.-Hilaire, a *quina do campo* se emprega, no paiz em que dá, contra as sezões.

QUININA. Substancia branca, de natureza alcalina, descoberta em 1820 na casca da quina, e que

goza, segundo experiencias bem confirmadas, da maior parte das propriedades da mesma quina.

Sendo a quinina insolúvel n'agua, não produziria todos os seus effeitos se fosse ingerida pura, e por isso a combinão com os ácidos, afim de se obterem saes soluveis, que gozão de uma efficacia maravilhosa. O acido que se costuma associar mais ordinariamente á quinina é o sulfurico; o *sulfato de quinina*, que resulta desta reunião, é o sal que se emprega com preferencia a todos os saes da quinina; vamos occupar-nos delle exclusivamente.

O *sulfato de quinina* apresenta-se debaixo da fórma de pequenas agulhas brancas, lustrosas; é amargo, pouco solúvel na agua fria, mas solúvel no alcool ou n'agua, á qual se ajunta uma gotta de acido sulfurico ou uma pequena quantidade de vinagre.

O sulfato de quinina offerece, debaixo de um pequeno volume, as propriedades de uma quantidade consideravel de casca de quina; assim, dous grãos de sulfato de quinina representam pouco mais ou menos uma oitava de casca de quina. Concebe-se todo o partido que a medicina deve tirar de tão preciosa preparação; e por isso o sulfato de quinina tem substituído, no maior numero dos casos, as outras preparações de quina, cujo volume repugnava aos doentes e produzia um grande peso no estomago.

O sulfato de quinina emprega-se contra um grande numero de affecções periodicas, isto é, as que apresentam intervallos na sua duração e voltão em épocas certas; mas o seu uso mais frequente é nas febres intermitentes chamadas vulgarmente *sezões*.

A dóse em que se administra pela bocca varia de 4, 16 a 30 grãos, no intervallo dos accessos da molestia; alguns medicos administrão-no em doses muito mais fortes. Geralmente, nas febres intermitentes simples, a dóse para um adulto é de 12 a 16 grãos, que se dividem em tres ou quatro partes, e administrão-se, no intervallo da febre, em uma colher de xarope, mel, doces, hostia, ou mis-

turados com assucar. Para as crianças, a dóse varia de 2 a 8 grãos, que tambem se dividem em tres ou quatro partes e se administração da mesma maneira. Nas boticas acha-se *xarope de sulfato de quinina*: esta preparação resulta da mistura do sulfato de quinina, dissolvido antes n'agua acidulada, e de xarope simples. Uma onça, isto é, duas colheres *de sopa* deste xarope contém 2 grãos de sulfato. Dá-se ás crianças por colheres de chá. Nas febres intermitentes perniciosas, a dóse do medicamento póde ser maior.

O sulfato de quinina administra-se tambem externamente por meio de fricções. Dissolvem-se 4, 6, 8, 10 ou 15 grãos deste medicamento em duas colheres d'agua, a que se ajunta uma gotta de oleo de vitriolo (acido sulfurico), ou algumas gottas de vinagre, e fazem-se as fricções sobre as costas ou face interna dos braços. Estas fricções, que se repetem tres a quatro vezes durante o intervallo da febre, empregão-se principalmente nas crianças, que de ordinario mostram grande repugnancia contra os medicamentos amargos, ou nos individuos em que existe alguma impossibilidade de engulir, ou inflamação do estomago que contraindica o uso interno do sulfato.

O sulfato de quinina, e sobretudo quando é administrado em grande dóse, produz ás vezes a diminuição do sentido do ouvido, que vai em alguns casos até á surdez: parece aos doentes que ouvem de muito longe; mas este estado não dura por muito tempo, e dissipa-se por si.

O mesmo medicamento provoca ás vezes a diarrhéa. Muitos doentes, quando tomão 12 a 20 grãos de sulfato em uma dóse, ficão purgados. Esta acção purgante do sulfato de quinina merece uma mui seria attenção, porque, quando o medicamento a apresenta, não exerce uma acção febrifuga tão energica. Para remediar este inconveniente, é bom que se ajunte a cada dóse do sulfato $1/4$ grão ou $1/2$ grão de opio, ou que se administre o sulfato em quantidade menos consideravel.

Quanto ás obstrucções do figado e do baço, que alguns observadores dizem ser o resultado da ingestão do sulfato de quinina, esta accusação tem cahido ante a observação mais segura, que provou que estas obstrucções dependião da duração das febres intermitentes e não do remedio administrado contra ellas.

QUITOCO (*Pluchea quitoc*, Decandolle). Planta do Brasil. Caule directo de 3 a 4 pés; folhas verdes claras, ovaes, agudas, cheiro aromatico e agradável, flôr branca. Esta planta emprega-se em banhos como estimulante.

R

RABANETE (Raiz de *raphanus sativus*, Linneo), planta cultivada nas hortas. Come-se com sal, excita as forças digestivas do estomago, mas provoca arrotos desagradaveis.

RACHAS, RACHADURAS ou FENDAS. São pequenas feridas dolorosas, produzidas pelo attrito ou por qualquer outra causa irritante, que se observão nos beiços, bicos dos peitos, anus, partes naturaes, palmas das mãos, plantas dos pés e outros pontos do corpo. Curão-se estas pequenas feridas privando-as das causas que as produzirão, e empregando-se lavatorios e pomadas emollientes, taes como a decocção de sementes de linhaça, de raiz de althéa, a manteiga de cacáo e o ceroto simples. Contra as rachas dos beiços, o unguento rosado é o melhor. Ás vezes é preciso tocá-las com pedra infernal; com esta leve cauterisação obtem-se a cura rapida.

RACHAS DO BICO DO PEITO. *Vêja-se* Vol. I, pag. 212.

RACHITISMO. Entende-se pela palavra *rachitismo* o estado em que um maior ou menor numero

de ossos, e ás vezes todas as partes que compoem o esqueleto humano, perdêrão sua consistencia ordinaria e ficão molles e flexiveis; a esta molestia é que pertence a historia dos *carcundas*, das *pernas tortas*, dos *cambaios*, e de muitas outras deformações. O amollecimento dos ossos póde ser ás vezes levado a ponto de permittir corta-los com uma faca como se faz á cera. Este estado procede de terem os ossos uma tendencia a despirem-se das partes salinas que lhes dão sua consistencia e sua rigidez natural. Não se devem confundir com elle as deformidades numerosas que podem sobrevir ás crianças quando começam a andar mui prematuramente, e as que resultão das attitudes viciosas prolongadas, ou do abuso dos espartilhos mui apertados.

Todas as partes do esqueleto, temos dito, são susceptiveis de amollecimento; algumas, entretanto, são a isso muito mais dispostas do que as outras: taes são, por exemplo, as vertebrae ou os ossos do espinhaço, as costellas, a bacia, e sobretudo os ossos longos dos membros inferiores. Uma vez todos os ossos do corpo são atacados, ou ao mesmo tempo ou successivamente; outras vezes a molestia se limita a alguns d'entre elles. Esta molestia sobrevém mais ordinariamente ás crianças desde a idade de seis ou dez mezes até aos tres annos; ás vezes, entretanto, apresenta-se pela primeira vez na época da segunda dentição ou da puberdade, ou na occasião de uma primeira prenhez. A unica differença que se apresenta na producção do rachitismo, em uma ou em outra época da vida, é a seguinte: na criança, a molleza dos ossos póde até certo tempo ser considerada como a prolongação de um estado primitivamente natural, entretanto que nos adultos ha não sómente falta de deposito sobre os ossos da materia calcaria destinada para a consolidação do esqueleto, senão que existe demais resorpção da parte desta materia já depositada. A observação desta molestia é um caso mui raro nos velhos; diremos outro tanto de sua existencia nos meninos recém-nascidos.

Causas. A causa primaria do rachitismo, assim como a da maior parte das molestias, é extremamente obscura. O principio desta affecção se desenvolve espontaneamente em certos individuos que são mais dispostos a ella do que outros por sua constituição. Para os individuos em que esta disposição primitiva está occulta e já existe, muitas causas secundarias podem concorrer para o desenvolvimento da molestia: assim, o trabalho da dentição, o enfraquecimento da constituição em consequencia de muitas molestias, tornão-se causas do rachitismo. A habitação em paizes frios e humidos parece tambem produzir esta molestia. Observa-se principalmente na Hollanda, no norte da França e na Inglaterra. Era tão geral neste ultimo paiz durante o decimo sexto seculo, que por longo tempo dava-se-lhe o nome de mal inglez; observa-se mais raramente nos paizes quentes; no Rio de Janeiro existe, mas não é tão commum como nas outras partes. Reina mais frequentemente nas cidades populosas do que nas aldêas e roças. As crianças das classes inferiores, que são muí mal nutridas nas grandes cidades, estão geralmente mais sujeitas a ella do que as das classes elevadas, bem que estas não estejam isentas. Na classe rica, os meninos tornão-se ás vezes rachiticos pelo abuso dos banhos mornos, e pela alimentação muí forte nos primeiros mezes da vida. O rachitismo observa-se mais especialmente no sexo feminino do que no masculino, e nas crianças de uma constituição debil ou nascidas de pais de temperamento fraco. Existem entretanto factos que provão que esta molestia affecta os moços apparentemente robustos, bem constituídos e nascidos de pais cuja saúde nada soffre. Mas, geralmente fallando, a affecção que faz o objecto deste artigo é susceptivel de desenvolver-se debaixo da influencia de todas as causas que debilitão lentamente. A tudo quanto precede a este respeito, accrescentaremos, ácerca da criança em tenra idade, uma amamentação muí prolongada, o leite de uma ama gravida, a habitação em lugares baixos,

humidos e escuros, a falta de exercicio. Deve-se temer mais particularmente o rachitismo nas crianças que tenham soffrido, nas que tem a cabeça volumosa, o ventre grosso, as pernas magras e fracas, as articulações dos pulsos e dos joelhos mui grossas, quando é penosa a dentição, e quando os dentes se estragão quasi immediatamente depois de terem sahido. Digamos, emfim, que o onanismo é uma das causas mais poderosas de enfraquecimento e de rachitismo.

Symptomas. O rachitismo da primeira idade annuncia-se ás vezes subitamente por uma ligeira febre, pela tristeza, perda de appetite, impossibilidade de suster-se em pé, dôres nos membros, ourinas turvas, etc. Estes symptomas podem faltar ou não apparecer senão no momento de um augmento subito na intensidade do mal, que de ordinario annuncia-se de antemão pela languidez, pallidez e inchação das juntas. Muitas vezes o primeiro symptoma apparente é uma deformação, uma curvatura rapidamente operada no meio de um osso longo ou de muitos ao mesmo tempo. Quer estas deformações sejam simultaneas ou successivas, tendem a augmentar, ora desigualmente, ora de uma maneira igual, e podem chegar a tal ponto, que difficilmente se concebe como a vida se pôde conservar em um corpo tão maltratado: encontrão-se alguns destes individuos que, chegados á idade adulta, não tem mais de dous pés de altura. Os dentes são frequentemente cariados ou estriados.

A columna vertebral conserva-se ás vezes direita no meio da deformação universal, ou está menos viciada do que os membros inferiores; por isso não é raro encontrar-se um individuo *cambaio* sem ser *carcunda*. Mas, bem que em geral a columna vertebral se desfigure mais tarde do que as outras partes do corpo, suas alterações nem por isso são menos profundas, e ha casos em que fica tão torta, que em algumas partes de sua extensão tem quasi a direcção transversal. A curvatura natural das costellas aug-

menta. Os ossos dos membros superiores experimentão um encurtamento notavel; os dedos, sobretudo, são curtos, espessos e nodosos; o braço é muitas vezes curvado quasi em fórma de S, e o antebraço arqueado para dentro. As coxas adquirem tambem mais ou menos a figura de S. As pernas, ordinariamente na sua parte inferior, tornão-se convexas para diante e para fóra. Mais raramente os ossos desta parte do corpo se curvão na sua parte superior para diante e para dentro, e esta curvatura foi vista ser levada a um ponto tal, que o individuo pisava no chão tanto com a perna como com o pé.

Um dos phenomenos mais notaveis da affecção é o desenvolvimento prematuro das faculdades intellectuaes e dos sentidos, sobretudo do ouvido e da vista. Todas as pessoas poderãõ observar que os carcundas tem o espirito penetrante e vivo, seus ditos maravilhãõ; são tambem susceptiveis de paixões vivas.

Importa sobretudo reconhecer os primeiros phenomenos do rachitismo. Na idade infantil, denota-se pela arqueação das pernas ou pela proeminencia do osso que se acha na parte superior do peito e que se chama clavicula. Nas idades subseqüentes, descobre-se sobretudo pela desviação do dorso ou pelas más posturas. A criança não sustenta bem o corpo, e se se lhe diz que se endireite, observa-se, examinando-a com attenção, que um dos hombros é mais forte, mais elevado do que outro. É ordinariamente o hombro direito que assim se levanta. O lado direito do peito torna-se mais convexo; o lado esquerdo, pelo contrario, fórma uma depressão cuja profundidade augmenta com a curvatura.

Prognostico. Em certos casos graves, o rachitismo marcha com uma intensidade prodigiosa e acaba por submergir o doente na fraqueza mais extrema. Mas ordinariamente a molestia faz progressos lentos; a arte ou a natureza a interrompem depois de uma duração variavel. Se o mal cessa cedo, o doente não conservará senão vestigios imperceptiveis; se tarde,

deixará deformidades proporcionadas á sua intensidade primitiva. Entretanto, as deformações, bem que ao principio mui pronunciadas, poderão, senão desaparecer totalmente, ao menos diminuir muito pelos progressos ulteriores do crescimento. São frequentes os exemplos de meninos pequenos e deformes até á idade da puberdade, que crescem então, e, sem ficarem de uma bella estatura, não offerecem na idade adulta nada que no mundo os faça notar desfavoravelmente.

Tratamento. Sendo o rachitismo uma molestia possivel de prever-se, pois que é ás vezes hereditario, ou ao menos commum a todos os irmãos e irmãs de uma mesma familia, é preciso, por consequente, preveni-lo nos primeiros dias da vida. Com estas vistas, confiai o menino a uma ama de leite robusta e parida de pouco tempo; vigiai esta ultima no que diz respeito á moralidade, e, se é a mãe mesma quem nutre, deve cessar a amamentação á menor suspeita de prenhez. Quando a criança tiver seis mezes, dar-se-lhe-hão, junto com leite de sua ama, algumas sopas de araruta, de pão, de arroz, de vez em quando caldos de gallinha e de carne de vacca, e continuar-se-ha este regimen e a amamentação até ao termo de quinze ou dezoito mezes; mais prolongado, o uso do leite seria nocivo. É necessario supprimir qualquer comida prematura, pois que della provém principalmente a molestia, e dar uma alimentação apropriada á idade das crianças e á força dos órgãos digestivos. Assim, repetimos, para as crianças mui jovens, o leite da ama sómente, para as de uma idade mais adiantada, o uso graduado das sopas com caldos de carne, ovos, sem deixar comer carne nem legumes. O exercicio ao ar livre, os passeios ao sol, são de necessidade absoluta; a habitação da roça é mais salutar do que a das grandes cidades; mas, se não se póde deixar estas ultimas, é preciso habitar a parte mais elevada da casa. Os exercicios gymnasticos vem ao depois. A cama deve ser dura, composta de um colchão de plantas aromaticas seccas

Os estudos não serão tão aturados que afadiguem ; occupai-vos primeiramente do corpo, e depois do espirito. Deve-se sobretudo insistir sobre estes meios fortificantes nas convalescenças de molestias.

Quando o rachitismo está em seu começo ou pouco adiantado ainda, convém lançar logo mão de um tratamento curativo. No momento da febre e das dôres, é preciso limitar-se ao repouso, ás fomentações com balsamo tranquillo e ás cataplasmas de farinha de linhaça apolvilhadas com pós de quina. Mas logo que passar este curto periodo, o regimen fortificante pôde ser applicado com toda a sua energia. Exercicio frequente, insolação moderada, habitação na roça em um ar quente e secco, camas com colchões de plantas aromaticas, como já o dissemos, alimentação composta de carnes, principalmente de carne assada, vinho e poucos legumes, eis o que convém. Quanto aos medicamentos, indicamos as fricções sobre a pelle com baeta embebida d'agua de Colonia e com oleo de figado de bacalháo, duas vezes por dia; os banhos com plantas aromaticas, duas a tres vezes por semana; os banhos do mar, o vinho de quina, um calix por dia; as decocções de genciana e de quassia.

Um tratamento curativo pôde ser dirigido especialmente mais cedo ou mais tarde contra os *effeitos* do rachitismo; isto é, contra as deformidades que são a sua consequencia; mas então estes *effeitos* são de alguma sorte estranhos ao mal primitivo, dão lugar a considerações de uma outra ordem, e reclamão uma medicação inteiramente particular.

De todos os meios empregados contra as deformidades, um dos mais uteis é a acção repetida dos musculos que obrão em sentido contrario á curvatura dos ossos. Assim, por exemplo, quando a columna vertebral principia a curvar-se, obtem-se uma grande vantagem de exercicios repetidos muitas vezes por dia e aturados quanto as forças o permitirem, e que consistem em agarrar com as mãos um ponto de apoio elevado, e esforçar-se em levantar o

corpo até a este ponto, ou marchar teso como um soldado que está em parada. A mesma indicação pôde ser preenchida por meios mechanicos applicados externamente que obrão contínua, lenta e gradualmente, de maneira a endireitar pouco a pouco os ossos curvados. Estes meios são principalmente empregados contra as pernas tortas. *Veja-se* CORCOVA, ORTHOPEDIA, EXERCICIOS.

RAIO (EFFECTOS DO). O raio não é outra cousa mais que uma faisca electrica, e o ruído que o acompanha procede da repulsão do ar. Os effectos do raio só differem em intensidade dos da machina electrica; cahe de preferencia sobre os pontos culminantes e corpos metallicos, inflamma as substancias combustiveis. Debaixo de sua influencia, o leite e o caldo se decompõem, e as substancias animaes fermentão.

Quando se approxima uma trovoada, muitas pessoas experimentão oppressão do peito; os doentes se achão n'uma agitação contínua, que cessa subitamente no momento em que a trovoada arrebenta. Emquanto ao raio, este paralyza, rasga, queima, desorganisa as partes que toca; o infeliz sobre quem cahio está morto antes de perceber o relampago; e se a victima trazia adereços metallicos, a electricidade, seguindo o caminho que lhe offerecião, os tem derretido; até a presença delles determinou a direcção das lesões da pelle; como tambem pôde-se julgar que a natureza isolante de certas vestimentas tem contribuido para preservar o corpo dos ataques do raio. Assim, vê-se na relação das desgraças acontecidas n'uma tempestade em Châteauneuf, em França, que um sacerdote celebrante, que estava com uma vestimenta de seda, foi o unico respeitado pelo raio no meio de numerosas victimas deste terrivel meteor, que matou nove pessoas e ferio oitenta e duas. As substancias isolantes da electricidade são o vidro, a seda, as resinas.

A quéda do raio não é sempre seguida de terminação fatal; ás vezes só sobrevém um estupor e uma surdez que se desvanecem ao cabo de alguns dias;

em outros casos manifesta-se uma paralyisia mais ou menos completa e passageira.

O *tratamento* das pessoas fulminadas consiste em fricções estimulantes feitas no comprimento do espinhaço com vinagre, agua de Colonia ou alcali volátil; é preciso applicar sinapismos nas pernas e braços, dar a cheirar alcali volátil ou vinagre, pôr sal na bocca; e se o rosto está vermelho, é mister praticar uma sangria do braço.

A sciencia, depois de determinar a natureza intima do raio, fez conhecer os meios de se preservar d'elle: o guarda-raio, imaginado pelo Americano Franklin, basta para preencher este objecto. Consiste este instrumento em uma barra de ferro, do comprimento de 25 a 30 pés, e de duas pollegadas de largura, que se levanta sobre os edificios que é destinada a proteger, termina-se por uma haste conica de latão, tendo na sua extremidade uma agulha de platina mui aguda, e *communica sem nenhuma solução de continuidade com a terra humida, ou agua*. Estas duas condições de não interrupção de conductos, e da comunicação com o chão humido, são de rigor; quando não são preenchidas, o guarda-raio é mais nocivo do que util; o raio que sobre elle cahe não tarda em abandona-lo e se dirige sobre os corpos vizinhos, que quebra para abrir caminho até ao solo.

Emquanto ás outras cautelas que se devem tomar contra o raio, *veja-se ASPHYXIA PELO RAI0*, Vol. I, pag. 157.

RAIVA. *Vêja-se HYDROPHOBIA*, Vol. II, pag. 386.

RAMO DE AR. *Vêja-se APOPLEXIA*, Vol. I, pag. 127.

RAPÊ. *Vêja-se TABACO*.

RASGADURA DO PERINEO. Chama-se *perineo* o espaço comprehendido entre o anus e as partes genitales. Esta parte do corpo ás vezes se rasga durante o parto. Para prevenir este accidente, a mulher deve usar frequentemente de banhos d'agua morna durante as ultimas semanas da prenhez; e é necessario que durante o parto a parteira applique com força

a mão no perineo. Quando, pela negligencia destas precauções, e ás vezes apesar do seu emprego, o perineo se rasga, os meios de curar esta molestia varião conforme a sua extensão. Se a rasgadura se estende só até á metade do comprimento do perineo, obtem-se facilmente a cura; é preciso que a mulher tome todos os dias um banho de assento d'agua morna, que tenha continuamente as côxas approximadas para pôr as margens da ferida em contacto, e que esteja deitada de lado. Mas quando a rasgadura se estende até ao anus, é preciso coser as margens da ferida com linha.

RATANHIA. (*Krameria triandra*, Ruiz.) Arbusto que dá no Perú. A *casca de sua raiz* emprega-se em medicina, como adstringente. Esta raiz é dividida em um grande numero de ramificações cylindricas, da grossura do dedo minimo, de côr roxa avermelhada, sabor mui adstringente e sem amargor. A parte central é de côr rosea pallida, e quasi sem sabor; deve ser rejeitada.

A casca de raiz de ratanhia administra-se em infusão, que se prepara com meia onça da casca e 16 onças d'agua fervendo. Serve em bebida nos escarros de sangue, hemorragias uterinas, e exteriormente em gargarejos nas esquinencias chronicas.

RATO. Animal roedor. Entre as especies deste animal nocivo, ha ratos grandes e pequenos: estes ultimos chamão-se mais particularmente *camondongos*. Estes animaes devastão tudo, furão as paredes e os trastes, cortão a roupa, os livros. O pão, o queijo, as fructas, o toucinho, as fariinhas, os doces e as velas de sebo, são os objectos que os ratos procurão mais. É bom ter em casa um ou dous gatos para exterminar ou afugentar os ratos; ás vezes é preciso recorrer ás ratoeiras ou a venenos.

Para o envenenamento ha tres meios principaes, o arsenico, a noz vomica e a cal. Nas casas onde ha crianças, o uso do arsenico é mui perigoso, visto que esta substancia parece-se com assucar em pó, e deixa na lingua um resaibo adocicado; a noz vomica e a

cal podem empregar-se sem perigo. Póde-se misturar a raspadura fina da noz vomica com todas as substancias seccas ou liquidas de que os ratos gostão com preferencia; mettem-se estas preparações em cartas de jogar, cujas margens forão levantadas para formar umas caixinhas, e poem-se na proximidade dos buracos dos ratos. Podem-se tambem enrolar em raspas de noz vomica pedacinhos de toucinho assado, e ser postos perto dos buracos dos ratos; mas é preciso evitar que os gatos ou cães comão este toucinho. Sendo a noz vomica de sabor mui amargo, é talvez preferivel mistura-la com alguns doces.

Envenenamento dos ratos pela cal. Mistura-se a cal virgem com farinha de trigo em porções iguaes ou com assucar, e deita-se nas caixinhas nos lugares frequentados pelos ratos, e perto do veneno põe-se uma tigel-a com agua. Logo que o animal tenha comido a cal com a farinha, vai beber agua afim de apagar o fogo interior que o devora; mas apenas tenha engulido algumas gottas d'agua, a cal fermenta com muito maior força, queima-lhe as paredes do estomago; o ventre do rato incha de uma maneira prodigiosa, e elle morre naquelle mesmo lugar antes de ter o tempo de fugir para o seu retiro.

Os ratos podem-se apanhar nas ratoeiras com um pedaço de queijo ou toucinho queimado no fogo. Ha differentes especies de ratoeiras.

RECEITA ou FORMULA. Chama-se *formula* ou *receita* uma indicação escripta das substancias que devem entrar na composição de um medicamento, as doses destas substancias, a fórmula pharmaceutica que se quer dar ao medicamento, e ás vezes a maneira de prepara-lo e administra-lo.

RECEM-NASCIDO. *Veja-se* o artigo PARTO, Vol. III, pag. 186, onde são indicados os cuidados que se devem prestar á criança recém-nascida.

REFRIGERANTE. Chamão-se *refrigerantes* medicamentos que acalmão a sêde e diminuem a temperatura do corpo: taes são as bebidas acidulas frias,

como a limonada de limão, de laranja, de tamarindos, etc.

REGIMEN. É o synonymo da dieta. *Veja-se* DIETA, Vol. II, pag. 49.

REGRAS. *Veja-se* MENSTRUACÃO, Vol. III, pag. 34.

RELAXAÇÃO DA CAMPAINHA DA GARGANTA. *Veja-se* CAMPAINHA DA GARGANTA, Vol. I, pag. 262.

REMEDIO. Esta palavra não é inteiramente synonymo de medicamento. Chama-se *medicamento* toda a substancia empregada pela medicina para restabelecer a saude; o *remedio* significa alguma cousa mais. Designa-se mais particularmente pelo nome de remedio uma substancia que é considerada como *capaz* de curar alguma molestia; e por isso todos os dias os doentes pedem aos medicos que lhes dê um remedio para acalmar tal ou tal phenomeno morboso: infelizmente possuímos mais medicamentos do que remedios.

REMÉLA. Dâ-se este nome a uma materia espessa, amarellada, que no estado de saúde se forma em pequena quantidade na margem livre das palpebras, e é destinada a lubrificar estas partes; quando secca, convém tira-la todas as manhãs, lavando o rosto com agua fria. Em algumas molestias dos olhos, e sobretudo na ophthalmia, a reméla se accumula com muita abundancia, secca durante a noite, e determina a adherencia das palpebras; é preciso então lavar os olhos com uma pouca d'agua morna, afim de amollecê-la, e tira-la depois com muito cuidado, porque sua presença nestes casos augmenta a irritação dos olhos. O tratamento que se deve empregar contra a reméla é o mesmo que se segue contra as molestias que a occasionão. *Veja-se* OPHTHALMIA e OLHO.

REMISSÃO. *Veja-se* APYREXIA, Vol. I, pag. 132.

RENDIDO DAS VIRILHAS, RENDIDURA, *veja-se* QUEBRADURA, Vol. III, pag. 312.

REPOLHO. Uma variedade de couve (*brassica oleracca capitata*, Linneo), cultivada nas hortas do Rio de Janeiro. Este legume, bem cozido, constitue um alimento mui salubre, sobretudo quando só se

empregão seus dous terços internos. O repolho, sendo cru, é duro, de cheiro pouco agradável, ás vezes almiscarado; no principio da cozedura logo se desenvolve o seu aroma; mas, parando com a cozedura, a agua de decocção é fetida, corrompe-se mui facilmente, e inficiona a cozinha; continuando porém a cozer, este cheiro diminue, o repolho fica tenro, de sabor agradável, e o caldo que resulta é mui saboroso e nutriente, sobretudo quando foi preparado com carne. Cinco horas de cozedura são apenas sufficientes para fazer do repolho um alimento são esubstancial; mas produz ás vezes ventosidades, o que procede quasi sempre de não ter sido bem cozido. É mui aconselhado ás pessoas que padecem do peito.

Na Allemanha e no norte da Europa, usa-se muito de *repolho salgado*. Esta comida prepara-se pondo alternadamente uma camada de repolho cortado em laminas pequenas, uma de sal, e um pouco de alcarravia ou de zimbro; faz-se uma especie de fermentação acida, uma agua fetida corre pela torneira do barril em que se fez esta mistura. É preciso limpar a parte superior do barril e todos os quinze dias deitar agua fria até que corra limpa. É preciso conservar o repolho n'um barril bem fechado, e coberto de sal. Este repolho come-se cozido com carne de porco ou de vacca; é um alimento mui nutriente.

RESFRIADO. Algumas pessoas empregão esta palavra como synonyma da contispação. *Veja-se* Vol. I, pag. 416.

RESICAÇÃO DO VENTRE. *Veja-se* PRISÃO DO VENTRE, Vol. III, pag. 270.

RESINA. As resinas são productos vegetaes, fusi-veis pelo calor, o que as distingue das gommás. São em geral amarellas ou rôxas, solidas, quebradiças, inflammaveis, insoluveis n'agua, soluveis no alcool, ether e nos corpos gordos. Colhem-se em um grande numero de plantas por meio das incisões praticadas sobre a casca; algumas transsudão naturalmente da superficie das arvores debaixo da fórma de um liquido claro. As gommás com que as resinas tem

sido ás vezes confundidas são, pelo contrario, leitossas no momento da sahida.

Em geral, as resinas gozão de propriedades estimulantes; algumas são purgativas, como a resina de jalapa, de escammonéa; servem sobretudo para a preparação dos unguentos, e empregão-se nas artes para a preparação dos vernizes. As principaes resinas são: copal, elemi, mastique, myrrha, incenso, etc.

RESOLVENTE. Chamão-se resolventes umas substancias mais ou menos estimulantes que tem por effeito favorecer a resorpção dos liquidos derramados nos tecidos, e determinar o desapparecimento dos engurgitamentos. Os medicamentos resolventes empregão-se nas torceduras, nos derramamentos sanguineos que constituem gallos, nas contusões, glandulas enfartadas, escrophulas, etc. Os resolventes mais empregados são: agua fria, aguardente alcanforada, vinagre aromatico, pommada de hydriodato de potassa, unguento de cicuta, etc.

RESPIRAÇÃO. Funcção pela qual o sangue venoso se transforma em sangue arterial. Esta transformação se faz nos pulmões, debaixo da influencia do ar exterior.

O ar é indispensavel a todos os seres viventes. Fazendo-se vacuo n'um recipiente em que se ache um animal ou uma planta, morrem em pouco tempo. Neste caso o ar cede aos corpos o oxygeneo. Este facto se prova pelas experiencias seguintes: se se põe um vegetal ou um animal em espaço em que o ar não possa renovar-se, morre ao fim de um tempo mais ou menos longo, conforme o volume do animal, o gráo que occupa na escala dos entes e o volume do ar deixado á sua disposição; fazendo-se então a analyse do gaz contido no lugar circumscripto, conhece-se que o ar tem perdido quasi todo o seu oxygeneo, e que contém gaz acido carbonico. Emfim, o ar faz experimentar ao sangue uma modificação particular, pois que, logo que nos pulmões se acha em contacto com este liquido, de preto muda-o em vermelho.

Os órgãos encarregados da função da respiração são os *pulmões*, nos quaes o ar penetra pelos canaes chamados *traca arteria* e *bronchios*. Cada movimento respiratorio é composto de dous tempos, inspiração e expiração: pela *inspiração* o ar é introduzido nos pulmões, e pela *expiração* é deitado para fóra. No estado natural a respiração é facil, branda, igual e sem ruido sensivel. Contão-se cerca de trinta e cinco respirações por minuto, durante o primeiro anno da vida; vinte e cinco no segundo anno, vinte na puberdade, e dezoito na idade adulta. Os movimentos respiratorios varião muito nas molestias.

Dissemos que na respiração o oxygeneo desapparece do ar, e que é substituido pelo gaz acido carbonico que sahe dos pulmões. O gaz acido carbonico não é proprio para a respiração: daqui vem a necessidade de renovar o ar no fim de certo tempo, para impedir a morte do animal; e daqui resultão os exemplos de asphyxia nos infelizes fechados em espaços mui estreitos.

RÉTENÇÃO DA OURINA. A retenção da ourina existe todas as vezes que este liquido não pôde ser expulsado da bexiga.

A impossibilidade de expulsar a ourina do seu reservatorio é logo seguida de um sentimento incommodo, de peso e dôr no baixo-ventre e no perineo. Se a retenção se prolonga, uma febre violenta se declara, a respiração torna-se difficil, o doente experimenta nauseas, vertigens, um suor frio cobre todo o seu corpo, do qual se exhala um cheiro ourinoso. O ventre augmenta de volume, torna-se doloroso, um tumor formado pela bexiga dilatada levanta-se ás vezes até ao embigo.

A retenção da ourina é um accidente grave cujas consequenciass podem ser mui fataes. Quando persiste, a bexiga estendida perde sua elasticidade e difficilmente a recobra, seu tecido se inflamma, até pôde rasgar-se e deixar a ourina derramar-se no ventre.

Para prevenir esta terminação, é essencial que o

doente atormentado pela necessidade de urinar, não se esfalte em esforços inúteis, mas que se metta em um banho d'agua morna, se abstenha de toda a bebida, e que espere, no repouso mais absoluto, a vinda de um cirurgião, a quem se deve, além disto, dar aviso do genero de accidente contra o qual se reclamão seus soccorros, para que elle venha munido de sondas. Muitas vezes o banho só provoca a sahida das ourinas e faz parar os accidentes; senão, o cirurgião, introduzindo a sonda, esvazia a bexiga e preenche a indicação mais urgente.

Depois de ter indicado a primeira cousa que se deve fazer, descrevamos as principaes molestias que produzem a retenção da ourina.

A retenção da ourina por paralysis da bexiga. A retenção da ourina na bexiga pelo enfraquecimento deste orgão é ordinariamente o resultado de um progresso da idade; ataca principalmente as pessoas de uma constituição molle, os individuos entregues aos trabalhos de gabinete, os que, por preguiça, distracção ou negligencia, resistem á necessidade de urinar ou não deixão nunca a bexiga esvasiar-se completamente; os que, durante a noite, em lugar de se levantarem, ourinão deitados de lado, posição em que a bexiga, sendo obrigada a contrahir-se fortemente, cansa-se e perde com o andar do tempo sua acção.

A retenção da ourina por paralysis da bexiga nunca se manifesta de uma maneira rapida; seus progressos, pelo contrario, são mui lentos. Os doentes vêm no principio o jacto da ourina diminuir de força successivamente, não a expulsão de uma maneira tão energica como na mocidade; para o diante, bem que sintão frequentemente a necessidade de urinar, é preciso que esperem longo tempo ou fação primeiro violentos esforços para que possão urinar.

No momento mesmo em que os doentes notão que sua bexiga torna-se preguiçosa, devem ter todo o cuidado em nunca resistir á primeira necessidade de urinar; é preciso que se acostumem a levantar-se

muitas vezes no decurso da noite para urinar; deixando accumular-se a urina, favorecem os progressos da molestia. O uso de cozimentos de quina, de gengiana, de quassia, os banhos frios, as applicações de pannos molhados em agua fria sobre o baixo-ventre, as fricções com tintura de cantharidas na mesma parte, os causticos sobre esta região podem produzir a cura. No caso em que a paralytia não esteja muito adiantada, basta ás vezes, para que a bexiga recobre a sua contractibilidade, introduzir a sonda tres a quatro vezes por dia para esvaziar completamente o orgão. Se estes meios não produzem o effeito que se deseja, o doente é condemnado a usar sempre de sonda para urinar. Julgamos necessario dar as regras que se devem seguir na introducção de uma sonda; ellas serão uteis aos doentes que fõrem obrigados a sondarem-se a si mesmos.

As sondas são de duas especies, solidas ou flexiveis. As primeiras são ordinariamente de prata; seu comprimento varia muito conforme o sexo, seis pollegadas para as mulheres e dez para os homens. Quanto ao volume das sondas empregadas, differem á proporção que o canal está mais ou menos livre, mais ou menos obstruido; em geral, as sondas proporcionalmente mais volumosas são preferiveis, penetrão mais facilmente, e dão á urina uma sahida mais prompta e mais facil. As sondas flexiveis são feitas de uma tira de seda, coberta de uma camada elastica, e se amoldão facilmente ás curvaturas das partes.

A maneira por que o cirurgião introduz a sonda de prata é a seguinte. O doente fica deitado ao comprimento da beira esquerda da cama, com as pernas abertas e um pouco encolhidas. Um vaso de pouca altura, tal como uma pequena bacia, deve ser posto entre as coxas. O cirurgião, collocado á esquerda, pega no membro viril com a mão esquerda, levanta-o em uma direcção quasi perpendicular, introduz a sonda no orificio do canal da uretra, e a conduz lentamente; logo que tem penetrado a uma certa

profundidade, e que sente a extremidade do instrumento apoiada contra um osso, esforce-se em lhe fazer seguir a curvatura do canal abaixando entre as coxas do doente a mão que sustenta a sonda, e por uma pressão lenta e regular a conduz brandamente até a bexiga. Quando se apresenta algum obstaculo, tira-se um pouco a sonda, puxa-se sufficientemente o membro para evitar rugas da membrana mucosa, e introduz-se de novo sem nunca exercer esforços violentos.

A introdução da sonda de gomma elastica se faz da mesma maneira. Às vezes, para dar a estas sondas maior resistencia e facilitar assim sua introdução, sustentão-se suas paredes por um estylete de ferro, ao qual se dá curvatura conveniente, e que se retira á vontade.

A idade não é a unica causa que pôde produzir a retenção da urina por paralyia da bexiga; sobrevém ainda accidentalmente ás pessoas moças por excessos de masturbação, pôde ser o resultado da alteração da medulla espinhal, ou a consequencia das quedas de um lugar elevado ou de pancadas nas cadeiras. Exige então os mesmos cuidados que temos indicado, unidos aos que reclama o accidente que os provocou.

Retenção de urina produzida pelo estreitamento do canal da uretra. O estreitamento da uretra é uma causa frequente, senão de retenção completa da urina, ao menos de grande difficuldade na emissão do liquido. Este genero de retenção se manifesta raramente de uma maneira subita; ao principio só existe uma simples diminuição do jacto da urina, depois não é este mais que um fiozinho mui delgado que se bifurca ou se espalha como regador, ou se enrosca em fórma espiral. Os doentes precisão então de mais tempo para evacuarem toda a urina, e são obrigados a fazer grandes esforços. Julgão muitas vezes ter acabado, quando uma grande quantidade de urina accumulada por algum obstaculo que se lhe oppunha, corre involuntariamente nos seus vestidos. A

cura desta retenção não pôde ser obtida senão pela do estreitamento. (*Veja-se esta palavra, Vol. II, pag 203*).

A retenção da urina pôde ser tambem produzida por *inflamação da bexiga*. Os symptomas caracteristicos desta molestia são : uma dôr mais ou menos viva no baixo-ventre, que a menor pressão augmenta, o calor desta mesma região, desejos de urinar frequentes e dolorosos, uma difficuldade extrema de expulsar algumas gottas de urina, apezar dos esforços mais violentos, e ás vezes a impossibilidade absoluta de verter a menor quantidade della. Quando sahem algumas gottas, causão um ardor terrivel e a mais insupportavel das dôres. Logo a bexiga se alarga e apparecem todos os graves symptomas da retenção da urina que indicámos no principio deste artigo; a pelle torna-se quente, secca ou banhada de um suor que exhala cheiro de urina, o pulso fica frequente, a sêde é excessiva. Esta serie de symptomas principia ás vezes de repente, com uma intensidade que não permite que se desconheça a molestia; mas outras vezes tambem o calor da pelle, a frequencia do pulso e a sêde existem antes que nenhum dos phenomenos locais seja assaz pronunciado para chamar a attenção do doente e do observador.

O banho morno é o primeiro meio que se deve empregar contra a retenção produzida pela inflamação da bexiga; é preciso que o doente fique nelle mais de uma hora, e deve-se ter o cuidado de conservar o banho na mesma temperatura, ajuntando nova agua quente, á medida que resfriar. Depois do banho applicar-se-hão bichas no baixo-ventre, e recorrer-se-ha á sangria do braço se a febre fôr intensa. Ajudar-se-ha o effeito destes meios pelos clysteres de decocção de linhaça e cataplasmas de farinha da mesma linhaça sobre o ventre. Se a retenção da urina fôr completa, e todo este tratamento não fôr sufficiente para remediar este grave symptoma, é preciso incontinentemente empregar a sonda.

Além das molestias que acabamos de assignalar, e que são as causas mais ordinarias da retenção da ourina, existem ainda algumas que, apesar de raras, não devem ser deixadas em silencio. Assim, na criança recém-nascida, pôde-se encontrar uma imperfuração de prepucio ou do canal da uretra, que impede o escorrimento das ourinas; uma incisão tirará todo o obstaculo. A retenção da ourina pôde-se declarar em um doente affectado de esquentamento intenso, pôde tambem ser o resultado do espasmo do orificio da bexiga em um pessoa que goza da melhor saúde; a invasão então é subita: um banho morno ou uma cataplasma de farinha de linhaça sobre o ventre é o meio indicado em ambos estes casos. *Pedras* que nadão na bexiga e se applicão ao seu orificio, ou que se introduzem e parão na uretra, podem obstruir este canal e impedir o escorrimento das ourinas. *Corpos estranhos* applicados ás partes genitales tem sido tambem causas de retenção das ourinas em algumas circumstancias. Assim, ha alguns annos os jornaes medicos de França referirão o exemplo de uma retenção de ourina grave com gangrena, produzida por uma argola que apertava circularmente o membro viril. O desgraçado objecto desta observação era um sacerdote que, levado por um zelo irreflectido, usava desta argola como um obstaculo ao incentivo da carne, e a havia assim conservado apesar das dôres occasionadas pela presença deste corpo estranho.

RHAGADIAS ou **GRETAS**. São pequenas feridas estreitas e compridas que se observão nas rugas do anus, e que são resultado da syphilis. *Vêja-se* **SYPHILIS**.

RHEUMATISMO. Affecção cujo principal caracter consiste em uma dôr viva nos musculos ou nas articulações (juntas), donde vem os nomes de *rheumatismo muscular*, e *rheumatismo articular*. O rheumatismo é agudo ou chronico. O rheumatismo articular agudo apresenta analogia com a gota, e por isso foi chamado *rheumatismo gotoso*, mas não occupa senão

as grandes articulações, entretanto que a gota é mui frequente nas pequenas, e principia quasi sempre pela articulação do dedo do pé.

Causas. O frio humido é a causa mais ordinaria do rheumatismo. Esta molestia é frequentemente produzida pelas mudanças subitas de uma temperatura mui elevada para uma temperatura baixa; por deitar-se a gente sobre a terra humida e fria ou em um lugar que reúne estas duas condições nocivas, e pelo contacto de um ar frio sobre uma parte do corpo, quando o resto está quente ou suando, e sobretudo durante o somno. Depois destas causas vem as fadigas excessivas, o abuso dos licóres alcoolicos, o uso de alimentos mui excitantes, a supressão de hemorragias habituaes; emfim, o rheumatismo se declara às vezes sem causa apparente.

Esta molestia raras vezes se observa nas crianças. Os individuos que tem sido affectados uma vez de dôres rheumatismaes estão sujeitos a vê-las novamente apparecer em épocas mais ou menos demoradas. Os homens são mais expostos a ellas do que as mulheres. Os homens, com effeito, se entregão a trabalhos penosos, a marchas forçadas; supportão todas as intemperies do ar e todas as fadigas da guerra; não é, por consequinte, extraordinario que, submettidos mais ordinariamente ás causas occasionaes da molestia, a soffão mais frequentemente do que as mulheres, ás quaes pertencem os trabalhos menos laboriosos. O rheumatismo é mais commum nos paizes frios do que nos paizes quentes. Entre as profissões que mais determinão a sua apparição, sobresaem as de marinheiro, militar, pescador, lavandeira, padeiro, etc.

Symptomas. A dôr é quasi o unico character do *rheumatismo muscular*. É viva e dilacerante no estado agudo; augmenta pelo mais leve contacto, pelos movimentos; torna ás vezes estes movimentos impossiveis. Emfim, quando a molestia é intensa, esta dôr é ordinariamente fixa; é, pelo contrario, vaga, e se muda rapidamente de um para outro lugar quando

a molestia é leve. A pelle que corresponde ao lugar doloroso não apresenta mudança de côr nem inchação; a febre só existe quando o rheumatismo muscular é agudo. Quando a molestia principia debaixo da fórma chronica, ou passa a este estado, não ha frequencia do pulso, e só existem symptoma-locaes. O rheumatismo muscular toma nomes differentes conforme as partes que occupa: chama-se *torcicollo* quando se mostra no pescoço, *lumbago* quando existe nas cadeiras, *pleurodynia* quando se fixa nos musculos que cobrem o peito.

O *rheumatismo articular agudo* principia ordinariamente por um calafrio, pela acceleração do pulso, calor da pelle e dôr de cabeça. Depois de algumas horas de duração destes symptomas, uma ou muitas juntas tornão-se dolorosas e inchão-se, a pelle que as cobre é mui quente, e toma ás vezes uma côr rosacea; o movimento destas partes é difficil, doloroso e logo impossivel; a dôr augmenta e adquire ás vezes uma tal violencia, que o menor movimento imprimido aos membros, o simples peso do cobertor, é insupportavel. Os doentes a comparão á sensação que poderião causar mordeduras ou picadas através da articulação. Esta dôr pôde atacar muitas articulações, até pôde occupa-las quasi todas. Então o doente está verdadeiramente em uma horrorosa posição. Não pôde mover parte alguma sem dar gritos; teme os soccorros das pessoas que o querem ajudar a mover-se, pois que não lhe podem tocar sem exasperar seus soffrimentos. O movimento do assoalho occasionado pelo andar no quarto basta para augmentar as dôres.

Os symptomas geraes da febre, que precedêrão a apparição do rheumatismo, apresentam alternativas continuas de exacerbação e de remittencia. A duração do rheumatismo articular agudo varia de quinze dias até dous ou tres mezes; em alguns casos raros desaparece em tres ou quatro dias, diminue gradualmente e termina em geral por uma resolução completa. Os symptomas tornão-se de dia em dia

menos intensos, uma rijeza dos movimentos substitue a dôr, e as partes recobram pouco a pouco o livre exercicio de suas funcções. Às vezes a molestia desaparece de repente, outras vezes passa ao estado chronico.

No *rheumatismo articular chronico* a dôr é em geral o unico symptoma que se mostra ao principio, as articulações affectadas não se achão vermelhas, a inchação não vem senão mui lentamente. Por mais violenta que seja a dôr, quasi nunca provoca a febre; a impressão do frio augmenta-a, o calor parece acalma-la, aggrava-se nos dias humidos, diminue em uma atmospherá secca. O *rheumatismo articular chronico*, depois de ter durado algum tempo, desaparece de repente, deixando por muitos mezes os doentes em tranquillidade; mas depois torna a apparecer espontaneamente, ou pelo effeito de uma mudança de estação, de uma impressão de frio, ou de um excesso no regimen.

Tratamento. No *rheumatismo, articular agudo*, acompanhado de muita febre, quando o doente é forte, é vantajoso principiar o tratamento por uma sangria do braço. Depois disto, é preciso recorrer ao tartaro emetico. Nas pessoas fracas, ou nas que são sujeitas a frequentes ataques de *rheumatismo*, em lugar da sangria logo no principio, administrar-se-ha o tartaro emetico segundo a receita seguinte:

Agua commum	5 onças.
Tartaro emetico	4 grãos.
Xarope diacodio	1 onça.

Misture e beba duas colheres de sopa de duas em duas horas até acabar a poção.

Nos dias seguintes o doente tomará estas pilulas:

Opio	3 grãos.
Extracto de zimbro	15 grãos.

Faça 18 pilulas. O doente tomará uma pilula de 2 em 2 horas, e por cima de cada pilula beberá uma chicara do cozimento que segue:

Infusão de folhas de laran-

geira	20 onças.
Nitro	2 oitavas.
Assucar	1 onça.

Misture.

Emquanto durar a febre, o doente só usará de caldos de frango ou de gallinha; não lhe poderá ser permitida nenhuma comida solida.

Sobre o lugar doloroso applicão-se cataplasmas de farinha de linhaça, que se continuão por alguns dias. Mas, comquanto alguns doentes tenham allivio com a cataplasma de linhaça, outros não o tem, porque ha um grande numero de pessoas que não podem supportar corpo algum pesado sobre os pontos affectados de rheumatismo, e então o unico recurso será envolver a parte em baeta.

Antes de se applicar a cataplasma, é bom friccionar a junta dolorosa com o linimento seguinte:

Balsamo tranquillo	1 onça.
Laudano de Sydenham	1 onça.
Oleo camphorado	1 onça.

Misture.

Se estas applicações locaes não fôrem sufficientes para diminuir a dôr, ás vezes é preciso applicar bichas nas juntas dolorosas.

Todo este tratamento que acaba de ser indicado deve ser seguido durante o tempo que existir a febre; mas quando o pulso diminuir de frequencia e a dôr fôr menos intensa, n'uma palavra quando o rheumatismo passar ao *estado chronico*, é preciso recorrer ás applicações seguintes:

1.º *Sinapismos*, que se applicão nas juntas dolorosas, por espaço de dez a quinze minutos, uma vez por dia.

2.º Fricções com um dos linimentos cujas receitas seguem:

Linimento terebenthinado e camphorado.

Essencia de therebenthina 2 onças.

Oleo camphorado 2 onças.

Misture.

Linimento volatil.

Alcali volatil 2 oitavas.

Oleo de amendoas doces 2 onças.

Misture.

Os banhos d'agua morna, os banhos de vapor e as fumigações de alcanfor empregão-se tambem com vantagem nesta molestia. Indicamos a maneira de sua administração no artigo FUMIGAÇÃO. Vol. II, pag. 294.

Os causticos applicados sobre os lugares dolorosos são geralmente seguidos de bom resultado.

Tratamento do rheumatismo muscular. O rheumatismo muscular não é tão grave como o rheumatismo articular; não ha vermelhidão nem inchação, a dôr é seu unico signal; esta dôr muda facilmente de lugar. O tratamento empregado contra o rheumatismo muscular se compõe de sinapismos, fricções com linimento terebenthinado camphorado, ou com linimento volatil acima indicados; e no caso que a molestia resista a estes meios, é preciso applicar um caustico no lugar doloroso.

RHINOPLASTIA. Arte de fazer o nariz. *Veja-se* NARIZ, Vol. III, pag. 68.

RHUIBARBO. O rhuibarbo é a raiz de muitas plantas de genero *rheum*, que dão na China e nas provincias asiaticas do imperio russo. Reduzido a pó, é de côr amarella. A acção do rhuibarbo é mui differente conforme a dôse em que se emprega. Em pós, na dôse de 3 a 6 grãos, unido a uma pouca de canella ou de quina, é um tonico e estomachico, de que algumas pessoas fazem uso habitual antes de jantar, para excitar as forças digestivas. Na dôse de 30 a 50 grãos em pó, obra como brando purgante.

RIM. Os rins são os órgãos onde se forma a ourina. São duas glandulas situadas profundamente no ventre, uma á direita, outra á esquerda, sobre os lados das vertebrae, no meio do tecido cellular gorduroso, no lugar que corresponde ás cadeiras. O rim é de côr roxa-escura, de fórma ovoide comprimida sobre

as duas faces ; parece-se com a fôrma de um feijão. No homem adulto, cada rim tem ordinariamente quatro pollegadas de comprimento, duas de largura e uma pollegada de espessura na sua parte media. Cada rim communica com a bexiga por um canal mui estreito, que conduz a ourina a este reservatorio.

MOLESTIAS DOS RINS. INFLAMMAÇÃO DOS RINS. A inflammação dos rins chama-se em medicina *nephrite*. Suas causas são : o abuso das bebidas alcoolicas, da cerveja, da aguardente, da genebra, de uma alimentação mui succulenta e mui adubada, um resfriamento subitô das cadeiras, as pancadas e as quedas sobre as cadeiras, a equitação mui violenta, etc. Esta molestia é muito mais frequente nos paizes frios e humidos, como a Hollanda e a Inglaterra, do que nas regiões intertropicaes.

Symptomas. A inflammação dos rins principia ordinariamente por um calafrio. Logo se manifesta nas cadeiras, de um ou dos dous lados, uma dôr viva, aguda e profunda, que se propaga á bexiga, virilha, escroto, e ás vezes até á coxa ; augmenta pela compressão das cadeiras, pelos movimentos, tosse, riso e esforços para ir á banca. As ourinas são pouco copiosas e vermelhas. Ao mesmo tempo ha febre, muita sêde, e ás vezes existem vomitos.

A nephrite dura ordinariamente oito a vinte dias ; é muito dolorosa, mas raras vezes tem um exito funesto.

Tratamento. Se ha muita febre, é preciso praticar uma sangria do braço ; mas se a molestia não é violenta, convem limitar-se á applicação de bichas ou de ventosas sarjadas nas cadeiras. O doente usará em bebida do cozimento de sementes de linhaça, na dôse de tres a quatro chicaras por dia, e tomará um purgante de manná ou de oleo de ricino. É preciso tambem applicar nas cadeiras, duas vezes por dia, uma cataplasma de farinha de linhaça, e antes de cada applicação friccionar o mesmo lugar com o linimento seguinte :

Oleo camphorado	1 onça.
Balsamo tranquillo	1 onça.

Misture.

COLICA NEPHRITICA. *Veja-se* Vol. I, pag. 404.

AREIAS. *Veja-se* Vol. I, pag. 137.

OURINAS SANGUINEAS. *Veja-se* Vol. III, pag. 143.

OURINAS DOCES. *Veja-se* DIABETES. Vol. II, pag. 42.

OURINAS LEITOSAS. *Veja-se* Vol III, pag. 143.

RISO. É um phenomeno por meio do qual os diversos sentimentos que affectão a alma, mas sobretudo os que se referem ás paixões alegres, vem se pintar no rosto. O riso é um privilegio que unicamente ao homem concedeu a natureza, não só como um ornamento e uma perfeição de seu rosto, mas ainda como um poderoso auxiliar da palavra, capaz de dar maiores encantos ás relações sociaes.

O riso exige primeiramente que uma inspiração tenha enchido de ar os pulmões. Depois segue-se uma serie de pequenas expirações estrondosas, curtas e interrompidas, mas nunca se ajuntão a ellas inspirações, por mais pequenas e por mais rapidas que se possam imaginar. E por isso, quando o riso se prolonga um pouco, existe logo a necessidade de inspirar, e a pessoa que ri sente-se ameaçada de suffocação, prova evidente de que a admissão do ar nos pulmões, durante este acto, não se alterna com sua expulsão graduada e successiva. Este mecanismo é absolutamente analogo, neste ponto, ao da tosse, e especialmente da coqueluche.

O riso é susceptivel de muitos grãos. Se é moderado, os movimentos do peito são apenas sensiveis; tudo se reduz ao som vocal que tem pouco ruído, e á expressão facial que se torna muito agradável. Mas se o riso é extremo, o ruído é mui forte, os musculos do ventre ficão visivelmente em acção, e bem depressa se sentem cansados; a pessoa é então obrigada, para ter algum allivio, a apertar com as mãos o baixo-ventre e as ilhargas, afim de dar aos musculos um ponto de apoio. Quando o riso chega a este grão, as forças desapparecem, e o individuo não póde

soster-se nem proferir uma palavra; as lagrimas, e ás vezes as ourinas, correm involuntariamente; é uma verdadeira convulsão que, a prolongar-se, poderia ter graves consequencias. Não podendo o ar chegar aos pulmões, visto que a inspiração não se pôde fazer, ha ameaço de asphyxia. Por outra parte, sendo os pulmões mui comprimidos pelas paredes do peito, a circulação experimenta grandes obstaculos; o sangue, que, de todos os lados acode, não podendo chegar ao coração, é obrigado a retroceder, e por isso o rosto fica rôxo, as veias do pescoço tornão-se enormes; em uma palavra, a apoplexia é imminente. Taes são as causas que explicão as mortes repentinas que forão ás vezes produzidas por um riso extremo. O Dr. Reydellet, entre outros, cita um caso desta natureza, observado em uma freira que foi acommettida, durante o jantar, de um riso tão violento, que cahio morta ao cabo de alguns minutos: os assistentes pensavão ao principio que isso fosse brincado, mas não tardárão a reconhecer que a morte era bem real.

Eis o que se deverá praticar no caso de acontecer uma semelhante desgraça. Será preciso despir a pessoa de todos os vestidos que possão constringer a circulação; deita-la na cama com a cabeça mui elevada, sangra-la, se o rosto estiver vermelho ou inchado, mas nunca estando o rosto pallido; approximar ás ventas um lenço embebido com vinagre ou agua de Colonia; fazer fricções por todo o corpo com baeta quente, insufflar emfim o ar nos pulmões, segundo o processo indicado no artigo AFOGADOS (*veja-se* Vol. I, pag. 21).

As causas do riso são de ordinario moraes; todos os objectos capazes de imprimir na nossa alma a idéa do ridiculo ou o sentimento de alegria produzem este phenomeno. Mas a causa do riso pôde tambem ser physica: tal é aquella titillação da pelle conhecida com o nome de cócegas, e que causa a certos individuos um riso ás vezes convulsivo, e ao qual, apezar da vontade mais forte, lhes seria im-

possivel resistir. Nem todos os individuos são igualmente susceptiveis deste riso, e nem todas as partes do corpo gozão para isto da mesma sensibilidade; e o que ha de particular é que esta sensação é mais viva na planta dos pés, parte em que a sensibilidade da pelle é menos desenvolvida do que nas outras. Alguns autores pretendem até que alguns criminosos tem sido condemnados, em certos paizes, a morrerem desta maneira, e não é difficil crer que um semelhante resultado possa ter lugar.

A disposição ao riso varia muito conforme os individuos. Existem pessoas que o menor objecto, a idéa mais simples, fazem rir; outras em que este estado é, por assim dizer, habitual, entretanto que outras, pelo contrario, conservão uma seriedade inalteravel, e não achão nunca motivo sufficiente para rirem. Esta particularidade depende não sómente de uma organização especial, mas ainda dos costumes contrahidos. As mulheres, que são em geral mais moveis e mais sensiveis do que os homens, são tambem mais dispostas ao riso. Acontece o mesmo com homens cujo character aproxima-se ao das mulheres, e que não se entregão á menor meditação; mas os que por natureza de suas occupações são obrigados a meditar quasi continuamente sobre objectos graves e serios riem-se mui pouco, e adquirem ás vezes, quando esta disposição é muito aturada, um certo ar de austeridade e de dureza, que darião até de suas qualidades moraes uma idéa desfavoravel, se se não soubesse apreciar a origem dellas. Este ar do rosto raras vezes se perde. O mesmo acontece com aquelle ar risonho adquirido pelas pessoas que se entregão a uma alegria e a um riso permanente, o qual ar póde dar ao rosto, segundo a sua fórma, um encanto inexprimivel, ser o annuncio das qualidades mais brandas, e ser ás vezes tambem o signal da estupidez e da ausencia de idéas.

Se o riso tem differentes grãos, apresenta tambem uma infinidade de caracteres diversos, e qualquer que seja sua uniformidade aparente, offerece ao

observador gradações infinitas que designão outras tantas expressões da physionomia. Dá-se mesmo ao riso o poder de annunciar as disposições do espirito, o gráo de cultura, de educação que se tem recebido; distingue-se o riso de *boa* e de *má companhia*. Em uns este phenomeno dá a idéa da tolice; tal é o riso prolongado com gargalhadas, no qual os beiços, em lugar de serem puxados para fóra pelos musculos fixados nos angulos, são, pelo contrario, concentrados sobre si mesmos e formão uma abertura mais ou menos apertada, que dá ao riso um som particular e proprio do idiota. Em outros, pelo contrario, annuncia o espirito, a alegria, a amabilidade, todas as feições do rosto são abertas, e contribuem mais ou menos para tornar a expressão mais forte. Um nada póde muda-la, a bocca um pouco mais ou um pouco menos aberta, os labios dirigidos em um sentido mais do que em outro, bastão para dar ou para tirar á physionomia esta expressão de fineza que agrada infinitamente.

O riso era, por assim dizer, honrado pelos povos antigos. Lycurgo, aquelle legislador esclarecido, consagrou estatuas ao riso em todas as salas dos Esparciatas, para lhes dar a entender que devião fazer reinar, durante as suas comidas e reuniões, o contentamento e a alegria decente, que, diz Plutarcho, é o melhor condimento da mesa e dos trabalhos.

Alguns medicos quizerão fazer do riso a base para o estudo dos temperamentos; mas uma tal opinião produziria graves erros, e bem que o riso seja em muitos casos o espelho do que em nós se passa, mui frequentemente tambem engana, e seria um guia infiel se quizessemos referir-nos a elle de uma maneira mui exclusiva.

O riso não exprime sempre a satisfação do coração, é ás vezes o signal de penosas sensações, da colera sobretudo, mesmo quando ella é violenta, e então traz consigo grandes gargalhadas; mas neste caso é, por assim dizer, convulsivo, e é curioso ver-se e examinar-se o rosto das pessoas que se achão nesta

posição; é facil então saber-se o que se passa em sua alma, pois que, ao passo que dão este signal apparente de alegria, todos os outros movimentos de sua face annuncião uma raiva concentrada.

Para ter do riso uma idéa justa, é preciso estudalo nas crianças; só nellas é que elle exprime bem os sentimentos do seu coração. Por causa de sua grande susceptibilidade, as crianças riem-se e chorão com a maior facilidade, e tanto as lagrimas como o riso são a verdadeira expressão de suas sensações. Seu moral ainda não está alterado por uma multidão de preconceitos que não conhecem; entregão-se livremente ás suas inclinações; riem-se quando são felizes, chorão quando tem pezar. Mas acontece differentemente com o homem; no meio das considerações sociaes que o ligão e das paixões de todo o genero que vem pôr obstaculos á expressão dos sentimentos que experimenta, mostra muitas vezes o riso no rosto, tendo o pezar no coração. Ri-se por especulação, por interesse ou por qualquer outro motivo; estas sensações, em vez de serem sinceras, são fingidas, e por isso não se podem então obter grandes informações para se saber o que se passa por dentro.

Mas o *sorriso*, pelo qual vamos acabar este artigo, serve muito mais para denotar os verdadeiros sentimentos. O mecanismo deste phenomeno é muito mais simples do que o do riso; consiste inteiramente no jogo dos musculos dos beiços. Quando bem se o observa, é raro enganar-se sobre as affecções da alma. É do sorriso de benevolencia que o solicitador tira a esperanza de obter os favores que supplica; é no sorriso da compaixão que o infeliz acha um allivio a seus pezares; é do sorriso da admiração que o artista recebe a mais bella recompensa de seus penosos trabalhos; é emfim no sorriso da pessoa que se ama que o amante acha a sentença de sua condemnação ou o penhor seguro de sua felicidade.

Existe ainda um grande numero de outros sorrisos que todos exprimem um sentimento particular;

taes são os sorrisos do desdem, do desprezo, da zombaria, do insulto, do applauso, da intelligencia, da duvida, da segurança, da protecção, etc. Cada um destes sorrisos tem uma fôrma particular que o caracteriza especialmente, e que seria fastidioso especificar; só diremos de uma maneira geral que todos os sorrisos de desapprovação se assemelham nisto, que os dous beiços, mas sobretudo o superior, se concentram um pouco, e que este ultimo faz uma ligeira proeminencia por cima do inferior; além disto, todas as feições do rosto tendem um pouco a approximar-se da linha media, como se observa nas affecções tristes. Em todos os sorrisos de approvação, pelo contrario, todas as feições se dirigem para fóra, o rosto alarga-se e toma aquelle ar risonho que annuncia uma satisfação interior, assim como nas paixões alegres.

Pelo que acabamos de dizer, vê-se que o sorriso não sómente exprime as emoções brandas, mas tambem as inteiramente contrarias, pois que ha sorriso de ferocidade e sorriso de vingança.

Quando o sorriso é alegre, a physionomia adquire um aspecto animado e muito agradável. Não ha cousa que mais aformosêe o rosto de uma mulher do que um sorriso habitual, que exprime a bondade e todas as emoções brandas; diz-se então que tem o sorriso nos labios. Com este sorriso, um rosto mediocre, emquanto á belleza e á regularidade das feições, encantará sempre; sem elle, pelo contrario, o rosto mais bello, mais regular, nunca agradará, porque o seu exterior frio e inanimado é frequentemente o indício da secura da alma. O sorriso da belleza é um attractivo a que difficilmente se resiste, e por isso as loureiras habeis sabem tirar proveito d'elle para seduzirem, fingindo maravilhosamente sentimentos que estão longe de dominar-lhes o coração.

ROBE ou **ARROBE**. Designa-se debaixo deste nome o sumo de qualquer fructo, reduzido pela evaporação á consistencia de mel.

Dá-se ainda o nome de *robe* a algum xarope que contém, em relação ao assucar que leva, uma grande porção de succo de plantas. Tal é o *Robe antisiphilitico de Laffecteur*. A composição exacta deste robe não é conhecida, porque a sua formula não foi publicada pelo autor, mas sabe-se que é uma forte decocção das substancias seguintes: raiz de salsaparilha, páo de guaiaco, raiz da China, casca de quina, páo de sassafrás, sementes de aniz e flôr de borragem, com melado purificado. Muitos boticarios ajuntão a esta decocção uma certa quantidade do sublimado corrosivo; donde se vê que o *robe antisiphilitico de Laffecteur* é um medicamento incerto.

RODELLA DO JOELHO. *Vêja-se* ROTULA.

ROMEIRA. A romeira (*Punica granatum*, Linneo) é uma arvore de quinze a vinte pés de altura, cujas flôres são de uma bella côr vermelha, e ás vezes amarella ou branca em algumas especies raras. É originaria da Africa, mas cultiva-se na Europa meridional e no Brasil. As sementes do seu fructo são acidas, a decocção de suas flôres é adstringente; mas de todas as partes da romeira, a mais util em medicina é a casca da raiz. Sua decocção emprega-se com o melhor exito contra as lombrigas, e principalmente contra a solitaria. O modo de sua preparação é o seguinte: deixa-se macerar por doze horas duas onças de casca de raiz de romeira em trinta e duas onças d'agua (quartilho e meio), ferve-se depois a fogo lento até reduzir-se á metade, e côa-se por expressão. A decocção assim preparada toma-se em tres porções de meia em meia hora, e repete-se esta dóse por tres dias. Duas horas depois da segunda decocção, tomão-se duas onças de oleo de ricino, e um dia antes do primeiro cozimento toma-se tambem um purgante de oleo de ricino, para que, estando os intestinos vazios, o remedio possa ter melhor effeito. Acontece ás vezes que a primeira e a segunda porção do decocto occasiona vomitos; mas esta circumstancia não deve impedir que se beba a terceira, que já não produz este effeito.

ROSA (*Rosa*). Genero mui numeroso de plantas que nos dão com abundancia as mais bellas e mais cheirosas flôres. Mencionamos sómente aqui as especies empregadas em medicina.

A rosa, no seu estado natural, tem só cinco petalos ou folhas, e esta dá fructos vermelhos, chamados *cynobastos*, com que os boticarios preparão uma conserva adstringente. A cultura desenvolve, á custa da fecundidade, uma multidão prodigiosa de petalos.

Entre as variedades infinitas de rosas, A DE CEM FOLHAS (*rosa centifolia*) se distingue particularmente, e merece, por sua fórma, seu brilho e seu cheiro, a justa preferencia que se lhe dá. O seu cheiro depende da presença de um oleo essencial, susceptivel de ser solidificado, e que é conhecido pelo nome de *essencia de rosas* ou *manteiga de rosas*. Este oleo volátil é desagradavel em grande quantidade, e precisa estar bem diffundido para exhalar sem incommodo o seu aroma delicioso.

Prepara-se com rosas pallidas uma agua distillada que serve ao mesmo tempo como adstringente e como cosmetico. Fazem-se tambem com ellas dous xaropes. O primeiro, ou o *xarope de rosas simples*, que se prepara com o sumo dos petalos e assucar, é um brando laxante, e é util para as crianças ou para as mulheres na dóse de uma a duas onças. O segundo, ou o *xarope de rosas composto*, no qual entra o senne e outras substancias, é mais euergico do que o precedente, e basta meia onça, ou quando muito uma onça delle, para provocar abundantes evacuações.

No Rio de Janeiro emprega-se principalmente, como remedio purgante vulgar, a *rosa mosqueta*, que tem flôres brancas e dá todo o anno. Faz-se um chá com suas flôres, na dóse de um pugillo (isto é, o que fica entre tres dedos) e uma chicara d'agua fervendo. Esta dóse adoçada com assucar dá-se ás crianças.

ROSA RUBRA. (*Rosa gallica.*) Esta rosa, de côr rubra-escura, é quasi inodora. Colhem-se antes de estarem completamente abertas, desfolhão-se e secção-se ao ardor de um bello sol ou em uma estufa, e guardão-se em um lugar enxuto. Estas rosas assim preparadas tem um sabor estiptico, uma côr purpurea-escura e um cheiro assaz agradável, que perdem com o tempo.

Prepara-se com rosas rubras o vinagre de rosas, o mel rosado, um xarope e uma conserva. Estas diversas preparações são adstringentes, tonicas, estipticas, tem um grande numero de applicações em medicina, empregão-se nas flôres brancas, nas esquinencias e outras molestias, e merecem, pela maior parte, a reputação que se lhes tem dado.

ROSALGAR. Sulfureto rubro de arsenico; veneno corrosivo. Para combater o envenenamento que esta substancia pôde produzir, veja-se Vol. II, pag. 415.

ROSEOLA. É uma affecção leve da pelle que se parece com sarampos, mas seus symptomassão muito mais brandos. É caracterisada por pequenas pintas vermelhas, irregularmente circulares e mui pouco salientes. Esta erupção apparece ás vezes como phenomeno accessorio no curso de algumas molestias febris, e principalmente no rheumatismo e na gota; pôde complicar tambem a vaccina. O uso do balsa-mo de copaíba é ás vezes a causa do apparecimento da roseola. Não é contagiosa; pôde-se reproduzir muitas vezes, é acompanhada de pouca febre, não occasiona perigo nenhum, e desaparece espontaneamente do terceiro ao quinto dia, sem que seja necessario empregar tratamento algum activo. A roseola ataca principalmente as crianças; muitas pessoas forão affectadas della no Rio de Janeiro, no mez de Dezembro de 1847.

A roseola finge, como já disse, a fórma mais benigna dos sarampos; mas differe delles pela falta do defluxo, fórma irregular das nodoas e pouca febre. Na es-carlatina a côr da pelle é muito mais encarnada, e

é espalhada de maneira muito mais uniforme. A descamação da pelle é nulla ou quasi nulla na roseola, entretanto que é evidente na escarlatina.

O *tratamento* da roseola é mui simples; um regimen brando, bebidas diluentes, taes como o cozimento de cevada ou chá de flôres de malvas; uma temperatura moderada, e o repouso na cama ou no quarto durante dous ou tres dias, bastão para combater a molestia.

ROSTO (MOLESTIAS DO). A palavra *rosto* serve para designar a reunião de um grande numero de órgãos. Artigos separados são consagrados ás molestias especiaes das *palpebras*, do *nariz*, dos *beiços*, dos *queixos*, da *barba*, da *bocca* e das *orelhas*. (*Veja-se* estas palavras.)

DÔR DE ROSTO. *Veja-se* NEURALGIA FACIAL, Vol. III, pag. 89.

ERYSIPELA DO ROSTO. *Veja-se* Vol. II, pag. 144.

FERIDAS DO ROSTO. *Veja-se* Vol. II, pag. 249.

INCHAÇÃO DO ROSTO. Procede ordinariamente da carie dos dentes ou da inflammação das gengivas. (*Veja-se* Vol. II, pag. 22.) Emquanto á inchação do rosto que é o resultado da oppilação ou da hydrophisia geral, veção-se os artigos OPPILAÇÃO, HYDROPHISIA e INCHAÇÃO.

ROTULA ou RODELLA DO JOELHO. Pequeno osso chato, curto e situado na parte anterior do joelho.

A rotula, em razão de sua situação superficial, acha-se ás vezes fracturada ou deslocada.

FRACTURA DA ROTULA. Ordinariamente é transversal, ás vezes obliqua ou longitudinal; emfim, a rotula pôde ser quebrada em muitos fragmentos.

As *causas* desta fractura são uma quêda sobre os joelhos ou uma pancada violenta. A fractura transversal tem ás vezes lugar pela violenta contracção dos musculos, como acontece quando uma pessoa quer segurar-se para não cahir para trás.

Os *symptomas* são mui evidentes: o doente não pôde ficar em pé nem andar; os fragmentos do osso

são separados uns dos outros, e pôde-se movê-los pegando-os com dedos.

Prognostico. Ainda quando a fractura da rotula é simples, é mui difficil manter os fragmentos em contacto, e por conseguinte não se pôde obter uma consolidação perfeita. A reunião se faz por intermedio de uma substancia fibrosa. Quando esta substancia tem muita extensão, o membro torna-se fraco; curva-se facilmente debaixo do peso do corpo, e o doente não se pôde apoiar sobre elle com alguma seguridade senão quando o membro fica estendido. Se, pelo contrario, a substancia que une os fragmentos tem só uma a quatro linhas de comprimento, então o membro pôde prestar o mesmo serviço que antes da fractura. Se a fractura da rotula é complicada com uma ferida profunda ou com uma contusão violenta, o doente corre o risco de perder a facilidade dos movimentos do joelho.

Tratamento. Para pôr em contacto os fragmentos da rotula, é preciso que o doente se deite e ponha todo o membro inferior sobre um plano inclinado formado por travesseiros, que, principiando na nadeга, seja bastante alto para levantar o calcanhar dezoito pollegadas a dous pés acima da cama. Nesta posição o doente pôde esperar a chegada do cirurgião, que applicará um aparelho conveniente e recomendará ao doente que conserve, durante todo o tempo do tratamento, a posição que acabamos de indicar. A perna deve estar sempre estirada; se estivesse encolhida, os fragmentos da rotula quebrada se afastarião uns dos outros e a reunião não poderia ter lugar.

São precisos sempre dous mezes a dous mezes e meio para se obter a consolidação da fractura da rotula.

DESLOCAÇÃO OU LUXAÇÃO DA ROTULA. As deslocções da rotula tem lugar para dentro ou para fóra, e só se produzem quando a perna está estendida; então a rotula fica mui saliente, mui movel e uma pancada violenta sobre a sua margem externa, mas sobretudo sobre a sua margem interna, que é mais saliente,

levará este osso para dentro ou para fóra. Os signaes mais característicos desta deslocação consistem na deformação do joelho; encontra-se uma depressão no lugar em que deveria existir a rotula, e para dentro ou para fóra desta depressão, conforme a deslocação é interna ou externa, acha-se uma proeminencia anormal, dura, ossea, que é a rotula. Existe ao mesmo tempo dôr viva e impossibilidade de andar.

Tratamento. Para pôr a rotula no seu lugar, estando o doente deitado de costas, uma pessoa levanta-lhe o pé fortemente para cima; outra pessoa empurra a rotula de dentro para fóra ou de fóra para dentro, conforme este osso foi deslocado para dentro ou para fóra. A reduçção se faz facilmente; sem que seja necessario empregar muita força. Logo que a rotula se acha restituída ao seu lugar ordinario, a dôr desaparece e o doente pôde andar. Só é preciso que traga o joelho apertado com cadarço por tres ou quatro dias.

ROTURA. *Vêja-se* QUEBRADURA, Vol. III, pag. 312.

ROTURA DO EMBIGO. *Vêja-se* EMBIGO, Vol. II, pag. 85.

ROUQUIDÃO. Deve-se estabelecer uma grande differença entre as diversas especies de rouquidão, e principalmente entre a que é accidental e a que é habitual. A primeira não é ordinariamente senão um symptoma ligeiro que se dissipa em poucos dias, e que pertence ao *defluxo* ou *catarrho pulmonar*. (*Vêção-se* estas palavras.) A rouquidão accidental pôde ser ainda o resultado da fadiga do orgão da voz, da impressão do ar frio sobre o corpo suado, da inspiração de um nevoeiro fresco, ou de um excesso de licôres espirituosos; o repouso, o silencio, escaldapés sinapisados, a applicação de uma cataplasma de farinha de linhaça sobre o pescoço, o uso de uma bebida emolliente, tal como a agua de cevada misturada com leite, ou chá quente de flôres de malvas com xarope de gomma, ou uma gemmada á noite, fazem-a desaparecer em alguns dias. Se persistir,

será preciso recorrer a uma medicação mais activa, tal como os purgantes, os emeticos e os gargarejos preparados com a mistura das substancias seguintes: pedra-hume, duas oitavas; cozimento de cevada, meio quartilho; mel, uma onça; laudano de Sydenham, uma colher de chá.

A rouquidão habitual ou chronica, aquella sobretudo que é acompanhada de tosse e de calor na garganta, póde depender de uma molestia do laryngo, e exige os conselhos do medico. *Vejase Voz (Falta da).*

S

SABÃO. Dá-se mais particularmente este nome ao producto que se obtem das gorduras ou oleos combinados com a potassa ou soda. Esta combinação faz com que a materia gorda seja solúvel em agua, e dá ao composto que se forma a propriedade de tirar as nodoas da roupa. Preparão-se para as artes e para os usos domesticos muitas especies de sabões que são :

O *sabão branco* preparado com sebo ou azcote doce e soda; é solido, branco, opaco, de um cheiro não desagradavel. Dissolve-se em agua da chuva ou na de rio, mas decompõe-se nas aguas de poços, que contém ordinariamente uma certa quantidade de saes calcareos ou de magnesia; este effeito é ainda mais notavel com a agua do mar, e por esta razão todas estas aguas são improprias para o ensaboiamento.

Empregando-se a potassa em lugar da soda, obtem-se o *sabão molle*.

O *sabão verde* ou o *sabão preto*; consegue-se, saponificando-se pela potassa caustica uma mistura de oleo de linhaça e de sebo; é molle, da consistencia de um unguento, de um cheiro desagradavel, mui caustico sobre a pelle.

O *sabão transparente* para toucador; prepara-se saponificando-se a gordura de vacca pela soda pura, dissolvendo-se no alcool o sabão assim formado, filtrando-se a solução, e deitando-se em fôrmas.

Emfim, o sabão medicinal ou amygdalino, prepara-se nas boticas, misturando-se a frio uma parte de soda caustica liquida, e duas partes de oleo de amendoas doces : este sabão serve para certas preparações pharmaceuticas.

A dissolução de sabão administra-se internamente como antidoto nos casos de envenenamento pelo acido sulfurico, nitrico, ou algum outro acido concentrado ; o sabão cede a soda ao acido, e neutralisa assim os seus effeitos. O sabão puro, na dôse de uma oitava ou duas, obra como purgante ; administrado em maior dôse poderia produzir effeitos causticos nos intestinos. Ha crianças que o tem ás vezes engulido por descuido, mas sempre em mui pequena quantidade para que possa causar damno. O melhor remedio, neste caso, seria provocar os vomitos fazendo-se beber agua morna e introduzindo-se os dedos na garganta, ou fazendo-se cocegas no fundo da bocca com as barbas de uma penna. Faz-se ás vezes uso de suppositorios de sabão, na prisão do ventre. Este meio consiste em fazer-se um trocisco de sabão, da grossura do dedo minimo, e introduzi-lo no anus. Estes suppositorios são mui efficazes e convém muito ás crianças.

A agua de sabão emprega-se externamente em lavatorios nas empigens, tinhas, sarnas e outras molestias da pelle ; a propriedade que tem de tirar as materias gordas que cobrem a superficie do corpo, e que impedem a transpiração cutanea, o fazem precioso como objecto de toucador. Estes lavatorios feitos nas partes genitales depois de um coito com pessoa suspeita constituem um excellent preservative do gallico : seria para desejar que este meio se popularisasse.

SABINA (*Juniperus sabina*, Linneo). Arbusto que dá na Europa. Suas folhas empregão-se em medicina.

São mui pequenas, em fôrma d'escamas, de cheiro mui forte, terebenthinaceo, de sabor muito acre e amargo. O chá de folhas de sabina é receitado ás vezes pelos medicos para provocar a menstruação; prepara-se com meia oitava de folhas de sabina e uma chicara d'agua fervendo; mas é um medicamento perigoso; sendo mui carregado poderia produzir a inflammação dos intestinos.

SABUGUEIRO (*Sambucus nigra*, Linneo). Arbusto que habita a Europa, cultivado em algumas partes do Brasil. Suas flôres usão-se em medicina. São de côr branca um pouco amarellada quando frescas, amarellas sendo seccas, mui pequenas, de cheiro forte sabor amargo. Empregão-se debaixo da fôrma de chá, que se faz com um pugillo de flôres de sabugueiro e uma chicara d'agua fervendo, nas constipações, defluxos, e em todos os casos em que é preciso provocar a transpiração cutanea.

SABURRA. *Vêja-se* EMBARAÇO DO ESTOMAGO, Vol. II, pag. 83.

SAGU. Nome que se dá a uma especie de fécula extrahida da parte interior do tronco de muitas especies de palmeiras, e em particular de *sagus farinacea* de Rumphius. O sagú vem das Molucas. Acha-se no commercio debaixo da fôrma de pequenos grãos irregulares, branco-escuros ou levemente vermelhos, duros, elasticos; resiste á acção dos dentes, é insolúvel em agua fria; solúvel n'agua quente, á qual communica bastante viscosidade.

O sagú se prepara da maneira seguinte. Corta-se a arvore quando tem adquirido todo o seu crescimento, e quando suas folhas principião a cobrir-se de uma exsudação branca e farinacea. Abre-se o tronco em todo o seu comprimento, e extrahe-se a sua parte interior, que é mui tenra, esponjosa, pouco mais ou menos da consistencia da polpa das batatas. Esta é machucada e agitada em agua por algum tempo. Côa-se depois o liquido, ainda turvo, através de uma peneira de cabello, para separar della a parte fibrosa, e depois se conserva em repouso. A fécula se preci-

pita então no fundo do vaso ; cõa-se a agua e obtem-se uma massa mui branca, que se faz seccar á sombra e que fórma uma farinha ou uma fécula de uma grande pureza. Neste estado se emprega nos lugares em que esta substancia é colhida; mas a que é destinada para ser exportada deve passar por outra preparação. Toma-se a massa que fica depositada no fundo dos vasos, e, quando ainda molle, se faz passar através de laminas furadas com pequenos buracos, e os grãos irregulares que fórma então se seccão rapidamente sobre laminas metallicas quentes. Em consequencia desta ligeira torrefacção é que tomão aquella cõr parda e ás vezes avermelhada.

O sagú é um alimento nutriente e restaurante. Podem-se fazer cozer grãos inteiros no caldo ou n'agua e leite, que se adoça e aromatiza depois com agua de flôr de laranja; fórma então especies de mingão. Reduzido a pó, e fervido no leite ou n'agua, fórma geléas, que convém muito aos convalescentes.

SAHIDA DO ANUS. *Veja-se* ANUS, Vol. I, pag. 120.

SAHIDA DO UTERO. *Veja-se* UTERO.

SAL. Este nome foi ao principio exclusivamente reservado para denominar uma das substancias mais communs na natureza, o sal de cozinha ou sal marinho. O estudo da natureza, e particularmente o da chimica, tendo mostrado que esta denominação convinha igualmente a uma infinidade de corpos, o nome de *sal* ficou generico.

Entende-se por sal, em chimica, o resultado da combinação de um acido com uma base salinavel. E se se considerar que o numero dos acidos mineraes ou vegetaes é mui grande, que as bases salinaveis comprehendem todos os metaes e os alcalis (potassa, soda, magnesia, cal, etc., etc.); se se considerar, enfim, que todos estes corpos, reagindo uns sobre os outros e em proporções diversas, dão lugar a productos differentes, pode-se ha então fazer uma idéa da immensa quantidade de saes que existe.

Os acidos sulfurico, nitrico, hydrochorico, phosphorico, arsenioso, acetico, tartrico, todos os

ácidos, emfim, combinando-se com as numerosas bases salinaes, dão origem a *sulfatos, nitratos, hydrochloratos, phosphatos, arseniatos, acetatos, tartratos*, etc.

Todos os saes, em condições favoraveis, tomão fórmãs crystallinas regulares que se podem determinar com exactidão, e que servem com outros signaes para distingui-los uns de outros.

Muitos saes são insolueis em agua; muitos d'entre elles, e em maior numero, são soluveis. Entre os saes insolueis citaremos o carbonato de cal ou a greda e o marmore, o sulfato de cal ou o gesso, o protochlorureto de mercurio ou os calomelanos, etc. Entre os saes soluveis indicaremos o hydrochlorato de soda ou sal de cozinha, os sulfatos de soda, de magnesia, de potassa, o deutochlorureto de mercurio ou o sublimado, etc. Os saes soluveis são os unicos que são sapidos; uns são salgados, como o sal commum, o sulfato de soda, o hydrochlorato de ammoniaco, etc.; outros são amargos, como o sulfato de quinina, o hydrochlorato de baryta, etc.; outros tem um sabor metallico desagradavel, como os saes de cobre, de arsenico, e os saes soluveis de mercurio; outros são doces, como os saes de chumbo e os de nikel; outros tem um sabor adstringente, como o sulfato de alumina e potassa ou a pedrahume, etc. Emfim, certos saes não tem acção alguma sobre a economia, taes são a maior parte dos saes insolueis; outros são purgativos, taes como os sulfatos de soda, de potassa, de magnesia; outros são causticos, taes como os carbonatos de soda e de potassa: outros, emfim, são venenosos, mesmo em mui pequena dóse, taes são o acetato de cobre ou verdete, o arseniato de potassa, etc. Os saes se distinguem tambem pela côr, bem que a maior parte delles sejam brancos. O sulfato de ferro é verde, certos saes de manganez são rosados, os saes de cobre são azues, os saes de ouro são amarellos, os de chromo verdes ou amarellos, etc. Os saes se distinguem ainda entre si pelo seu peso; o carbonato de magnesia, o sulfato de quinina são mui leves; os saes de mercu-

rio mui pesados , os outros saes occupão os grãos intermedios entre estes dous extremos.

Os saes tem usos numerosos na medicina e nas artes. O hydrochlorato de ammoniaco, ou sal ammoniaco, serve para extrahir o oxydo dos metaes ; os hydrochloratos de estanho são empregados para a tintura ; a pedra-hume serve para avivar e fixar as côres ; todos conhecem os usos do marmore, da greda, do gesso, do alabastro, que são verdadeiros saes. Os saes de cobalto, de chromo e de chumbo ministrão côres para a pintura a oleo, etc.

A medicina emprega um grande numero de saes ; alguns vem descriptos em artigos separados desta obra como *cremor de tartaro*, *sulfato de quinina*, *calomelanos*, etc. ; vamos indicar os de que não fallamos em outra parte, e que são mais usuaes.

SAL AMARGO, ou *sald'Epsom*, ou de *Sedlitz*, ou *sal inglez*, ou *sulfato de magnesia*. Acha-se este sal em dissolução nas aguas do mar e em muitas fontes salgadas. Obtem-se evaporando-se as aguas que o contém. É solido, branco, crystallizado em pequenas agulhas e em prismas de quatro faces, de um sabor amargo e desagradavel, é soluvel n'agua. É quotidianamente empregado como purgante, na dôse de meia a duas onças, dissolvidas em um copo d'agua fria. Faz parte de um grande numero de aguas mine-raes, de que se faz uso para provocar evacuações alvinas.

SAL DE AZEDAS ou *oxalato de potassa*. Existe formado em muitas plantas , e particularmente nas azedas. É branco, meio transparente ; seu sabor é acido picante, um pouco amargo. Emprega-se em limonadas seccas e pastilhas refrigerantes. Serve para tirar as nodoas da tinta de escrever e as da ferrugem.

SAL COMMUM, *sal de cozinha*, *sal marinho* ou *hydrochlorato de soda*. Este sal é de uma abundancia extrema na natureza. Existe na agua do mar, de certos lagos, e de um grande numero de fontes ; no estado de *sal gemma*, constitue massas enormes, e até mon-

tanhas na Polonia, Hungria, Russia, Hespanha, França, etc. , mas então não é sempre puro, e mais commummente é colorido de amarello, vermelho ou roxo, por alguns oxydos metallicos. Depois de purificado, fica alvo e em fôrma de cubos; seu sabor é fresco, salgado; não experimenta alteração alguma no ar, e se o sal escuro fica humido pelo contacto deste agente, isto depende de uma certa quantidade de hydrochlorato de magnesia que contém e que é mui deliquescente; é mui solúvel n'agua.

Os usos do sal commum na economia domestica são geralmente conhecidos; serve para salgar as carnes; pôde conserva-las até um certo ponto apoderando-se da agua que ellas contém, e privando-as assim do elemento sem o qual não pôde haver putrefacção. Emprega-se nas artes para preparar o sulfato de soda com o qual se faz a soda artificial, para obter o acido hydrochlorico, o chloro, sal ammoniaco; entra na composição de vernizes para certos oleados, etc. Dissolvido em um quartilho d'agua na dóse de uma oitava ou duas, é administrado pelos medicos na tísica, nas escrophulas, na oppilação e em algumas molestias cutaneas. Dissolvido em agua quente constitue pediluvios irritantes. Enfim, pôde ser considerado, quando é introduzido no intestino na fôrma de clyster, como um irritante energico, de que se podem obter bons effeitos na congestão cerebral, na apoplexia, na asphyxia dos afogados, etc.

Preparação do sal commum. Tira-se da terra quando está em massas; se é puro, vem para o commercio tal qual foi extrahido; se sabe impuro, é dissolvido, e evapora-se o liquido depois de clarificado. O sal entretanto é mais frequentemente extrahido da agua do mar, que contém *hydrochlorato de soda*, hydrochlorato de magnesia, carbonatos de cal e de magnesia, hydrochlorato de potassa e uma materia animal: e por isso o sal escuro que se obtem nunca é puro, pois que contém todas estas substancias.

Nos paizes quentes servem-se do sol para fazer evaporar a agua do mar, que se faz chegar nas marinhas, especie de tanques mui largos e pouco profundos. Nos paizes frios tira-se proveito da propriedade que tem a agua salgada de não se congelar senão muito abaixo de zero ; com effeito, a agua do mar pôde ser considerada como uma mistura d'agua doce e d'agua extremamente salgada: esta não se congela a zero, entretanto que a outra se solidifica nesta temperatura; por consequente, pôde-se, submettendo-a a um frio de 1 ou de 2 grãos abaixo de zero, gelar uma grande porção della, e ter a agua liquida muito salgada, que bastará aquenta-la para se obter della o sal crystallizado. Nenhum destes processos dá o hydrochlorato de soda puro ; priva-se das materias estranhas que o acompanhão da maneira seguinte: dissolve-se em uma quantidade d'agua conveniente o sal do commercio ; operada a solução, côa-se e faz-se evaporar em uma temperatura de 64° Réaumur; durante esta evaporação, o hydrochlorato de soda se crystallisa debaixo da fôrma de pequenos cubos que engrossão pela agglomeração de outros crystaes da mesma fôrma; tirão-se estes crystaes, lavão-se com uma pequena quantidade d'agua, fazem-se seccar, e conservão-se para o uso.

SAL D'EPSOM. *Veja-se* SAL AMARGO, Vol. III, pag. 384.

SAL DE GLAUBER ou *Sulfato de soda*. Existe em muitas fontes donde se extrahe por evaporação. É branco, de um sabor salgado, fresco, amargo, solúvel n'agua. Administra-se como purgante na dóse de meia onça até duas, dissolvido em um copo d'agua quente.

SAL DE NITRO. *Veja-se* NITRO, Vol. III, pag. 91.

O que se chama vulgarmente *saes*, é uma composição destinada para ser respirada pelo nariz, quer como estimulante no caso de desmaio, quer como cheiro proprio para encobrir emanações desagradaveis. Assim emprega-se particularmente o sulfato de potassa crystallizado e misturado com vinagre radical, e o sal ammoniaco com carbonato de potassa.

Esta ultima mistura, chamada *sal volatil de Ingle-*

terra, tem um cheiro picante e desagradavel, mas é muitissimo estimulante.

SALIVA. Liquido sem cheiro, sem sabor, transparente, um pouco viscoso, segregado pelas glandulas parotidas, submaxillares e sublinguaes, e vertido na cavidade buccal por canaes mui estreitos. A saliva é destinada a humectar as substancias alimentarias, e lhes faz experimentar, com o soccorro da mastigação, um principio d'elaboração.

Em certos casos a saliva augmenta em quantidade. Isto acontece sobretudo nas pessoas que usão do tratamento mercurial, na affecção nervosa do estomago chamada *gastralgia*, no principio da prenhez, na esquinencia, na dentição, nos primeiros dias da erupção das bexigas. A quantidade de saliva é pelo contrario diminuida na febre typhoide e nas *hydropisias*.

A saliva apresenta um caracter contagioso na *hydrophobia*, mas sómente, segundo parece, nos animaes.

SALIVAÇÃO. Chama-se salivação a secreção mui abundante da saliva, determinada pelo uso immoderado das preparações mercuriaes. Este accidente do tratamento pelo mercurio era considerado de ha muitos seculos como essencialmente necessario para a cura das affecções syphiliticas. Alguns medicos tinhão entretanto ousado levantar-se contra a crença commum, aconselhando, para evitar a salivação, que se deixassem dous ou tres dias de intervallo entre as fricções, que erão então o unico meio de tratamento usados; mas a autoridade do seu exemplo não pôde prevalecer sobre uma rotina tão geralmente seguida. Foi sómente em 1718 que Chicoineau, lente da faculdade de Montpellier, depois de ter apresentado um painel horrendo desta evacuação, provou que ella era completamente inutil para a eliminação do virus syphilitico. Propôz, por consequinte, que se adoptasse o tratamento sem salivação, em lugar do que era até então empregado. Seu exemplo foi logo seguido pelos lentes da celebre escola de que

fazia parte; successivamente se foi cada vez espalhando mais este tratamento, de maneira que é hoje o mais geralmente adoptado. Não obstante esta reforma, os accidentes que produzião as grandes doses do mercurio que se costumavão administrar ficarão gravadas no espirito do povo; e hoje ainda muitos doentes recusão tomar a menor porção deste medicamento, nas molestias em que elle é reconhecido como o especifico mais precioso, e nas quaes, administrado em dose moderada, nunca produz o menor accidente.

Nenhuma das numerosas preparações mercuriaes conhecidas deixa de ser susceptivel de provocar a salivacão; mas esta propriedade não existe em todas em um mesmo gráo. O sublimado a determina mais raramente do que as outras; as fricções tem sobretudo este inconveniente. Mas, apesar desta faculdade dos remedios mercuriaes, não se póde entretanto renunciar ao seu uso. Convém sómente emprega-los com extrema prudencia, verificando-se todos os dias os effectos que produzem na bocca, para se suspender momentaneamente o seu emprego logo que occasionarem a menor irritação.

Este accidente se declara de ordinario do quarto ao oitavo dia do tratamento; ás vezes entretanto sobrevém muito mais tarde. Os signaes precursores desta evacuação são um calor insolito, uma ligeira dôr e um principio de inchação nas gengivas, que ficão côr de rosa desmaiada; o halito adquire um fetido notavel, o gosto na bocca é metallico, e o doente experimenta, ao apertar os queixos, uma sensação incommoda que lhe parece proceder do alongamento dos dentes, bem que realmente não possa ser attribuida senão á sensibilidade augmentada das gengivas, assim como á propagação do estado inflammatorio de que são affectadas até nas cavidades alveolares. Se não se renunciar logo ao emprego do mercurio, a tumefacção das gengivas augmenta rapidamente, estende-se ao interior das faces, e mesmo até á lingua, cujo volume se torna

às vezes tão consideravel, que é apenas contida dentro das arcadas dentarias; a secreção da saliva torna-se mais abundante; este liquido é claro e de um cheiro infecto; as gengivas vertem sangue pela menor pressão; a lingua e os dentes cobrem-se de uma camada espessa, amarellada e de um fedor insupportavel. Quando, apezar de todos os cuidados, o mal continúa a fazer progressos, sobrevém dôr de cabeça, insomnia; as forças e o appetite diminuem, e muitas vezes o doente não pôde nem mastigar, nem engulir, nem fallar; tem até difficuldade de ouvir. A lingua, as gengivas e a superficie interna das faces cobrem-se de ulceras mais ou menos dolorosas, e a quantidade de saliva que corre continuamente da bocca sobe até duas ou tres libras por dia. Emfim, a salivação é às vezes acompanhada de uma inflammação tão viva, que as gengivas se separão dos ossos, e os dentes vacillão e cahem. Mas hoje em dia raras vezes estes accidentes são levados a tal ponto, pois que os medicos actuaes já não considerão a irritação mercurial da bocca como propria para assegurar o bom exito do tratamento, e fazem tudo quanto é possivel para preveni-la.

Tratamento da salivação. Divide-se em preservativo e em curativo.

Todos os methodos propostos para o primeiro reduzem-se a quatro principaes:

1.º O primeiro methodo consiste em favorecer a transpiração da pelle pelos banhos quentes e pelo exercicio; desta maneira desvia-se a tendencia que tem o mercurio a dirigir-se para a bocca.

2.º O segundo methodo, é mais seguro, tem por objecto prevenir a salivação regulando as doses do mercurio com prudencia e segundo a susceptibilidade das pessoas, isto é, principiando por mui pequenas quantidades, que se augmentão depois de uma maneira lenta e progressiva, até que se tenha chegado á dose que exige a natureza da molestia. Se se manifestar um gosto metallico e uma ligeira dôr nas gengivas ou a inchação destas partes, sus-

pende-se o uso do mercurio por alguns dias para se voltar a elle quando os symptomas da irritação da bocca tiverem desaparecido.

3.º A administração de um purgante todos os sete ou oito dias, durante o decurso do tratamento, deve ser posta no numero dos preservativos mais efficazes da salivação.

4.º Emfim, pelo ultimo methodo de tratamento preservativo da salivação, busca-se, obrando directamente sobre a bocca, por meio de gargarejos d'agua com vinagre, embotar, de alguma sorte, a sua sensibilidade, e por isso obstar-se á manifestação do accidente de que fallamos.

O tratamento *curativo* da salivação torna-se necessario logo que, apesar das precauções que acabão de ser indicadas, esta evacuação está definitivamente estabelecida. A primeira cousa que se deve fazer é suspender-se o tratamento mercurial, e devem-se empregar gargarejos adstringentes compostos de cozimento de nóz de galha, ou preparados simplesmente com mistura d'agua e vinagre, ou com dissolução de uma a duas oitavas de pedra-hume em um copo d'agua fria. É bom ajuntar-se a estes gargarejos uma certa quantidade de mel rosado.

Eis-aqui as receitas dos gargarejos contra a salivação mercurial:

1.º Nóz de galha	1 oitava.
Rosas rubras	1 oitava.
Casca de romã	1 oitava.

Agua fervendo quantidade sufficiente para ter 8 onças de infusão; ajunte:

Vinho tinto de Lisboa	8 onças.
Mel rosado	2 onças.

Misture. Para gargarejar sete ou oito vezes por dia.

2.º Cozimento de cevada	22 onças.
Alumen	meia onça.
Laudano de Sydenham	meia onça.
Mel de abelha	2 onças.

Misture. Usa-se da mesma maneira que o precedente.

As ulcerações mercuriaes, depois de terem sido tratadas pelos gargarejos, chegam ás vezes a tal gráo de indolencia, que é preciso, para se obter a sua cicatrisação, toca-las com pedra infernal. Duas ou tres cauterisações ligeiras são ordinariamente sufficientes para se conseguir este fim.

Os purgantes são muito uteis no tratamento da salivação; estabelecem no canal intestinal um certo gráo de irritação que diminue proporcionalmente a inflammação da bocca: tomar-se-ha, por conseguinte, de tres em tres dias duas onças de sal de Glauber ou de sulfato de magnesia, que neste caso merecem a preferencia sobre os outros purgantes. Os banhos do corpo ou os semicupios, tomados em um gráo de calor conveniente, exercem tambem uma influencia vantajosa sobre o estado da bocca, augmentando a actividade das funcções da pelle. Os escaldapés, principalmente sinapisados, tem tambem esta propriedade. O uso das bebidas acidas convém muito; estas bebidas são a limonada de limão, de tamarindos, a decocção de cevada acidulada com sumo de limão. Com o soccorro de todos estes meios, continuados mais ou menos longo tempo, póde-se fazer parar assaz promptamente a salivação, ou diminuir ao menos notavelmente a sua violencia. A salivação ligeira cede de ordinario no quinto ou oitavo dia; mas quando é mais consideravel, dura de quinze a trinta dias.

SALSA. (*Apium petroselinum*, Linneo.) Esta planta é cultivada em abundancia nas hortas por causa de seus usos culinarios. De sua raiz, que é branca, conica, levanta-se um talo cylindrico, estriado longitudinalmente, liso. Suas folhas são verde-claras, as flôres de um amarello mui pallido.

É muito importante conhecer os caracteres botanicos da salsa, pois que podem ser facilmente confundidas com as folhas desta planta as da cicuta, que é mui venenosa, e por isso no artigo CIGUTA expri-

mimos comparativamente os caracteres destas duas plantas.

As folhas da salsa são um dos temperos mais vulgares; sua raiz goza de propriedades diureticas.

SALSAPARRILHA. (*Smilax salsaparrilha*, Linneo.) É um arbusto trepador que se acha no Perú, Mexico, Brasil, e nos outros lugares da America meridional. Sua raiz emprega-se em medicina. Esta raiz é de muitos pés de comprimento, da grossura de uma penna de escrever, ou menos, enrugada, cinzenta ou avermelhada por fóra; branca, amarellada ou ainda como côr de rosa por dentro; medutilio branco; sem cheiro, sabor mucilaginoso e um pouco amargo. Muitas são as salsaparrilhas indigenas; as melhores dão nos matos das provincias proximas do equador. Ha poucos medicamentos que tenham tanta reputação como a raiz de salsaparrilha. É um remedio antisiphilitico por excellencia, constitue a base do xarope de Cuisinier, do arrobe de Laffecteur, do cozimento Lusitano, e de muitas outras preparações que se empregão contra o gallico. Ordinariamente a salsaparrilha é associada ao tratamento mercurial, e administra-se debaixo da fórmula de decocção, que se prepara com meia a uma onça de raiz de salsaparrilha e duas libras d'agua, reduzidas a uma libra pela decocção. Esta decocção, adoçada com assucar, toma-se tres vezes por dia. Os boticarios preparão com esta raiz o xarope de salsaparrilha, que, misturado com agua morna, é usado com o mesmo proveito que a decocção. A dóse do xarope é de duas colheres de sopa para meio copo d'agua; esta dóse repete-se duas vezes por dia.

SALVA. (*Salvia officinalis*, Linneo.) Arbusto que dá na Europa e é cultivado em algumas partes do Brasil. Tronco pouco elevado, folhas oppostas, oblongas, obtusas, villosas, recortadas na margem; flôres violaceas; em espiga; cheiro forte e aromatico, sabor quente e um pouco amargo. A infusão de salva emprega-se em gargarejos nas esquinencias. Esta infusão prepara-se com 2 oitavas de folhas de

salva e quatro chicharas d'agua fervendo; depois de coada, adoça-se com mel de abelha.

SANGRIA. Em linguagem ordinaria, a palavra sangria indica a operação que consiste em abrir uma veia, para dar sahida a uma certa quantidade de sangue. Por causa dos casos multiplicados que a reclamão e da urgencia com que é ás vezes indicada seria para desejar que todas as pessoas instruidas a soubessem praticar na ausencia do medico. Entremos, por consequente, em alguns pormenores, e indiquemos ás pessoas estranhas á arte de curar alguns preceitos que lhes servirão quando fõrem obrigadas a praticar ellas mesmas esta pequena operação.

Os antigos abrião quasi todas as veias visiveis. A sangria da veia da testa, da face inferior da lingua, da face superior do membro viril, e de outras muitas, gozavão de grande reputação. Hoje em dia estas differentes sangrias tem cahido em esquecimento, e não se abrem senão as veias do braço, do pé ou do pescoço, e ainda esta ultima raramente. A difficuldade de se obter sangue, o perigo que apresentaria a lesão das partes vizinhas, a disposição da veia que communica com mui grossos vasos nos quaes a introduccão de uma mui pequena quantidade de ar poderia determinar instantaneamente a morte, todas estas considerações tem contribuido para fazer renunciar a um processo que não offerece em realidade vantagem alguma sobre os outros.

A *sangria do pé* se pratica, em geral, ao nivel do tornozelo, ou um pouco abaixo, quer por dentro da perna, quer por fóra. Entretanto, como a veia situada adiante do tornozelo interno é mais apparente, esta é a que se abre ordinariamente. Para fazê-la mais visivel, applica-se embaixo da perna uma ligadura circular, e mergulha-se o pé em agua quente durante alguns minutos. Faz-se a abertura bastante larga e mette-se o pé n'agua. A coloração mais ou menos forte da agua e a quantidade da fibrina que se depõe no fundo do vaso servem para fazer julgar aproxima-

damente da quantidade de sangue escorrido. Acontece muitas vezes que, depois de ter corrido durante alguns instantes, o sangue pára. É igualmente mui commum, sobretudo nas mulheres, não se acharem no pé senão veias mui pequenas que apenas fornecem uma quantidade mui fraca de sangue. Outro inconveniente desta sangria é não se poder avaliar exactamente a quantidade do sangue perdido, e não haver jámais segurança de se obter d'elle uma porção sufficiente. E por isso hoje a sangria do pé é muito menos usada do que d'antes, porque a experiencia não tem justificado as vantagens que lhe forão attribuidas.

A *sangria do braço* é uma das operações que se praticão mais frequentemente, porque as veias desta região são, em geral, mais grossas, mais superficiaes, mais visiveis do que em outra parte. Para que o leitor possa comprehender o que temos que dizer, é preciso que saiba a disposição das veias.

Achão-se na curva do braço quatro veias principaes, cuja reunião forma uma semelhança da letra M, e que são de fóra para dentro, isto é, da margem do braço que corresponde ao dedo pollegar para a que corresponde ao annular: a *cephalica*, a *mediana*, a *basilica* e a *cubital*. A *basilica*, isto é, a terceira nesta ordem, é geralmente mais grossa, mais superficial e mais visivel; pareceria, por conseguinte, que esta veia deveria ser escolhida para a sangria, e entretanto é ella que deve ser evitada tanto quanto fôr possível. Com effeito, a parte do seu trajecto, que é mais apparente, está collocada sobre a arteria principal do braço, como é facil reconhecer-se pelas pulsações que se sentem neste lugar, e esta arteria estaria muito exposta a ser ferida no momento em que a lanceta abrisse a veia. Não se póde pois assaz vituperar aquelles cirurgiões que, para obterem um jorro mais forte do sangue e fazerem brilhar desta maneira sua destreza, não sangrão jámais outra veia senão a basilica. Esta pratica condemnavel deve ser signalada á reprovação dos homens judiciosos, e

devemos dizer que é quasi sempre a da ignorancia. Os mais atrevidos são sempre os que não sabem nada e que não tem aprendido, o que se deve temer. E por isso, os casos de abertura da arteria na sangria são numerosos, e este accidente é sempre grave, pois que ás vezes tem até occasionado a morte.

Recommendamos, por conseguinte, que nunca se pratique a sangria na veia *basilica* quando se pôde fazer em outra; e quando não existe outra veia apparente, é preciso ter cuidado de escolher, para fazer sua abertura, um ponto em que a veia não esteja em contacto immediato com a arteria, o qual se encontra de ordinario um pouco abaixo ou um pouco acima da curva do braço. Mesmo com este cuidado, é preciso ter a maior attenção em não enterrar a lanceta mais do que é rigorosamente necessario.

Para as outras veias da curva do braço, é pouco mais ou menos indifferente escolher uma ou outra d'entre ellas. *Ordinariamente* não estão em relação com arteria alguma; mas a veia *mediana*, isto é, a segunda contando do lado externo, é a que fornece mais sangue e que está mais bem disposta para o seu escorrimento. É, por conseguinte, esta que se deve de escolher de preferencia. As veias *cephalica* e *cubital* são mais profundas e menos volumosas.

Além de uma boa lanceta, os objectos nessesarios para uma sangria são: 1.º, uma atadura ou *ligadura* de tres dedos de largura e quatro palmos de comprimento; 2.º, uma toalha para resguardar os vestidos e a cama do doente; 3.º, um vaso de capacidade conhecida para receber o sangue e medir a quantidade que se tira; 4.º, uma vela accessa para allumiar as partes, se não se opera com muita claridade; 5.º, agua fria ou morna, e uma esponja ou algum panno fino para enxugar; 6.º, um pequeno chumaço dobrado em muitas vezes, que deve servir para pôr sobre a abertura da veia; 7.º, uma atadura de linho ou de algodão, mais longa que a primeira, para

comprimir o braço e parar o sangue depois da operação; 8.º, vinagre ou agua de Colonia.

Quando se quer praticar a sangria do braço, é preciso que o doente se sente ou se deite em sua cama. É necessario ter o cuidado de desembaraçar o braço de toda a causa de constricção que podesse incommodar durante e depois da operação; contém, por consequente, fazer-lhe tirar os vestidos. O braço é então descoberto, estendido e virado com a curva para cima; a pessoa que deve sangrar assegura-se, tocando com o dedo, do lugar em que existem as pancalhas da arteria, e faz a escolha da veia que deve merecer a preferencia. applica-se depois a ligadura sobre a parte inferior do braço, a tres ou quatro larguras de dedo acima da curva do braço. Esta ligadura deve ser sufficientemente apertada para parar o sangue nas veias postas embaixo della; mas a constricção deve ser assaz fraca para permittir que o sangue arterial que circula nas partes mais profundas do membro passe e chegue facilmente á veias. A ligadura está bem posta quando se vê incharem as veias, e quando se sentem ao mesmo tempo as pancadas do pulso. Supponhamos que a sangria se pratica no braço direito. O sangrador dispõe a toalha destinada a resguardar os vestidos ou a cama do doente, faz collocar convenientemente a pessoa que tem o vaso em que deve ser recebido o sangue, assim como a que deve alumiar, se fôr necessario, e põe-se elle mesmo defronte do doente por dentro do braço que deve sangrar. Toma depois o cotovello na mão esquerda, applica o dedo pollegar desta mão sobre a veia que quer abrir, affin de fixar ao mesmo tempo esta veia e estirar a pelle que a cobre. Tomando então a lanceta de tal sorte que a lamina seja mantida entre o dedo pollegar e o index, e o cabo dirigido para cima, apresenta á veia a ponta do instrumento, enterra-o em uma direcção perpendicular; e quando a falta de resistencia e a sahida do sangue de cada lado da lamina lhe annunciação que esta tem penetrado na veia, retira-a, alargando a

abertura da pelle com um dos gumes. A direcção da incisão pôde ser obliqua, parallela ou perpendicular á da veia. Terminada esta incisão, o operador fecha e depõe sua lanceta, e só deve tirar o dedo pollegar que fixa a veia para ver o sangue sahir em jorro e cahir em arcada no vaso destinado para recebê-lo. Para favorecer o escorrimento, sustenta-se o braço do doente e faz-se-lhe mover os dedos ou dá-se-lhe na mão algum corpo, uma chave, o cabo de uma faca, etc., que deve virar continuamente. A quantidade de sangue que se tira varia desde oito onças até dezaseis, e ás vezes mais. Quando se tem tirado sufficiente sangue, desata-se a ligadura que apertava o braço, põe-se sobre a ferida o dedo pollegar esquerdo, e com uma esponja ou panno molhado enxugão-se as partes manchadas de sangue; em seguida assenta-se sobre a picada o pequeno chumaço, e completa-se o curativo com uma atadura ordinaria, que se applica da maneira seguinte: Depois de tê-la enrolado, retem-se a sua ponta sobre o lado externo do braço com o dedo pollegar da mão esquerda, vai-se levando successivamente a atadura sobre o chumaço, sobre as partes interna, posterior, externa e inferior do braço, sobre o chumaço, por dentro, por trás e por fóra da parte superior do antebraço, sobre o chumaço, e assim por diante, de maneira que se forme uma atadura com a fórma de um 8, que deixa o cotovello livre. A outra ponta prega-se com alfinetes. Vinte e quatro horas depois, pôde-se tirar todo este apparatus e deixar o braço livre.

Quando se sangra no braço esquerdo, procede-se da mesma maneira, com a differença que o operador põe-se por fóra do braço.

Dos obstaculos e dos accidentes da sangria. Quando o doente é gordo, é ás vezes impossivel vêr as veias; mas podem-se sentir com a polpa do dedo. Se este recurso falta, podem-se fazer as veias apparentes mantendo-se a ligadura por meia ou uma hora, e fazendo-se contrahir frequente e fortemente os dedos

da mão; pôde-se tambem, com o mesmo intuito, mergulhar o braço em agua quente.

A *magreza*, quando é mui consideravel, torna flaccidos os laços que unem as veias aos tegumentos e ás partes subjacentes; as veias se achão então moveis e escapão ao instrumento: é facil obviar a esta difficuldade applicando-se mui fortemente o dedo pollegar mui perto do lugar em que se propõe abrir a veia, e dirigindo-se a incisão em travéz.

Estas difficuldades são causa de que a operação se execute de uma maneira imperfeita.

Assim, ás vezes a veia não é aberta. Quasi sempre então decobre-se-a no fundo da ferida, e basta introduzir o instrúmento pela segunda vez mais adiante para abri-la. Em alguns casos, abre-se a veia, mas a abertura é estreita, e vê-se o fraco fio de sangue que sahe diminuir rapidamente e cessar logo. É preciso então augmentar a abertura, cravando de novo a lanceta. Outras vezes, a abertura é livre e assaz larga, mas o sangue não corre, ou cessa subitamente de correr. Isto depende de causas mui diversas: 1.º, a ligadura está mui apertada e a chegada do sangue arterial é impedida: remedêa-se a isto desapertando a ligadura; 2.º os vestidos arregaçados fazem segunda ligadura por cima da primeira: é preciso remover este obstaculo; 3.º, a ligadura está mui pouco apertada: cumpre aperta-la mais; 4.º, a abertura fica tapada por um pedaço de gordura: é preciso repelli-la com a cabeça de um alfinete; 5.º, o parallelismo entre a ferida da pelle e a da veia está destruido: isto acontece frequentemente, visto que se sangra quasi sempre em supinação, e que depois põe-se o braço em pronação, ou se dobra depois de tê-lo estendido, etc., deve-se buscar a causa deste accidente, tornar a pôr o braço na sua posição primitiva, e com o dedo puxar a pelle em differentes sentidos, até que o parallelismo seja restabelecido; 6.º, ás vezes o sangue pára sem sem causa conhecida: fricções de baixo para cima ou alguma pancada com a ponta do dedo bastão de ordinario para fazer com

que torne a apparecer; 7.º, a veia que se abriu é mui pequena: as fricções podem ser uteis, os banhos mornos igualmente; se tudo isso não produz o effeito desejado, é preciso picar outra veia; 8.º, emfim, a cessação do escorrimento sanguineo pôde depender do desmaio em que cahe o doente.

O *desmaio* pôde sobrevir pela vista da lanceta, ou em consequencia da picada, ou durante o escorrimento sanguineo, e em consequencia de uma sangria mui copiosa. Evita-se muitas vezes este accidente fazendo deitar o doente durante a sangria; remedeasse suspendendo o escorrimento sanguineo, pondo o doente em uma posição completamente horizontal, sem travesseiro debaixo da cabeça, borrifando-lhe o rosto com algumas gottas d'agua fria que se lhe lanção com os dedos mergulhados antecedentemente neste liquido, pondo debaixo do nariz um lenço molhado em agua de Colonia ou em vinagre. Não se continuará a sangria depois do desmaio senão no caso em que o doente tenha perdido no principio pouco sangue, e que o seu pulso tenha recobrado a força ordinaria.

A sangria é ás vezes seguida de uma hemorrhagia que depende, ora de algum movimento inconsiderado do doente, durante o qual a atadura foi deslocada, ora da compressão mui forte que exerce esta atadura acima da ferida, em lugar de exercê-la principalmente sobre a ferida mesma, ou embaixo della; em todos estes casos, é preciso applicar outra vez a atadura.

A *infiltração sanguinea do tecido cellular* ou o *sangue extravasado* tem lugar quando as aberturas da pelle e da veia, sendo sufficientemente grandes, não se achão inteiramente parallelas uma á outra. Esta infiltração, que se reconhece pela côr preta que se forma em roda da ferida, desapparece por si ao cabo de alguns dias, e não reclama tratamento algum.

A *inflammção* que segue a sangria é ordinariamente de pouca importancia. É preciso entretanto occupar-se della para que se não estenda. Reconhe-

ce-se pela dór, vermelhidão e inchação da pequena ferida. O repouso do braço e cataplasmas de farinhas de linhaça ou de miolo de pão bastão para curar este accidente. Às vez-s postemas mais ou menos grandes acompanhão-na; reclamão o mesmo tratamento. Mas a inflammation não se limita sempre ao tecido cellular, ataca ás vezes a veia aberta; esta molestia exige a applicação de bichas e cataplasmas sobre o lugar doloroso, e de mais os conselhos de um medico instruido.

Mas um dos accidentes mais graves que podem acompanhar a sangria do braço é a abertura da arteria brachial. Com effeito, a veia *basilica* tem connexões tão intimas com esta arteria, que é preciso muita cautela para não tocar nesta ao abrir aquella. Demais, a veia *basilica* não é a unica que está unida a um tronco arterial; em algumas pessoas, em lugar de uma arteria achão-se duas, uma de cada lado do braço: deve-se, por consequente, sempre, antes de praticar a sangria, verificar p'lo toque se não existem pancadas por trás da veia que se quer abrir. Por terem desprezado estas precauções, ou por não terem querido conformar-se com os preceitos da arte, é que alguns cirurgiões tem tido a desgraça de produzir este accidente. Deve-se suspeitar que a arteria foi ferida quando o jorro de sangue é mais forte que de ordinario: este jorro, em vez de correr uniformemente, é alternadamente mais forte e mais fraco; a cada um dos sacudimentos que experimenta, e que são isochronos ás contracções do pulso, é composto de duas partes que são unidas sem serem confundidas, e das quaes uma é formada por um sangue vermelho e que pertence á arteria, entretanto que a outra apresenta a côr preta do sangue venoso; nos intervallos das contracções da arteria, este jorro é menos forte e formado pelo sangue preto sómente. Remedêa-se a este accidente pela compressão forte, e sobretudo pela laqueação da arteria.

Quando as veias da curva do braço não podem

divisar-se, apezar dos meios empregados, pôde-se supprir á sua sangria pela das veias que se achão na parte inferior do antebraço. As regras que se devem seguir para abrir estas veias não offerecem nada de particular. Estas sangrias não apresentam perigo algum, mas o sangue que fornecem sahe com difficuldade.

Casos que tornão necessaria a sangria. Quando em uma molestia o pulso está forte, duro e cheio, annuncia ordinariamente a necessidade da sangria. Se a estes tres caracteres do pulso ajunta-se ainda sua frequencia, então a sangria é ainda mais positivamente indicada. O pulso fraco, facil de deprimir, afasta em geral esta operação, mas não a contra-indica de uma maneira absoluta. Um resfriamento geral, desmaio, ou um sentimento de fraqueza consideravel, impedem commummente a sangria.

A frequencia e a anxiedade da respiração, a sede viva e a seccura da bocca, o calor intenso da pelle, a vermelhidão ou a inchação do rosto, a diminuição da secreção urinaria, a côr vermelha da ouriua, tudo isto annuncia ordinariamente a necessidade de se subtrahir á economia uma parte do liquido estimulante que desenvolve e entretem a excitação geral além do seu typo ordinario.

Entre os individuos que tem conservado o costume de se fazerem sangrar regularmente a certas épocas do anno, e por pura cautela, ha muitos em que este recurso deve ser completamente inutil, se não é necivo. A sangria, com o meio preservativo, não pôde ser empregada senão quando existe uma indicação real, assim como, por exemplo, para remediar as vertigens que podem seguir a suppressão de hemorrhagia habitual, para fazer parar os primeiros symptomas de apoplexia, de escarros de sangue, etc. Sangrar sem causa é enfraquecer inutilmente a economia.

Mas as sangrias são sobretudo usadas para curar as molestias. É reconhecido geralmente que no principio, e até no curso de todas as molestias inflammatorias acompanhadas de febre, as sangrias devem

ser empregadas de preferencia. Se neste caso se faz uso de bichas ou de ventosas sarjadas, deve isto ser sómente como meio auxiliar. Mas se as inflammações são pouco intensas, se existem nas crianças, nos velhos ou individuos fracos, em lugar de sangria geral empregar-se-hão bichas. O fluxo menstrual não deve impedir a sangria quando alguma inflammação intensa a reclama; esperar para praticala o desaparecimento dos menstros, seria expôr-se a ver a molestia marchar ás vezes para uma terminação fatal. A prenhez, quando é acompanhada de febre ou de vertigens e dôres de cabeça, indica ordinariamente a sangria, e as inflammações que sobrevém no decurso della devem ser combatidas por este meio. Antigamente julgava-se que a sangria era mui perigosa na prenhez: este medo existe ainda entre o vulgo, e algumas mulheres recorrem á sangria para abortarem. A experiencia tem inteiramente desmentido esta doutrina, e Mauriceau, autor que escreveu sobre os partos, cita uma senhora que foi sangrada até dez vezes, durante a sua prenhez, sem abortar.

Nas febres intermittentes simples, as sangrias não convém geralmente; mas quando o accesso é acompanhado de delirio, é preciso então lançar mão da sangria.

A sangria é absolutamente contra-indicada na asphyxia dos afogados antes que a respiração principie a restabelecer-se e na syncope. Empregada nestes casos, poderia tornar-se fatal. Depois das quedas de um lugar elevado ou nas feridas graves, não convém igualmente nos primeiros momentos do accidente, nos quaes o pulso está ordinariamente mui fraco e o corpo frio; mas quando a pelle principia a aquecer-se e o pulso a levantar-se, a sangria então é de rigor.

As outras indicações das sangrias são designadas quando se falla de cada molestia em particular.

SANGUE. Desde a mais remota antiguidade foi reconhecido o papel immenso que representa o sangue

no organismo, e nos diversos livros de Moysés se diz que *a alma da carne está no sangue*, metaphora não menos forte do que a imaginada por Bordeu, que, para exprimir a identidade de composição do sangue e das partes solidas que então na composição do corpo humano, disse que o *sangue é carne fluida*. Com effeito, este liquido penetra todos os órgãos por meio da circulação, e lhes distribue os principios nutritivos; elle é a fonte do calor animal e de todos os outros liquidos que se achão na economia. O sangue é branco nos molluscos e nos animaes das ordens inferiores, que f rão chamados animaes de *sangue branco*, para distingui-los dos animaes de *sangue vermelho*, que são os mammaes, as aves, os reptís e os peixes. O sangue do homem compõe-se d'agua, de albumina, de fibrina, de materia colorante, de materia gorda, de chlorureto de sodio e de potassio, de carbonato, phosphato e sulfato de cal e magnesia, e de peroxydo de ferro. Estas substancias achão-se em proporções um pouco differentes seguindo os individuos.

A côr do sangue varia em uma infinidade de circumstancias, conforme as disposições naturaes ou os accidentaes. Nas pessoas delicadas, lymphaticas, ou depois de grandes perdas de sangue, este liquido é pallido e seroso. Nos individuos robustos a côr vermelha do sangue é mais carregada. Este fluido apresenta uma côr amarella na ictericia, na mordedura de cobras venenosas. O sangue varia tambem segundo a ordem de vasos de que é tirado. O que provém das arterias é vermelho; o das veias é escuro. Esta differença de colorido tem feito dar ao sangue arterial o nome de *sangue vermelho*, e ao sangue venoso o de *sangue preto*. É, por consequente, sem razão que muitas pessoas se asustão quando vêm o sangue preto tirado da sangia, pois que esta côr lhe é natural.

O sangue pôde variar quanto á *consistencia*. A densidade do sangue se reconhece, quer pela lentidão com que sahe da veia, quer pelo volume do coalho

que forma no vaso; os medicos dão a este sangue o nome de *rico*. O sangue offerece, em geral, maior consistencia nos individuos robustos e nas molestias inflammatorias.

O sangue extrahido das veias e abandonado a si mesmo coalha-se e se divide pouco a pouco em duas partes: uma liquida, transparente, amarella, chamada *soro*; outra molle, opaca, de côr roxa avermelhada, e que tem o nome de *coalho*. O *soro* não é senão agua que tem em dissolução muita albumina e a maior parte dos saes do sangue. O *coalho* possui toda a fibrina, toda a materia colorante, um pouco de soro e uma pequena quantidade de saes. Esta separação é mais ou menos prompta e perfeita conforme certas circumstancias: é prompta e perfeita nas molestias inflammatorias; é lenta, pelo contrario, e mais ou menos imperfeita nas febres de máo character, no escorbuto, em certas asphyxias; então o *coalho* se separa incompletamente do soro, é molle, a ponto que ás vezes se desfaz quando se agita o vaso.

A quantidade do soro varia conforme as condições mencionadas, fallando-se da consistencia do sangue, isto é, que este soro é menos abundante nas molestias acompanhadas da força do pulso, e mais quando o pulso é fraco e existe uma prostração geral da economia.

Em um grande numero de molestias inflammatorias, quando o sangue tirado da veia se tem coalhado, forma-se sobre a superficie do coalho uma côdea mais ou menos espessa e como membranosa. Sua espessura pôde ser de menos de uma linha ou de mais de uma pollegada. Nas inflamações intensas é espessa, densa, opaca, de côr branca amarelenta, lisa ou rugosa, concava e com margens levantadas; entretanto que nas molestias caracterisadas pela fraqueza geral, ou não existe, ou é delgada, molle, esverdinhada ou denegrida. Quando nas sangrias successivas esta côdea cessa de formar-se,

é um soffrivel indício dos limites que convém pôr ás evacuações sanguineas.

SANGUE ALVOROÇADO. Algumas pessoas dão este nome a um estado morboso geral caracterizado pela sede, vermelhidão do rosto, calor da pelle e insomnia. É preciso então recorrer aos escalda-pés com farinha de mostarda, ás bebidas refrigerantes, taes como limonada de limão, de tamarindos e a algum purgante, tal como 2 citavas de magnesia calcinada ou 2 onças de oleo de ricino.

SANGUE EXTRAVASADO. *Veja-se* ECCHYMOSE, Vol. II, pag. 72.

SANGUENOVO. Chama-se vulgarmente *sangue novo* uma erupção de pequenos botões da pelle. Não ha febre, mas ás vezes existe uma pequena comichão. Esta erupção dura ordinariamente dous a tres dias. O tratamento é o seguinte: um banho do corpo todo com agua morna e sabão; limonada de limão ou de tamarindos; ás vezes um purgante.

SANGUE PISADO. Assim se chama o sangue derramado debaixo da pelle em consequencia de pancadas ou outras causas de contusões. *Veja-se* ECCHYMOSE, Vol. II, pag. 72.

SANGUE PELO NARIZ. *Veja-se* HEMORRHAGIA NASAL, Vol. II, pag. 354.

SANGUE (PERDA DE). *Veja-se* HEMORRHAGIA, Vol. II, pag. 352.

Perda de sangue depois da applicação de bichas. *Veja-se* Vol. II, pag. 363.

Perda de sangue depois da extracção de dente. *Veja-se* Vol. II, pag. 24.

Perda de sangue pelo utero. *Veja-se* HEMORRHAGIA DO UTERO, Vol. II, pag. 356.

Perda de sangue em consequencia de alguma ferida. *Veja-se* HEMORRHAGIAS TRAUMATICAS, Vol. II, pag. 361.

SANGUESUGA ou **BICHA.** Verme aquatico de que existe um grande numero de especies, das quaes duas principalmente são empregadas na medicina, *sanguesuga verde e sanguesuga cinzenta.* Reconhecem-se pela fórma oval que tomão quando são extrahidas

da agua, por seis riscos longitudinaes roxos que apresentam no dorso, e pelas nodoas amarelladas de que são marcadas na barriga; seu comprimento varia de tres a seis pollegadas quando estendida. Tem a bocca guarnecida de tres queixadas, que são dentadas como uma serra, e com as quaes fazem uma incisão triangular na pelle para chupar o sangue. É util saber-se que nem todas as especies de sanguessugas tem a bocca armada de dentes; em muitas especies faltão inteiramente estes orgãos, ou não existem senão no estado rudimentario, e por isto a medicina não faz uso dellas: tal é a sanguessuga negra chamada *sanguessuga de cavallo*, cujos dentes são mui molles e mui pouco desenvolvidos para poderem morder. Esta especie anda ás vezes misturada com a especie medicinal. O commercio das bichas é hoje um grande objecto de especulação. Os paizes que as fornecem são Portugal, Italia, Hespanha, Russia, Suecia, Noruega, Turquia, Hungria, França, Tunes, Argel. O Brasil não é privado destes preciosos animaes; existem em muitos lugares, e sobretudo no norte da provincia da Bahia, de Pernambuco, no rio de S. Francisco, nos arredores da cidade do Penedo, na provincia do Rio Grande do Sul, etc., que podem servir para as necessidades da medicina. No municipio do Rio de Janeiro mesmo, no pequeno regato de Catumby e na Lagôa da Sentinella achão-se tambem sanguessugas; estas, porém, não mordem senão na agua em que vivem, e alguns ensaios que serão feitos tem provado que não podem servir como as outras.

As sanguessugas são hermaphroditas, isto é, que cada uma apresenta dous sexos reunidos; mas um individuo não se póde fecundar a si mesmo. Depoem seus ovos na superficie da terra perto das aguas onde vivem, ou em pequenos buracos. Cada um destes ovos ou casulos representa um conoide, cujo comprimento é de seis a doze linhas, cujo interior contém pequenos ovulos em numero de seis a quinze, ou mesmo sanguessugas já formadas. Os filhos sa-

hem pela pequena extremidade do casulo. As bichas se nutrem do sangue dos animaes que frequentão as aguas onde ellas tem estabelecido seu domicilio.

Conservão-se as bichas em caixas que contém barro humido; vivem nellas muitos mezes sem comer, mas ás vezes se chupão entre si. Quando, para o uso habitual, se collocão em vasos de vidro, é preciso deitar seis quartilhos d'agua para cada cento de bichas, e mudar a agua ao menos de dous em dous dias.

Uma precaução importante consiste em tirar cuidadosamente todas as que morrem. Convém colloca-las em lugar fresco e ao abrigo dos raios do sol. Imaginárão-se grandes viveiros guarnecidos de barro para sua conservação. Eis-aqui o apparelho proposto por Derheims. No fundo de um grande tanque de marmore ou de uma pedra dura qualquer dispõe-se uma camada de seis a sete pollegadas de musgo, e de carvão de lenha em pequenos fragmentos, e cobre-se esta camada com pedrinhas, cujo peso serve para comprimir ligeiramente o musgo. Em uma das extremidades do tanque e em meia altura das paredes colloca-se uma mesa de pedra furada com pequenos buracos e coberta de uma camada de musgo comprimida por pequenas pedras. Deita-se agua no tanque até que chegue á camada do musgo que está sobre a mesa, e põe-se o tanque ao abrigo da luz por meio de uma tã de crina. Desta maneira as bichas tem um campo livre para nadarem na agua, passarem sobre o musgo exterior, penetrarem na camada, desembaraçarem-se das mucosidades que são os principaes materiaes da putrefacção, e depõem seus ovos nos buracos.

As mesmas bichas podem servir para muitas applicações. Para se lhes tirar o sangue que tem chupado, basta mergulha-las por um ou dous minutos n'agua fria que contenha um pouco de sal em dissolução, espremitê-las com os dedos da cauda para a cabeça, e pô-las depois no barro; cinco a oito dias depois estão aptas a pegarem de novo. Esta pratica,

que é quasi geralmente seguida no Rio de Janeiro, não apresenta inconveniente algum, e não expõe ao perigo, como teme o vulgo, de communicar a molestia de uma a outra pessoa.

As partes sobre que se deseja applicar bichas devem ser rapadas, limpas com cuidado, e molhadas com agua e assucar ou com leite, de que estes animaes são mui avidos. Antes de applica-las ao anus, convém ordinariamente administrar um clyster. Estando o doente guarnecido de lençoes e tendo as bichas sido tiradas da agua, esfregão-se ligeiramente, poem-se em um copo ou no centro de um panno, que se vira sobre a parte, e assim se mantêm até pegarem. As bichas cahem por si mesmas quando estão cheias. Deve-se então, para favorecer o escorrimento sanguineo, cobrir toda a parte com uma cataplasma emolliente, ou melhor lavar incessantemente as picadas com uma esponja embebida em agua morna. A's vezes, em lugar de excitar, é preciso parar o escorrimento do sangue, cuja abundancia poderia comprometter a existencia do doente. Esta indicação pôde-se apresentar principalmente nas crianças mui tenras. Para-se facilmente o sangue, quer cobrindo as picadas com alguns pedaços de panno queimado, quer pondo emcima um panno dobrado, e sobre o qual se exerce uma forte compressão, quer polvilhando-as com pedrahume calcinada, quer emfim canterisando-as com pedra infernal. *Veja-se* HEMORRHAGIAS CAPILLARES, Vol. II, pag. 363.

Muitas vezes, em consequencia de picadas de bichas, sobrevém comichão mui viva; ás vezes formão-se pequenos frunchos. Fomentações com oleo de amendoadas doces, lavatorios com cozimento de folhas de malvas, e ás vezes cataplasmas de farinha de linhaça, podem acalmar estes incommodos. As ulcerações que se formão ás vezes no lugar das picadas serão curadas com ceroto simples. As pequenas carnosidades que se podem desenvolver no mesmo lugar serão reprimidas com a pedra infernal.

As bichas podem casualmente introduzir-se no interior da garganta, no estomago, no nariz ou no anus. Quando o animal fica ao alcance dos instrumentos, é preciso extrahi-lo com uma pinça. Quando está profundamente situado no pharynge ou no estomago, é preciso dar a beber agua com sal, e administrar um a dous grãos de tartaro emetico n'um copo d'agua fria para provocar os vomitos. Se a sanguessuga tem penetrado no interior do nariz, é preciso seringar dentro do nariz com agua salgada. Se se tem introduzido mui profundamente no anus, convém administrar um clyster com a mesma agua salgada; e se esta não produzir o effeito, será preciso dar um purgante de sal d'Epson pela bocca.

SAPÉ. (*Anatherum bicornu*, Pal. Beauv.) Planta do Brasil da familia das gramineas. Caule de 2 a 3 pés de altura, herbaceo, folhas compridas, lanceoladas, lineares; raiz da grossura de uma penna de perú, nodosa, branca quando fresca, amarella quando secca, sabor adocicado. O cozimento de raiz de sapé é diuretico e empregado nas molestias urina-rias. Prepara-se com meia onça de raiz de sapé e uma libra d'agua.

SAPINHOS. Dá-se este nome a uma molestia caracterisada por uma camada ou exsudação branca que cobre a face interna da bocca.

Esta molestia ataca quasi exclusivamente as crianças. Uma constituição fraca e delicada, uma má alimentação predispoem para ella. Sobrevém principalmente ás crianças cuja mãe ou ama não lhes póde offerecer senão um seio qua-i vasio, e sobre o qual estas crianças se esfalfão em esforços inuteis. As crianças amamentadas por suas mãis são menos sujeitas a ella do que as que são confiadas ás amas ou amamentadas artificialmente.

Os sapinhos principião por uma inchação da lingua, ou por uma vermelhidão mais ou menos extensa deste orgão. A bocca fica secca e quente, a sucção torna-se dolorosa e até impossivel. Depois destes primeiros symptomas da molestia, que durão

um a tres dias quando muito, apparecem nas partes lateraes do freio da lingua ou na extremidade, e no meio deste órgão, assim como na face interna do beijo inferior, pequenas nodoas meio transparentes ao principio, mas que promptamente se tornão brancas. Estas nodoas se multiplicão, se reúnem e formão camadas de uma alvura que parece de leite ou de queijo, tanto que esta semelhança pôde até enganar. Em certos casos, a exsudação dos sapinhos é mui abundante, forma crostas espessas sobre a lingua e parte interna das faces, e não deixa intervallo algum que permitta divisar a membrana mucosa; outras vezes os sapinhos se apresentam debaixo da fórma de pequenos lineamentos, que estão simplesmente espalhados pelo interior da bocca.

Os symptomas locaes dos sapinhos existem ás vezes sem febre e sem algum outro signal de molestia; mas em muitos casos esta affecção local é acompanhada de febre, de nauseas, de vomitos e diarrhea, sobretudo quando os sapinhos affectão o intestino; as crianças lanção neste caso, no meio de excrementos esverdinhadados, pedaços da exsudação. Quando a molestia se propaga assim pelo canal intestinal, termina-se ordinariamente de uma maneira fatal; a criança acha-se então em um estado de somnolencia mais ou menos profunda, interrompida por gemidos ou gritos; a sêde é mais ou menos viva, a camada espessa dos sapinhos que cobre toda a bocca e adhere a ella fortemente é secca e roxa. No ultimo periodo desta molestia o emmagrecimento é rapido, o rosto fica enrugado como o de um velho, os olhos encovados, a voz extincta, o pulso fraco e insensivel, as extremidades frias, e succumbe a criança em um estado completo de prostração.

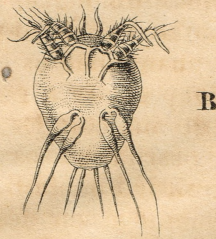
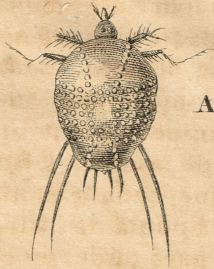
Quando os sapinhos não se estendem ao canal intestinal, e só se limitão á bocca, é molestia ligeira e puramente local; o doente tem pouca ou nenhuma febre, a exsudação se despega com facilidade, a criança continúa a mamar, suas evacuações alvinas são naturaes; e a molestia se termina mais ou menos

promptamente no espaço de alguns dias. Acontece entretanto ás vezes que os sapinhos seguem uma marcha quasi chronica, apparecem e desaparecem muitas vezes, e se repetem mais ou menos a miudo no intervallo de alguns mezes. Este estado chronico não tem nada de grave, se não vem acompanhado de outras molestias.

Tratamento dos sapinhos. Este tratamento, muito simples, é preservativo ou curativo. No primeiro caso, as crianças serão transportadas para um lugar secco e perfeitamente arejado, e sua alimentação corresponderá á sua idade e ás suas necessidades. Por mais vantagens que aliás apresente a amamentação materna, é preciso renunciar a ella, se é pouco abundante. Se o leite é mui velho, convém dar á criança uma ou duas vezes por dia bebidas diluentes, como a agua com assucar, agua de arroz com assucar ou qualquer outra, para diminuir os effeitos de uma alimentação mui forte.

Se apezar destas precauções vem o mal a declarar-se, empregar-se-hão os emollientes. As bebidas aqueas, gommosas, mucilaginosas, como as decoções de sementes de linhaça ou de marmelo, e de althéa, o leite de vacca ou de cabra, obraráõ ao mesmo tempo como medicamentos locais e geraes. Ás vezes a mudança de ama produz a cura. Se existem symptomas febris bem marcados, se a inflammação da bocca parece viva, então convém os banhos mornos do corpo todo. No mesmo caso deve-se fazer uso de clysteres de linhaça e de cataplasmas de farinha de linhaça sobre o ventre.

Dous ou tres dias depois deste tratamento, ás applicações emollientes juntar-se-hão alguns brandos adstringentes, e principalmente os acidos cuja efficacia tem sido demonstrada pela experiencia. Estes acidos não devem ser engulidos em grande quantidade; por consequente, devem ser simplesmente depositos brandamente por meio de um pincel feito de uma tira de panno de linho fino ou de algodão e enrolado em roda da extremidade de um páozinho: esta pe-



Cucac, ou bicho da sarna do homem. *Acarus scabiei*, aug-
 mentado pelo microscópio. (A figura **A** representa a face
 dorsal. **B** a face abdominal. (segundo Raspail.) Sendo do ta-
 manho natural, se tem huma quarta parte de linha de com-
 primento, e o mesmo de largura; isto é não é maior que o
 pente seguinte.

quena operação será feita de cinco a dez vezes por dia. O vinagre, o sumo de limão, convenientemente adoçados com mel de abelhas, o mel rosado puro ou o sumo de laranja também puro, eis as substancias acidas que devem servir para este uso. Pouco a pouco augmenta-se a força do medicamento, e também gradualmente se irá augmentando a alimentação. Neste momento convém cozimentos de cevada, de arroz, de miolo de pão com leite, e clysteres com polvilho ou com agua morna simples, na qual foi diluida uma gemma de ovo.

Quando se declara um gráo profundo de fraqueza, convém administrar o xarope de quina por pequenas colheres de hora e hora; e bem que a molestia chegada a este estado deixe ordinariamente pouca esperança, é necessario empregar banhos do corpo com infusão de plantas aromaticas, e fricções sobre as costas com tintura de alfazema ou com aguardente de canna. Estes meios, sustentando as forças, ajudam a natureza, que triumphá ás vezes nos casos mesmos em que a arte desespera.

SAPIROCA. Algumas pessoas assim chamão a uma especie de inflamação chronica da margem da palpebra inferior. Veja *Ulcerações da margem das palpebras*, no artigo PALPEBRA, Vol. III, pag. 165.

SAPO. Reptil que vive debaixo da terra e só sahe de noite ou durante a chuva. Por muito tempo julgou-se que este animal era venenoso; mas é um erro: quando fica irritado, incha e esguicha sua ourina, que se tomava outr'ora por seu veneno: esta ourina póde apenas irritar levemente a pelle. O sapo era antigamente empregado em medicina; mas está abandonado hoje o seu uso; porque reconheceu-se que as propriedades que se lhe attribuião erão completamente imaginarias.

SAPUCAIA. Fructo de *Lecythis*, arvore que dá no Brasil. Este fructo é do volume da cabeça de uma criança, mui duro, contém amendoas que se comem e que são mui saborosas e saudaveis.

SARAMPO ou SARAMPÃO. Esta molestia é uma febre

acompanhada de tosse, vermelhidão dos olhos, e caracterisada pela erupção sobre a pelle de pequenas pintas vermelhas, semelhantes a mordeduras de pulga.

Causas. O sarampo é produzido por uma causa que não é conhecida; reina ordinariamente de uma maneira epidemica, isto é, ataca um grande numero de individuos ao mesmo tempo. Transmite-se facilmente entre as pessoas que habitão a mesma casa; entretanto, como acontece em todas as molestias contagiosas, não se pôde contrahir sem uma certa predisposição. Observa-se de ordinario nas crianças, bem que possa manifestar-se em todas as idades; ataca raramente duas vezes o mesmo individuo: comtudo tem-se visto pessoas que tem tido esta molestia atétres vezes. Desenvolve-se em todos os climas; segundo Anghiera, não era conhecida na America, e foi importada no novo mundo no anno de 1518.

Symptomas. Um olho exercitado reconhece frequentemente a invasão do sarampo pelos primeiros symptomas que o distinguem. Assim, no decurso de uma epidemia, quando se vê uma criança, que tem tido algumas relações com um individuo affectado da molestia, ser atacada de fastio, calafrios, dôr de cabeça, sensibilidade dos olhos, espirros, tosse, &c., é pouco mais ou menos certo que esta criança está affectada do sarampo. Entretanto, precipitando o seu juizo, corre-se o risco de enganar-se, pois que uma simples febre de defluxo, ou qualquer outra molestia, pôde offerecer todas as invasões do sarampo. Eis-aqui os seus caracteres mais ordinarios:

A molestia principia por alternativas de frio e de calor, por fastio, lassidão nos membros, e por um sentimento de dôr e de peso nos olhos e na testa, acompanhado de vontade de dormir. Logo o pulso se accelera, a pelle torna-se quente, a superficie da lingua fica branca, entretanto que sua ponta e margens estão de uma côr vermelha; existe a sêde, manifestão-se nauseas, ás vezes vomitos, e o ventre fica ás vezes doloroso. No *segundo dia* da invasão,

todos estes symptomas se pronunciação com mais intensidade : os olhos ficão vermelhos e cheios de lagrimas, o doente espirra a miudo, experimenta comichão no nariz, um sentimento de peso na bocca do estomago. A garganta torna-se um pouco dolorosa, manifesta-se uma tosse mais ou menos violenta, e nas crianças a somnolencia, e até convulsões passageiras se ajuntão ás vezes a estes phenomenos. No *terceiro dia*, a intensidade dos symptomas vai sempre crescendo, os olhos tornão-se sensiveis e inflammados, as palpebras e suas margens parecem um pouco inchadas; uma tosse secca, um sentimento de constricção no peito, ás vezes delirio, precedem a apparição da erupção, que se declara ordinariamente no *quarto dia* da molestia. Pequenas pintas vermelhas, pouco resaltadas, de fórma e dimensão de mordeduras de pulga, apparecem primeiramente sobre a testa, nariz, faces, e se espalhão successivamente pelo pescoço, peitos e membros. Esta erupção é quasi sempre acompanhada de comichão e de vivo calor na pelle. Estas pintas augmentão, reúnem-se umas com as outras, e excedem um pouco o nivel da pelle, o que mais se reconhece pelo tacto do que pela vista. Logo que os sarampos acabárão de sahir, a frequencia do pulso, o calor, a sêde, a vermelhidão dos olhos, o defluxo, a dôr de garganta, &c., diminuem de intensidade, e desapparecem ás vezes completamente; só a oppressão do peito e a tosse persistem em alguns individnos. Depois de tres ou quatro dias de duração, isto é, no *setimo* ou *oitavo dia* da molestia, estas pintas principião a desmaiar na ordem de sua invasão, isto é, primeiro as do rosto, e depois successivamente as das outras partes do corpo. A pelle torna-se rugosa, e o epiderme se despega por escamas. Ás vezes, entretanto, a descamação é nulla ou invisivel, ao menos em algumas regiões do corpo. Se fica ainda nesta época frequencia do pulso, calor e tosse, tudo isto desapparece em geral do nono ao undecimo dia.

Marcha, duração e prognostico. A marcha desta

molestia, tal qual acabamos de descrevê-la, é a mais ordinaria, porém não é constante: a erupção se faz ás vezes mais cedo, outras vezes mais tarde; as pintas, ordinariamente de uma côr vermelha viva, são, em alguns casos, pallidas, lividas ou pretas, o que, em geral, é de máo agouro: symptomas graves de inflamação do peito se manifestão ás vezes; emfim, a inflamação das vias digestivas póde ser levada ao mais alto gráo de intensidade, e impedir que a erupção seja completa. Quanto mais moços são os individuos que o sarampo ataca, tanto mais receio deve inspirar esta molestia; mas não se deve perder de vista, que nunca é a erupção que compromette a vida, mas sim a inflamação dos órgãos internos que a acompanhão ou lhe succedem.

Tratamento. Quando a febre é pouco intensa e a erupção percorre com facilidade e regularidade os seus periodos, o tratamento do sarampo é um dos mais simples. Pôr o doente em uma temperatura nem fria nem quente; cobri-lo bastantemente para preserva-lo do frio, sem fatiga-lo com um calor incommodo; fazer-lhe observar uma dieta completa; administrar-lhe bebidas emollientes mornas, como a decocção de althéa, de arroz, de cevada com assucar; dar-lhe algumas colheres de loock ou de xarope de gomma contra a tosse; emfim, preservar-lhe os olhos de uma luz mui viva, taes são os meios que é preciso empregar contra esta affecção. As inflamações que precedem, acompanhão ou seguem o sarampo, por pouco intensas que sejam, reclamão cuidados particulares. Uma applicação de bichas na bocca do estomago quando existe dôr nesta parte, ou adiante do pescoço no caso de difficuldade extrema de engolir, ou no lado do peito se ha pleuriz declarado, produz uma grande melhora, favorecem o desenvolvimento da erupção se não está completa, e fazem-na voltar quando desapparece repentinamente. Devem tratar-se estas inflamações como se a erupção não existisse. É raro, além disto, que se tenha a certeza de que a erupção se deve fazer,

e o mais prudente é proceder como se não devesse ter lugar. A oppressão, a anxiedade, a agitação que se observão no terceiro, quarto, e quinto dias dos sarampos, não reclamão emissões sanguineas senão quando estes symptomas dependem evidentemente de uma esquinencia intensa, de inflammação do estomago ou do pleuriz; em qualquer outro caso não serião de utilidade alguma.

Se a erupção viesse a desaparecer de repente, seria preciso metter o doente em um banho morno, applicar sinapismos nas pernas e braços, e até, se os symptomas fossem graves, pôr causticos nas mesmas regiões.

Se sobrevierem *convulsões* nas crianças atacadas de sarampos, será preciso applicar bichas atrás das orelhas, pôr sinapismos nas pernas, dar internamente quatro a seis grãos de calomelanos.

Quando ha *diarrhéa* abundante, deve ser combatida pelas cataplasmas de farinha de linhaça sobre o ventre, e por clysteres de decocção de raiz de althéa ou de sementes de linhaça.

A *inflammação dos olhos* deve ser abandonada a si mesma, se fôr leve; deve ser combatida pelas bichas e lavatorios com decocção de sementes de linhaça, se fôr mais intensa: um caustico na nuca e purgantes são necessarios, se ella persistir na convalescença.

Emfim, quando as pintas são pallidas, ou quando o pulso está fraco e accelerado, a pelle apenas quente, e quando existe fraqueza extrema, administrar-se-ha xarope de quina ou de vinho de quina por colheres, de hora em hora, e applicar-se-hão sinapismos, e mais tarde causticos nas pernas.

Na convalescença dos sarampos, muitas pessoas julgão que um purgante deve ser necessariamente administrado; este methodo é inutil em muitos casos, e não convém senão quando persiste a tosse, e então este purgante deve ser ou maná ou oleo de ricino.

A época em que o contagio não é mais para temer não é rigorosamente determinada. A isolação, unico

meio *perservativo*, deve ser prolongada até ao vigésimo dia. Nas epidemias dos sarampos graves e malignos a prudencia aconselha que se afastem as crianças do theatro da epidemia.

SARCOCELE. *Vêja-se* ESCROTO, Vol. II, pag. 172.

SARDAS. Chamão-se assim pequenas manchas da pelle, não resaltadas, de uma côr amarella-fulva. Apparecem geralmente nas partes descobertas do corpo, como a testa, o rosto, o pescoço, as mãos, nos individuos que tem a pelle fina e alva, e cabellos louros ou ruivos; sua extensão varia desde a de uma cabeça de alfinete até ao diametro de uma ervilha. São ás vezes habituaes, e então ordinariamente incuraveis. Frequentemente não se mostram senão de uma maneira passageira e accidental pela acção dos raios solares.

Póde-se, neste ultimo caso, favorecer o seu desaparecimento lavando as partes com agua fria misturada com aguardente de canna, espirito de vinho ou agua de Colonia. Os lavatorios com agua e sabão são tambem uteis. Mas são vãos os esforços que fazem algumas pessoas para se desembaraçarem das sardas inherentes á constituição e acompanhadas de cabellos ruivos. O charlatanismo, que pretende cura-las, engana de proposito a gente credula. Entretanto, ha individuos em quem os progressos da idade as fazem inteiramente desaparecer. Os meios externos que aconselhamos não podem ser senão uteis mesmo neste caso, mas não ha medicamentos internos contra as sardas.

SARNA. O vulgo dá o nome de *sarna* á molestia da pelle que os medicos chamão *dartro* ou *empigem*. Tratámos disso no Vol. II, pag. 95. Vulgarmente dá-se tambem ás vezes o nome de *sarna* á enfermidade chamada *boubas*. No presente artigo só nos occuparemos da *sarna propriamente dita*.

Todos conhecem, ao menos de nome, esta molestia contagiosa, que não é rara, com effeito; a comichão fatigante que a acompanha, as borbulhas e pequenas excociações que a constituem, a facilidade emfim

com que se contrahe, fazem della um objecto de nojo quasi geral. Ajuntem-se a estes factos reaes os erros populares relativos ás suas consequencias, ao que se chama o seu recolhimento no interior do corpo, onde ella se tornaria uma fonte de molestias graves, e o leitor explicará facilmente a especie de horror que só o seu nome inspira. Entretanto, devemos já dizer, a sarna é em geral pouco grave; tratada no seu principio, pôde curar-se em dez a quinze dias, sem deixar vestigio. O que se disse dos perigos que produzia provém do erro dos antigos medicos, que confundião debaixo do nome de *sarna* molestias mui differentes, e provém tambem da propensão que temos em geral a referir nossos males a uma causa estranha e vinda de fóra, antes que buscarmos a sua origem em nossa constituição ou em nossos costumes. Será, além disto, facil o conceber o que dizemos, quando se souber que a sarna reconhece por causa immediata um oução, um pequeno insecto chamado *acarus da sarna do homem*, de uma quarta parte de linha de comprimento, e por consequente muito mais pequeno que a mais pequena pulga. Pôde-se entretanto enxergar sem lente. Sua existencia era já reconhecida em 1634; mas, em consequencia de falsas indicações, muitos sabios tem negado sua presença na sarna, e ha apenas dezeseis annos que este facto ficou demonstrado de uma maneira indubitavel. Por outra parte, está provado tambem que este insecto é realmente o agente do contagio da sarna. Os caracteres que os naturalistas tem reconhecido ao oução da sarna são os seguintes: corpo arredondado, achatado de ambas as faces e imitando tartaruga, branco estriado; oito pernas, que são como a cabeça, de uma côr vermelha escura. Na estampa 2.^a aqui junta vem representado o bicho da sarna, consideravelmente augmentado pelo microscopio.

Este insecto é sobretudo visivel nas mãos e pés dos sarnentos, onde cava por baixo do epiderme uns como regos; sua presença occasiona uma co-

michão importuna. Póde-se extrahir com bastante facilidade; com effeito, examinando a parte affectada de sarna, não se póde tardar em divisar pequenas linhas pretas ou esbranquiçadas, como pontuadas, frequentemente sinuosas, e que são o indicio da galeria cavada debaixo do epiderme pelo insecto; umas das extremidades desta galeria toca mui frequentemente a uma *vesicula*, pequena elevação do epiderme, cheia de serosidade; na outra na extremidade percebe-se um pequeno ponto branco ou roxo devido á presença do insecto. É facil tirar este ultimo rasgando o epiderme com a ponta de um alfinete; elle agarra-se logo á ponta do instrumento, e póde-se então transporta-lo para onde se queira; se se põe sobre a pelle de uma pessoa sã, entranha-se nella, multiplica, e desenvolve a sarna no fim de um tempo variavel. Examinando muitos destes insectos com o microscopio, é raro que não se vejam alguns pôr pequenos ovos, oblongos, brancos, transparentes, e tendo a terça parte do comprimento do animal; as mãis abandonão os ovos; a menos que estes não veuhão pegar-se a pequenos pellos que cobrem o corpo do insecto. Os vestidos sobre que se acha o oução da sarna, ou os seus ovos, podem igualmente transmittir a molestia. A falta de asseio favorece singularmente o seu desenvolvimento; entretanto as pessoas mais limpas não estão isentas della.

A transmissão directa da sarna do homem ao homem é um facto tão conhecido, que não é preciso insistir mais sobre este ponto; mas esta molestia póde ser tambem communicada pelos animaes. O Dr. Alibert refere que um cavallo sarnento deu lugar a uma erupção dos botões da sarna sobre o individuo que o tinha comprado, e sobre algumas outras pessoas que estiverão em contacto com o animal. O mesmo autor diz que uma leoa affectada do mesmo mal tendo succumbido, o homem que a esfolou e o que foi encarregado de empalha-la forão logo atacados da sarna. O Dr. Mouronval cita tres

casos em que a molestia foi communicada por gatos, e um outro em que o contagio teve lugar por um cão. O Dr. Biett tratou, em 1827, muitos empregados do Jardim Botanico de Paris, que tinham contrahido a sarna de camelos vindos d'Africa e gravemente affectados. O oução da sarna dos animaes tem quasi as mesmas dimensões que o da sarna do homem; mas sua fôrma é um pouco differente.

Os *symptomas* da erupção da sarna não se manifestão senão depois de um lapso de tempo variavel, conforme os individuos; podem decorrer oito e vinte dias entre a época em que um individuo se submetteu ao contacto de um sarnento e a em que a molestia se declara. Neste intervallo ha quasi sempre algumas comichões; mas em uma certa época estas augmentão rapidamente, e a molestia já não é duvidosa: então apparecem nas mãos, e ás vezes nos pés, pequenos botões cheios de uma serosidade transparente, que se chamão *vesiculas*. Estes botões são pontudos no seu apice, e se rasgão facilmente quando se coção; encontrão-se sobretudo nos intervallos dos dedos e nos pulsos. A erupção se estende depois e se manifesta principalmente na curva dos braços, nos sovacos, nas mamas, no ventre, na parte interna das coxas, na curva da perna: outras vezes a sarna principia por um destes pontos; o doente experimenta ao mesmo tempo em todas estas partes uma comichão particular e caracteristica, que a acção de coçar allivia um instante, e que se faz sobretudo sentir á noite, na cama, ou quando o doente tem feito uso do café ou de licôres excitantes. A comichão se exaspera igualmente durante os tempos quentes. Nada póde exprimir os soffrimentos de certos doentes durante as noites de verão, e a especie de raiva com a qual se dilacerão com suas proprias unhas. A reacção, em certos casos, é tal que a febre se declara. A comichão é, pelo contrario, acalmada pelo frio e por uma dieta severa; emfim, é ordinariamente tanto mais forte quanto mais abundante é a erupção. Mais tarde, e quando a molestia

se prolonga, já não nascem simples vesículas cheias de um liquido claro; mas as mãos, os braços e as pernas se cobrem de *bestellas*, grossos botões, cheios de uma materia purulenta. O doente, coçando-se sem cessar, rasga e ulcera a pelle, que não tarda a ficar coberta de um grande numero de erupções differentes; o liquido que sahe das vesículas ou das *bestellas* se converte em *crostas*, no intervallo das quaes se desenvolvem ás vezes pequenos frunchos e verdadeiras postemas. A sarna que apresentão os negros que vem da costa d'África offerece quasi sempre este grão de intensidade.

Esta molestia nunca se termina de uma maneira espontanea: poderia durar toda a vida se o doente não a tratasse. Sua duração media é de doze a quinze dias, quando é convenientemente tratada. Desaparece ás vezes, durante alguns dias, sob a influencia de uma molestia aguda, sem que esta ultima seja influida por isso de uma maneira apreciavel, e todos os bons observadores concordão em que os perigos das *sarnas recolhidas*, que assustão tantas pessoas, são puramente imaginarios.

As vesículas pontudas, os *sulcos*, a presença do *oução*, são os signaes caracteristicos da sarna; mas os sulcos podem ser raros e pouco apparentes, o *oução* é assaz difficil de achar: ha emfim certas molestias da pelle que podem simular a sarna e tornar difficil a sua distincção.

Assim, em uma affecção que se chama *pruido*, o corpo se cobre de botões que excitão comichão mui viva; estes botões isolados são rasgados pelas unhas do doente, e se cobrem de uma pequena crosta preta. Distingue-se esta erupção da sarna por não ser acompanhada de vesículas, e sobretudo por manifestar-se nas costas, na nuca, por cima e por baixo do cotovello. A sarna, pelo contrario, se mostra de preferencia nas mãos, no ventre, e em geral nas rugas das articulações. A intensidade do *pruido* é bem differente nos dous casos: as comichões acalmão-se facilmente na sarna quando o doente se

çoça; até experimenta então uma sensação agradável: não é assim no pruido, em que os doentes se lacerão sem acalmarem a inalteravel comichão que os atormenta. A ultima differença entre estas duas molestias é que o pruido não é contagioso, entretanto que todos sabem que a sarna se communica facilmente.

Tratamento. Ha poucas affecções contra as quaes um maior numero de medicamentos tenham sido propostos. O charlatanismo tem sobretudo explorado uma mina tão rica, e tem proclamado em alta voz os brilhantes successos obtidos por pretendidos especificos. Muitas pessoas tem receitas para offerecer a quem as quer, receitas infalliveis segundo ellas, e das quaes entretanto é preciso desconfiar; é preciso sobretudo desconfiar de certos medicamentos secretos cuja composição não é conhecida, e que contém, pela maior parte, preparações arsenicaes ou mercuriaes.

A sarna é uma affecção puramente externa, que exige raras vezes um tratamento interno; externamente, quasi todas as pomadas irritantes podem cura-la quando o mal é recente; bastaria até enumerar a lista das substancias irritantes para conhecer os medicamentos que tem sido empregados com maior ou menor vantagem para combater esta molestia.

Os remedios de precaução que erão empregados outr'ora antes de principiar o tratamento, e que alguns medicos de nossos dias poem ainda em pratica, como as sangrias, os vomitorios, &c., são quasi sempre inuteis, e ás vezes nocivos; tem ao menos o inconveniente de prolongar a duração da molestia.

É bom, em geral, principiar o tratamento da sarna por um, e ás vezes por dous banhos mornos, que poem a pelle nas condições mais favoraveis á accção dos medicamentos.

Durante o tratamento externo não é necessario, em geral, tomar medicamentos internos: sómente, quando a affecção é antiga e mui intensa, um brando

purgante no meio ou no fim do tratamento pôde ser vantajoso. O regimen de um sarnento não apresenta nada de particular, é ordinariamente semelhante ao de uma pessoa que goza de boa saude; convém sómente evitar os excessos das bebidas alcoolicas e as comidas mui excitantes, que, como temos dito, aggravão a comichão da pelle. Todas as outras modificações do tratamento são relativas ás molestias que podem complicar a sarna.

Não referiremos aqui as innumeraveis formulas dos lavatorios, dos unguentos, das fumigações apre-goadas contra esta affecção. Diremos de uma maneira geral que as preparações sulfurosas são as mais efficazes das substancias empregadas até hoje.

O tratamento mais seguro e o mais curto é o seguinte: Tomar um banho d'agua morna simples todos os dias ou de dous em dous dias, lavar neste banho a pelle com sabão, e esfregar duas vezes por dia as partes do corpo affectadas da sarna com uma pomada preparada segundo a formula seguinte:

Subcarbonato de potassa	1/2 onça.
Flôres de enxofre	2 onças.
Banha de porco	2 onças.

A duração media do tratamento é de doze dias. Para as crianças, mulheres e pessoas que tem a pelle fina, esta pomada seria mui irritante; neste caso diminue-se a dóse da potassa, e prepara-se a pomada com as proporções seguintes:

Subcarbonato de potassa	2 oitavas.
Flôres de enxofre	2 onças.
Banha de porco	2 onças.

Alguns medicos empregão preparações mercuriaes em lugar de sulfureas, e substituem á pomada precedente o *unguento citrino*, que contém nitrato de mercurio. Este methodo apresenta graves inconvenientes, determina máo halito e salivação; convém renunciar a elle.

As precauções que se devem tomar para prevenir

as recahidas consistem em fazer uso de banhos mornos durante uma ou duas semanas, em desinfectar com cuidado os vestidos, sobretudo os de lã, expondo-os aos vapores de enxofre, mudar frequentemente de roupa, e continuar, em uma palavra, todos os cuidados de asseio.

SASSAFRAZ (*Laurus sassafras*, Linneo). Arvore originaria da America Septentrional. O páo e a raiz de sassafras empregão-se em medicina como sudorifico nas molestias syphiliticas, cutaneas, gotosas e rheumaticas. Ordinariamente associa-se ao guaiaco e á salsaparrilha. Administra-se em fórmula de chá, que se prepara com 3 oitavas de sassafras e 12 onças d'agua fervendo.

O sassafras vem em pedaços da grossura de um braço; a parte lenhosa é leve, porosa, formada de camadas concentricas, de côr amarellada, cheiro forte e aromatico, sabor ao principio adocicado, depois quente e acre. Casca espessa, leve, rugosa, quebradiça, de côr de ferro escuro, cheiro analogo ao do aniz ou funcho.

SAUDE. Estado em que todas as funcções se executão livre e facilmente: é o estado normal.

De todos os bens deste mundo, a saúde é o primeiro. A saúde é o principio de todo gozo, de toda actividade. Um homem pobre que é são e robusto é mais feliz do que um rico atormentado de molestias.

A saúde admite muitas variedades, ou, para melhor dizer, cada individuo tem a sua propria; e as pessoas que julgamos terem chegado a seu mais alto ponto não deixão de differir entre si a este respeito.

Os antigos philosophos e medicos procurarão achar meio de fixar e entreter um bem tão precioso e tão fugitivo como a saúde. Desde os sonhos dos sacerdotes gregos e egypcios até ás utopias extravagantes de Vanhelmont de Paracelso, havia sempre alguns espiritos que se esforçavão por descobrir a pedra philosophal que devia impedir os estragos do tempo, e entreter os homens n'uma joven e immu-

tavel felicidade. Hoje não é possível contar com estas doces chimeras: tudo o que é organizado tende para a morte. Mas se a humanidade não pôde evitar a destruição, pôde ao menos por meio de um regimen retardar sua consupção final; pôde, com o soccorro da hygiene, dar a seus órgãos todo o seu desenvolvimento, até á hora em que a necessidade de morrer é imposta a toda creatura.

A hygiene precautoria pôde ser reduzida a *cinco preceitos da saúde*:

1.º *Fugir de excessos em tudo.* Tudo o que é excessivo tem por effeito accelerar os movimentos da organização e perturbar a economia. Entretanto não se deve dar a este preceito uma interpretação absoluta, e por conseguinte viciosa. Não se deve applicar senão ás cousas de que o homem dispõe á sua vontade, taes como a alimentação, os exercicios, as paixões d'alma, etc. Nunca se pôde fazer abuso, por exemplo, de um bom ar, de um bom clima, da luz, agentes que são bons de uma maneira absoluta; entretanto que os que são submittidos á disposição da creatura humana são só bons de uma maneira relativa, isto é, emquanto se faz delles um uso moderado.

2.º *Viver em contentamento de coração e em socego de espirito.* O homem que quer gozar dos beneficios da saúde deve necessariamente arranjar sua vida de maneira que não seja perturbado nem pelos remorsos corrosivos, nem pelos movimentos da ambição.

3.º *Respirar habitualmente um ar puro.* A influencia do ar é tal, que o homem pôde viver dous ou tres dias, e até mais, sem comer nem beber, entretanto que morre promptamente, logo que as vias respiratorias são interrompidas, ou quando respira gazes deletorios. A salubridade do ar influe vantajosamente na composição do sangue e em toda a nutrição. A ventilação viciosa, imperfeita, é a origem das molestias chronicas, que decimão as classes populares nas grandes cidades.

4.º Fazer uso quasi constante de alimentos simples e apropriados á constituição do corpo.

5.º Entretet constantemente uma justa proporção entre a quantidade de alimentos que se consomem quotidianamente e os exercicios do corpo. A alimentação e o trabalho influem reciprocamente um no outro. O trabalho é destinado para consumir o superfluo; os alimentos e as bebidas, para substituir as perdas continuas. É preciso que haja um antagonismo entre estas duas forças; sem isso productos antigos, excessivos, ficão na profundeza dos tecidos. O sangue recebe uma mui grande quantidade de succos; formão-se as congestões, inflammações, se as perdas occasionadas pelo exercicio não contrapesão o excesso de nutrição.

SAYÃO (*Kalanchoes brasiliensis*, Camb.). Planta do Brasil. Folhas espessas, ovaes, adentadas, de sabor amargo e um pouco acido; flôr alaranjada. Estas folhas empregão-se com proveito no curativo de varias feridas.

SCHISMATICO ou SISMATICO. *Vêja-se* HYPOCHONDRIA, Vol. II, pag. 403.

SCIATICA ou GOTA SCIATICA. Chama-se *gota sciatica*, ou simplesmente *sciatica*, uma dôr no nervo sciatico. Este nervo passa pela parte media da nadeга, percorre profundamente a parte exterior da coxa, e, chegado á curva da perna, se divide em dous ramos, dos quaes o principal se dirige sobre o lado externo da perna e do pé. Ora, na affecção de que tratamos, as picadas dolorosas que a caracterisção percorrem uma parte ou toda a extensão do trajecto do nervo sciatico. A sciatica pôde na mesma pessoa atacar ambas as coxas ao mesmo tempo, porém occupa mais frequentemente só o lado esquerdo.

Causas. Esta molestia é produzida pelas variações atmosphericas, pela suppressão da transpiração, exercicios forçados, excessos no regimen e impresões Moraes vivas.

Symptomas. A dôr que caracteriza esta molestia não

ataca com igual intensidade toda a extensão do nervo sciatico. As vezes principia na nadega ou nas cadeiras, estende-se á curva da perna, e se prolonga até ao pé, seguindo uma das divisões do nervo. Outras vezes, o que é mais raro, a dôr sobe das divisões ao tronco. A dôr é ás vezes mui fraca, semelhante áquella que é o resultado de uma pancada. Augmenta pela compressão sobre o trajecto do nervo, pelos movimentos, pela tosse e pelos esforços. Outras vezes a dôr consiste em picadas mui violentas, em sensação de frio ou de calor intenso, em caimbras e sacudidas penosas. Fóra disso, não se vê nada no exterior, a coxa não está inchada, nem existe febre.

Só no fim de algum tempo chega a sciatica á sua maior intensidade. A dôr offerece muitas variações na sua força e duração; desaparece por algum tempo para tornar a apparecer de novo. Nunca a sciatica determina a morte, mas algumas pessoas conservão esta dôr por muitos annos; porém, em geral, cura-se por um tratamento bem dirigido. Póde durar mezes e annos inteiros, como tambem desenvolver-se e cessar em alguns dias. Muito tempo prolongada, a sciatica póde produzir o emmagrecimento do membro, um tremor contínuo e uma fraqueza progressiva.

Tratamento. Quando a sciatica é recente, a applicação de sinapismos sobre o lugar da dôr basta ás vezes para fazer desaparecer a molestia. Mas quando a dôr é intensa, é preciso recorrer ao meio mais energico, que consiste na applicação dos causticos, com que se deve seguir a dôr de um a outro lugar. Antes de applicar o caustico, é preciso primeiro empregar as fricções com um dos linimentos seguintes :

- | | |
|------------------------------|---------|
| 1.º Essencia de terebenthina | 1 onça. |
| Oleo camphorado | 1 onça. |
| Misture. | |
| 2.º Balsamo tranquillo | 1 onça. |
| Laudano de Sydenham | 1 onça. |
| Misture. | |
| 3.º Linimento ammoniacal | 2 onças |

O uso interno d'essencia de terebenthina é muito proveitoso contra a sciatica que tem resistido aos meios externos. Eis aqui a receita segundo a qual se administra este medicamento :

Essencia de terebentina	2 oitavas.
Gomma arabica	1/2 onça.
Assucar	6 oitavas.
Xarope de flôr de laranja	1 onça.

Misture. O doente toma pela bocca tres colheres de chá desta massa, pura ou misturada com meia chicara d'agua fria, tres vezes por dia.

Um vomitorio de dous grãos de tartaro emetico pôde tambem ser administrado com vantagem contra a sciatica.

SCILLA. (*Scilla maritima*, Linneo.) Planta da Europa, que dá a beira-mar. As escamas do seu bolbo são empregadas em medicina. Vem seccas e com a fôrma oblonga, subtransparentes e frageis, ou em tiras enrugadas, irregulares, attrahindo a humidade do ar, pardacentas; cheiro quasi nenhum, sabor acre, amargo e nauseante.

Em alta dôse é um veneno narcotico: produz nauseas, colicas, vomitos, dejecções alvinas, ourinas ensanguentadas, prostração, convulsões e a morte. Em pequena dôse é um diuretico, empregado com mui bom exito nas hydropisias. Exerce tambem uma acção estimulante sobre a secreção da membrana mucosa dos bronchios, e é empregada como expectorante no catarrho pulmonar e na asthma. Administra-se interiormente na dôse de 1 a 2 grãos em pós ou pilulas; o seu extracto na dôse de 1 a 3 grãos em pilulas; vinagre scillitico 1 a 4 oitavas n'uma poção; mel e oxymel scillitico, 1 onça a 1 1/2 onça n'uma pocão.

SCIRRHO. Chama-se *scirrho* um tumor duro que se desenvolve em nossos tecidos, e principalmente nos seios das mulheres ou nos testiculos dos homens; é o primeiro gráu do cancro. *Veja-se* CANCRO, Vol. 1, pag. 263.

SCORBUTO. *Veja-se* ESCORBUTO, Vol. II, pag. 161.

SCORPIÃO ou antes ESCORPIÃO. (*Scorpio*, Linneo.) Genero de insectos que tem por caracter principal uma cauda articulada, terminada por uma especie de unha, furada de buraquinhos, donde sahe um licôr venenoso, que torna sua picada bastante seria. A picada d'escorpião d'Europa, especie rôxa, do comprimento de uma pollegada, não é grave; a do *scorpio occitanus*, animal roxo avermelhado, mais forte que o precedente, que se acha na Italia, Barbaria, etc., tem mais gravidade. Enfim, a picada d'escorpião d'África e d'America, chamado mais particularmente *lacraia*, que tem 4 a 6 pollegadas de comprimento, mata os pequenos animais, e no homem determina vermelhidão, inchação, ás vezes febre, entorpecimento, nauseas, vomitos. O tratamento consiste em instilar dentro da picada com um palito algumas gottas d'alcali volatil. Não tendo á mão o alcali é preciso limitar-se, antes que chegue este remedio, a lavar a pequena ferida com agua fria. Raras vezes a picada da lacraia tem consequencias mais graves do que as que acabamos de indicar. *Veja-se* PICADA, Vol. III, pag. 224.

SCROPHULAS. *Veja-se* ESCROPHULAS, Vol. II, pag. 166.

SEGUNDINAS. *Veja-se* PAREAS, Vol. III, pag. 175.

SEDANTE. Esta palavra é synonimo de calmante. Os medicamentos *sedantes* são: opio, acetato de morphina, laudano de Sydenham, cabeças de dormideiras, thridacio, ether sulfurico, etc.

SÊDE. Esta palavra designa a necessidade mais viva, mais urgente da vida, e consiste, segundo seu grão, em um simples desejo ou a exigencia imperiosa de tomar bebidas. A sêde é sempre um estado penoso, não tem, como a fome, transição agradável quo corresponde ao appetite; desde que apparece quer ser satisfeita, e se se prolonga, torna-se uma das necessidades mais difficeis de supportar, um verdadeiro supplicio. Passemos em revista os prin-

cipaes phenomenos da sêde no estado de saúde e no de molestia.

Sêde considerada no estado de saúde. Quando a sêde existe, um sentimento de ancia e de calor na garganta se mostra como seu primeiro indicio; o céu da bocca, os beiços e a lingua tornão-se seccos e vermelhos, a saliva falta ou é em pequena quantidade e de uma viscosidade notavel. A lingua, como pegada ao céu da bocca, move-se com difficuldade. Todos os movimentos proprios para a producção da voz são mais ou menos impedidos, e não se exercem senão com dôr. Se a sêde não é satisfeita, todos estes phenomenos persistem e aggravão-se; a scena muda, o rosto se anima, a pelle parece secca e quente, a urina é vermelha e pouca, o pulso e a respiração se accelerão; esta ultima torna-se anhelante, como para dar algum allivio pela acceleração da correnteza de ar que resulta disto. E se a penuria completa das bebidas se prolonga, e não existe, além disto, outro algum meio de humectação, manifesta-se uma anxiedade insupportavel, delirio mais ou menos furioso, e a morte vem emfim terminar este estado de soffrimento. Ella sobrevém, além disto, muito mais promptamente do que quando resulta da inanición ou da fome prolongada com excesso.

As circumstancias que favorecem a sêde são: 1.º a infancia e a mocidade: observa-se a este respeito que depois do nascimento e durante todo o tempo da amamentação é a sêde o unico sentimento a que está confiada a necessidade da reparação; 2.º o sexo, que mostra as mnlheres mais frequente levadas a desalterarem-se do que os homens, e mais avidas de bebidas refrigerantes; a actividade da sêde se manifesta, além disto, mais particularmente nellas nas épocas da menstruação e emquanto dão de mamar; 3.º uma constituição nervosa, secca, irritavel; 4.º a temperatura secca e quente, as estações e os climas da mesma natureza, os lugares altos, os paizes aridos, arenosos, os ventos seccos e fortes;

5.º os vestidos quentes, a flanela trazida sobre a pelle, as picadas de insectos, &c.; 6.º os alimentos copiosos desproporcionados com as bebidas, particularmente os farinaceos, as carnes pretas, e geralmente tudo que tem o nome de estimulante, como são os temperos, as bebidas espirituosas aromaticas, um mui grande numero de medicamentos, e sobretudo os purgantes, os adstringentes, aos quaes é preciso ainda juntar os venenos; 7.º a maior parte dos exercicios violentos, a carreira, uma marcha forçada, a fadiga do corpo e do espirito, a insomnia, os prazeres immoderados do amor, os gritos, o canto, a declamação, a maior parte dos instrumentos de sopro; 8.º as evacuações mui abundantes, principalmente a transpiração, a urina e as evacuações alvinas; 9.º emfim, um grande numero de affectos da alma, a inquietação, a ira, o pezar, o ciume, e até a timidez ou o simples pejo.

As circumstancias que moderão a sêde e afastão sua volta quotidiana e periodica são geralmente as que são oppostas ás precedentes, e entre ellas indicaremos só como as mais manifestas a idade protracta, o temperamento lymphatico, o estado de debilidade, as estações e os paizes frios e humidos, o tempo nublado, os banhos mornos, o regimen vegetal, as carnes brancas, as fructas acidulas, &c.; o costume de beber pouco, de não fazer mais do que molhar a garganta; a inacção, o somno prolongado, o socego do corpo e da alma. Taes são, com effeito, as principaes circumstancias que diminuem a sêde.

Sêde no estado de molestia. A augmentação da sêde existe na maior parte das inflamações e das febres, sendo de huma intensidade moderada, caracteriza o primeiro periodo das molestias agudas, e coincide com a diminuição ou a falta de quasi todas as secreções naturaes. Este estado não tem nada de grave e até tem a vantagem de obrigar os doentes a fazerem uso das bebidas refrigerantes, que lhes são mui salutaes, e sua pouca intensidade permite em geral

que se agoure bem da terminação das affecções graves que produzem assaz ordinariamente uma sêde excessiva. A sêde grande é de um prognostico grave se anda ligada com a seccura da bocca e dos beiços, se é acompanhada de delirio, de difficuldade em engulir e de horror para os liquidos. Quando persiste, em consequencia de uma molestia, indica que a cura ainda não está completa, e que a pessoa está ameaçada de uma recahida.

A falta da sêde observa-se ordinariamente no estado de fraqueza, no escorbuto, nas escrophulas, paralyisia e muitas outras molestias chronicas, e indica a resistencia que ellas hão de oppôr a toda especie de tratamento.

Regimenda sêde. O character mil e mil vezes variavel desta necessidade, no estado de saúde, não permite estabelecer de uma maneira absoluta a quantidade de bebida que pôde reclamar todos os dias. Faremos observar que raras vezes este sentimento nos engana, e que seja preciso resistir á sua impulsão. Deve-se sobretudo beber comendo, e é ao mesmo tempo util e agradavel misturar os alimentos solidos com as bebidas. Este meio é mais seguro para se preparar uma digestão prompta e facil, sobretudo nas pessoas que tem muita fome e que comem com muita pressa.

Independentemente do que acabamos de dizer, algumas observações dignas de interesse se referem ainda ao modo de administração das bebidas, e á maneira de fazer uso dellas. Se, por exemplo, no sentimento mui imperioso da sêde que é conforme á necessidade real da economia, uma pessoa se lhe entregasse sem reserva encharcando-se de bebidas, poderia expôr-se a um grande numero de incommodos e perigos. Assim, observão-se frequentes diarrhéas e vomitos nos militares que, depois de marchas forçadas, bebem agua com mui grande avidéz.

As qualidades particulares das bebidas e a sua temperatura tornão-as mais ou menos proprias para estancarem a sêde e prevenirem a sua frequencia.

As que convém melhor são: a agua pura ou levemente acidulada, ou a agua misturada com pequena quantidade de vinho ou de aguardente. Todos sabem a satisfação com que se saboreão as bebidas mais ou menos frescas que se podem obter no meio de uma temperatura elevada; mas este prazer não é sempre sem inconveniente. Excitando vivamente os órgãos digestivos, uma temperatura mui baixa dá as mais das vezes lugar a uma sêde consecutiva, pelo menos igualmente intensa; de mais, o seu emprego exige que se tenha adquirido habito, sem o que accidentes frequentes, entre outros colicas mais ou menos vivas, são a sua consequencia. Mas é sobretudo quando o corpo está escandecido por uma causa qualquer, quando nma transpiração abundante cobre a pelle, que o perigo de obedecer á sêde bebendo bebidas nevadas torna-se mais imminente. Acabemos estas considerações sobre o regimen da sêde no estado de saúde, dizendo que, quando existe falta de sêde habitual ou constitucional, convém beber, apezar da ausencia do desejo e sómente por prudencia.

Quanto ao tratamento da sêde, todos sabem que as bebidas ditas refrigerantes são o seu principal remedio. Juntar-se-lhes-ha tudo o que é susceptivel de facilitar a absorpção dos liquidos por uma ou outra via que a do estomago, por exemplo, banhos ordinarios, e mesmo simples, fomentações sobre diversas partes do corpo, assim como fez o almirante Anson em um caso de carestia d'agua potavel. Quando á sêde que depende da existencia e da intensidade de uma affecção morbosa, só pôde curar-se tratando a molestia.

Digamos enfim que é quasi sempre perigoso oppôr-se nas molestias ao desejo de beber que experimentão os doentes. A sêde intoleravel de alguns hydropicos, dos que são affectados de febres graves ou de inflammações organicas, quer sempre ser satisfeita, qualquer que seja a sua intensidade. Sejam, por consequinte, humanos e compassivos dando algum allivio a estes doentes, e não imitemos

o comportamento barbaro daquelles medicos empiricos que out'ora fazião espremer entre dous pratos todos os alimentos que se concedião nestes casos.

SEDENHO. O sedenho é uma especie de fonte muito menos usada em cirurgia hoje do que d'antes, mas que, posto na nuca, é ainda assaz frequentemete empregado contra as molestias de olhos, graves e teimosas, ou contra as dôres de cabeça rebeldes. Consiste na presença de uma mecha de algodão, que o cirurgião introduz debaixo da pelle, e que entretém uma suppuração habitual no espaço occupado por este corpo estranho. O primeiro curativo do sedenho não se faz senão quando a suppuração está bem estabelecida, o que tem lugar no quarto dia; os curativos seguintes se repetem todos os dias: consistem elles em introduzir na ferida uma nova porção de mecha, previamente untada com azeite ou ceroto, e em cortar a porção que servia desde o curativo precedente. Depois de ter posto fios sobre as duas aberturas que formão a entrada e a sahida do sedenho, um pequeno chumaço e uma atadura com que se envolve o pescoço, completa o aparelho. Quando a mecha se vai acabando, ajunta-se uma nova á extremidade desta, tendo o cuidado de tornar tão pouco saliente quanto fôr possível o ponto de junccão, para que a passagem da mecha nova não seja mais dolorosa que a da Precedente.

Acontece ás vezes, sobretudo nos primeiros dias, que a pelle furada pelo sedenho se inflamma: lavatorios com decocção de raiz de althea e uma cataplasma de farinha de linhaça acalmão esta inflammação; se se tornasse mui viva, e se degenerasse em erysipela, seria preciso tirar a mecha do sedenho. Quando o sedenho é antigo e a suppuração diminue, pôde-se ella excitar untando a mecha com pomadas irritantes, taes como unguento basilicão ou pomada epispastica. Quando chega o momento de supprimir o sedenho, corta-se a mecha mui perto de uma das aberturas, tira-se para fóra e faz-se o curativo com fios seccos.

O sedenho é um remedio doloroso e incommo-
do ; as crianças, as mulheres, os individuos delicados e
nervosos supportão-no difficilmente. Em muitos
casos um caustico, e sobretudo uma fonte, podem
substitui-lo com grande vantagem.

SEIOS, PEITOS ou MAMAS. Os seios, peitos ou
mamas, são dous orgãos, quasi hemisphericos, situa-
dos nas partes lateraes e anteriores do peito. Os seios
tem por fim a secreção do leite nas mulheres só-
mente, e por isso nellas o seu volume é mais consi-
deravel do que nos homens. Durante a prenhez e a
amamentação adquirem um volume mui grande.

MOLESTIAS DOS SEIOS.

1.º ERYSIPELA DOS SEIOS. Esta molestia é ordinaria-
mente precedida de calafrios, e caracterisada pela
vermelhidão e grande volume que adquirem os seios.
Ao mesmo tempo costumão inchar as glandulas do
sovaco. Existe febre, fastio ; ás vezes nauseas e vo-
mitos.

O *tratamento* d'erysipela do seio é semelhante ao
que é applicado nas erysipelas de outras regiões do
corpo. No periodo do frio é preciso aquecer a doente
com chá de sabugueiro ou chá da India ; depois
administrar 1 grão d'emetico n'uma chicara d'agua
morna ou fria para provocar vomitos ; e fomentar
o seio com oleo camphorado. É tambem essencial
que o seio esteja convenientemente sustido, que seja
levantado com um lenço que passe em roda do
pescoço, e que a mulher esteja deitada sobre o lado
opposto. Na erysipela pequena a mulher pôde con-
tinuar a dar de mamar ; mas quando a molestia é
acompanhada de muita febre, convém suspender
a amamentação. Se ao cabo de tres ou quatro dias a
erysipela não diminuir, deve-se temer a propagação
da inflammacão nas partes mais profundas e a for-
mação de uma postema. *Vêja-se* mais abaixo *Inflam-
macão e postema dos seios*, Vol III, pag. 433.

2.º FERIDAS DO BICO DO PEITO. *Vêja-se* Vol. I,
pag. 212.

3.º FISTULA DO SEIO. Dá-se este nome ao tracto

que se abre de um lado sobre a pelle, e communica pelo outro lado com a cavidade de algum canal lacteo. A fistula do seio se manifesta depois do parto, e é caracterizada pela sahida contínua do leite pela abertura que existe na pelle. A fistula é ordinariamente consequencia de postema que se desenvolve no interior do seio.

O tratamento das fistulas lacteas do seio deve variar conforme a mulher quer dar de mamar ou não. No primeiro caso, é preciso cauterisar a abertura da fistula com pedra infernal, e applicar no dia seguinte uma pouca de pedra-hume calcinada. Repetidos quatro a cinco vezes com alguns dias de intervallo, os toques com pedra infernal acabão quasi sempre por fechar radicalmente a fistula. Se isto não bastasse, seria preciso fazer seringatorios com o liquido seguinte:

Agua distillada	4 onças.
Nitrato de prata crystallisado	4 grãos.

Dissolva. Os seringatorios devem ser feitos com uma pequena seringa de vidro.

Se a mulher affectada de fistula no seio pôde-se dispensar de dar de mamar, os mesmos meios curão ainda mais depressa. Neste caso podem se dar alguns purgantes para seccar o leite.

4.° INFLAMMAÇÃO DO SEIO. A inflammação dos seios se manifesta mais frequentemente nas mulheres recém-paridas, ás vezes durante a amamentação ou na época da desmamação. Esta molestia se manifesta ordinariamente no quarto ou quinto dia depois do parto, ás vezes mais tarde. No maior numero de casos não ataca senão um seio; em algumas circumstancias ambos adoecem ao mesmo tempo; a inchação pôde passar de um seio a outro. Distingue-se esta inflammação da erysipela, em que a inchação é debaixo da pelle.

Os *symptomas* da inflammação dos peitos são os seguintes: estes orgãos augmentão pouco a pouco de volume, tornão-se duros, mui dolorosos, adquirem

calor, uma inchação ás vezes extrema, e tomão uma côr vermelha; a dôr é pungente; e manifesta-se f. bre, cuja intensidade é proporcionada ao engurgitamento. O rosto fica corado; a mulher sente uma dôr de cabeça mui viva. O seio affectado adquire ás vezes um volume mui consideravel; a inflamação pô le-se propagar aos sovacos, á parte superior do peito, e mesmo até o pescoço. A excreção do leite é frequentemente supprimida ou quasi nulla; ás vezes o bico do peito fica achatado e apenas visivel. A f. bre é ás vezes tão forte, que até provoca o delirio.

A inflamação do seio se termina por *resolução*, ou por *suppuração*, ou por um *engurgitamento chronico*. Quando a inchação é pouco intensa, e que a mulher segue um tratamento apropriado, não é raro ver esta affecção resolver-se. Esta terminação, a mais feliz de todas, annuncia-se no principio pela diminuição, e logo depois pelo desaparcimento dos symptomas inflammatorios; o seio affectado torna-se molle gradualmente, e volta pouco a pouco a seu estado normal.

Conhece-se que se fórma a suppuração, pela persistencia ou pelo augmento dos symptomas inflammatorios. O seio doente levanta-se cada vez mais; picadas, dôres latejantes, isto é, dôres semelhantes a picadas de alfinete, se manifestão no orgão; a mulher experimenta calafrios vagos e irregulares; uma fluctuação mais ou menos sensivel em um ponto do seio não deixa duvida alguma que uma collecção purulenta se tem nelle formado.

Emfim, a inflamação dos seios pôde-se terminar por endurecimento, que consiste em um tumor duro, indolente ou pouco doloroso, que existe no seio, de ordinario por muito tempo.

Tratamento da inflamação do seio. Deve-se fazer tudo para prevenir a suppuração, cujas consequencias são sempre desagradaveis. É preciso applicar no seio cataplasma de farinha de linhaça. A doente deve ficar em repouso e deitada; é necessario que observe uma dieta severa e faça uso de bebidas diluentes,

como cozimento de cevada ou de arroz acidulado com sumo de limão. É essencial que o seio seja brandamente sustido por meio de uma toalha. Administra-se também um brando purgante, como duas onças de maná, de cremor de tartaro, ou de óleo de ricino. A mulher deve cessar a amamentação, ao menos do lado affectado; é verdade que então o seio se encherá de leite, mas a sua resorpção se fará logo, como se faz, depois de uma distensão mais ou menos consideravel, na mulher que não dá de mamar, ou na que cessou a amamentação.

Acontece assaz frequentemente que, apesar deste tratamento, a inflammação se encaminha para a suppuração. Cataplasmas de farinha de linhaça são ainda o unico remedio de que se deve lançar mão; e é preciso continua-las, ainda mesmo que a suppuração esteja estabelecida. Quando o pus está já formado, apresenta-se então uma questão: se se deve abrir o tumor ou abandonar a sua abertura á marcha natural? Se a dôr não é grande, é melhor ter paciencia, esperar a abertura espontanea do tumor; então o pus destruirá as separações que dividem os differentes fôcos purulentos, e a doente ficará menos exposta á recahida. Mas quando existe uma forte inchação do seio, quando a dôr é consideravel, que produz insomnia, seria então prolongar inutilmente os soffrimentos o esperar que a pelle se fure espontaneamente; uma lancetada a abre sem inconveniente, sobretudo quando a pelle é delgada e ameaça rasgar-se. Em todos os casos o uso ulterir de cataplasmas é ainda indicado depois do escorrimento do pus até que a molestia tenha completamente terminado.

Chegamos enfim á conducta que se deve ter na ultima das terminações, o endurecimento. Este tumor é frequentemente confundido com o scirrho, e é effectivamente difficil o dizer-se, em muitos casos, para o seio como para outras glandulas, onde termina o engurgitamento simples, e onde principia a degenerescencia cancerosa; assim, muitas pessoas

pretendem haver curado scirrhos que não erão outra cousa mais que engurgitamentos chronicos. Estes engurgitamentos reclamão cataplasmas de farinha de trigo, regadas com vinho tinto, fricções com oleo alcanforado, com linimento volatil, com pomada de hydriodato de potassa, emfim emplastos de cicuta.

5.º POSTEMA NO SEIO. A postema no seio é a consequencia da inflammação intensa deste orgão. Os seus symptomas e o seu tratamento são indicados no paragrapho precedente.

6.º RACHAS DO BICO DO PEITO. *Veja-se* Vol. I, pag. 212.

7.º SCIRRHOS E CANCRO DO SEIO *Veja-se* Vol. I, pag. 267.

8.º TUMORES DO SEIO. Esta expressão designa varias molestias que podem desenvolver-se no seio. Alguns destes tumores são uma simples augmentação de volume, outros são constituídos pela degeneração do tecido natural; emfim, ha alguns que procedem de novos productos. Estes tumores podem ser kistos, engurgitamentos chronicos, tumores osseos, fibrosos, gordurosos, scirrhosos e cancerosos. O tratamento destes tumores é mui variado, e não pôde ser indicado n'uma obra de medicina domestica. Ha alguns destes tumores que podem desaparecer com certas fricções, ha outros que exigem uma operação. Emquanto aos signaes que pertencem aos tumores scirrhosos e cancerosos, já os temos indicado no artigo CANCRO, Vol. I, pag. 267.

SEMENTE CONTRA VERMES. Designa-se com este nome um medicamento que tem a apparencia de sementes, e que se emprega ha muito tempo contra as lombrigas. Mas estas suppostas sementes não são outra cousa, quando se examinão de perto, senão a reunião de pequenas flôres, de destroços de folhas, de talos que pertencem evidentemente ao genero das plantas do genero *artemisia* de Linneo. Quaes são estas especies, é difficil determinar. A semente contra vermes vem pelo commercio da

Persia, da Caramania e do interior da Africa, paizes ainda pouco conhecidos, e onde além disto a cobiça dos mercadores oppõe um obstaculo insuperavel ás pesquisas dos naturalistas. Não concebendo esta necessidade de aprender que leva os sabios a arriscarem mil vezes a sua vida, cada viajante é para elles um mercador, e julgão que toda a pergunta que se lhes faz não tende senão a arrancar-lhes um segredo que se quer depois explorar á custa delles: e por isso o silencio ou denegações obstinadas são as unicas respostas que delles se obtem.

A semente contra vermes merece a reputação que tem como vermifugo; tem a dupla vantagem de expulsar as lombrigas que se achão no canal intestinal das crianças, e de fortificar o estomago por causa de suas propriedades aromaticas. Emprega-se debaixo de mil fórmas: na dóse de vinte e quatro grãos a uma oitava, em infusão como chá, ou misturado com assucar, doces, &c. Da semente contra vermes extrahe-se uma substancia chamada *santonina*, que é em laminas brancas, sem sabor nem cheiro. Com a santonina preparão-se pastilhas, que se vendem no Rio de Janeiro com o nome de *Pastilhas vegetaes contra as lombrigas*, são muito efficazes e as crianças tomão este remedio sem custo.

SEMICUPIO ou BANHO DE ASSENTO. *Vejase* BANHO, Vol. I, pag. 186.

SENNE. Chamão-se assim as folhas e folliculos de muitas especies do genero *cassia*, distinguidas em *cassia acutifolia*, *obovata* e *lanceolata*. São pequenos arbustos do Alto-Egypto, Arabia e Syria. A *cassia obovata* cultiva-se na Italia e Hespanha. O senne é um purgante constante em seus effeitos, que occupa lugar intermedio entre os drasticos, taes como a jalapa, o aloes, e os laxantes, como o manná e o oleo de ricino. Na dóse de uma a tres oitavas, é associado quasi sempre ao manná ou ao sal de Glauber. Empregado só em infusão em agua quente, sua quantidade póde ser levada nos adultos de quatro a seis oitavas para oito onças d'agua. Nunca

deve ser fervido n'agua, porque os seus principios purgantes se alterão pela cocção. O senne serve para a preparação do *café purgante*, empregado para as crianças que tem repugnancia em tomar remedio debaixo da fórma ordinaria. Eis aqui como se prepara esta bebida. Infunde-se uma oitava de senne em quatro ou seis onças d'agua fervendo, cõa-se, e prepara-se com este liquido uma chicara de café, ao qual se ajunta uma pequena quantidade de leite e assucar.

SENTIDOS. Os sentidos, attributo essencial dos animaes, e um dos que os distinguem do resto dos viventes, formão uma das suas mais bellas prerogativas; elles, com effeito, são os instrumentos que nos poem em relação com os corpos externos; por elles é que adquirimos quasi todos os nossos conhecimentos, e é a elles que devemos, em grande parte, esta intelligencia que faz do homem um ente especial. Os sentidos andão sempre em harmonia com a natureza das precisões dos animaes, varião com sua organização inteira. O homem é de todos aquelle cujos sentidos são o mais geralmente perfectos. Se não tem tão boa vista como a aguia, se não distingue os objectos durante a noite como os animaes destinados a perseguirem sua presa nas trevas, se não tem o olfacto do cão nem o ouvido da lebre, a reunião de seus sentidos é superior á destes animaes, e pelo tacto deixa-os muito atrás de si.

Sendo os sentidos destinados a nos pôrem em relação com o universo, segue-se disto que todos os corpos da natureza são capazes de excita-los; mas cada um delles é susceptivel de uma excitação especial. Existem corpos que obrão sobre muitos sentidos ao mesmo tempo. Quando a acção de um agente externo é nova, é ordinariamente viva; quando se repete, diminue de vivacidade. Entretanto observa-se que a moderada excitação dos sentidos augmenta-lhes a delicadeza e a energia; assim, um pintor vê em um painel uma multidão de

objectos que escapão aos olhos vulgares, porque o sentido da vista tem adquirido nelle um grão de perfeição mui notavel; do mesmo modo o ouvido de um musico percebe em um concerto uma gradação de tom imperceptivel para qualquer outro; uma nota falsa affecta-o desagradavelmente. Mas o abuso de estimulantes mui energicos, como o brilho de uma viva luz, os sons mui estrondosos, os cheiros mui penetrantes, os licôres espirituosos mui concentrados, embotão com o tempo a energia dos sentidos. A inacção absoluta produz o mesmo effeito. Toda a educação se funda nesta observação, que os sentidos e os outros órgãos se desenvolvem pelo exercicio e pelo costume bem ordenados.

A imperfeição ou a falta de um sentido dá aos outros, por uma feliz compensação, maior delicadeza e extensão. Quem não fica admirado de que o cego ouve de longe o mais leve ruido, e adquire pelo tacto e cheiro um grande numero de noções que escapão aos outros homens? Quem não sabe que o surdo vê tudo, que adivinha até a palavra pelos simples movimentos dos beiços e da bocca, e que lê por meio de caracteres traçados sobres as suas costas, &c., &c.?

Os sentidos são cinco, dos quaes tem cada um um órgão especial: o olho é o órgão da *vista*, a orelha o do *ouvido*, o nariz o do *olfacto*. O *gosto* e o *tacto* não tem uma séde tão determinada; entretanto a lingua é o órgão principal do primeiro, a mão é mais ordinariamente o agente do segundo. A perfeição dos sentidos é mui importante para o desenvolvimento da intelligencia; devemos, por consequente, empregar todo o nosso cuidado em conservarmos e melhorarmos estes preciosos instrumentos.

Cada um dos sentidos acha-se examinado n'um artigo especial. *Veja-se VISTA, OUVIDO, GOSTO, OLFACTO e TACTO.*

SERINGA. Instrumento que serve para tomar ou dar clysteres, e fazer diversas injecções. As seringas podem ser d'estanho, de borracha, de uma fazenda

impermeavel, de tripa de boi, &c. Ha tambem pequenas seringas de vidro que servem para as injeccões em que entra o nitrato de prata. Se para estas ultimas injeccões fossem empregadas as seringas ordinarias, serião decompostas pelo nitrato de prata, e o remedio não poderia produzir o seu effeito; entretanto que o vidro não é atacado pelo nitrato de prata. *Vêja-se* CLYSTER, Vol. I, pag. 370.

SERINGATORIO. Injecção feita com seringa. *Vêja-se* Injecção, Vol. II, pag. 454.

SERPENTARIA DE VIRGINIA. (*Aristolochia serpentaria*, Willdenow.) Planta da Carolina e da Virginia. Sua raiz é empregada em medicina. Esta raiz é composta de um tronco commum delgado, de que partem numerosas fibrillas longas, entrelaçadas, ramosas, de côr fusca, cheiro aromatico, camphorado; sabor quente e amargo.

A raiz de serpentaria de Virginia é um excitante energico. É empregada nas febres caracterisadas pela debilidade. Usa-se debaixo da fórmula de chá, que se prepara com 1 oitava de raiz de serpentaria e uma chicara d'agua fervendo.

SEZÕES. *Vêja se* FEBRES INTERMITENTES, Vol. II, pag. 229.

SIGNAL DE NASCENÇA. Dá-se este nome a certas nodoas ou manchas que se achão em diferentes partes do corpo da criança no momento do nascimento. As pessoas supersticiosas considerão estas disformidades como consequencia de um desejo da mãe que o não pôde satisfazer, ou de uma affecção viva da imaginação; esta crença remonta á mais alta antiguidade. A Biblia nos ensina que Jacob, querendo augmentar seu rebanho com detrimento do de Labão, julgou que estabeleceria variedades de raças apresentando ás cabras e ás ovelhas deste ultimo côres todas diversas, nos redís, nos bebedouros, nos pastos. Heliodoro conta que dous Ethiopes, o rei Hydaspo e a rainha Pursina, tiverão uma filha parda, porque a rainha, no momeno da concepção, tinha os olhos fixados no retrato da bella Andromeda.

Tendo sido accusada de adulterio uma princeza por ter dado á luz uma criança parda, Hippocrates fê-la absolver dizendo que tinha ao pé de sua cama o retrato de um pardo.

Os signaes de nascença se encontrão em todas as partes do corpo; são mais frequentes no rosto. Se uma mulher mui occupada do objecto que deseja leva involuntariamente e por acaso a mão sobre alguma parte do corpo, muitas pessoas pretendem que a nodoa fica sobre a criança na mesma região que a mãe acabou de tocar. Umas vezes estes signaes consistem em nodoas sem proeminencia, pequenas ou grandes, de côr vermelha, livida, azul, roxa, amarella; outras vezes são pequenos botões como verrugas, mas analogos ao resto da pelle (salvo uma côr mais escura), que ás vezes são cobertos de cabellos numerosos e rijos. Dizem que as nodoas vermelhas provém de susto que teve a mulher vendo um incendio, sangue ou uma ferida; as nodoas roxas forão attribuidas ao café derramado pela mãe, ou ao desejo não satisfeito desta bebida aromatica; sua côr livida, a um desejo de beber tal ou tal especie de vinho; a amarella, contusões da criança, consequencia de contusões que recebeu a mãe, &c., &c. Uma imaginação preocupada quer achar tambem nestes signaes alguma semelhança com certos objectos desejados pela mãe. Suas proeminencias desiguaes, suas côres variadas os fazem parecer-se com mil corpos diferentes que as mãis appetecêrão, ou de que tiverão medo, taes como uma cabeça de gato, uma crista de gallo, um peixe, uma aranha, uma rã, uma cobra, &c.

Autoridades recommendaveis em medicina, os preconceitos populares e alguns factos verdadeiramente extraordinarios, tem entretido e entretém ainda na classe mais numerosa da sociedade um erro contra o qual se levanta desde longo tempo a experiencia de todos os observadores attentos. Os autores que attribuem á imaginação da mãe os signaes de nascença citão factos. Não se pôde, por conse-

guinte, responder aos partidarios desta opinião senão por factos contrarios: uma moça, sem que se possa attribuir isto á imaginação de sua mãe, tem o pescoço, o rosto, os membros brancos e o resto do corpo preto; outra tem todo o corpo mui branco e a testa preta. O Dr. Girard cita tres mulheres que, tendo tido durante toda a sua prenhez a imaginação fortemente preocupada, uma de um macaco que lhe tinha feito uma impressão mui viva e mui penosa, outra de um pequeno cão vestido como homem, e a terceira de um desejo descomedido de comer pecegos, não deixarão de dar á luz crianças mui bem constituídas e isentas de di-formidades. Tem-se todos os dias occasião de observar mãis delicadas e mui sensiveis que, tendo experimentado grandes affecções da alma, sustos, accessos de colera, violentos desejos, atormentão-se durante cinco ou seis mezes com medo de verem alguma nodoa que desfigure o filho, e que entretanto parem crianças mui sãs e inteiramente isentas de nodoadas. Uma mulher se persuade mesmo que deve ter a criança mutilada, e o acontecimento não justifica esta suspeita inquietante. Por outro lado, crianças nascem com alguns destes defeitos que a mãe não tinha até suspeitado. Mulheres perfeitamente seguras de não terem tido desejo algum, de não terem recebido impressão alguma viva durante a sua prenhez, tem tido a desgraça de dar á luz crianças disformes. Mas existem, dizem alguns, signaes de nascença semelhantes a alguns objectos que rodeião a mãe; porém estas irregularidades puramente accidentaes observão-se tambem nos animaes e até nos vegetaes. As flôres (e aqui não se pôde suspeitar a influencia da imaginação) offerecem muitas vezes uma mistura irregular de duas côres. Mas não se pôde esperar que se possa convencer as mulheres de que os signaes de seus filhos não tem relação alguma com os desejos que ellas não pudêrão satisfazer. « Tenho-lhes « ás vezes perguntado, antes do nascimento da « criança, diz Buffon, quaes erão os desejos que

« não pudérão satisfazer, e quaes serião, por consequente, as marcas que sua criança apresentaria. « Com esta questão contrariei as pessoas sem tê-las « convencido. »

Pesquisas exactas, disseccções bem feitas tem demonstrado aos medicos que estas nodosas devem ser consideradas como uma alteração do tecido da pelle, produzida por alguma molestia que o feto houvesse experimentado em época mais ou menos adiantada do seu desenvolvimento. Os vasos capillares sanguineos desta região cutanea são relaxados, dilatados, varicosos.

Nunca o signal de nascença determina incommodum nem dôr; não constitue mais que uma simples deformidade, ás vezes desagradavel, quando affecta uma parte do corpo habitualmente descoberta. Durante os esforços, na cólera, e em todas as circumstancias em que a circulação está momentaneamente activada, a côr particular do signal torna-se ordinariamente um pouco mais escura; alguns destes signaes experimentão então um certo gráo de tumefacção.

A maior parte dos signaes de nascença ficão estacionarios durante toda a vida; mas alguns não tem infelizmente este character, e apresentão mui cedo uma tendencia grandissima para o crescimento. Este crescimento é as vezes lento, outras vezes mui rapido; em certos casos cessa para sempre, em outros por algum tempo sómente.

Os signaes de nascença só reclamão os soccorros da arte quando são volumosos, ou quando ameação fazer progressos rapidos. Alguns cirurgiões do seculo passado propuzerão atacar por meio de causticos os signaes que não fizesem proeminencia alguma, e que só consistissem em mudança de côr da pelle; mas este meio obra mui superficialmente para que se possa contar com os seus effeitos; e se se quizesse entreter uma suppuração mui prolongada e mui abundante, a cicatriz que della resultasse seria mais disforme do que a nodosa que se desejasse fazer desaparecer. Entre os signaes que consistem em tumores salientes,

uns tem um pediculo estreito, outros uma base larga, e uns e outros podem ser susceptiveis de operação. Quando tem um pediculo estreito, destroem-se por meio de uma linha que, apertada de uma maneira conveniente, intercepta logo toda a comunicação com seu tecido, e os faz cahir ao cabo de alguns dias; mas, quando são ligados á pelle por uma larga base, cortão-se em redondo e dissecão-se com cuidado. Ha porém signaes que não se podem cortar, porque poderia resultar disto uma hemorrhagia abundante.

SINAPISMO. Cataplasma feita com fariouha de mostarda e com agua, e que se applica sobre alguma parte do corpo para produzir uma rubefacção.

Para preparar o sinapismo, humedece-se a farinha de mostarda com agua morna ou fria até que fique de uma consistencia molle; estende-se depois sobre um panno, dobrão-se as margens deste ultimo, e o sinapismo assim feito applica-se a nú sobre a parte da pelle em que se deseja produzir effeito. Em outro tempo preparavão-se os sinapismos diluindo a farinha de mostarda com vinagre; mas as observações posteriores tem provado que o vinagre neutralisa o principio activo da mostarda, e que a acção dos sinapismos preparados com este liquido é mui incerta ou nulla: os medicos renunciárão, por conseguinte, a este meio de preparação, e hoje servem-se com razão d'agua em vez de vinagre. Não se deve entretanto empregar agua fervendo nem quente, pois que esta temperatura oppõe-se tambem ao desenvolvimento do principio activo da mostarda, mas sim deve-se usar d'agua fria ou um pouco morna, como dissemos. Insistimos sobre a exclusão d'agua quente da preparação dos sinapismos, porque esta verdade é nova na sciencia, e muitas pessoas tem a este respeito idéas inteiramente oppostas. E pouco mais ou menos indifferente servir-se d'agua fria ou morna, e o medo que algumas pessoas poderião ter da applicação de um sinapismo frio é infundado, pois que a temperatura da superficie da mostarda se põe mui promptamente em harmonia com a da pelle, e além

disto, o sangue é rapidamente chamado pela acção quente da mesma mostarda.

Os sinapismos empregão-se principalmente nas molestias do cerebro, e neste caso applicão-se nas solas dos pés e nas barrigas das pernas. Usa-se delles nos rheumatismos chronicos, na sciatica, pleurodynia, e nestas molestias applicão-se sobre o lugar doloroso. Empregão-se tambem para provocar a transpiração supprimida dos pés. Usão-se mais quando se deseja produzir uma excitação geral, nos casos em que a vida parece fugir, como nos ultimos periodos de quasi todas as molestias, nas asphyxias e em todas as mortes subitas.

O effeito local dos sinapismos é exactamente analogo ao de uma queimadura; podem produzir a rubefacção, a visicação e as escaras. A differença destes effeitos depende do gráo de susceptibilidade da pelle, da actividade dos sinapismos e da demora de sua applicação. Destes tres effeitos, o primeiro é o unico que se busca obter com sinapismos, possuindo a arte meios que lhe são preferiveis para produzir causticos e escaras. Infelizmente o sinapismo ultrapassa ás vezes os limites que lhe são assignalados.

Em geral, quanto mais fina, delicada e viva é a pelle, tanto mais prompta é a acção do sinapismo. Assim, o effeito dos sinapismos é, em iguaes circumstancias, mais rapido, mais intenso nas crianças do que nos velhos, nas mulheres do que nos homens, sobre os membros cheios de vida do que quando estão insensiveis e gelados, sobre as partes finas da pelle do que sobre as que são espessas, calosas. Entretanto, e apesar destes dados, não se pôde prever senão mui imperfeitamente o effeito que terá um sinapismo. Certos individuos tem a pelle tão susceptivel, que no fim de alguns minutos a rubefacção é já mui viva, entretanto que nos outros, pelo contrario, é preciso prolongar a applicação de um sinapismo durante muitas horas antes que a rubefacção possa ser manifesta. Não se pôde, por conseguinte, limitar de

uma maneira absoluta o tempo que deve durar a applicação de um sinapismo. Como, por conseguinte, reconhecer que é preciso fazer cessa-la? Não é pela vermelhidão da pelle, pois que no maior numero de casos não se mostra senão algum tempo depois quando o sinapismo é tirado. A dôr só pôde servir de alguma guia a este respeito, e é preciso tirar o sinapismo quando o doente o tiver sufficientemente sentido. Em geral, este tempo varia entre dez minutos e uma hora.

Quando os sinapismos tem determinado a vesicacão ou queima lura da pelle, frequentemente não se chega a curar estas lesões senão depois de muito tempo. Devem ser curadas com ceroto. A simples rubefacção causa ás vezes dôres mui vivas e mui rebeldes; para acalma-las convém applicar uma cataplasma de farinha de linhaça.

A vermelhidão persiste muito mais longo tempo do que a dôr, e não é raro vê-la subsistir ainda oito ou dez dias depois de se ter inteiramente dissipado o ardor.

Quando os sinapismos ficarão longo tempo applicados e forão repetidos, bem que não tenham produzido a vesicacão, podem deixar nodos amarellas que ás vezes são indeleveis.

SIRI (*Cancer maenas*, Linneo). Animal crustaceo que vive n'agua salgada á beiramar; tem a casca cinzenta azulada, ficando vermelha depois de cozida. Sua carne é branca, nutriente, mas de digestão um pouco difficil.

SOBACO. *Veja-se* SOVACO.

SOCO. O resultado ordinario de um sôco é a contusão. *Veja-se* CONTUSÃO, Vol. I, pag. 425.

SODA. Dá-se o nome de soda a um producto que se obtem da combustão das plantas marinhas praticada da maneira seguinte: cortão-se as plantas que podem ministrar este producto, seccão-se ao ar, queimão-se depois dentro de covas de tres pés de profundidade pouco mais ou menos, e de quatro de largo; continua-se a operar a combustão por muitos

dias, e obtem-se uma massa salina, dura, compacta, semi-vitrificada. Esta massa tem o nome de soda do commercio; é mais ou menos pura, e compõe-se de muitas substancias, e particularmente de carbonato e de sulfato de soda, de sulfureto de sodio, de sal marinho, de carbonato de cal, de alumina, de silicia, de oxydo de ferro e de carvão; contém tambem á vezes saes de potassa. Entre as plantas que dão soda, distinguem-se em Hespanha muitas especies de *salsola*, conhecidas pelo nome vulgar de *barrilha*, que se cultiva com cuidado particular para este uso. Em França extrahe-se a soda de todas as plantas que crescem á beiramar. Existem ainda outras especies de soda no commercio. Tal é a soda do Egypto, conhecida pelo nome de *natrum*, que se acha nas aguas das lagôas situadas no deserto. Durante o inverno, reçuma do fundo destas lagôas uma agua de uma côr vermelha-roxa que se evapora durante os longos e fortes calores, e deixa uma camada de sal ou *natrum* que depois é quebrada e tirada com barras de ferro. Existem tambem na Hungria camadas de *natrum* sobre as arêas seccas que constituem o fundo de certas lagôas. Destas sodas brutas obtem-se um sal chamado *carbonato de soda*, cujos usos são immensos nas artes e em medicina.

Não estando as fontes naturaes da soda em relação com as necessidades do commercio, faz-se *soda artificial*; obtem-se calcinando juntamente uma certa quantidade de sulfato de soda, de carvão e de greda.

Os usos do subcarbonato de soda e da soda do commercio são mui importantes; os fabricantes de sabão, de vidro e os tintureiros consomem grandes quantidades della.

O subcarbonato de soda é caustico; entra na composição de muitas pomadas usadas contra a sarna e outras affecções da pelle.

Os outros saes de soda usados em medicina ou na economia domestica são: *bicarbonato de soda* (Veja-se Vol. I, pag. 208), *sulfato de soda* ou *sal de*

Glauber (Vol. III, pag. 383), *sub-borato de soda* ou *borax*, emfim o *hydrochlorato de soda* ou *sal commum de cozinha*.

Pós de soda (em inglez *Soda-Powders*).

Tome Acido tartrico 5 1/2 oitavas.

Divida em 12 papeis brancos.

Tome Bicarbonato de soda 6 oitavas.

Divida em 12 papeis azues.

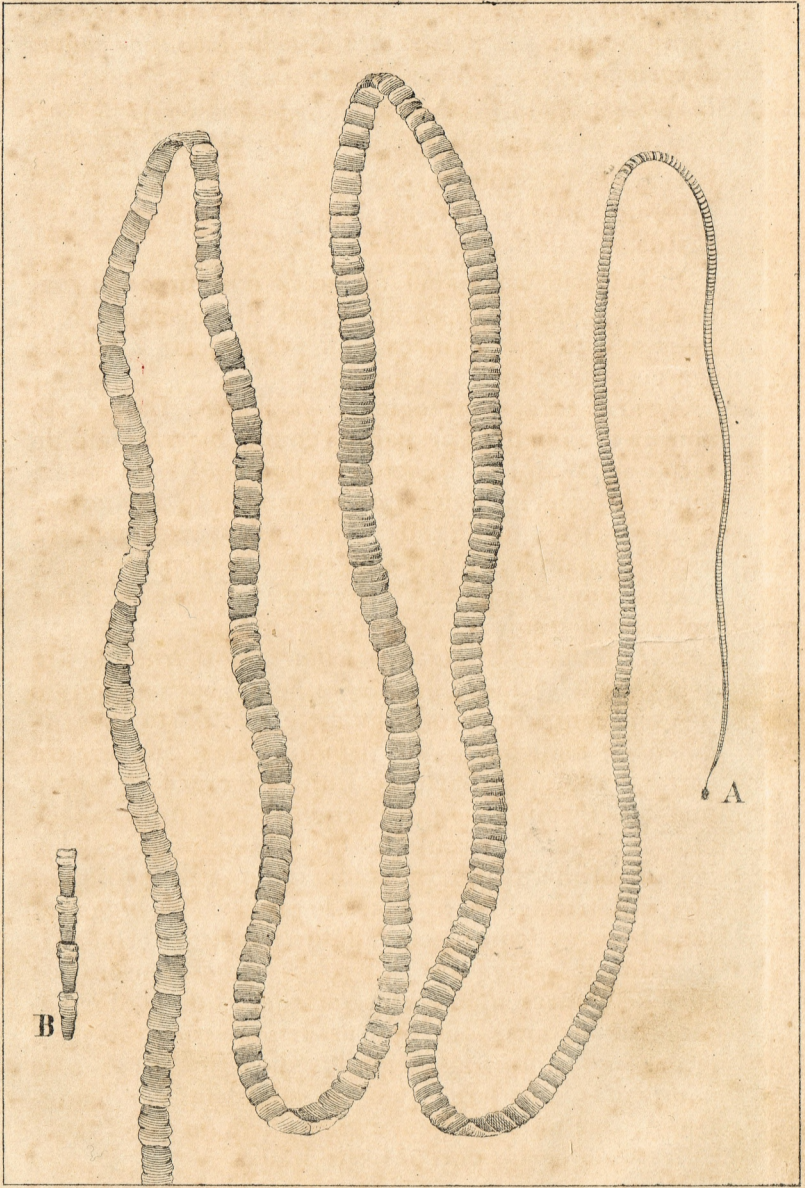
Dissolva-se um papel do acido em um copo mal cheio d'agua, ajunte-se um papel de bicarbonato, e beba-se logo que começa a effervescencia. É bebida temperante e facilita a digestão.

Agua de soda, em inglez *Soda-Water*. Dá-se este nome a uma bebida preparada com o bicarbonato de soda e agua saturada de acido carbonico. A *soda-water*, que é de origem ingleza, como se vê pelo seu nome, que significa agua de soda, é mui usada na Inglaterra depois do jantar; facilita a digestão. Tem muita semelhança com a agua de Vichy; convém nas affecções nervosas do estomago e contra as aréas.

SOLITARIA. Chama-se *solitaria* ou *tenia* a um genero de vermes intestinaes, cujo corpo chato, e de um comprimento singular, é composto de articulações mais ou menos pronunciadas. Sua largura varia desde um quarto de linha até cinco ou seis e mais. É terminada anteriormente por uma cabeça mui delgada, tuberculosa, do tamanho da cabeça de um alfinete fino, cravada de quatro pequenos chupadouros, entre os quaes se observa, em algumas, uma boca ou tromba cercada de ganchos retracteis. As solitarias além das differenças de dimensões, de côr, &c., apresentam certas variedades de conformação. Ha algumas em que as articulações são mais largas que compridas, seguidas de articulações mais compridas que largas; ou são dispostas em leque, isto é, que uma margem é mais curta do que outra; outras tem certas porções estreitadas.

Vamos descrever as duas variedades principaes.

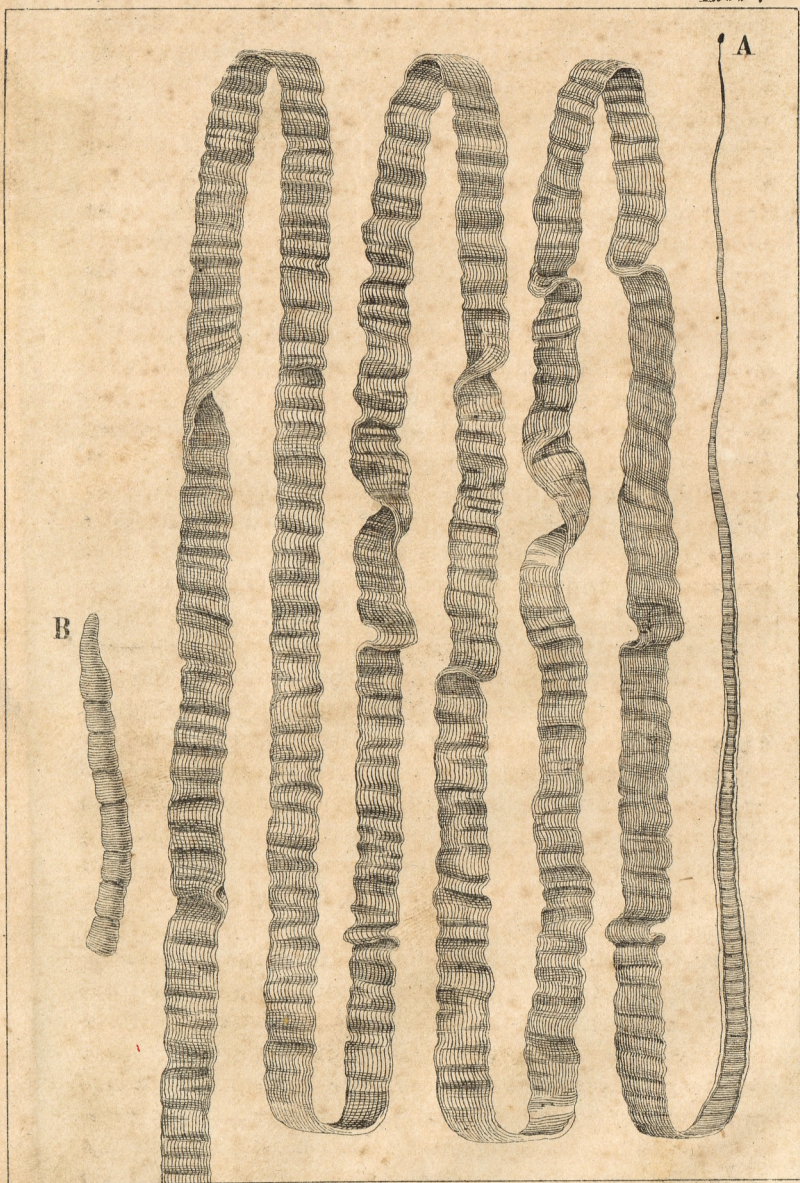
1.º *Solitaria vulgar*. (*Tania solium*. Linneo.) É um



Solitaria vulgar. (Taenia Solium.) *Uma porção della da largura natural.*

A. Cabeça.

B. Extremidade inferior.



Solitaria larga (Botriocephalus latus) Uma porção
della *dolargura natural*.

A. Cabeça.

B. Extremidade inferior.

verme representado na estampa 3.^a É chato, molle, formado de articulações numerosas e distinctas, mui comprido, de uma largura que varia muito e que não é a mesma na extensão de todo o corpo, tendo apenas uma ou duas linhas perto da cabeça, e quatro a seis linhas no corpo. A cabeça, do tamanho da de um alfinete, é globulosa e achatada, e ás vezes tão pequena, que não se póde ver senão por meio do microscopio. O *pescoço* é mui delgado, como filiforme, assaz curto e não tem limites mui evidentes; é composto de articulações apenas distinctas. O *corpo*, de côr branca opaca, augmenta gradualmente, e é composto de um numero maior ou menor de articulações chamadas *fuzis*, que se tornão cada vez mais distinctas e mais consideraveis, e se terminão em quadrado. Sobre as margens lateraes destes *fuzis*, e quasi na sua base, existe um ou dous pequenos poros, que são aberturas do canal que communica com os orgãos da reproducção da solitaria.

Os ultimos *fuzis* do verme se separão e são expulsos isoladamente. Estes *fuzis* forã tomados por vermes particulares e chamados *vermes cucurbitinos*, por causa da sua semelhança com pevides de melancia (*cucurbita* em latim); são expulsos em maior ou menor numero durante a defecação, ou mesmo nos intervallos deste acto. O comprimento da solitaria é consideravel, como já dissemos; varia desde 3 até 24 pés: citão-se ainda muito mais compridas.

2.^o *Solitaria larga*. (*Botrioccephalus latus*, Bremser.)
 Veja-se estampa 4.^a Seu comprimento mais habitual é de vinte pés. Sua largura, maior do que a solitaria ordinaria, raras vezes excede seis linhas no seu maior diametro; entretanto ha exemplos em que esta largura chegou a uma pollegada. É branca quando viva, e torna-se cinzenta quando fica algum tempo em alcohol. A cabeça não é maior do que a da solitaria vulgar, mas é mais ovada. O *pescoço* não é mui distincto, e se confunde com a cabeça e com o corpo.

O pescoço compõe-se de fuzis mui curtos, mais largos do que compridos, e que se parecem com rugas.

Estes vermes vivem no canal alimentar do homem e dos animaes vertebraes. Forão chamados *solitarias*, porque se julgava que não existia mais que um delles em cada pessoa; mas esta denominação não é propria, pois que podem se encontrar no mesmo individuo muitas *solitarias* juntas.

Os *signaes* que indicão a presença da *solitaria*, frequentemente obscuros e equivocos, são mui variados, mui numerosos, e podem simular toda a especie de molestia, por mais rara e mais extraordinaria que possa ser. Ao principio os individuos que são affectados de *solitaria* tem o ventre inchado, e sentem borborinhos e dôres abdominaes fortes ou leves. A côr do rosto altera-se e fica ora vermelha, ora pallida, ora côr de chumbo. Os olhos fitos e menos vivos do que de ordinario tem a menina mais dilatada. As palpebras, e principalmente a inferior, tornão-se inchadas, e ha uma comichão insupportavel nas ventas. A superficie da lingua mostra-se esbranquiçada, marcada por pontos purpureos; a ponta fica vermelha e inflammada. Ao depois manifestão-se outros phenomenos: dôres de cabeça frequentes e intensas, fome excessiva, voltando por accessos irregulares, ou fastio, ourinas turvas, suores de um cheiro acido, fetido; frio nas extremidades, rangido de dentes, zunido de ouvidos, affluencia incommoda de saliva á bocca, soluços, nauseas, vomitos, arrotos acidos, máo bafo, desejo excessivo de bebidas frias, sêde nocturna ou continua, calafrios interiores, pequena tosse secca, frequentes desmaios, somnno inquieto e agitado, tremores nos membros, vertigens repetidas, palpitações do coração, um sentimento vago de picadas e de rasgadura em toda a cavidade do ventre, sensação de movimento undulatorio nos intestinos, diarrhéas ou uma dureza de ventre rebelde, comichão na via inferior, febre irregular, beiços lividos, um emmagrecimento de todo o corpo que contrasta muitas

vezes com o desejo immoderado dos alimentos, anxiedades, enfado, ás vezes mesmo uma especie de enfraquecimento moral: taes são os symptomas mais ordinarios da presença da solitaria na economia, symptomas que diminuem depois da comida, mas que se renovão com maior intensidade logo depois de acabada a digestão, e aos quaes é preciso juntar a preferencia que dão os doentes ao deitar-se sobre o ventre, e a satisfação que experimentão depois da ingestão de um copo d'agua fria.

Além dos accidentes que acabamos de enumerar, manifestão-se, debaixo da unica influencia destes vermes, convulsões, catalepsia, hysterismo, epilepsia, e até o tetano. Observámos, n'uma casa do largo de Santa Rita desta côrte, um preto que apresentava accessos de hydrophobia e foi julgado damnado, e que no emtanto, depois da expulsão da solitaria, curou-se com o remedio que lhe administrámos.

Todos os symptomas indicados, quando são reunidos ou observados em grande numero, são uma forte presumpção em favor da existencia do verme, mas não constituem um signal certo, pois que se observão pessoas que expulsão porções de solitarias, sem que precedentemente nada tenha podido fazer suspeitar sua existencia; entretanto que outras, pelo contrario, apresentam todos os caracteres que annuncião sua presença, sem que comtudo a solitaria exista. O Dr. Brera cita o caso singular de um homem que apresentava todos os symptomas proprios da solitaria, e que não tinha senão uma colica flatulenta, que desapareceu depois do uso de bebidas aromaticas. É preciso concordar que o unico signal verdadeiramente certo da presença da solitaria na cavidade intestinal é a evacuação de alguns pedaços della. Deve-se tambem notar que, bem que mais commumente só se encontre uma especie de verme de cada vez no corpo do homem, certos medicos tem visto expulsar simultaneamente muitas especies delle. O Dr. Rosen, entre

outros, cita uma criança de quatro annos, mui fraca, que, depois de ter tomado uma pouca de aguardente, expulsou uma innumeravel quantidade de pequenas ascaridas, quatro raras de uma solitaria, e dez lombrigas.

Tratamento. Muitos methodos de tratamento forão propostos contra a solitaria: estes methodos varião muito, por causa da difficuldade que se sente em destruir um inimigo tão tenaz. Qualquer que seja o methodo que se escolha, é empregado ordinariamente na época em que se reconhece a existencia do verme, salvo se fôr preciso combater primeiro os accidentes de uma inflammação intestinal ou de alguma febre; mas já não se espera pelo mingoante da lua, como se fazia antes, e como fazem ainda hoje algumas pessoas supersticiosas.

O meio mais seguro para expulsar a solitaria consiste na administração do cozimento da *casca de raiz de romeira*. O modo de sua preparação é o seguinte: deixa-se macerar por doze horas duas onças de casca de raiz de romeira em 32 onças d'agua (quartilho e um terço), ferve-se depois a fogo lento até reduzir-se a 16 onças, e coa-se espremendo por um panno. Esta quantidade é para um adulto; 2 oitavas de casca de raiz de romeira para ter 8 onças de cozimento é sufficiente para os meninos de 3 a 9 annos; para os de 10 annos convém empregar meia onça de casca. O cozimento assim preparado toma-se em tres porções de meia em meia hora, e repete-se esta dóse por tres dias. Quatro horas antes de beber a primeira dóse, o doente deve tomar um purgante de duas onças de oleo de ricino, afim de alimpar o canal intestinal; desta maneira o remedio terá uma acção muito mais efficaz. No terceiro dia, duas horas depois de ter acabado o cozimento, deve o doente repetir o mesmo purgante. Acontece ás vezes que o primeiro e segundo copo do remedio é lançado fóra; mas esta circumstancia não deve impedir que se beba o terceiro copo, que já não produz vomitos.

A experiencia prova que uma dóse mui fraca não produz resultado algum. A dóse da casca foi elevada até quatro onças por dia, e isto sem perigo. A casca fresca é muito mais activa do que a secca.

Logo depois de terem bebido o cozimento de casca de raiz de romeira, os doentes experimentão uns um sentimento de calor no estomago, outros algumas nauseas e vomitos. Um pouco mais tarde sobrevêm borborinhos, colicas e evacuações alvinas, com que sahe ordinariamente a solitaria. Muitos doentes sentem, durante o resto do dia, ancias e fastio. Em alguns manifesta-se perturbação da vista, vertigens, somnolencia, embriaguez momentanea. Mas todos estes symptomas desapparecem de tarde, ou no dia seguinte. O doente não deve beber nada durante a acção do remedio, afim de que o effeito deste não seja transtornado.

A solitaria sahe ás vezes com a primeira evacuação; mas ordinariamente só cinco ou seis horas depois da terceira decocção. No caso que o verme não seja evacuado, será preciso tornar a principiar o tratamento, observando pontualmente todas as regras indicadas.

Os outros meios para expulsar a solitaria são os seguintes:

Tratamento pelo feto macho. Na vespera, come o doente uma sopa feita com pão e agua quente. Na manhã do dia seguinte, toma 3 oitavas de raiz de feto macho em pós finos, diluidos em 6 onças da decocção de feto. Esta decocção prepara-se com 2 oitavas de feto. Duas horas depois, toma uma pilula purgativa composta de

Calomelanos	10 grãos.
Escammonéa	10 grãos.
Gomma gutta	6 grãos.

Confeição de jacintho, quanto baste.

Faça 3 pilulas. Dá-se uma para as criações; duas para as pessoas delicadas, e 3 para os adultos vigorosos, com o intervallo de um quarto de hora de uma a outra pilula.

Tratamento pela essencia de terebinthina (vulgarmente agua-raz).

Essencia de terebinthina	1/2 onça.
Oleo de ricino	1 onça.
Agua distillada de hortelãa-pimenta	2 onças.
Xarope simples	1 onça.
Gomma arabica	2 oitavas.

Misture. Toma-se esta mistura de uma só vez, de manhã em jejum.

Tratamento pelo estanho.

Estanho pulverisado	1 onça.
Mel de abelha	1 onça.

Misture. Toma-se de manhã em jejum de uma vez, e duas horas depois bebem-se 2 onças de oleo de ricino. Esta dóse é para os adultos.

Tratamento pelo ether sulfurico. Dá-se de manhã em jejum 1 oitava de ether sulfurico n'um copo de cozimento de feto macho.

Alguns minutos depois, administra-se um clyster composto da mesma maneira. No fim de uma hora, tomão-se duas onças de oleo de ricino; o mesmo tratamento é continuado por espaço de tres dias.

Tratamento pelo coco da Bahia. O fructo do coqueiro (*cocos nucifera*), conhecido no Rio de Janeiro por *coco da Bahia*, tem provado muito bem contra a solitaria. Muitos doentes tem deitado a solitaria, tomando por unico alimento, por quatro, seis e até oito dias, só o coco da Bahia, e bebendo agua de coco.

Quando, no decurso do tratamento posto em uso, sahe do anus uma porção da solitaria, nunca se devem fazer tracções sobre ella afim de extrahir inteiramente o verme, porque elle pôde-se romper facilmente, e então a porção que ficou no ventre custa depois a sahir. Melhor é ligar a porção sahida com um fio de linha; o verme entra no ventre, mas não se demora em apresentar-se de novo no anus. Logo que sahe a solitaria para fóra, o doente deve sentar-se na banca, e nella persistir até á inteira evacuação do verme. Frequentemente esta se effectua com diffi-

culdade, ou porque a cabeça da solitaria esteja agarrada ao intestino, ou porque o seu corpo esteja enrolado em novello mui grosso, ou pelo obstaculo que oppõe uma massa de materia excrementicia endurecida. Então deve-se administrar ao doente, que estará ainda na banca, uma infusão de macella gallega, ou a dissolução de uma onça de sulfato de magnesia em um copo d'agua. Deve-se tambem mergulhar o pedaço que sahio em leite ou agua morna. Se a solitaria está ainda viva, este ultimo meio é sufficiente para provocar a sua sahida total.

A solitaria torna a se reproduzir emquanto a cabeça não fôr expulsa.

Para se assegurar de que o verme tem sahido inteiro, é preciso lava-lo n'agua e examinar com um microscopio afim de descobrir a cabeça com os caracteres indicados no principio deste artigo. Mas muitas vezes a solitaria se rompe perto da cabeça, e custa depois a achar-se esta cabeça nas materias fecaes; isto então não é sufficiente para se dizer que a solitaria não tenha sido expulsada inteira. Em alguns casos não ha pedaço nenhum de solitaria nas materias fecaes, ou ao menos não se vê, e entretanto tem cessado os incommodos que dependião de sua presença; julga-se então que o verme estava morto, e que os seus restos forão disseminados e misturados com as materias fecaes.

SOLTURA DE OURINAS. *Veja-se* INCONTINENCIA DE OURINAS, Vol. II, pag. 439.

SOLTURA DE VENTRE. *Veja-se* DIARRHEA, Vol. II, pag. 44.

SOLU'ÇO. O soluço é um phenomeno nervoso que consiste n'um estremecimento convulsivo dos musculos respiratorios, acompanhado de uma contracção espasmodica da abertura do larynge, com uma inspiração rapida e seguida de um ruido particular, mui semelhante ao que é produzido pela entrada do ar n'um grosso canudo que se abre subitamente. O soluço é de ordinario um phenomeno insignificante, compativel com o estado de saúde, e cuja duração é

mui curta. Assim, manifesta-se ás vezes depois da repleção immoderada ou mui prompta do estomago, sobretudo depois de uma abstinencia um pouco prolongada, quando se faz uso de alimentos seccos, tomados com voracidade sem mistura-los com bebidas. A ingestão de bebidas frias, de licôres mui alcoolizados, a sensação de frio nos pés, uma viva affecção da alma, a colera, o sobresalto, o terror, tem ás vezes o mesmo resultado. O soluço tambem apparece sem causa conhecida. Mas este phenomeno, em alguns casos, pôde constituir uma molestia real. Tem-se visto durar muitos dias, renovar-se em épocas mais ou menos approximadas, irregulares ou periodicas, durante annos inteiros. O Dr. Rivière observou uma moça de 13 annos affectada de um soluço havia um anno; este accidente atacava-a quatro ou cinco vezes ao dia, umas vezes por um quarto de hora, outras por meia hora. Rivière curou esta moça por meio de um purgante de calomelanos. Bertholin refere que uma mulher foi atormentada durante dous annos de um soluço tão violento, que parecia possuida do diabo.

Em algumas pessoas, o soluço se reproduz em épocas fixas. Assim, Casimiro Medico cita um facto de uma senhora, na qual um soluço violento, resultado de uma supressão dos menstros, sobrevinha de dous em dous dias. Mas de todas as observações deste genero referidas pelos autores, a mais curiosa é a de Olao Borrichio: vio elle um soluço que reaparecia todos os annos na mesma época n'uma moça de vinte e quatro annos. Esta doente era só incommodada durante o dia, e dormia muito bem toda a noite. Cada ataque durava quatro dias; uma sangria copiosa feita no braço dissipou estes accidentes.

O ruido que produz o soluço pôde ser ás vezes muito forte. O mesmo Rivière, que já citámos, falla de um homem affectado de um soluço tão violento, que se ouvia na rua a quatro casas de distancia. Sauvages refere a observação curiosa de uma moça de 23 annos que foi affectada de um soluço mui forte,

semelhante ao latido de um cão. Apenas podia tomar um caldo por causa destas convulsões; mas finalmente foi curada.

Observa-se o soluço principalmente nas pessoas nervosas, hypochondriacas, melancolicas, nas mulheres grávidas, hystericas. A mui grande abundancia de sangue na economia, ou as evacuações sanguineas excessivas, o retrocesso de um daltro, de uma gota; a supressão espontanea de uma evacuação habitual, dos menstros, de uma fonte; a presença de vermes no canal intestinal, tudo isto é tambem assignalado como causa do soluço.

Todos estes soluços de que até agora temos fallado chamão-se *idiopathicos*, porque existem sós e constituem por si uma molestia; mas este phenomeno se manifesta frequentemente durante o curso de certas affecções, e é chamado então *symptomatico*. Ha muitas molestias durante as quaes declara-se o soluço. Parece mais particularmente ser determinado pela lesão dos órgãos digestivos, nas hernias estranguladas, nas feridas do ventre, nas inflammacões do estomago, dos intestinos ou do cerebro.

O soluço determinado por uma causa pequena não reclama ordinariamente tratamento algum; cessa promptamente por si ou com auxilio de meios mui simples. Assim, póde parar introduzindo-se no estomago um copo d'agua fria, um sorvete, um pedaço de gelo, ou uma colher de vinagre puro, restando-se a respiração por tanto tempo quanto sôr possível, fixando-se fortemente a attenção sobre algum outro objecto, ou provocando-se espirros. Um sobresalto, um susto, a colera, fazem-no ás vezes desaparecer de repente.

Mas em outras circumstancias, quando o soluço é demorado, quando volta em épocas mais ou menos longas, periodicas ou não, é mais difficil fazê lo desaparecer. Nestes casos, tem-se recorrido com maior ou menor vantagem ás bebidas aromaticas (chá da India, chá de folhas de lorangeira, de cannella, de herva cidreira, etc.); aos medicamentos antispas-

modicos (almiscar, assafetida, ether sulfurico, valeriana, castoreo); ao opio, ao acetato de morphina, ao thridacio, aos banhos frios e quentes, á limonada sulfurica que se prepara com um copo d'agua e algumas gottas de acido sulfurico. Os outros meios são : vomitorios, purgantes, causticos na bocca do estomago, bichas, sangrias. Tanto nesta como em qualquer outra molestia, todas as vezes que fôr possível conhecer-se a causa e combatê-la activamente, será um tratamento por excellencia. Se o soluço se apresentar debaixo da fórma intermittente, será preciso recorrer-se ao sulfato de quinina; quando se suppõe que depende da presença de vermes, empregão-se os vermifugos.

Quanto ao soluço que sobrevem em diversas molestias, o tratamento consiste em combater as molestias que o produzem; e quando persiste, apesar da diminuição dos accidentes, póde-se lançar mão de algum dos meios que acabamos de indicar.

SOMNAMBULISMO. O somnambulismo é um estado extraordinario, proprio a alguns individuos, que consiste em fazer durante o somno um grande numero de actos que ordinariamente não se executão senão durante a vigilia. Os sonhos ordinarios e o somnambulismo, bem que differentes debaixo de certos pontos, não parecem entretanto ser senão grãos diversos do mesmo estado. Com effeito, o homem que sonha sente, imagina e julga obrar; mas o corpo recusa seu serviço á alma, toda a scena se passa secretamente no espirito que se agita, os órgãos ficão em repouso. Nos somnambulos ha os mesmos phenomenos, imagens e desejo de acção; mas por um segredo até agora impenetravel, a alma conserva a faculdade de movimentos, ordena, e o corpo obedece. O individuo se levanta, e, segundo a idéa que o absorve, profere discursos que sorprendem grandemente os assistentes; outro se veste e faz certas occupações no seu quarto. Todas as pessoas tem ouvido fallar das scenas extraordinarias offerecidas pelo somnambulismo. Este levanta-se, toma

a penna e acaba a composição principiada; aquelle prosegue um combate cujo plano está em sua idéa; aquell'outro sahe para ir á caça, á pesca, a algum encontro, anda pelo telhado, caminha á margem dos rios, dos precipicios, etc. Existem somnambulos mais curiosos ainda do que os precedentes: esses ouvem e respondem sem se acordarem. Póde-se ter com elles uma conversação seguida, principalmente quando versa sobre o objecto que os occupa. Não é possível avançar-se mais na descripção dos actos dos somnambulos, sendo infinita a variedade dos sonhos. Um facto mui notavel e característico do somnambulismo é que ao despertar não fica mais lembrança alguma deste estado.

Temos visto no artigo *magnetismo animal* que este estado apresentava a maior semelhança com aquelle; e por isso o somnambulismo produzido pelas praticas magneticas chama-se *artificial*, e este de que agora tratamos *natural*.

A memoria parece ser a faculdade mais activa durante o somnambulismo; ella lembra muitas vezes os objectos que tem fortemente occupado o somnambulo, e é delles que se occupa então. A vista quasi nunca é exercida no somnambulismo, estejão as palpebras abertas ou fechadas; não obstante, muitos actos são produzidos como se a visão fosse plena e inteira. O somnambulo evita os choques e as quedas com a maior habilidade. Entretanto a imaginação, o amor do maravilhoso, tem exagerado muito estes phenomenos: ás vezes existem erros funestos, e somnambulos se precipitão de janellas abaixo julgando passar pela porta; tal é o caso do somnambulo de que falla Schenckius, que, em consequencia de um engano semelhante, quebrou a coxa. Muitos somnambulos andão sómente ás apalpadellas, e topão em todos os objectos que encontrão. Uma noite, um moço se levanta adormecido, calça suas botas com esporas; depois sobe á janella, e, julgando-se a cavallo, crava as esporas. Ao despertar, ficou singularmente espantado do perigo em que se via.

O ouvido, o gosto e o olfacto são em geral mui obtusos na maior parte dos somnambulos; entretanto offerecem variações: assim, este não pôde ser despertado senão por um grande ruido; aquelle sahe do seu somno ao mais leve ruido; um come indistinctamente todos os alimentos que lhe são apresentados, e bebe agua por vinho, entretanto que outro reconhece logo o engano; enfim, uns distinguem os cheiros mais subtis, emquanto que outros são inteiramente insensíveis aos mais fortes. O tacto é o sentido que se conserva mais activo; é elle que serve frequentemente ao somnambulo para guiar-se.

As faculdades intellectuaes se exercem no estado do somnambulismo: são até de ordinario mais des-envolvidas do que no estado de vigilia, se se devem crer os exemplos referidos pelos autores. Certos somnambulos tem composto versos, resolvido problemas mathematicos que não podião fazer durante a vigilia. Explicação-se estes factos pela concentração em que se acha então o individuo, que não é distrahido pelos objectos ambientes.

O somnambulismo é considerado como uma molestia nervosa. Bem que seja compativel com as apparencias de saúde, este estado é ao menos insolito, anormal, e reclama alguns cuidados de que fallaremos logo. Não se observa na primeira infancia; é entre os sete e os sessenta annos que se contão os exemplos mais numerosos. Os accessos são mais ou menos frequentes, mais ou menos longos, e podem reproduzir-se todas as noites e durar algumas horas. A invasão dos accessos sobrevem ordinariamente no principio da noite, depois do primeiro somno. O prognostico desta affecção nervosa não é grave; mas em seus passeios e excursões nocturnas o somnambulo pôde ferir-se, matar-se, perturbar a saúde pela impressão das intemperies. Pôde tambem fazer damno aos outros; um somno cruel pôde tornar sua mão homicida, arma-la de um facho incendiario, &c. O somnambulismo não se cura com facilidade, mas

cede frequentemente á successão das idades e aos novos costumes.

Quaes são as *causas* do somnambulismo? Aqui, como em muitos outros casos, devemos confessar nossa ignorancia. Porque os accessos se manifestão durante a noite, julgava-se antigamente que a influencia da lua podia produzir semelhante desordem, e os somnambulos forão chamados *lunaticos*. Mas este estado parece ser devido a uma exaltação cerebral, e todas as causas que podem determinar esta exaltação e dispôr a ella podem produzir o somnambulismo. Foi observado sobretudo depois das vigílias prolongadas e dos trabalhos excessivos de espirito, em consequencia de transportes de colera, de rixas, de combates, de paixões amorosas. Um pezar pungente, uma contrariedade aturada, uma affecção violenta da alma, uma meditação profunda, o onanismo e os outros excessos venereos, o abuso dos licôres fortes, favorecem o somnambulismo.

O *tratamento* deriva directamente do conhecimento destas causas; não ha outra coisa que fazer senão tomar o caminho contrario. Por conseguinte, a vida tranquillamente occupada, sem applicação forte de espirito, brandamente variada pelas distracções e pelo exercicio do corpo; regularidade nas horas de vigilia e de somno, regimen isento de especiarias, de bebidas espirituosas, evitando-se particularmente a repleção na comida da tarde; clysteres contra a dureza do ventre, moderação no uso dos órgãos genitacs, alguns banhos mornos, sangrias, se existe plethora; provocar a menstruação, se a molestia parece depender de sua suppressão, eis o que convém.

Fallemos agora das precauções que se devem tomar durante e contra o accesso. Convém não esquecer nada que possa prevenir os accidentes a que está exposto o somnambulo, e a que expõe as pessoas e as cousas que se achão ao seu alcance. Eis-aqui o que é indicado neste caso: um

quarto mediocrementemente espaçoso, com paredes lisas, desguarnecido de trastes angulosos, proeminentes, frageis, privado de toda a especie de armas, e cujas janellas e portas seião fechadas a chave todas as noites por uma pessoa que não seja o somnambulo. Alguns medicos quizerão até que a cama fosse composta sómente de colchão e de cobertor, sem leito, n'uma rede estendida e resistente, fixada ao tecto e ao soalho. Considerando-se as desgraças que tem acontecido por se ter faltado a estas precauções, reconhecer-se-ha facilmente que vale a pena toma-las. Se, por falta de tê-las observado, o somnambulo sahe do quarto, se anda pelo telhado, pelas margens de um precipicio qualquer, é preciso que se cheguem a elle silenciosamente e que o agarrem pelo corpo; se não é possivel fazer-se isto, é melher antes deixa-lo que continue em seu passeio perigoso do que chama-lo pelo nome, desperta-lo e expô-lo assim a uma quéda, que o sobresalto determinaria de uma maneira indubitavel. Com tudo isso, não é tão facil despertar um somnambulo; os ruidos mais fortes, a luz mais viva, os cheiros mais penetrantes, ficão frequentemente sem effeito. As impressões sobre o sentido do tacto são ordinariamente mais decisivas; as cocegas, os beliscões, a flagellação, e sobretudo as aspersões d'agua fria no rosto, despertão mais promptamente. Quando se dorme perto de um somnambulo, e quando se percebe pela agitação do seu corpo que o accesso vem sorprendê-lo, é bom despertar-lo logo; esta simples vigilancia, algum tempo continuada, é ás vezes sufficiente para curar o somnambulismo.

SOMNO. O somno é a suspensão momentanea de nossas relações com os objectos exteriores, ou, em outros termos, é o repouso dos órgãos, dos sentidos, das faculdades intellectuaes e dos movimentos voluntarios.

No fim de um certo tempo de vigilia, um sentimento geral de fraqueza e de lassidão, um peso de cabeça mui sensivel, uma falta de percepção e de

intelligencia, uma grande difficuldade de mover-se, annunciação que o somno é necessario. Logo cessamos de ter consciencia dos objectos que nos rodeião; as palpebras se fechão e nos escondem a luz; os outros sentidos cessão de ser sensiveis: quando a este phenomeno se ajunta a perda do sentimento da existencia, o homem dorme.

Um somno tranquillo, profundo e de uma duração conveniente, restabelece as forças cansadas; os órgãos cobrão a faculdade de obrar de novo. Suspendendo a acção do cerebro, suspende as dôres physicas e as penas da alma; é o consolador dos infelizes. O somno diffunde um encanto sobre a nossa existencia, e nos occasiona os mais brandos deleites. Ao despertar, o homem experimenta um sentimento geral de bem-estar e de socego; os membros estão aptos para o exercicio; os sentidos recebem com prazer as novas impressões; o cerebro mesmo, livre das idéas que o occuparão no dia precedente, concebe com rapidez, fica disposto á meditação, e por isso este momento é o mais favoravel para os trabalhos intellectuaes.

É uma tentativa bem temeraria o querer-se dobrar a existencia subtrahindo-se ao repouso as horas que lhe pertencem. Um somno de certa duração é necessario ao restabelecimento das forças; esta duração não pôde ser determinada de uma maneira exacta para cada individuo. Deve variar conforme a idade, a constituição, o sexo, a profissão, o gráo de exercicio que se tem tomado. Podemos dizer de uma maneira geral que para as pessoas fracas são necessarias sete a nove horas, e que para os individuos robustos esta duração deve ser de seis a oito horas. Será sempre prejudicial o dormir mais ou dormir menos. O somno prolongado demasiadamente não só enfraquece o corpo e o torna pesado, senão que põe o espirito em uma especie de entorpecimento, torna a intelligencia lenta e difficil, faz perder a memoria e extingue a imaginação. Os grandes dorminhocos não podem

entregar-se ao menor exercicio sem experimentarem a mais profunda lassidão. Os outros órgãos, ficando em uma actividade menor, perdem tambem a faculdade de obrar; e como o individuo faz poucas perdas, adquire ordinariamente uma gordura consideravel.

Quando o somno é mui curto, pelo contrario, o cerebro, fatigado pelo exercicio do dia precedente, não pôde reparar suas perdas; então esta lassidão o impede de poder entregar-se com fructo ao trabalho; as idéas são confusas e embaraçadas, as sensações são penosas, os movimentos difficeis e fatigantes; uma especie de descontentamento, resultado da irritação prolongada deste órgão, torna o character colerico e rabugento. As pessoas que prolongão habitualmente as vigílias estão expostas a muitas molestias. Fazendo estas pessoas muitas perdas, e reparando-as mui pouco, cahem em um estado de magreza deploravel; emfim, prolongando todas as funções seu exercicio, segue-se dali que estes individuos estragão promptamente sua existencia e vivem mui pouco.

Depois de grande exercicio do corpo ou do espirito, o repouso é necessario; mas então ordinariamente a excitação se prolonga durante o somno, o qual é leve, perturbado por sonhos e pouco reparador. Às vezes até não se pôde de maneira alguma dormir depois de uma excessiva applicação de espirito, durante a agitação das paixões ou depois de um exercicio violento.

São todos os instantes igualmente proprios para entregar-se ao somno? Considerando-se que a immensa maioria dos seres viventes dormem durante a noite, e que o silencio e a escuridão convidão ao somno, é, por assim dizer, inutil fazer esta questão; mas, quando se reflecte que nas grandes cidades muitas pessoas fazem da noite dia e do dia noite, talvez que seja util então assignalar os inconvenientes destes costumes. Sinclair refere que dous coroneis tinham entre si uma longa discussão para

saberem o que melhor convinha para uma longa marcha no verão, se repousar de noite, ou de dia. Como a cousa era muito interessante debaixo de um ponto de vista militar, obtiverão do seu general a permissão de fazer o ensaio. Partirão ambos com seus regimentos, e percorrerão duzentas leguas. O que marchava de dia e descansava de noite chegou ao lugar do seu destino sem perda alguma, nem de homens nem de cavallos, entretanto que o que julgou preferivel aproveitar a frescura da noite para caminhar, e descansar durante o dia, perdeu muitos soldados e muitos cavallos.

A observação prova que durante a noite a atmosphera é desfavoravel para a saúde, que o melhor meio de evitar seus funestos effeitos é subtrahir-se á sua influencia, entregando-se ao repouso em quartos em que ella não penetre. As pessoas que prolongão mais a vida são as que se deitão e levantão muito cedo; seria bom deitar-se regularmente ás nove ou dez horas da noite, e levantar-se ás cinco ou seis da manhã.

O costume de dormir de dia não é salutar; põe o corpo em grande molleza e indolencia, torna o homem preguiçoso, pesado, pouco proprio para o trabalho do espirito e para o exercicio do corpo. Algumas pessoas pensão que favorece a digestão; mas, observando-se que os individuos que dormem depois de jantar acordão com muito máo gosto na bocca, convir-se-ha que este costume produz o effeito inteiramente contrario. Além disto, o somno do dia impede o da noite, e esta razão unica deveria fazê-lo evitar.

O quarto de dormir deve ser vasto, bem arejado, e collocado no andar mais elevado da casa; e não ha cousa mais contraria á saúde do que dormir em uma alcova estreita em que o ar não possa circular. Seria entretanto uma imprudencia dar accesso, durante a noite, ao ar exterior no quarto em que se dorme; convém sómente abrir as portas de

communicação com as peças vizinhas, e conservar durante o dia as janellas abertas.

Ha uma multidão de causas que impedem ou favorecem o somno. Dissemos que as paixões, os pezares, as applicações excessivas do espirito, são um obstaculo ao somno. A luz e a bulha tem a mesma influencia. Quem não sabe que o homem dorme menos profundamente e peor durante o dia, ou exposto ao barulho, do que durante a noite e no silencio? A respeito da bulha, é preciso dizer, entretanto, que ha algumas que, longe de impedirem o somno, parecem favorecê-lo. Os ruidos monotonos, taes como os dos ventos, da chuva ou de um moinho, uma musica lenta, pouco variada; um sermão, um discurso pronunciado de certa maneira, provocação o somno. O trabalho da digestão, depois de um ceiar copioso, póde impedir o somno. É preciso que o mesmo se diga da inacção completa do corpo e do espirito, do repouso absoluto que não occasiona perda alguma nem fadiga, e que, por consequente, não exige grande reparação; e o somno do dia é quasi sempre á custa do da noite. As substancias que produzem uma alimentação excitante, as bebidas aromaticas ou alcoolicas, um ar mui quente ou mui frio, os banhos frios, são causas de insomnia. Deve-se tambem pôr neste numero a mudança de habitação, de casa e de cama. Os meios que podem favorecer o somno achão-se indicados no artigo INSOMNIA, Vol. II, pag. 456.

SOMNOLENCIA ou MODORRA. A disposição ao somno além do tempo destinado ao repouso offerece muitos grãos, desde a simples tendencia de dormir até ao somno mais profundo, com impossibilidade de interrompê-lo. O grão mais leve é a modorra ou a somnolencia; é um estado intermediario entre a vigilia e o somno, durante o qual a acção dos sentidos está suspensa ou só se exerce de uma maneira incompleta. Depois vem o estado comatoso, no qual existe perda da sensibilidade, porém possibilidade de acordar o doente. O grão

mais elevado chama-se na medicina *carus*: não se pôde despertar o doente do somno carotico. Estas diferentes fórmulas da modorra são, em geral, symptomas de molestias cerebraes; dependem, no maior numero dos casos, da congestão de sangue no cerebro.

Em um gráo menos grave, a modorra acompanha frequentemente os sarampos, a escarlatina, as bexigas, e é, nas crianças, um symptoma mui commum em todas as molestias febris. O trabalho de uma digestão penosa dá tambem lugar á modorra. O mesmo symptoma apparece na erysipela do rosto. Não é raro vê-lo associado ao delirio; o doente durante o seu somno pronuncia palavras incoherentes, desperta ao mais leve ruido, e parece como assustado pela vista de objectos estranhos.

Certas substancias tem a propriedade de determinar uma modorra mais ou menos profunda; taes são o opio, os licôres espirituosos ingeridos com excesso, o gaz acido carbonico. Os excessos venereos, a fadiga ou as vigílias, a inanición ou um estado de fraqueza mui grande, sobretudo nas pessoas idosas, ou um frio mui intenso; as dôres prolongadas ou excessivas, a suppressão das hemorrhoidas, são acompanhadas muitas vezes de tendencia para o somno. Ás vezes este estado é independente de todas estas causas.

A propensão ao somno mui pronunciada é, em geral, um accidente bastante serio que deve fazer temer uma congestão cerebral, principalmente nos individuos de uma constituição apoplectica. Quando o somno sobrevém logo depois de uma quéda sobre a cabeça, annuncia ás vezes que um derramamento de sangue se faz no craneo, circumstancia das mais sinistras, pois que a morte é o seu resultado ordinario.

O *tratamento* deste symptoma varia conforme as circumstancias. Quando annuncia uma *congestão cerebral* ou faz temer um ataque de *apoplexia* (vejaõ-se estas palavras), deve-se praticar uma sangria de braço ou applicar bichas atrás das orelhas, e dar

um escaldapés com farinha de mostarda, assim como um brando purgante. As pessoas que soffrem grande tendencia para o somno continuo, sem serem ameaçadas de molestia alguma, aconselhamos o uso do café ou lavatorios no rosto e cabeça com agua fria, um regimen mais vegetal do que animal, e a abstinencia de bebidas alcoolicas.

SONDA. Chama-se *sonda* um instrumento de cirurgia que se introduz na cavidade de certos orgãos, ou n'uma ferida, n'uma fistula, para explorar o seu estado, ou para preencher alguma indicação curativa. Sua fórma varia conforme o seu uso. A sonda que se introduz pelo canal da uretra na bexiga é um tubo de prata ou de gomma elastica, ouco, fechado n'uma de suas extremidades e aberto na outra. A porção fechada é destinada a ser introduzida na bexiga; é furada lateralmente por dous buracos pelos quaes a ourina deve sahir.

A maneira por que a sonda deve ser introduzida na bexiga para evacuar as ourinas acha-se descripta no artigo *RETIENÇÃO DA OURINA*, Vol. III, pag. 352.

SONHO. O cerebro nem sempre está em repouso completo durante o somno. Frequentemente, emquanto se dorme, produzem-se certos actos intellectuaes que se chamão *sonhos*. Estes sonhos, longo tempo considerados como actos sobrenaturaes, como avisos celestes ou annuncios do futuro, são o producto do trabalho irregular do cerebro, e se as mais das vezes são estranhos, é porque, tendo o somno feito cessar toda a vontade, as diversas idéas que se formão são associadas como por acaso e com extraordinarias incoherencias. Ordinariamente os sonhos são relativos aos trabalhos, ás paixões que occupavão o individuo durante as vigílias, e que deixarão uma impressão no cerebro; o sabio sonha com os seus estudos, o amante com o objecto da sua inclinação. Mas podem tambem ser resultado da imaginação ou da memoria; uma impressão apenas percebida pôde occasiona-los. As vezes os sonhos se limitão á producção de idéas; mas ás vezes

tambem são acompanhados da acção que teria seguido naturalmente estas idéas : um se move, falla, outro se queixa, outro canta ; se o sonho é relativo á geração, os órgãos exteriores desta funcção estão em acção. Não é facil impedir os sonhos ; emquanto ao que toca a alguns sonhos penosos, consulte o leitor o artigo PESADELO, Vol. III, pag. 215.

SOPAPO. *Vêja-se* CONTUSÃO, Vol. I, pag. 425.

SORO DE LEITE. Dá-se este nome á parte mais liquida do leite. Para se preparar o soro de leite, põe-se ao fogo um quartilho, por exemplo, de leite de vacca, do qual se extrahe a nata, reunida na superficie pelo repouso. Quando o leite principia a ferver, juntão-se-lhe duas oitavas de cremor de tartaro, que logo o fazem coalhar. Separa-se o liquido da parte solida, coando por um panno ralo. O liquido obtido é turvo, esbranquiçado, carregado de particulas caseosas : é preciso clarifica-lo. Para isso junta-se-lhe pouco a pouco uma clara de ovo batida com um pouco de soro, e põe-se a um fogo moderado ; logo que a fervura principia, tira-se do fogo, deixa-se esfriar e filtra-se.

Póde-se tambem coalhar o leite juntando-lhe um pouco de coalho de vitella diluido em agua, ou sumo de limão, ou uma colher de vinagre.

O soro de leite natural, que provém da coagulação espontanea do leite durante a preparação dos queijos, contém um pouco da parte caseosa em suspensão.

O soro de leite clarificado é limpido, de côr amarella esverdinhada, de sabor doce. Poderia se obter igualmente servindo-se do leite de outros animaes ; porém o de vacca é o mais commumente usado. Esta bebida deve ser preparada no momento em que se precisa della, pois que em pouco tempo azéda facilmente por causa das particulas caseosas de que não se póde desembaraçar perfeitamente.

O soro de leite possui uma propriedade emolliente e levemente laxante, que o torna proprio para ser administrado em todas as molestias inflammatorias durante as quaes é util entreter a liberdade

do ventre. Dá-se por chicharas de duas em duas horas, ou mais frequentemente. Póde-se-lhe juntar assucar ou algum xarope.

SORVETE. *Vêja-se* GELO, Vol. II, pag. 312.

SOVA. *Vêja-se* CONTUSÃO, Vol. I, pag. 425.

SOVACO ou SOBACO. Assim se chama a cavidade que se acha debaixo do hombro, entre o braço e o peito; dá-se-lhe o nome de *axilla*.

Entre as molestias que podem affectar esta região do corpo, as mais frequentes são *glandulas* e *postemas*.

A *glandula* ou *ingua* que apparece no sovaco é ordinariamente a consequencia da erysipela do braço, do panaricio que se forma no dedo ou de ferida na mão; póde tambem desenvolver-se por si. Nos tres primeiros casos não exige applicação nenhuma, e desaparece com a molestia que a produziu; mas quando a glandula apparece sem ser precedida nem de erysipela nem de alguma outra inflammação, é preciso applicar debaixo do braço uma cataplasma de linhaça. Com este tratamento a glandula póde desaparecer; mas muitas vezes, apezar da cataplasma, a dôr e a inchação augmentão, a pelle fica vermelha e forma-se uma postema.

A *postema* do sovaco póde principiar, como acabamos de dizer, por uma *ingua*, ás vezes por um fruncho unico ou multiplice, outras vezes por uma inflammação profunda e extensa. O doente experimenta dôres latejantes, e, quando a suppuração está bem formada, sente um peso na parte inflaminada; depois o tumor fica molle e abre-se por si, ou é necessario abri-lo com uma lanceta. O tratamento é o seguinte: é preciso rapar o cabelo com uma navalha e applicar uma cataplasma de farinha de linhaça. Não se deve esperar a abertura espontanea da postema; é melhor sempre deixa-la abrir por um cirurgião, que fará esta pequena operação com todas as precauções que exige a vizinhança das importantes arterias e nervos que se achão nesta região. Se o doente quer esperar

a abertura espontanea da postema, fica então exposto a soffrer por muito mais tempo.

SPARADRAP, ou SPARADRAPO. Chamão-se *sparadrapos* tiras de panno, tafetá ou papel, uniformemente cobertas de algum emplasto. Empregão-se para conter approximadas as margens de alguma ferida, ou para o curativo das fontes. O emplasto simples e o emplasto diachylão empregão-se principalmente para a confeição dos sparadrapos. O *sparadrapo ordinario* é uma mistura de quatro partes de cera branca, duas de oleo de amendoas doces e uma de terebenthina, que se derretem juntamente e que se estendem sobre o panno de algodão.

SPASMO. *Vêja-se* ESPASMO, Vol. II, pag. 176.

STETHOSCOPIO. Instrumento empregado para explorar os diversos ruidos que existem no peito. *Vêja-se* AUSCULTAÇÃO, Vol. I, pag. 170.

STOMACHIDO. *Vêja-se* ESTOMACHICO, Vol. II, pag. 196.

STRABISMO. *Vêja-se* VESGO.

SUADOURO. Meio de provocar o suor. Consiste este meio em tomar um escaldapés com farinha de mostarda, beber duas a tres chicaras de chá da India, de sabugueiro ou de borragem, deitar-se depois na cama, cobrir-se com um cobertor de lã; a transpiração não tarda em apparecer. O suadouro emprega-se principalmente nas constipações, defluxos, catarrhos pulmonares: é um meio mui simples e mui effcaz no tratamento destas molestias.

SUBLIMADO. SUBLIMADO CORROSIVO ou DEUTO-CHLORURETO DE MERCURIO. Combinação de chloro com o mercurio. Acha-se no commercio em pedaços mais ou menos volumosos, solidos, pesados, circulares, concavos de um lado, convexos do outro; é branco, crystallizado em agulhas prismaticas, inalteravel ao ar, inodoro, de sabor caustico e metallico, soluvel na agua, alcool e ether.

É um dos mais violentos venenos: ingerido na dóse de 5 a 8 grãos, corroe as membranas do estomago, produz um calor acre e ardente na garganta

e na bocca do estomago, vomitos, dejecções alvinas, dôres atrozes, phenomenos nervosos e a morte. Quando se emprega como remedio, administra-se na dôse de $\frac{1}{4}$ ou $\frac{1}{8}$ de grão. Depois da ingestão desta fraca dôse, sentem-se ainda algumas colicas. O sublimado é empregado na syphilis, nas boubas e em algumas molestias da pelle. Trinta e dous até quarenta grãos curão os symptomas primitivos da syphilis. O sublimado é um dos medicamentos mercuriaes que menos frequentemente produzem a salivação.

Para o tratamento do *envenenamento* que pôde ser occasionado pelo sublimado, *veja-se* Vol. II, pag. 128.

SUCCINO. *Vêja-se* AMBAR AMARELLO, Vol. I, pag. 87.

SUDORIFICOS. Dá-se o nome de *sudorificos* ou *diaphoreticos* aos medicamentos que determinão o suor. Este effeito pôde ser produzido por um grande numero de substancias. A ingestão de uma grande porção d'agua quente é o meio sudorifico mais poderoso; porém de ordinario empregão-se como sudorificas as infusões das diversas plantas, cuja acção sobre a pelle tem sido bem reconhecida; estas plantas são: flôres de sabugueiro, folhas e flôres de borragem, chá da India, mate, gervão, caroba, periparoba ou caapeba, &c. Usão-se os sudorificos em um grande numero de molestias, como na constipação, nos dartos, na gota, nos rheumatismos, na syphilis, nas hydropisias, nas affecções catarhaes, &c.

SUFFOCAÇÃO. Muitas molestias diversas podem produzir este symptoma, que merece uma consideração diversa, conforme é mais ou menos contínuo ou só passageiro. No primeiro caso, depende quasi sempre de uma molestia aguda ou chronica de algum órgão contido no peito; no segundo, pôde não constituir mais que um accidente nervoso sem gravidade, e mais incommodo do que inquietante. Podendo só o medico distinguir os casos em que a

suffocação é um accidente nervoso e sem consequencia daquelles em que merece uma seria attenção, nunca, em semelhante caso, se deve deixar de recorrer ás suas luzes e ao seu zelo. Durante o periodo mesmo do accesso da suffocação, qualquer que seja a sua causa, dever-se-ha sempre, emquanto não chega o medico, tirar rapidamente todos os vestidos e todas as ligas que possam obstar a circulação e a respiração, pôr o doente em uma cadeira de braços ou sobre uma cama com o tronco levantado por meio de almofadas, permittir ao ar um livre accesso no quarto em que se achar o doente, metter-lhe os pés e as mãos em agua quente, dar-lhe a beber (se desejar) algumas colheres d'agua fria com assucar, com a addição de uma pouca d'agua de flôr de laranja, e applicar sinapismos nos pés. Dez gottas de ether sulfurico ingeridas com agua e assucar, a inspiração d'agua de Colonia ou de vinagre, podem tambem alliviar. Nas mulheres nervosas, affectadas de suffocação, obtem-se um bom resultado borrifando-se-lhes o rosto com algumas gottas d'agua fria.

SUFFUMIGIO. *Veja-se* FUMIGAÇÃO, Vol. II, pag. 294.

SULFATO DE MAGNESIA. *V.* SAL, V. III, p. 381.

SULFATO DE QUININA *Veja-se* V. III, p. 336.

SULFATO DE SODA. *Veja-se* SAL, Vol. III, pag. 383.

SUOR. *Veja-se* TRANSPIRAÇÃO.

SUPPOSITORIO. Medicamento ordinariamente solido, de fórma conica, do comprimento do dedo, destinado a ser introduzido e a demorar-se algum tempo no intestino recto. Preparão-se os suppositorios com mechas de fios cobertos de ceroto ou de algum unguento, ou com sabão, e manteiga de cacáo. Quando se emprega o sabão, corta-se esta substancia com uma faca em fórma de cone, e introduz-se no anus. O suppositorio de sabão serve como laxante.

SUPPRESSÃO. Existe suppressão de uma hemorragia, de um escorrimento habitual, quando esta hemorragia ou este escorrimento se suspende subitamente. É uma causa frequente de molestias.

A supressão das ourinas é a falta completa de secreção ou de excreção urinaria. (Veja-se RETENÇÃO DE OURINA, Vol. III, pag. 352.) Emquanto ás outras supressões, veja-se MENSTRUACÃO (Vol. III, pag. 40) e TRANSPIRAÇÃO.

SURDEZ. Perda mais ou menos completa do sentido do ouvido. Esta enfermidade é *congenial* ou *adquirida*.

§ I. Quando a criança nasce privada do sentido do ouvido, ou quando uma molestia a torna surda durante os primeiros tempos de sua vida, a mudez completa é a consequencia necessaria desta falta de audição. Diz-se então que a surdez é *congenial*, e toma o nome de *surdo-mudez*. Não é, por conseguinte, como se julgou durante muito tempo, porque a lingua dos surdo-mudos seja mal conformada que elles não tem o uso da palavra, porém sim porque a natureza lhes recusou a faculdade de ouvir. De ordinario a surdez de nascença reconhece por causa a paralyisia do nervo acustico, nervo especialmente destinado para a percepção dos sons, quer esta paralyisia tenha existido no momento em que a criança veio ao mundo, quer resulte, na primeira infancia, da inflammação do ouvido, das convulsões ou de alguma molestia do cerebro. As outras causas da surdez congenial são: a falta completa do conducto auditivo, sua obstrucção por pequenos polypos, ou concreções e vegetações diversas que existem no interior do ouvido.

A surdez congenial apresenta muitos grãos, que os medicos tem reduzido a cinco. No primeiro grão, a surdez não é bastante intensa para impedir a audição da falla; mas, para ser ouvida, a falla deve ser mais lenta, mais elevada, mais directa do que de costume. Este primeiro grão não traz após si uma mudez absoluta; mas a criança falla tão incompletamente como ouve. Nos outros quatro grãos de surdez, a falla é imperceptivel ou apenas perceptivel; mas importantes graduações distinguem cada um destes grãos. Assim, no segundo grão existe uma

simples audição da voz. No terceiro, o som é unicamente percebido. No quarto, os surdos ouvem só os ruidos. No quinto, a surdez é completa. Nestas diversas classes, quanto mais obtuso é o sentido do ouvido, tanto mais completa é a mudez. Na segunda, como na primeira, o ouvido é mui susceptível de melhoramento; é preciso, por conseguinte, exercita-lo. Entre as classes seguintes, podem muitos surdos ter esperança de chegar a condições melhores pelo tratamento. Das observações do Dr. Itard, que se tem especialmente occupado desta materia, resulta que a primeira classe comprehende apenas a quadragésima parte dos surdo-mudos; a segunda, pouco mais ou menos a trigesima; a terceira, a vigésima quarta; a quarta, os dous quintos, e a quinta, pouco mais da metade.

Muitos meios tem sido empregados para a cura da surdez de nascença, e, por consequencia, da mudez, que é o seu resultado. Quasi todos os ensaios tentados até hoje tem sido infructuosos. Assim, foi frequentemente empregada a electricidade e o galvanismo, e sempre sem resultado. Muitos medicos tem recorrido aos purgantes, aos emeticos, aos causticos, ás fontes, aos sedenhos; tem seringado substancias irritantes no conducto auditivo, tem empregado injeccões de ar ou de liquido pela trompa de Eustachio, abertura que faz communicar o interior do ouvido com a garganta: os casos em que o emprego destes diversos meios foi seguido de alguma diminuição de surdez devem ser considerados como excepções. A educação é o unico recurso para a generalidade dos surdos. Nas crianças cujo ouvido só está enfraquecido, é preciso cuidar-se em desenvolvê-lo; póde-se conseguir fazer-lhes ouvir e até repetir as palavras. Existem, para este fim, estabelecimentos particulares na Europa. Toda a arte consiste em exercer fortemente o orgão do ouvido, em vencer de alguma sorte sua preguiça nestes surdo-mudos que podem ouvir alguns sons. Principia-se por produzir sons mui fortes, cuja intensi-

dade vai-se diminuindo pouco a pouco: depois busca o medico tornar gradualmente perceptivel nos sons alguma cousa mais do que as variedades de intensidade. Mas, para se chegar a taes resultados, são necessarios esforços tão prodigiosos e tão constantes, já da parte do mestre, e já da do discipulo, que uma semelhante educação não pôde ser dada senão a um mui pequeno numero de individuos. E por isso, até agora pelos menos, a linguagem dos signaes inventada pelo Abbade de L'Épée, e aperfeiçoada por seus successores, é a que offerece aos surdo-mudos de nascença os meios de communição mais promptos, mais facéis e mais extensos.

§ II. A *surdez adquirida* pôde depender de causas mui variadas. Pôde ser occasionada pela inflamação aguda ou chronica do ouvido; é acompanhada então de um escorrimento de materia purulenta pelo conducto auditivo, e reclama o tratamento indicado na pagina 147 deste volume. As concreções ceruminosas accumuladas no conducto auditivo, os corpos estranhos nelle introduzidos, os polypos desenvolvidos no mesmo conducto, são tambem uma causa frequente da surdez. Quando se faz sua extracção, a faculdade de ouvir é de ordinario restabelecida.

A obliteração do conducto auditivo causa sempre diversos grãos de surdez: a faculdade de ouvir é só enfraquecida se uma membrana vem tapar o orificio do conducto; é, pelo contrário, inteiramente perdida se ha obliteração do mesmo conducto, quer em sua totalidade, quer em uma parte de sua extensão. Estas variedades de obliteração umas vezes vão além dos recursos da arte, outras vezes cedem a uma operação cirurgica.

O sentido do ouvido diminue ordinariamente no decurso e no fim das febres graves. É momentaneamente abolido na syncope, na gota coral, na catalepsia, na apoplexia; é pervertido, ou mais ou menos supprimido, na febre cerebral. A surdez complica certas affecções chronicas, taes como a

sypylis, as escrophulas; pôde resultar de superabundancia de sangue na economia, sobrevir em consequencia de uma suppressão dos menstros: foi observada como resultado da administração de certos medicamentos, do sulfato de quinina, por exemplo. Procede ás vezes da presença de vermes nos intestinos, da carie dentaria, da erysipela do rosto. Todas estas surdezes cedem naturalmente ao tratamento dirigido contra as molestias de que se originão, e apenas é necessario indicar que a sangria faz desaparecer uma surdez momentanea produzida pela superabundancia de sangue, que se deve lançar mão dos medicamentos vermifugos se se suppõe que a molestia procede da presença de vermes nos intestinos, e que é preciso recorrer aos antisypyliticos se a surdez é a consequencia de affecção venerea. Mas, de todas as surdezes adquiridas, a mais commum é a que depende da *paralysis do nervo acustico*.

A *paralysis do nervo acustico* pôde ser produzida por sua commoção resultando de pancada ou queda sobre a cabeça, ou então de uma queda sobre os pés, joelhos ou nadegas, que haja imprimido um violento estremecimento em todo o corpo. Uma bofetada é até ás vezes sufficiente para determina-la. Succede aos ruidos violentos e subitos, taes como os estrondos do trovão, a explosão das peças de artilharia, de uma mina ou de um armazem de polvora. As molestias do cerebro tornão-se tambem causas de uma surdez que persiste depois de terem ellas cessado; assim, as crianças podem ser affectadas della depois das convulsões, e todos os individuos depois da inflammação do cerebro ou depois da apoplexia. Emfim, em muitos casos, a *paralysis do nervo* não é precedida de nenhuma dessas affecções, e parece consistir em uma fraqueza essencial e progressiva deste orgão.

Quando a surdez é effeito de violentas commoções cerebraes, é ordinariamente subita. Em outros casos, desenvolve-se quasi sempre lenta e progressivamente.

As pessoas que experimentão naturalmente difficuldade em seguir uma conversação geral, ou que pelo menor ruido ou pela mistura de algumas outras vozes perdem o fio de um discurso que captivava a sua attenção, são mais dispostas do que outras a ficarem surdas. Esta fraqueza da audição é o primeiro symptoma pelo qual principia a surdez que sobrevem gradualmente. Ajuntão-se-lhe zunidos, dôr de cabeça e enfraquecimento da memoria. Em todos os casos, a surdez augmenta mais ou menos rapidamente, permanece ás vezes estacionaria, cresce na velhice, nas épocas menstruaes, debaixo da influencia das affecções moraes tristes, das comidas mui copiosas, do correr, e principalmente da do frio humido; diminue, pelo contrario, nas circumstancias oppostas.

Não é raro ver-se a insensibilidade do nervo acustico estender-se ao pavilhão da orelha, ás fontes, aos tegumentos do pescoço, a ponto de tornar estas partes insensiveis á acção dos instrumentos cortantes. Ás vezes a membrana que cobre o conducto auditivo cessa de segregar cerumen, toma o aspecto da pelle, e cobre-se de um epiderme secco e farinaceo.

Por fortes excitantes é que se deve tentar a cura da surdez produzida pela paralyisia do nervo auditivo. Em vão tem os medicos ensaiado a electricidade e o galvanismo; os meios de que se tem tirado maiores vantagens são: as fontes abertas na vizinhança da orelha, os causticos, os sedenhos na nuca, as vaporisações de ether, de enxofre, dirigidas ao conducto auditivo; o uso interno da infusão de arnica, de valeriana, de café, de chá, e das preparações ferreas; os banhos frios, os do mar principalmente; emfim, tem-se recorrido ás injecções de diversos liquidos ou fluidos aeriformes, ou mesmo de ar, no interior do ouvido.

Como não se póde sempre curar a surdez, e como ella é raras vezes completa, os medicos tem-se occupado dos meios de concentrar e de augmentar os

sons, dirigindo-os ao ouvido. Instrumentos tem sido imaginados para este effeito: chamão-se trombetas acusticas. Ha dellas um grande numero, de fórmãs e de dimensões diversas; mas todas se reduzem a cylindros oucos, de prata, cobre ou folha de Flandres, estreitados em uma de suas extremidades e dilatados em outra, ás vezes enroscados em espiral no seu centro e interrompidos por um ou dous septos de pellica. Por mais variadas que sejam as trombetas acusticas, as modificações individuaes da sensibilidade auditiva nos surdos são mais differentes ainda. Sendo apresentada uma pessoa affectada de surdez incompleta, é impossivel determinar-se para logo que genero de instrumento lhe convirá melhor. É preciso quasi sempre ensaiar um certo numero delles antes de encontrar o que produz melhores effeitos, como se faz quando se trata de escolher oculos para as pessoas que tem a vista curta.

SURUCURA. (*Begonia hirtella*, Link.) Planta do Brasil. Caule de 1 a 2 pés, liso, verde ou amarelado, cheio de um succo acido, folhas cordiformes de sabor de azedas, flôr pequena, branca amarelada. O cozimento de surucura emprega-se em clysteres contra a dysenteria e diarrhéa; prepara-se com uma onça de folhas de surucura e duas chcaras d'agua. O sumo de surucura toma-se pela bocca, nos mesmos casos, na dóse de duas a quatro colheres de sopa por dia.

SUSPENSORIO. Assim se chama um aparelho particular destinado a levantar o escroto nos individuos affectados de differentes molestias deste orgão. O suspensorio consiste em uma especie de sacco de brim, panno de algodão ou de tecido de ponto de meia, no qual o escroto se acha fechado exactamente, sem comtudo ficar comprimido; este sacco é mantido por cadaços que se fixão na cinta, suspendem o escroto e impedem que, entregue a seu proprio peso, penda entre as pernas.

O suspensorio é util em muitas circumstancias,

como no esquentamento, para prevenir a inflamação dos testiculos, no varicole, sarcocele, erysipela do escroto, e nas pessoas que, não tendo inchaço nenhum no escroto, montão frequentemente a cavallo. Finalmente, o suspensorio não serve sómente para os individuos que soffrem alguma molestia do escroto, mas é tambem vantajoso para prevenir as contusões, as compressões dos testiculos quando o escroto está comprido e relaxado, como acontece no tempo quente.

SYMPTOMA. Chamão-se *symptomas* os diversos phenomenos que sobrevém n'uma molestia. Pela reunião e successão dos *symptomas* é que se conhece a molestia. Não se deve confundir o *signal* com o *symptoma*: o *signal* é uma conclusão que o espirito tira dos *symptomas* observados pelos sentidos; o *signal* pertence mais ao juizo, e o *symptoma* aos sentidos. Entretanto, muitas vezes a palavra *signal* é empregada como synonyma de *symptoma*.

SYNCOPE. *Vêja-se* DESMAYO. Vol. II, pag. 37.

SYPHILIS. *Syphilis, mal syphilitico, mal venereo, gallico,* taes são os diversos nomes de uma molestia caracterisada por varios *symptomas* de que nos vamos occupar no presente artigo. Esta molestia é eminentemente contagiosa, e depende de um virus, cuja natureza intima, como a de todos os outros virus, não é conhecida, mas cuja influencia deleteria se manifesta sufficientemente na economia, pelos diversos effeitos que occasiona. Transmite-se mais ordinariamente pela approximação dos sexos; mas contrahe-se tambem por qualquer outra especie de contacto immediato, comtanto que as partes que correm este risco sejam simplesmente cobertas de membrana mucosa, como a glande, os labios, etc., ou então que, sendo cobertas pela pelle, esta ultima se ache despida do seu epiderme por qualquer ferida. Resultão disto mui frequentes exemplos de semelhantes molestias contrahidas pela amamentação, por beijos, ou pela applicação da materia virulenta nos olhos, ventas, anus, e até nos dedos,

quando nelles existem esfoladuras. Um copo, uma colher, um cachimho, communs a muitos individuos, podem desta maneira communicar a molestia: o mesmo se entende com o apertar a mão; mas é preciso que o objecto esteja impregnado de materia virulenta para que aconteça esta desgraça.

Os primeiros autores que descrevêrão os effeitos deste contagio debaixo do nome de syphilis datão do fim do XV seculo. Nesta época este mal, que provavelmente ha existido em todos os tempos, parece ter tomado um aspecto tão violento, que todas as classes da sociedade sériamente se assustárão delle. Depois de terem feito muitas conjecturas sobre a origem deste flagello, a grande maioria dos medicos e dos historiadores adoptou a opinião emitida por Gonzalves Fernandez de Oviedo, que a attribuia aos indigenas das Antilhas. Segundo este historiador, os companheiros de Christovão Colombo, desembarcados no reino de Napoles em 1495, forão os que ahí espalhárão esta molestia. Em 1496, o exercito francez fôra inficionada da syphilis na sitio de Napoles, segundo refere outro aut Coradin Gilini, e communicára por toda a Europa a molestia, que em muitas linguas recebeu o nome de *gallico* ou *mal francez*, bem que os Francezes ao principio a chamavão *mal italiano* ou *mal de Napoles*. Esta opinião, dizemos, foi quasi geralmente admitida na Europa. Mas os autores que se tem occupado deste pontode historia tem restringido muito a questão não investigando senão o que é relativo á importação ou á diffusão da molestia. Não se trata aqui desaber quando é que a syphilis appareceu na Europa; o que cumpre é conhecer como ella se desenvolveu. Quando se chegasse a fixar de uma maneira positiva seu itinerario, suppondo-se, por exemplo, que effectivamente foi da America para a Europa, restaria ainda a decidir como se produzira na America, isto é, seria necessario propôr-se esta questão: qual foi o principio ou a causa da syphilis? Esta questão provavelmente nunca será resolvida. Mas relativamente á

origem da syphilis, é provavel que esta molestia tenha existido desde o começo do mundo e em toda a parte ao mesmo tempo. Porquanto, se n'um momento se apresentou com tal frequencia que se podia crer na invasão recente de uma affecção até então ignorada, depende isso de um certo numero de circumstancias difficeis de penetrar, mas sobretudo de se ter então fixado mais a attenção sobre esta molestia. Ha com effeito provas que a syphilis existia desde os tempos mais antigos entre os Judeos, Gregos e Romanos : estas provas são : 1.º algumas passagens do livro de Moysés, em que este legislador recommenda as purificações por causa de escorrimentos de um e de outro sexo; 2.º as obras de muitos medicos antigos, e principalmente as de Hippocrates e de Celso, que descreve oito especies de ulceras das partes genitae; 3.º finalmente diversos documentos historicos, taes como muitos regulamentos relativos ás casas de alcouce, todos de uma data mui anterior á descoberta da America. Sobrão autores para corroborarem esta opinião, que já tem por si muito de racional á primeira vista.

Os *symptomas* da syphilis são *primitivos* ou *consecutivos*. Os *primitivos* são os que se declaram poucos dias depois de terem sido communicadas, e que se mostram nas partes em que o virus foi applicado: taes são os cavallos, as mulas, os esquentamentos, e ás vezes diversas excrescencias que se desenvolvem nas partes genitae. Quando estes *symptomas* se tem espontaneamente dissipado, ou quando o seu tratamento foi incompleto, resultão disso frequentemente, *symptomas consecutivos*; sua reunião fórma uma *molestia syphilitica constitucional*. Podem patenciar-se alguns mezes ou até alguns annos depois da cura da molestia primitiva. Estes *symptomas* são : ulceras que tornão a apparecer nas partes sexuaes, ou que sobrevem na garganta, nos beiços, nas ventas, no céo da bocca, nas pernas ou nos braços; feridas na vizinhança do anus que entretém a humidade nesta parte; excrescencias,

vegetações nas partes genitaeas ou em roda do anus, differentes erupções cutaneas, dôres nocturnas nos ossos, tumores que se desenvolvem nos mesmos órgãos; a quéda do cabello. das unhas; os zunidos de ouvidos, a surdez; e enfim um grande numero de outros symptomas, que são os effectos de uma infecção geral mais ou menos antiga. Demoremo-nos um pouco sobre cada um destes symptomas.

SYMPTOMAS DE SYPHILIS RECENTE OU LEVE. 1.º *Esquentamento, Purgação, Bleorrhagia ou Gonorrhœa.* Esta molestia é caracterisada por um escorrimento mucoso, puriforme, que provém do canal da uretra no homem, ou da vagina na mulher, e que é acompanhado do calor, de ardor excessivo, sobretudoo durante a emissão das ourinas.

2.º *Cavillos ou Cancros venereos.* Pequenas ulcerações syphiliticas, que principião commummente por pequenas nodoas vermelhas que causão uma comichão incommoda, e que se transformão logo em um pequeno botão. O apice deste botão fica branco, torna-se transparente, abre-se e deixa sahír um liquido claro. Pouco a pouco a ulceração se cava, deixa sahír uma materia purulenta, viscosa, fetida, e mui virulenta, e se transforma em verdadeiro cavallo. Os lugares em que este symptoma se manifesta mais frequentemente são, no homem, a glande e o prepucio, e na mulher, a face interna da vulva. Os cavallos podem ás vezes apparecer nos beiços, nas margens do anus, no bico do peito, na bocca, e até na pelle do escroto e do membro viril, quando estas partes estiverão em contacto immediato com o virus. Os cavallos tem caracteres particulares que servem para distinguí-los das ulcerações não syphiliticas que se podem encontrar nos órgãos genitaeas: sua superficie é de côr parda ou amarellada, suas margens são vermelhas e cortadas perpendicularmente.

3.º *Mula ou Bubão.* O bubão é um tumor mais ou menos consideravel, formado pelo engurgitamento das glandulas lymphaticas da virilha.

Estes tres symptomas forão já descriptos em artigos separados; referimo-nos, por consequente, ás pa-

lavras Esquentamento, Cavallos, Mula, e passamos a outros symptomas da syphilis recente, de que ainda não se tratou nesta obra.

4.º *Phimosi*s. Existe phimosi todas as vezes que o prepucio, estreitado na sua abertura por uma causa qualquer, não póde ser puxado para trás afim de descobrir a glande. Este estado póde ser resultado de uma conformação natural, e então não constitue molestia; mas póde tambem ser accidentalmente produzido pela inflamação da parte que reconhece commummente o virus syphilitico por causa. É ordinariamente occasionado por esquentamento ou por cavallos do prepucio e da glande, os quaes determinão a inchação de um destes dous orgãos, e ás vezes de ambos.

Quando o phimosi é acompanhado de pouca inflamação, não é necessario que os cavallos estejam descobertos para se obter a sua cura; basta fazer-se injecções de decocção de linhaça entre a glande e o prepucio, afim de se expellir a suppuração; e finalmente empregar-se-hão banhos, bebidas refrigerantes, um regimen vegetal, conjunctamente com o tratamento mercurial interno. Será, além disto, vantajoso que se banhe frequentemente o membro doente, e que seja elle mantido applicado contra o ventre, afim de favorecer a volta dos liquidos, e será preciso envolvê-lo em cataplasma de farinha de linhaça.

A mesma marcha deve ser seguida no principio quando a inflamação fôr pouco activa; mas os symptomas são ás vezes tão intensos que exigem a sangria do braço, ou ao menos a applicação de algumas bichas no anus ou no baixo-ventre. Nunca se devem applicar as bichas no proprio lugar inflamado, porque então a irritação em vez de diminnir, augmentaria.

Quando, apesar de todas estas precauções, a inflamação augmenta cada vez mais, chegando ás vezes a tal gráo de violencia que occasiona dôres horriveis, então o cirurgião faz cessar o extremo

aperto do prepucio, dividindo-o longitudinalmente com o bisturi, e deste modo faz desaparecer os accidentes. Cura-se depois a ferida com ceroto ou com unguento mercurial.

5.º *Paraphimosis*. O *paraphimosis* é absolutamente o contrario do *phimosis*: tem lugar quando o prepucio não póde cobrir a glande. Este accidente sobrevem ás vezes a individuos sãos que, tendo a glande habitualmente coberta, descobrem-na, ou por curiosidade, ou para fazerem lavatorios, e esperão longo tempo para reconduzirem as partes a seu estado natural; a glande então incha e torna-se mui volumosa para poder passar de novo pela abertura estreita do prepucio. Este accidente póde tambem ter lugar durante os esforços do coito, sobretudo com uma virgem. Assim, alguns recém-casados podem contrahir um *paraphimosis* na primeira noite de suas bodas. Pessoas tem havido tão ignorantes que tem accusado injustamente, por esta causa, suas esposas de lhes terem communicado uma molestia *syphilitica*. Mas o *paraphimosis* é tambem produzido pela presença de cavallos na glande, e principalmente pela propagação da inflammação que existe na uretra quando este canal está affectado de *blennorrhagia*.

Qualquer que seja a causa do *paraphimosis*, eis-aqui as consequencias deste accidente. A aberdura do prepucio, applicada circularmente sobre o membro viril, aperta fortemente este orgão e causa um obstaculo não só á circulação do sangue da glande, mas ainda á do da membrana interna do mesmo prepucio, que incha e forma muitos anneis desiguaes, vermelhos, luzidios. A glande torna-se tambem vermelha e luzidia, todas as partes ficão mui dolorosas; os cavallos, se existem, augmentão e inflammão-se. Quando a constricção é pouco consideravel, a vermelhidão e a dôr desaparecem ás vezes; então existe só a inchação da membrana interna do prepucio, e neste estado ficão as cousas por tanto tempo quanta fôr a demora em se acodir ao para-

phimosis; mas de ordinario o prepucio e a glande se inflammão, o doente experimenta anxiedade, agitação e dôres vivas, que não cessão senão quando a gangrena tem destruido o prepucio e seu freio. Depois da quêda das partes mortificadas, a pelle se cicatriza pouco a pouco, e como felizmente é mui rara a gangrena da glande, o doente se acha, depois da cura, reduzido ao estado de um homem em quem se tenha praticado a operação da circumcisão, isto é, fica com a glande sempre descoberta.

Para prevenir estes accidentes, o doente deve recorrer immediatamente a um cirurgião, que reduzirá o prepucio da maneira seguinte: Estando o doente de pé e encostado a uma parede, o operador applica o dedo indicador de cada mão atrás da glande e puxa a pelle do prepucio para diante, entretanto que os dous dedos pollegares, firmados sobre a glande, a repellem para trás. Ao mesmo tempo outra pessoa deita continuamente agua fria sobre a glande. A reduçãõ se faz de ordinario com facilidade; mas ás vezes são necessarios bastantes esforços. Uma vez restabelecidas as partes nas suas relações naturaes, o doente experimenta um allivio prompto, a inchação e todos os accidentes desaparecem, e tudo entra no estado normal. Se existem cavallos e outros symptomas venereos, recobráõ uma marcha mais regular; apenas é necessario ajudar-se a cura, que se obtem em alguns dias, pelos lavatorios emollientes e pela posição do membro viril, que deve ser applicado contra o ventre. Quando, enfim, a inflammação estiver acalmada, convem continuar o tratamento anti-venereo interno, se existem cavallos ou alguns outros symptomas venereos.

6.º *Pustulas syphiliticas primitivas.* São excrescencias humidas, largas, chatas, de côr vermelha mais ou menos escura, arredondadas, de extensão de tres a seis linhas, e cuja superficie dá um fluido viscoso assaz abundante. Sobravem nas partes genitae, seis ou oito dias depois de um coito im-

puro; mas ás vezes não apparecem senão depois de quinze dias, ou mesmo depois de um mez. Curão-se da mesma maneira que os cavallos.

SYMPTOMAS DE SYPHILIS CONSECUTIVA. — 1.º *Ulceras.* Estas ulcers, que apparecem quasi sempre longe do lugar que occupavão os symptomas primitivos da infecção, se declarão, quando cedo, algumas semanas depois da cura destes ultimos: as mais das vezes só depois de muitos mezes, e até de muitos annos. Encontrão-se na garganta, no interior das faces, na lingua, nas ventas e nos membros. As partes genitales, séde ordinaria dos cavallos primitivos, não são entretanto sempre isentas dellas. Acima dissemos que os cavallos *primitivos* são sempre ocasionados por uma materia contagiosa vinda de fóra e applicada á parte em que estes cavallos se desenvolvem: pelo contrario as ulcers venereas *consecutivas* dependem constantemente de uma infecção interna, constitucional, isto é, derramada em toda a economia. Estas ulcers são semelhantes em geral, aos cavallos primitivos. Como elles, principião ordinariamente por uma nodoa vermelha, que incha e se abre, ou por excociações que se estendem, se cavão e tomão emfim os caracteres syphiliticos. Sua superficie é desigual, de côr parda mais ou menos escura, ou amarellada. Sua circumferencia é orlada por uma vermelhidão erysipelatososa. São mais ou menos redondos, profundos, e mais ou menos extensos. Suas margens são duras, engorgitadas e cortadas perpendicularmente.

Todas as ulcers syphiliticas consecutivas reclamão um tratamento interno de que fallaremos logo. Quanto ao tratamento externo, que nunca deve ser considerado senão como accessorio, varia conforme o grão de inflammação da ulcera. Se a inflammação é mui activa, são indicadas as applicações emollientes, taes como gargarejos de leite, de cevada com mel rosado, para as ulcers da bocca; cataplasmas de farinha de linhaça para as ulcers

dos membros; mais tarde convem toca-las de espaço em espaço com pedra infernal, e cura-las com unguentos estimulantes ou com fios molhados em agua de Labarraque.

2.º *Rhagadias* ou *Gretas*. Assim se chamão pequenas ulceras compridas e estreitas que mais frequentemente tem sua séde nos intersticios das rugas do anus; neste caso, incommodão o doente a ponto de não poder elle andar, sentar-se, montar a cavallo. Raras vezes estas rachas resistem á administração methodica do tratamento interno, ajudado dos cuidados do asseio e da applicação da pomada mercurial. Se são muito dolorosas, curão-se com ceroto opiáceo; insiste-se no uso dos banhos, e entretém-se o ventre livre por meio de clysteres emollientes. Quando a cura deste symptoma venereo é retardada pelo estado da indolencia das superficies ulceradas, póde-se estimular-las tocando-as com pedra infernal.

Bem que em geral as rhagadias sejam accidentes consecutivos da molestia venerea, existem entretanto casos em que são resultado de uma affecção recentemente contrahida pela applicação immediata do virus sobre o lugar affectado. Encontrão-se principalmente entre as pessoas a quem a depravação dos costumes inspira gostos contrarios ao fim da natureza. Neste caso, a affecção deve ser assemelhada aos outros signaes primitivos da syphilis, e exige um tratamento antisiphilitico mais brando. O doente deve tambem submeter-se aos mesmos cuidados de asseio e aos mesmos curativos que para as rhagadias consecutivas: mas, querendo-se seriamente obter a cura desta molestia, será preciso tambem renunciar para sempre as vergonhosas praticas que a occasionarão.

Sobrevem ás vezes entre os dedos e na palma das mãos, na sola dos pés, entre os dedos dos pés e no escroto, rachas venereas que tem tambem o nome de rhagadias. São de ordinario menos dolorosas e

menos incommodas do que as do anus. O tratamento geral deve ser exactamente semelhante para todas estas ulceras, qualquer que seja o lugar em que se manifestem. Os curativos locais consistem em pequenas mechas de fios molhados n'uma decocção de linhaça, á qual se ajunta no fim do tratamento uma maior ou menor quantidade d'agua de Labarraque; estas mechas se applicão entre as margens das ulceras.

3.º *Pustulas syphiliticas consecutivas*. Estas pustulas se reconhecem por botões e outros pequenos tumores que se desenvolvem principalmente na pelle do tronco e dos membros, e tem, pela maior parte, a côr roxa do cobre; algumas são cobertas de crostas que se soltão, cahem, e são substituidas por outras. Apresentão-se de baixo de fórmias mui variadas, e não ha effectivamente quasi nenhuma affecção cutanea á qual não possam ser ás vezes semelhantes. Só o medico pôde distinguir as que dependem do virus syphilitico das que devem ser attribuidas a uma simples affecção dartrosa.

4.º *Dartros venereos*. São empigens de fórmula e de aspecto mui variados, que ás vezes não podem ser mui facilmente distinguidas das affecções não syphiliticas da pelle, pois que não apresentam sempre caracteres especificos. A duvida pôde ser tirada pela existencia precedente da molestia syphilitica, pela maneira incompleta com que esta foi tratada, ou, pela coexistencia de outros signaes de infecção mais positivos, taes como as dôres nocturnas, tumores nos ossos, ulceras, etc.

5.º *Manchas ou Nodas syphiliticas*. Esta mudança da côr natural da pelle é muito semelhante á que é determinada, em certas mulheres, pelo estado de prenhez. É devida á existencia do virus syphilitico, que obra por muito tempo sobre o organismo. Estas manchas são de uma côr de cobre, amarellas-roxas ou côr de café com leite, frequentemente mais escuras na circumferencia do que no centro. São brandas ao tacto, quando existem ha muito

tempo, despegão-se dellas pequenas escamas furfuracaes. Não offerecem todavia character algum especifico e exclusivo que as possa fazer distinguir com certeza das que dependem de uma simples disposição dartrosa. Entretanto, quanto mais escura fôr sua côr, tanto mais consideradas devem ser como dependentes da infecção venerea, sem comtudo se desprezarem as outras circumstancias que possam remover todas as duvidas, taes como a affecção syphilitica primitiva que existia e que foi mal curada, e a presença de outros symptomas syphiliticos sobre cuja natureza haja menos incerteza. As manchas syphiliticas se dissipão tanto mais facilmente pelo uso dos anti-venereos geraes e de banhos mornos repetidos, quanto menos antigas são. Se resistem, pôde-se esperar o seu desaparecimento pelo uso dos banhos d'agua do mar e das fricções com pomadas sulfurosas.

6.º *Vegetações syphiliticas.* Assim se chamão pequenos tumores que se desenvolvem nos órgãos genitales em consequencia da influencia do virus venereo. Sua séde mais ordinaria é nas membranas mucosas: assim, encontrão-se na glande e na face interna do prepucio; ás vezes mostrão-se no canal da uretra, perto do seu orificio. O que tem de mais singular estes pequenos tumores é que o seu apice apresenta quasi sempre sulcos que os dividem em muitas separações, e que lhes fizerão dar o nome de *verrugas* quando são pequenos, e os de *couve-flôres* e *esponjas* quando tem maior volume. As verrugas são mais brancas do que a parte sobre que se desenvolvem. As couve-flôres são de côr mui vermelha. Todos as vegetações são, em geral, pouco dolorosas, salvo nos casos em que são irritadas por fricções imprudentes, por applicações causticas, ou então por tracções repetidas feitas para arranca-las.

Em muitos casos, as vegetações indicão uma infecção antiga e se manifestão muitos mezes e até muitos annos depois dos cavallos ou de outros symptomas primitivos; ha entretanto exemplo de

sobrevirem quinze dias ou um mez depois do coito suspeito. Comtudo, a molestia nem por isso deixa de exigir o uso do mercurio; mas o medicamento deve ser proporcionado á antiguidade e á extensão do symptoma.

Mas os symptomas de que fallamos não são sempre de natureza syphilitica. Em certos casos, sobrevem, nas mesmas regiões, vegetações que offerecem fôrmas semelhantes, bem que não possam ser attribuidas senão a causas estranhas ao contagio venereo. As pessoas mais sãs e que nunca tiverão a molestia syphilitica podem ser dellas affectadas. Resulta disto, até para o medico, uma grande perplexidade quando é chamado a pronunciar-se definitivamente sobre a natureza real deste symptoma. Sómente as circumstancias anteriores podem dirigir o seu juizo. Se o doente diz que nunca foi affectado de syphilis, ou que se a teve, foi tratado segundo os preceitos da arte, não ha duvida de que suas vegetações sejam estranhas ao virus. Mas se os cavallos de que foi affectado precedentemente forão sómente cauterisados e não curados pelo tratamento antisiphilitico interno, ou se com as vegetações existem outros symptomas venereos, póde-se deduzir que estas vegetações são da mesma natureza venerea.

Quando, emfim, as vegetações fõrem reconhecidas syphiliticas, é preciso que o doente se submetta ao uso dos medicamentos mercuriaes. Durante este tratamento, os tumores muitas vezes se descorão, murchão e cahem sem que seja necessario fazer-se uso de applicação alguma local. Mas quando persistem, bem que o tratamento interno chegue ao fim, é indispensavel que se recorra a uma medicação directa. Esta medicação consiste no emprego de um dos meios seguintes: 1.º, applicações d'agua de Goulard ou d'agua salgada; 2.º, cauterisação com pedra infernal; 3.º, laqueação com um fio; 4.º arrancadura; 5.º, excisão. Qualquer que seja o methodo adoptado para destruir as vegetações syphiliticas, é mister saber que ellas tem, como as que depen-

dem de outra causa, uma tendencia particular para apparecerem de novo. Os doentes nunca devem, neste caso, dar-se a novos tratamentos anti-venereos, pois que a molestia é só local, e deve ser exclusivamente tratada pelos meios externos que acabamos de indicar.

As vegetações que não são syphiliticas não reclamão tratamento algum interno; é preciso limitar-se ao uso de banhos; e se não cahirem por si no fim de certo tempo, cumpre recorrer a um dos meios acima referidos.

7.º Além das vegetações, desenvolvem-se tambem perto do orificio do anus *excrescencias syphiliticas* que tem fórmias variadas. Quando são longitudinaes e achatadas e entre as duas uadegas, chamão-se *condylomas*. Quando são sulcadas por fendas transversaes, designão-se pelo nome de *crista-de-gallo*. Em geral, estes symptomas dependem quasi sempre de um vicio interno mais ou menos inveterado, mas podem tambem manifestar-se como phenomenos primitivos de infecção, quando a região do anus tem sido posta em contacto com o virus. Estes tumores são de ordinario pouco dolorosos, bem que sejam de uma côr mais viva do que a pelle ou a membrana mucosa sobre a qual se mostrão. Às vezes, entretanto, adquirem uma grande sensibilidade, tornão-se de uma côr vermelha muito mais animada, e deixão sahir da sua superficie um fluido mucoso, e mais ou menos fetido. Este estado de irritação é sobretudo provocado por grandes fadigas e marchas forçadas. Os condylomas incommodão singularmente os doentes durante o andar, a equitação, e tornão ás vezes mui penosa a funcção de defecação.

O tratamento mercurial interno é igualmente tão applicavel ás excrescencias syphiliticas como aos outros symptomas consecutivos. Ao mesmo tempo fazem-se unturas, de manhã e de tarde, sobre ellas com unguento mercurial. Mas se são dolorosos e mui vermelhas, antes de se lançar mão desta applicação local convém primeiro acalmar a irritação com

banhos mornos, cataplasmas de farinha de linhaça e unturas de ceroto opiaceo. Às vezes até é preciso applicar algumas bichas no anus. Se no fim de dous mezes de tratamento mercurial interno as excrescencias de que tratamos não desapparecem, é necessario destrui-las pela cauterisação ou excisão.

8.º *Dôres osteocopas.* O virus syphilitico, depois de se ter demorado mais ou menos tempo na economia animal, annuncia frequentemente sua presença atacando os ossos, que se tornão a séde de dôres e de tumefacções mais ou menos consideraveis. Este virus podem tambem determinar dôres nos musculos ás quaes é inteiramente applicavel tudo o que fôr dito neste paragrapho. As dôres osteocopas (tal é o seu nome) apresentam de particular, o serem mais vivas no fim do dia e durante as tres ou quatro primeiras horas da noite do que em todos os outros momentos. Esta circumstancia, junta á sua resistencia obstinada aos meios ordinarios, as fará facilmente distinguir das dôres rheumatismaes e sciaticas: estas com effeito, em vez de serem augmentadas pelo calor da cama como as devidas á syphilis, perdem, pelo contrario, neste caso, quasi sempre sua força, e acabão até por dar algum repouso aos doentes. Entretanto, o medico não pôde julgar exclusivamente, só por este unico character da natureza das dôres, pois que alguns factos tem demonstrado que as que são evidentemente venereas são ás vezes tão violentas de dia como de noite, emquanto que as dôres rheumatismaes, longe de se acalmarem, como lhes é ordinario, pelo calor da cama, adquirem nella, pelo contrario, maior intensidade. O medico, por consequente, nunca se refere ao que um primeiro exame lhe tem suggerido, e indaga se não existem outros symptomas syphiliticos que possão dissipar a incerteza; e aqui é o momento de dizer que, em muitas circumstancias achão-se ao mesmo tempo no individuo affectado de dôres osteocopas, pustulas, ulceras consecutivas, exostoses

e outros signaes de infecção mui proprios para caracterisarem a natureza da molestia. Com tudo isso, não se deve crer que as excepções de que acabamos de fallar, e que é bom que sempre se conheção, sejam bastante communs para destruir a importancia que com justiça se dá a este character das dôres venereas dos ossos, de serem principalmente sentidas durante a noite. Diremos até que este symptoma é frequentemente mui util, para os medicos, quando tem de caracterisar as ulcerações de garganta e outras affecções determinadas pelo mesmo virus, e cuja origem sem elle teria sido ainda longo tempo ignorada.

As dôres venereas atacão particularmente os ossos dos membros e os do craneo. Bem que ordinariamente fixas sobre tal ou tal parte do corpo, são entretanto susceptiveis de mudar de lugar para passarem a outras regiões. Muitas vezes existem sem alteração apparente dos ossos; mas, em alguns casos, estes ossos inchão e apresentam tumores chamados *exostoses*. Habitualmente estas dôres são tão leves, tão vagas durante o dia, que os doentes sentem-nas apenas, e se entregão ás suas occupações. Mas logo que se põe o sol, ás vezes um pouco mais tarde, as dôres principião a despertar-se, e tomão um crescimento progressivo até a meia noite, pouco mais ou menos. Então são lancinantes, atrozes, e arrancão gritos de desesperação ao doente durante muitas horas. A aurora traz uma diminuição aos soffrimentos, e o somno volta com os primeiros raios do sol, instante em que são commummente quasi nullas. Comtudo, nem todos os casos são tão graves.

As dôres syphiliticas dos ossos cedem, de ordinario, mui facilmente á acção do tratamento anti-venereo geral, e especialmente daquelle cuja base é o sublimado e o cozimento de salsaparrilha. Fallaremos disto mais abaixo, quando descrevermos o tratamento geral da syphilis. A este tratamento pôde-se accrescentar algum calmante para diminuir a violencia dos soffrimentos tanto quanto fôr possivel.

Tal é o opio tomado ao principio na dôse de meio grão ao deitar-se, e depois na dôse de 1, 2, 4 e mais grãos, progressivamente. Se o opio não produz o effeito desejado, recorre-se ao acetato de morphina na dôse de meio a um grão, ou ao xarope de thridacio na dôse de uma a duas onças, sempre ao deitar-se. Mas, quaesquer que sejam os meios desta natureza que se ponthão em uso, não deve o doente esperar que se extingua logo totalmente as vivas dôres que experimenta. Tem duas ou tres horas de repouso, depois do que é de novo atormentado. Entretanto, esta pequena vantagem o tranquillisa, faz-lhe ter paciencia, e, durante este tempo, o tratamento anti-venereo, o verdadeiro e unico calmante cujos effeitos são duraveis contra os soffrimentos desta especie, adianta-se e acaba por destruir irrevogavelmente sua causa primaria.

Mui frequentemente a medicação especifica, ajudada pelos fracos auxiliares que acabão de ser mencionados, basta para acalmar as dôres e prevenir a sua volta pela destruição completa do virus que as tem produzido, sem que seja necessario recorrer-se a nenhum tratamento local. Todavia, ha circumstancias em que as applicações immediatas podem ser de grande socorro. Isto acontece quando as dôres são violentas, intoleraveis, e sobretudo quando tardão muito em serem influidas de uma maneira vantajosa pelo emprego dos remedios acima indicados. Os meios que se tem mostrado mais uteis neste caso são as cataplasmas de farinha de linhaça borrifadas com laudano, as fricções com balsamo tranquillo, os sinapismos, as bichas e os causticos.

9.º *Exostoses, Tumores gommosos, Caries* de natureza syphilitica. As *exostoses venereas* são tumores formados pela inchação total ou parcial dos ossos em certos individuos affectados de syphilis consecutiva. São duras, sem alteração da côr natural da pelle, e ordinariamente pouco dolorosas ou sem dôr alguma; são immoveis e adherem fortemente ao osso.

Os tumores gommosos, ou simplesmente *gommas*, são também especies de exostoses, porém muito mais molles que os precedentes. Formão-se não sómente sobre os ossos, mas também nos musculos, debaixo da pelle; contém uma materia viscosa, transparente, comparavel á solução de gomma arabica. Resolvem-se ás vezes mui promptamente pelo unico beneficio do tratamento mercurial; outras vezes abrem-se e deixão sahir a materia que contém. As ulceras que resultão destas aberturas curão-se como os outros symptomas venereos.

A *carie venerea* reclama o tratamento antisiphilitico interno, ajudado dos meios indicados nesta affecção, quando é simples.

10.º A *quêda do cabello* é assaz commumente um symptoma da infecção venerea chegada a seu ultimo grão. Quando não se previnem os seus progressos, é acompanhada da quêda das sobrançelhas, das pestanas, da barba e dos pellos das outras partes do corpo. Esta molestia exige o mais prompto emprego dos mercuriaes, ajudados dos meios locais indicados nas *calvicies* que dependem de outras causas.


11.º A *surdez*, e até os simples *zuidos dos ouvidos*, são ás vezes occasionados pela syphilis constitucional. O melhor e mais efficaz dos meios a empregar contra esta affecção é o tratamento antivenerico geral, composto de preparações mercuriaes differentemente modificadas, e combinadas com salsaparrilha. Applicações de bichas detraz das orelhas, fumigações com vapores de decocção de althéa, causticos na nuca, escalda-pés sinapisados, purgantes repetidos, não constituirão senão uma medicação accessoria.

Tratamento geral da syphilis. Descrevendo os symptomas da syphilis, temos já mencionado o seu tratamento local; resta-nos fallar do tratamento geral ou interno.

As molestias syphiliticas, ás quaes outr'ora se deixava adquirir um grande crescimento, por negli-

gencia, e talvez porque não se conhecia ainda uma medicação eficaz, assignalavão-se de ordinario por pustulas cutaneas. Tendo sido, por muito tempo, assemelhadas ás affecções da pelle, forão, como a maior parte destas ultimas, combatidas pelo mercurio, e só dessa época em diante principiou a acalmar-se esta molestia virulenta. Dado no começo com mui bom exito, este metal perdeu ao depois muito de sua reputação, por causa das grandes doses em que era administrado. O guaiaco, a raiz da China e a salsaparrilha, que lhe forão substituidos, tiverão nos primeiros momentos algumas vantagens; mas sua insufficiencia no maior numero dos casos obrigou a voltar ás preparações mercuriaes, que não tornárão a ser abandonadas, tendo a experiencia ensinado a dá-las de maneira que se possão obter quasi constantemente seus effeitos salutaes, sem que nunca se temão os accidentes que antigamente provocava a sua administração forte e mal dirigida. Só os charlatães, para não diminuirem seus lucros, assegurão que o mercurio é o verdadeiro inimigo do homem, e promettem a cura destas molestias sem este metal; mas a maior parte dos seus pretendidos especificos *vegetaes, depurantes, xaropes, arrobes, vinhos, &c.*, que annuncião com profusão, são meos cozimentos de salsaparrilha ou de guaiaco, com addição secreta de sublimado (deuto-chlorureto de mercurio). Deve-se, por conseguinte, contar principalmente com as differentes preparações do mercurio no tratamento da syphilis. O mercurio administra-se externa e internamente. Os numerosos inconvenientes annexos ao methodo de fricções, e com particularidade a salivação que provoca frequentemente, fizerão com que hoje quasi se renunciasse a este modo de tratamento, á excepção de casos particulares que só podem ser apreciados pela sagacidade do medico. Quando, além disso, fôr necessario recorrer a ellas, dever-se-ha proceder com a maior prudencia e moderação. Internamente, administra-se o mercurio em pilulas, cuja compo-

sição varfa muito. Eis-aqui uma das receitas mais simples e mais usadas :



Mercurio metallico	2 oitavas.
Conserva de rosas	3 oitavas.
Alcaçuz em pó	1 oitava.

Faça 144 pilulas. (Cada uma contém um grão de mercurio metallico.) Estas pilulas administrão-se, nos primeiros dias, uma para cada dóse, duas vezes por dia: no fim de cinco a seis dias, a dóse augmenta até que o doente tome tres por dia; cinco dias depois, dão-se quatro por dia, e continua-se assim até ao fim da cura dos symptomas da syphilis; o que dura um a dous mezes para os cavallos, e dous a tres mezes para os symptomas da syphilis constitucional.

Para se prevenir a salivação, é preciso tomar um purgante de oito em oito dias, e lavar a bocca com agua e um pouco de vinagre, duas ou tres vezes por dia. Se, apesar destas precauções, se manifestar um gosto metallico e uma leve dôr nas gengivas ou a inchação destas partes, suspende-se o uso do mercurio por alguns dias, para voltar a elle quando os symptomas da irritação da bocca tiverem desaparecido.

O sublimado ou o deuto-chlorureto de mercurio é uma preparação que tambem se emprega frequentemente. Este medicamento obra com muita energia, e offerece a vantagem de produzir difficilmente a salivação. Administra-se na dóse de $\frac{1}{4}$ a $\frac{1}{2}$ grão por dia. Em maior dóse, poderia produzir vomitos e inflammação dos intestinos; em alta dóse (10 a 15 grãos), occasiona a morte. Eis-aqui a formula em que se receita: — Sublimado, 8 grãos; alcool, 1 $\frac{1}{2}$ onça; agua distillada, 14 $\frac{1}{2}$ onças. Misture. — Esta preparação chama-se *licôr de Van-Swieten*, e administra-se na dóse de meia a uma colher de sopa, em um copo de cozimento de salsaparrilha, duas vezes por dia. (Cada colher contém $\frac{1}{4}$ de grão de sublimado.) A raiz de salsaparrilha é empregada como accessorio no tratamento da syphilis.

Entre os succedaneos do mercurio conta-se tambem o ouro. Administra-se principalmente em fricções sobre a lingua, e convém nos casos inveterados que tem resistido ao mercurio.

O iodureto de potassio emprega-se igualmente contra a syphilis constitucional. Administra-se na dóse de 2 grãos, e progressivamente até uma oitava por dia, dissolvido em cozimento de salsaparrilha.

Não nos alargaremos mais sobre o tratamento do gallico; talvez até já tenhamos dito de mais. Saiba pois o leitor que, de todas as molestias, nenhuma ha que reclame mais imperiosamente do que a syphilis os conselhos de um medico habil e consciencioso.

Meios preservativos da syphilis. Os estragos que occasionava a syphilis conduzirão alguns espiritos a investigar os meios que della possão preservar. Hoje mesmo ainda os medicos se occupão deste objecto, o que nos impõe a obrigação de lhe consagrarmos algumas linhas. Fâ-lo-hemos pois sem embargo dos escrupulos de algumas pessoas que, pouco esclarecidas, sem duvida, pela observação, julgão que o medo da syphilis põe um freio á libertinagem, e por conseguinte considerão como immoral toda a tentativa que tende a preservar desta molestia.

Os saquinhos membranosos, chamados vulgarmente *camisas de Venus*, que impedem o contacto das partes sãs com as doentes, serião efficazes se não se rasgassem e se deslocassem, o que é excessivamente raro. Com effeito existe um grande numero de factos em que a infecção teve lugar não obstante o seu uso. Não devem, por conseguinte, ser considerados senão como accessorios, e não podem dispensar dos lavatorios, de que logo fallaremos. As unturas, feitas antes do coito, com azeite doce ou algum outro corpo gorduroso, occupão o termo medio entre o meio precedente e o seguinte, pois que ha interposição de um corpo estranho, proprio a tapar os orificios absorventes. Os lavatorios feitos depois do coito com liquidos mais ou menos excitantes, e

até um pouco causticos, forão ha muito tempo recommendados, e são com effeito muito efficazes. É inutil indicar todas as substancias que forão propostas. O vinho quente, o vinagre, o sumo de limão, a agua salgada, a agua misturada com a de Labarraque, e principalmente a *agua com sabão*, são mais proveitosos. A urina, que muitas pessoas empregão por um feliz instincto, tem todas as qualidades descjaveis; tem de mais a vantagem, que só ella possui, de poder lavar o canal de dentro para fóra, e ainda outra, não menos importante, de poder ser empregada sem nenhuma demora. Todos estes meios são igualmente bons, comtanto que sejam empregados convenientemente. A experiencia tem demonstrado, com effeito, que os lavatorios d'agua simples são infinitamente uteis, quando são bem feitos, entretanto que os mais activos se mallogrão quando se fazem superficialmente e com negligencia. O melhor meio é o que se achar mais de prompto, e que se possa empregar sem demora, de maneira que não permitta que o virus se arreigue nas partes em cujas superficies fôr deposto, pois que quanta mais demora houver, tanto mais risco correrá a pessoa de ser infectada. Comtudo, o melhor meio preservativo consiste em lavatorios com agua e sabão. Todos sabem que o prepucio forma rugas anfractuosas, e nellas é que se póde esconder uma molecula infinitamente pequena de pus contagioso (virus). Do conhecimento desta disposição anatomica resulta a necessidade de se desenvolverem todas as rugas, de se exercerem pressões sobre as partes, afim de se fazer sahira materia virulenta; de se repetirem os lavatorios de maneira que nenhum ponto seja delles isento; emfim, de se enxugarem as partes com um panno mui limpo. Quando as circumstancias não permittem o emprego immediato destes meios, nem por isso se deve deixar de recorrer a elles, mesmo no dia seguinte, pois que não se sabe o momento exacto em que principia a germinação do mal.

T

TABACO. (*Nicotiana*.) Esta planta, que occupa hoje um lugar mui consideravel nos costumes e nas necessidades de quasi todos os povos, é originaria das Floridas e dos arredores da cidade de Tabaco, no Mexico. Suas folhas ainda frescas, esfregadas entre os dedos, exhalão um cheiro forte, viroso e desagradavel. Depois de soffrerem diversas preparações, que consistem sobretudo em monda-las cuidadosamente, priva-las de sua nervura mediana, submittê-las a um certo grão de fermentação, secca-las e depois reduzi-las a fragmentos ou a pó, constituem o *fumo* e o *rapé*. Para tornar este ultimo mais agradavel, os fabricantes costumão ajuntar-lhe ambar gris, uoz moscada, cravo da India, baunilha, cannella e outras substancias. Antes da chegada dos Europeos, os naturaes da America já fumavão o tabaco; entretanto o seu uso não se propagou senão em 1660, primeiramente na Hespanha e Portugal, e depois no resto da Europa e do mundo. A cultura da planta espalhou-se depois por toda a superficie do globo, mas principalmente nas regiões quentes e temperadas.

Nas pessoas que não estão acostumadas, o uso do tabaco determina uma serie de phenomenos que vamos descrever em poucas palavras. Se se introduz nas ventas uma pequena quantidade de tabaco em pó, sobrevem logo um espirro mais ou menos violento e muitas vezes repetido, e a secreção da membrana mucosa é augmentada. Novas pitadas renovão os mesmos phenomenos, aos quaes se accrescentão a sahida de lagrimas, uma leve dôr de cabeça, e ás vezes vertigens. Estes ultimos phenomenos são muito mais sensiveis quando, em vez de se fazer uso dos pós, *fuma-se* o tabaco; sobrevem então dôr de cabeça insupportavel, nauseas, vomitos, vertigens, e o individuo cahe em um estado de embriaguez analogo ao que causa o abuso dos licôres

espirituosos. Estes symptomas podem peiorar a ponto de produzirem desmaio, modorra, asphyxia, e até a morte. Helwing cita o facto de dous irmãos que morrerão em um estado lethargico, por terem fumado, um dezeseite e outro dezoito cachimbos. Semelhantes accidentes se vêm nos que mascão tabaco, tendo cuidado de lançar fóra o sumo que delle espremem. Mas, tanto com o tabaco como com o opio no Oriente, e em geral com todas as substancias ainda as mais activas, o costume acaba por domar estes effeitos poderosos; e, longe de ser nocivo aos que são a elle habituados, o uso do tabaco *em pitadas, fumado e mascado*, é uma fonte de prazeres sempre novos. Entretanto, o abuso desta pratica pôde produzir damnos até ás pessoas que estão a ella habituadas. O costume de fumar, quando é acompanhado da excreção de grande quantidade de saliva, determina um emmagrecimento sensivel; por outra parte o costume de tomar rapé embota ás vezes o sentido do olfacto. Entretanto, ha circumstancias em que o uso do tabaco pôde ser vantajoso. Tem-se visto ophthalmias chronicas desaparecerem, dôres violentas de cabeça cederem com o uso do rapé. O fumo pôde ser vantajoso aos individuos de uma constituição molle, aos que habitão em uma atmosphaera humida; é, em muitas circumstancias particulares, um passatempo agradável.

O tabaco tomado interiormente é uma substancia mui perigosa, e que até em pequena dóse obra como veneno; na dóse de meia onça, pôde causar a morte: o Dr. Orfila convenceu-se disto em animaes, e o poeta Santeuil morreu por ter ingerido no estomago esta substancia, que lhe lançarão por graça, sem que elle o soubesse, em um copo de vinho. Tem-se observado accidentes graves em pessoas que havião engulido o sumo de tabaco na acção de mascar. O tratamento dos accidentes que podem resultar da ingestão do tabaco acha-se descripto no Vol. II, pag. 128.

A decocção de tabaco emprega-se em clysteres, nas hernias estranguladas; tem ás vezes contribuido para a reduccção do tumor; mas a dóse da planta não deve exceder de uma a duas oitavas para oito onças d'agua quente.

Os operarios empregados nas fabricas de rapé ou de charutos forão por muito tempo considerados como expostos a diversos accidentes. Vomitos, colicas, vertigens, emmagrecimento, asthma, tremores, etc., taes são as affeições que Ramazzini e muitos outros autores attribuião á manipulação do tabaco. Estes effeitos são considerados hoje como suppostos. De novas observações feitas, tanto no Brasil como na Europa, resulta que quasi todos os operarios se acostumão, no fim de pouco tempo á influencia da atmospherá carregada das emanações do tabaco; que os operarios empregados nas manufacturas não contraem molestias particulares ao seu estado, e que o trabalho nestas manufacturas não prejudica em nada á longividade.

TACTO. Um dos cinco sentidos. É aquelle cujo mecanismo é mais simples, mas nem por isso é o que nos ministra o menor numero de idéas. Instrue-nos, com effeito, da fórma, das dimensões, da consistencia, do peso, da temperatura dos corpos, etc. O tacto está espalhado, com algumas modificações, por toda a superficie do corpo, porém exerce-se principalmente pela mão.

O costume aperfeiçoa singularmente o tacto, como se vê pela habilidade dos individuos que se exercem nas artes mecanicas. Este sentido torna-se, pelo contrario, imperfeito nos homens entregues aos trabalhos rudes que calejão, por assim dizer, a pelle da mão. Conhece-se toda a dicadeza do tacto dos cegos; parece que vem plos dedos: certos autores pretendem até que alguns delles distinguem mui bem as cartas de jogar pelo relevo das côres. Este facto parece extraordinario; o que entretanto não se pôde pôr em duvida é que os cegos podem chegar a

executar trabalhos mui notaveis com o soccorro do tacto.

As relações de tacto com as outras sensações, e principalmente com a vista, revelão muitos dos seus usos secundarios. Assim, o tacto regularisa e ajuda a vista. É principalmente elle que na escuridão serve para nos dirigirmos. As noções que se ligão a elle podem esclarecer-nos ainda sobre as distincções que existem entre as idéas de tamanho e de distancia de que os olhos não julgão sempre seguramente por si sós.

Por todos estes usos do tacto vê-se que é muito importante o conservar-se-lhe toda a sua delicadeza, e até o desenvolvê-la o mais possivel.

TAJUJA ou ABOBORA DO MATTO. *Veja-se* Vol. I, pag. 2.

TALA. Dá-se este nome a chapas de páo, papelão ou lata, compridas e estreitas, que servem para manter na sua posição natural um membro fracturado.

TALHO. Significa a mesma cousa que *cóрте*. *Veja-se* CORTADURA, vol. I, pag. 467.

TAMARA. Fructo da tamareira (*phœnix dactylifera*, Linneo), arvore da familia das palmeiras, cultivada na Africa, Hespanha, Portugal, Italia, etc. As tamaras são da grossura de um dedo pollegar, um pouco menos compridas e ellipticas: seu epiderme delgado, de côr vermelha amarellada, cobre uma polpa solida, de gosto vinoso e adocicado, na qual se acha uma semente mui dura. As tamaras contêm umagrande quantidade de assucar, de fecula e de mucilagem, a que devem suas propriedades nutrientes e emollientes. É um dos quatro fructos peitoraes. Faz-se com ellas um cozimento mui agradavel contra a tosse, fervendo-se por meia hora uma onça de tamaras n'um quartilho d'agua.

TAMARINDOS. Fructos do tamarinheiro (*Tamarindus indica*, L.), bella arvore das Indias Orientaes, da America Meridional e da Africa. Estes fructos são vagens do comprimento de 4 pollegadas, curvadas,

contendo 3 a 4 sementes vermelhas, cercadas de uma polpa viscosa, de côr roxa avermelhada, e mais ou menos acida. A polpa emprega-se como medicamento refrigerante e laxante; ferve-se uma onça della n'um quartilho d'agua, e esta decocção, convenientemente edulcorada, administra-se nas molestias acompanhadas de febre. Em dóse mais elevada (duas onças n'um quartilho d'agua), os tamarindos produzem evacuações alvinas.

TANGERINA. Fructo. É uma variedade do *citrus aurantium*, De Candolle, arvore que dá no Brasil. A tangerina contém uma polpa de gosto mui agradável; é um fructo refrigerante, que os doentes acommettidos de febre podem chupar com proveito.

TANNINO. Substancia particular que se acha em muitos vegetaes adstringentes, e principalmente na noz de galha, donde se extrahe para os usos medicos. É um corpo solido, de côr branca, de aspecto resinoso, sabor mui adstringente, soluvel n'agua, É sobretudo empregado nas perdas de sangue uterinas, na dóse de 2 a 3 grãos, de duas em duas ou de tres em tres horas.

TAPADA. (Criança que nasce tapada.) Esta palavra serve para designar o estado de uma criança que tem a via posterior ou anterior tapada. O primeiro defeito acha-se descripto no artigo IMPERFORAÇÃO DO ANUS, Vol. I, pag. 119.

A via anterior pôde tambem ser tapada, e então a criança não pôde urinar. Examinemos este vicio de conformação nos dous sexos separadamente.

1.º Nas crianças do *sexo masculino*, este vicio de conformação pôde depender da obliteração do orificio do canal da uretra, ou da obliteração da abertura do prepucio. Conhece-se este defeito pelos esforços continuos que faz a criança, como se quizesse obrar, e pela seccura dos pannos que lhe cobrem o corpo. Quando só o prepucio está tapado, as ourinas se ajuntão entre o prepucio e a glande, distendem a pelle e formão ás vezes um tumor transparente e fluctuante. O tratamento consiste

em fazer o mais breve possível uma abertura, porque a criança não poderia viver muito tempo sem urinar. Faz-se esta abertura com uma lanceta, no lugar em que ella deveria existir. A operação é mui facil quando se trata de furar só a pelle que tapa o orificio da uretra ou do prepucio; mas quando as paredes do canal são adherentes, é preciso penetrar profundamente com o instrumento até que saia a urina.

2.º Nas crianças do *sexo feminino*, quando nascem tapadas anteriormente, este estado chama-se *imperforação da vagina*: póde ser completa ou incompleta. Quando a imperforação é completa, o que acontece mui raras vezes, a menina não póde urinar. Quando é incompleta, podem as urinas correr para fóra; mas, se a menina chegar á idade madura, a evacuação menstrual será impossivel, ou ao menos mui difficil. Cura-se esta enfermidade por uma operação, que varia conforme a natureza da oclusão, e offerece maior ou menor difficuldade. Quando o vicio de conformação consiste n'uma simples obstrucção membraniforme, e este caso é felizmente o mais ordinario, é facil cura-lo por uma incisão feita com o bisturi.

TAPIOCA. A agua que se espreme da massa da mandioca ralada para fazer farinha deposita no fundo dos vasos uma grande quantidade de pós brancos, que é a tapioca. Esta fecula é mui nutriente; misturada com caldo de carne, constitue um alimento que convém muito aos convalescentes.

TARANTULA. *Vejase* ARANHA, Vol. I, pag. 136.

TARTARUGA. A tartaruga faz parte da classe dos reptis; existem muitas variedades della: ha tartarugas terrestres, d'agua doce e do mar. Algumas se comem, a casca de outras emprega-se nas artes. A carne da tartaruga é branca, mui rica em gelatina; é um alimento mui nutriente, principalmente a da tartaruga do mar: come-se temperada com pimenta, sal e outros condimentos.

TARTARO EMETICO. *Veja-se* EMETICO, Vol. II, pag. 92.

TEA ou TEIA NO OLHO. *Veja-se* BELIDA, Vol. I, pag. 197.

TEMPERANTES. Nome que se dá aos medicamentos que moderão os movimentos em extremo rapidos do systema circulatorio, e diminuem o calor do corpo. Os temperantes são todos de um gosto acidulo. Estes medicamentos chamão-se tambem *refrigerantes*, e empregão-se nas febres, escorbuto, ictericia, ourinas de sangue, etc. Os medicamentos temperantes são os seguintes: limão azedo, laranja, lima, limão doce, tamarindos, romã, surucura, marmelo, cajú, cajá, araçá, goiaba, jaboticaba, grumichama, pitanga e outros fructos acidos, soro de leite, grama, nitro, amendoada, cremor de tartaro. Todas estas substancias se administrão aos doentes debaixo da fórmula de limonadas frias.

TEMPEROS, ADUBOS ou CONDIMENTOS. Entendem-se debaixo destes nomes as diversas substancias que se empregão na preparação dos alimentos para realçar o seu sabor ou facilitar a sua digestão. A maior parte das produções deste genero contém apenas elementos nutritivos, e só obrão pelas qualidades estimulantes de que são dotadas, e por isso pôde-se dizer que o seu uso pouco moderado é ordinariamente seguido dos mais perniciosos effeitos para a saúde; o appetite artificial que provocão obriga a ingerir no estomago uma quantidade de alimentos mais consideravel do que reclamão as forças e as necessidades da economia; donde resultão as digestões laboriosas, imperfeitas, e por consequencia um fluido nutritivo mal elaborado, pouco reparador, cuja influencia sobre o organismo inteiro deve ter os peiores resultados. Pelo contrario, a privação de todo o tempero tem por resultado enfraquecer as forças digestivas, occasionar o fastio, a saciedade mui prompta dos alimentos que são desprovidos de acção estimulante sobre os órgãos

do gosto e da digestão, e por consequencia produz todos os effeitos de uma alimentação insufficiente, taes como a debilidade geral, o emmagrecimento progressivo, &c. É preciso, por conseguinte, observar uma certa regra no uso dos temperos, a qual depende de um grande numero de circumstancias, como sejam os climas, os temperamentos, o gráo de sensibilidade, o costume, &c. Assim, os habitantes das regiões do norte, nos quaes predomina a actividade das funcções digestivas, não precisão de recorrer aos estimulantes para apressarem a digestão dos alimentos de que se nutrem; e por isso a natureza parece ter-lhes recusado de proposito estas especies de producções, entretanto que as tem prodigalisado aos habitantes dos climas quentes que se achão em circumstancias oppostas. As pessoas de um temperamento nervoso, irritavel, secco, bilioso e sanguineo, devem ser sobrias de temperos excitantes. Os individuos molles e lymphaticos podem, pelo contrario, usar delles com menos reserva. As pessoas habitualmente sedentarias, que respirão o ar espesso das grandes cidades, precisão de despertar a actividade entorpecida de seus órgãos por meios artificiaes; entretanto que o habitante da roça, cuja vida é activa, acha no exercicio, na respiração de um ar vivo e puro, uma estimulação natural e salutar que o dispensa de recorrer a estes meios para ter um appetite ficticio.

Os temperos dividem-se em cinco classes.

1.º *Temperos salinos.* Esta primeira secção comprehende só o sal commum de cozinha. No estado actual da nossa civilisação, o uso do sal tornou-se uma necessidade tão geral como indispensavel; em dóse moderada, estimula levemente as superficies mucosas com que é posto em contacto, activa suas secreções, e desta maneira facilita a digestão. Os effeitos de sua privação absoluta são tornar as digestões laboriosas e imperfeitas. Em dóse mui forte, determina uma irritação mais ou menos viva da bocca e do estomago, donde resulta uma sêde

mais ou menos intensa, secura da bocca e da garganta, uma excitação geral, &c.

2.º *Temperos acidos*. São compostos de vinagre, de acidos vegetaes, particularmente dos que se extrahem do limão, azedas, laranja &c. O uso moderado destes temperos tem um effeito refrigerante e um pouco estimulante, em geral, salutar. O seu abuso produz o emmagrecimento; em algumas pessoas occasiona uma excitação do systema nervoso.

3.º *Temperos assucarados*. O assucar e o mel contém muitos elementos nutritivos: unidos ás substancias alimentarias, acidas, mucilaginosas e feculentas, tornão-as mais agradaveis, mais digeriveis e mais nutrientes; seu uso moderado não póde jámais ter máos effeitos.

4.º *Temperos gordos, oleosos, caseosos*. As substancias desta classe constituem antes alimentos do que verdadeiros temperos, e por isso usão-se nesta qualidade associados com outros temperos, taes como o sal, o assucar, &c.: estas substancias são as gorduras animaes, a manteiga, o leite e o azeite doce. Devem-se empregar com preferencia no estado fresco e em pequena quantidade, pois que são de uma digestão difficil.

5.º *Temperos acres e aromaticos*. Esta classe é a mais numerosa, as substancias que a compoem, tiradas pela maior parte do reino vegetal, devem suas propriedades excitantes a uma grande quantidade de oleo essencial ou a um principio acre e irritante. A estas ultimas pertencem o alho, a cebola, a mostarda, os agriões, as alcaparras, a pimenta, o cravo da India, a noz moscada, o macis, a gengibre, o pimentão, os peixes escabechados, taes como a cavalla, as anchovas, as sardinhas, as ostras de escabeche, as carnes fumadas. Estas ultimas substancias, principalmente formadas de elementos nutritivos, devem suas qualidades excitantes a um principio acre, ammoniacal, desenvolvido pelo seu modo de preparação.

Os temperos aromaticos devem as propriedades que os distinguem, como dissemos, ao oleo essencial de que são abundantemente providos, taes como as folhas e flôres de lorangeira, a baunilha, a cannella, o açafraão, a salva, o tomilho, o alecrim, o cominho, o cerefolio, &c. As considerações que fizemos no principio deste artigo sobre os temperos em geral se applicação principalmente a esta classe.

TENDÃO. Chamão-se *tendões* porções do tecido fibroso, mais ou menos compridas, redondas ou chatas, esbranquiçadas, que se fixão a algum osso por uma de suas extremidades, e se continuão pela outra com os musculos.

Vulgarmente chama-se tambem *tendão* o cordão espermatico. É um cordão composto de veias, arterias, nervos e de um conducto espermatico, que sahe do ventre pelo canal inguinal e vai ao testiculo que suspende no escroto. Ás vezes o cordão espermatico é affectado de *inflammação*. Esta molestia é occasionada muitas vezes pela compressão que exerce a funda nos individuos affectados de quebradura; outras vezes principia por um ataque de erysipela; mas ordiariamente procede da propagação da inflammação que se desenvolveu primeiro no testiculo mesmo. A inflammação do cordão espermatico se manifesta por uma dôr na virilha, inchação, e ás vezes vermelhidão desta região; a menor compressão desta parte augmenta sensivelmente a dôr.

O tratamento da inflammação do cordão espermatico é o seguinte: applicar uma cataplasma de linhaça sobre a virilha e tomar um purgante. Se estes meios não fôrem sufficientes, será preciso applicar seis a dez bichas na virilha. O doente deve andar o menos possivel.

TENIA. *Vêja-se* SOLITARIA.

TERÇOL, ou HORDEOLO. Pequeno tumor inflammatorio, da natureza do fruncho, que se desenvolve perto da margem livre das palpebras. O terçol pôde ter uma marcha aguda ou chronica. Quando é agudo, apresenta-se debaixo da fôrma de um grão

de cevada, de côr vermelha, acompanhado de dôres vivas e de uma tumefacção de palpebra. Este tumor, no fim de um tempo mais ou menos longo, abre-se e deixa sahir, pela menor pressão, um pequeno carnegão, cuja sahida é seguida da cessação de todos os symptomas. No seguado caso, isto é, quando o terçol é chronico, a molestia é muito menos dolorosa, e consiste n'um tumor duro, vermelho e quasi sem dôr, mas que, depois de ter persistido por muitos mezes neste estado, acaba quasi sempre por inflamar-se bastante, e segue então a marcha do terçol agudo. O tratamento do terçol agudo consiste em cataplasmas feitas com fariôha de linhaça, miolo de pão e leite, ou com banana assada, e em lavatorios com decocção de folhas ou flôres de malva; e o do terçol chronico, na applicação de um pedacinho de encerado inglez, ou de diachylão, sobre o tumor, até que se inflamme e tome um caracter agudo.

TEREBENTHINA. Substancia de consistencia de xarope que corre pelas incisões feitas no tronco de muitas arvores, e principalmente do pinheiro, do abeto e do *pistacia terebenthus*. Esta ultima tem o nome de *terebenthina de Veneza*, porque outr'ora se fazia grande commercio della naquella cidade. As terebenthinas tem um cheiro forte, penetrante, o qual é devido a um oleo essencial que se extrahê pela distillação, e que é conhecido pelo nome de *essencia de terebenthina*. A terebenthina é empregada em medicina, entra na composição de muitos emplastos; internamente, usa-se contra os catarrhos pulmonares e os da bexiga, contra a debilidade dos órgãos genitales, &c., na dôse de 10 grãos até duas e tres oitavas por dia. O seu oleo essencial tem as mesmas propriedades, mas obra com maior energia. Externamente, é usado em fricções contra as dôres rheumatismaes. As ourinas das pessoas que fazem uso da terebenthina tomão um cheiro de violeta.

TESTICULO. Assim se chama o orgão glanduloso em que se prepara o esperma; o testiculo é, por conseguinte, a fonte da fecundação. Os testiculos são

em numero de dous; estão situados n'uma especie de sacco, formado de pelle e de membranas, chamado *escroto*.

Os testiculos tem a fôrma de um ovoide comprimido lateralmente. Na sua margem superior e posterior acha-se uma pequena eminencia, chamada *epididymo*. A substancia propria do testiculo é formada de uma immensa quantidade de conductos seminaes, extremamente delgados, enroscados mil e mil vezes uns em roda dos outros. Dirigem-se para cima, reúnem-se de maneira a constituirem troncos mais volumosos, e formão emfim um só canal.

MOLESTIAS DOS TESTICULOS. 1.º Em vez de descerem para o escroto na época da nascença, como succede ordinariamente, os testiculos ficão ás vezes no ventre, e descem alguns mezes ou alguns annos mais tarde; ha até exemplos de testiculos que ficarão toda a vida no interior do ventre, sem que os individuos fossem destituídos da faculdade de procrear. Quando o testiculo desce depois da nascença, forma um tumor que se pôde tomar por uma quebradura, mas que se deve distinguir desta molestia pela natureza das dôres que provoca a compressão.

2.º **INFLAMMAÇÃO DO TESTICULO.** *Veja-se* Vol. II, pag. 471.

3.º **SCIRRHOS E CANCROS DO TESTICULO.** *Veja-se* *Sarcocele*, Vol. II, pag. 172.

4.º **HYDROCELE.** *Veja-se* Vol. II, pag. 173.

5.º **VARICOCELE.** *Veja-se* Vol. II, pag. 174.

6.º **FERIDAS DO TESTICULO.** *Veja-se* Vol. II, pag. 249.

TETANO. Molestia caracterisada pela rijeza e contracção convulsiva e permanente de uma parte ou da totalidade dos musculos. Esta molestia chama-se tambem *ar de espasmo*.

Causas. Todas as impressões dolorosas são susceptiveis de determinar o tetano. Os grandes pezares tem ás vezes provocado esta molestia. Diremos o mesmo das fadigas excessivas, da subita suppressão da transpiração, da presença dos vermes nos intestinos, das indigestões. Mas de todas as causas desta

molestia, as feridas graves são as que a produzem mais frequentemente. Às vezes desenvolve-se sem causa-conhecida.

Symptomas. O tetano principia ás vezes subitamente; mas de ordinario é precedido de tristeza profunda, anxiedade, insomnia e cansaço geral; em seguida sobrevem difficuldade de engulir, rijeza no pescoço; depois o doente não póde abrir a bocca, e a constrictão augmenta de tal maneira, que os mais violentos esforços seriam impotentes para abrir os queixos. Quando a constrictão se limita aos queixos, este estado chama-se *trismo* ou *cerração dos queixos*. Mas rapidamente a rijeza se communica aos musculos do pescoço, que virão a cabeça ou para trás, ou para diante, ou para os lados; apodera-se dos musculos das costas e do ventre, estende-se logo aos dos membros, e o corpo inteiro fica em tal estado de rijeza, que parece que todas as juntas estão soldadas. O rosto torna-se animado, apresenta um caracter particular de soffrimento; os olhos ficão luzidios e fitos, um suor abundante e viscoso cobre o corpo, a sede é excessiva, a deglutição difficil, e ás vezes impossivel, a respiração penosa, as dôres crueis, o pulso frequente.

Prognostico. O tetano é sempre uma molestia mui grave. Aquelle que sobrevem espontaneamente offerece maiores probabilidades de cura. Se é sómente caracterisado pela contracção dos musculos do rosto (*trismo*), é o menos grave de todos. Se a molestia se prolonga além do setimo ou oitavo dia, raras vezes tem consequencias funestas.

Tratamento. De todos os medicamentos que são aconselhados contra o tetano, parece-me que merece a preferencia o ether sulfurico administrado internamente em forte dóse. Tenho já obtido com este medicamento algumas curas, e eis-aqui a formula em que o emprego:

Ether sulfurico,	meia onça.
Agua commum,	7 onças.
Xarope de gomma,	1 onça.

Misture. Sendo o doente uma pessoa adulta, bebe, no primeiro dia, uma colher de sopa desta poção, de hora em hora. No segunda dia, administrão-se duas colheres desopa desta poção, de hora em hora, e continua-se o remedio na mesma dóse por dez, quinze e mais dias, até á cura, suspendendo-se só a sua administração durante a noite. Bebendo o doente duas colheres de sopa de hora em hora, acaba-se a poção em nove ou dez horas; é preciso reforma-la no dia seguinte: desta maneira o doente não bebe, durante 24 horas, mais do que a porção que fica indicada na formula. O ether sulfurico administrado na dóse de meia onça por dia produz uma embriaguez completa, que se desvanece durante a noite, época em que se deve suspender a administração do remedio, como já disse. A dóse de meia onça de ether por espaço de 24 horas é para uma pessoa de 20 annos para cima; para os doentes menores de 20 annos, é preciso diminuir a dóse: assim, para os doentes de 15 a 20 annos convém principiar por uma colher de sopa de hora em hora, e nos dias seguintes não dar mais do que colher e meia de hora em hora; aos doentes de 10 a 15 annos convém dar só uma colher de sopa de hora em hora, durante todo o tempo do tratamento; aos doentes menores de 10 annos não se deve dar, no primeiro dia, senão meia colher de sopa de hora em hora, e só gradualmente chegar, nos dias seguintes, á dóse de uma colher de sopa de hora em hora. Tendo já administrado o ether sulfurico nesta forte dóse a muitos doentes, não notei accidente nenhum; entretanto, seria preciso parar algumas horas com o remedio, se a embriaguez fosse forte de mais. Nos intervallos das doses da poção, o doente deve beber caldo de gallinha ou agua de arroz; é preciso tambem satisfazer-lhe a sêde dando-se-lhe a beber agua fria.

Muitos tetanicos não podem abrir a bocca para beber; mas existe uma passagem natural entre as faces e os ultimos dentes queixaes, de sorte que os liquidos podem penetrar facilmente no estomago.

Logo que o doente possa abrir os queixos e mastigar, devem-se-lhe permittir alguns alimentos solidos.

Outros muitos medicamentos são aconselhados contra o tetano. A aguardente de canna, vulgarmente *caxaça*, é empregada para este fim, na dóse de um calix de duas em duas horas, até produzir uma embriaguez completa.

Entre outros meios, a sangria do braço, as bichas ou ventosas sarjadas applicadas no comprimento da columna vertebral, os banhos mornos ou quentes por espaço de duas, quatro, seis e dez até quinze horas, o alcali volatil e o opio, são os que contão melhores resultados. O alcali volatil se dá duas a tres vezes por dia, na dóse de dez gottas em meio copo d'agua com assucar. O opio se administra em mui alta dóse, desde um grão até cinco, oito e mais, todas as horas. Não havendo opio em substancia, póde-se empregar o laudano, vinte gottas do qual contém um grão de opio. O almiscar tem sido empregado com alguma vantagem em clyster, cuja formula é a seguinte: — Almiscar, 10 grãos; gemma de ovo, n. 1: dissolva e ajunte agua morna 8 onças. — Este clyster repete-se duas a tres vezes por dia. O clyster com decocção de tabaco (uma oitava de tabaco para oito onças d'agua) tem sido tambem util. Dá-se só um destes clysteres por dia. Tem-se igualmente empregado banhos d'agua quente com a addição de duas onças de potassa caustica ou tres a quatro libras de cinza de lenha.

Na mesma occasião em que são empregados estes meios, e mesmo antes, é preciso, no tetano que depende de ferida, desembaraça-la dos corpos estranhos que podem irrita-la, e acalmar-lhe as dôres por meio de cataplasmas de farinha de linhaça regadas com uma colher de sopa de laudano. A's vezes é preciso dividir as aponevroses, especies de membranas duras e fortes que se achão debaixo da pelle, que apertão a parte e causão todos os accidentes. Neste caso é indispensavel a intervenção de um cirurgião.

THERIAGA ou **TRIAGA**. Massa composta de um grande numero de substancias estimulantes, adstringentes, tonicas, antispasmodicas, e de opio. Uma oitava contém quasi meio grão de extracto de opio. As principaes substancias que entrão na composição desta massa são: gengivre, valeriana, genciana, cannella, scilla, centaurea, açafraão, rosas rubras, aniz, funcho, pimenta, castoreo, galbano, viboras seccas, myrrha, sulfato de ferro, terebenthina, opio, etc., etc., ao todo 71 substancias. Este electuario antigo é empregado ainda hoje como calmante e contra as diarrhéas, na dóse de 1 a 4 oitavas, em clysteres ou em pilulas.

THRIDACIO. O thridacio ou o lactucario é o sumo que corre das incisões feitas nos talos da planta chamada alface (*lactuca sativa*, L.), cujas folhas se comem em salada. Este sumo se coalha sobre a planta e toma uma côr roxa. O thridacio parece que goza da propriedade de acalmar as dôres e de provocar o somno. A dóse é de dous grãos repetida tres a seis vezes por dia. Faz-se tambem com o thridacio um xarope que se administra na dóse de uma a duas onças por dia.

TIBIA. Um dos dous ossos que entrão na composição da perna. **FRACTURA DA TIBIA**. *Veja-se* PERNA. Vol. III, pag. 211.

TICO DOLOROSO DA FACE. Dôr nervosa, extremamente aguda, que existe no rosto. *Veja-se* NEURALGIA FACIAL. Vol. III, pag. 89.

TILIA. (*Tilia europæa*, Linneo.) Arvore da Europa. Suas flôres são empregadas em medicina, debaixo da fôrma de chá, como antispasmodico. Estas flôres são amarelladas, de cheiro suave, sabor mucilaginoso. O chá de tilia se faz com um pugillo de flôr de tilia e uma chicara d'agua fervendo.

TIMBO'. (*Paullinia pinnata*, Linneo.) Cipó do Brasil. A infusão da casca da raiz desta planta é empregada pelos facultativos do Rio de Janeiro para a preparação de cataplasmas, que se usão em varias molestias como calmante e revulsivo.

A casca da raiz de timbó tem 3 a 6 linhas de espessura, amarella rosada por fóra, amarella por dentro, cheiro aromatico, agradável, semelhante um pouco ao do almiscar.

Esta casca é narcotica e acre; em alta dóse, é venenosa. Fazem-se com sua infusão, e quantidade sufficiente de farinha de linhaça, cataplasmas que se applicão sobre os lugares dolorosos. Esta infusão prepara-se com 16 onças d'agua fervendo e meia onça de casca da raiz de timbó.

As cataplasmas de timbó produzem ás vezes uma erupção pustulosa na pelle.

TINHA. Molestia especial da pelle da cabeça, geralmente propria da infancia, susceptivel de se transmittir por contagio, particularmente caracterizada por pequenos botões cheios de uma materia purulenta, que se deseca e forma crostas de uma côr amarella, mui adherentes, circulares, deprimidas no centro e levantadas nas margens. Estas crostas se reúnem em massas espessas, renovão-se á medida que são tiradas, e deixão ver debaixo dellas a pelle vermelha e inflammada. O cheiro que exhala esta tinha aproxima-se da do gato; os intervallos que deixão entre si as crostas estão continuamente cobertos de escamas furfuraceas; a pelle racha-se ás vezes e deixa sahir uma materia purulenta e corrosiva. Estes caracteres pertencem á *tinha verdadeira*, molestia contagiosa, que deve ser distinguida das *tinhas falsas*, que consistem em erupções de outra fórma, e que não são contagiosas.

Existem muitas especies de tinhas falsas. N'uma destas especies, as crostas formão pequenos tuberculos irregulares, desiguaes, de côr parda ou roxa, sem escavação no centro.

A segunda especie consiste em vesiculas cheias de um liquido transparente, seguidas, depois de sua ruptura, de pequenas ulcerações superficiaes que deixão sahir uma materia semelhante ao mel corrompido, e que gruda os cabellos. Ás vezes o liquido que provém das vesiculas se coagula em crostas de

côr amarella como cêra, e apresenta em alguns casos uma côr verde ou avermelhada. As orelhas e as faces podem ser affectadas da erupção. Esta fôrma de tinha falsa tem o nome vulgar de *ozagre* ou de *crosta lactea*. (*Veja-se OZAGRE*. Vol. III, pag. 153.)

Ao numero das tinhas falsas pertence ainda uma affecção chamada communmente *caspa*, que principia por uma escamação do epiderme da cabeça, acompanhada de prurido e de excreção mucosa que forma, deseccando-se sobre os cabellos, uma quantidade mais ou menos consideravel de escamas brancas ou roxas, semelhantes á farinha grossa.

As *causas* da tinha são mui obscuras. A infancia é quasi exclusivamente affectada della; entretanto, esta molestia se declara ás vezes nos adultos, e até nos velhos. A falta de asseio, a debilidade, a miseria, o uso de alimentos indigestos, parece que concorrem para o seu desenvolvimento. Esta molestia tem ordinariamente uma mui longa duração, e resiste ás vezes ao tratamento mais bem combinado. Desapparece muitas vezes espontaneamente na época da puberdade.

Tratamento. Hoje está geralmente abandonado o methodo barbaro que consistia na applicação sobre a cabeça (cujos cabellos erão cortados) de emplastos adhesivos que se tiravão arrancando com elles o epiderme e bolbos dos cabellos, o que não deixava de produzir grandes dôres.

É preciso principiar, antes de tudo, pelo asseio: assim, cortar-se-hão os cabellos mui rente, ou melhor ainda rapar-se-hão, e então se fará cahir as crostas pela applicação continuada de cataplasmas de fariuha de linhaça, e lavar-se-ha a cabeça com uma decocção de sementes de linhaça, que será substituida de tempos a tempos por agua de sabão. Estes meios, bem que pareçao mui simples, são mui uteis e até indispensaveis no tratamento de todas as tinhas; elles sós são sufficientes ás vezes para a cura das tinhas falsas. Depois do emprego por alguns dias destes meios preliminares, fazem-se unccões sobre a

cabeça, duas vezes por dia, com pomada preparada segundo a receita seguinte : — Cal do commercio, 1 onça; subcarbonato de potassa, 2 oitavas; carvão de lenha pulverisado, 1 oitava; banha de porco, 3 onças. — A duração média do tratamento é de cinco a seis mezes.

Muitas outras applicações locais tem sido indicadas contra esta molestia rebelde; citaremos ainda as seguintes :

1.^a, lavatorios com agua de Labarraque pura ou misturada com agua;

2.^a, unções com a pomada seguinte : — Subcarbonato de potassa, 1 onça; flôres de enxofre, 2 onças; banha de porco, 4 onças; — ou com as pomadas seguintes :

3.^a, iodureto de enxofre, 1 oitava; banha de porco, 2 onças;

4.^a, sulfureto de potassa, 1/2 onça; subcarbonato de soda, 1/2 onça; banha de porco, 4 onças.

Este tratamento local deve ser ajudado por um regimen hygienico e por alguns remedios internos. O doente nutrir-se-ha principalmente de carnes assadas, fará uso de vinho, tomará banhos frios do mar ou do rio, entregar-se-ha activamente ao exercicio do corpo. Os medicamentos internos são : as decoções de genciana, de quassia, as preparações de ferro, as aguas ferreas, o vinho de quina e outras substancias tonicas. Devemos accrescentar a todo este tratamento o uso de purgantes de tempos em tempos, e de causticos no braço.

O tratamento das tinhas falsas se compõe principalmente, como já dissemos, dos cuidados de asseio. A caspa sobretudo não reclama outra cousa mais que lavatorios com agua e sabão, ou com agua misturada com agua de Colonia ou simplesmente com aguardente.

TINHORÃO. (*Caladium bicolor*, Ventenat.) Planta do Brasil. Caule de 1 a 2 pés, liso, sem ramos, raiz tuberosa, arredondada, roxa por fóra, amarella por dentro, molle, contendo um succo acre; folha

grande, triangular, sagitada, vermelha roxa no centro, verde nas margens; sendo mastigada, não offerece ao principio sabor algum notavel, mas depois produz uma sensação acre na garganta. As folhas desta planta empregão-se ás vezes em gargarejo contra as esquiencias, em decocção, na dóse de 1 onça para 12 onças d'agua.

TINTAS. (*De sua acção sobre a economia animal.*) Uma longa serie de observações tem demonstrado que as pessoas que se occupão da preparação ou do emprego das materias colorantes metallicas, assim como as que estão expostas a suas emanações, experimentão frequentemente seus funestos effeitos. Entre as profissões que são mais sujeitas a ellas, citaremos os fabricantes de tintas, os pintores, os tintureiros, os fabricantes de chapéos, de papeis pintados, &c. As tintas metallicas se compoem das preparações de antimonio, arsenico, chromo, cobalto, cobre, ferro, mercurio e chumbo, que, todas, á excepção das de ferro e de azul de Prussia, são venenosas. Entre as tintas vegetaes, só a gomme gutta pôde ser nociva. Os individuos que trabalhão com as tintas mineraes estão expostos a serem affectados de *colica metallica*. Podem-se preservar della pelo uso do alcool sulfurico, chamado tambem agua de Rabel, misturada com agua commum nas proporções seguintes: Agua commum 2 libras, agua de Rabel 20 a 40 gottas; desta mistura tomão-se dous a tres copos por dia. Além disto, os quartos novamente pintados são mui insalubres, debaixo de outro ponto de vista. Saussure demonstrou que uma camada de oleo de nozes de tres linhas de espessura, por espaço de dez mezes, absorve cento e quarenta e cinco vezes o seu volume de gaz oxygeneo que se acha no ar do quarto, e dá vinte e uma vezes o seu volume de acido carbonico, que é impróprio para a respiração; os quartos novamente pintados são, por consequente, mui insalubres, já seja por causa das emanações das tintas, já pela viciação do ar; exigem, portanto, que sejam arejados e ventilados.

Para combater os accidentes que podem produzir as tintas feitas com preparações de chumbo, veja-se o artigo COLICA DE CHUMBO, Vol. I, pag. 400.

Emquanto aos accidentes que podem produzir as amendoas coloridas com differentes tintas mineraes, veja-se o artigo CONFITOS, Vol. I, pag. 412.

TINTAS DE ESCREVER. *Receitas de varias tintas de escrever.* *Tinta preta.* Galhas 4 onças, caparrosa verde 2 onças, gomma arabia 2 onças, agua fervendo 64 onças. Deite agua fervendo sobre as galhas machucadas, depois de 24 horas de maceração cõe através de um panno, e ajunte a caparrosa e a gomma.

Póde-se ajuntar uma colher de sopa de tintura de alfazema, para impedir o môfo. Esta tinta adquire com o tempo uma cõr preta muito intensa.

Ajuntando-se a esta tinta 1 onça de assucar candi em pó e meia onça de sal de cozinha, obtem-se uma tinta luzidia que póde servir para copiar cartas.

Tinta encarnada. Pão brasil 4 onças, agua 24 onças. Ferva até ficar em 12 onças; ajunte gomma arabia 2 oitavas, pedra-hume duas oitavas.

Outra receita de tinta encarnada. Ferva 1 libra de pão brasil em 8 libras d'agua, até ficarem em 4 libras. Por outra parte, dissolva 2 oitavas de estanho puro n'uma mistura de 3 onças de acido muriatico com 1 1/2 onça de acido nitrico, e ajunte esta composição ao cozimento de pão brasil resfriado.

Tinta rôxa. Pão brasil 1 1/2 onça, pão de Campeche meia onça, agua 12 onças. Ferva, cõe, e ajunte gomma arabia meia oitava, pedra-hume meia oitava.

Outra receita de tinta rôxa. Pão de Campeche 1 libra, agua 8 libras. Ferva até ficarem em 4 libras. Por outra parte, dissolva 2 oitavas de estanho puro n'uma mistura de 3 onças de acido muriatico com uma onça e meia de acido nitrico, e ajunte esta composição ao cozimento de pão de Campeche.

Tinta azul. Ferva 6 onças de carmim de anil (anil soluvel) em 64 onças d'agua, até a redução de 48

onças. Ajunte então um copo (8 onças) da tinta rôxa indicada na receita precedente.

Outra receita de tinta azul. Anil meia onça, carbonato de potassa meia onça, sulfureto d'arsenico meia onça, cal viva 1 onça, agua 25 onças. Ferva até á solução completa; cõe, e ajunte gomma arabia pulverisada 1 onça.

Outra receita de tinta azul. Azul de Prussia 10 oitavas, acido oxalico 2 oitavas. Triture com quantidade sufficiente d'agua para formar uma massa homogenea, que se dilue com bastante agua para se obter uma tinta azul.

Tinta verde. Verdete (acetato de cobre) 4 oitavas, cremor de tartaro, 2 onças e meia, agua 20 onças. Ferva até reduzir á metade, e cõe.

Tinta branca para adegas. Prepara-se diluindo um pouco de alvaiade em essencia de terebenthina. Com esta composição escreve-se directamente sobre o vidro das garrafas que se desejão conservar por muito tempo na adega.

Tinta indelevel para marcar a roupa. Solução n.º 1. (Mordente.) Carbonato de soda 2 oitavas, gomma arabia 2 oitavas, agua distillada 4 onças.

Solução n.º 2. Nitrato de prata 2 oitavas, gomma arabia 2 oitavas, agua distillada 1 onça.

Molhe com a solução n.º 1 o lugar da roupa em que se deve marcar, deixe seccar e escreva com a solução n.º 2. Em vez de escrever com uma penna, póde-se usar de um sinete de buxo ou de algum outro páo, gravado em relevo. Põe-se então n'um pires um pedaço de panno de lã molhado na solução n.º 2, applica-se o sinete sobre este panno, e depois sobre a roupa que se quer marcar.

Tintas sympathicas. Chamão-se *tintas sympathicas* preparações com que se escreve em papel, mas que só se tornão apparentes por meio de uma reacção.

1.º *receita de tinta sympathica.* Dissolva 1 oitava de caparrosa verde em 3 onças d'agua, e escreva com este liquido. As letras não são visiveis, ou pelo menos

são illegiveis; para fazê-las apparecer é preciso molhar o papel n'uma decoecção de galhas.

2.^a *receita*. Dissolva n'agua um pouco de polvilho e escreva com esta solução, que fica invisivel. Para fazer apparecer a escripta é preciso passar por cima della um pincel molhado em tintura de iodo.

As letras adquirem então uma côr azul purpurea, que só desaparece muito tempo depois de ter sido o papel exposto ao ar.

Outras receitas. As letras escriptas com hydrochlorato de cobalto dissolvido n'agua são invisiveis, mas tomão uma côr verde, quando se approxima o papel ao fogo, e desaparecem pelo resfriamento, se o papel não fôr mui fortemente aquecido.

Escrevendo com acido sulfurico dissolvido em seis partes d'agua, ou com sumo de cebola, ou simplesmente com leite, apparecem as letras approximando-as do fogo.

TIRO D'ESPINGARDA. *Vea-se* FERIDAS por armas de fogo, Vol. II, pag. 241.

TISANA. Chamão-se tisanas umas bebidas ordinarias para uso do doente; temos já tratado dellas nos artigos COZIMENTO E INFUSÃO.

TISICA. A molestia de que nos vamos occupar é designada frequentemente pelo nome de *molestia do peito*, e esta denominação ella a deve talvez a essa supremacia da faculdade de destruir que a distingue, e que faz esquecer perante ella as outras affecções menos perigosas do peito. A tísica consiste no desenvolvimento de tuberculos nos pulmões. Os tuberculos são corpos de uma côr branco-amarella, opacos, de uma grossura que pôde variar desde o volume de um grão de arroz até ao de um ovo, e até de uma laranja. Ordinariamente tem o volume de um grão de ervilha. Espalhados no meio dos pulmões, podem occupar sua maior parte; pôde ser um só ou podem existir em pequeno numero: ao principio, são duros e solidos, tornão-se molles no fim de um tempo variavel, e são então expulsados pela tosse. Em seu lu-

gar deixão no pulmão escavações proporcionadas ao seu volume, chamadas *cavernas*.

Os *symptomas* da tísica não são sempre característicos, e podem ser semelhantes aos de outras muitas molestias; estes *symptomas* são: uma tosse mais ou menos forte, mais ou menos rebelde; oppressão que sobrevém depois do menor esforço, escarros de sangue mais ou menos abundantes, mais ou menos repetidos, dôres no peito, e especialmente entre as duas espadoas; uma alteração sensível da voz, emmagrecimento rapido do corpo, febre, suores continuos e diarrhéa. Mas, repetimos, os phenomenos que acabamos de enumerar podem pertencer a outras molestias, ao catarrho pulmonar, por exemplo, ou á hemoptyse (escarros de sangue); podem tambem deixar de existir. Esta variação nos caracteres da molestia e a sua semelhança com os de outras affecções podem produzir frequentes enganos. Só o medico, explorando os differentes ruidos que se percebem no interior do peito, por meio da orelha nua ou ajudada do instrumento chamado *stethoscopio*, pôde achar a solução do problema.

Causas. Entre as causas da tísica, deve-se pôr em primeira linha o frio humido, que obra de uma maneira lenta e continua. A influencia desta causa é demonstrada por provas incontestaveis; assim, nos climas mui quentes os exemplos da tísica são mais raros do que nas regiões frias; ha tambem menos tísicos nas altas montanhas, onde o ar é secco, do que nos valles em que é humido. A má alimentação, insufficiente, e sobretudo a que se compõe exclusivamente ou na maior parte de substancias farinaceas e de vegetaes, a reunião de um grande numero de individuos em um pequeno espaço, a respiração de um ar impuro, a privação dos raios solares, a falta de exercicio, as paixões tristes, os excessos venereos e o onanismo, são outras tantas causas que, se obrão sobre um individuo *predisposto* á tísica, a produzem infallivelmente. Esta molestia é mais commum nas mulheres do que nos homens, e, bem que

possa atacar todas as idades, declara-se principalmente nas pessoas de vinte a trinta annos. Não é rara nas crianças; é pouco commum, pelo contrario, na idade adiantada.

A *duração* da tísica é, em geral, mui longa, e mui difficil de determinar-se de uma maneira um pouco exacta. Tudo o que se póde dizer de menos vago a este respeito é que esta molestia leva de ordinario seis mezes a dous annos para percorrer todas as suas phases, o que estabelece sua duração média de doze a quinze mezes, pouco mais ou menos. Mas em alguns doentes os accidentes se succedem com terrivel rapidez; em tres, dous e até um mez depois da invasão dos primeiros symptomas, apparece o seu funesto resultado. Estes casos felizmente são mui raros. Em outros doentes a duração da tísica parece prolongar-se indefinitamente, e só depois de cinco, seis, dez, vinte, trinta e até quarenta annos, é que chega o termo fatal.

Tratamento. É uma opinião geralmente acreditada que a tísica é incuravel. Muitos medicos a compar-tem, e é preciso confessar que os exemplos de cura, depois de declarada a molestia, são tão raros, que muitos facultativos podem não ter observado um só exemplo incontestavel no exercicio de sua arte. Esta crença causa o desanimo dos doentes, e não menos o do medico, e influe de uma maneira nociva sobre o tratamento da molestia. Na convicção de serem baldados todos os esforços, ninguem cuida em fazer a menor modificação no tratamento rotineiro desta molestia. Uns receitão o que outros tem receitado: bebidas peitoraes, poções da mesma natureza, alguns calmantes, fontes, um regimen brando, e tudo isto unicamente para descargo de sua consciencia, mas sem esperanza alguma de aproveitamento. A tísica entretanto cura-se ás vezes. O Dr. Laennec demonstrou que as escavações tuberculosas podem cicatrizar-se, e referio alguns exemplos destas curas; outros medicos tem publicado factos semelhantes. Não são raros os exemplos de tísicos que, sentenciados a uma morte

certa, curárão-se depois da sua renúnciação a todo o tratamento e a todo o regimen, ou por um regimen e um tratamento inteiramente oppostos aos que tinham seguido. Emfim, nos escriptos dos melhores autores antigos achão-se louvados com tão boa fé certos meios empregados contra a tísica, que tem hoje cahido no esquecimento, ou são até desprezados, que se deve acreditar que elles deverião ter produzido algumas vantagens. Tenhamos, porconsequente, uma pouca de confiança nos recursos da arte, interroguemos a experiencia de nossos predecessores, aproveitemo-nos até dos avisos que nos ministra o empirismo, emfim tentemos, se é possível, novas vias, e talvez que cheguemos a descobrir os meios de arrancar aos algumas victimas aos estragos desta terrivel molestia.

E' mais facil preservar da tísica do que cura-la; todos os esforços devem, por consequente, tender a preencher a primeira indicação. As precauções proprias para este fim consistem em habitar, se se póde, em um paiz secco e quente, pouco sujeito ás variações subitas da temperatura, em entregar-se aos exercicios gymnasticos, á acção de subir lentamente lugares elevados, á equitação, ao nadar, que tem a facultade de desenvolver o peito. Os banhos frios de mar ou de rio que acompanhão este ultimo exercicio são mui salutaes ás pessoas predispostas á tísica, mas serão contrarios quando a molestia já estiver desenvolvida, ou se houver escarros de sangue. O ar livre, a insolação, a alimentação composta principalmente de carnes assadas de vacca, carneiro, e o menos possivel de pão e vegetaes, o uso do vinho generoso, das decocções amargas de genciana, de quassia e de musgo islandico com quina, os sumos antiscorbuticos, como os de agriões, de almeirão, eishahi o que convém. As viagens, geralmente, exercem uma feliz influencia na tísica que existe ainda em seu principio. A navegação tem sido sobretudo elogiada, e um certo numero de factos referidos pelos autores provão os seus bons effectos. Os pezares e as paixões

tristes devem ser evitados com grande cuidado, assim como os trabalhos intellectuaes excessivos. Acrescentemos que, se o individuo predisposto exerce uma profissão que irrita o órgão pulmonar, como o de actor, obrigado quasi todas as noites a cantar ou a declamar a ponto de fatigar-se; de tocador de instrumentos de sopro, de fabricante de obras de gesso, de pedreiro, ou de qualquer outra das que obrigão a viver no meio de um ar continuamente carregado de pó ou de gazes irritantes, deve renunciar a ella immediatamente. De todas as profissões, a que menos tísicos conta é a de carnicero; ha medicos que, partindo deste ponto de observação, aconselhão aos tísicos a habitação nos açougues, ou simplesmente as fricções de toucinho sobre o peito. (*Veja-se pag. 290 deste volume.*)

Se a tísica já existe, o regimen deve experimentar uma certa modificação. Convém então uma alimentação reparadora e não excitante. O leite de boa qualidade, de burra ou de vacca, preenche mui bem estas duas condições, e convém aos tísicos de todos os periodos; as substancias feculentas, taes como tapioca, sagú, araruta, podem ser adicionadas ao leite. As carnes brancas, as geléas, certos legumes, como o espinafre, palmito, as frutas que não são azedas, podem e devem compôr o regimen alimentario dos tísicos. Para bebida, servir-lhes-ha o vinho misturado com agua.

Alguns accidentes que podem apparecer durante a existencia da molestia reclamão uma medicação particular. Combate-se a tosse pelas infusões de flôres de malvas, raiz de althéa, de violas; pelas decocções de cevadinha, edulcoradas com xarope de gomma, de althéa; pelos lambedores ou julepos feitos com gomma arabica ou alcatira, ou emulsão de amendoas doces e amargas; pelos extractos de meimendo, de belladona, de cicuta; pelo acetato de morphina, opio, xarope diacodío; dos quaes estes tres ultimos á vantagem de acalmar a tosse reunem a de dar algum somno aos doentes. Combatem-se

os escarros de sangue com a conserva de rosas misturada com nitro, e com pequenas sangrias; cura-se a diarrhéa com clysteres emollientes, aos quaes se ajuntão algumas gottas de laudano. Fazem-se esforços para diminuir a molestia empregando-se diversos revulsivos, taes como emplastos de pez de Borgonha, fricções sobre o peito e entre as espadoas com pomada estibiada, causticos, fontes, &c., &c. Com o fim de se apressar a cicatrização das cavernas, fazem-se inspirar certos gazes, entre os quaes o chloro parece ser o mais vantajoso. Emfim, os doentes acharão nos cuidados de um medico esclarecido um grande numero de recursos, dos quaes não podemos aqui fallar.

Antes de acabar, não podemos deixar em silencio uma opinião mui vulgarmente espalhada, que consiste na possibilidade da transmissão por contagio da tísica pulmonar. A raridade desta molestia entre os enfermeiros dos hospitaes, que vivem n'uma atmosphera carregada das emanações de um grande numero de tísicos, nos mostra quanto é pouco fundada esta opinião. Sem duvida na mesma familia vêem-se ás vezes muitas pessoas serem affectadas successivamente da tísica; mas isso explica-se naturalmente pela identidade das circumstancias no meio das quaes se achão postas, e que tendem a desenvolver a molestia. Se a tísica fosse contagiosa, as grandes cidades já devastadas por ella não seriam mais que vastos sepulchros nos quaes virião enterrar-se as populações.

TISICA LARYNGEA. A molestia que foi descripta no artigo precedente chama-se mais particularmente *tísica pulmonar*, porque ataca os pulmões; por *tísica laryngea*, da qual nos vamos occupar agora, deve-se entender a reunião dos phenomenos de consumpção que resultão da ulceração da membrana mucosa que cobre o interior do larynge, canal que dá passagem ao ar.

As *causas* da tísica laryngea são os exercicios mui violentos da voz, o canto, a declamação, os gritos

agudos, o contacto de substancias pulverulentas, como acontece aos pedreiros, colchoeiros, etc.; os corpos estranhos vindos de fóra, o virus syphilitico, o abuso das bebidas alcoolicas, os excessos venereos, etc.

Symptomas. A molestia principia pela falla rouca ou pela perda da voz; existem no pescoço picadas, comichão ou uma dór fixa que augmenta pela compressão com a mão, pela inspiração de um ar frio ou mui quente, ou pela deglutição de alimentos solidos; depois sobrevem tosse secca, ou acompanhada de escarros mucosos.

Os symptomas que acabamos de indicar não podem ainda caracterisar a tísica laryngea, porque existem n'uma simples inflammação da garganta e do larynge; mas se estes symptomas durão muito tempo, se os escarros contém pus, se existe febre e sêde, se o doente emmagrece e cahe em marasmo, a molestia toma o nome de *tísica laryngea declarada*.

A tísica laryngea é uma molestia mui grave. Aquella que depende do virus syphilitico apresenta maior probabilidade de cura.

Tratamento. Um grande numero de meios forão propostos para combater a tísica laryngea. O silencio absoluto, as bichas, os sinapismos ou os causticos no pescoço, as fricções com pomada estibiada, os vomitorios e os purgantes, são geralmente empregados. O doente pôde respirar por meio de um aparelho particular vapores emollientes ou calmanfes. Podem-se tambem assoprar pelas vias aereas pós de calomelanos ou de pedra-hume.

Os medicamentos mercuriaes e outras substancias antisiphiliticas convém principalmente na tísica laryngea que procede do virus syphilitico. Pôde-se julgar que a molestia tem esta causa, se a pessoa foi atacada precedentemente de cavallos, mulas ou outros symptomas venereos, de que foi curada superficialmente sem tomar mercurio.

TOMATE. Fructo do *solanum lycopersicum*, Linneo, planta cultivada nas hortas do Brasil. É uma baga

deprimida na base e no apice, ao principio verde e depois vermelha quando madura. Emprega-se na arte culinaria; tem gosto acerbo, que deve á presença do acido malico; serve para a preparação de molhos, que tornão as comidas mais saborosas e de uma digestão mais facil.

TOMBO. *Veja-se QUÉDA*, Vol. III, pag. 316.

TONICOS. Chamão-se tonicos os medicamentos que augmentão o tom e a força dos orgãos. A esta classe pertencem as preparações ferreas, muitas plantas amargas, como a quina, genciana, quassia, almeirão, luparo, macella, absinthio, musgo islandico, e entre as plantas indigenas do Brasil, a casca de páo pereira, herva grossa, cipó de chumbo, etc. O emprego dos tonicos é sobretudo indicado nas molestias caracterizadas por debilidade geral, taes como as affecções escrophulosas, escorbúticas, gangrenosas. Recorre-se igualmente a elles nos casos de fastio, do enfraquecimento dos orgãos digestivos, nas convalescenças das molestias, etc.

TONTEIRA ou **TONTURA.** Estado de perturbação no qual nos parece que todos os objectos andão á roda: este estado é ás vezes acompanhado de dôr e peso de cabeça. Ordinariamente a tonteira é um indicio de congestão sanguinea do cerebro, e observa-se frequentemente nas mulheres gravidas e nos homens sanguineos.

Para combater este incommodo é preciso tomar um escaldapés com farinha de mostarda, beber um copo de limonada de limão ou de laranja, abster-se do vinho e dos licôres, e tomar um purgante. Se a tonteira persiste, é preciso applicar algumas bichas nas cadeiras ou na nuca.

TOPADA. *Dar uma topada.* Póde resultar da topada uma contusão ou uma ferida contusa. Em qualquer caso, convém nas primeiras horas applicar um panno molhado n'agua fria. *Veja-se CONTUSÃO*, Vol. I, pag. 425.

TORCEDURA. **TORSÃO**, **MAU GEITO** ou **GEITO.** Toda a acção que tem por effeito augmentar os movimen-

tos que executa uma junta, ou que tende a lhe fazer executar qualquer movimento n'um sentido em que ella o não póde executar, produz a diatensão e até a ruptura dos ligamentos que unem os ossos entre si: este effeito chama-se *torcedura*, *torsão*, *mdu geito*, ou simplesmente *geito*. O tornozelo, por causa de sua estructura e de suas funções, é a junta em que mais frequentemente se observa o accidente que nos occupa. Depois d'elle vem as juntas dos ossos que compoem o pé exclusivamente, as do punho, dos dedos, e sobretudo do pollegar, as das vertebrae, e emfim as da coxa e do hombro.

Causas. Um escorregão ou uma quéda de um lugar alto, estando o pé virado de um ou de outro lado, mais ou menos fortemente, uma quéda sobre a mão virada, um movimento rapido de rotação de cabeça, o choque do dedo contra um corpo mui resistente, os esforços que tendem a inclinar para os lados as juntas do joelho ou do cotovello, as grandes aberturas das coxas, etc., são as causas mais ordinarias das torceduras.

Symptomas e prognostico. Uma dôr mui viva é o primeiro effeito de todos os accidentes deste genero. Desenvolve-se logo uma inchação mais ou menos consideravel, e ás vezes apparece na pelle um colorido escuro produzido pela infiltração do sangue que sahe dos pequenos vasos rotos. Os movimentos da parte são difficeis e ás vezes impossiveis. Se a torcedura é pequena e o tratamento convenientemente dirigido, a dôr se acalma em poucos dias; a inchação, que ordinariamente tem chegado ao seu auge em vinte e quatro horas, diminue pouco a pouco; o colorido da pelle espalha-se para longe, toma pouco a pouco uma côr amarellada, e desaparece; e depois de quinze dias, tres semanas ou um mez, a cura é completa. Mas se a torcedura é muito consideravel, a melhora custa mais a apparecer. Se o doente continúa a mover a junta offendida, e ás vezes mesmo quando se conserva no repouso mais absoluto, a dôr e a inchação reapparecem e augmen-

tão; a inflammação se desenvolve, póde até sobrevir a suppuração, ou a molestia passar ao estado chronico, e a inchação acompanhada de dór prolongar-se indefinitamente.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer logo depois do máu geito é mergulhar a junta torcida n'agua mui fria, que tem a propriedade de acalmar a dór e oppõe-se ao desenvolvimento da inchação e da inflammação. É preciso ter o cuidado de prolongar esta immersão por seis, oito e dez horas a fio, e renovar a agua á medida que fôr ficando quente. Quando o membro fôr tirado da agua, deve-se embrulhar em pannos molhados tambem em agua fria, e renova-los amiudadas vezes. Se a torcedura é pequena, o emprego deste meio basta para prevenir a inflammação, o qual meio deve ser continuado até á cura. Mas quando a torcedura fôr mui violenta, estas applicações frias não bastão para impedir a inflammação; a parte incha, torna-se vermelha e dolorosa; é então que cumpre não insistir na agua fria, e recorrer á medicação chamada anti-phlogistica, isto é, applicar bichas dous ou tres dedos distante da junta, e não sobre o lugar a ella correspondente. As bichas nunca devem ser empregadas nos primeiros momentos do accidente, como muita gente costuma fazer, pois que então favorecem o affluxo de sangue em vez de preveni-lo. Depois das bichas, applicão-se cataplasmas de farinha de liobaça, e continuão-se por alguns dias. Quando, pelo uso prolongado destas applicações emollientes, a dór, a vermelhidão e a inchação tiverem diminuido, substituem-se-lhes os resolventes; envolve-se a junta em pannos molhados n'agua fria misturada com duas colheres de sopa de extracto de saturno para um quartilho d'agua, ou n'agua salgada: póde-se tambem empregar a mistura d'agua e de alcohol alcanforado em proporções iguaes. Póde-se igualmente usar de cataplasmas feitas com farinha de trigo e vinho tinto, e applicadas frias. Durante todo o tratamento, é preciso abster-se de dar mo-

vimento algum á junta torcida. Os movimentos, com effeito, terião o inconveniente de augmentar a irritação e de oppôr-se á cicatrização dos ligamentos e das outras partes molles rasgadas durante o accidente. Quando a torcedura tiver lugar na junta do pé, o doente não deve andar senão quando a dôr e a inchação tiverem inteiramente desaparecido. É util tambem, neste caso, remediar-se á fraqueza dos ligamentos, prevenir a recahida e diminuir a inchação do membro, comprimindo a junta com uma atadura methodicamente applicada, ou então servindo-se de uma meia de brim, apertada e laçada de lado. Duas vezes por dia, de manhã e á tarde, far-se-hão fricções sobre a junta com aguardente alcanforada, com balsamo opodeldoch, ou com a mistura seguinte: Vinagre aromatico, 2 onças; Alcoolato de alfazema, 2 onças; Laudano de Sydenham, 1 onça. Misture.

A's vezes, depois das torceduras, os ligamentos ficão n'um estado de rijeza que torna mui difficil e mui incompletos os movimentos do membro affectado. Os banhos mornos com cozimento de folhas de malvas ou de dissolução de colla de Flandres, repetidos todos os dias por algum tempo, são os meios que melhor convém neste caso.

TORCICOLLO, ou MAU GEITO NO PESCOÇO. Dôr que tem sua séde nos musculos do pescoço, e que sôrça o doente a ter a cabeça inclinada para o lado, e faz o pescoço torto, donde lhe vem o nome de *torcicollo*. Este estado é quasi sempre provocado pela impressão de uma corrente de ar frio sobre um dos lados do pescoço; mas sobrevém tambem durante o somno, e os medicos pensão que o frio não é sua causa unica, e que muitas vezes é devido a terem os doentes dormido n'uma posição incommoda, que, mantendo alguns musculos n'uma contracção forçada, acaba por fixar nelles uma certa dôr. O torcicollo dura raras vezes além de quatro ou cinco dias; cede mui facilmente á applicação do sinapismo no lugar doloroso, por espaço de dez ou quinze minutos, ás fric-

ções com laudano, balsamo tranquillo, oleo essencial de terebenthina, ou balsamo opodeldoch.

TOSSE. A tosse não é, propriamente fallando, uma molestia, mas sim um dos signaes pelos quaes se reconhece no exterior o soffrimento dos órgãos respiratorios. No estado de saúde, todas as causas que irritão os órgãos da respiração podem determinar a tosse. A respiração de um ar frio, degazes irritantes, de ar carregado de pó, de fumaça, &c., causão a tosse. As molestias durante as quaes ella se mostra são: o catarrho pulmonar, a tísica, a inflammação dos bofes, o pleuriz, os sarampos, algumas affecções do coração, o garrotinho, a coqueluche, &c.

As mulheres gravidas são sujeitas a tossir, a dentição produz o mesmo effeito nas crianças. Certas pessoas tem uma tosse secca habitual que existe com a saúde perfeita; por conseguinte, não é preciso inquietar-se com ella.

Quando a tosse é violenta, o rosto fica vermelho e inchado, os olhos são cheios de lagrimas, o doente experimenta tonteiras e zunidos de ouvidos, e ás vezes sobrevem vomitos. Estes phenomenos se observão na coqueluche.

Sendo ordinariamente a tosse um symptoma de molestia, o melhor tratamento a empregar-se para cura-la consiste em fazer desapparecer a molestia que a produz. Vê-se que não podemos entrar nos pormenores de cada uma destas affecções: chamamos a attenção do leitor para os artigos **ASTHMA, CATARRHO PULMONAR, DEFLUXO, COQUELUCHE, PULMÕES (MOLESTIAS DOS), TÍSICA, &c.**, nos quaes temos já fallado deste objecto. Entretanto, podemos aqui indicar de uma maneira geral alguns medicamentos que convém contra toda a especie de tosse. Estes medicamentos são: chá quente de flôres de malvas, ou de raiz de althéa, ou de flôres de violas, ou de perpetua, ou de passas com figos seccos, adoçado com assucar, mel de abelha ou xarope de gomma. Uma gemmada quente tomada á noite ao deitar-se é mui util contra a tosse; diremos o mesmo da poção seguinte:

Emulsão de amendoas doces	5 onças;
Agua de flôr de laranja	2 oitavas;
Laudano de Sydenham	10 gottas;
Xarope diacodio	1 onça.

Misture.

TOSSE DE CACHORRO. *Vêja-se* CATARRHO PULMONAR, Vol. I. pag. 309.

TOSSE CONVULSIVA. *Vêja-se* COQUELUCHE, Vol. I, pag. 438.

TRACA-ARTERIA. A traca-arteria é a porção do conducto aereo comprehendida entre o larynge e os bronchios.

TRANSPIRAÇÃO. A transpiração é uma exhalção continua e insensivel de vapor aqueo na superficie da pelle. Quando é mais abundante para ficar apreciavel ao tacto, existe o que se chama *pelle humida*. Emfim, quando as gottas cobrem a superficie da pelle, existe *suor*.

A transpiração cutanea insensivel constitue o estado normal; o suor é uma excepção.

A transpiração cutanea é mais abundante quando o ar é secco do que quando é humido. As pessoas gordas transpirão mais de que as magras, os homens mais do que as mulheres. Todos sabem que no verão a exhalção cutanea é muito mais forte do que no inverno.

A transpiração exhala um cheiro particular conforme os individuos. Almiscarada em algumas pessoas, é pelo contrario de um insupportavel máu cheiro em outras. Nas crianças tem um cheiro de leite azedado, é acida nas mulheres nas épocas mens-truaes, etc. Nos negros tem um cheiro repugnante.

O suor faz equilibrio ás outras secreções; assim, quando é mui abundante, a secreção urinaria diminue, e *vice-versa*.

Desde muito tempo a suppressão dos suores parciaes ou geraes é considerada como causa de molestias; de certo os antigos exagerarão esta causa, mas sempre está provado que, n'um grande numero de casos, uma transpiração subitamente suppressida

pela acção do frio torna-se causa de affecções mui diversas, conforme a predisposição da pessoa. O catarro pulmonar, a pneumonia, o pleuriz, o reumatismo, as empigens, as dôres nervosas, são frequentemente a consequencia de uma suppressão da transpiração. Tem-se visto muitas outras molestias serem o resultado desta suppressão, e o doente só sarar quando teve a fortuna de tornar a provocar o suor supprimido.

Os meios proprios para provocar o suor são banhos de vapor, tijolos quentes ou saquinhos cheios d'arêa quente, ou botijas com agua quente postas na cama perto do doente; é preciso ajuntar a estes meios fricções com baeta secca ou molhada n'agua quente ou fria. Ao mesmo tempo é preciso tomar infusões quentes e aromaticas, taes como chá de herva cidreira, de casquinha de limão, de casquinha de laranja, de flôr de borragem ou de flôr de sabugueiro.

Quando é preciso provocar a transpiração supprimida dos pés, convém tomar escaldapés com farinha de mostarda, com cinza ou sal; é necessario trazer meias de lã cobertas de tafetá gommado; e ás vezes convém polvilhar um pouco o interior das meias com farinha de mostarda.

TRAPOERABA. (*Tradescantia diuretica*, Martius.) Planta rasteira do Brasil. Caule liso, contém um succo pegajoso; folhas ovaes, agudas, lisas; flôres azues. O cozimento de trapoeraba é diuretico; emprega-se nas hydropisias. Prepara-se com uma onça de folhas de trapoeraba e um quartilho d'agua.

TREMOR. Agitação involuntaria de todo o corpo ou de alguma parte. Este phenomeno se mostra em diversas circumstancias. O *tremor senil*, evidentemente devido ao enfraquecimento dos nervos e dos musculos, produzido pelos progressos da idade, é uma enfermidade incuravel e que não merece fixar nossa attenção. O tremor accidental que se observa em certas profissões em que o mercurio é empregado, e que é conhecido pelo nome de *tremor mer-*

curial, fica descripto na pag. 284 deste volume. O tremor parcial dos membros superiores, que existe na affecção dos bebados chamada *delirio nervoso*, foi em seu lugar mencionado (Vol. II, pag. 9). Diremos o mesmo desse tremor convulsivo que se observa na *dansa de S. Guido* (*Veja-se* Vol. II, pag. 1.) O tremor póde tambem ser um symptoma de qualquer molestia da medulla espinhal: ha então ordinariamente dôr em algum ponto da columna vertebral; mas o tratamento deste tremor é mui complicado para poder ser descripto em uma obra de medicina popular. Resta-nos sómente assignalar aqui o tremor prematuro, mais ou menos analogo ao tremor senil, que não póde ser attribuido aos progressos da idade, e que se mostra susceptivel de algum tratamento. A fraqueza innata ou adquirida, a debilidade da convalescença das molestias graves, o abuso do café, dos licôres alcoolicos, que acabão por enfraquecer a potencia nervosa por estimulações mui repetidas, a fraqueza que deixão as paralytias, os excessos venereos, o onanismo, podem determinar o tremor, até em pessoas ainda moças. Esta affecção é parcial ou geral; de ordinario, limita-se ás mãos, aos membros superiores ou inferiores, ao pescoço, á lingua, etc., donde resultão incerteza nos movimentos, impossibilidade de entregar-se aos trabalhos manuaes, vacillação no andar, movimento de cabeça, gagueira e embaraço na voz, etc. Para se curar este tremor, é preciso antes de tudo remover as causas que o produzirão, e depois recorrer á medicação tonica. Assim, a habitação na roça, um ar puro, os exercicios do corpo moderados, as fricções sobre a pelle com tintura de quina e de alfazema, os banhos frios pouco demorados, as aguas ferreas, as decocções de plantas amargas, taes como as de genciana, de quassia, convém neste caso, assim como o uso moderado de vinho generoso e de uma alimentação composta principalmente de carnes assadas, de tapioca, sagú e de outras substancias mui nutrientes.

TRIPAS. *Veja-se* INTESTINOS, Vol. II, pag. 457.

TRISMO ou **CERRAÇÃO DOS QUEIXOS**, *Veja-se* TETANO, Vol. III, pag. 513.

TROMBETEIRA. Dá-se este nome a duas plantas do Brasil. Uma é *Datura fastuosa*, Linneo, que tem tres pés de altura, cresce perto das habitações, e é cultivada nos jardins por causa da belleza de suas flôres, que são longas, em fórma de funil, brancas com riscas longitudinaes rôxas; o fructo é uma capsula arredondada, coberta de espinhos. Outra, chamada por Linneo *Datura arborea*, é um arbusto de oito pés, mui commum nas margens dos rios, com flôres brancas compridas; o seu fructo é uma capsula elliptica, lisa e contém um grande numero de sementes branco-amarelladas. As folhas e flôres destes vegetaes tem um cheiro viroso, gozão de propriedades narcoticas, e empregão-se em banhos ou em cataplasmas contra os rheumatismos, colicas, e outras affecções dolorosas; o oleo de trombeta usa-se em fricções contra varias dôres. Os charutos da trombeteira são um excellente palliatio da asthma. A trombeteira tomada internamente e em alta dôse, poderia causar accidentes graves, e o Sr. Robert, director do Jardim Botanico em Toulon, vio tres crianças envenenadas, das quaes uma morreu, por terem comido as frutas da *Datura fastuosa*.

TROVÃO. Para os effeitos do trovão sobre o nosso corpo, *Veja-se* RAIO, Vol. III, pag. 345.

TUBARAS (*Truffes* em francez). Producto subterraneo, carnoso, compacto, que a maior parte dos naturalistas poem na classe dos cogumelos. Ha algumas variedades de tubaras: 1.º, a tubara preta; 2.º, a tubara almiscarada; 3.º, a tubara cinzenta ou com cheiro d'alho; 4.º, a tubara branca. A primeira é a mais interessante e a que se acha mais geralmente no commercio.

A tubara preta é arredondada, irregular, de volume variavel desde o de uma noz até ao de um punho, de cheiro penetrante e suave. Acha-se principalmente em França, Italia, Hespanha, &c. Cresce seis a sete pollegadas debaixo da terra, onde é descoberta

por seu cheiro pelos porcos e cães que costumão ser ensinados para esta colheita.

A tubara é um alimento são, agradável e se digere mui bem quando é comida com moderação. As tubaras deitão-se nos molhos, nos recheios dos perús, pasteis, &c., a que dão um gosto delicioso, a propriedade de se conservarem por mais tempo e a de se digerirem mais facilmente. Attribuem-se-lhes também propriedades aphrodisiacas.

TUBERCULO. O nome de *tuberculo* designa geralmente um tumor duro, pouco volumoso, de qualquer natureza que seja. Taes são, *verbi gratia*, os tuberculos que se desenvolvem nas orelhas no principio da molestia chamada *morphéa*.

Mais particularmente chama-se *tuberculo* uma produção morbosa, de côr branca amarellada, de um volume que varia desde o de uma cabeça de alfinete até ao de um ovo de gallinha, e mais dura no principio, mas que se torna depois friavel, molle e adquire gradualmente uma consistencia liquida e um aspecto de pus. Os tuberculos desenvolvem-se principalmente nos pulmões, e constituem então a molestia chamada *tísica*; apparecem também no interior das glandulas lymphaticas que se achão debaixo do peçoço, e formão neste caso a molestia designada debaixo do nome de *escrophulas*. Os outros órgãos em que costumão desenvolver-se os tuberculos, mas muito menos frequentemente do que nos pulmões e nas glandulas lymphaticas, são: o figado, o baço, o cerebro, os ossos, os intestinos, &c.

Os *symptomas locaes* produzidos pelos tuberculos varião conforme os órgãos. Às vezes, sobretudo nos primeiros tempos, nada annuncia a sua presença; entretanto, quando tem adquirido certo volume, ou quando são numerosos, determinão ordinariamente dôr e perturbão as funcções do órgão affectado; nos pulmões, produzem tosse, difficuldade na respiração, escarros de sangue e outros phenomenos; no cerebro diversas desordens da intelligencia; nos ossos, dôres, postemas, etc.

Os *symptomas geraes* são mui salientes. Emquanto os tuberculos se desenvolvem, nota-se um estado de enfraquecimento; a pelle torna-se pallida, o corpo emmagrece, as funcções desfallecem. Mais tarde, quando chega o periodo do ramollecimento dos tuberculos, sobrevém febre e fraqueza extrema.

As *causas* dos tuberculos são as mesmas que forão indicadas fallando das escrophulas (Vol. II, pag. 166). O *tratamento* tambem é o mesmo: assim, convém essencialmente o ar do campo, o exercicio, um regimen composto principalmente de carne, vinho, medicamentos tonicos, etc.

TUMOR. Chama-se *tumor* toda elevação circumscripta, de um certo volume, desenvolvida n'um parte qualquer do corpo. Desta maneira confundem-se debaixo da denominação de tumor a simples expansão, a tumefacção, quer inflammatoria, quer de qualquer outra natureza, a distensão de um orgão pela accumulacão contra natureza de materias, a tumefacção produzida pela deslocação de um orgão, etc. A esta classe de molestias pertencem: postemas, anthrazes, frunchos, erysipelas, panaricios, aneurysmas, varizes, scirrhos, cancos, lobinhos, quebraduras, verrugas, kystos, polypos, hydropisias, deslocações, fracturas, ecchymoses, exostoses, etc., etc.

A' vista da infinita variedade de tumores e das suas diversas naturezas, não é possivel dizer nada de uma maneira geral nem sobre as suas causas nem sobre o seu tratamento. É preciso que o leitor procure cada um dos artigos em que tratamos destas molestias separadamente.

TUMORES DO SEIO. *Vejá-se* SEIO, Vol. III, pag. 436.

TUMOR BRANCO. Os tumores brancos são uns inchaços ou engurgitamentos das juntas, sem mudança de côr da pelle, ás vezes duros e resistentes, outras vezes molles e elasticos, acompanhados de difficuldade ou impossibilidade de mover o membro, e ás vezes de dôres mui vivas ao menor esforço. Podem desenvolver-se em todas as juntas, mas não

com a mesma frequencia. O Joelho é sua séde mais ordinaria: depois vem, na ordem de sua frequencia, os quadris, as juntas do pé, do pulso, o cotovello, e emfim o hombro. São muito mais raros os tumores brancos nas pequenas juntas, taes como as dos dedos da mão ou do pé.

Causas. O tumor branco apparece com maior frequencia entre as pessoas moças do que na idade adulta ou na velhice. E' muito mais commum nos paizes frios do que nos calidos: esta molestia é felizmente rara no Rio de Janeiro. Entre as causas que podem determinar o seu desenvolvimento, é preciso pôr em primeira linha o rheumatismo chronico e a affecção escrophulosa. Nas pessoas que apresentam esta triste predisposição, basta a menor causa occasional para produzir a formação de um tumor branco. Uma pancada, uma quéda, um andar forçado, a habitação n'um lugar humido, uma torcedura sobretudo, são suas causas determinantes mais ordinarias.

Symptomas. A molestia principia ordinariamente por uma dôr surda, fixa, em alguma junta; outras vezes o inchaço apparece antes da dôr. Qualquer que seja o modo de desenvolvimento da molestia, apparece sempre, no fim de algum tempo, debaixo da fórma de um tumor duro e circumscripto. Os movimentos da junta ficão sensivelmente diminuidos; existe sobretudo difficuldade de estender o membro; pouco a pouco este membro se dobra e vai se tornando immovel. Às vezes o tumor augmenta de volume, fica molle, e a pelle torna-se luzidia. Depois de um tempo mais ou menos longo, a pelle fica vermelha n'um ponto, forma-se uma pequena postema que se abre e deixa sahir uma quantidade consideravel de pus; ordinariamente sua abertura persiste, não se fecha e continúa a deixar sahir todos os dias muita materia. Outras semelhantes postemas se formão successivamente em diferentes pontos da junta, e ficão fistulosas. A saúde geral se enfraquece progressivamente; o doente emmagrece, perde o appetite; o

pulso torna-se frequente; depois sobrevém a diarrhéa com suores nocturnos abundantes. Neste estado o doente corre grande risco; muitas vezes, entretanto, estes phenomenos desaparecem successivamente, as fistulas se fechão, as forças renascem, e a cura se effectua.

Tratamento. O membro doente deve permanecer em repouso absoluto. No principio da molestia convém applicar bichas e depois cataplasmas de linhaça. Mais tarde applicão-se causticos na junta, e, depois de sararem, fricciona-se o tumor branco com a pomada de hydriodato de potassa. Internamente, o doente usará de medicamentos tonicos, que são preparações de quassia, quina, genciana; sua alimentação será composta principalmente de carnes assadas; um pouco de vinho generoso lhe é util. Os medicamentos que se empregão contra as escrophulas, e que são indicados no Vol. II, pag. 169 e 170, applicão-se com proveito contra os tumores brancos.

Quando todos estes meios, e outros que não se podem indicar nesta obra, fôrem baldados, e quando a cura é julgada impossivel, é preciso fazer a amputação do membro affectado de tumor branco.

TYPHO. Esta palavra designa uma febre contínua, contagiosa e epidemica, cujo character mais saliente é um estado de estupor particular, assaz analogo áquelle que resulta da embriaguez. Esta molestia se declara ordinariamente no meio de grandes reuniões de homens quando os individuos que as compoem são expostos a paixões tristes, opprimidos pela miseria e desalinho, obrigados a se alimentarem com comidas insalubres e a beberem agua corrupta, ou quando estão accumulados n'um espaço estreito, como acontece nas prisões, hospitaes, acampamentos, etc.

Symptomas. 1.º *periodo.* O typho principia por uma mudança no character, indifferença, cansaço geral, somno penoso, máo halito, tremor das mãos, vertigens e uma constricção na bocca do estomago. A estes symptomas succedem *calafrios* nas costas

seguidos de calor ; depois vem dôr de cabeça , tremores, sêde d'agua ou de bebidas acidas, anxiedade, abatimento das forças, um sentimento de embriaguez, enjôos e vomitos; as ourinas são raras, a pelle humida e quente, o pulso frequente, o somno inquieto.

Os symptomas não tardão em se aggravar : o peso de cabeça e o estupor tornão-se mais fortes, turva-se a vista, zunem os ouvidos, os doentes respondem vagarosamente, tem repugnancia para se moverem, estendem a lingua com lentidão; a deglutição torna-se difficil, sobrevém oppressão e uma tosse fatigante, o ventre fica doloroso; as dôres manifestão-se tambem nas barrigas das pernas, nas costas e nas juntas dos dedos. No quarto dia, declara-se ás vezes uma hemorrhagia nasal pouco abundante; ao mesmo tempo apparecem vermelhidões e pequenas pintas nas costas, peito, coxas, braços, e ás vezes no rosto.

Este periodo dura seis a sete dias.

2.º *periodo*. Esta segunda phase da molestia é marcada pela exacerbação dos symptomas. O pulso é fraco, a prostração extrema, existe delirio; o doente acha-se ás vezes n'uma modorra profunda, e experimenta sobresaltos convulsivos. O halito e as evacuações alvinas são de um fedor extremo. Frequentemente existem soluços; as ourinas e as evacuações alvinas sahem sem que o doente o sinta.

3.º *periodo*. No decimo quarto ou decimo quinto dia, se a molestia deve ter um exito funesto, os phenomenos de estupor e os accidentes nervosos fazem novos progressos, e o doente succumbe no meio de uma somnolencia profunda. A morte é ás vezes precedida de hemorrhagias abundantes, de uma extensão mui grande das pintas e da formação das nodoas gangrenosas.

Mas se, pelo contrario, o doente tem de sarar, os accidentes tão graves que acabamos de indicar diminuem progressivamente de intensidade; o doente sahe do seu abatimento como de um sonho; manifestão-se ás vezes phenomenos chamados criticos, taes como suores abundantes, cachumbas, hemor-

rhagias nasaes, fluxo bilioso, ou urinas com muito sedimento.

Esta marcha é frequentemente modificada em certas epidemias por accidentes particulares; a molestia é ás vezes complicada de algumas outras affecções mais ou menos graves, as mais communs das quaes são a dysenteria e a podridão d'hospital.

A convalescença é mui longa e mui penosa.

Prognostico. O typho é uma das molestias mais graves, tanto pelo numero das pessoas que ataca como pelo numero das que mata. Ha exemplos de ter o typho decimado exercitos, cidades sitiadas, matando a metade, os dous terços dos doentes.

Tratamento. Segundo o que temos dito, que a accumulção de um grande numero de individuos é a causa quasi constante do typho, comprehende-se, que, para evitar esta molestia, convém evitar a accumulção.

A primeira coisa que cumpre fazer, quando se declara uma epidemia de typho em algum hospital, consiste em isolar os doentes e subtrahi-los ás causas de insalubridade. Convém estabelecer uma ventilação permanente, fazer fumigações de chloro, espalhar nas salas agua de Labarraque e ter o maior asseio.

Emquanto ao tratamento do typho, varia conforme o estado do doente e o periodo da molestia.

1.º *periodo.* A sangria de braço e as bichas só convém quando o doente é de uma constituição mui forte. Os evacuantes aproveitão melhor: é preciso dar no principio da molestia um vomitorio de poaya ou um purgante de salamargo. O doente usará de bebidas acidulas frias, taes como limonada de limão ou de laranja. Uma dieta severa é de rigor.

2.º e 3.º *periodo.* Quando se desenvolvem os phenomenos nervosos e putridos, emprega-se valeriana, camphora, almiscar, arnica, sinapismos e causticos. É util applicar na testa pannos molhados n'agua fria. As preparações de quina são perfeitamente indicadas. As ulcerações e as escaras gangrenosas

devem ser polvilhadas com pós de quina, camphora e carvão.

Comparação do typho e da febre typhoide. O typho é contagioso e a febre typhoide não é, ou só é contagiosa em alguns casos excepçionaes. O primeiro resulta quasi exclusivamente da accumulacão mui grande de individuos. Os phenomenos cerebraes, e particularmente o estupor, são sobretudo mais salientes no typho; a marcha da molestia é mais rapida, o prognostico mais grave. Emquanto ao tratamento, os tonicos são de uso mais vantajoso no typho do que na febre typhoide.

TYSICA. *Veja-se* TISICA, Vol. III, pag. 523.

U

UASSACU. *Veja-se* ASSACU, Vol. I, pag. 159.

ULCERA. *Veja-se* CHAGA, Vol. I, pag. 333.

ULTIMAS. *Veja-se* PAREAS, Vol. III, pag. 175.

UMBIGO. *Veja-se* EMBIGO, Vol. II, pag. 84.

UNGUENTO. Os unguentos são medicamentos externos destinados á cura das feridas e ulceras, ou servem para fricções quando o medicamento deve ser absorvido. São ordinariamente compostos de gorduras, azeites, cera, terebenthina, pez, resinas, etc. Os unguentos mais usados são:

Unguento de althéa: mistura de azeite doce, de mucilagem de raiz de althéa ou de sementes de linhaça, de cera, pez, resina e terebenthina; é levemente excitante: pôde ser empregado para curar as ulceras antigas.

Unguento basilicão: composto de colofonia, pez, cera e azeite doce; empregado nas chagas indolentes, e para activar a suppuração dos causticos.

Unguento branco ou ceroto. *Veja-se* CEROTO, Vol. I, pag. 328.

Unguento cinzento: composto de banha e mercurio;

emprega-se para curar as feridas syphiliticas, e para matar os piolhos.

Unguento digestivo: composto de terebenthina, gemma de ovo e oleo de hypericão; levemente excitante: usa-se nas chagas antigas.

Unguento de estoraque: composto de colofonia, resina elemi, cera, oleo de nozes e estoraque; mui excitante, usa-se contra as chagas antigas.

Unguento de Genoveva: tem os mesmos usos e as mesmas propriedades que o precedente; composto de azeite doce, cera, alcanfor, terebenthina e pós de pão de sandalo.

Unguento da mãe: mistura de azeite doce, banha, manteiga, sebo, cera, oxydo de chumbo, pez negro; usado contra as chagas.

Unguento napolitano: combinação do mercurio com a banha, mas o mercurio entra em dôse maior do que no unguento cinzento; empregado para curar as ulceras venereas, ou em fricções na syphilis e inflammações dos órgãos do ventre.

Unguento populeão: composto de gommias de choupo, meimendro, herva moura e banha; emprega-se contra as hemorrhoidas como calmante.

UNHA. As unhas são pequenas chapas duras e oblongas que se achão na superficie dorsal da extremidade dos dedos das mãos e dos pés. Distingue-se nas unhas uma parte posterior ou *raiz*, uma parte media ou *corpo*, e uma parte anterior ou *margem livre*.

A *raiz*, mais molle e mais delgada que as outras porções, fica escondida debaixo da pelle: forma quasi a quinta parte do comprimento total do órgão. O *corpo* adhere intimamente á pelle pela sua superficie interna.

UNHA ENCRAVADA. Dá-se este nome a duas molestias mui differentes. Quando se usa calçado muito apertado, os dedos se estreitam fortemente; as unhas, comprimidas de um e de outro lado, se curvão, e carregão forçosamente sobre as partes molles, as quaes são tambem comprimidas de ambos

os lados e as cobrem. Resulta disto que as margens da unha se enterrão na carne. A carne, irritada, inflamma-se e deixa-se cortar pela unha, e então existe a primeira fôrma da molestia, que se observa quasi sempre no dedo grande, porque as unhas dos outros dedos não são tão duras. O máo costume que tem algumas pessoas de cortar as unhas mui rente e circularmente, em vez de dar-lhes a fôrma quadrada, favorece a entrada da unha nas carnes.

Na segunda fôrma da molestia, não ha mudança na disposição relativa das partes, e a ulceração não principia no lugar correspondente ás margens da unha, mas sim na sua base; o mal tem sua séde unicamente na pelle que produz a unha. Esta affecção se desenvolve pela topada ou quéda de um corpo pesado sobre o dedo, ou vem espontaneamente.

Os effeitos da unha encravada são differentes conforme os grãos da molestia: ao principio a pelle é sómente irritada, o doente experimenta dôres quando anda; mas, sendo esta dôr leve e supportavel, não o obriga ao repouso: entretanto a molestia faz progressos, a pelle se inflamma, os soffrimentos augmentão; ás vezes levantão-se na ferida carnes esponjosas. N'um grão mais adiantado da molestia, corre uma materia fetida, as dôres são mui vivas, e o doente só póde andar firmando-se sobre o calcanhar.

Tratamento. Varios meios de tratamento forão propostos contra esta dolorosa enfermidade. Os mais racionaes são: entre a unha e as carnes introduzir uma chapa de folha de Flandres, ou uma lamina de chumbo, ou fios, afim de levantar a margem da unha encravada; cauterisar as carnosidades com pedra-hume calcinada ou com pedra infernal; finalmente, se estes meios não fôrem sufficientes, extirpar a unha com a raiz.

UNHA DOS OLHOS, ou PTERYGIO. Excrescencia varicosa, de fôrma triangular, ordinariamente desenvolvida no angulo interno do olho, donde se

estende sobre o órgão. Empregão-se contra esta affecção lavatorios com o collyrio seguinte: — Sulfato de zinco, 6 grãos; agua de rosas, 6 onças. — Mas quando não se pôde fazer desaparecer o pterygio por este meio, é preciso fazer a sua excisão. *Vêja-se* Vol. III, pag. 109.

UNHEIRO. Inflammação superficial do dedo perto da unha. O unheiro differe do *panaricio*, porque neste ultimo a inflammação é muito mais profunda. O unheiro é caracterisado por uma dôr ardente, superficial, acompanhada de comichão; logo o epiderme se levanta, e forma-se uma vesicula perto da unha. Esta inflammação se manifesta ordinariamente na face dorsal do dedo, mas tambem se pôde declarar sobre os lados e na polpa do dedo. Não ha inchação quasi nunca, mas a unha ás vezes se despega e cahe.

As causas do unheiro são esfoladuras, rasgaduras de pelliculas que ás vezes existem em torno das unhas e que se chamão *espigas*, as pancadas sobre os dedos, etc.

Bem que de natureza benigna, o unheiro não deixa de ter alguns inconvenientes. Expõe, *verbi gratia*, como acabei de dizer, á perda da unha. Esta chapa cornea ás vezes não torna a reproduzir-se; outras vezes adquire, reproduzindo-se, uma fôrma desigual. Acontece tambem que a ferida se cobre de carnes esponjosas dolorosas e difficeis de curar.

Tratamento. Se a epiderme ainda não está levantada, convém tentar a resolução da inflammação, envolvendo o dedo n'um panno molhado n'agua vegeto-mineral fria, ou n'uma dissolução de pedra-hume (1 oitava de pedra-hume para duas onças d'agua fria). Deve-se ter a precaução de não pôr o dedo em posição declive, mas sim ter constantemente a mão levantada por meio de um lenço.

Quando a bolha está formada, é preciso abri-la com a ponta de um alfinete, applicar-lhe uma cataplasma de linhaça por um ou dous dias, e depois deste

tempo curar simplesmente a ferida com fios untados de ceroto de espermacete.

Se a raiz da unha está realmente despegada, abrevia-se a duração da molestia acabando com a pinça a extracção do órgão vacillante. Cura-se depois a ferida com cataplasma de linhaça, e finalmente com ceroto. As carnes esponjosas, se existem, devem ser tocadas com pedra infernal; mas é preciso que esta pedra penetre profundamente, até aos ultimos limites da molestia. Sem esta precaução, as carnes esponjosas tornão a reproduzir-se, e o doente soffre inutilmente.

UNTURA. *Vêja-se* FRICÇÃO, Vol. II, pag. 290.

URETRA. A uretra é o canal musculo-membranoso destinado, em ambos os sexos, a dar passagem á ourina. No *homem* tem 8 a 10 pollegadas de comprimento; na *mulher*, só uma pollegada.

MOLESTIAS DA URETRA. 1.º *Hypospadias*. Às vezes o canal da uretra, em vez de abrir-se na extremidade da glande, abre-se na face inferior do membro viril; este estado chama-se *hypospadias*. Existem muitas variedades deste vicio de conformação. N'uma variedade, o canal da uretra tem a sua abertura na base da glande; n'outra, entre a glande e o escroto; na terceira, o escroto é dividido longitudinalmente, e o orificio da uretra existe entre os dous labios da divisão. Se nesta ultima variedade o membro viril é mal conformado, pôde disso resultar apparencia de sexo feminino ou hermaphrodismo.

Os resultados da deformidade varião conforme o canal da uretra se abre immediatamente atrás da glande, ou n'um ponto mais ou menos afastado della. Nos individuos que se achão neste ultimo caso, o liquido seminal não pôde chegar até ao utero, e, por consequinte, a fecundação para elles é impossivel; tanto mais quanto ao mesmo tempo o membro viril é pouco desenvolvido, e se curva fortemente para baixo nas fracas erecções que podem experimentar estes doentes. Pelo contrario, quando o canal da uretra se abre perto da glande, o membro viril pôde

preencher suas funcções , e a fecundação pôde ter lugar.

O hypospadias da segunda e da terceira variedade é incuravel. Para curar o hypospadias em que o canal da uretra se abre perto da glande, alguns cirurgiões aconselhão que se fure este orgão com um trocate , e que se introduza depois uma canula até á completa cicatrização da ferida; mas uma semelhante operação só deve ser tentada nos casos em que é bem provado que o vicio de conformação se oppõe á geração.

2.º *Epispadias*. É muito mais raro do que o estado precedente. Consiste n'uma abertura da uretra na face dorsal do membro viril. Em geral, não se pôde fazer nada contra uma semelhante anomalia. Entretanto, se a divisão do membro viril não é mui extensa , pôde-se tentar reproduzir a porção superior do canal da uretra por meio da pelle tirada das partes vizinhas.

3.º *Corpos estranhos no canal da uretra*. Podem vir de fóra ou da bexiga. Entre os primeiros, citaremos os alfinetes, os pedaços de páo, etc., que, introduzidos no canal, quer por curiosidade, quer para satisfazer desejos depravados, escaparão dos dedos e penetrarão mais ou menos profundamente. Outras vezes são instrumentos cirurgicos que se quebrarão nas mãos do operador. A extracção destes corpos estranhos, ás vezes facil por meio de instrumentos particulares, exige outras vezes uma operação dolorosa, a incisão da uretra ao nivel do corpo estranho, afim de poder tirar-se directamente. Pequenas pedras que sahem da bexiga podem parar na uretra: resultão disso dôres mui vivas e a retenção da ourina. Podem-se extrahir por meio de pinças particulares.

4.º *Estreitamento do canal da uretra*. *Vêja-se Vol. II, pag. 203.*

5.º *Fistulas uretraes*. Procedem de uma postema, de uma ferida, de uma perforação pela pedra, etc. Conhecem-se pelo escorrimento continuo das ourinas. Podem-se curar approximando-se as suas margens

e reunindo-as com uma costura, ou fechando-as com um pedaço de pelle tomada nos lugares vizinhos.

6.º *Feridas da uretra.* Devem ser reunidas por meio de uma costura, e, antes da sua completa cicatrização, o doente deve urinar por meio de uma sonda.

7.º *Inflammação da uretra.* Esta inflammação chama-se vulgarmente *esquentamento*: acha-se descripta no Vol. II, pag. 180.

URINARIAS (MOLESTIAS DAS VIAS). *Veja-se* OURINA.

URTICARIA. Dá-se este nome a uma affecção da pelle não contagiosa, caracterizada por nodos proeminentes mais ou menos largas, mais vermelhas ou mais pallidas do que a pelle vizinha, precedidas de pequena febre, acompanhadas de comichão muito incommoda, e apparecendo e desaparecendo com muita facilidade.

O nome de urticaria foi dado a esta molestia por causa da semelhança mui grande que existe entre as pintas elevadas que a caracterisam e as que resultam da picada da ortiga, planta que é muito commum na Europa e em algumas provincias do Brasil.

A urticaria ataca de preferencia as pessoas mui sensiveis. Ha individuos tão predispostos, que o menor atrito da pelle, a demora n'um lugar mui quente, n'um salão, no theatro, etc., determinão immediatamente nelles a erupção. As emoções vivas de prazer ou de afflicção podem occasiona-la; as indigestões a produzem ás vezes; emfim, a urticaria complica diversas molestias.

Esta erupção occupa uma superficie mais ou menos extensa, e dura algumas horas; desaparece e torna a apparecer no mesmo ou em outro lugar. Atormenta sobretudo os doentes durante a noite.

Tratamento. Quando a urticaria é simples, não exige quasi tratamento algum: uma dieta branda, alguns banhos mornos, clysteres de linhaça, uma limonada de laranja ou limão azedo, compoem todo o tratamento. Quando existe indigestão, dá-se chá da India ou chá de macella. Se a comichão fór mui viva, acalma-se com lavatorios d'agua fria misturada

com um pouco de vinagre. Às vezes é preciso tomar um purgante de sal.

URUCU' ou ORUCÚ. Fructo de urucueira (*Bixa orellana*, Linneo), arbusto da America meridional. Este fructo é uma capsula eriçada de espinhos, contendo muitas sementes vermelhas que se empregão na arte tinctoria, e que algumas pessoas usão como expectorantes no defluxo do peito, debaixo da fórma de chá, que se prepara com uma pequena colher de sementes de urucús e uma chicara d'agua fervendo.

UTERO ou MADRE. Assim se chama o órgão que, na mulher e nas femeas dos animaes vivíparos, é destinado a conter o producto da concepção durante todo o tempo do seu desenvolvimento. Anatomicamente, é um musculo ouco, assaz semelhante pela fórma a uma pequena cabaça achatada de diante para trás, situado na parte inferior do ventre, por detrás da bexiga e por diante do recto, debaixo dos intestinos e por cima da vagina, que communica com elle. Seu comprimento é de 2 pollegadas a 2 pollegadas e meia; sua largura na base de 16 a 18 linhas; a espessura de suas paredes de 3 a 4 linhas. A porção mais grossa está emcima, e chama-se *corpo*; a porção mais pequena está embaixo, e chama-se *collo*. A cavidade do utero, na mulher que não está pejada, é tão pequena, que apenas pôde conter uma amendoa; no estado de prenhez, adquire muito maior extensão, pois que contém a criança.

MOLESTIAS DO UTERO. § I. CANCRO E SCIRRO DO UTERO. O utero é infelizmente sujeito a esta molestia, que no seu principio chama-se *scirro*, e, qua do está mais adiantada, toma o nome de *cancro*. É uma desorganisação do utero que consiste em uma dureza particular quando existe *scirro*, e que se transforma n'uma ulceração quando é *cancro*. Vulgarmente esta molestia se designa debaixo do nome de *ulcera* ou *chaga do utero*.

Causas. A causa do cancro do utero não é conhecida: esta molestia depende de uma predisposição particular da economia.

Symptomas. Os primeiros symptomas do cancro do utero são mui obscuros. Ordinariamente a molestia principia por um desarranjo na menstruação. Se a mulher é ainda regrada, os menstros se supprimem ou se tornão irregulares, e são substituidos por flores brancas, e depois por frouxos de sangue. Se a mulher passou a idade critica e se as suas regras tem naturalmente cessado, tornão a apparecer debaixo da fórma de frouxos de sangue ou de flores brancas mais ou menos abundantes. Neste tempo manifestão-se dôres semelhantes a picadas de alfinete no utero, coxas e cadeiras. Mais tarde, as flores brancas adquirem um fetido proprio á affecção cancerosa; a pelle toma uma côr amarellada, e declara-se a febre.

A doente tem fastio e perde as forças. Mas a maior parte destes signaes pertencem tambem á inflammação chronica do utero, molestia muito menos grave do que o cancro do utero; e por isso só o medico explorando o utero com o dedo, ou melhor ainda com o instrumento chamado *especulo*, pôde julgar do estado do utero.

A duração do cancro do utero varia muito: ás vezes fica scirroso, indolente durante muitos annos; outras vezes sua ulceração produzirá os resultados mais graves no espaço de alguns mezes.

Tratamento. A molestia deve ser combatida no seu principio, porque, quando existe uma desorganisação profunda e mui extensa, ha então pouca esperança de cura. Os primeiros remedios que devem ser applicados e que convém em todos os periodos da molestia são: os banhos de assento com cozimento de folhas de malvas, os seringatorios na vagina com decoção de sementes de linhaça, e as bichas applicadas na parte inferior do ventre ou nas virilhas. Depois vem os seringatorios com cozimento de meimendo, de cicuta ou de cabeças de dormideiras. O regimen deve ser mui brando, composto de carne fresca de vacca, de gallinha, hortaliça, fructos maduros, leite. Convém um exercicio moderado, a exposição continua a um ar puro,

a uma temperatura branda: é preciso banir todas as idéas tristes.

Quando o cancro toma a fórma de ulcera, é preciso cauterisar a parte ulcerada com nitrato acido de mercurio; ás vezes emprega-se a pedra infernal, que é um caustico muito menos violento. Esta operação se executa facilmente por meio do especulo: é preciso repeti-la de vez em quando, conforme a necessidade. Muitas curas tem-se obtido pela cauterisação.

Quando a cauterisação não é sufficiente para curar, alguns cirurgiões tem a coragem de fazer a excisão do collo uterino; esta operação conta muitos casos de cura.

Eis tudo o que podemos dizer do tratamento do cancro do utero; e passamos em silencio muitos outros medicamentos internos e externos, que só podem ser aconselhados pelo medico assistente.

§ 2. ENGURGITAMENTO DO UTERO. *Veja-se* mais abaixo *Inflamação chronica do utero*, V. III, p. 555.

§ 3. FROUXO DE SANGUE OU HEMORRHAGIA DO UTERO. *Veja-se* Vol. II, pag. 356.

§ 4. INFLAMMAÇÃO AGUDA DO UTERO. Em linguagem medica, esta molestia chama-se *metrite aguda*.

As causas desta molestia são: as pancadas sobre o ventre, a quéda sobre as nadegas ou joelhos, a suppressão subita da menstruação por uma imprudencia, tal como, *verbi gratia*, a immersão n'agua fria, um parto laborioso, as manobras violentas praticadas com o forceps ou com a mão para fazer a extracção da criança, e os medicamentos que algumas mulheres empregão para provocar o aborto. Emfim, esta molestia, como outras muitas, se declara frequentemente sem causa conhecida.

Symptomas. A doente experimenta na parte inferior do ventre uma dôr obtusa que se propaga ás cadeiras, virilhas, e ás vezes ás coxas; esta dôr augmenta pela pressão praticada no baixo ventre e no momento das evacuações alvinas, e existe difficuldade de ourinar. Ha suppressão de menstruação ou de locchios, se a molestia se declarou na época das regras ou depois do parto.

A molestia principia de ordinario por calafrios mais ou menos intensos; existe febre, sêde e fastio.

A *duração* da inflammação aguda do utero é ordinariamente de quinze a vinte dias; mas pôde ser limitada só a alguns dias. A terminação pela morte é mui rara; as mais das vezes a molestia sara ou passa ao estado chronico de que nos vamos occupar mais abaixo.

Tratamento. O tratamento da metrite aguda é proporcionado á extensão da molestia e á gravidade dos symptomas. Compõe-se de sangria do braço ou de applicação de bichas na parte inferior do ventre ou nas virilhas, de banhos de assento d'agua morna ou de cozimentos de malvas, de cataplasmas de linhaça no ventre, de clysteres de cozimento de linhaça e de bebidas emollientes, taes como chá de linhaça, chá de flôres de malvas ou de cozimento de cevada. Fazem-se duas vezes por dia fricções no ventre como linimento seguinte:

Oleo camphorado	meia onça.
Balsamo tranquillo	meia onça.
Laudano de Sydenham	meia onça.

Misture.

§ 5. INFLAMMAÇÃO CHRONICA DO UTERO. Esta molestia chama-se tambem *metrite chronica* ou *engurgitamento do utero*.

A inflammação chronica do utero é caracterizada por um engurgitamento, isto é, pela augmentação de volume com endurecimento, ou ás vezes com diminuição de consistencia da parte doente. E' uma das molestias mais communs de que as mulheres podem ser atacadas.

Causas. As causas da inflammação chronico do utero nem sempre podem ser determinadas; entretanto, tem-se reconhecido a acção das influencias seguintes. Em primeiro lugar, a molestia é muito mais rara nas mulheres moças e nas que não tiverão filhos do que nas que são de uma certa idade e que tiverão muitos partos, sobretudo se estes forão laboriosos, ou se houve abortos. A cessação dos

menstruos é talvez a época em que os engurgitamentos do utero se mostram mais frequentemente. Póde-se attribuir a molestia ás contusões sobre o ventre, ás sacudidas repetidas, aos excessos venereos, á suppressão da menstruação por alguma affecção viva ou por alguma imprudencia. Emfim, a metrite chronica póde succeder á metrite aguda.

Symptomas. Os primeiros phenomenos da inflammação chronica do utero são mui obscuros, salvo se esta molestia fôr a terminação de uma inflammação aguda. Ordinariamente a doente experimenta desde longo tempo um peso nas cadeiras, dôres no estomago e difficuldade na digestão. A menstruação é irregular nas suas épocas e na quantidade de sangue. Mais tarde, manifesta-se peso na região do utero, um sentimento de compressão no anus, dôr no andar ou no transporte em uma sege mal suspensa. Existe prisão do ventre, difficuldade na emissão das ourinas, que frequentemente são vermelhas e carregadas. Ao mesmo tempo observa-se uma purgação mais ou menos espessa, e ás vezes misturada com sangue. Sobrevém ásvezespequenos accessos de febre, bemque geralmente o estado do pulso permaneça no seu typo ordinario: nota-se tambem uma inchação de peitos como no principio da prenhez. A attenção do medico é então necessariamente fixada sobre o utero: neste orgão é que elle deve procurar a causa dos phenomenos para saber se a molestia é uma degenerescencia cancerosa ou scirroza, um polypo, ou uma inflammação chronica do utero, visto que todas estas molestias podem produzir phenomenos analogos; só pela exploração com o dedo ou pela inspecção com a vista, por meio do instrumento chamado *especulo*, póde o medico decidir a questão. Quando ha inflammação chronica, o dedo reconhece um augmento no volume do collo uterino, ás vezes uma dureza, outra vez uma certa molleza. A compressão na parte inferior do ventre, feita durante estas manobras, determina quasi sempre uma dôr no utero.

Tratamento. O tratamento da inflammação chronica do utero é mui prolongado e difficil. Só podemos dar aqui alguns conselhos geraes.

Convém principiar o tratamento pela applicação de dez a doze bichas na parte superior das coxas. A doente tomará todos os dias um ou dous banhos de assento com o cozimento morno de folhas de malvas, e fará seringatorios no utero com este mesmo cozimento ou com o decocto de semente de linhaça. Se as dôres são internas, os seringatorios serão feitos com o cozimento de dormideiras e de figueira do inferno: os banhos com o cozimento de folhas de trombetas são uteis no mesmo caso.

Depois de ter empregado por algum tempo estes meios emollientes e calmantes, é preciso mudar de tratamento e recorrer aos medicamentos resolventes e tonicos. Os seringatorios com agua vegeto-mineral, os banhos frios do rio ou do mar, convém neste periodo da molestia. As doentes devem fazer algum exercicio, habitar de preferencia fóra das grandes cidades, nutrir-se com alimentos substanciaes: um pouco de vinho lhes é vantajoso. Emquanto aos medicamentos internos, estes só pôdem ser prescriptos pelo medico assistente.

§ 6. POLIPO NO UTERO. Chamão-se *polypos do utero* tumores carnosos que se desenvolvem no interior do utero.

As *causas* dos polypos do utero são pouco conhecidas. As donzellas, as mulheres casadas, as que tiverão filhos e as que tem sido estereis, podem ser igualmente affectadas de polypo.

Symptomas. Os symptomas differem conforme o volume do tumor; quando é ainda pequeno e fechado no interior do utero, existem os symptomas ordinarios da inflammação chronica do utero; flôres brancas, ás vezes hemorrhagia, peso no utero, incommodo no andar. Mais tarde, o tumor distende o utero e simula a prenhez; os symptomas mencionados são mais salientes: apparece prisão do ventre, desejo continuo de urinar, com difficuldade na emissão

das ourinas. E' ás vezes possível sentir o polypo na abertura do utero, introduzindo-se o dedo no interior da vagina. Ordinariamente os polypos abrem caminho através do collo uterino e entrão na vagina. Esta especie de parto é acompanhada, em certos casos, de todas as dôres do parto natural. O polypo assim descido ás vias genitæes pôde ser facilmente conhecido pelo tacto: continúa a fazer progressos, e pôde apparecer fóra. Em certos casos favoraveis, o seu pediculo se rompe e a doente fica curada naturalmente.

Tratamento. As doentes só pela operação podem ser desembaraçadas dos polypos no utero; mas, para practica-la, é preciso que o polypo já tenha sahido pela abertura do utero, ou que o collo do utero seja bastante dilatado para permitir a passagem dos instrumentos necessarios.

As operações que se empregão para a cura dos polypos são: *torsão*, *ligadura* e *excisão*.

A torsão só convém para os tumores que tem sahido do utero e que tem o pediculo mui delgado. Imprimindo-se então ao tumor movimentos de rotação, pôde-se romper a sua raiz e produzir a cura.

A ligadura se faz com linha, com que se aperta a base do polypo: pouco a pouco este tumor se mortifica e cahe.

A excisão se practica com a tesoura curva.

As consequencias destas operações são mui simples. Os cuidados consistem em fazer injecções emollientes na vagina.

§ 7. PROLAPSO, QUÉDA OU SAHIDA DO UTERO OU MADRE DE FÓRA. — O utero está sustentado na sua posição por muitos ligamentos; e, quando estes se achão relaxados, resulta que o utero pôde descer na vagina, e até pôde sahir inteiramente para fóra. O accidente que indicamos toma differentes nomes conforme o grão de relaxação. Quando o utero desceu um pouco, chama-se isto *relaxação* ou *abaixamento*; quando chega ao nivel da vulva, é o *prolapso* ou *quéda*;

emfim, se pendente entre as coxas, a molestia toma o nome de *sahida do utero* ou *madre de fóra*.

As causas que predispoem a esta molestia são as flôres brancas, os partos numerosos, a prisão do ventre, a largura da bacia. Observa-se sobretudo nas mulheres que tiverão filhos, bem que ha exemplos della entre as mulheres que nunca ficárão gravidas, e até entre as virgens.

O prolapso do utero sobrevem ordinariamente na occasião de esforços para levantar pesos, de quedas sobre os pés, joelhos ou nadegas, desacudiduras produzidas pelo movimento de uma sege, dos esforços para lançar ou obrar, da tosse, espirros, saltos, dansa; pôde tambem ser produzido pelo aborto, pelo abuso dos purgantes, e por se demorar muito tempo a pessoa em pé. Em algumas mulheres manifestão-se pelas mais leves causas.

Symptomas. Os symptomas offercem algumas differenças conforme o gráo da deslocação. No primeiro gráo, naquelle em que o collo do utero não passou além da vulva, as doentes experimentão dôres nas cadeiras e nas virilhas, um peso incommodo no anus, puxos, uma difficuldade mais ou menos grande para urinar, e muitas vezes uma purgação. Introduzindo-se o dedo na vagina, encontra-se o collo uterino muito mais baixo do que no estado natural, e não ha então duvida nenhuma sobre a natureza da affecção que produz estes symptomas.

No segundo gráo, quando o utero apparece fóra da vagina, observão-se ainda os mesmos phenomenos, porém muito mais salientes; é preciso acrescentar-lhes a irritação do tumor pelo contacto das urinas e pelas fricções durante o andar; o tumor então incha e se inflamma. A inspecção das partes é sufficiente para conhecer a molestia; é inutil tocar com o dedo. Distingue-se esta affecção do polypo, com que tem alguma semelhança, pela circumstancia de que no prolapso sempre existe na parte inferior do tumor o orificio do utero.

O prolapso do utero, mesmo quando é pequeno,

é frequentemente acompanhado de dores no estomago e desarranjo na digestão. As mulheres experimentão ás vezes uma sensação singular, que consiste em lhes parecer que de repente o ventre lhes fica vazio; esta sensação é sempre acompanhada de principio de desmaio.

E' quasi sempre difficil obter-se a cura do prolapso do utero; só pôde curar-se radicalmente quando é recente e pouco consideravel. Entretanto esta molestia, ainda no seu mais alto gráo, não compromette a vida das doentes; mas nem por isso deixa de ser muito incommoda.

Tratamento. E' mui facil pôr o utero na sua situação natural, quando o prolapso está no primeiro gráo; basta para isso deitar horizontalmente a doente sobre as costas, com a bacia mais elevada do que o ventre, e empurrar o utero para cima introduzindo dous dedos na vagina. Mas não é tão facil mantê-lo no seu lugar; só o seu peso, a posição vertical, a simples elevação dos braços por cima da cabeça, são sufficientes para reproduzirem o prolapso. Para curar radicalmente, é preciso que a doente se submeta ao repouso por muitas semanas, ficando quasi sempre deitada, que use duas vezes por dia de banhos de assento d'agua fria, e faça depois de cada banho seringatorios adstringentes na vagina com um dos liquidos frios cujas receitas são:

- | | |
|---|------------------------|
| 1º. Cozimento de casca de
raiz de ratanhia | 24 onças. |
| 2º. Agua
Pedra-hume | 24 onças.
1 onça. |
| Dissolva. | |
| 3º. Vinho tinto de Bordéos
Tannino | 16 onças.
1 oitava. |
| Dissolva. | |

Depois de cada seringatorio, é preciso introduzir na vagina uma pequena esponja molhada n'um destes liquidos e deixa-la por algumas horas; desta maneira a acção do remedio será mais prolongada e mais efficaç. O melhor meio é o seguinte: molha-se

uma pequena esponja, do volume e do comprimento do dedo pollegar, envolve-se a'um panno de linho molhado igualmente no mesmo liquido, e que é ligado com uma linha a uma das extremidades da esponja; um prolongamento deste panno e a linha devem ficar de fóra afim de servirem para a extracção. A mulher introduz este apparelho estando deitada.

Os banhos do mar são tambem indicados contra o prolapso do utero.

Quando a doente não se póde entregar ao repouso, ou quando este repouso, assim como os outros meios, tem ficado sem effeito, é preciso decidir-se a trazer um *pessario*. Este instrumento é um annel redondo ou oval, de borracha ou de marfim, que se introduz na vagina. Muitas mulheres não podem supportar a sua presença, por causa das dôres ou das flôres brancas que occasiona. Para prevenir estes inconvenientes, alguns cirurgiões propuzerão um apparelho simplesmente compressivo que se applica por fóra, outros uma operação que tem por fim estreitar a vagina ou a vulva, afim de impedir o utero de sahir para fóra.

Quando o utero tem sahido para fóra, fica ás vezes tão inchado, que a sua reducção se torna difficil. Depois de ter deitado a mulher n'uma posição horizontal, é preciso comprimir o tumor com os dedos de uma mão, e abrir a vulva com a outra. Facilita-se a entrada do tumor untando-o com azeite doce.

§ 8. ULCERA OU CHAGA DO UTERO. *Vêja-se CANCRO DO UTERO*, Vol. III, pag. 552.

UVA. Fructo da parreira (*vitis vinifera*, Linneo), arbusto cultivado na Europa, e que dá tambem no Rio de Janeiro. Apresenta-se debaixo da fôrma de cachos formados da reunião de um grande numero de bagas fixadas a um pedunculo commum. Varia o volume, a côr e o sabor da uva, conforme as variedades que produz a cultura; assim, as uvas são redondas, ovaes, de côr esverdinhada, amarella, vermelha ou preta, mais ou menos adocicadas. Este excellento fructo goza de propriedades laxativas e diureticas,

serve para a preparação do vinho. As uvas sendo um pouco dessecadas chamão-se *passas*, e comem-se na sobremeza. Neste mesmo estado empregão-se em medicina. A mistura de partes iguaes de passas, tamaras, açoifeas e figos, constitue o que se chama nas boticas *quatro fructos peitoraes*, empregados para a preparação dos cozimentos peitoraes.

V

VACCINA. As vaccas tem ás vezes no ubre botões que se chamão *cow-pox* em Inglaterra. A materia contida nestes botões, communicada ao homem, produz botões inteiramente semelhantes, e susceptiveis de transmittir a mesma erupção a outras pessoas pelo mesmo meio, e isso de uma maneira indefinita. Esta erupção offerece a admiravel particularidade de preservar do contagio das bexigas, ou ao menos de diminuir os seus effeitos. Antes desta descoberta, a *inoculação* era o unico recurso para impedir os funestos effeitos das bexigas, communicando-as em circumstancias favoraveis. Consistia esta operação em introduzir debaixo da pelle a materia das bexigas, colhida em uma lanceta pela picada de um botão de bexigas. Mas a inoculação foi substituida ha cincoenta annos pela *vaccina*. Assim se chama a erupção de um e de muitos botões produzida pela inserção do virus vaccinico. Eis-aqui como o Dr. Jenner foi levado a esta preciosa descoberta. No condado de Gloucester, em Inglaterra, este medico, cujo nome será para sempre memoravel, observou, nas grandes inoculações de bexigas que se praticavão cada anno, que em certos individuos que se occupavão de ordenhar vaccas não pegava a molestia. Soube depois que estes individuos tendo esfoladuras nos dedos contrahião botões semelhantes ao *cow-pox* das vaccas. Concluiu disso que, inoculando a materia desta erupção a todas as outras pessoas,

podéria preserva-las igualmente das bexigas. A experiencia justificou plenamente suas esperanças, e esta grande descoberta foi proclamada em 1798.

Acolhida ao principio com alguma prevenção, a vaccina não tardou entretanto a passar da Inglaterra aos outros paizes; todos os governos se esforçãõ em fazer gozar seus povos deste grande beneficio, e hoje a vaccina se acha espalhada quasi por todo o globo. Suas vantagens são immensas, pois que substitue uma molestia sem consequencia a uma molestia grave de que ninguem se pôde julgar isento, e que causa horribéis deformidades, mutilações deploraveis, e muitas vezes a morte.

Se o resultado da vaccina consiste em prevenir as bexigas, é preciso, por consequente, não haver demora em se vaccinarem as crianças. Se não ha epidemia de bexigas, nenhum inconveniente occorre em se differir esta operação até ao segundo ou terceiro mez; no caso contrario, é preciso vaccinar alguns dias depois do nascimento.

Maneira de vaccinar. Chama-se *vaccinação* a operação pela qual se inocula o fluido vaccinico. Pôde-se vaccinar indistinctamente em todas as partes do corpo; de ordinario escolhe-se a parte superior e externa do braço. Eis aqui como se procede. Emprega-se geralmente uma lanceta molhada no liquido vaccinico. Depois de pegar no braço da criança e estender a pelle com a mão esquerda, o vaccinador com a mão direita introduz obliquamente a ponta da lanceta, a meia ou uma linha de profundidade debaixo da pelle, demora-se assim alguns instantes, e depois a tira. Ordinariamente dão-se tres ou quatro picadas em cada braço. Em vez de lanceta pôde-se empregar uma agulha; de maneira que qualquer pessoa, ainda que não seja medico, pôde vaccinar. Se para embeber a lanceta ou agulha não se puder molhar n'um botão vaccinal, o que se chama vaccinar de *braço a braço*, emprega-se o pus vaccinico conservado entre dous vidros; então dilue-se na menor quantidade d'agua fria possível, agitan-

do-o por alguns minutos com a ponta da lanceta, até que esta mistura adquira uma certa opacidade. Para ser de boa qualidade, o pus vaccínico deve ser colhido do sétimo ao nono dia depois da vacinação. É preciso que seja transparente, sem côr, ou levemente amarello, e viscoso se é liquido, ou de apparencia gommosa se está secco. Os botões desenvolvem-se com maior certeza quando se vaccina de braço a braço do que quando se extrahê o virus das laminas de vidro.

Symptomas da vaccina. Uma vez introduzido o virus no corpo, desenvolvem-se uma serie de symptomas que passamos a descrever. Nos primeiros dias, não se vê nada, além dos caracteres inseparaveis de toda a picada. Do *terceiro ao quarto* dia, distingue-se, em cada picada, um ponto vermelho, principio de um botão que não se torna sensível senão no sexto dia, contando do momento da inoculação; o botão se alarga, achata-se, afunda-se levemente no centro, e toma uma côr branca tirando para azul; ao mesmo tempo a base fica envolta em um circulo vermelho que augmenta pouco a pouco. No *sétimo e oitavo* dia, todos estes symptomas adquirem sua intensidade; nesta época todas as partes vizinhas se inchão; a dôr se propaga até o sovaco; ás vezes as glandulas se intumescem; sente-se frequentemente calor da pelle e acceleração do pulso. Esta ligeira *febre vaccinal* não tem perigo. Do *decimo dia em diante*, o botão principia a seccar, e a crosta negra, dura, que lhe succede, cahê do *decimo quinto* até ao *decimo oitavo* dia, deixando em seu lugar uma cicatriz indelével.

O desenvolvimento da vaccina não é sempre tão regular; assim, em algumas circumstancias raras os botões não apparecem senão no vigesimo ou trigésimo dia, em outras em vinte e quatro ou trinta e seis horas. A's vezes a vaccina percorre sua marcha em oito ou dez dias. O effeito preservativo é entretanto o mesmo. Não é raro que os botões vaccinaes se desenvolvão em pontos do corpo em que a inoculação não tenha sido praticada; são o resultado de

uma infecção geral. Ordinariamente o numero dos botões que se desenvolvem é mais pequeno do que o das picadas; acontece ás vezes que não se desenvolve senão um só botão: a vaccinação nem por isso é menos efficaz; mas neste caso não se deve abrir o botão.

Depois da operação não ha precaução alguma que tomar, não ha mudança nos costumes do vaccinado, nem em seus alimentos; preservar-se-hão sómente os botões de toda a especie de atrito ou de compressão.

N'um pequeno numero de pessoas ha causas não conhecidas que se oppoem ao desenvolvimento da vaccina; nas crianças recém-nascidas, de tres ou quatro dias, a vaccinação falha ordinariamente duas vezes sobre tres; sahe bem noventa e oito vezes sobre cem, seis semanas depois do nascimento. No caso de não ter a primeira vaccinação sido seguida do desenvolvimento dos botões, será preciso repetir a operação, duas, tres, dez e mais vezes; variar as épocas, as estações, até haver toda a certeza de que o individuo é inteiramente rebelde á vaccina, ou que sua organização é tão feliz, que está livre do tributo que pesa sobre as outras cabeças. Mas esta inaptidão para contrahir a vaccina não é duravel; pôde cessar depois de alguns mezes ou annos.

Vaccina falsa ou espuria. Em lugar de uma boa vaccina que acabamos de descrever como typo, vê-se ás vezes uma *vaccina falsa*: esta não tem nem a mesma fórmula, nem a mesma marcha, e não preserva das bexigas. A vaccina falsa não tem depressão central, nem côr branca azulada; o botão eleva-se em ponta, o apice se fura e deixa sahir uma materia amarella. O que distingue sobretudo a boa vaccina da falsa é que esta ultima apparece no primeiro ou segundo dia, e faz progressos tão rapidos, que adquire todo seu desenvolvimento no tempo em que a verdadeira vaccina apenas se mostra. No setimo dia tudo está acabado, entretanto que neste tempo o verdadeiro botão contém a vaccina em toda a sua força. A falsa vaccina desenvolve-se ás vezes sem

causa determinada, mas ordinariamente procede de ter sido o individuo já vaccinado ou ter já tido bexigas; procede tambem de ter o pus vaccinico mais de nove dias; ou enfim de haver a criança com as unhas coçado a pequena ferida.

Até ao anno de 1815 não se levantou duvida alguma sobre a virtude preservadora da vaccina; mas nessa época observou-se em França um exemplo de bexigas em um individuo vaccinado. Na epidemia de bexigas em Edimburgo em 1818, na de Londres e de Paris em 1825, na de Marselha em 1828, virão-se pessoas vaccinadas contrahirem a molestia, á qual algumas succumbirão. Estas tristes observações inspirarão poderosas duvidas sobre a virtude preservadora da vaccina. Mas tambem é factó observado que as mesmas bexigas naturaes nem sempre preservão por toda a vida de novo ataque, e que entretanto, quando repetem, só é em época remota da primeira. A virtude preservadora que tem as bexigas naturaes está no seu auge immediatamente depois da molestia, e vai-se depois enfraquecendo gradualmente. Baseando-se sobre estes factos, muitos medicos fizeram pesquisas, e chegarão a esta solução: que o virus vaccinico perde tambem com o tempo sua propriedade preservadora, e que convém revaccinar. Mas no fim de que tempo convém recorrer a esta nova operação? Segundo os documentos que a sciencia possui sobre este objecto, o intervallo de dez a doze annos é aquelle depois do qual os ataques das bexigas se tornão mais communs: assim, poder-se-hia revaccinar no fim deste tempo. Esta providencia é sobretudo indispensavel durante uma epidemia de bexigas. Quando uma pessoa não ganhasse nisto senão a tranquillidade, seria sempre um motivo para não desprezar uma segunda vaccinação.

VÁGADO. Esta palavra tem diversas significações. Ordinariamente quando se diz: *deu um vágado*, isto significa *cahir em desmaio*. (*Vêja-se DESMAIO*, Vol. II, pag. 37.) Outras vezes esta palavra designa uma *vertigem*, ou um ataque de *epilepsia*.

VAGINA. A vagina é um canal membranoso mui extensível, estendido da vulva até ao utero. A extremidade exterior ou vulvaria da vagina é notavelmente mais estreita do que o resto do canal. Nas virgens este orificio é em parte fechado embaixo por uma membrana em fôrma de meia lua, que se chama *membrana hymen*. Entretanto, esta membrana pôde faltar originariamente, sem que a mulher tenha perdido sua virgindade.

VALERIANA. (*Valeriana officinalis*, Linneo). Planta que dá na Europa. Caule um pouco avelludado, alto de tres a quatro pés; folhas pubescentes, dentadas; flôres pequenas de côr branca rosada. Raiz formada de um grande numero de radículas cylindricas de uma a duas linhas de diametro, esbranquiçada por dentro, amarellada por fóra; sendo fresca, o cheiro é quasi nenhum, mui fetida quando secca, sabor acre e amargo.

A raiz de valeriana é um medicamento antispasmodico e sedativo, mui frequentemente empregado em grande numero de affecções nervosas, como enxaqueca, epilepsia, hysticismo, etc. Administra-se em pós na dôse de meia a uma oitava por dia, ou em infusão que se prepara com meia oitava de raiz de valeriana e uma chicara d'agua quente.

VAREJEIRA (Mosca). *Veja-se* BICHEIRO, Vol. I, pag. 209.

VARICELLA. É synonymo de cataporas. *Veja-se* Vol. I, pag. 300.

VARICOCELE. *Veja-se* Vol. I, pag. 174.

VARIOLA. É synonymo de bexigas. *Veja-se* Vol. I, pag. 203.

VARIOLOIDA. Dá-se este nome a bexigas mui benignas. Os botões apparecem da mesma maneira, mas seccão mais depressa. O tratamento é aquelle que se applica ás bexigas benignas: dieta, repouso na cama, chá de flôres de sabugueiro, cozimento de linhaça, alguns clysteres de linhaça, e ás vezes sinapismos nas pernas.

VARIZES. As varizes são tumores nodosos e des-

iguaes, formados pela dilatação permanente das veias. Todas as veias não estão igualmente sujeitas a ellas. Classificando por ordem da frequencia, os membros inferiores occupão a primeira linha, depois vem a parede anterior do ventre, o cordão spermatico; os membros superiores são muito menos sujeitos. As veias que cercão a extremidade inferior do intestino tornão-se frequentemente varicosas e formão hemorrhoidas. Tudo o que pôde constriquer a circulação do sangue venoso é uma causa determinante de varizes. Assim, nas mulheres gravidas, o utero mui desenvolvido apoiando sobre as veias do baixo-ventre, e constrangendo nellas o curso do sangue, produz varizes das pernas e hemorrhoidas. As ligaduras circulares postas ao redor dos membros inferiores, as ligas das meias, por exemplo, obrão da mesma maneira. Todas as profissões que obrigão a estar longo tempo de pé ou a andar muito contribuem poderosamente para a producção desta molestia. Quanto menos volumosas são as varizes e mais isoladas, menos incommodo causão; é a deformidade o seu maior inconveniente. Mas não acontece assim se se dilatão, se se agglomerão e se formão tumores volumosos. Podem então dar lugar aos engurgitamentos dos membros, e tambem produzir ulceras. Quando são em pequeno numero e de pequeno volume, podem ser suspensos os seus progressos e diminuidos os seus inconvenientes pelo repouso, posição horizontal, banhos frios, e pela compressão methodica e exacta do membro, que se deve exercer por meio de uma atadura ou de meia. Quando estes meios são insufficientes e as varizes incommodão muito, são indicadas varias operações, entre as quaes a ligadura da veia occupa o primeiro lugar. Mas estas operações são acompanhadas de muito perigo, e só a necessidade absoluta justifica o seu emprego.

VASO. *Vêja-se* ANATOMIA, Vol. I, pag. 101.

VASSOURA. (*Sida carpinifolia*, Linneo.) Pequeno arbusto do Brasil. Caule de dous pés, ramoso, raiz principal da grossura de uma penna de escrever,

acompanhada de muitas raizes filiformes, folhas alternas, ovaes, oblongas, dentadas; flôres axillares, solitarias, amarelladas. Suas folhas e flôres gozão de propriedades emollientes, e podem ser empregadas em lugar das malvas das boticas. Fazem-se com ellas cozimentos, deitando-se de infusão meia onça da planta em um quartilho d'agua quente, coando-se e juntando-se assucar. Este cozimento é mui util nas molestias acompanhadas de tosse. Com a vassoura podem tambem fazer-se cataplasmas emollientes e banhos.

VASSOURINHA, BASSOURINHA OU TUPEIÇAVA. (*Scoparia dulcis*, Linneo.) Pequeno arbusto do Brasil. Com suas folhas preparão-se banhos emollientes.

VEIA. As veias são canaes que contém o sangue preto: levão ao coração o sangue distribuido pelas arterias em todas as partes do corpo. Ha veias profundas que acompanhão as arterias, ha outras superficiaes que apparecem na pelle debaixo da fôrma de cordões azulados. O movimento progressivo do sangue nas veias se faz de uma maneira uniforme, e por isso estes vasos não apresentam pulsações como as arterias.

Feridas das veias. Estas feridas não produzem quasi nunca uma hemorrhagia grave, e serão com facilidade. Conhece-se que o sangue que corre de uma ferida é venoso e não arterial, pela sua côr preta, pela uniformidade do seu corrimento, que augmenta quando se comprime o membro por cima da ferida, e diminue ou pára quando se comprime por baixo.

Para estancar a hemorrhagia venosa, é preciso fazer sobre a ferida uma compressão analoga áquella que se pratica depois da operação da sangria. A ferida cicatriza-se em poucos dias. Se sobreviesse dôr, vermelhidão e inchação, seria preciso applicar uma cataplasma de linhaça.

VELINHA. *Veja-se* BUGIA, Vol. I, pag. 235.

VENENO. *Veja-se* ENVENENAMENTO, Vol. II, p. 105.

VENENO PARA OS RATOS. *Veja-se* RATO, V. II, pag. 347.

VENEREA (MOLELTIA). *Vêja-se* SYPHILIS, Vol. II, pag. 480.

VENTO MÁO. Algumas pessoas dão este nome á *apoplexia*, como se esta molestia fosse produzida pelo vento, o que é um erro. *Vêja-se* Vol. I, p. 127.

VENTOSA. Dá-se este nome a um pequeno vaso destinado para fazer um vacuo na superficie da pelle, a attrahir assim o sangue ao lugar em que é applicada. Os vasos que costumão servir para ventosas são de duas sortes. Uns são de chifre furados no apice, por cujo furo se opera com a bocca a sucção do ar, e se tapa com cera quando a ventosa está adherente; outros são de vidro, de fórmãs mui variadas, os quaes podem ser substituidos pelos calices que servem nas mesas para se beber vinho. Estas se applicão da maneira seguinte: Acende-se dentro da ventosa um pedaço de papel ou um pouco de algodão molhado em alcool ou em aguardente de canna: o ar é rarefeito pela combustão; forma-se um vacuo no vaso, e, sendo logo a sua abertura posta exactamente em cõtracto com a pelle, a porção dos tegumentos, que é assim subtrahida á pressão do ar, fica vermelha e incha. Estas são as ventosas *seccas*.

As ventosas que se chamão *sarjadas* são aquellas por meio das quaes se tira uma certa quantidade de sangue. Para isso applica-se a ventosa como acabamos de indicar, tira-se no fim de alguns minutos, fazem-se na superficie da pelle, com uma lanceta ou com uma navalha, pequenas incisões chamadas *sarjas*; torna-se a applicar a ventosa sobre o ponto *sarjado*, e deixa-se por todo o tempo que o sangue correr no seu interior. No fim de dez a quinze minutos, tira-se a ventosa, lava-se a ferida com agua morna, e torna-se a applicar a ventosa, até que se tenha obtido a quantidade de sangue desejada. A acção das ventosas *sarjadas* se aproxima muito á das sanguesugas, e pôde muitas vezes ser-lhe substituida com vantagem. Feitas por mãos habéis, as *sarjas* são menos dolorosas do que as picadas das bichas.

VENTOSIDADE. *Veja-se* FLATULENCIA, Vol. II, pag. 270.

VENTRE (DÔR DE). *Veja-se* COLICA, V. I, p. 397.

VENTRE (FERIDAS DO). *Veja-se* Vol. II, pag. 249.

VENTRE INCHADO. A inchação do ventre nas pessoas adultas procede ordinariamente da hydrophisia; tratamos disto no Vol. II, pag. 400. A inchação de ventre nas crianças mui fracas depende as mais das vezes do desenvolvimento de tuberculos nos intestinos. *Veja-se* Vol. II, pag. 438.

VENTRE (PANCADA NO). As pancadas no ventre produzem uma contusão das paredes do ventre; quando são fortes, occasionão a contusão dos intestinos. As pancadas leves não offerecem, nas suas consequencias e no seu tratamento, nada que as possa distinguir das contusões ordinarias. O tratamento consiste na applicação de pannos molhados n'agua fria e vinagre, e em fricções com aguardente alcanforada.

Mas as pancadas fortes sobre o ventre podem rasgar os intestinos e determinar um derramamento sanguineo immediatamente mortal. No menor grão, occasionão só nos primeiros dias uma dôr mais ou menos viva, acompanhada de colicas, depois da comida; alguns dias depois, desenvolve-se uma verdadeira inflamação nos intestinos, caracterizada pelos symptomas seguintes: o ventre fica inchado, o doente experimenta colicas mais ou menos intensas, a dôr do ventre augmenta á menor pressão; depois sobrevem sêde e febre.

O tratamento da contusão forte do ventre consiste, nas primeiras horas, na applicação sobre o ventre de pannos molhados n'agua fria. Depois é preciso pôr no ventre uma cataplasma fria feita de farinha de trigo e vinho tinto. Dous dias depois deste tratamento, se a dôr do ventre augmentar, será preciso applicar dez a quinze bichas no ventre, e depois das bichas cessar o uso das cataplasmas com vinho, e applicar então cataplasmas quentes de farinha de linhaça. Convem tambem dar todos os dias um

clyster de decocção de sementes de linhaça. O doente deve observar uma dieta rigorosa; só se lhe podem permittir caldos de gallinha. Para bebida usará d'agua de arroz, de cevada ou de cozimento de linhaça.

Se a pancada no ventre não foi forte, o tratamento consiste só nas applicações d'agua fria e vinagre; as bichas não são necessarias, e o doente pôde comer, porém menos que de costume.

VENTRE PRESO. *Veja-se* PRISÃO DO VENTRE, Vol. III, pag 270.

VERDETE. *Veja-se* COBRE, Vol. I, pag. 387.

VERMES INTESTINAES. — Occupar-nos-hemos com os vermes que habitão o canal intestinal do homem. Ha poucas pessoas que no decurso de sua vida, e principalmente na infancia, não tenham deitado alguns. Contão-se quatro especies de vermes, isto é, a *lombriga* propriamente dita, a *ascarida vermicular*, o *tricocephalo*, e a *tenia* ou *solitaria*. Fallámos desta ultima em um artigo especial; trataremos aqui dos outros.

A *lombriga* propriamente dita é cylindrica, de 3 a 12 pollegadas de comprimento, de 2 a 3 linhas de largura, de côr rosea mais ou menos escura, adelgaçada nas duas extremidades, mais do lado da cabeça que do da cauda; tem a bocca cercada de tres valvulas moveis. Existe principalmente na porção superior dos intestinos chamada intestinos delgados. *Veja-se a figura A da estampa 5.^a*

Ascarida ou *ascarida vermicular*. Corpo filiforme, branco, mui pequeno, de 1 a 5 linhas de comprimento; cabeça obtusa e vesicular, furada de uma pequena abertura. Estes vermes occupão principalmente o fim do intestino chamado *recto*, perto do anus, onde produzem uma comichão desagradavel; desenvolve-se em quantidade prodigiosa, ao ponto de sahirem ás vezes por centenas. Os machos são muito mais pequenos do que as femeas. A figura B da 5.^a estampa representa uma *ascarida vermicular* femea.

O *tricocephalo* tem 1 a 2 pollegadas de comprimento, é capillar na maior parte de sua extensão; e a cabeça, que occupa a extremidade mais delgada, é de uma tenuidade tal, que apenas se pôde ver com microscópio. O corpo do macho é enrolado em espiral; o da femea é mais comprido e simplesmente arqueado.

A figura C da 5.^a estampa representa o *tricocephalomacho*, e a figura D representa a femea do mesmo.

Causas dos vermes — A origem dos vermes intestinaes é desconhecida. Os naturalistas ainda não tem podido descobrir se os vermes vem debaixo da fórma de ovos mui pequenos, por via da respiração, nos alimentos ou nas bebidas, ou se se formão espontaneamente em nosso corpo. As causas que parecem favorecer a producção dos vermes são: uma habitação humida, não arejada, a ausencia do sol, o uso exclusivo dos alimentos farinaceos, das frutas, do leite, do queijo, sobretudo quando a influencia deste regimen não é contrabalançada pelo uso do vinho e das comidas salgadas.

As crianças de peito são mui raramente affectadas de vermes intestinaes antes da idade de seis mezes. Acima de seis mezes, encontrão-se, mas raramente; apenas achão-se uma ou duas lombrigas sobre muitas centenas de meninos do primeiro anno; entretanto que depois de tres annos até dez encontrão-se sobre a vigesima parte, e em alguns mezes sobre um numero ainda maior. Na adolescencia os vermes intestinaes são mui raros, e ainda mais raros na velhice. As mulheres são mais sujeitas ás lombrigas do que os homens.

Symptomas. Não existem symptomas verdadeiramente caracteristicos da presença dos vermes intestinaes senão a sahida de alguns delles. Entretanto eis aqui alguns signaes que podem fazer suspeitar a sua existencia, e até dar alguma certeza, quando se achão muitos reunidos. Os doentes tem em geral o rosto mui pallido e como inchado, as palpebras orladas de riscos azulados; sentem no nariz uma comichão que os obriga a esfrega-lo com a mão quasi conti-

nuamente; sobrevém ás vezes dôres de cabeça e zunidos de ouvidos; o halito e o suor são fetidos e azedos; muitas vezes a lingua está esbranquiçada, o appetite é alternativamente voraz ou nullo; o ventre cresce; existem nauseas, e ás vezes vomitos de uma serosidade limpida; sentem-se colicas; o somno é perturbado e acompanhado de ranger dos dentes; as ourinas são turvas, esbranquiçadas; o emmagrecimento é ordinariamente consideravel; manifestão-se ás vezes febre, delirio e convulsões; e tambem existe ás vezes uma difficuldade na respiração, soluços, palpitações, &c. As lombrigas podem subir á garganta e produzir a tosse ou os vomitos.

Em crianças mui pequenas não se deve dar muita importancia á comichão do nariz, pois que esfregão quasi sempre esta parte, visto que, não sabendo assoar-se, não podem desembaraçar-se das mucosidades que se ajuntão no nariz e occasionão uma comichão desagradavel.

Sem duvida tem sido muito exagerados os effeitos que pôde produzir a presença dos vermes no canal intestinal. É certo que as vezes se acha um grande numero delles nos cadaveres de individuos que succumbirão a outras molestias, e durante a vida dos quaes nenhum symptoma fez suspeitar a existencia destes animaes. Pessoas ha que de repente expulsão enormes quantidades delles, sem que de nenhum modo se tenha desarranjado sua saúde. Mas não se pôde concluir de semelhantes factos que a presença dos vermes nas vias da digestão seja innocente, como pretendem alguns medicos. Se em um grande numero de casos não produz effeito nocivo algum, nem por isso deixa de ser verdade que n'um grande numero de casos tambem occasiona soffrimentos e alteração de saúde, symptomas que reclamão imperiosamente os socorros da arte.

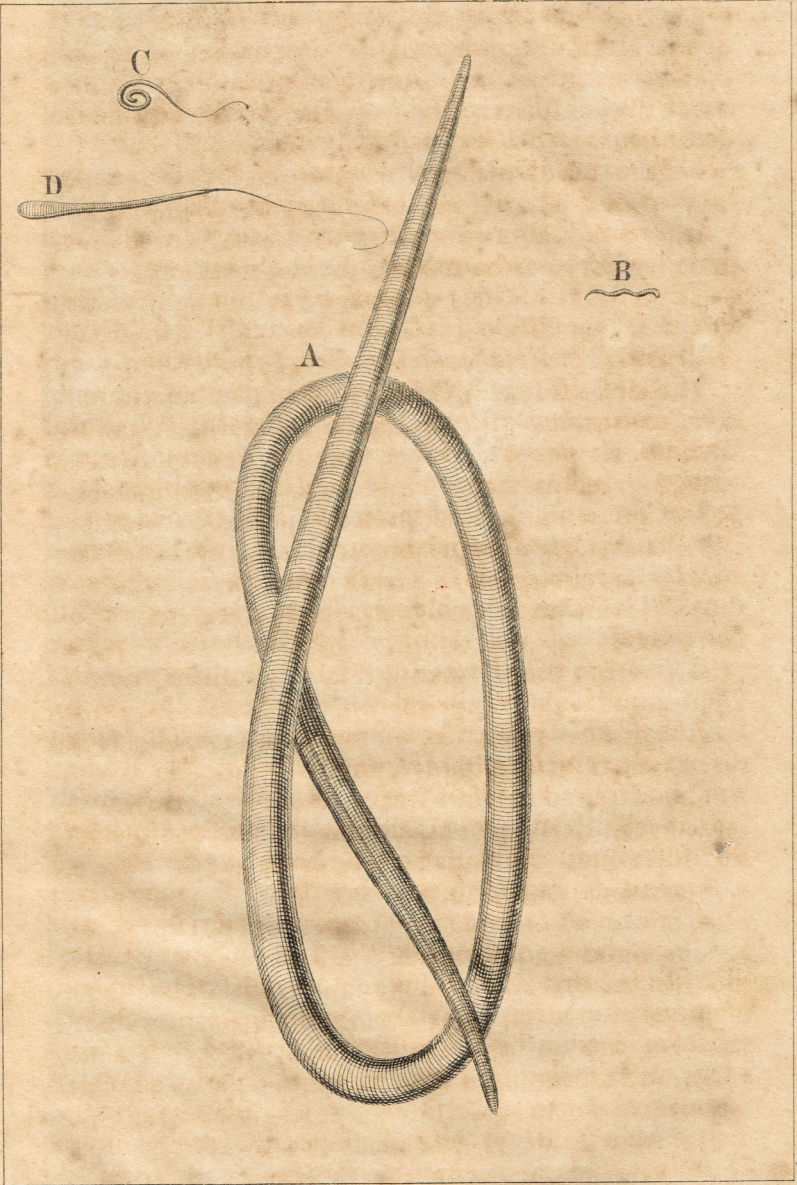
Tratamento. O numero dos medicamentos a que se attribuem propriedades vermifugas é mui consideravel; nomear todos seria fazer uma lista tão fastidiosa como inutil. Os principaes são: a semente

contra vermes, o feto macho, o musgo da Corsega, o alho, a valeriana, a losna, o açafão, a casca da raiz de romeira, o alcanfor, a assafetida, o vinagre, a hortelã pimenta, o oleo essencial de terebenthina, o ether sulfurico, a agua salgada, o oleo de ricino, o rhuibarbo, a jalapa, os calomelanos, &c., entre as substancias indigenas do Brasil, o angelim e a herva de Santa Maria.

Segundo a especie de vermes de que os individuos são affectados, ha regras particulares que seguir na maneira da administração destes medicamentos. Assim, occupando sempre as ascaridas o fim do intestino, é quasi inutil dirigir contra ellas vermifugos pela via do estomago, e é sempre preferivel administra-los em clysteres. Dão-se ordinariamente, neste caso, clysteres com decocção de musgo da Corsega, com agua fria, salgada, com oleo de ricino. Pelo contrario em bebidas, pós, pilulas, mel, doces, &c., é que os vermifugos devem ser administrados para destruir as lombrigas; e todos estes medicamentos que temos indicado, sós ou combinados, podem ser administrados. Em geral, principia-se por atacar os vermes com substancias vermifugas e provoca-se duas horas depois a sua expulsão com purgantes.

Nas paginas seguintes se achão indicadas as receitas contra os vermes.

	De 1 a 2 anos
<i>1.ª Pó Vermífugos.</i>	
Semente contra vermes.	10 grãos
Musgo da Corsega.	10 grãos
Misture e administre de manhã em jejum n'agua com assucar, leite, mel, doces, café, ou n'uma chicara de chocolate. Repetem-se estes pó por tres dias seguidos, e duas horas depois da terceira dôse administra-se o purgante de oleo de ricino, cuja dôse é conforme a idade	2 oitavas
<i>2.ª Outros pó Vermífugos.</i>	
Feto macho.	18 grãos
Administra-se da mesma maneira que os pó n.º 1; repete-se esta dôse por tres dias a fio em jejum, e duas horas depois da terceira dôse administra-se o oleo de ricino	
<i>3.ª Outros pó Vermífugos.</i>	
Semente contra vermes.	10 grãos
Musgo da Corsega	10 grãos
Feto macho.	18 grãos
Misture e administre como os pó n.º 1; repita por tres dias a fio, e administre o oleo de ricino depois da terceira dôse.	
<i>4.ª Outros pó Vermífugos.</i>	
Angelim em pó.	3 grãos
Administra-se esta dôse tres vezes, da mesma maneira que fica dito na receita n.º 1.	
<i>5.ª Outros pó Vermífugos.</i>	
Sementes de herva de Santa Maria.	6 grãos
Administra-se por tres dias, como fica dito na receita n.º 1.	
<i>6.ª Outros pó Vermífugos.</i>	
Raiz de valeriana em pó.	6 grãos
Raiz de jalapa em pó.	2 grãos
Misture e administre do mesmo modo que os pó da receita n.º 1.	
<i>7.ª Oleo essencial de herva de Santa Maria.</i>	
Este oleo essencial administra-se por gotas n'uma colher d'agua com assucar. Eis-aqui a dôse das gotas deste oleo conforme as idades.	2 gotas ou pingas
Toma-se esta dôse de manhã e á noite por espaço de quatro dias, e depois um purgante de oleo de ricino.	
<i>8.ª Sumo de folhas de herva de Santa Maria</i>	
Toma-se esta dôse de manhã e á noite, por espaço de quatro dias, e depois um purgante de oleo de ricino.	1 colher de chá
<i>9.ª Biscoutos Vermífugos.</i>	
Sementes contra vermes	2 oitavas.
Farinha de trigo	1 onça.
Assucar	2 onças.
Ovos	3
Faça 12 biscoutos de que se dão 1 a 4 por dia ás crianças.	
Estes biscoutos conservão sempre um gosto desagradavel de semente contra vermes; mas são preferiveis aos em que entrão os calomelanos, pois que estes ultimos, apesar de não terem um gosto desagradavel, podem occasionar salivacão.	



A *Lumbriga ordinaria*. B *Ascarida vermicularis*.
C *Tricocephale macho*. D *Femca de tricocephale*.

OS VERMES.

De 2 a 3 annos	De 3 a 4 annos	De 4 a 6 annos	De 6 a 9 annos	De 9 a 12 annos	De 12 a 15 annos	De 15 a 18 annos
12 grãos	15 grãos	18 grãos	24 grãos	36 grãos	48 grãos	1 oitava
12 grãos	15 grãos	18 grãos	24 grãos	36 grãos	48 grãos	1 oitava
3 oitavas	1/2 onça	1 onça	1 onça	1 1/2 onça	2 onças	2 onças
24 grãos	36 grãos	1 oitava	2 oitavas	1/2 onça	1 onça	1 1/2 onça
12 grãos	15 grãos	18 grãos	24 grãos	36 grãos	48 grãos	1 oitava
12 grãos	15 grãos	18 grãos	24 grãos	36 grãos	48 grãos	1 oitava
24 grãos	36 grãos	1 oitava	2 oitavas	1/2 onça	1 onça	1 1/2 onça
6 grãos	10 grãos	12 grãos	18 grãos	24 grãos	30 grãos	36 grãos
12 grãos	36 grãos	48 grãos	1 oitava	90 grãos	1 1/2 oitava	2 oitavas
9 grãos	12 grãos	18 grãos	24 grãos	36 grãos	48 grãos	1 oitava
4 grãos	6 grãos	9 grãos	12 grãos	18 grãos	24 grãos	36 grãos
3 gotas	4 gotas	4 gotas	5 gotas	6 gotas	7 gotas	8 gotas
2 colheres de chá	3 colheres de chá	4 colheres de chá	5 colheres de chá	6 colheres de chá	7 colheres de chá	8 colheres de chá

O musgo da Corsega, a semente contra vermes, a herva de Santa Maria e a losna podem ser administrados com o chá. Para se fazer este chá, deita-se em 5 onças d'agua fervendo 1 oitava de musgo da Corsega, ou 1 oitava de semente contra vermes, ou 1 oitava de herva de Santa Maria, ou 1 oitava de folhas de losna; deixa-se de infusão por meia hora e cõa-se. Ha de ficar reduzida a 4 onças, pouco mais ou menos. Esta infusão, ou este chá, adoça-se com assucar e administra-se por seis dias a fio, de manhã em jejum, em doses conforme as idades, assim como segue:

Para uma criança de	1 a	2 annos	1 colher	de sopa
»	»	» de 2 a 3	» 2 colheres	de sopa
»	»	» de 3 a 4	» 3 colheres	de sopa
»	»	» de 4 a 6	» 4 colheres	de sopa
»	»	» de 6 a 9	» 6 colheres	de sopa
»	»	» de 9 a 12	» 8 colheres	de sopa
»	»	» de 12 a 15	» 12 colheres	de sopa
»	»	» de 15 a 18	» toda a porção de	4 onças.

Duas horas depois da terceira dose, administra-se o purgante de oleo de ricino.

As crianças, para as quaes são destinados principalmente os medicamentos vermifugos, com muita difficuldade tomão estes remedios; em tal caso, poder-se-hia recorrer á geléa ou ao xarope de musgo de Corsega, que se achão nas boticas. A geléa administra-se na dose de uma colher de chá até uma ou duas colheres de sopa por dia, e o xarope na dose de duas a seis colheres de sopa. Deus ou tres dentes de alho, fervidos em leite, constituem um bom vermifugo, que tambem não repugna ás crianças. Fricções no ventre feitas com oleo camphorado, cataplasmas com folhas de losna e alho pisado, convém tambem para se provocar a expulsão dos vermes. Em algumas boticas existem pastilhas feitas com assucar, gomma e extracto de semente contra vermes, chamado *santonina*, que as crianças tomão facilmente e com proveito.

Sendo irritantes todos os medicamentos que se empregão contra os vermes, importa muito que se não administrem quando o pulso é frequente, a pelle calida e a sêde ardente; é preciso esperar que estes symptomas passem. Emfim, não basta sempre que se destrua e expulsem os vermes intestinaes para que a cura seja completa; é preciso ainda impedir a sua reproducção, e este resultado se obtém pelo uso moderado e continuado de medicamentos vermifugos, dos cozimentos de plantas amargas, como gençiana, quina, pelo regimen composto principalmente de carnes, e pelo uso do vinho.

VERMIFUGO. Chamão-se *vermifugos* os medicamentos que gozão da propriedade de matar os vermes intestinaes, ou de expulsa-los dos intestinos. Estes effectos são muitas vezes produzidos pelos purgantes violentos e por certas outras substancias cuja acção sobre a economia é mui viva, taes como alcanfor e alguns amargos; mas ha um certo numero de medicamentos que, sem exercer uma acção mui forte sobre a economia, parece que são deleterios para os vermes que existem no canal digestivo. Em geral, algumas horas depois da sua administração, é necessario tomar um purgante. Estes medicamentos são: casca de raiz de romeira, feto macho, musgo da Corsega, semente contra vermes, alho, atausia, angelim, herva de Santa Maria, losna, hortelãa, calomelanos, oleo essencial de terebenthina. *Veja-se* cada uma destas substancias e o artigo VERMES.

VERNIZ. BARRO VIDRADO. *Meio de conhecer se o verniz dos vasos do barro ou da louça ordinaria não é nocivo.* O verniz com que se cobre o interior dos vasos de barro ou de louça ordinaria altera-se ás vezes e cede ás substancias alimentares acidas que se demorão nelles oxydos metallicos que podem ás vezes occasionar accidentes mais ou menos graves.

Para se conhecer a bondade deste verniz, é preciso deixar por algum tempo vinagre nos vasos, depois ferver nelles este acido, e em seguida examinar se

não contém algumas substancias metallicas que podem ser nocivas á saude.

Para este fim cumpre deitar neste vinagre assim fervido o hydrogeneo sulfureo liquido, que determina uma côr e um precipitado preto ou roxo se o verniz foi atacado pelos acidos; esta colorisação não tem lugar se o verniz não foi atacado.

VERRUGA. Chamão-se *verrugas* umas pequenas excrescencias que se formão sobre as diferentes partes do corpo, e principalmente nas mãos e no rosto. Quando são pediculadas, podem ser cortadas com tesura, arrancadas ou ligadas com linha. E' raro que tornem a nascer. As verrugas que tem raizes profundas são mais difficeis de destruir. O meio mais seguro consiste na excisão praticada com uma navalha, ás vezes com uma tesoura, e na cauterisação com a pedra infernal. Feita repetidas vezes, esta pequena operação acaba quasi sempre por curar o mal radicalmente.

VERTIGEM ou **VAGADO.** Todas as pessoas conhecem a vertigem que se segue á valsa, á piroeta ou ao balanço; é uma sensação particular que faz crer aos individuos que a experimentão que os objectos gyrão em roda delles, ou que elles mesmos são arrastados em um movimento de rotação. Se a vertigem é mais forte, a vista escurece, existem ruidos diversos nos ouvidos, peso de cabeça; se é ainda mais forte, as pernas se curvão, a pessoa cahe. A vertigem pôde ser symptoma de varias affecções. As mais das vezes é o indicio da congestão cerebral; sobrevem então principalmente nos individuos sanguineos, nos que abusão dos licores alcoolicos e nos que fazem uso de alimentos mui nutrientes; neste caso, por sua repetição e intensidade, pôde fazer temer o desenvolvimento da apoplexia. Tambem pôde ser o resultado subito de uma commoção cerebral, quando alguem recebe uma pancada na cabeça ou dá uma quêda. Precede ás vezes ao ataque da gota coral; acompanha as perdas sanguineas abundantes, e pôde ser o annuncio de uma syncope. Em alguns casos, emfim, suas causas determinantes são leves e podem ser

facilmente obstadas : tal é a vertigem produzida pela fadiga do espirito e do corpo , pela dieta ou pelas digestões difficeis , bebidas embriagantes, pelo fumo, &c. O que acabamos de dizer de suas causas prova que o tratamento da vertigem deve ser variado , e somos obrigado a indicar ao leitor os artigos CONGESTÃO CEREBRAL, APOPLEXIA, DESMAIO, HEMORRHAGIA, &c.

Em todos os casos de vertigem , é preciso deitar o doente , applicar-lhe sinapismos nas pernas, e dar a cheirar vinagre.

Quando as vertigens reconhecem por causa uma abundancia de sangue , é indicada a sangria ou as bichas no anus, as bebidas refrigerantes, como limonada , laranja, os escaldapés sinapisados, um regimen brando, composto principalmente de vegetaes, e abstinencia do vinho, café e licores. É tambem essencial que se tenha o ventre livre por meio de leves purgantes ou de clysteres.

VESGO. Todos os movimentos que executa o olho estão debaixo da influencia de seis pequenos musculos, presos por uma extremidade aos ossos que compoem a cavidade do olho, e pela outra ao mesmo olho. Destes seis musculos um se acha na parte interna do olho , outro na parte externa, outro por cima do olho, outro per baixo. outro na parte interna e superior, e o outro finalmente na parte interna e inferior. Quando a accção destes musculos se exerce de uma maneira regular, ambos os olhos tem sempre a mesma direcção quando estão fixados em algum objecto ; mas se acontece ser um dos musculos mais curto do que deve ser, os olhos não são mais dirigidos simultaneamente nos diversos movimentos que executão : este estado chama-se *estrabismo*, e os individuos que são affectados desta disposição viciosa dos olhos tem o nome de *vesgos*. O estrabismo se desenvolve ordinariamente em consequencia das affecções convulsivas da infancia, na época da dentição, depois das molestias cerebraes , ou em outras em que o systema nervoso seja affectado;

póde ser o resultado de emoções violentas, de um acesso de colera, por exemplo. Uma vez produzido, persiste e augmenta com o desenvolvimento do orgão e o crescimento do individuo. O tratamento do estrabismo consiste em cortar o musculo cuja contracção ou encurtamento produz a desviação do olho. Esta operação é uma nova descoberta na cirurgia. Feita pela primeira vez no fim do anno de 1839 pelo Dr. Dieffenbach em Berlim, foi logo transportada aos outros paizes. No Rio de Janeiro, o Sr. Dr. Bento José Martins a tem praticado muitas vezes e com bom exito. Esta operação é pouco dolorosa, e não sómente cura a desviação do olho, mas faz ainda desapparecer ordinariamente a fraqueza da vista que existe no olho affectado do estrabismo. Entretanto, cahio em descredito por causa dos seguintes accidentes que ás vezes produz: proeminencia do olho, perda de movimento do olho na direcção do musculo operado, desviação do olho em sentido inverso da deformidade primitiva, e a vista dupla.

O exame consciencioso dos factos mostra que a secção dos musculos do olho é assas frequentemente seguida de cura completa do estrabismo com conservação dos movimentos do olho, e que a este primeiro beneficio se ajunta ás vezes o restabelecimento da vista; em outros casos obtem-se, com effeito, o endireitamento do olho, mas com perda de uma parte de seus movimentos ou com proeminencia, n'uma palavra, com uma deformidade menor do que a do estrabismo, mas enfim com uma deformidade real substituida áquella que existia; em casos mais raros, o estrabismo torna a voltar depois da operação. Finalmente, a operação do estrabismo offerece mais vantagens do que inconvenientes.

VESICULA. Esta palavra significa a mesma cousa que a *bolha* ou *empola*.

VIA DE FORA ou **SAHIDA DO ANUS.** *Veja-se* Vol. I, pag. 429.

VIDRO DOS DENTES. É o synonymo de *esmalte dos dentes*. *Veja-se* o artigo **DENTES**, Vol. II, pag. 41.

VIDRO MOIDO. O vidro moído não é veneno como muitas pessoas julgão. Sendo ingerido no estomago, obra só mechanicamente, e pôde neste caso produzir colicas e inflammação do estomago ou dos intestinos. Para impedir a sua accção sobre estes órgãos, é preciso comer feijão, pão, batatas, e depois convém expulsar este corpo estranho com um purgante de oleo de ricino e clysteres de cozimento de linhaça.

VINAGRE. Liquido acido obtido principalmente da fermentação acida do vinho; é branco ou vermelho, conforme o vinho de que é obtido. Prepara-se tambem o vinagre com cerveja, cidra, substancias que contem assucar, &c. O vinagre tem numerosos usos na medicina e na arte culinaria. Tomado puro em jejum, durante certo tempo, pôde produzir um emmagrecimento rapido e affecções mais graves. Tal é o caso de uma moça de que falla Andry, que, temendo chegar á corpulencia de sua mãe, tomava, por conselho de um curandeiro, um calix de vinagre em jejum, todas as manhãs; o emmagrecimento foi prompto. Sendo o mesmo meio continuado, o marasmo fez tantos progressos, que a moça succumbio. O abuso dos alimentos com vinagre tem inconvenientes semelhantes; mas o seu uso moderado é util, porque favorece a digestão. O vinagre diluido em grande quantidade de agua fria e adoçado com assucar, constitue uma bebida refrigerante mui util nas febres inflammatorias, nas perdas de sangue. O vinagre é um dos melhores remedios contra a embriaguez. Tem tambem sido empregado com grande vantagem contra as pollucões nocturnas a applicação entre as coxas de uma esponja embebida neste liquido. As applicações de pannos molhados em agua fria com vinagre tem feito parar muitas vezes as perdas de sangue uterinas depois do parto. Esta mesma mistura, applicada fria na testa, é util nas dôres de cabeça. O vinagre entra na preparação dos gargarejos que se empregão nas esquinencias. As fumigações de vinagre, que algumas pessoas fazem nos quartos

dos doentes, só são proprias para encobrirem o máo cheiro, mas não destroem os miasmas.

O vinagre *dos quatro ladrões*, que se prepara fazendo-se digerir em vinagre *commum* absinthio, alfazema, hortelãa, salva, canella, cravo da India, noz moscada, alho, filtrando-se depois o liquido e ajuntando-se-lhe camphora; este vinagre, dizemos nós, não parece possuir, apezar da sua antiga reputação, virtude alguma anti-contagiosa.

Falsificação do vinagre. As substancias que se ajuntão fraudulentamente ao vinagre tem por fim augmentar seu sabor acido ou sua densidade. O vinagre de páo, o acido sulfurico e o acido hydrochlorico são as substancias de que os fabricantes fazem o uso mais frequente, e que apresentam maior ou menor perigo, conforme a sua natureza.

O *vinagre de páo* só teria o inconveniente, se fosse bem puro, de não apresentar aquelle aroma que existe no vinagre de vinho; porém as mais das vezes, e pelo effeito das substancias empregadas na sua preparação, contém acido sulfurico, e até se tem achado nelle o acido arsenioso, o que tem lugar quando o acido sulfurico é feito com pyrites.

O *acido sulfurico* misturado com vinagre estraga os dentes. Conhece-se esta fraude deitando-se vinte gottas de uma dissolução de muriato de baryta em quatro onças de vinagre. Esta experiencia deve ser feita n'um copo de vidro. Se esta mistura não ficar turva, póde-se julgar que não contém acido sulfurico. Se, pelo contrario, fica turvo, e se, pouco tempo depois, se forma um precipitado no fundo do vaso, póde-se concluir que o vinagre submettido á experiencia contém acido sulfurico. No vinagre de boa qualidade o precipitado se forma mui lentamente e é mui pequeno. Duas gottas de acido sulfurico em 3 onças de vinagre serão facilmente conhecidas por este meio.

O *acido hydrochlorico* se conhece misturando-se com o vinagre a dissolução de nitrato de prata; forma-se então um precipitado que é muito abundante até

para 2 gottas de acido hydrochlorico misturadas com 3 onças de vinagre. O vinagre puro de vinho não forma sedimento immediatamente pelo nitrato de prata; só depois de alguns instantes é que apparece uma pequena escuridão.

Finalmente, eis-aqui os *caracteres do bom vinagre de vinho*: é limpido, de côr amarella escura, de uma densidade de 2 grãos 50 a 2 grãos 75 do areometro de Baumé; tem um sabor muito acido, mas sem aspereza; turva-se um pouco pelo nitrato de baryta, e mui fracamente pelo nitrato de prata; não contém nenhuma substancia metallica que possa produzir uma côr rôxa pelos hydrosulfatos alcalinos. Todo vinagre que tiver propriedades oppostas ás que acabamos de indicar deve ser considerado como de qualidade inferior ou como suspeito de falsificação.

VINHO. O sumo espremido das uvas, ao qual se faz tomar um gráo mais ou menos alto de fermentação, chama-se *vinho*. Ingerida em quantidade moderada, esta bebida facilita a digestão, fortifica o estomago e todas as funcções. Em maior dóse, produz a alegria, excita as falculdades intellectuaes; em dóse excessiva, occasiona a embriaguez. O vinho póde, em geral, ser considerado como um composto de alcool, de assucar, de acido malico, tartrico, acetico, de cremor de tartaro, de uma materia colorante, e ás vezes de uma parte aromatica.

Quando se engarrafa antes de concluida a fermentação, contém, além do que fica dito, o acido carbonico, que o torna espumoso. As differenças que apresentam os vinhos nas suas qualidades e nos seus effeitos na economia animal dependem das proporções de seus principios immediatos, e principalmente das do alcool, da materia assucarada, da materia colorante, do cremor de tartaro e dos acidos que contém. Os vinhos *azedos* são em geral menos alcoolicos do que os outros; misturados com agua, acalmão bem a sêde e dissolvem os alimentos. Os vinhos *doces* são de uma digestão assaz laboriosa; contém muito alcool, são mui nutrientes e reparadores; acalmão

pouco a sêde, obrão como estimulantes; convém não usar delles senão em pequena quantidade. Os vinhos *acerbos* e *adstringentes* são mais tonicos do que os outros. O uso do vinho deve ser modificado conforme as circumstancias. Assim, nos primeiros momentos da vida, este licôr é em geral mui forte, mui excitante, para os orgãos tão tenros e dotados de excessiva sensibilidade. Se a criança é constituida de uma maneira robusta, é preferivel não dar-lhe senão agua por toda bebida, ou agua apenas tinta de vinho. Mas deve-se fazer excepções para as crianças fracas, para as que residem nas grandes cidades, para as que são predispostas ás alporcas; o uso moderado do vinho velho e generoso pôde ter, nestas circumstancias, a influencia mais vantajosa. Qualquer que seja a idade, o vinho deve ser tomado com moderação; mas se ha uma idade em que elle pôde ser util, é quando os annos tem diminuido as forças geraes. Relativamente ás constituições, a caracterisada pela fraqueza dos diversos orgãos é aquella a que o vinho mais convém. O vinho que se administra como medicamento deve ser velho, generoso e o menos excitante que fôr possível. Tal é o vinho velho de Bordéos, que é aconselhado com preferencia aos doentes, pois que fortifica sem escandecer. Os vinhos de Portugal, de Hespanha, da Madeira, de Malaga, administrão-se nos casos em que são indicados os excitantes mais energicos. Administra-se o vinho na couvalescença das molestias quando não existe mais febre; dá-se na fraqueza natural, ou adquirida em consequencia de perdas por uma via qualquer, como depois de longas ou fortes hemorragias, diarrhéas, etc., no escorbuto, nas flôres brancas, e em outras muitas molestias. Lavão-se com vinho as ulceras antigas, para ficarem mais vermelhas; applicão-se chumaços embebidos em vinho nas torceduras, como resolvente. Lavão-se as crianças fracas com vinho quente: tem até sido aconselhado em banhos.

O vinho adquire ás vezes o gosto do tonel em que se conserva, e ás vezes cheira a mofo. Destroe-se este gos-

to e este cheiro por meio do azeite. Para este fim deita-se azeite no vinho derrancado ; agita-se fortemente a mistura, e deixa-se ficar tudo em repouso para que os dous liquidos se separem. A quantidade de azeite é de duas libras por pipa. Em vez de azeite, algumas pessoas empregão o carvão com a mesma vantagem.

Falsificação do vinho. Nem sempre o vinho é puro e natural. A cubiça leva muitos mercadores a falsificarem-no, quer simplesmente para augmentarem a sua quantidade, quer para lhe tirarem algumas qualidades desagradaveis que poderião obstar a sua venda. Se o vinho contivesse sempre a mesma proporção de alcool, seria facil o assegurar-se da quantidade accrescentada d'agua, por meio do areometro; mas a quantidade de alcool varia singularmente em cada especie de vinho, e muitas vezes na mesma especie. Não se póde, por conseguinte, reconhecer este genero de fraude: o paladar da pessoa experimentada, e talvez a extrema decoloração do vinho, são os unicos recursos neste caso; mas a chimica possui meios para descobrir as outras falsificações.

Dos vinhos falsificados pelo chumbo. Para restituirem aos vinhos azedos o sabor doce, imaginárão os vendedores mistura-los com uma porção de acetato de chumbo (sal de Saturno), de alvaiade, e principalmente com o lithargyrio (protoxydo de chumbo). De todas as fraudes do vinho, esta é a mais perigosa. As pessoas que bebem estes vinhos experimentão mais ou menos cedo uma molestia chamada *colica de chumbo*. A raridade das evacuações alvinas e a dureza das materias evacuadas são, com dôres obscuras e passageiras do ventre, os primeiros phenomenos desta affecção; augmentão-se progressivamente por espaço de muitos dias, e ás vezes durante muitas semanas. Pouco a pouco a dôr chega a um tal gráo de intensidade, que arranca gritos ao doente e o constringe a tomar successivamente as posturas mais extraordinarias na esperança de achar uma em que soffra menos: alguns deixão e tornão a tomar alter-

nativamente a posição horizontal; outros se poem transversalmente sobre a cama; muitos se deitão sobre o ventre, e o maior numero delles levão a esta parte as mãos que acalmão ou modificão a dôr. Esta dôr offerece remissões e exacerbações; é mais violenta durante a noite, e por isso a insomnia é um dos symptomas ordinarios da colica de chumbo. No meio destes phenomenos, o ventre está duro, pouco ou nada sensivel a uma pressão moderada, mas sensivel a uma pressão forte. A prisão do ventre é um dos symptomas constantes da colica de chumbo; em alguns individuos é levada ao ponto de não poder ser vencida senão por meio de purgantes mui energicos. O fastio, as nauseas, os vomitos de materias quasi sempre verdes, o máo halito, e os borborygmos formão outros caracteres da colica de chumbo. A côr pallida e amarellada do rosto, as dôres e caimbras nas pernas, e ás vezes nos braços, alentidão do pulso, a raridade das ourinas, concorrem para se distinguir esta affecção de outras que possão parecer-se com ella. Em alguns casos mui raros, o ventre é sensivel á pressão, o pulso frequente, a temperatura da pelle augmentada; existe dôr de cabeça, vertigens, delirio e convulsões. A duração da colica de chumbo varia. Se a affecção é abandonada a seu proprio curso, faz, durante um ou muitos mezes, progressos continuos; depois disso parece mudar de fórmula, a paralyisia dos braços e das pernas succede ás dôres; o doente cessa de soffrer, mas fica impotente para o resto de seus dias. Se, pelo contrario, a molestia é combatida pelos meios convenientes, estes symptomas desaparecem em poucos dias.

Diversos methodos de tratamento forão propostos e empregados na colica de chumbo. O tratamento que melhor vantagem tem apresentado se compõe de purgantes e de vomitorios administrados repetidas vezes. (*Veja-se* Vol.I, pag. 400.)

Meios de descobrir a fraude nos vinhos falsificados pelo chumbo. Vinhos brancos. Os vinhos brancos falsificados pelas preparações de chumbo, além de um

gosto adocicado e adstringente, offerecem certos signaes, proprios para reconhecê-los: 1.º O acido sulfurico (oleo de vitriolo), ou sal de Glauber dissolvido em agua, sendo misturados com estes vinhos, os turvão e determinão um precipitado branco, que não tarda a depôr-se no fundo do vaso em que se faz a experiencia. 2.º O chromato de potassa dá com estes vinhos um precipitado de linda côr amarella. 3.º O acido hydrosulfurico, e o figado de enxofre, dissolvidos em agua e misturados com os vinhos brancos falsificados pelo chumbo, os tornão pretos, e passados alguns minutos, produzem um sedimento preto.

Vinhos tintos. Póde-se, por meio de reagentes que servem para se descobrir o chumbo no vinho branco, provar-se a presença deste metal no tinto, comtanto porém que se comece por privar-lo da côr ajuntando-se-lhe uma sufficiente quantidade de chloro liquido, deixando-o depôr o precipitado amarello, avermelhado, e coando-o; depois condensa-se o liquido por meio da evaporação. Se se quizer provar a presença do chumbo no vinho, antes de se lhe destruir a materia colorante ajunta-se-lhe ammoniaco, que dará um precipitado verde-escuro, quando no vinho branco produz um precipitado branco.

Dos vinhos falsificados pela pedra-hume. O fito da falsificação dos vinhos pela pedra-hume é torna-los mais vermelhos, menos sujeitos a alterar-se, e dar-lhes um sabor adstringente. O perigo desta fraude consiste em tornar a digestão difficil e provocar vomitos. Descobre-se a presença da pedra-hume no vinho da maneira seguinte: Decolora-se o vinho pelo chloro; evapora-se a mistura até reduzir-se á quarta parte; filtra-se o liquido para o separar de uma infinidade de frocos amarellos avermelhados; e se elle contém pedra-hume, observão-se as propriedades seguintes: tem um sabor adstringente adocicado; precipita em branco pelo ammoniaco, pela potassa,

pelo subcarbonato de potassa ou de soda, pelo nitrato ou hydrochlorato de baryta.

Dos vinhos falsificados pelo giz. Os mercadores falsificão ás vezes os vinhos com giz (carbonato de cal) para saturarem o acido acetico ou tartico que se póde achar nelles em excesso, e lhes tirarem, por consequente, o gosto azedo. Os vinhos assim preparados são com effeito mais doces, porém podem determinar irritação dos intestinos. Reconhece-se a fraude da maneira seguinte: ferve-se este liquido em um vaso; quando o licor está reduzido quasi á consistencia de xarope, ajunta-se-lhe cinco ou seis onças de alcool; agita-se por espaço de dez a doze minutos, e filtra-se. Misturado com oxalato de ammoniaco, este licôr dará um precipitado branco ou colorido, de oxalato de cal, conforme fôr o vinho falsificado branco ou tinto; este precipitado, recolhido, lavado, posto a seccar, calcinado depois em um cadinho, dará em resultado cal viva.

Dos vinhos falsificados pela aguardente. Para dar maior força aos vinhos, costuma-se ajuntar-lhe aguardente. Os inconvenientes desta falsificação são os de embriagar mais facilmente e de causar dôres de cabeça. O alcool que se acha nos vinhos naturaes e que se desenvolve durante a fermentação combina-se com outras partes do licôr, e por isso o seu cheiro não é muito sensivel, entretanto que nos vinhos a que tem sido ajuntada uma certa quantidade de aguardente o alcool fica como livre, e o seu cheiro é muito penetrante.

Meios empregados para dar côr aos vinhos. Os vinhos costumão ser coloridos com páo campeche, que lhes dá uma côr mais escura. Esta fraude, que não tem inconveniente algum, reconhece-se pela difficuldade que ha em fazer desaparecer as nodoas que este vinho deixa nas toalhas.

Taes são as principaes falsificações do vinho.

VIOLETA. (*Viola odorata*, Linneo.) Esta planta é cultivada nos jardins do Brasil; suas flôres, que exhalão um cheiro delicioso, usão-se em medicina, como

peitoraes. Prepara-se com ellas um chá que, adoçado com assucar, se administra com muita vantagem nos defluxos, catarrhos pulmonares e outras molestias do peito.

VIRILHA. Dá-se o nome de virilha ou de região inguinal á reunião das partes que formão o angulo ou uma cavidade obliqua situada na união da parede do ventre e da coxa.

MOLESTIAS DA VIRILHA. São numerosas e apresentam-se quasi sempre debaixo da fórma de tumor: vamos indicar succintamente seus principaes caracteres.

Observão-se na virilha *quebraduras* formadas pelos intestinos sahidos do ventre: esta molestia se apresenta debaixo da fórma de um tumor molle, elastico, sem mudança de côr da pelle; pôde sobrevir pouco a pouco ou subitamente na occasião de algum esforço; este tumor torna entrar ás vezes no interior do ventre quando a pessoa se deita, ou quando o tumor se comprime de certa maneira; ouve-se então um ruido particular: esse tumor, pelo contrario, augmenta pela tosse e pelos esforços. (*Veja-se QUEBRADURA*, Vol. III, pag. 312.)

As glandulas lymphaticas da virilha podem inchar e inflammam-se; quando esta molestia depende de causa syphilitica, o tumor chama-se *mula* ou *bubão*. O bubão syphilitico é ordinariamente precedido de cavallo ou de esquentamento. Sente-se ao principio uma glandula movel um pouco inchada e dolorosa; augmenta logo de volume e fica adherente; a dôr torna-se latejante e muito viva; a pelle fica vermelha, e a glandula, depois de ter adquirido um volume ás vezes consideravel, fica molle pouco a pouco e forma uma postema. (*Veja-se MULA*, Vol. III, pag. 66.)

Ha uma variedade de engurgitamento das glandulas da virilha que é necessario conhecer, porque injustamente podem ser tomadas por mulas syphiliticas. Acontece, com effeito, que uma ou muitas glandulas da virilha se inflammão, augmentão de volume e ficão dolorosas, em consequencia de ery-

sipela na côxa ou de esfoladura e feridas no pé ou na perna do mesmo lado. Felizmente este engurgitamento, que se chama *ingua*, ou simplesmente *glândula*, raras vezes acaba pela suppuração: de ordinario se resolve pouco a pouco. Favorece-se esta terminação pelo repouso e pelas cataplasmas de linhaça. (*Veja-se* *INGUA*, Vol. II, pag. 446.)

Postemas podem tambem apparecer na virilha; é preciso abri-las quando estão maduras. (*Veja-se* *POSTEMA*, Vol. III, pag. 244.)

VIRUS. O virus é um principio não conhecido na sua natureza e inacessivel a nossos sentidos, que se desenvolve em certas molestias, e que, inoculado em um individuo são, transmite exactamente a mesma molestia. Assim, a saliva de um cão damnado inoculada no homem ou em certo animal produz a hydrophobia; o pus de um cancro syphilitico produz a syphilis; a vaccina, as bexigas, o mormo, tem tambem um virus.

O virus differe do *veneno* de certos animaes, que é producto normal segregado por um órgão especial n'um animal perfeitamente são.

VISTA. Bem que todas as producções da natureza sejam igualmente dignas de admiração, cumpre entretanto confessar que o mecanismo da visão é um dos que nos devem causar maior pasmo. Um órgão de uma incrível perfeição situado na parte mais elevada do corpo, como para estender-se ao longe, é destinado a receber os raios luminosos, a modificá-los de tal sorte, que a imagem dos corpos donde elles emanão vá se pintar sobre uma membrana sensivel que communica com o cerebro. Muitas precauções tomou o Creador para proteger este instrumento precioso. Rodeado de proeminencias osseas destinadas a defendê-lo da acção dos agentes exteriores, sotoposto ás sobrançelhas, verdadeiros *antolhos*, cujo uso evidente é moderar a intensidade da luz dos astros, é ainda coberto de véos moveis que, movendo-se continuamente, varrem os corpusculos que vão depositar-se sobre o globo do olho, e, abaixando-

se quando queremos, interrompem por instantes a visão, e occasionão assim um leve repouso tão necessario para o exercicio do sentido. A natureza levou a sua previsão ao ponto de estender artificiosas redes para apanhar o pó e os insectos que volteião na atmosphera.

É cousa espantosa a indifferença com que tanta gente expõe a uma alteração continua um orgão de tão alta importancia. Todos sabem, entretanto, que nenhum sentido nos proporciona prazeres mais multiplicados. A vista é o sentido por excellencia; sua privação é uma das mais difficeis de supportar. Apontemos, por consequente, as causas que podem ser nocivas a um orgão tão precioso, e indiquemos alguns preceitos uteis para a sua conservação.

Não ha cousa mais fatal á vista do que o brilho de uma luz mui viva. A experiencia prova que muitas pessoas, obrigadas por sua profissão a terem os olhos fitos em objectos fortemente esclarecidos são affectadas de ophthalmia, de cataracta, de gota serena, e da maior parte das molestias dos olhos. A reverberação produzida por uma arêa brilhante pôde tambem occasionar a cegueira. As paredes resplandecentes por sua alvura, e continuamente tocadas pelos raios solares, offerecem o mesmo perigo.

O melhor meio de se evitarem os accidentes que podem resultar destas causas é abrigar os olhos com oculos de côr. Nunca deve uma pessoa com a claridade do sol entregar-se á leitura, ou a qualquer outra occupação que obrigue a fitar os olhos em objectos muito miudos. As pessoas que trabalham em um quarto exposto aos raios solares ou á sua reverberação devem preservar-se desta luz intensa por meio de cortinados de côr, ou cerrando ou um pouco as janellas.

Uma luz mui fraca tem inconvenientes analogos. Se se trabalha a uma claridade insufficiente, resulta disto ao principio um sentimento penoso de dôr no olho. A inflamação deste orgão pôde sobrevir em consequencia de tão fatigante exercicio. Suspender então toda a especie de trabalho, é a unica cousa que

se deve fazer. É preciso, por conseguinte, evitar o estudo durante a luz duvidosa do crepúsculo.

De tudo o que acabamos de expôr, resulta que se deve evitar com igual cuidado uma luz mui brilhante e uma mui pallida. Uma claridade media, isto é, cuja impressão não determine sensação alguma dolorosa no globo do olho, é a que mais convém.

Tudo isto se applica igualmente ás côres. As côres brilhantes produzem os mesmos effeitos que a vivacidade mui grande da luz. O branco fatiga singularmente a vista. O vermelho fatiga ainda mais promptamente, e deveria até ser proscripto do uso habitual; um quarto pintado com esta côr poderia ser mui incommodo. O amarello, o verde e o azul são os mais favoraveis para o olho, e a côr verde sobretudo. As côres sombrias, taes como azul ferrete, o roxo e o preto, que não são outra cousa mais que a ausencia da luz, produzem effeitos analagos aos da obscuridade. Em geral, as côres que não são nem mui brilhantes, nem mui sombrias, são as mais convenientes á vista.

O exercicio e o repouso do olho estão longe de ser sem influencia sobre a perfeição deste orgão; o exercicio demasiado consa-o, estraga-o, e o repouso prolongado não lhe é menos desfavoravel. Com um exercicio moderado é que a vista adquire toda a força de que é susceptivel.

Está geralmente assentado que uma alimentação demasiadamente rica e copiosa, occasionando grande abundancia de sangue na economia, produz deslumbamentos, vertigens, e até tem sido causa de cegueira momentanea. A abstinencia ou a falta de alimentação, pondo todo o corpo em profunda fraqueza, não poupa mais os orgãos de que fallamos. Os olhos dos infelizes que estão privados de alimentos se cobrem de um nevoeiro que lhes tolda os objectos.

Os effeitos de que fallamos são ainda mais frequentemente o resultado do abuso dos licôres alcoolicos. É raro que os bebados tenham boa vista.

As diversas qualidades do ar exercem sobre os olhos uma impressão variavel. O ar quente, quando é secco, irrita os olhos, fazendo evaporar promptamente os liquidos destinados a humedecê-lo; e é raro, além disto, nesta circumstancia, que o pó disseminado na atmosphera não venha juntar ás outras causas sua acção nociva. O ar frio e secco excita a secreção das lagrimas, mas é absolutamente sem perigo. Não succede assim com o ar frio e humido. O vapor que elle contém neste estado perturba a sua transparencia e fatiga muito a vista: este vapor é ás vezes picante, e faz nascer ophthalmias que reinão epidemicamente. Os ventos occasionão accidentes semelhantes.

Ha pessoas que tem a vista mui sensivel, isto é, que não podem supportar o brilho de uma luz viva. Este estado é proprio das pessoas nervosas. A vista fica ás vezes mais sensivel pelo repouso a que os orgãos da visão estiverão condemnados. Quando alguém tem estado por longo tempo privado da claridade do dia, seus olhos adquirem uma sensibilidade excessiva. Os operarios que trabalham na profundeza das minas são mui expostos a serem affectados desta disposição da vista. Para a exaltação da sensibilidade da vista forão propostos os oculos de côr, amarellos, verdes ou azues. Mas se esta exaltação não depende da constituição nervosa da pessoa, e sim sómente da inacção da vista, convém antes exercitar pouco a pouco este orgão do que subtrahi-lo á luz.

Emquanto á *vista curta e vista longa*, temos já tratado destes estados dos olhos nos artigos MYOPIA e PRESBYOPIA.

Em conclusão, para conservar a vista boa, é preciso evitar uma luz mui intensa ou mui fraca; côres mui brilhantes ou mui sombrias; o trabalho com a luz artificial e sobre corpos muito miudos; a passagem subita da luz ás trevas, e sobretudo destas á luz, de uma côr viva a uma côr opposta; uma alimentação mui abundante ou insufficiente; o abuso dos

licôres alcoolicos; um ar mui quente, ou frio e humido; um exercicio immoderado; o repouso ou a acção mui prolongada do olho.

Para o complemento deste artigo, veja-se OLHO, BELIDA, CATARACTA, GOTA SERENA, CEGUEIRA, etc.

VOMITO PRETO. *Veja-se* FEBRE AMARELLA.

VOMITORIO. Assim se chama toda substancia capaz de provocar vomitos. O tartaro emetico e a poaya (vejão-se estas palavras) são hoje os unicos remedios que se empregão commummente para provocar os vomitos. O tartaro emetico administra-se na dóse de um a dous grãos dissolvidos n'uma chicara d'agua morna ou fria, e a poaya em pó na dóse de 20 a 24 grãos tambem dissolvidos n'agua fria ou morna. Para favorecer os vomitos, deve o doente beber muitos copos de agua morna. O uso d'agua morna deve ordinariamente principiar depois do primeiro vomito; mas se este tardar a apparecer ou não se manifestar, *verbi gratia*, meia hora depois da ingestão do medicamento, deve o doente então anticipar o uso da agua morna. Depois de cada vomito deve beber um copo d'agua morna, para ter sempre alguma cousa no estomago: desta maneira os esforços para vomitar são muito menos custosos do que quando o estomago está vazio.

Duas horas depois da cessação dos vomitos, o doente toma uma chicara de caldo de gallinha.

Se o effeito do vomitorio fôr muito excessivo, podem-se diminuir os vomitos tomando-se uma chicara de chá da India mui carregado.

Os vomitorios empregão-se em grande numero de casos: nos artigos consagrados ás molestias deve o leitor buscar o que é relativo ás applicações especiaes aos vomitivos. Só diremos aqui, de uma maneira geral, que os vomitorios podem ser empregados com vantagem, ou ao menos sem inconveniente, nos casos em que os doentes tem pouca febre, sêde mediocre, lingua branca, sabor amargo na bocca, e quando nenhuma ou pouca dôr existe no ventre. É necessario abster-se delles quando existe

uma dôr mui grande na bocca do estomago. A prenhez, as aneurismas, contraindição tambem a administração destes medicamentos. Os vomitorios são agentes irritantes, perturbadores, que imprimem grande movimento em toda a economia. Deste movimento é que resultão todos os effeitos vantajosos, e não das evacuações que produzem, como pensa o vulgo.

VOMITOS. Os vomitos constituem um symptoma commum a um grande numero de molestias. Manifestão-se na maior parte dos grãos de irritação ou de inflammação de estomago, desde o que occasiona a presença de alimentos não digeridos, que constitue a *indigestão*, até á gastrite mais intensa produzida pela ingestão de substancias irritantes ou corrosivas, taes como arsenico, o sublimado, etc.; na febre amarella, na cholera-morbo; nas diversas molestias que atacão o tecido proprio do estomago; nas hernias estranguladas. Os vomitos podem tambem ser produzidos de uma maneira mecanica e como forçada durante os esforços da tosse no catarrho pulmonar, na coqueluche, no garrotinho. Manifestão-se frequentemente durante os primeiros mezes da prenhez; emfim, declarão-se ás vezes no principio de muitas affecções febris, e sobretudo na erysipela, sarampo, bexigas, escarlatina, etc. Em todos estes casos, os vomitos não são mais que um symptoma, e cedem ao tratamento que é dirigido contra a molestia de que dependem. Mas ha casos em que os vomitos tem lugar na ausencia das molestias ou das condições que acabão de ser indicadas, sem que exista lesão alguma do estomago, sem que se possa reconhecer lesão de algum orgão, de que sejam um symptoma ou um effeito sympathico; constituem então uma verdadeira affecção essencial, que é designada debaixo do nome de *vomitos nervosos*. Combatem-se estes vomitos pelo ether sulfurico, opio, agua de flôr de laranja e valeriana. Empregão-se tambem as bebidas acidas, e sobretudo nevadas. O gelo engulido em pequenos pedaços, a infusão de

quina em agua fria, tem ás vezes acalmado os vomitos rebeldes. Em algumas circumstancias, os licôres espirituosos, taes como vinho de Malaga, rhum, cachaça, tem produzido bons resultados; os banhos mornos do corpo todo, os causticos na bocca do estomago, podem tambem ser indicados. A alimentação deve ser composta, em geral, de leite, de ovos, de peixe; mas é difficil estabelecer regra fixa a este respeito; é sobretudo nestas circumstancias que o medico deixa ao doente a escolha dos alimentos que mais appetee. Para o complemento deste artigo, *veja-se* ENJÔ e DENTIÇÃO.

VOMITOS PRETOS. *Vêja-se* FEBRE AMARELLA.

VOMITOS DE SANGUE ou HEMATEMESE. Os vomitos de sangue se declarão ordinariamente em consequencia das paixões tristes, taes como o terror, a colera concentrada, um pezar violento. De outra parte, a supressão ou a insufficiencia das hemorragias habituaes, e principalmente dos menstruos e das hemorrhoidas, podem tambem ser causa delles. E' preciso distinguiros vomitos de sangue dos escarros de sangue. (*Vêja-se* esta ultima palavra, V. II, p. 155.) No primeiro caso, existe ordinariamente peso e calor na bocca do estomago, nauseas, e não tosse nem difficuldade de respiração; o sangue não é vermelho, puro e espumoso como nos escarros de sangue, mas sim negro, grumoso, misturado com mucosidades, bilis, e ás vezes materias alimentarias. Cumpre tambem não confundir os vomitos de sangue com a molestia chamada *vomito preto* ou *febre amarella*. Neste ultimo caso, os vomitos são precedidos de febre, supressão das urinas e outros symptomas, entretanto que, no caso de que tratamos, os vomitos no maior numero de casos se declarão de repente, no meio de boa saúde, sendo só ás vezes precedidos pelo fastio e um sentimento de peso no estomago; depois o pulso fica fraco, as extremidades frias, a pessoa sente ancias extraordinarias, e declarão-se os vomitos. A quantidade de sangue lançada é sempre mui consideravel, e a razão disto é mui simples: se o derra-

mamento sanguineo fosse pouco abundante, este liquido sahiria pelos intestinos e anus sem provocar os vomitos. Esta quantidade varia de 7 a 8 onças a muitas libras. Os meios que se oppoem aos vomitos de sangue são mui variados. Em todos os casos, é preciso applicar sinapismos nas barrigas das pernas e administrar bebidas frias e acidas, taes como agua com vinagre ou sumo de limão, em pequena quantidade, por colheres, e em intervallos mui curtos, de cinco a dez minutos, por exemplo. Applicar-sehão tambem sobre o ventre chumaços embebidos em agua fria e vinagre, e serão mudados frequentemente para que se conservem sempre frios. O doente deve estar em posição horizontal e evitar todo o movimento activo. Taes são os primeiros soccorros que as pessoas estranhas á arte de curar podem dar nos vomitos de sangue, antes de se chamar o medico, que é o unico capaz de determinar a verdadeira causa da molestia e corta-la pela raiz.

VOZ. PERDA DA VOZ OU APHONIA. Supressão mais ou menos completa da voz por causa interna.

Causas. As causas da perda da voz são mui numerosas. A perda da voz acompanha muitas affecções cerebraes, como a inflammação do cerebro, a apoplexia, a catalepsia, a epilepsia e o hystericismo; existe tambem na inflammação da garganta ou dos pulmões; é ás vezes determinada pela presença de vermes nos intestinos; emfim, em algumas mulheres, é o effeito sympathico da prenhez. A perda da voz é uma consequencia frequente do abuso do vinho e das outras bebidas espirituosas; é ás vezes subitamente produzida por paixões mui vivas, como a colera, o susto, a alegria, etc. O virus syphilitico, que occasiona muitas vezes a inflammação chronica da garganta, é tambem causa da aphonía. Esta affecção apparece igualmente depois da immersão do corpo em agua fria, depois do desaparecimento subito dos menstruos ou de alguma molestia da pelle, depois dos excessos de fallar ou cantar; emfim a perda da voz se declara ás vezes sem causa sabida.

Tratamento. A perda da voz que é symptoma de uma das affecções acima indicadas não exige tratamento nenhum particular, e cede ordinariamente com a molestia principal.

Quando sobrevém durante um ataque de epilepsia, de histerismo, etc., cessa sem perigo em pouco tempo. A que é occasionada por susto é de curta duração; a que depende da presença de vermes nos intestinos cura-se com vomitorios e remedios anthelminticos; a que sobrevém durante a prenhez ou falta de menstruação desaparece depois do parto ou com a volta dos menstros. A perda da voz que se observa nas febres continuas graves, e que durão desde muito tempo, é quasi sempre seguida de morte. A que é o resultado de gritos prolongados, de inflammação da garganta ou de um simples defluxo, desaparece com a molestia que a produzio. A aphonia que parece depender do virus syphilitico exige um tratamento mercurial interno.

Emquanto á perda da voz a que não se póde assignar uma das causas acima indicadas, o tratamento é o seguinte :

Cura-se ás vezes promptamente esta affecção com um suadouro; para isso toma-se um escaldapés com farinha de mostarda, e bebem-se duas ou tres chicaras de chá quente de borragem ou de sabugueiro.

Um ou dous grãos de emetico para provocar os vomitos constituem um bom medicamento contra a perda da voz.

O gargarejo seguinte é mui util :

Cozimento de cevada	20 onças.
Pedra-hume	meia onça.
Laudano de Sydenham	meia onça.
Mel de abelha	3 onças.

Misture e gargareje-se quatro a cinco vezes por dia.

É ás vezes bom recorrer á cauterisação da campainha da garganta com dissolução de pedra infernal em agua fria.

A applicação, na parte anterior do pescoço, de

cinzas quentes ou de sinapismos, tem tambem produzido bons effeitos.

As comidas com mostarda e os gargarejos com molho de pimenta cumary e limão azedo podem do mesmo modo produzir curas rapidas.

X

XAROPE. Chamão-se *xaropes* uns medicamentos liquidos doces e agradaveis, um pouco viscosos e untuosos, que se preparão fazendo-se dissolver o assucar, por meio de um brando calor, em agua pura ou carregada de principios medicamentosos. O fim de sua preparação consiste frequentemente em tornar agradável a administração dos medicamentos; mas os xaropes servem tambem para a conservação das substancias medicamentosas.

Xarope simples é aquelle que é composto de assucar e d'agua.

Tendo-se o xarope simples, para se preparar a maior parte dos xaropes medicamentosos, basta ajuntar-lhe nas proporções indicadas pelo formulario, certos saes dissolvidos n'uma pequena quantidade d'agua, para se obter *xarope de sulfato de quinina*, *xarope de morphina*, etc.

Dissolvem-se tambem certos extractos de plantas em agua e ajuntão-se ao xarope simples; tal é o modo de preparação de *xarope de dormideiras* ou *xarope diacodio*, de *xarope de salparrilha*, de *thridacio*, etc. O *xarope de gomma* tambem se prepara pela solução.

Algumas substancias vegetaes são submettidas á infusão, e junta-se o liquido obtido ao xarope simples; tal é o *xarope de althéa*, de *fumaria*, de *geniciana*, de *borragem*, etc.

Emfim, ha xaropes que, tendo por base muitas substancias medicamentosas, exigem um modo de preparação mais complicado.

Os xaropes fermentão facilmente: devem ser

conservados em vasos bem cheios e em lugares bem arejados.

Z

ZANGÃO Insecto. As picadas do zangão devem ser lavadas com agua fria simples ou misturada com um pouco de vinagre. Depois é preciso introduzir nellas, por meio de um palito, uma gotta de alcali volatil.

ZARCÃO. É o oxydo de chumbo empregado como tinta vermelha. É um veneno. *Veja-se* CHUMBO, Vol. 1, pag. 358.

ZIMBRO ou **JUNIPERO.** Fructo de um arbusto da Europa, chamado *Juniperos communis*, Linneo. São bagas pretas, polposas, do tamanho de uma ervilha, de cheiro forte, agradável, sabor amargo e quente.

As bagas de zimbro servem para a preparação da bebida espirituosa chamada *genebra*.

As bagas de zimbro gozão de propriedades estimulantes e diureticas. Empregão-se em medicina de baixo da fórma de chá ou de extracto nas hydropisias, catarrhos da bexiga, mólestias da pelle, rheumatismos, etc. O *chá de zimbro* prepara-se com 2 oitavas de bagas de zimbro e 8 onças d'agua fervendo. O *extracto de zimbro* administra-se na dóse de 18 grãos a 2 oitavas por dia em pilulas.

ZINCO. O zinco é um metal branco-azulado, mais duro do que o chumbo de que tem a côr. Não se encontra em natureza em estado nativo, mas sim no estado de sulfureto (*blenda*), ou no estado de carbonato misturado com a silicia (*calamina*). O zinco é fusivel a 412 grãos, e pega fogo a 505 grãos: produz então uma bella chamma branca brilhante, de que os fogueteiros se servem nos fogos de artificio; derrama então no ar frocos brancos que são oxydo de zinco.

Na temperatura ordinaria, o zinco decompõe a agua.

3.

Este metal é atacado pelos corpos gordos, sal commum, e sobretudo pelos ácidos, ainda os mais fracos. As composições que resultão destes corpos sobre o zinco podem dar aos alimentos e ás bebidas um gosto metallico desagradavel, e até communicar-lhes propriedades, senão venenosas, pelo menos vomitivas e purgativas, que poderião não ser sem inconveniente.

O zinco emprega-se para a confeição de utensilios domesticos, para cobrir as casas, para a fabricaçã dos canos. O zinco era outr'ora mais frequentemente empregado para cobrir as igrejas do que hoje, mas conheceu-se que nos incendios era perigoso; com effeito, nos incendios os telhados de zinco ardem com a maior facilidade, e lanção chammas mui longe.

O zinco emprega-se como liga com muitos metaes. Com o cobre forma o *latão* e o *tambaque* (similar, em francez). Combinado com o cobre e o nickel, constitue um metal branco, conhecido no Rio de Janeiro debaixo do nome de *prata ingleza*: esta liga doura-se e pratêa-se mui facilmente, e seu uso está mui diffundido hoje para a fabricaçã das colheres e outros utensilios de mesa. O zinco foi tambem empregado em lugar de estanho para cobrir os vasos de cobre; mas é preciso tomar cautela contra esta fraude, porque o zinco não é innocente como o estanho, e por isso a estanhadura com a liga de estanho, de chumbo e de zinco, deve só empregar-se para as banheiras e outros vasos de cobre e de ferro que não tem de servir para as substancias alimentarias.

No estado metallico, o zinco emprega-se ás vezes como vermifugo, e a limalha de zinco administra-se contra a solitaria, na dóse de uma onça misturada com duas onças de xarope. Antes e depois de sua administração, o doente toma duas onças de oleo de ricino.

O oxydo de zinco e o sulfato de zinco empregão-se em medicina muito mais frequentemente do que o zinco metallico.

Oxydo de zinco. É conhecido tambem debaixo do nome de *flôres de zinco* ou de *tuthia preparada*. Acha-se em frocos brancos, leves, macios, inodoros e inspidos, não soluveis na agua, nem no alcool. Internamente é aconselhado como antispasmodico na epilepsia, hysterismo, choréa, asthma e outras affecções nervosas, na dóse de 2 a 8 grãos, tres vezes por dia, em pós ou pilulas.

Sulfato de zinco. (Caparrosa branca ou vitriolo branco.) Crystaes prismaticos, mais ou menos volumosos; inodoros quando não são pulverisados, cheiro picante quando reduzidos a pó; sabor acre e adstringente, mui soluveis n'agua. — Administrado internamente, em alta dóse, é um emetico violento, recommendado outr'ora nos envenenamentos, mas quasi sem uso hoje. Hoje emprega-se quasi exclusivamente para o uso externo, contra as ophthalmias e blennorrhagia. Em collyrios, 4 a 5 grãos e mais para uma onça de liquido; em injeccões, 40 a 24 grãos para 8 onças de liquido, nas blennorrhagias.

ZOADA NA CABEÇA. A zoada na cabeça póde simplesmente depender da congestão de sangue na cabeça, e reclama então a applicação de bichas na nuca e a administração de um ou dous purgantes; mais tarde, é preciso applicar um caustico na nuca. Se a zoada não cede a estes meios, e se a sua duração se prolonga, póde-se concluir que é um dos symptomas de molestia syphilitica constitucional, se o doente foi affectado de syphilis, e sobretudo se não foi bem curado. Neste caso, é preciso recorrer ao tratamento antisiphilitico interno, indicado no artigo **SYPHILIS**.

ZUNIDOS DOS OUVIDOS. Assim se chama uma lesão da audição que faz com que os individuos que della são affectados sintão um som continuo, comparavel ao ruido que se ouve quando voão certos insectos. Não é raro haver o zunido no estado de saúde; não dura ordinariamente mais que alguns segundos, e então não tem consequencia alguma. Outras vezes é mais intenso e póde ser o symptoma

de alguma molestia; pôde ser occasionado pela inflammção do ouvido, pela superabundancia do sangue na economia, por uma accumulção da materia ceruminosa, ou pela presença de um corpo estranho qualquer, de um insecto, por exemplo, no conducto auditivo. O zunido é ás vezes occasionado por uma affecção do nervo acustico.

O tratamento deste estado morboso depende da causa que lhe deu lugar. Se é effeito de congestão sanguinea na cabeça ou de abundancia de sangue na economia, empregar-se-hão escaldapés sinapizados, bichas atrás das orelhas, sangrias, purgantes e um regimen composto mais de substancias vegetaes do que animaes. Se o zunido depende do entupimento do conducto auditivo, é preciso destruir este entupimento. Se não se pôde descobrir a sua causa, resta só o tratamento empirico. Os meios que tem sido propostos neste caso são caustico na nuca, fumaça do tabaco dirigida ao ouvido, um pedaço de alcanfor envolvido em algodão e posto no conducto auditivo, fumigações de ether sulfurico, feitas vaporisando-se o ether por meio do calor da agua quente, na qual se mergulha a garrafinha que o contém, e cujo gargalo é dirigido á concha da orelha.

TABLETA ALPHABETICA

DAS MATERIAS CONTIDAS NOS TRES VOLUMES.

(Indicão-se os volumes com os algarismos romanos I, II, III,
e as paginas com os algarismos arabes 1, 2, 3, 4, etc.)

A

- Abacate, Vol. I, pag. 1.
Atacesso, *veja* Postema, III, 244.
Abelha (ficadas de), I, 4.
Abobora, I, 2.
Abobora do mato, I, 2.
Aboto, I, 3.
Abscesso, *veja* Postema, III, 244.
Absinthio, I, 5.
Abuso dos prazeres venereos, *veja* Amor, I, 94.
Abuina, I, 6.
Açacû, *veja* Assacû, I, 459.
Açafrão, I, 6.
Accesso, I, 7.
Accidente, I, 7.
Accidente apoplethico, *veja* Apoplexia, I, 127.
Accidente epileptico, *veja* Epilepsia, II, 137.
Acclimamento, I, 7.
Acidos, I, 12.
Acido acetico, I, 12.
Acido arsenioso, I, 144.
Acido carbonico, I, 12.
Acido hydrochlorico, I, 13.
Acido hydrocyanico, I, 14.
Acido iodico, I, 13.
Acido marinho, I, 13.
Acido muriatico, I, 13.
Acido nitrico, I, 13.
Acido oxalico, I, 13.
Acido piusico, I, 14.
Acido sulfurico, I, 16.
Aconito, I, 16.
Açoutes (castigo de), I, 17.
Adolescencia, *veja* Idade, II, 414.
Adstringentes, I, 18.
Aduos, *veja* Temperos, III, 507.
Affrontação, I, 18.
Afito, *veja* Indigestão, II, 441.
Afogados, I, 19.
Afogados (Soccorros que se devem dar aos), I, 19.
Afogados (Maneira de soccorrer um homem que se afoga), I, 22.
Aonia, I, 23.
Agrião, I, 23.
Agrião do Pará, I, 24.
Agua, I, 24.
Agua na barriga, *veja* Hydropisia do ventre, II, 400.
Agua branca, I, 27.
Agua de Botol, III, 165.
Agua na cabeça, *veja* Hydropisia da cabeça, II, 396.
Agua de Colonia, I, 27.
Agua no coração, II, 398.
Agua no escroto ou Hydrocele, *veja* Escroto, II, 173.
Agua de flôr de laranja, I, 28.
Agua forte, *veja* Acido nitrico, I, 13.
Agua de Labarraque, I, 28.
Agua do mar, I, 25.
Agua panada, I, 29.
Agua no peito, *veja* Hydropisia do peito, II, 399.
Agua regia, I, 29.
Agua sedativa, II, 133.
Agua de soda, III, 448.
Agua vegeto-mineral, I, 27.
Agua no venre, *veja* Hydropisia do ventre, II, 400.
Agua vuln. varia, I, 29.
Aguarden e. I, 47.
Aguas mineraes, I, 30.
Aguas mineraes acidulas gazosas do Brasil, I, 32.
Aguas mineraes alcalinas, I, 37.
Aguas mineraes ferreas, I, 38.
Aguas mineraes ferreas do Br. G., I, 38.
Aguas mineraes salinas, I, 33.

- Aguas mineraes salinas do Brasil, I, 34.
 Aguas mineraes sulfureas, I, 42.
 Aguas mineraes sulfureas do Brasil, I, 43.
 Aguas mineraes, precauções que exige o uso das aguas mineraes, I, 45.
 Aguas mineraes artificiaes, I, 46.
 Aguardente alcanforada, I, 48.
 Agudas (molestias), I, 48.
 Agulha (Perigo que resulta das agulhas engulidas), I, 48.
 Aipim, I, 50.
 Aipo, I, 50.
 Ajuda, *veja* Clyster, I, 370.
 Ajuntar, I, 51.
 Alambre, *veja* Ambar amarello, I, 87.
 Albino, I, 51.
 Albugem ou Albugo, *veja* Belida, I, 197.
 Alcachofra, I, 51.
 Alcaçuz, I, 52.
 Alkali volatil, I, 52.
 Alcanfor, I, 52.
 Alcatrão, I, 53.
 Alchimia ou Alquimia, I, 53.
 Alcool, I, 55.
 Alcoolato, I, 55.
 Alcovas (Inconvenientes das), I, 55.
 Alecrim, I, 56.
 Alecrim selvagem, I, 56.
 Aleitamento, *veja* Amamentação, I, 82.
 Alfaca, I, 56.
 Alfavaca, I, 56.
 Alfavaca do campo, I, 56.
 Alfazema, I, 56.
 Alfinetes (Perigo que resulta dos alfinetes engulidos, *veja* Agulha), I, 48.
 Algalia, I, 57.
 Algodão, I, 57.
 Alho, I, 58.
 Alienação mental, *veja* Loucura, II, 489.
 Alimentos, I, 58.
 Alimentos (Effeitos de varias especies de), I, 59.
 Almeirão, I, 76.
 Almiscar, I, 77.
 Almorreimas, *veja* Hemorrhoidas, II, 364.
 Aloes, *veja* Azebre, I, 170.
 Alopecia ou Calvicie, *veja* Cabello, I, 240.
 Alporcas, *veja* Escrophulas, II, 166.
 Althéa, I, 77.
 Alumen, *veja* Pedrahume, III, 198.
 Alvaide, *veja* Chumbo, I, 358.
 Ama de lei
 Ama (Que se chama uma boa), I, 78.
 Ama (Cuidado), I, 79.
 Ama (Molestia), I, 79.
 Amamentação, I, 82.
 Amamentação por uma ama de leite, I, 86.
 Amamentação artificial, I, 86.
 Amarella (Febre), II, 218.
 Amargor de bocca, I, 87.
 Amaurose, *veja* Gota serena, II, 340.
 Ambar amarello, I, 87.
 Ambar gris, I, 87.
 Ameixas passadas, I, 88.
 Amendoa doce e amargosa, I, 88.
 Amenorrhéa ou falta de menstruação, *veja* Menstruação, III, 40.
 Amido, *veja* Polvilho, III, 241.
 Ammoniac, *veja* Alkali volatil, I, 52.
 Amollecimento das gengivas, *veja* Gengivas, II, 315.
 Amollecimento dos ossos, *veja* Rachitismo, III, 338.
 Amor, I, 89.
 Amora, I, 97.
 Amputação, I, 97.
 Amygdalas, I, 98.
 Analepticos, I, 99.
 Ananaz, I, 99.
 Anasarca, *veja* Inchação, II, 437.
 Anatomia, I, 99.
 Ancia, I, 106.
 Ancias da morte, *veja* Agonia, I, 23.
 Anda-açu, I, 107.
 Andaço, I, 107.
 Aneurisma das arterias, I, 109.
 Aneurisma do coração, I, 107.
 Angelica, I, 111.
 Angelim, I, 111.
 Angina, *veja* Esquinencia, II, 186.
 Angurria, *veja* Retenção de urina, III, 352.
 Anis, *veja* Herva doce, II, 374.
 Ankylose, I, 112.
 Ano, *veja* Anus, I, 119.
 Anodyno, I, 114.
 Anodyno (Licór), I, 114.
 Antebraço, I, 114.
 Antebraço (Fracturas do), I, 114.
 Antebraço (Deslocação do), *veja* Costello, I, 472.
 Anthelminticos, *veja* Vermifugos, III, 597.
 Anthraz benigno, I, 115.
 Anthraz maligno, *veja* Carbunculo, I, 276.
 Antidartrosos, I, 117.
 Antidoto, *veja* Contraveneno, I, 424.